

ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO DIRECTOR

DR. MANOEL CICERO PEREGRINO DA SILVA

*Litterarum seu librorum
negotium concludimus hominis
esse vitam.*

(PHILODELPHON, CAP. XVI)



1911

VOLUME XXXIII

SUMMARIO:	—Introdução	V
I.—Historia da Armada dos Fellos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 por Joannes de Laet, Director da mesma Companhia. Tradução dos Drs. José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Livros V-VII		I
II.—Rodolpho R. Schuller. A Nova Gazeta da Terra do Brasil (<i>Neuen Zeitung aus Brasilien</i>) e sua origem mais provavel		113
III.—Poesias de Evaristo Ferreira da Veiga		143
IV.—Regulamento da Bibliotheca Nacional: Decreto n. 8835, de 11 de Julho de 1911.		
—Dilectos autores: Lei n. 496, de 1 de Agosto de 1893, e Instruções de 11 de Junho de 1901. — Remessa de obras impressas: Decreto legislativo n. 1825, de 20 de Dezembro de 1907 e Instruções de 1 de Junho de 1908		333
V.—A Bibliotheca Nacional em 1911. Relatorio		367

RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional

1915

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO DIRECTOR

DR. MANOEL CICERO PEREGRINO DA SILVA

*Litterarum seu librorum
negotium concludimus hominis
esse vitam.*

(PUBLORIBLON. CAP. XVI)



1911

VOLUME XXXIII

SUMMARY:	—Introdução	v
I.—	História ou Annaes dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 por Joannes de Laet, Director da mesma Companhia. Tradução dos Drs. José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Livros V-VII	1
II.—	Rodolpho R. Schuller. A Nova Gazeta da Terra do Brasil (<i>Neuen Zeitung aus Brasilien Landt</i>) e sua origem mais provavel	115
III.—	Poesias de Evaristo Ferreira da Veiga	145
IV.—	Regulamento da Bibliotheca Nacional: Decreto n. 8835, de 11 de Julho de 1911. —Direitos autorsos: Lei n. 496, de 1 de Agosto de 1898, e Instrucções de 11 de Junho de 1901. —Remessa de obras impressas: Decreto legislativo n. 1825, de 20 de Dezembro de 1907 e Instrucções de 1 de Junho de 1908	333
V.—	A Bibliotheca Nacional em 1910. Relatorio	367

RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional

1915

INTRODUÇÃO

Iniciada no volume XXX destes *Annaes* a publicação da tradução portugueza da obra de João de Laet — *Historie ofte Iuerlijck Verhael van de verrichtinghen der Geoctroyeerde West-Indische Compagnie...*, são no presente volume insertos os livros 5º, 6º e 7º, traduzidos pelo Dr. Pedro Souto Maior, no ultimo dos quaes, correspondente ao anno de 1630, se occupa o auctor, director da Companhia das Indias Occidentaes, da segunda invasão hollandeza, que descreve com abundancia de informações e riqueza de detalhes.

Sahirão num dos proximos volumes os livros restantes dessa obra de João de Laet, da qual não consta existir outra tradução.

Faz parte da valiosissima colleção Benedicto Ottoni, organizada pelo Dr. J. C. Rodrigues e doada á Bibliotheca Nacional pelo Dr. Julio Ottoni, um exemplar do famoso impresso "*Newen Zeytung auss Presillg Landt*", peça de extrema raridade. Examinou-o o Dr. Rodolpho Schuller e a seu respeito escreveu o estudo critico que é agora publicado sob o titulo "*A Nova Gazeta da Terra do Brasil e sua origem mais provavel*" e é precedido da reprodução em *fac-simile* do precioso pamphleto e da respectiva tradução.

Pensa o crudito auctor do interessante e curioso estudo, no que está de accordo com Franz Wieser, que a *Newen Zeitung* deve ter sido escripta antes de Setembro de 1599 e que a viagem alli referida foi levada a effeito

por portuguezes, sendo as cartas de Americo Vespucio sobre as suas viagens ao Brasil, cartas de que varias edições haviam apparecido antes de 1509, a fonte das informações que alli se encontram.

Na traducção que precede o estudo, feita directamente do original, conseguiu o Dr. Schuller encontrar solução para os trechos mais difficeis, alguns dos quaes ainda não haviam sido interpretados satisfactoriamente.

A publicação das composições poeticas, até agora na maioria ineditas, do grande patriota e publicista do primeiro imperio e da regencia Evaristo Ferreira da Veiga é feita pela copia authentica que a Bibliotheca Nacional adquiriu em 1878 do Dr. Luiz Francisco da Veiga, sobrinho de Evaristo. Deve ser essa a "nitida copia... por ordem chronologica, devida á penna de... João José Dias Camargo", copia a que se referiu o mesmo Dr. Luiz F. da Veiga em sua Memoria sobre os "Hymnos patrioticos compostos por Evaristo Ferreira da Veiga por occasião da independencia do Brasil" (*Rev. Trim. do Inst. Historico*. Tomo XL, parte 2^a) e foi por elle encontrada entre os manuscriptos de seu tio, ao mesmo tempo que os autographos de todas as poesias deste.

As primeiras das 261 composições que constituem a collecção são datadas de 1811, quando o auctor apenas contava 12 annos de idade. As ultimas que trazem data são de 1827. Outras ha que não constam dessa collecção, como a que tem por titulo "Despedidas", dada como a ultima poesia de Evaristo e publicada no *Museo Universal* de 3 de Março de 1838.

Fecham o presente volume o regulamento da Bibliotheca Nacional de 11 de Julho de 1911, a lei e as instrucções relativas á garantia dos direitos auctoraes, o decreto legislativo e as instrucções concernentes á remessa obrigatoria de obras impressas e o relatorio dos trabalhos do estabelecimento durante o anno de 1910.

M. C.

HISTORIA OU ANNAES

DOS FEITOS DA

Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes
desde o seu comeco até ao fim do anno de 1686

POR

Joannes de Laet

Director da mesma Companhia

Traducção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira
e Pedro Souto Maior

(CONTINUAÇÃO)

SUMMARIO DO LIVRO QUINTO

Descripção da viagem da esquadra sob o commando do Almirante Pieter Adriaensz. Ha. Partida dos navios. Chegam seis juntamente a S. Vicente. Descripção da Ilha Branca. Chegam a Mona. Perto de Savona capturam um navio carregado de gengibre. Os pequenos rios El Soco e Sogelo. A ilha de S.^{ta} Catharina. Os outros navios chegam á Bahia Funda. Tomam uma barca carregada de negros. Um navio posto a pique á bala. Capturam uma barca. Toda a esquadra fica reunida. Visitam Santiago de Cuba. Chegam ao cabo S.^{ta} Antonio. Passam pelos baixios dos Orgãos, sem soffrer damno. Os hespanhoes põem a pique duas das suas proprias barcas. Tomam uma barquinha chegada de Sifal, e obtêm noticias d'alli pela mesma. E' capturada uma outra barca com 500 couros, etc. Bateu dois navios de Honduras, dando-lhes abordagem; a *Lexwinne* ataca muito de perto a vice almiranta hespanhola; levam a náu vice almiranta de vencida contra a costa; depois de renhida luta os nossos se apossam de ambos os navios; nomos e artilheria dos mesmos; retiram-lhes as mercadorias, incendiam a vice-almiranta e levam consigo a almiranta. A *Noord-Sterre* dá caça a duas ou tres pequenas barcas junto á costa; retiram as mercadorias da almiranta e incendiam-n'a. Voltam á Republica. Lista das fazendas que trouxeram. O navio *Fortuyn* e as suas aventuras; toma uma barca hespanhola. Descripção da viagem da esquadra de Direk Simonsz van Uytgeest. Chega á ilha de Cabo Verde; d'alli vai á costa do Brasil. Toma um navio e duas caravelas. Descarrega as duas caravelas e manda os despojos para a Republica. Toma ainda um navio carregado de assucar. Recebe informação sobre um pequeno galeão de Goa; manda os despojos para a Republica. Faz o possível para voltar á costa do Brasil; vai ter á costa norte desse paiz; segue para o Norte até 33° ao norte do equador; chega á Serra Leoa. Parte d'alli. Toma um pequeno navio com vinho Madeira. Chega á costa do Brasil nas vizinhanças de Pernambuco. Toma dois navios carregados de assucar. Dá caça ao pequeno galeão de Goa e captura-o após renhida luta. Aprisiona ainda dois navios carregados de assucar e chega perto do cabo de S.^{ta} Agostinho. Faz-se á vela para as Antilhas; fundeia em Bekia. Descarga das presas e relação das fazendas conquistadas. Partem todos para a Republica e chegam lá em abril de 1628. — Descripção da viagem da esquadra do Almirante General Pieter Pieterz. Hein. Parte em Maio, passa perto das Canarias e segue para as Antilhas. Avista a ilha de Pinos e chega ao cabo S.^{ta} Antonio; detem-se perto d'alli; navega para as Tortugas; toma duas barcas pequenas; volta para perto de Havana. Captura

uma fragata que servia de aviso á esquadra hespanhola: dá ainda caça pela costa a uma barca; o vento faz derivar os nossos navios assim como a esquadra hespanhola para defronte de Havana; a vice-almiranta approxima-se da nossa esquadra; combate entre a nossa e a esquadra da Nova Hispania, sendo a mesma capturada pelos nossos, parte no mar e parte na bahia de Matanza. O estado dos galeões e dos outros navios capturados. Captura de um navio com uma carga de vinho: descarga dos navios capturados. Partida da bahia de Matanza. Dois yachts despachados para a Republica. A esquadra chega á patria. Cargas dos navios. Aventuras de um dos navios dessa esquadra. O *Ondt Vlissinghen* toma um navio do Rio de Janeiro com carga de assucar. Chega ás Antilhas. O *Goude Sonne* captura um navio carregado de couros. Cruza nas visinhanças do cabo de S.^{ta} Antonio. Descabo para as costas das Tortugas. O *Tiger* perde-se dos outros navios e volta a juntar-se-lhes no golfo da Nova Hispania. Avista novamente terras das Tortugas e passa pelo canal de Bahama; avista as Bermudas e volta a Barbados; d'ahi vai a S. Vicente, Granada, Ilha Branca, onde se fornece de cabritos. Situação dessa ilha e descripção da Tortuga. Ancora em Orchilla, apanha ali cabritos; descripção dessa ilha. Descripção das Roccas e Bonaire. Chega a Savona, a Mona; descripção dessa ilha. Volta á patria. Situação da esquadra de Adriaen Iansz. Pater, sua partida e viagem para S. Vicente uma das ilhas de Cabo Verde.

LIVRO QUINTO

1628

A Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes, animada pelas capturas que no anno antecedente havia feito de navios e fazendas do inimigo, resolveu novamente expedir neste anno diversas esquadras.

Aprestou primeiramente uma frota de 12 navios sob o commando do bravo *Pieter Adriaensz. Ita*, de *Vlissinghen* como *Commandeur* e *Hans Abbouts* como vice-*Commandeur*. Concorreram, mandando navios para a formação dessa esquadra: a Camara de Amsterdam com os navios: *Dolphijn*, do porte de 130 lastos, provido de dous canhões de bronze e 28 de ferro, tripulado por 107 marinheiros; *Rode Leeuw*, de 250 lastos, provido de dous canhões de bronze e 22 de ferro, tripulado por 120 marinheiros e 41 soldados e commandado pelo capitão *Albert Hendricksz.*; *Kater*, de 90 lastos, provido de 16 canhões de menor calibre e 65 homens, sob o commando do Capitão *Jochim Gijsz.*; *Pinas*, de 100 lastos, provido de 18 pequenos canhões, 60 marinheiros e 26 soldados, sob o commando do Capitão *Claes Fransz. de Vries*.

A Camara da Zelandia mandou os navios: *Walcheren*, de 280 lastos, com 8 canhões de bronze e 22 de ferro, 100 marinheiros, indo neste o proprio *Commandeur* e, como capitão do navio, *Jan Mast*; *Leeuwinne*, de 100 lastos, com duas peças de bronze e 14 de ferro, tripulado por 79 marinheiros e tendo como capitão *Jan Pietersz.*; *Noordt-Sterre*, de 30 lastos, com quatro peças de bronze e quatro de ferro e 40 marinheiros, tendo por capitão *Cornelis Huyghens*; *Fortuyn*, de 160 lastos, com dous canhões de bronze e 18 de ferro, tripulado por 103 marinheiros, capitão *Galeyn van Stapels*; *Zuydt-Sterre*, de 30 lastos, com quatro pequenos canhões de bronze e quatro de ferro, 46 homens, capitão *Adriaen Adriaensz.*

A Camara de Mosa concorreu com o *Eendracht*, de 100 lastos, com duas peças de bronze e 18 de ferro, 80 homens, capitão *Antonis Cornelisz. Condé*.

A Camara de Groninga forneceu o *Vriessche Jagher*, de 140 lastos, com duas peças de bronze e 16 de ferro, 74 marinheiros, capitão Jan Braems.

Esses navios não sahiram juntos. O *Dolphiyn* e o *Kater* partiram de Texel em 24 de Janeiro juntamente com o *Vriessche Jagher*; o *Walcheren*, o *Leeuwinne* e o *Noordt-Sterre* deixaram a Zelandia no dia 27 e os outros em diferentes epochas, como havemos de referir depois. Esses seis navios, sahidos quasi ao mesmo tempo, reuniram-se no porto de S. Vicente, uma das Antilhas, no dia 15 de Março, sem nada occorrer na sua viagem que seja digno de nota. Depois de passar pouco tempo alli, dividiu-se a esquadra em duas partes. O almirante com o *Walcheren*, o *Kater* e o *Noordt-Sterre* partiu no dia 23 de Março e fundeou no dia seguinte em Granada; no dia 26 partiu novamente dessa ilha, chegando no dia seguinte a Ilha Branca. Esta ilha tem cabritos em abundancia, apesar de não haver agua doce a não ser no tempo das chuvas; as suas bellas planicies são cobertas de relva; o fundo do seu ancoradouro, em geral de pedras miudas, é em alguns pontos formado de grandes pedras; ao seu pequeno porto, cujas condições são regulares, vêm caçar cabritos, em algumas epochas do anno, a gente de Commena e a da Ilha Margarida. No dia 29 suspenderam ancora os navios e tomaram o rumo norte e norte quarta de nordeste, esforçando-se por ganhar a costa da ilha de S. João do Porto-Rico e alcançaram no dia 2 de Abril a parte sul da ilha, pouco mais ou menos no meio della, calculando a distancia da Ilha Branca para alli em 90 leguas. No dia seguinte fundearam na ilha de Mona, a qual calcularam estar situada a 10 leguas do cabo Roxo, sendo este o ponto mais occidental de Porto Rico. No dia 4 partiram novamente dalli e acharam-se no dia seguinte pela manhã na ponta mais oriental da ilha Savona, distante de Mona (segundo calcularam) cerca de nove leguas; foram costeando até ao meio da ilha e approximando-se fundearam no porto no dia 6, fazendo-se de novo á vela na tarde do mesmo dia. No dia 9 o yacht capturou um pequeno navio hespanhol, carregado com 7.000 libras de gengibre. Os prisioneiros declararam que vinham de um pequeno rio situado a cerca de 13 leguas acima da cidade de S. Domingos, chamado El Soco, o qual na vasante tem na entrada mais de quatro pés de profundidade. As casas estão um pouco afastadas da margem. Os productos daquelle logar alem de gengibre são assucar e couros. Tres leguas mais acima desse riosinho ha um outro chamado Sogelo, cujas margens produzem unicamente couros e *manteca de Porco* (banha de porco), de que os Hespanhoes fazem grande consumo. As barcas tomam a carga a umas oito leguas rio acima, onde ha uma grande aldeia. O rio é bastante fundo até 4 leguas para o interior e dahi em diante tem muitos baixios. Ainda ha, conforme dizem, outro a 11 leguas de distancia de S. Domingos, chamado Macoris, sendo a producção do logar assucar, gengibre e couros. As barcas tomam carga sete leguas rio acima. Este é bastante fundo na foz mas está semcado de bancos. Informaram os mesmos que no rio da capital de S. Domingos estavam fundeados tres navios, ja quasi completamente carregados, devendo partir brevemente para Carthagena. No dia seguinte, isto é, a 10 estavam a cerca de tres leguas ao sul da barra do rio de S. Domingos, de sorte que podiam avistar

distinctamente a entrada. Ficaram cruzando nas visinhanças por alguns dias. No dia 14 fundearam junto á ilhota de S.^{ta} Catharina, situada perto da costa da Hispaniola. Acharam que era muito pedregosa; tem, no entanto, boa agua e não tem outros animaes a não serem aquelles a que chamam *Leguans*. O lado do norteão dista mais de meia legua da grande ilha, de modo que os que vêm do mar a confundem com a outra. Partiram novamente dalli no dia seguinte e no dia 16 foram bordejando até chegar a uma legua distante da ponta occidental da ilha de Savona, de sorte que ancoraram outra vez junto á mesma, dia ainda. Parte da gente desceu em terra para caçar alguns animaes, mas não apanhou nenhum, de sorte que é de crer que poucos lá houvesse. Partiram novamente no dia 20 e seguiram ao longo da costa sul da ilha Hispaniola perto da ilha de Vacca e fundearam no dia 25 por traz da mesma. O Vice Commandeur Hans Abbouts partiu com o seu navio, o *Leeuwinne* e o *Vriessche Jagher* e mais duas grandes chalupas no dia 2 de Abril da citada bahia da ilha de S. Vicente e ancorou no dia seguinte em uma bahia da ilha Granada. No dia 5 a chalupa do *Leeuwinne* com 15 homens e um grumete dirigiu-se á terra para pescar com arrastão em uma enseada, perto do navio, e não estando de volta ao meio dia, como lhes fora ordenado, começaram os de bordo a desconfiar que lhes houvesse succedido qualquer desgraça, razão pela qual depois do meio dia mandaram á terra a chalupa grande para se informar sobre a gente. Chegando ao lugar, acharam, fluctuando no mar, um cadaver completamente nu, o qual trouxeram para bordo, podendo então bem imaginar o que succedera. Mandaram lá outra vez a chalupa biscoinha, juntamente com o bote do *Vriessche Jagher*, com alguns homens armados, que, voltando á tarde, disseram ter ido ao lugar em que a gente estivera pescando, sem poder encontrar nem os marinheiros nem a chalupa, sendo bem de presumir que todos houvessem sido assassinados pelos selvagens. Mandaram no dia seguinte procural-os outra vez, não obtendo entretanto noticia alguma sobre o seu destino. Fizeram-se á vela na mesma tarde e no dia 8 chegaram á ilha Branca, onde apanharam alguns cabritos e partiram ainda de dia. O *Vriessche Jagher* foi mandado com uma chalupa para cruzar entre as ilhas e a terra firme até 6 de Maio e depois navegar para o Cabo de la Vela e d'ahi dirigir-se á ilha de Vacca onde se devia reunir á esquadra.

Os outros deviam nesse mesmo tempo manter-se por fóra das ilhas e cruzar juntos até ao cabo Coquibocoa e Bahia-Funda. No dia 15 estavam os navios junto ao cabo Coquibocoa, onde se lhes reuniu o *Vriessche-Jagher* e ancoraram no dia 17 em Bahia-Funda. No dia 19 fizeram-se novamente á vela e bordejaram, esforçando-se quanto possivel para chegar ao cabo de Coquibocoa, onde resolveram parar.

No dia seguinte chegou alli o yacht *Kater* com uma carta do Commandeur Pieter Adriansz., na qual ordenava que fossem sem demora para a ilha de Vacca.

No dia 21 navegaram juntos para o Cabo de la Vela e ahi ancoraram. Reunio-se-lhes nesse ponto o *Vriessche Jagher*, o qual capturara uma

barca portugueza que vinha de Pernambuco, com 36 negros. A gente foi posta nos navios e a barca foi mettida a pique. E, fazendo-se á vela, seguiram com rumo á Hispaniola, a qual avistaram no dia 26, chegando dous dias depois e ancorando junto aos outros na ilha de Vacca.

Juntou-se-lhes no dia 8 de Maio o navio *Eendracht*, que partira de Mosa no dia 12 de Fevereiro. Encontrou esse em caminho um navio portuguez carregado de negros e deu-lhe um tiro que infelizmente o poz a pique. No dia 11 sahiu a esquadra desse ponto e tomou o rumo do sul em direcção á costa do continente, da qual no dia 17 chegou a avistar uns altos montes, algumas leguas a leste de S.^{ta} Martha. Ahi se separaram em tres diviões: a primeira compunha-se do *Walcheven*, do *Eendracht* e do *Vriessche Jagher*; a segunda do *Dolphijn*, *Leeuwinne* e *Cuba* (este chegara ultimamente); a terceira, do *Kater*, *Noordt Sterre* e duas grandes chalupas. Os ultimos deviam manter-se junto á costa e os outros mais para o alto mar. Separados uns dos outros pelo mau tempo, reuniram-se novamente depois. O *Dolphijn* com o *Leeuwinne* tomaram no dia 28 o rumo da Hispaniola e chegaram no ultimo dia de Maio mais uma vez á ilha de Vacca. No mesmo dia o almirante partiu e surgiu no dia 3 de Junho em Hispaniola junto ao Porto Jaquimo. Os outros, entremettes, fizeram-se á vela para o cabo Tiburon, onde o *Fortuyn* juntamente com o *Zuydt-Sterre* acabava de chegar. Estes dous haviam partido da Zelandia no dia 3 de Margo, nada podendo fazer em caminho, a não ser o apresamento, nas visinhanças de Porto Rico, de uma barquinha carregada de generos alimenticios. Desta maneira no dia 4 todos os navios estavam juntos no cabo Tiburon. Ahi ha um bom porto para refrescar os navios não só de animaes, como tambem de laranjas, assim como ha boa agua e um bom fundeadouro. No dia 8 seguiram d'alli, tomando a direcção de Cuba. Os yachts *Kater* e *Zuydt-Sterre* e uma grande chalupa foram mandados ao porto de Santiago de Cuba afim de ver se podiam surprehender e capturar o navio que alli vai todos os annos buscar a carga de cobre para levar para Havana. Acharam porem a barra tão estreita e tão fortes vagas que não ousaram entrar com os yachts, mandando entrar só a chalupa para observar a situação. A mesma ao regressar informou que havia tres navios e uma barca fundeados no porto, junto ao forte. Assim os yachts voltaram a reunir-se aos outros navios e navegaram juntamente para as Caymans e dalli seguiram para os cabos de Corrientes e S.^{to} Antonio. Enviaram o *Kater* e o *Noordt-Sterre* adiante com duas chalupas com o fim desurprehenderem uma ou outra barca hespanhola, oblerem informações da situação do paiz e saberem quaes os navios esperados. No dia 20 chegaram á vista do cabo S.^{to} Antonio e os citados yachts voltaram sem nada haver conseguido.

Entraram depois um tanto mais no golfo do Mexico e chegaram ás agnas das Tortugas, mas o vento soprando mais forte levou-os alem e no dia 29 tornaram a avistar a ilha de Cuba e resolveram cruzar defronte della entre os montes Orgãos e rio de Porcos e no dia 1 fazer orações a bordo da esquadra. A' volta da tarde não se podia das vergas avistar a terra, de sorte que ao levantarem ferro, os navios foram levados para sudoeste e por isso

uma hora depois desceram para a terra e, mal começaram a navegar, a distancia apenas de dous cabos, acharam-se sobre quatro braços de fundo, do que resultou ficarem tres navios encalhados, mandando o almirante duas chalupas para os ajudarem.

O *Kater* safou-se logo, mas a sota-almiranta estava muito enterrada e só se pôde livrar no dia seguinte. Estavam na latitude de 22° 20' e devia tomar-se cautela porque os baixios se estendem até longe da barra.

Viram a Corôa em 4 de Julho pela manhã e Cornelis Huyghen com o *Noordt-Sterre* e duas chalupas foi mandado para as visinhanças da costa para ver qual o estado de cousas e só voltaram no dia 9, tendo avistado no dia 6 uma barca pequena, que os Hespanhões puzeram a pique antes de a ter alcançado, da qual tiraram ainda 20 couros e um pouco de carne secca, achando-se além disso carregada de tartarugas. Viram depois disso uma outra barquinha, que os hespanhões trataram de por a pique, na qual ainda os nossos encontraram algum peixe secco, um pouco de penas e algodão, quasi tudo molhado. No dia 11 o *Noordt-Sterre* e as ditas chalupas trouxeram uma pequena barca que capturaram junto á costa e vinha de Sisal (um portesinho de Yucatan) carregada de cacáu e de algum cordame destinado a um galeão, que estava em construcção em Havana. Soube-se por essa gente que os navios de Honduras ainda não haviam chegado e que o Governador de Havana, tendo recebido aviso de que havia muitos doentes a bordo, mandara duas fragatas carregadas de soldados para reforçar as suas guarnições. Tambem declararam que na esquadra, que devia chegar dentro em pouco da Nova Hispania, havia dous poderosos galeões e uns 10 ou no maximo, 11 navios bem montados. Depois de retiradas as fazendas da pequena barca, incendiaram-na. Levaram depois a cruzar era na visinhança de Porto de Cavannas e da Corôa, ora perto de Havana, até ao ultimo de Julho. Acharam-se então a seis leguas ao norte quarta de noroeste de Cavannas. Alli avistaram o yacht *Noordt-Sterre* e as já citadas chalupas que estavam occupadas em dar caça a uma barca, rasão pela qual a esquadra teve de esperar. A barca foi capturada pelo yacht ao meio dia e trazida á esquadra; vinha com 13 dias de Honduras; e trazia uma carga de 500 couros e 100 pacotes de salza patilha.

Disseram que os dous grandes navios, que estavam á vista, eram a almiranta e vice almiranta de Honduras, que uma tinha 250 homens e a outra 200 e que cada uma estava provida de 20 canhões.

No dia 1 de Agosto tornaram a avistar os dous grandes navios, mas estavam muito chegados á terra e não distavam mais de duas leguas a leste de Havana. Todos os nossos navios estavam a sotavento e a nossa almiranta era o que estava mais ao mar. Os dous navios hespanhões tencionavam passar entre a costa e os nossos e refugiar-se em Havana, tendo grande probabilidade de o fazer; mas o *Leeuwinne* que era o mais veleiro dos nossos conseguiu collocar-se a barlavento e o *Fortuyn* a sotavento, assim como o *Dolphijn*, e estando os tres tão perto da costa era impossível que com tal obstaculo os navios hespanhões pudessem passar. Se não fôra a consideravel

oposição dos nossos navios, elles entrariam facilmente em Havana, pois o vento soprava para a terra e fortes vagalhões corriam para a costa.

A vice-almiranta hespanhola, navegando á frente, foi valentemente abordada pelo *Leeuwinne*, descarregando as suas baterias e mosquetes um no outro.

Mas o *Leeuwinne*, não tendo arpeos de abordagem, desprendeuse do bordo do inimigo e a vice-almiranta vendo-se livre e atravessando todo o leme conseguiu voltar-se e aproar para terra e o *Leeuwinne*, não podendo fazer o mesmo por falta de espaço, ficou collocado junto ao outro, mas de tal forma que mal podia atirar sobre o inimigo com algumas peças, enquanto que a vice-almiranta podia varrer-lhe o convex e já lhe havia derrubado com um tiro um dos mastros.

A almiranta hespanhola já passara pela vice-almiranta, mas notando que não podia ir alem, pois o *Fortuyn* e o *Dolphijn* avançavam á toda força de velas para lhe embargar o passo, foi por-se ao lado da vice-almiranta junto á costa. De modo que o *Leeuwinne* ficou entre os dous e foi muito bombardeado pela vice-almiranta.

Achou-se em tão critica situação que, havendo morrido o capitão e muitos tripolantes, esteve a ser combinada com os hespanhoes a rendição; pois os dous navios estavam proximos um do outro, desde pela manhã até ás duas da tarde. Os nossos não lhe podiam valer por ser a brisa do sul e fraca e a correnteza junto á terra dirigir-se para oeste, mas o maior motivo era o pouco conhecimento da costa.

Os hespanhoes aprisionados na barca nada lhes podiam informar sobre isso, porquanto se declararam ignorantes acerca do assumpto; entretanto ouviram dizer que não havia bons ancoradouros junto á costa. Assim os nossos navios se moviam de cá para lá descarregando os seus canhões de maior calibre ora sobre um, ora sobre outro navio hespanhol.

Nesse interim foram de terra muitos botes carregados de gente para a vice-almiranta, ainda que pelo nutrido fogo que o *Leeuwinne* fazia contra a almiranta hespanhola não pudessem fazel-o com facilidade. Quanto á nossa almiranta, devido a ser-lhe o vento contrario e a brisa muito fraca, não se podia approximar do campo da acção, de sorte que achou melhor arribar mais para o norte até que viesse a brisa, que alli diariamente sopra. Aparecendo essa por volta da tarde, approxinou-se de terra, á distancia de um tiro de canhão dos navios hespanhoes e os outros se dirigiram para perto d'elle e ainda alli encontraram 11 ou 12 braças de fundo. Depois de ordenar o que a sua vice-almiranta e o *Fortuyn* deviam fazer, atacou valentemente o inimigo e tentou abordar a vice-almiranta hespanhola que lhe fez frente, repellido corajosamente os assaltantes á arma branca.

Começou então uma renhida e sanguinolenta batalha de ambos os lados com disparos de canhões e mosquetes. Os nossos tambem atiraram algumas granadas no navio inimigo e queriam aboral-o de novo, mas foram ainda repellidos pelos hespanhoes.

O *Fortuyn* avizinhou-se, atracando ao *Waleheren*, O *Dolphijn*, depois

de descarregar os seus canhões de proa sobre a almiranta hespanhola, veio para o lado da nossa almiranta e largou o ferro e foi soltando tanto o cabo que a popa veio a encostar na vice-almiranta já abordada. Uma parte da gente do *Fortuyn*, passando-se para a nossa almiranta, escalou a vice-almiranta com tal bravura e força que os hespanhoes perdendo o animo começaram a fugir. Dos 300 homens da guarnição, metade jazia morta e os restantes lançaram-se ao mar e procuravam salvar-se nadando, mas a maior parte morreu afogada. O *Kater*, o *Eendracht* e o *Vriessche Jagher* lançaram os ferros ao lado da almiranta hespanhola e fizeram-lhe vivo fogo com seus canhões. Os hespanhoes, vendo o que ocorrera com a sua vice-almiranta, não ousaram aguardar a vinda da nossa gente e grande numero delles atirou-se ao mar, tratando de salvar a vida.

Os nossos tripularam os botes e dirigiram-se para lá, encontrando ainda cerca de 50 homens, que no principio fizeram alguma resistencia, mas perderam depressa o animo e procuraram escapar-se. O Governador de Havana mandara antes duas fragatas cheias de tropas para auxiliar os navios, mas o *Kater* portou-se tão valentemente que tiveram de voltar para Havana. Assim os nossos se apossaram finalmente dos dous navios hespanhoes. A almiranta chamava-se *Nossa Senhora de los Remedios*, montada com oito canhões de bronze e 12 de ferro, e a vice-almiranta, *Santiago*, provida de quatro canhões de bronze e 16 de ferro. Tinha cada um desses navios quasi 300 homens, devido aos grandes reforços que os hespanhoes de Havana lhes haviam mandado, antes do ataque pela nossa gente. Nos nossos navios houve apenas 12 ou 13 mortos e cerca de 50 feridos, a maior parte pertencente ao *Leeuwinne*, que sustentara tão forte refrega, como narramos antes.

Achando-se os navios capturados encalhados em um dos logares mais perigosos desta região, estando os nossos fundeados tão perto da costa, podendo sobrevir com muita facilidade uma tempestade e começando a fazer agua os navios capturados, tratou-se com a maior actividade possível de os por a nado e tambem ao *Leeuwinne*.

Comtudo, não se podendo conseguir isso, cuidou-se de safar um depois do outro e de passar a carga para os nossos navios.

O *Leeuwinne* fluctuou no dia 3 e logo depois a nau almiranta hespanhola, mas a vice-almiranta estava tão enterrada, que apesar de todos os meios empregados não se ponde safar.

Entretanto, como já havia uns cinco pés d'agua no porão e os couros nella mergulhados começavam a desprender tão mau cheiro que se não podia chegar perto, abandonou-se o navio ateando-se-lhe fogo depois de se retirar o que era aproveitavel. A esquadra da Terra Firme era esperada a qualquer momento e os nossos reconhecendo-se muito fracos para a enfrentar, o almirante achou conveniente não perder mais tempo alli e ser mais prudente partir, contentando-se com o esbulho que já tinha em seu poder.

No dia 4 de Agosto á noite fizeram-se á vela. O navio *Walcheren* rebocou a almiranta hespanhola e o *Fortuyn*, o *Leeuwinne*. Ao amanhecer, devido á calmaria e á forte correnteza haviã, descahido até a entrada do porto de

Havana. A nossa almiranta, levando a reboque aquella pesada nau, achava-se tão perto da costa que toda a tripolação podia divisar bem todos os accidentes do litoral. Os fortes situados á entrada de Havana dispararam os seus canhões contra elles, mas as balas não os alcançaram. Soprando alli uma forte brisa de leste, tomaram todos juntamente o rumo do norte para além do estreito de Bahama junto á costa da Florida;

O yacht *Noord-Sterre*, que se separara por alguns dias da esquadra juntou-se-lhe novamente; nesse interm mandaram duas ou tres barcas á terra, ficando uma de vigia e lá tomaram agua fresca. Correndo tudo bem na esquadra, retiraram toda a carga que puderam da almiranta hespanhola e incendiaram-na; descarregaram tambem a barca capturada e abandonaram-na á sorte das ondas. Teve logar esse successo cerca de legua e meia de terra, na latitude de 26 graus ao norte do Equador. Celebraram no dia 16 de Agosto precos em acção de graças em toda a esquadra, tomaram depois o rumo para a Republica e fizeram uma boa viagem, chegando entre fins de Setembro e principios de Outubro.

Da nau almiranta hespanhola foi esta a presa: 1126 caixas seccas de anil de Guatemala e 163 caixas molhadas; 2787 couros seccos; 45 pacotes de salsaparrilha; 15 potes de balsamo; 8 canhões de bronze e 12 de ferro. Da vice-almiranta hespanhola foi retirado o seguinte: 1024 caixas seccas e 43 molhadas com anil, 2940 couros seccos e 130 pacotes de salsaparrilha, 12 potes de balsamo, 4 canhões de bronze e 16 de ferro e 51 libras e meia de prata. Da barca tiraram 469 couros e 90 pacotes de salsaparrilha. Em summa a esquadra trouxe para a Republica o seguinte: 2180 caixas e fardos seccos de anil da Guatemala; 218 caixas molhadas de anil, 6176 couros seccos das Antilhas, 266 pacotes de salsaparrilha, 27 potes de balsamo, 7000 libras de gengibre de S. Domingos, 51 1/2 libras de prata não amoeitada, 12 canhões de bronze, e 28 canhões de ferro.

Antes de encerrarmos a descripção da viagem desta esquadra, devemos acrescentar tudo o que se passou e que omittimos por conveniencia da narração.

O navio *Fortuyn*, que partiu da Zelandia a 3 de Março, levou além da sua tripolação 62 colonos, que desembarcaram com os seus utensilios na ilha de Tabagó. Partindo d'ahi no dia 2 de Maio, chegou ao dia 4 ao porto de St. Vincente. Alli encontrou dois homens da gente do Capitão Jan van Ryen, o qual estabelecera uma colonia na rio Oyapoc, mas teve de abandonal-a porque havendo-se malquistado com os indigenas, esses mataram o tenente e arruinaram as plantações e casas. Comtudo abrandou-se-lhes mais tarde a colera e permitiram que os colonos fizessem uns botes e se transportassem a outra parte. Incluindo estes dous iam sete em uma das chalupas, mas em caminho morreram dous dos companheiros e os restantes desembarcaram na ilha da Trindade. A principio não encontraram lá pessoa alguma, mas chegaram depois uns selvagens da ilha de Granada. Os recém-vindos inimigos encarniçados dos francezes, mataram os tres companheiros, que eram dessa nacionalidade, e pouparam aos dous neerlandezes. Do capitão e do resto da gente nada

podiam dizer: O navio *Fortuna* tendo sido informado que o almirante Pieter Adriaenz. estivera aqui com a esquadra, partiu a 10 de Maio surgindo a 12 na ilha de S. Christovão. Levantando ferro no dia 14, achou-se a 16 perto das ilhotas chamadas Virgens, e nesse ponto avistou uma pequena vela estrangeira, á qual deu caça. Cerca de duas horas antes do pôr do sol mandaram a chalupa e o yacht *Zuydt-Sterre*, que estava com elles, encarregando-os de perseguir durante toda a noite o pequeno navio que ia navegando entre as ilhotas e os abrolhos. Como aquelle logar é cheio de parceis e baixios, torna-se necessario bordejar para navegar entre elles, o que não pôde ser feito por navios maiores sem os arriscar muito.

O yacht e a chalupa seguiram a pequena embarcação durante toda a noite e xiram-n'a pela manhã quando era rebocada á força de remos para junto á costa, pelo que mandaram até-lá a chalupa. Os hespanhoes, percebendo isso, encostaram a barca junto a uma aldeiazinha e fugiram para terra (distante d'alli um tiro de pistola) com tudo o que puderam levar. Os nossos retiraram o naviozinho, que não tinha nome algum, perdendo-se duas ancoras, e chegaram no dia 18 de Maio aonde estava o navio *Fortuna*. Encontraram na barca 10 vasilhas de vinho, 20 com banha de porco, 124 couros e tambem alguma sal e, quando acabaram de descarregar os couros, metteram-n'a a pique. Sahiram bordejando pela barra, tomaram o rumo da Hispaniola, navegaram ao longo da costa norte dessa ilha, depois contornaram o Cabo S. Vicente e finalmente juntaram-se á esquadra, como já foi descripto.

No anno anterior a Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes equipou para mais uma esquadra para navegar pela costa do Brasil sob o commando do bravo heróe do mar Dirck Symonsz. van Uytgeest, que desempenhou bem a sua commissão. Para a formação da esquadra contribuíram diversas Camaras; Amsterdam forneceu os seguintes navios: o *Gele-Sonne*, como almiranta, de 150 lastos, 2 canhões de bronze e 22 de ferro, 118 marinheiros; o *Otter*, 19 lastos, 16 colubrinhas, 71 homens, capitão Cornelis Cornelisz. Jol, notavel pela sua bravura, tambem conhecido por Perna de Pau, por haver perdido uma perna em combate naval, andando tão bem com outra de madeira que mal se percebia o defeito, e era tão agíl a bordo como qualquer; o *Steur*, 90 lastos, 14 colubrinhas, 64 homens, capitão Jan Thijsz. Pal; o *Windt-konck*, 60 lastos, 10 colubrinhas, 50 homens, capitão Claes Hendricksz; o *Brugn-bisch*, 60 lastos, 8 colubrinhas, 40 homens, capitão Huygh Jacobs; o *Duyfken*, 36 lastos, 8 colubrinhas, 27 homens, capitão Reynier Pietersz. Os seguintes foram aprestados pela Camara da Zelandia: *Ter-Feere*, 90 lastos, 14 colubrinhas, 73 homens, capitão Jacob Hendricksz. Lucifer; o *Swane*, 30 lastos, seis colubrinhas, 43 homens, capitão Willem Canniel.

A Camara de Mosa forneceu o *Ronde Leeuw*, como vice-almiranta, 120 lastos, dous canhões de bronze e 18 de ferro, capitão Cornelis Cornelisz. Os que seguem foram mandados pela Camara do Districto do Norte: o *Wapen van Hoorn*, 110 lastos, 20 colubrinhas, 86 homens, capitão Jacob Jansz. Duykerker; o *Echuyser Maeght*, 110 lastos, 20 colubrinhas, 78 homens, capitão Dirck Thijsz. A Camara de Groninga equipou o *Graef Ernest*,

200 lastos, quatro canhões de bronze e 20 de ferro, 101 homens, capitão Jan Wendelsz.

Sahiram juntos de Texel em 24 de Janeiro desse anno, os seguintes: *Geels Sonne*, *Otter*, *Steur*, *Windt-hondt*, *Bruyn-viesh*, *Het Duyfken*, *'t Wapen van Hoorn*, *Enchuyser Maeght* e *Graef Ernest*. O *Geels Sonne* era a almiranta o *Graef Ernest* a vice-almiranta, o *'t Wapen van Hoorn* sota-almiranta. No mar se apartaram bastante uns dos outros, mas no dia 24 de Fevereiro chegaram quasi todos juntos ás Canarias. Alli foi deliberado pelo conselho que seguissem para S. Vicente, uma das ilhas de Cabo Verde, onde realmente fundearam no dia 2 de Março. Arriaram os botes e mandaram as tripolações dos navios refrescar-se em terra. Fizeram provisões de agua fresca, tanto alli como numa ilha adjacente, a de S^{to} Antonio. Essas duas ilhas são as mais occidentaes das do Cabo Verde, situadas entre 17 e meio e 18 graus ao norte do Equador e estão a 2 1/2 leguas das outras.

A Bahia de S. Vicente, onde se pode ancorar a 8, 10 e 12 braças, em fundo de areia, acha-se a 18° 26'. É bôa, grande e commoda para se fundear. A não ser isso, não tem outras vantagens, pois é esteril e cheia de rochedos. Pouca agua potavel se pode obter, cavando, e o unico lugar onde se encontra alguma é do lado sul sudoeste da bahia e ali no tempo proprio mais de dous ou tres navios se podem abastecer de agua corrente de uma pequena fonte. Essa ilha é deserta. Nella se encontram muitos cabritos e muitas tartarugas na epoca propria, a saber de Agosto a Fevereiro; nas suas aguas ha bom peixe; existem algumas sigeiras bravas.

A ilha de S^{to} Antonio é habitada por alguns negros em numero de 400 ou um pouco mais. Ha alli muitos cabritos.

Perto da praia ha um pomar de laranjeiras, que para os que vêm de S. Vicente está a noroeste quarta a oeste e é facil de reconhecer por uma grande tamareira que alli existe e no qual se colhem segundo está calculado 9,000 laranjas.

No dia 26 de Março fizeram-se á vela e no dia 10 de Abril atravessaram o Equador. No dia 20 do mesmo mez avistaram a costa do Brasil na latitude de 7° 38' ao sul do Equador. A' noite, da esquadra viram tres navios estrangeiros, a saber: duas caravelas e uma balandra. O *Duyfken* atacou uma das caravelas para a abordar, mas a sua vela de joanete o atrapalhava e os atacantes não podiam saltar no barco inimigo, de sorte que a vice-almiranta mandou a sua chalupa, que a capturou.

A outra caravela foi tomada pela chalupa da almiranta e a balandra pela chalupa do *Otter*. Por junto, a carga dos tres era composta de 1.100 caixas de assucar, uma partida de tabaco e muito pau brasil.

Esses navios haviam partido do porto de Pernambuco no dia 19 e alli segundo os prisioneiros declararam estavam fundeados mais dous navios, quasi promptos a fazer-se a vela. O Commandeur resolveu mandar o *Steur* e o *Maeght van Enchuyzen* com as duas caravelas para a ilha Fernando de Noronha e alli descarregar com facilidade as duas caravelas capturadas e partir com o esbulho para a Republica. No dia 24 capturaram ainda um navio carregado

com 350 caixas de assucar, 36 caixas de tabaco, e uma partida de pau brasil, navio que sahira no dia 11 de Abril da Bahia de Todos os Santos. Os prisioneiros declararam que se achava lá fundeado um galeão chegado de Goa, levando uma carga muito rica, o qual aguardava outros navios para irem de conserva para Portugal. No dia 28, foram arrastados, tanto pelas correntezas, como pelo vento, e tinham pouca esperanza de poder navegar para a ilha de Fernando de Noronha e por isso o Commandeur resolveu mandar alguns navios para as Antilhas afim de passarem com facilidade a carga dos navios capturados para os nossos e d'ahi seguirem para a Republica. Foram mandados voltar a patria, alem dos já citados navios, os seguintes: *Otter*, *Windt-kondt*, *Ter Veere*. Todos lá chegaram com feliz viagem, a saber — *Steur* no dia 2 de Setembro; *Maecht van Enchuyssen* no dia 31 de Julho; *Windt-kondt* no dia 5 de Setembro; *Otter* no dia 23 de Outubro; *Ter-veere* no dia 27 de Julho.

O Commandeur Dirk Symonsz, havendo despachado desse modo aquelles navios com as presas, fez o possivel para alcançar com a sua esquadra o sudeste e voltar a costa do Brasil. No dia 9 de Maio ao tomar-se a latitude ao meio dia acharam 4° 5' ao sul do Equador, perto de Mokeroc (pelo que puderam reconhecer), o que estava completamente fóra da previsão e calculo, porque julgaram estar ainda a leste de Fernando de Noronha. Haviam, pois, sido arrastados extraordinariamente para oeste e deviam acautelar-se, porque era muito possivel sobrevir-lhes grande risco. Como ficassem muito apprehensivos ao ver a costa muito baixa e cheia de bancos, incumbiram o yacht *Duyfken* de ir adiante sondar com cuidado e avisar em tempo o que achassem. Ao anoitecer este encontrou pela sondagem 10 pés de profundidade e de repente 5 1/2 e 6, de sorte que voltou a avisar a esquadra. No dia seguinte o Commandeur perdeu a esperanza de alcançar por esse modo a costa do Brasil, pois cada vez era mais desviado pela corrente e, sendo-lhe o vento bastante contrario, julgou melhor seguir para Serra Leoa, na costa d'Africa, e depois voltar.

Para effectuar com mais facilidade esta resolução devia seguir para o norte e assim se achou a 5 de Julho na latitude 33° 4' ao norte do Equador e apanhando então um bom vento de oeste tomou o rumo de sudeste. No dia 11 avistaram as *Saluages*, que de longe se assemelham a um navio virado, e no dia seguinte acharam-se em Teneriffe e diligenciaram por navegar acima da grande Canaria, voltando com impaciencia para a costa d'Africa. No dia 20 avistaram Cabo Verde e fundearam a leste das ilhotas situadas perto d'alli que os nossos chamam Goeree e onde ha um fortim construido pelos nossos. O yacht *Duyfken* foi enviado á aldeia Refrisco, afim de comprar algumas rezes para fornecer alimentação fresca á gente, pois estava um tanto fatigada. No dia 25 levantaram ferro e tomaram rumo para Serra Leoa, onde fundearam no dia 2 de Agosto.

Serra Leoa é muito alta e coberta de matta, de sorte que é facil de reconhecer para os que vêm do norte, pois não se veem na costa terras altas como estas. Ha uma incrível quantidade de limões ou limas, com a casca muito fina, e outros fructos mais; em frente ao porto ha boa agua corrente e é facil

ir buscá-la. No dia 19 surgiu allí o *Rode Leeuw*, o qual, partindo no dia 6 de Março de Mosa para se apresentar á sua divisão, navegou pela costa do Brasil e deu caça a alguns navios inimigos, mas não capturou nenhum; depois que a gente se refrescou e, que os navios se acharam limpos e se abasteceram d'agua e de lenha, o Commandeur partiu d'alli com o seu navio *Geely Sonne* e com *Graef Ernest*, *t'Wapen van Hoorn*, *Rode Leeuw*, *Swaan*, *Duyfken* e uma grande chalupa á vela.

No dia 6 de Outubro avistaram uma vela estrangeira, que depois de lhe darem caça por algum tempo foi capturada pela chalupa da sota-almiranta: era uma caravela carregada com 100 pipas de vinho, vinda da Madeira e destinada á Pernambuco. No dia 11 atravessaram o Equador e no dia 28 avistaram a costa do Brasil na vizinhança de Pernambuco na latitude de sete graus e meio. Mantendo-se na circumvizinhança um pouco distante de terra para que não fossem vistos, avistaram no ultimo dia de Outubro 6 velas estrangeiras ás quaes deram violenta caça; uma foi capturada um pouco antes do por do sol. Estava carregada com 406 caixas de assucar, 130 quintaes de pau brasil e um pouco de tabaco. Vinha do porto de Pernambuco. A almiranta da esquadra, que era o pequeno galeão chegado de Goa, navegou com a vice-almiranta e mais outros dous para o sul. A sota-almiranta dos nossos com a vice-almiranta e o *Rode Leeuw* seguiram-nos de perto, assim como a almiranta que estava uma boa distancia á sotavento, e o *Duyfken* perseguia a sota-almiranta portugueza que fugiu para o norte, capturando-a antes do por do sol. Era um palhubote, carregado com 330 caixas de assucar, 130 quintaes de pau brasil e seis caixas de tabaco. Depois fizeram o possível para se reunir aos outros navios. A sota-almiranta dos nossos, em vez de atacar outro navio, abordara nesse interin a almiranta portugueza, o galeãozinho, julgando ter de subjugar pouca gente, mas acharam tudo differente do que imaginaram, pois os de Pernambuco lhe deram a guarnição de 70 homens, que fizeram valente resistencia, e a nossa gente teve de se afastar e de os fatigar por bombardeio. Houve então renhido fogo de parte a parte com mosquetes e canhões, entrando tambem a nossa vice-almiranta na acção. A gente da sota almiranta deu tres vezes abordagem, mas foi sempre repellido. Finalmente quando puzeram abaixo o mastro grande e o de mesenae appareceu incendio a bordo, os portuguezes desanimaram e renderam-se em boas condições. Os nossos tomaram posse da presa, apagaram o fogo e seguiram com ella para o cabo de S.^o Agostinho, onde fundearam junto á almiranta. Pouco depois chegou o *Duyfken* com as suas presas. No dia seguinte a vice-almiranta dos nossos capturou a vice-almiranta portugueza, que era um navio de popa quadrada, com 12 colubrinhas, carregada de assucar e tabaco.

A sota almiranta capturou mais um navio portuguez, carregado com 770 caixas de assucar e levou-o para junto da nossa almiranta no Cabo acima citado. No dia 2 de Novembro o almirante com os outros navios da sua esquadra e com as presas partiu para a pequena ilha de S.^o Aleixo; ahi sendo desembarcados todos os portuguezes, excepto os capitães e pilotos.

A nossa sota-almiranta perdeu no combate dous mortos e 11 feridos. No

dia 4 fizeram-se á vela todos juntos e tomaram o rumo do norte e encontraram no dia seguinte a vice-almiranta junto ao navio que capturara, no qual havia 250 homens, que pouca ou nenhuma resistencia offereceram. O Commandeur resolveu seguir para as Antilhas para alli passar commodamente as fazendas capturadas para os seus navios. No dia 3 de Dezembro avistaram a ilha Barbados, e no dia seguinte S. Vicente, onde fundearam uma hora antes do por do sol, mas fizeram-se á vela no dia 7 para Bekia, por ter melhor porto.

Esta ilha possui uma boa bahia, onde os navios podem estar juntos e sendo preciso atracados ao lado uns dos outros, como na estacada de Amsterdam, pois o mar é tranquillo e tem um bom ancoradouro com 8, 9 e 10 braças de profundidade e, quanto mais para dentro da bahia, melhor. Não é habitada, mas os indigenas de S. Vicente vão alli frequentemente fazer plantações e colher fructos.

Os navios aprisionados foram descarregados e as fazendas passadas para os navios dos nossos e erão as seguintes:—

No navio *Gele Sonne*:

- 400 peças de tafetá.
- 90 peças de linho não clarificado.
- 134 peças de tecido de algodão
- 116 jarros.
- 261 peças de seda de damasco.
- 13 cobertores das Indias Orientaes.
- 5 tapetes e algumas roupas de calor.
- 99 malas de couro com estoffas e sedas.
- 30 caixas fechadas com fazendas de valor.
- 91 libras de almiscar, em caixinhas de chumbo.
- 34 libras de ambargris, em caixinhas de chumbo.
- 1 grande caixa com pedra bezoar.
- 10 barris e fardos de anil.
- 64 pacotes de anil.
- 20 fardos de canella.

Alguns adereços com diamantes.

- 25 fardos de arroz.
- 314 reales de oito.

Juntamente uma partida de pimenta e cravos, algumas sedas e outras cousas de valor, tudo do pequeno galeão de Goa. Mais ainda:

- 129 caixas de assucar.
- 174 couros meio seccos e outras miudezas.

No navio *Graef Ernest* de Groninga:

- 443 caixas de assucar.
- 7 caixas de tabaco.
- 12 saccos de algodão.
- 66 couros seccos,

160 reales de oito.

6 diamantes grandes e um adereço.

12 vasilhas de conservas e algumas miudezas.

No navio *Rode Leeuw*, da Camara de Mosa:

340 caixas de assucar.

6 grandes diamantés.

6 caixas de tabaco.

78 couros seccoos.

Um adereço com diamantes.

153 Reales de oito.

No navio *t Wapen van Hoorn*:

138 caixas de assucar.

35 couros seccoos.

Um adereço com diamantes...

133 reales de oito.

Sete grandes diamantes.

No navio de *Jonghe Mauritijs*:

362 caixas de assucar.

75 reales de oito.

No yacht *Manne*.

88 caixas de assucar.

128 fardos de cancella.

53 reales de oito.

14 malas de couro com varias especies de tecidos.

Havia no citado galeãozinho grande numero de adereços com diamantes, muitos dos quaes não eram claros, distinguindo-se apenas 25 de tamanho regular e alguns um pouco menores, e quatro ou cinco adereços pequenos e juntamente algumas outras pedras de menor valor.

Estiveram occupados até o dia 20 de Janeiro do anno seguinte e só então puderam partir; navegaram para a ilha Branca para caçar cabritos até o dia 5 de Fevereiro e chegaram á Republica nos dias 13 e 14 de Abril do anno 1629.

Na volta passaram por entre Hispaniola e Porto Rico.

A Companhia privilegiada das Indias Occidentaes tendo sempre as suas vistas voltadas para as esquadras do rei da Hespanha, tanto as da Terra Firme como as da Nova Hispania, e tendo obtido os meios para fazer agora mais do que d'antes e querendo satisfazer completamente aos habitantes deste paiz, resolveu alem das esquadras já despachadas (cujas felizes viagens já descrevemos) expedir para a America uma esquadra poderosa sob o commando em chefe de Pieter Pietersz. Heyn, de cujos bons serviços já se havia utilisado por varias vezes.

Para essa esquadra a Camara de Amsterdam aprestou os seguintes navios e yachts: *Amsterdam*, 500 lastos, 28 canhões de bronze e 28 colubrinas, 166 marinheiros e 84 soldados, navio em que deviam ir o General e, como capitão, Witte Cornelisz. Wit; o *Hollandtschen Thuyt* 400 lastos, 12 canhões de bronze e 24 de ferro, 130 marinheiros, 57 soldados, no qual iam

o valente Hendrick Cornelisz. Loeq, como almirante, e, como capitão, Albert Jansz; o *Hollandia*, 300 lastos, 4 canhões de bronze e 26 de ferro, 125 marinheiros, 50 soldados, capitão Thomas Sickens; o *Geldria*, 300 lastos, 4 canhões de bronze e 28 de ferro, 125 marinheiros e 22 soldados, capitão Pieter Gerritsz. Root; o *Provincie van Utrecht*, 300 lastos, 6 canhões de bronze e 24 de ferro, 131 marinheiros, 53 soldados, capitão Hendrick Jacobsz. Kal; o *Witte Leeuw*, 250 lastos, 2 canhões de bronze e 24 de ferro, capitão Jan Jansz. van Hoorn; o *Spartie Leeuw*, 180 lastos, dois canhões de bronze e 22 de ferro, 75 marinheiros, 32 soldados, capitão Pieter Fransz; o *Valch*, 150 lastos, 4 canhões de bronze e 22 de ferro, 85 marinheiros, 42 soldados, capitão Marcus Martensz; o *Rode Leeuw*, 250 lastos, 2 canhões de bronze e 22 de ferro, 120 marinheiros, 41 soldados, capitão Albert Hendricksz; o *Haerlem*, 220 lastos, 5 canhões de bronze e 20 de ferro, 120 marinheiros, 42 soldados, capitão Frans Claesz; o *Pinas*, 100 lastos, 8 colubrinhas, 60 marinheiros, 25 soldados, capitão Claes Franz. de Vries; o *Muyden*, 60 lastos, 16 colubrinhas, 48 homens, capitão Cornelis Leendertsz; o *Naroden*, 60 lastos, 14 colubrinhas, 15 homens, capitão Hans Goolz; o *Eenhorn*, 60 lastos, 10 colubrinhas, 47 homens, capitão Hendrick Jansz. Langh; o *Swarten Ruyter*, 60 lastos, 14 colubrinhas, 50 homens, capitão Michiel Gijsbrechtsz. e uma barca comprida, 20 lastos, 2 colubrinhas, 20 homens, patrão Jacob Barentsz.

Pela Camara da Zelandia: o navio *Neptunus* 200 lastos, 8 canhões de bronze e 16 de ferro, 100 marinheiros e 55 soldados, no qual ia o vice-almirante Joost van Trappen, appellidado Banckert; o *Tiger*, 120 lastos, 8 canhões de bronze e 16 de ferro, 106 marinheiros, 45 soldados, capitão Lucas Pol; o *Goude Sonne*, 160 lastos, 4 canhões de bronze e 14 de ferro, 109 homens, capitão Willeboord Danen; o *Post-jaerd*, 70 lastos, 2 canhões de bronze e 10 de ferro, 66 marinheiros, 12 soldados, capitão Willem Cornelisz. Domburgh; o *Oudt Vlissinghen*, 50 lastos, 12 colubrinhas, 45 homens, capitão Willem Willemsz.

Pela Camara de Mosa: o *Utrecht*, 300 lastos, 7 canhões de bronze, 28 de ferro, 159 marinheiros, 50 soldados, capitão sota-almirante da esquadra Cornelis Claesz. Melck-Meydt; o *Dordrecht*, 250 lastos, 2 canhões de bronze e 22 de ferro, 106 marinheiros, 41 soldados, capitão Willem Gerritsz. Ruyter; o *Neptunus*, 230 lastos, 6 canhões de bronze e 20 de ferro, 102 marinheiros, 53 soldados, capitão Bastiaen Jacobsz.; o *Tiger*, 57 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 70 marinheiros, 20 soldados, capitão Cornelis Jacobsz. Cleynbeet.

Pela Camara da Hollanda Setentrional: o *Munnichendam*, 300 lastos, 6 canhões de bronze e 24 de ferro, 168 homens, capitão Cornelis Symonsz. Groen; o *Griffioen*, 250 lastos, 8 canhões de bronze e 24 de ferro, 141 marinheiros e 53 soldados, capitão Jan Cornelisz. Keert de Koe; o *Ouwevaer*, 90 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 55 marinheiros, 22 soldados, capitão Samuel Willemsz.

Pela Camara de Groninga: o *Goude Leeuwe*, 250 lastos, 8 canhões de bronze e 20 de ferro, 113 marinheiros, 47 soldados, capitão Pieter Walighsz.; o *Dolphijn*, 150 lastos, 4 canhões de bronze e 16 de ferro, 98 marinheiros,

34 soldados, capitão Hendrick Cornelisz. Dreven; o *Vos*, 70 lastos, 2 canhões de bronze e 10 de ferro, 74 homens, capitão Jan de Braems.

Por essa descripção se vê que a esquadra se compunha de 31 navios do maior porte, levando pesados canhões, e estava com a guarnição completa.

Todos estavam promptos no principio de Maio e assim partiram de Texel no dia 20 os navios *Amsterdam*, *Hollandtschen Thuyt*, *Hollandia*, *Witte Leeuw*, *Haerlem*, *Geldria*, *Provincie van Utrecht*, *Swarte Leeuw*, *Vergulde Valck*, *Griffioen*, *Ouwevaer*, *Eenhorn*, *Naerden*, *Muyden* e uma barca comprida. O *Rode Leeuw* e o *Pinas* sahiram antes, no dia 3 de Maio, e o *Vos*, no dia 19, de Ems.

No dia 21 partiram da Zelandia o *Neptunus* e o *Post-paerdt*. No dia 22 o General reuniu-se no mar aos navios partidos de Mosa: *Utrecht*, *Sphaeromundi* ou *Dordrecht*, *Tiger*, *Neptunus*, *Swarte Ruyter*. O navio *Goude Leeuw* e o *Dolphijn*, da Camara de Groninga, fizeram-se á vela no dia 25 e o *Tiger* e o *Oudt Vlissinghen*, da Zelandia, no dia 30. Por este motivo a esquadra se reuniu um tanto lentamente e alguns navios nunca chegaram a juntar-se-lhe, como mais tarde havemos de referir.

Vamos descrever em primeiro logar a viagem do General Pieter Pietersz., com os navios que tinha comsigo.

No dia 19 de Junho chegou com a esquadra a Porto Santo e Madeira, não fazendo demora alli. O *Swarten Ruyter*, o *Eenhoorn* e o *Vos* foram incumbidos de ir na frente e pela manhã voltar á esquadra. Navegando nessa ordem no dia 10 de Julho, achou-se na latitude de 14° 26' e no dia seguinte a 13° 54', pelo que o General encarregou o yacht *Vos* de, logo que a lua desaparecesse, tomar a vanguarda e prevenir com um tiro quando avistasse terra. Effectivamente durante a noite ouviu-se um tiro e o almirante respondeu do mesmo modo, para avisar a todos os navios de que estavam proximo das Antilhas. No dia 12 fundearam na bahia de S.^{to} Antonio, na ilha de São Vicente.

O General deu immediatamente ordem de procurar refrescos, agua e lenha, de modo que no dia 18 se fizeram, de vela para a ilha Branca, onde pararam pouco tempo e, proseguindo no dia 27, passaram pelo cabo Tiburon e chegaram a avistar no principio de Agosto a ilha de Pinos.

Deviam ficar alli aguardando a esquadra do continente, por isso o General reuniu o seu conselho de guerra e determinou depois o que cada navio tinha a fazer. No dia 3 de Agosto entre os cabos Corrientes e S.^{to} Antonio avistaram duas velas não muito distantes de terra, as quaes vieram ter com elles e eram o *Rode Leeuw* e o *Pinas*. Haviam partido de Texel poucos dias antes da esquadra e chegaram no dia 27 de Junho á ilha Granada; no principio de Julho desembarcaram alli e cavaram alguns pozos para se abastecer d'agua. Estiveram no interior da ilha e encontraram duas grandes aldeias de indios que os receberam bem, mas observaram que do outro lado da ilha, na montanha, se occultavam indios completamente bravios, inimigos de todos os estrangeiros, e que poderiam descer para lhes fazer alguma má surpresa. No dia 2 de Julho os nossos voltaram á terra e observaram haver

muito mais gente vinda em canoas do outro lado da ilha e, apesar de notarem essa circumstancia, entretanto não se acutelaram. Assim aquelles selvagens, aproveitando a occasião para dar o golpe enquanto um bote dos nossos estava em caminho para bordo a levar agua, cahiram de improviso sobre os que ficaram em terra e mataram 16 homens de um navio e 18 de outro. Quebraram uns 30 barris d'agua e o bote que ainda poude ser aproveitado, sendosalvos tambem 5 homens que durante o morticinio se refugiaram no bosque. Como se vê, é preciso ter toda cautela contra esses ferozes selvagens.

Estiveram depois disso na ilha de S. Christovão e juntaram-se, como já foi dito, á esquadra. No dia 5 de Agosto pararam todos perto do cabo S.^{to} Antonio para fazer limpeza nos navios, deixando um yacht de vigia um pouco afastado da costa. No dia 7 houve uma tempestade.

No dia 10 acharam-se na latitude de 23 gráus e meio, nas proximidades do Rio dos Porcos. No dia 13 estavam acima do cabo S.^{to} Antonio. O General encarregou o yacht *Voa* e a barca de navegarem á frente da esquadra para dar aviso acerca dos baixios, que se estendem do dito Cabo ao dos Orgãos. A 1 hora da noite a barca encalhou, correndo algum perigo, e deu um tiro como aviso e a esquadra mudou immediatamente de rumo.

No dia seguinte, como fortes correntes os arrastassem para oeste, não se podendo manter bem perto da costa, deliberaram seguir para as Tortugas. Alcançaram estas ilhas no dia 20 e lançaram ferro com 70 braças de fundo em areia grossa e coral e estavam a 24° 4' de latitude.

No dia seguinte avistaram e capturaram duas pequenas velas. Eram duas barcas que haviam partido ha 14 dias de Havana para pescar nessas aguas. Seus tripolantes informaram que até sahirem d'aquelle porto os hespanhões nada sabiam sobre a vinda da nossa esquadra e que não chegara a esquadra da Terra Firme nem a da Nova Hispania, sendo entretanto uma e outra esperadas todos os dias. No dia 22 avistaram novamente a ilha de Cuba e estiveram tão perto de Havana que podiam ver claramente o forte chamado do Morro.

Um dia antes de avistar a *Mesa de Marin* deram pela falta de 4 dos navios — *Hollandia*, *Roode Loeuw*, *Dordrecht* e *Valck* e tambem dos yachts *Muyden* e *Swarte Ruyter*. O vento sendo de leste, foram-lhe fazendo frente ao longo da costa para se conservar pouco mais ou menos na mesma distancia de Havana, mas acharam que a corrente os levava muito para leste.

No dia 24 Havana estava 7 leguas a sudeste da esquadra. Sobreveiu alli uma forte tempestade com relampagos e trovoadas, de sorte que o navio *Dordrecht* perdeu a grande verga despedaçada e atirada ao mar, morreu um marinheiro e alguns ficaram muito maltratados. Navegaram para oeste com uma briza de leste. Apesar disso acharam no dia seguinte que tinham recuado para leste umas 1 ou 8 leguas e avistaram El Pan de Matanza.

Causou-lhes esse facto grande admiracão e receio, si bem que se bouvesse dado por determinacão especial do Altissimo em beneficio dellez, pela esquadra da Nova Hispania devido á mesma corrente veio cahir-lhes na

garras. Os yachts tiveram ordem de se dispersar um tanto e fazer o possível para trazer noticias sobre os navios do inimigo, mas voltaram no dia 28 á esquadra sem haver avistado uma única vela, pelo que o General reuniu o conselho secreto para saber onde seria melhor esperar pelos navios inimigos e; como junto á costa fossem tão desviados pela correnteza, ficou resolvido que se afastassem um pouco e se mantivessem um tanto mais perto do Cabo da Florida, para cruzar alli. Assim, navegaram a tarde com o vento norte, mas era tão fraca a brisa que pouco avançaram. No dia 29 avistaram outra vez uma vela, que capturaram e era uma barca com 50 homens, mandada pelo governador de Havana, D. Lourenço de Cabrera, para ir ao encontro das esquadras da Terra Firme e da Nova Hispania e avisal-as de que estava na vizinhança uma esquadra hollandeza de 23 navios. Estavam desde seis dias no mar, não avistando nenhuma das esquadras e causando-lhes grande surpresa essa demora. Declararam mais que no porto de Havana só havia um galeão construido havia pouco tempo e mais outro cujo pontal ficaria prompto brevemente; que havia nos fortes 400 ou 500 soldados e na cidade 2,600 burguezes ou habitantes; que no forte do Morro estavam montados 70 canhões de bronze, no outro 20 e no terceiro 28 e finalmente que a nossa esquadra fôra descoberta havia muito tempo e principalmente pelo forte do Morro. A correnteza seguiu ainda para leste e depois parou. Pela tarde avistaram outra barca, á qual deram logo caça e encontraram ancorada a um tiro de mosquete da costa em duas braças d'agua. Os hespanhoes vendo que os nossos avançavam para lá, cortaram a amarra e foram encalhar na praia, fugindo para terra. Os nossos entraram nessa barca, só achando alguns fructos e uma pipa d'agua, e incendiaram-na.

Mantiveram-se ainda a cerca de uma legua da costa, fazendo o possível para ganhar outra vez o oeste. No dia 1 de Setembro acharam-se a tres ou quatro leguas a oeste de Havana, a quasi quatro leguas de terra. Passaram em frente a Havana, para ver melhor quantos navios estavam lá ancorados e, approximando-se cerca de um tiro de colubrina, viram que se não achavam mais vasos que os declarados pelos prisioneiros e mais duas barcas pequenas, certificando-se então que nenhuma das esquadras havia chegado. No dia seguinte o yacht *Vos* foi mandado á vizinhança das Tortugas em parte para surprehender os barcos avistos do inimigo e tambem para procurar o vice-almirante, que ainda se não juntara á esquadra e dar-lhe ordem de se manter naquellas aguas e esperar com os 7 navios do seu commando a chegada de uma ou outra das esquadras.

No dia 3 soprou o vento de leste, de sorte que tiveram de conservar-se perto de Havana. Apesar disso verificaram no dia 5 que a correnteza os arrastara fortemente para leste, de modo que Havana já estava umas oito leguas a sudoeste.

Avistaram no dia seguinte El Pan de Matanza e ao mesmo tempo uma vela, á qual os navios que iam na frente deram caça. O General mandou dar um tiro para que a deixassem e voltaram todos, com excepção da barca comprida, que ainda a perseguiu. Como dois grandes navios percebessem a

desobediência, um delles deu-lhe um tiro e ella voltou á noite para junto da esquadra.

Soprou por alguns dias o vento do sul, pelo que não somente o nosso General com os navios que estavam com elle, mas tambem o vice-almirante que se lhe juntara havia pouco e especialmente a esquadra hespanhola, foram todos impellidos para nordeste e afastados de Havana.

A nossa esquadra viu então pela primeira vez o vice-almirante com os navios que com elle vieram, *Neptunus*, *l'Postgaardt*, *Vergulde Sonne*, *Munichendam*, *Goed Leeuw* e *Dolphijn*, que chegaram, no momento opportuno. Estavam então, segundo calcularam, pelo Pan de Matanza (que é um alto monte, quasi da forma de um pão, situado em uma costa com pouca vegetação e plana) a distancia de 8 a 9 leguas delle. No dia 8 o General ouviu tiros e mandou a barcha, a qual voltando trouxe a noticia de que o *Witte Leeuw* capturara um navio, vindo da Nova Hispania, tendo informado os prisioneiros que toda a esquadra da Nova Hispania tão ansiosamente esperada estava alli á mão. Ao nascer do sol foram vistas 10 velas e immediatamente o General aprou para ellas. Algumas estavam a setavento e outras a barlavento e haviam navegado durante toda a noite, sem o saber, sob os canhões da esquadra hollandeza. Os nove mais a setavento foram incontinenti tomados pelos nossos com os botes e chalupas (o que não custou muito). Esses eram uma parte da esquadra da Nova Hispania, cada um dos quaes tinha cerca de 40 homens, e estavam carregados de couros, farinha, pão, pau campeche, alguma cochonilha, indigo, etc. Cerca do meio dia, estando o vento de sul quartade sudeste, com uma brisa forte, viram-se na distancia de tres ou quatro leguas mais de 8 ou 9 navios a barlavento, que lhes pareceram muito grandes, de sorte que presumiram ser os galeões, que estiveram estacionando portanto tempo no porto da Nova Hispania para descarregar um que soffrera avaria. Os nossos immediatamente lhes deram caça, de maneira que os hespanhões se voltaram para a costa. Fizeram então os nossos o possivel para os tirar d'alli, perdendo-se muito tempo com a tomada desses navios. Os hespanhões approximaram-se da costa, sendo seguidos pela esquadra neerlandeza.

O General navegou com vento em popa, ficando os outros navios em duvida se fariam o mesmo para perseguir os 6 navios que estavam mais a barlavento, a saber: quatro galeões e dois outros navios, pelo que seguiram o rumo da costa molhando a vela, para lhes tomar o caminho, mas os hespanhões conseguiram entrar antes na bahia de Matanza.

O General, ao ver isso, cessou de dar caça, mandando que os outros voltassem e dirigiu-se para a sua esquadra. Os hespanhões entraram no porto ás 2 horas da tarde, ali encalhando os navios. Retiraram-se immediatamente para terra os principaes d'elles e todos os que puderam, levando consigo os valores, que conseguiram transportar, para o que as chalupas iam e voltavam a toda pressa. No dia seguinte pelas nove horas entraram na bahia o *Dolphijn*, o *Ouwevaer*, o *Valck* e a *Plus* e pouco depois a vice-almirante, o *Geldria*, a almirante e em seguida o General com o resto da esquadra e acharam os galeões encalhados. Um pouco depois o General deu um tiro

como signal de navegar mais para dentro. O navio do almirante Loncq encalhou em um baixio situado no meio da bahia, lançou ferro e descarregou toda a bateria de um bordo sobre o bombordo do galeão, com o que fluctuou novamente. Collocou-se então juntamente com o General perto dos hespanhóes, que deram sete ou oito tiros, fugindo depois disso para terra.

Largaram immediatamente os botes da almiranta, da sota almiranta e do navio *Haerlem* com mosqueteiros em direcção ao navio do General, o qual tambem embarcou em um dos botes e mandou logo atacar os hespanhóes. Jam com elle nos botes o almirante, o sota-almirante Cornelis Claesz., o capitão Aelbert Hendricksz., do *Rout Leeuw*, o capitão Frans Claesz. do navio *Haerlem*, com alguns sargentos e outros. Quando chegaram junto aos hespanhóes, quizeram elles offerecer resistencia, mas logo que lhes foram feitas duas ou tres descargas de mosquetaria, desanimaram. Chegando junto do navio, não encontraram meios de subir, só existindo um cabo dependurado do lado de fora, pelo qual um marinheiro subiu. Uma vez a bordo, procurou este outros cabos para amarrar lá em cima e atiral-os aos companheiros nos botes. Enquanto isso fazia, os hespanhóes observavam sem offerecer resistencia. Ao atacar os outros navios, propuzeram-lhes *la bonne guerre*, ao que os hespanhóes correram todos para baixo. O General aproveitou um hespanhol que foi a nado, para mandar ao seu almirante propostas de quartel; sendo ainda encontrados 150 homens que subiram todos desarmados e foram transportados para terra sem ser molestados, alguns carregados de ouro e prata. Por esta prudente medida do General os damnos de incendio e outros foram prevenidos.

Houve tambem ordem de retirar os botes e chalupas dos navios conquistados. Nessa noite sobreviu forte tempestade, de sorte que no meio da noite os galeões que não estavam ancorados desencalharam e vieram trazidos pela correnteza para junto da esquadra e ahí foram ancorados.

O General e o almirante foram de dia aos navios capturados para pôr tudo em boa ordem e impedir a pilhagem pela gente da tripolação. A almiranta da esquadra hespanhola era o galeão *Sa. Anna*, com 24 canhões de bronze, sob o commando de Don Francisco de Buena-Vida, e Don Francisco Denneboa commandava as forças de terra. A vice almiranta era o galeão *Sa. Gertrudes*, com 20 canhões de bronze, a sota almiranta, chamada *Montagne*, tinha 20 canhões de ferro, o quarto galeão chamava-se *S. João* e levava 20 canhões de ferro, havendo mais alguns navios mercantes sem canhões.

Assim esta esquadra preciosa foi por determinação e favor de Deus lançada nas mãos dos nossos sem offerecer grande resistencia, o que o General tambem reconheceu, pois me lembro perfeitamente bem que ao voltar à Republica, vendo a multidão affluir de todos os lados e ouvindo os grandes louvores que lhe faziam por toda a parte, me disse: vêde que grande barulho faz o povo, pois pouco fiz para trazer tão grande thesouro, ao passo que nos muitos combates que peleei anteriormente realisei feitos muito maiores do que este e delles não fizeram o menor caso. E' isso effectivamente uma pura verdade, porque os feitos já descriptos e por elle praticados na Bahia de Todos os Santos,

realizados com uma incrível bravura e prudência, são muito mais importantes que a conquista dessa esquadra, o que não é dito para diminuir o seu merito, que havemos sempre de proclamar, mas para mostrar a apreciação errônea e o fraco juizo de muitos que só dão valor aos feitos quando trazem utilidade e vantagem.

O General como um chefe sabio e prudente, attendendo á estação do anno e ao lugar em que se achava e pensando que o inimigo lhe podia trazer qualquer contrariêdade, esperando-se a cada momento a esquadra da Terra-Firme, que lhe podia cahir em cima, e sendo fora de proposito combater nessa occasião ordenou immediatamente que todos os navios fossem examinados e descarregados, o que era util e pratico. Verificou-se que nos galeões hespanhóes se não podia utilisar a maior parte dos canhões, porque tinham ficado embaraçados pelas mercadorias. Um dos navios mercantes capturados, carregado com couros, foi a pique.

Duraram cinco dias os trabalhos de descarga dos navios hespanhóes. Depois fallaremos sobre o que nos nossos navios foi carregado. Os vinhos e outros generos alimenticios tirados de um navio capturado pelo yacht *Swarten Ruyter* foram repartidos pela esquadra.

Os quatro galeões e um navio mercante novo foram aprestados para fazer a viagem para a Republica. Os outros, depois de despojados de tudo, foram incendiados ou postos a pique.

No dia 17 pela manhã, o vento soprando do sul, todos levantaram ferro, depois do que a barca comprida, tornando-se inutil, foi incendiada.

Pela tarde viram as Martyres junto ao cabo de Florida na latitude de 24 graus e meio. No dia 21 estavam no fim do canal de Bahama, na latitude de 28° 54'.

No dia 26 despacharam o yacht *Vos de Groninga*, o *Ouweraer* de Munickendam para levar á Republica a boa nova. No dia 3 de Outubro estava toda a esquadra na latitude de 30 graus e meio. No dia seguinte passaram-se para o navio *Munnichendam* 63 caixas com prata e para o *Goude Leeuw* 24. Houve nos dias seguintes muita chuva e vento.

No dia 11 o galeão *S. Juan* pediu soccorro, porque estava fazendo muita agua, e foi descarregado na latitude de 33° 4'. Rebocaram-n'o até o dia 13 e, depois de retirado tudo que valia a pena, incendiaram-n'o. No dia 16 Claes Hendricksz, capitão nomeado para o galeão *Sta Anna*, deu signal de soccorro com um tiro, pois o seu navio estava fazendo agua, mas tendo-se conseguido estancar-a, continuou a viagem até a latitude de 33° 54'. No dia 31 perdeu-se esse navio da esquadra na latitude de 37° 50'. Tiveram por quatro dias tempo mau e inconstante. No dia 4 de Novembro voltou á esquadra o galeão *Sta Anna*, havendo perdido a verga durante a tempestade. No dia 5 (digamos aqui de passagem) o yacht *Ouweraer* chegou e fundeou em Rotterdam, e trouxe á Republica a agradável noticia da captura da esquadra hespanhola. No dia 22 achou-se só a almiranta e, tendo soffrido muito mau tempo, lançou ferro em um fundo de noventa braças de areia

lina, na latitude de 49° 15'. No dia seguinte juntaram-se novamente 16 navios. No dia 30 estavam juntos apenas 14.

A 27 e 28 de Novembro chegaram à Republica: —*Hollandia e Eeenhorn* da Camara de Amsterdam, *Uytrecht* da de Mosa, *Goude Leeuw* e *Dolphyn* da de Groninga.

No dia 6 de Dezembro chegaram Falmouth 11 navios. No dia 13 entraram mais 8 e no dia seguinte chegou o galeão *Sa Anna* fazendo muita agua. Como o General não achasse prudente levar-o à Republica, descarregou alli os couros e retirando tudo que podia servir vendeu o casco. No dia 17 de Dezembro chegaram a Texel o *Witte Leeuw*, o *Geldria* e o *Nerden*. O General ficou no porto de Falmouth até o dia 1 de Janeiro, do anno seguinte, quando a maior parte voltou à Republica, achando-se todos em bom estado, indo uns para a Zelandia, outros para o passo da Goerea e Texel, exceptuado um dos galeões hespanhões, o qual por mau calculo ao passar pelo canal encalhou na costa da Irlanda. Em toda essa viagem e de tanta gente morreram apenas cerca de 150 pessoas na totalidade, ainda que houvesse muitos doentes em todos os navios ao chegarem à Inglaterra, por terem estado tanto tempo sem se refrescar e raras vezes terem feito aguada, por lhes não permittir o tempo.

As grandes riquezas adquiridas com a tomada da esquadra do inimigo, poderão ser avaliadas pela seguinte lista, na qual está descripto o que existia em cada um dos navios. Deve bem imaginar-se que não foi pouco o que os marinheiros esconderam e foi tomado depois a alguns delles, alem do que se encontrou em algumas caixas, não só prata, como muito ouro.

No Amsterdam, navio do General :

Prata em caixas e barras 24870 1/2 libras.

57 caixas de cochonilha Misteca.

130 caixas e fardos de cochonilha silvestre e indigo de Guatemala

31 libras e 10 onças de ouro,

1 caixa com 63 libras e 8 onças de ouro em cadeias e chapas.

1 caixa com 7 ou 8 libras de ouro em duas cadeias.

7 libras e 14 onças de ambargris.

1000 perolas.

37 libras de almiscar.

12 libras de Bezoar Occidental.

E mais algumas miudezas de ouro e pedras preciosas.

Na nau almiranta, *Hollandtschen Thuyt* :

Prata em barras e caixas 18953 libras.

Prata lavrada 130 libras.

16 fardos de cochonilha Misteca.

319 caixas de indigo ou cochonilha silvestre

1 cofre com 1255 reales de oito.

Algumas caixas com prata lavrada.

Algumas caixas com estofos de seda.

E muitos outros valores.

3592 couros transferidos do galeão.

No navio *Haerlem*:

37 caixas de cochonilha Misteca.

152 caixas de indigo de Guatemala.

2046 couros das Indias Occidentaes.

No navio *Gelderlandt*:

Prata em caixas pesando 6922 libras.

2 fardos de cochonilha Misteca.

89 caixas de indigo da Guatemala.

2196 couros das Indias Occidentaes.

622 toros de pau Campeche.

No navio *Hollandia*.

Prata em caixas e em barras 7397 libras.

4 fardos de cochonilha Misteca.

126 caixas de indigo de Guatemala.

1999 couros das Indias Occidentaes.

34 toros de pau Campeche.

7 canhões de ferro.

No navio *Swarie Leeuw*.

Prata em 43 caixas pesando 2864 1/2 libras.

24 caixas de cochonilha Misteca.

68 caixas de indigo de Guatemala.

No navio *Rode Leeuw*.

40 fardos de cochonilha Misteca.

79 caixas de indigo de Guatemala.

No navio *Provincie van Utrecht*:

Prata em caixas e barras pesando 10382 libras.

18 caixas de cochonilha Misteca.

137 caixas de indigo de Guatemala.

1796 couros das Indias Occidentaes.

No navio *Gulden Valck*.

95 caixas de cochonilha Misteca.

72 caixas de indigo da Guatemala.

No navio *Witte Leeuw*:

Prata em caixas e barras pesando 10436 libras.

43 caixas de cochonilha Misteca.

121 caixas de indigo de Guatemala.

916 couros das Indias Occidentaes.

Todos esses navios foram para a Camara de Amsterdam.

No *Neptunus*, nau vice-almiranta.

Prata em caixas e barras pesando 25737 libras.

44 fardos de cochonilha Misteca.

115 caixas de indigo da Guatemala.

47 caixões de assucar, brancos, mascavados e panellas.

15 libras e 8 onças de ouro.

No navio *Goude Sonne*.

Prata em caixas e barras pesando 14765 e meia libras.

124 caixas de cochonilha Misteca.

169 caixas de indigo de Guatemala.

500 couros das Indias Occidentales e mais 1550 do galeão.

No yacht *Tiger*:

40 caixões de assucar.

No yacht *Post-paerdt*:

9 fardos de cochonilha Misteca.

229 caixas de indigo da Guatemala.

1190 toros de pau Campeche.

No yacht *Goudt Vlissinghen*:

16 caixões de assucar.

Esses navios foram para a Camara da Zelândia.

No navio *Oytrecht*, anteriormente *Rotterdam*:

Prata em caixas e barras pesando 6635 libras.

2 libras e 8 onças de ouro.

17 caixas de cochonilha Misteca.

149 caixas de indigo de Guatemala.

No *Tiger* e *Rotterdam*:

430 couros das Indias Occidentales.

582 toros de pau Campeche.

No navio *Dordrecht*:

2 libras e 7 onças de ouro.

Prata em caixa e barras. 7223 e meia libras.

37 caixas de cochonilha Misteca.

30 caixas de indigo da Guatemala.

1740 toros de pau Campeche.

1235 couros do galeão.

No navio *Neptunus*, de Delft:

2 libras e 12 onças de ouro.

Prata em caixas e barras. 6423 libras.

33 caixas de cochonilha Misteca.

38 caixas de indigo da Guatemala.

3280 couros das Indias Occidentales.

468 toros de pau Campeche.

Esses navios vieram para a Camara de Mosa.

No navio *Griffioen* de Hoorn:

Prata em caixas e barras com o peso de 9863 libras.

42 fardos de cochonilha Misteca.

150 caixas de indigo da Guatemala.

1525 toros de pau Campeche.

4 libras de ouro.

No navio *Munnickendam*:

Prata em caixas e barras pesando 10550 e meia libras.

Ouro 3 libras e 15 onças.

59 fardos de cochonilha Misteca.

32 caixas de indigo da Guatemala.

1800 tóros de pau Campeche.

67 couros das Indias Occidentaes e mais 964 do galeão.

Esses navios vieram para a Camara do Districto do Norte.

No navio *Goude Leeuwe*:

Prata em caixas e barras pesando 8460 libras.

37 fardos de cochonilha Misteca.

122 caixas de indigo da Guatemala.

675 couros das Indias Occidentaes.

100 caixões de assucar.

No navio *Dolphyn*:

Prata em caixas e barras pesando 6054 libras.

400 couros das Indias Occidentaes.

50 caixões de assucar.

Esses navios vieram para a Camara de Groninga.

Eis ali a carga desses navios, da qual se fez a partilha entre as Camaras e que, feita a avaliação por alto, se elevou á somma total de 11509524 florins.

Não estão entretanto nella comprehendidos o almiscar, o ambargris, o besoar, os tecidos de seda, grande quantidade de varias especies de valores e ainda a carga de dous galeões e uma pequena presa.

A' esquadra, da qual acabamos de fallar, pertencia o navio *Tiger* da Zelandia, o qual não conseguiu juntar-se ao General, e cuja viagem é muito interessante e aqui descreveremos.

Partiu de Vlissinghen com o navio *Oudt Vlissinghen*, como já foi dito, e encontrando-se no caminho com o vice-almirante Banckert e alguns outros navios da esquadra, seguiram juntos d'ahi em diante. No dia 2 de Julho na latitude de 28 graus foi capturado pelo *Oudt Vlissinghen* um navio vindo do Rio de Janeiro, carregado com 235 caixas de assucar: era um antigo barco flamengo, chamado *Nossa Senhora de Buena Vittoria*, com 36 homens, quasi a metade composta de negros. Como não fosse facil mandal-o para a Republica e se tornasse incommodo rebocal-o, foi descarregado e o assucar repartido pelos navios. No dia 23 avistaram a ilha de Barbados e chegaram no dia seguinte á ilha de S. Vicente, onde encontraram o *Post-paerd* e o *Griffoen*, os quaes ignoravam o paradeiro da esquadra, apenas sabendo por informação dos selvagens haverem partido dalli 20 navios 4 dias antes. A' vista d'isto o vice-almirante e o conselho resolveram que cada um dos navios fizesse immediatamente provisão de agua e lenha e partissem todos para o cabo S.^{to} Antonio. Chegando alli encontraram o *Goude Sonne*, que capturara um pequeno navio hespanhol, carregado com 509 couros e 160 canastras de balsaparrilha, o qual foi tomado perto do cabo á posto a pique.

Cruzando por alguns dias proximo ao cabo e não encontrando a esquadra, o vice-almirante resolveu continuar a navegar até as aguas de Tortugas e Cabeça de Martyres. No dia 26 de Agosto perdeu-se de vista o *Tiger* dos outros navios a cerca de $25^{\circ} 15'$ de latitude e, como suppuzessem achar-se no canal de Bahama, esperaram entrar para noroeste com o auxilio do vento de leste. Havia então grande calmaria. No dia 27 acharam-se na latitude de $26^{\circ} 15'$ e no outro dia a 27° . Os pilotos suppondo estar fora do canal tomaram rumo direito a oeste, para avistar terra, mas não vendo terra alguma e sem achar fundo ficaram completamente perplexos, sem saber o que fazer.

No dia 29 estavam a 27° grãos e meio, não achavam fundo e viam cada vez mais sargaço, que é uma planta que fluctua no mar. Chegaram no dia 31 de Agosto á latitude de $28^{\circ} 15'$ e, não encontrando mais a correnteza, tomaram então o rumo do norte, continuando no mesmo erro.

No dia 2 de Setembro apanharam um vento noroeste e seguiram para leste. Estavam no dia seguinte a $28^{\circ} 50'$ e encontraram muito sargaço, mas não acharam fundo a 130 braças. Á noite encontraram fundo a 36 braças, era pedregoso, sujo e com alguns mariscos. Haviam navegado com um vento de nordeste quarta de leste, voltando agora com o sudoeste quarta do sul e verificando também haver maior fundo, pois durante o dia o encontraram bom a 100 braças. Dirigiram-se então para leste-sudeste, esperando saber logo onde se achavam. No dia 5 estavam a $29^{\circ} 15'$, quasi que só fluctuavam, pois reinava calmaria, e encontravam fundo a 112 e 120 braças e algumas vezes não encontravam. No dia seguinte soprou algumas vezes uma brisa e ganharam um tanto para sudeste, mas não acharam fundo.

No dia 12 á tarde acharam novamente fundo a 110 braças e perceberam bem que não estavam fora do canal de Bahama, mas se haviam perdido no golfo da Nova Hispania e, como soprava um vento de nor-nordeste tomaram o rumo de sudeste. No dia seguinte estavam na latitude de $25^{\circ} 50'$. No dia 14 a sonda deu 70 braças e ao meio dia estavam na latitude de 25° grãos e meio e ainda não encontraram corrente alguma. No dia 15 a sonda manifestou 40 braças e perceberam então uma forte corrente com a direcção de leste e d'ahi a pouco tempo não encontraram fundo a 140 braças. Ao meio dia a latitude era de 25° grãos escassos, calculando elles achar-se em aguas das Tortugas. Notaram que a corrente vinha muito do norte, em quanto que no Golfo só se percebe correr do sul. Não viam ahi tantas aves como no Golfo. Ha também differença nas hervas ou salsas marinhas, pois no Golfo não são iguaes, sendo mais amarellas e vérmelhas, e as de leste das Tortugas tem pequenas folhas oblongas e as hastes maiores, sendo alguns signaes dignos de consideração, porque as correntes illudem os pilotos, que commettem erros nos calculos e também algumas vezes não sabem onde estão ou para onde devem seguir. Viram finalmente no dia 17 pela manhã terra baixa, parecendo duas pequenas ilhas e acharam-se no dia seguinte na latitude de $24^{\circ} 40'$ e viram novamente outras ilhotas ao lado e para fóra, o que lhes deu novamente que pensar. No dia 20 estavam a $24^{\circ} 45'$, não avistaram terra alguma e não encontraram fundo na sondagem. No dia 22 avistaram outra vez terra, a qual se estendia

do nordeste para leste tanto quanto alcançavam com a vista, pelo que comprehendiram que se achavam no canal de Bahama, o qual atravessaram com o auxilio de vento favoravel, e acharam-se no dia 25 a 29° 50', tomando então o rumo de les-nordeste. No dia 3 de Outubro havendo alcançado latitude superior a 31° trataram de combinar o que seria melhor emprender a bem dos interesses da Companhia. Tinham falta de agua fresca e o navio fazia alguma agua, apesar do que resolveram navegar para as Antilhas, para refrescar a gente, reparar o navio e ir então em busca do inimigo.

O vento ao principio não os quiz favorecer, de sorte que recuaram até 33° mas no dia 10 tiveram o vento do norte e dahi navegaram para leste quarta a sudeste. Alcançaram a latitude de 32 graus e meio, mas descahiram para 34. Soprando outra vez o vento de leste e les-nordeste, avangaram ainda para o sul, de sorte a estarem no dia 17 a 31° 40" e no outro dia a 31° 35'. Voltou-lhes então o vento de sudeste que lhes não era vantajoso. Avistaram no dia 21 as Bermudas, navegaram ao longo da costa do sul e acharam que estão situadas a 32 graus e meio. Soffreram ali uma forte tempestade e tiveram bastante que empregar as bombas. No dia 27 viram novamente as Bermudas e tiveram vontade de fundear alli, mas soprando então o descajado vento de nordeste e nor-nordeste, que lhes durou até o dia 1° de Novembro, ganharam a latitude que desejavam e apesar de terem ainda vento e tempo variaveis no dia 14, alcançaram a ilha de Barbados e no dia seguinte ancoraram perto da residencia dos inglezes que eram em numero de 600. Partiram d'alli no dia 19 e viram no dia seguinte ao meio dia S. Vicente, mas por ser o vento contrario só fundearam na bahia de S.^{to} Antonio no dia 22. Acharam os indios alli bem perigosos porque estavam muito irritados contra os francezes e pensavam que os nossos faziam parte da mesma nação e só a muito custo foi possivel obter agua e lenha. Fizeram-se de vela d'alli no dia 28 e ancoraram no dia 1° de Dezembro na ilha de Granada em uma boa e grande bahia, com o fundo de areia, não podendo conseguir ali nenhuns refrescos, porque os indios dessa ilha estavam mais desconfiados do que os de S. Vicente, sendo o motivo facil de comprehender depois do que já referimos. Partiram pois d'alli no dia 2 e navegaram diante de Frayles, situado a leste da ilha de S.^{ta} Margarida, a qual enfrentaram ao meio dia, e fundearam no dia 5 a oeste da ilha Branca, na qual saltaram immediatamente para apanhar cabritos, que encontraram aos milhares. Ficaram ancorados alli até o dia 30 de Dezembro, de sorte que levaram para bordo cerca de quinhentos d'aquelles animaes, tanto salgados como seccos, e ainda poderiam levar mais se não fosse faltarlhes sal. Uma vez que estiveram tanto tempo naquelle lugar, convem dar de passagem a descripção que d'elle fizeram.

A ilha Branca, está situada a 12 graus de latitude norte e dista da ilha Granada no maximo 40 leguas a oeste quarta de sudoeste. É baixa e por esse motivo não se deixa ver alem de quatro leguas.

Todo o lado de oeste é uma bahia de areia, estendendo-se uma legua para o sul e para o norte. Existem ao norte e ao sul bellas bahiazinhas de areia, mas incommodas para ancorar, de fundo pedregoso e escarpado, sendo assim

o melhor lugar para se lançar ferro o lado de oeste, apesar de pedregoso em alguns pontos, mas podendo ver-se o fundo a 8 e mesmo 10 braças e portanto ancorar-se onde for melhor. Existem bons portos pequenos onde podem entrar grandes chalupas de 20 lastos. Ha poucos montes e valles nessa ilha e está coberta de grama por todos os lados, que chega em alguns logares até a altura dos joelhos. Poucas arvores ha do lado do oeste, a não ser aqui e alli um pequeno bosque. Abunda o guaiaco, mas está muito para o interior e é preciso procural-o com cuidado. Todo o lado de leste está coberto na maior parte de bosques e debaixo das arvores ha moitas de salva silvestre muito aromatica, mas cujo sabor não é especial. Esse matto está cheio de agudos espinhos com os quaes se deve tomar muita cautela, porque atravessam o calçado e logo que penetram na carne se enterram de maneira que é preciso arrancal-o com toda a força.

Encontraram alguns fossos nos rochedos perto da praia, onde se podiam occultar bem uns 30 ou 40 homens. Havia alem disso outros signaes de que os hespanhoes a visitavam frequentemente e de que recentemente alli haviam estado. Andando ao redor de toda a ilha, não encontraram ninguem.

Acharam pouca agua na ilha, a não ser de chuva, aqui e alli em alguns poços e fossos na pedra. Havia um grande canal com a forma de uma salina, mas a agua era toda salgada. E' preciso portanto cavar poços perto da praia para se poder encontrar agua potavel e foi assim que a obtiveram. O solo dessa ilha é arido e secco como turfa, motivo pelo qual a agua ao cahir alli é immediatamente absorvida. Scieram em um valle, cujo terreno acharam bom, abobora, milho e mostarda, que haviam brotado e crescido um palmo acima da terra, quando elles de lá sahiram. Encontraram-se muitos animaes rastejantes, como lagartos, lagartixas, etc. e tambem gatos e outros animaes. Existem igualmente bellissimos papagaios, periquitos, pelicanos, araras, colas e outras aves. Verificaram finalmente que a ilha tinha umas 6 leguas de circumferencia. A descripção da viagem deste yacht devia ficar interrompida no fim deste anno, mas, como não convem voltar a ella mais tarde, damos agora a continuação em resumo.

Partiram no dia 3 de Janeiro de 1629 da ilha Branca e chegaram á ilha da Tortuga, da qual nos deram a seguinte descripção:

A ilha da Tortuga está a 11 graus de latitude norte e dista da precedente 15 a 16 leguas ao sul quarta a sudoeste.

O lado oriental dessa ilha é baixo mas o occidental é de altura mediana. Acha-se coberta de matto, no qual existe guaiaco, mas disperso por todos os lados. Ha ao norte duas illiotas na distancia de meia legua, orladas de praias de areia, e navega-se ao redor em 12 e 13 braças d'agua com fundo de areia, sendo este até a ponta sudoeste tão liso como um soalho. Existe perto desta ponta uma boa e grande salina, onde em Setembro, Outubro e Novembro e algumas vezes, quando não chove muito, até em Dezembro se pode obter sal para dous ou tres navios. Contudo o porto não é muito commodo perto da salina por haver um vento de leste, que sopra mais constantemente alli que em qualquer outra parte. Para os que não vão buscar sal o melhor porto é

portanto na ponta sudeste ou tambem na do norte do lado de oeste, onde se pode obter ao mesmo tempo agua, cavando-se poços na praia. Nessa ilha ha igualmente muitos cabritos, mas não são tão facéis de apanhar, porque se mettem no matto. O solo é aspero.

Partiram dahi porque então não havia sal. No dia 5 avistaram a ilha Orchilla e navegaram costeando-a até perto dos montes a oeste. Quando estavam quasi no fim da praia de areia lançaram ferro a 16 braças d'agua, em bom fundo arenoso, e ao entesar a amarra não estavam mais distantes da praia do que o comprimento de um navio e tinham ainda quatro braças e meia d'agua.

Podia encalhar-se alli o navio sem perigo, porque ha um bom fundo de areia sem rochedos e todo escarpado, bastando portanto um vento de leste para o fazer de novo flutuar. Foram à terra e procuraram sal nas muitas salinas que alli existem, mas não encontraram nenhum; viram grande quantidade de cabritos na montanha, dos quaes muitos eram brancos, e tambem quatro ou cinco cães brancos e bravios.

No dia 6 foram a terra com todos os homens a caçar, collocaram-se na montanha occidental e tocaram os cabritos para a praia cercando uma manada de 200 em um fosso, de tal forma que apenas um escapou. Entretanto vejamos a descripção que fizeram da ilha. Orchilla está situada a 11 graus e um quarto de latitude norte e distante da Tortuga, de que já fallamos, cerca de 13 leguas a noroeste quarta a oeste e da ilha Branca 18 ou 19 leguas approximadamente. As suas costas são baixas, rasão pela qual mal podem ser vistas alem de uma legua. Comtudo nas pontas leste e oeste ha montes que se avistam bem a 5 ou 6 leguas de distancia e é onde a maior parte dos cabritos se reune.

As terras baixas não se elevam acima d'agua mais do que a altura de um homem. Toda a costa ao lado sul e sudoeste é boa, mas muito escarpada, podendo os navios approximar-se quando lhes for conveniente, sendo-lhes facil afastar-se. No lado sudoeste ha pouca verdura a não ser salsa marinha por ser o solo arido, sendo certo que a leste e ao norte ha algum arvoredo, mas o terreno é por todos os lados tão salgado que torna impossivel o desenvolvimento de arvores e hervas, pois toda a agua que corre d'alli é salgada como se viesse do mar. O terreno é por toda a parte como um terraço, mas é branco e todo salgado. As arvores que ali crescem são tão rachiticas que se derrubam com a mão. No monte ha aqui e alli algumas urzellas (*Orchillas*), comtudo são tão escassas, que nao valem a pena, porque dá muito trabalho procural-as e se soffre muito de sede, pois se não encontra agua potavel. Não existem passaros a não serem alguns parecidos com a ave nocturna, nem outros animaes senão o lagarto.

Partiram dalli no dia 7 e alcançaram em pouco tempo as ilhas Roccas, que são em numero de 8 ou 9, situadas na maior parte de leste a oeste, distantes de Orchilla cerca de 6 leguas. Não foram até lá, porque viram que estavam quasi todas cobertas de matto. São regularmente baixas.

Tomaram o rumo das ilhas de Aves, que avistaram á tarde e eram apenas tres ilhotas, distantes das Roccas a oeste-noroeste cerca de 6 leguas:

No dia 8 avistaram as terras altas de Bonaire cerca de tres leguas a oeste, mas não puderam distinguir as costas baixas do sul. Navegando ainda umas tres leguas, avistaram primeiro do que a costa a arrebentação das ondas e seguiram então ao longo do lado sul com rumo a oeste, não vendo em parte alguma praia de areia, pois a costa estava toda envolvida como por uma cinta de matta.

Continuaram a navegar do mesmo modo até o lado oeste noroeste, onde ha uma ilhota baixa, formando um scio, de sorte que é necessario bordejar para alcançar o porto da ilha grande. Bordejando entre as duas tiveram vento muito variavel da costa e, quando estavam perto da menor, quizeram virar de bordo, mas por falta de vento não o conseguiram, aproando então para a ilhota. O mar estava porem tão bravo que para o navio não ir chocar-se contra os rochedos o deixaram fluctuar tão perto delles que com uma vara se podia saltar para terra.

Conseguiram com o auxilio de amarra retirar dalli o navio sem damno e vieram fundear ao meio dia na ilha grande, ao lado oeste noroeste em 39 braças d'agua, num fundo de areia, a distancia de uma pedrada da costa. Como se nao atrevessem a desembarcar na ilha grande com receio de que os hespanhoes tramassem qualquer cousa, procuraram um fundeadouro na ilha pequena e ancoraram no lado oeste a 60 braças de fundo, a distancia de uma boa pedrada da costa.

Estenderam um cabo até a terra e uma corda para puxar a chalupa para bordo e para terra. No dia 6 começaram a trabalhar com ardor no corte da lenha na ordem seguinte: 20 homens cortavam, havendo 2 carregadores para cada um desses, 5 preparavam a lenha na praia e 10 rondavam todo o dia para que se pudesse fazer tranquillamente o serviço. Calcularam que podiam ter na praia diariamente dous lastos de lenha. Entrementes fizeram a limpeza do navio.

Estavam embaraçados quanto á aguada, mas finalmente acharam no meio do matto um bom poço. Estiveram occupados até o dia 24 de Janeiro e arranjaram 20 lastos de lenha, não tendo podido fazer maior provisão.

Vejamos agora a descripção de ambas as ilhas.

A grande ilha Bonaire está situada na latitude de 12 grãos ao norte do Equador, distante cerca de 8 leguas a oeste e quarta a noroeste e oeste noroeste das ilhas de Aves. É bastante grande e do lado do sul toda occupada por uma praia baixa e assim continúa até o lado oeste noroeste, onde a praia termina. Alli está um dos mais commodos fundeadouros, apesar de escarpado. Devem lançar-se amarras em terra.

A ilhota está situada ao lado oeste noroeste, formando com a outra uma grande bahia, e d'ahi em diante não ha mais praia, mas costa alta, onde habitam os hespanhões. Nessa ilha ha muitos carneiros, cuja lã dá grande lucro aos habitantes hespanhões. Tambem não falta alli o pau bacalhau.

Taes hespanhões não são mais de sessenta. Neste lado ha um poço d'agua doce e é facil ir buscá-la. Em parte alguma da ilha viram praia de areia, mas de todos os lados ha fundeadouros, ainda que escarpados, com 30 e 40

braças d'agua, podendo entretanto ancorar-se bem á distancia de humza pedrada de terra. A ilhota dista um tiro de mosquete da ilha grande, no ponto mais estreito, e alli se pode fundear, mas não é comodo, pois o fundo é pedregoso. Ha muito pau bacalhau, mas está em alguns logares a uns dous ou tres mil passos da praia, e tambem ha guaiaco e alguns algodoeiros. No tempo das chuvas existe aqui e alli um pouco d'agua, mas a terra a absorve muito, visto ser pedregosa e secca e em alguns logares salgada, e quando se cava um poço só se encontra turfa. Ao lado sul sudoeste ha bellas planicies cobertas de um bóa relva e um bonito canal, mas d'agua salgada. A ilha tem cerca de duas leguas de extensão e tres leguas de circumferencia.

Partiram no dia 26 e tomaram rumo de modo a passar entre Hispaniola e Porto Rico.

No dia 1 de Fevereiro viram terra a cinco leguas ao norte. Era uma montanha alta na latitude de 18° 18' e no dia seguinte viram a ponta occidental do Sayona. Fatigaram-se bordejando até poder alcançar a ponta leste. No dia 14 avistaram *Mona* e, como o navio fazia muita agua, tiveram necessidade de fundear alli e lançaram ferro no dia seguinte junto a uma ponta baixa a 13 braças, em fundo de areia. Dirigiram-se para a terra em chalupas, mas chegando perto viram que todo o lado de oeste estava cercado por um recife e tinha forte arrebentação, de sorte que, não podendo chegar á praia, remaram para o lado do sul, onde encontraram muitos rochedos e abrolhos, tendo de alcançar a terra a nado e ali colhendo ás pressas umas 600 laranjas. Encontraram tambem um poço com agua.

Chegados a bordo, descobriram o lugar por onde entrava agua no navio e taparam-n'o. Dão a seguinte descripção da ilha.

A ilha de *Mona* está situada a 18° 10' de latitude norte, é pequena e fica a meio caminho entre Hispaniola e S. João de Porto Rico. Tem fundeadouro no lado de oeste e do sul. O lado de oeste não tem mais de meia legua de largura e não tem bom fundeadouro, pois é pedregoso.

Nessa ilhota não ha agua doce. Ha gado bovino, porcos e cabritos, ainda que difficéis de apanhar devido aos densos mattos. Existem alli boas e grandes laranjas e mais umas com arvores d'outra especie. Não tem mais de 1 leguas de circumferencia.

Partindo d'alli dirigiram-se para a Republica e a 12 de Abril chegaram a Vlissinghen.

A Companhia aprestou ainda neste anno uma esquadra sob o commando do valoroso Adriaen Jansz Pater, como almirante, e Marten Thijsz, como vice-almirante, esquadra para cuja formação concorreram com os seguintes navios:

A Camara de Amsterdam com: o *Prince van Oragnien*, novo, de 400 lastos, 10 canhões de bronze e 29 colubrinhas, 148 marinheiros e 83 soldados, capitão Adriaen Claesz. de Amsterdam; o navio *Zutphen*, 250 lastos, 12 canhões de bronze e 24 de ferro, 118 marinheiros e 45 soldados, capitão Heyn Claesz. O navio *Deventer*, 125 lastos, dous canhões de bronze e 24 de ferro, 63 marinheiros e 33 soldados, capitão Marten Gerritsz. Landtroede; o pequeno yacht

Rave, 15 lastos, 6 colubrinas, 25 marinheiros; capitão Hendrick Hendricksz. aliás Duyvel.

A Camara da Zelandia com: o navio *Zeelandia*, 330 lastos, 12 canhões de bronze e 22 de ferro, 154 marinheiros e 86 soldados, no qual ia o vice-almirante Marten Thysz. e que tinha por capitão Pieter Jansz. Snoeck; o navio *Hart*, 70 lastos, 2 canhões de bronze, 13 de ferro, 48 marinheiros, capitão Hendrick Worst; o yacht *Zee-Ridder*, 35 lastos, 4 canhões de bronze e 4 de ferro, 39 marinheiros, capitão Matheus Jansz.

A Camara de Mosa com: o navio *Rotterdam*, 130 lastos, 6 canhões de bronze e 12 de ferro, 53 marinheiros e 34 soldados, capitão Pieter Cornelisz. de Huyt; o *Valck* 100 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 72 marinheiros e 22 soldados, capitão Pieter Hendricksz. Kesa.

A Camara da Hollanda Septentrional com: o navio *Edam*, 170 lastos, 4 canhões de bronze e 18 de ferro e 123 homens; o yacht *Haentjen*, 40 lastos, 6 colubrinas e 32 homens.

A Camara de Groninga com: o navio *Pegasus*, 110 lastos, 6 canhões de bronze e 14 de ferro, 59 marinheiros e 36 soldados, capitão Allert Heres van Staveren.

Todos elles na maior parte se fizeram á vela no dia 15 de Agosto pouco mais ou menos. O almirante tinha ordem de cruzar algum tempo perto dos Açores, a fim de esperar a passagem das esquadras que viessem das Indias Occidentaes para a Hespanha. Cumprindo a ordem e tendo cruzado alli por muito tempo, não viu navio algum hespanhol, seguindo portanto a sua esquadra para as ilhas de Cabo Verde e fundeando em S. Vicente para refrescar a gente. Obtiveram agua cavando poços, mas não puderam arranjar bois, porque foram retirados pelos negros, que nos annos anteriores haviam sido maltratados pelos nossos compatriotas. Foi preciso por isso mandar um yacht á vizinha ilha de Santo Antonio, onde obtiveram alguns fructos para os seus doentes. Alli ficaram durante este anno.

FIM DO LIVRO QUINTO

SUMMARIO DO LIVRO SEXTO

Continuação da viagem do almirante Pater. Manda os navios *Deventer*, *Edam* e *Rure* a outra parte. Vae a Bahia e alli não encontra navios inimigos carregados. Seguem para Pernambuco e lá não acham o que capturar. Partem para as Antilhas e chegam a Granada. Encontram ali o *Deventer* com os outros dous navios. O *Pegasus*, *l' Hart* e o *Raza* tiveram ordem de ir cruzar em *Monges*. O almirante desembarca na ilha de S. João de Porto Rico. Capturam uma pequena barca. O almirante faz-se á vela com alguns navios para a ilha de Vaca. Os tres navios chegam a *Monges*. Não souberam cousa alguma e voltaram á esquadra. Descripção da ilha de Vaca. A esquadra chega ao cabo Corrientes. Capturam dous navios hespanhões de pouco valor. Ali se reúnem mais alguns navios á esquadra. Apresta-se uma nova esquadra para o seu auxilio, sob o commando de Jan Jansz. van Hoorn. Este chega á ilha *Barbudos*, *S. Vicente*, *Ilha Branca* e *Cabo Tiburon*. Parte para o cabo de Santo Antonio. Captura uma pequena barca. Descripção de S. Domingos. Juntam-se ao Almirante Pater. Capturam uma pequena barca. Partem para a costa das Tortugas. Juntam-se-lhes alli mais alguns navios. Voltam á costa de Cuba. Não encontram esquadra alguma do inimigo. Mandam nove navios para a Republica. Voltam com os outros navios a *Barbados*. Narração do que os Hespanhões fizeram aos Ingleses na ilha de S. Christovam. O Commandeur segue para *Monz*. O almirante navega no rio *Orenoco*. Chegam á villa de *S. Thomé*, a qual os proprios Hespanhões incendiaram. Apoderam-se de algum tabaco. Voltam a *Trinidad*. Apresta-se uma esquadra para o Brasil, para ir atacar Pernambuco, sob o commando do General *Loneq*. Descripção da esquadra com o numero de navios e tripolantes. Partida do General; chega perto das Canarias; divide a sua esquadra. Bate-se com a esquadra hespanhola de Dom Frederico de Toledo, sahindo sem damno algum. Capturam um patacho hespanhol. Chegam a S. Vicente de Cabo Verde, onde alguns dias depois se reuniram 25 navios. Motivos por que o resto dos navios e da gente está retido. O inimigo no *Veluwe*. A tomada de Bois le Duc, pelo principe de Orange. Partida do resto dos navios e sua chegada a S. Vicente, junto ao General. Partida d'alli com 52 navios e 13 chalupas de desembarque. Descripção das ilhas de Cabo Verde. Noticia sobre a expedição de Dom Frederico por cartas tomadas do inimigo dirigidas para S. Christóvam e Cartagena. Varios extractos de cartas hespanholas. Transbordamento do lago do Mexico e submersão da cidade. Considerações sobre os successos e sobre as empresas realizadas de ambos os lados. Relação mais ampla da calamidade que sobreveiu á cidade do Mexico, conforme uma carta dos padres.

LIVRO SEXTO

1629

Deixamos no anno passado o Almirante Adriacn Jansz Pater e o Vice-almirante Marten Thijsz., com a esquadra sob o seu commando, em S. Vicente, uma das ilhas de Cabo Verde. Agora vamos continuar a descripção da sua viagem d'alli em diante.

Fez-se á vela com a esquadra no dia 1 de Janeiro deste anno; mas os navios *Deventer*, *Edam* e *Race* foram mandados juntos á outra parte com certas instrucções e separaram-se no dia 12 na latitude de 5° 6' ao norte do equador, sob o commando de Marten Gerritsz. Landtroede. No dia 21 atravessaram a linha equinocial e no dia 2 de Fevereiro avistaram a costa do Brasil na distancia de tres leguas e a pouco mais ou menos 12 ou 14 leguas ao norte da Bahia de Todos os Santos. Ainda que não pudesse saber ao certo a situação da Bahia ou o numero de navios lá fundeados, resolveu no entanto o almirante, entrar no porto e procurar fazer o maior damno ao inimigo e trazer alguns despojos para a Companhia. Para esse fim distribuiu a esquadra em tres divisões: da 1ª faziam parte a *almiranta*, *'t Hart* e *de Haen*; da 2ª *Zeelandia* e *Pegasus*; da 3ª *Zulphen* e *Rotterdam*. Deu-lhes ordem para navegarem bem unidas e quando preciso prestarem immediato auxilio. No dia seguinte descortinaram a Bahia e seguiram para lá, lançando ferro ao meio-dia cerca de uma legua da cidade de S. Salvador. Viram que não havia alli mais de seis ou sete barcas vazias fundeadas proximo ao caes e muito perto da cidade e dos fortes, pelo que julgaram inconveniente e não valer a pena arriscar a gente e os navios para ir buscá-las. Acharam de melhor aviso partir d'alli na primeira occasião para os outros logares que os Directores haviam indicado. Partiram, portanto, no dia 4 sem fazer ou soffrer damno algum e puzeram-se a caminho para a Capitania de Pernambuco.

No dia 8 foi capturada pelo bote do Almirante uma pequena barca de transporte (que navegava pela costa, de um porto para outro) carregada de farinha, duas caixas de assucar, tres ditas de tabaco e 10 saccos de algodão. Souberam pelos prisioneiros que no dia 15 do mez passado haviam sahido da Bahia um galeão vindo de Goa e dous outros navios grandes, um de Portugal e o outro de Hamburgo e umas 20 barcas, tendo assim os nossos navios chegado muito tarde. Retiraram as fazendas da pequena barca e deixaram os Portuguezes ir embora com ella.

Não podiam navegar para o norte por causa dos ventos contrarios e por 33 dias estiveram bordejando para alcançar o cabo de S.^{to} Agostinho; comtudo no dia 8 calculando estar na latitude do mesmo approaram para a costa, na direcção de oeste. Avistaram-n'o no dia seguinte e pouco depois o porto de Olinda de Pernambuco. Alli veio ter com os nossos um negro numa jaqueta, pelo qual souberam que tres navios iam sair, mas vendo a nossa esquadra voltaram a ancorar dentro do recife. O almirante viu portanto que não havia alli nada que fazer, pois, tendo sido descoberto pelo inimigo, os navios que se achavam dentro do porto não sahiriam, e assim não achou conveniente perder mais tempo e partiu para as Antilhas.

O vento e a corrente lhe foram tão favoraveis que no dia 1.^o de Abril chegou a avistar a ilha de Granada, o que estava completamente fóra dos calculos de todos os pilotos, que julgavam e affirmavam achar-se pelo menos a umas 100 leguas d'alli, pelo que se deve ter cautela naquella paragem. Fundearam no dia seguinte e lá encontraram o *Deventer*, o *Edam* e o *Rare*, com os quaes não haviam podido encontrar-se na costa do Brasil.

Os indios dessa ilha obedecendo á sua mándole haviam assassinado á traição, alguns dias antes, seis homens do navio *Deventer*, por cujo motivo reinava grande agitação, sendo arriscado para os nossos o desembarque. Comtudo, como a maior parte dos nossos navios tinham falta d'agua e de lenha, mandaram á terra um contingente de soldados para defender contra os indios os carregadores d'agua e os cortadores de lenha. O *Pegasus*, o *Hart* e o *Rare* foram mandados para cruzar pela costa do continente na vizinhança de Monges e partiram no dia 7. O resto da esquadra fez-se á vela no dia seguinte e no dia 12 fundeou junto á ilha de S. Christovam e no dia 19 no porto de S. Francisco, na costa occidental da ilha de S. João de Porto Rico. O almirante mandou alguma gente á terra para procurar refrescos, mas como não achassem laranjas partiram no dia 21 e navegaram pelo norte de Monico e ancoraram no dia 24 junto a Mona. Ahi acharam tão pouco do que precisavam que os refrescos para os doentes começaram a esgotar-se. Os navios estando a cruzar perto d'alli, o *Deventer* capturou uma pequena barca, vinda de Porto Rico, na qual havia 36 pessoas e entre essas dous padres. Segundo os prisioneiros declararam, havia na barca 4.000 reales de oito e alguma prata lavrada, mas, como os marinheiros a haviam saqueado desordenadamente, a principio appareceu pouco, mas dando-se depois rigorosa busca foram encontrados 3.200 reales de oito e tambem alguma prata lavrada e algumas joias de ouro. O Almirante, julgando criteriosamente que este logar podia ser occupado por poucos navios

e que eram precisos mais refrescos para a tripolação, deixou ali somente a sota almiranta e dous navios ligeiros e partiu com os grandes para a ilha de Vacca, onde ancorou no dia 8 deste mez. Os tres yachts que se separaram da esquadra, como já foi dito, no dia 7 de Abril, chegaram no dia 9 do mesmo mez à ilha Branca e fizeram-se à vela depois de apanhados e mortos uns 1.000 cabritos, e, navegando ao longo da *Tortuga* para o continente, avistaram-n'o no dia 14. Navegando depois por entre o mesmo e as ilhas adjacentes, *Rocas*, *Ates*, *Bonaire*, *Curaçau* e *Aruba*, ancoraram no dia 21 de Abril junto às *Monges*. Essas *Monges* são umas ilhotas, situadas umas proximas das outras, cerca de 12 graus ao norte do equador. Junto a ellas ha bons ancoradouros de 20 a 30 braças d'agua em fundo firme de areia.

Essas ilhotas são regularmente altas, mas completamente estereis, sem a menor planta ou herba. Só se encontram alli ovos de passaros em grandá quantidade e ao redor das mesmas se pesca muito peixe entre os rochedos.

Ficaram até o dia 9 de Maio e, tendo terminado o prazo que lhes ordenaram esperassem e como não vissem nenhum navio hespanhol, partiram d'alli, passaram perto de Hispaniola e no dia 12 foram reunir-se à esquadra por traz da ilha de Vacca. Nesse interim chegaram: o —navio *Walcheren*, da Camara da Zelandia, e juntamente com este o *Zuydt Sterre*, um yacht da mesma Camara (fallaremos mais tarde sobre a sua viagem), os quaes partiram da Zelandia no dia 19 de Fevereiro. Pelo diário da esquadra a ilha de Vacca está situada na latitude de 18 graus e 8 minutos ao norte do equador e é toda baixa e o porto em que costumam fundear é situado a leste, podendo ancorar-se nelle a 5, 6 e 10 braças d'agua, em fundo de areia. Diz mais o diário que a mesma ilha é toda coberta de matta, tendo tambem bons prados; correm por ella bellos ribeiros e ha muitos cavallos, bois, vaccas e porcos, mas é muito difficil apanha-los.

A bahia situada do outro lado, na qual os nossos costumam ancorar e onde essa esquadra tambem esteve, está a cerca de 2 leguas a noroeste da ilha; ancora-se alli em 5 até 10 braças d'agua sobre um bom fundo de areia. Ao lado norte dessa bahia desembocca um magnifico rio, cujas aguas a uma legua de distancia da costa são completamente doces.

A terra de Hispaniola que fica perto d'aqui é muito alta e coberta de arvores. Por alli não mora ninguem. Ha muito gado bovino, cavallos e porcos que são muito difficéis de apanhar por causa da falta de caminhos, principalmente para quem não está provido de cães. Produz esse logar uma tal quantidade de pequenos limões, que a nossa gente colheu uns 200.000. Era o tempo das chuvas e quasi todos os dias eram importunados por ellas. Havendo-se refrescado completamente e abastecido de agua e de lenha, fizeram-se à vela no ultimo de Maio e da ilha de Vacca no dia 2 de Junho, tomando o rumo de oeste. No dia 7 avistaram as *Caimãs* e no dia 11 o cabo de *Corrientes*, que é uma terra coberta de arvores, aos 21° 20' ao norte da linha. Mantiveram-se algum tempo por alli á espreita dos navios hespanhoes. No dia 26 avistaram duas velas estrangeiras, às quaes deram caça. A maior foi capturada pelo bote do yacht *Hart* e estava carregada na maior parte

com sal e tinha além disso 458 reales de oito, 3 caixas de tecidos coloridos de algodão, 5 ou 6 caixas com velas de cera, 8 ou 10 malas com redes e sapatos e mais alguns caixões com roupas e miudezas. A outra foi capturada pelo botê do *Walcheren* e só tinha sal e um pouco de peixe salgado. Ambas vinham de Campeche. Como a gente desses navios dissesse que chegaria dentro em pouco uma grande esquadra hespanhola, o almirante Pater dividiu a sua esquadra em tres partes, para mais facilmente a descobrir. A primeira e principal constava dos navios *Prins Wilhelm*, no qual ia o almirante, *Zelandia*, *Zutphen*, *Walcheren* e *Rave*, divisão que devia manter-se no meio, para em caso de necessidade ir em auxilio das outras. A segunda era composta do *Deventer*, do *Edam* e do *Pegasus* e devia seguir pelo lado de terra. A terceira compunha-se do *Rotterdam*, do *Hart* e do *Haen*, os quaes deviam navegar pelo lado do mar. As duas ultimas deviam trocar diariamente as suas posições e todas tres deviam conservar-se à distancia em que se pudessem avistar. Dessa forma andaram navegando de cá para lá procurando a tal frota hespanhola. Juntaram-se à esquadra no dia 8 de Julho o *Zeeuwsche Jagher* de 80 lastos, com 4 canhões de bronze e 12 de ferro, 56 homens, capitão *Jan van Stapel*, navio que partira da Zelandia em Janeiro e trouxera tambem alguns colonos para a ilha de Tabago, e o *Zee-Ridder*. No dia seguinte veio o *Vriessche Jagher*. Taes navios foram distribuidos pela esquadra. E finalmente no dia 10 chegaram o *Witten Leeuw*, o *Dolphijn*, o *Leyden* e o *Katte*, sob as ordens do commandeur *Jan Jansz. van Hoorn*, de cujos successos e viagem até aqui vamos dar um resumo.

A assemblea dos XIX resolvera, como no anno precedente, aprestar um grande numero de navios e yachts e prover-os de tudo para reforçar e refrescar a esquadra do almirante *Adriaen Jansz. Pater*. Para esse fim partiram no dia 19 de Fevereiro deste anno pela Camara da Zelandia o navio *Walcheren*, capitão *Jan Mast*, 280 lastos, 9 canhões de bronze e 22 de ferro, 155 marinheiros e soldados, o yacht *Zuydt-Sterre*, 30 lastos, 4 canhões de bronze e 4 de ferro e 44 marinheiros, e o *Zeeuwsche Jagher*, de que já fallamos.

Pela Camara de Amsterdam, sendo commandeur *Jan Jansz. van Hoorn* partiram os seguintes: o navio *Witten Leeuw*, 250 lastos, 4 canhões de bronze e 26 de ferro, 131 marinheiros, 45 soldados; o navio *Dolphijn*, capitão *Jochim Gijsen*, 140 lastos, 4 canhões de bronze e 24 de ferro, 90 marinheiros e 33 soldados; o navio *Leyden*, capitão *Albert Hendricksz*, 220 lastos, 4 canhões de bronze e 22 de ferro, 104 marinheiros e 42 soldados; o navio *Dry Konighen*, 230 lastos, 2 canhões de bronze e 28 de ferro, 132 marinheiros e 41 soldados, capitão *Cornelis Meyndertsz*; o yacht de *Katte*, capitão *Jacob Barentsz.*, 90 lastos, 14 colubrinhas, 52 marinheiros e 21 soldados. Fizeram-se á vela do Texel no dia 21 de Abril.

Partiu um pouco antes pela Camara de Groninga o navio *Vriessche Jagher*, 140 lastos, capitão *Glaes Hendricksz.*, 4 canhões de bronze e 18 de ferro, 90 marinheiros e 22 soldados.

No dia 15 de Maio, pela Camara de Mosa, partiram o navio *Dordrecht*,

200 lastos, 1 canhões de bronze e 22 de ferro, 120 marinheiros e 30 soldados, e o *Tiger*, 60 lastos, capitão Leunis Pietersz. Hollaer, 2 canhões de bronze e 22 de ferro, 68 marinheiros e 17 soldados.

Da Camara da Hollanda Septentrional partiu o navio *Griffioen*, capitão Jan Cornelisz. Keert de Koe, 250 lastos, 8 canhões de bronze e 24 de ferro, 125 marinheiros e 80 soldados.

Vamos agora narrar o que na viagem succedeu ao Commandeur Jan Jansz. van Hoorn. No dia 21 de Abril, como já foi dito, tendo partido com seus quatro navios e um yacht, avistaram no dia 17 de Maio a ilha da Madeira e dous dias depois *La Palma*. No dia 10 de Junho avistaram a ilha de Barbados, o meio da qual calcularam estar a 13 grãos e 15 minutos ao norte da linha. Não tem muita altura e estende-se na maior parte a sudeste quarta de leste e a noroeste quarta de oeste cerca de 8 leguas. No dia seguinte avistaram *S. Vicente* e ancoraram no dia 12 na bahia sudoeste da ilha de *Granada*. Os selvagens que nella habitam são muito maus, fugiram quando nos viram e não quizeram chegar á falla, mostrando-se hostis, atirando flechas envenenadas pelo que os navios partiram d'alli depois de se abastecer de agua e lenha, mas não obtiveram refrescos. No dia 17 chegaram á ilha *Branca*, ancoraram na bahia a oeste e apanharam muitos cabritos; deixando aquelle porto no dia seguinte, ancoraram no dia 23 na enseada occidental junto ao cabo *Tiburon*. Encontraram cartas dos navios da Zelandia, que haviam partido d'alli no dia 12. O *Katte* foi mandado á ilha de *Vacca* para procurar o almirante Pater. O cabo *Tiburon* apresenta-se á vista como uma bola que veiu correndo de cima e que ficou detida em um ponto plano; é portanto muito facil de reconhecer, parecendo que tivesse cahido das *Sierras de Donna Maria*.

Alli os navios lançaram ferro.

O cabo estava a noroeste quarta de oeste na distancia de uma legua, a ponta oriental a sudoeste quarta do sul e o valle, onde ha agua doce, a leste quarta de nordeste na distancia de um tiro de mosquete. Os pilotos calcularam que este cabo estava a noroeste quarta de oeste da ilha *Branca* na distancia de 150 leguas, numa latitude com differença para menos da que vem nos mappas, isto é a 18° 20'.

No dia 27 voltou o *Katte*, não tendo encontrado no ponto proprio para o refrescamento nenhuma resposta, mas apenas vestigios de que ultimamente alli haviam estado navios.

De modo que o Commandeur, abrindo as instrucções secretas que trazia para o almirante, resolveu partir immediatamente para o cabo *São Antonio*. Fizeram-se no dia 27 á vela e capturaram uma pequena barca hespanhola de 10 lastos, carregada com 300 vasilhas de vinho e nove de aguardente, dous fardos de linho e 74 reatas de oite, a qual partira de *S Domingos* no dia 21 com destino a *Santiago de Cuba*. Souberam pelos prisioneiros, assim como por varias cartas, que Dom Gabriel de Chaves Osorio, um velho soldado que era então governador e lá se achava havia dous annos, que eram exercitados diariamente nas armas 300 homens, tanto civis como soldados, que no dia 9 de

Novembro do anno passado houvera uma tempestade com ventoleão violento que derrubara as muralhas, os fortes, muitas casas e conventos, de sorte que a cidade estava toda arruinada e o governador tinha muito que fazer nos reparos das muralhas e dos fortes. Ao mesmo tempo se construíam um forte e uma plataforma até a margem do rio. Estavam então tomando carga 6 navios, entre esses um de 250 lastos que devia partir em meados de Julho para Cartagena afim de seguir com os galeões para a Hespanha, visto como pelo receio dos navios holandezes não ousavam mais navegar ao longo da costa de Porto Rico. Havia mais mercadorias em S. Domingos do que navios para as carregar e era portanto provavel que muito gengibre ficasse deteriorado. Era grande a falta de pannos para roupas. O governador quixava-se tambem do proprio governo da metropole, dizendo que não havia em que se ganhar e que não circulava mesmo o dinheiro de cobre e, posto que existissem alli ricas minas, se não encontrava quem fosse trabalhar nellas. Os indios foram exterminados e os hespanhoes eram muito preguiçosos. De sorte que é muito crível que se não fosse por se manter alli a Audiencia Real, Camara e toda a extensão até Coro, esta cidade inclusive, e muito provavelmente a maior parte da ilha seriam abandonadas pelos hespanhoes. No dia seguinte avistaram a ponta oriental de Cuba, passaram por entre Navaza e cabo de Tiburon e viram no outro dia uma vela estrangeira para a qual correu depressa o *Katie*, mas depois de passar *El Gran Tarquino* (um monte facil de reconhecer na ilha) e ao avistar o cabo da Cruz viram a mesma vela na vizinhança deste ultimo. Este cabo se reconhece bem, vem descendo das terras altas do interior, estendendo-se para oeste. É uma ponta de terra elevada e plana, com algumas arvores na extremidade, cercada de muitas ilhotas, que se chamam *El jardin de la Reyna*. Esta ponta dista do extremo norte da ilha cerca de 20 leguas, segundo affirmou o piloto prisioneiro.

No 2 de Julho viram a grande Cayman, no dia seguinte a ilha de Pinos, a qual no dia 4 reconheceram melhor, e no dia 5 estavam perto do cabo de *Corrientes*, sendo este um tanto mais alto do que a terra adjacente e coberto de arvoredo. Avistaram uma vela estrangeira, a qual o *Katie* deu enca e fez abater a bandeira perto do cabo de Santa Antonio. Era um pequeno barco vindo de Havana á caça de animaes, para o que trazia tres cães e seis maquetes. Souberam pelos prisioneiros que os hespanhoes tiveram por varios meios noticia da vinda da nossa esquadra, a qual fôra avistada de muitos pontos, e que o governador de Havana, Dom Laurenzo de Cabrera, mandara barcos a todos os logares para dar aviso e ajuntara em Havana todo o povo que pudera. A barca capturada, por ser boa para vela, foi tripolada. Tambem foi capturada no principio de Julho pelo *Vriesche Jagher* uma fragata hespanhola, vinda de S. João de Ulloa, carregada de pão para o forte de Havana, tendo-se encontrado nella 270 reales de oito, 50 peças de armezina, 33 barrizinhos de polvora e alguma prata lavrada.

No dia 10 de Julho (como já foi dito) juntaram-se ao almirante Pater, cujos successos agora continuamos a dar. No mesmo dia avistaram o monte da Coroa situado ao lado norte da ilha de Cuba e por alguns dias

ficaram cruzando nas vizinhanças de Havana. No dia 14 viram uma pequena vela estrangeira. O yacht *Haen* e a barca capturaram-n'a e trouxeram-n'a para junto da esquadra, a qual contava então 20 velas. Nesse pequeno harco só acharam agua salgada e algumas cartas, pois a gente fugira para terra. O almirante resolveu de accordo com o seu conselho secreto partir para as costas das *Tortugas* e lá esperar a vinda da esquadra hespanhola e, tendo primeiro tomado conhecimento do paiz, seguiu no dia 18 para noroeste com uma brisa regular do norte quarta de nordeste. No dia seguinte ao meio dia estava na latitude de 24 grãos e 25 minutos ao norte da linha.

No dia 21 os nossos avistaram a costa e na sondagem encontraram 40 braças d'agua, sobre um fundo de areia branca, com algumas pedrinhas da mesma côr e algumas agulhas vermelhas encrustadas, e ao meio dia pela observação do sol obtiveram a latitude de 25 grãos e 40 minutos. No dia seguinte ancoraram em 36 braças d'agua.

Os pequenos yachts tiveram ordem de cruzar para explorar melhor a costa. No dia 26 sobreveiu uma violenta tempestade com trovoadas e relampagos. O *Zeeuwache Jagher* teve o mastarco da gata arrancado e atirado em baixo e o temporal, batendo no mastro, carregou com um estilhago que cahiu no peito do dispenseiro matando-o immediatamente, feriu gravemente a mais dous homens e voou pela portinhola de um canhão tirando-o fora do lugar. Fizeram-se á vela no dia 28 e no dia seguinte veio juntar-se á esquadra o navio *Swaen*, de Middelburgo, 250 lastos, capitão Samuel Lucasz., 4 canhões de bronze e 18 de ferro, 114 marinheiros e 95 soldados, que partira da Republica no dia 17 de Maio.

Mantiveram-se na maior parte a 14 braças de fundo. Choveu fortemente todo o dia com trovões e relampagos. Juntaram-se á esquadra no dia 7 de Agosto o *Dordrecht* ou *Sphera Mundi* e no dia seguinte o *dry Koninigen*, o *Griffoen*, o *Zuydt Sterre* e o *Tiger*. No dia 12 chegou tambem o navio *It Wapen van Modenblich*, pela Camara da Hollanda Septentrional, 150 lastos, 6 canhões de bronze e 16 de ferro, 85 marinheiros e 15 soldados, capitão *Outger Janse*, *Minna*, que partira da Republica a 27 de Maio. Assim todos os navios mandados para reforçar a esquadra já haviam chegado. O navio *dry Koninighen* fizera-se á vela do Texel no dia 21 de Abril, chegou no principio de Junho ás ilhas Canárias e no dia 28 a S. Vicente e foi depois fazendo escala por *Mona*, *Sarcia* e outras ilhas e reuniu-se aos outros, mas não capturou cousa alguma pelo caminho. No dia 15 como se haviam detido por tanto tempo nas costas de *Tortugas*, sem ver nenhum barco pelo qual pudessem saber alguma cousa quanto á chegada da esquadra hespanhola, ficou resolvido partirem para *Rio de Porcos*, na extremidade oeste de Cuba e cruzarem alli. Navegaram com o rumo sul e sul quarta de sudoeste com uma brisa regular de leste quarta de sudeste; no dia seguinte ao meio dia avistaram a Corôa, que os hespanhoes chamam *El Pên de Cabannas*, e acharam-se então a 23 grãos e 41 minutos. O *Porto de Cabannas* está situado a cerca de tres leguas a oeste da Mesa e a 8 leguas de Havana. Quem quizer entrar alli deve ter a sudoeste quarta oeste o monte da Corôa; na entrada deve ter cautela com um banco que está do lado de leste

da costa e approximar-se tanto do lado de oeste que possa atirar uma pedra em terra, porque alli ha fundo, pelo menos quatro braças d'agua sobre assento de arcia. Os que vêm do mar e querem entrar nesse portó devem navegar com o rumo para a primeira terra alta a oeste da Mesa e a leste da Cova e ali verão a entrada. Dentro ha lugar para ancorarem mil navios abrigados contra todos os ventos, de sorte que é um lugar muito commodo para construir navios e para os por na querená. Ha alli umas ilhotas, nas quaes antigamente existiu uma aldeia de vaqueiros e carpinteiros. Ha pouca agua doce. Do lado de oeste da barra existe um pogo onde se podem abastecer d'ous ou tres navios.

A terra ao redor é alta e coberta de matto. Depois de obter em *Cabannas* e no *Rio de Porcos* agua para os navios e haver passado perto de Havana, onde estavam ancorados uns 6 navios, apanharam uma barca e como não levasse carga incendiaram-n'a. Continuando a cruzar por alli até o dia 11 de Setembro sem avistar esquadra ou navio do inimigo e como começasse a chegar a estação do inverno e das tempestades, retiraram as baterias mais baixas dos navios e arrearão os joanetes cerca de oito leguas a leste de Havana. No dia seguinte o almirante reuniu o conselho e porque lhe causasse contrariedade não ter tido occasião de, com uma esquadra tão importante, causar damnos ao inimigo e trazer vantagens á Companhia, resolveu passar o inverno nas Antilhas com os navios recémvindos e os outros que fosse conveniente ficassem e para esse fim transferir-se para o *Witte Leeuw* e fazer tripolar a barca *Cabannas*. Logo que entraram no dia 21 no Canal de Bahama passou-se com effeito para o *Witte Leeuw*.

No dia 2 de Outubro estando na latitude de 32 grãos e 22 minutos, 9 navios separaram-se da esquadra e partiram para a Republica, a saber: *Prins Wilhem*, *Zeelandia*, *Zulphen*, *Rotterdam*, *Pegasus*, *But*, *l'Hart*, *Haen* e *Neventer*.

Nos mesmos seguiram as fazendas capturadas ao inimigo até aquelle dia, a saber: 218 caixas de assucar, tres caixas de tabaco, alguns couros secos, 4018 reales de oito e tambem muitas jóias de ouro e prata, mas tudo isso não tinha importancia, considerando-se as grandes despesas feitas com a esquadra. O almirante com o resto dos navios, depois de se achar no dia 3 de Outubro na latitude de 33 graus e 5 minutos, começou a ganhar o sul e alcançou no ultimo de Outubro a latitude de 13 grãos e 15 minutos, de sorte que no dia 4 de Novembro avistou Barbados. Ancoraram no dia seguinte no lado sudoeste da mesma ilha e alli se refrescaram. Encontraram cerca de 1500 inglezes estabelecidos e occupados em plantar tabaco. No dia 14 partiram o *Walcheren*, o *dry Koninghen* e *l'Wapen van Medenblich*, para Granada, e no dia 16 o *Witte Leeuw*, com o commandeur Jan Jansz. van Hoorn, e mais os navios *Swæen*, *Griffoen* e *Leyden* para S. Vicente, onde ancoraram no dia seguinte. Vamos narrar em primeiro logar a viagem deste ultimo.

Havendo-se refrescado um pouco, partiram no dia 23 e chegaram no dia 30 em frente á bahia de S. Christovam, mas não pararam alli e foram ancorar no porto da ilha Neves, onde encontraram quatro navios inglezes,

os quaes haviam deixado Londres em Julho. Alguns dos inglezes foram a bordo do *Witte Leeuw* e contaram aos nossos que havia tres mezes que Dom Frederico de Toledo estivera na ilha de S. Christovam com 38 navios de guerra e 3 navios hamburguezes carregados de provisões e encontraram 9 navios inglezes que logo atacaram. Estavam fundeados em S.^{to} Eustaquio 10 navios francezes, que apenas os avistaram se foram embora.

Dom Frederico desembarcou em seguida em S. Christovam e, como os inglezes não fizessem resistencia confiando na paz que existia entre o seu rei e o da Hespanha, os hespanhoes destruíram-lhes o forte e tudo que encontraram. Os francezes que estavam estabelecidos em um outro ponto da mesma ilha minaram o seu forte e tambem puzeram alguma polvora nas casas e, vendo que a força era muito grande para poderem resistir, fizeram saltar tudo morrendo na explosão alguns hespanhoes. Em represalia os hespanhoes mataram todos os francezes que apanharam.

Com os inglezes Dom Frederico procedeu astuciosamente (assim contaram elles). Declarou que qualquer poderia partir com o fumo que lhe pertencesse e as familias poderiam ir com os seus bens para a Inglaterra e que alem disso todos deviam apresentar o fumo para ir despachado com a sua marca. Os inglezes acreditando nisso trataram de colher e pôr no porto aquelle producto, mas, depois de o ter recebido, elle mandou recolhel-o todo aos seus navios, dizendo que era propriedade do seu amo e não delles e que não quebrava a sua promessa tomando para este o que lhe pertencia. Segundo o que disseram, havia bem umas 500.000 libras de tabaco. Fez depois disso todos os inglezes que alli habitavam embarcar em seis dos nove navios de que acima fallamos, acompanhando-os um dos hamburguezes e deixou-os ir embora, guardando consigo os outros tres navios, juntamente com 500 ou 600 homens dos mais valentes, elevando-se a 2.000 o numero dos que foram repatriados. Dom Frederico tinha, segundo o calculo delles, uns 12.000 homens em sua esquadra, para com ella garantir todas as praças fortes nas Indias Occidentaes, tal era o medo que o rei da Hespanha tinha das esquadras da Companhia das Indias Occidentaes. Isso é o que os inglezes referiram.

O Commandeur fez-se á vela de *Nieves* no dia 2 de Dezembro e ancorou no dia seguinte ao lado do sul da ilha de S. *Martin*. No dia 4 partiram d'alli tomando rumo norte quarta a noroeste e ancoraram junto á ilha *Anguilla*, situada a 3 ou 4 leguas ao norte de S. *Martin*, uma terra plana, que se estende de leste a oeste, e, fazendo-se novamente á vela, passaram depois do meio dia a ilha *Sombrero*, uma ilhota baixa e rasa. No dia 7 ao meio dia avistaram as ilhas situadas a leste de *Porto Rico* e, continuando a navegar ao longo da costa da grande ilha de S. João, avistaram no dia 10 á tarde a ilhota da *Mona* e detiveram-se por algum tempo entre *Mona*, *Monico* e *Zacheo* e fundearam finalmente junto a *Mona*. Não vendo perto d'alli nenhum navio ou barco hespanhol, tomaram o rumo de *Hispaniola*, e no dia 23 avistaram o cabo *Del Enganno* a extremidade oriental de *Hispaniola*, que estava distante d'elles cerca de tres leguas ao norte, quarta de nordeste. Esse cabo é uma ponta

baixa, à flor d'agua, avistando-se porem para o interior alguns montes altos. Nada observando alli, partiram outra vez para Mona, onde ficaram cruzando até o fim do anno.

Voltemos agora ao almirante Pater, que deixamos em Barbados.

Partiu no dia 19 de Novembro com o vice-almirante Marten Thijsz. com os navios ligeiros *Dolphyn*, *Tiger*, *Zeeuwsche*, *Jagher*, *Vriessche Jagher*, *Katto*, *Zuydt-Sterre*, *Zee Ridder*, *Rave* e *Cabannas* (como se chamava o harco capturado) e as chalupas do *dry Koninghen* e do *Griffoen* e com a maior parte dos soldados de todos os navios que estavam sob as ordens do almirante. No dia seguinte pela manhã estavam a 11 grãos e 4 minutos de latitude, no dia 21 a 9 graus e 48 minutos e no dia immediato avistaram o continente da America e ancoraram a oito braças sobre um fundo de argilla. No dia 23 levantaram ferro e navegaram mais perto da costa, mas ao meio dia, só tendo encontrado duas e meia braças de fundo lamacento, fizeram-se novamente ao mar e acharam depois pela sonda cinco braças de fundo e ali fundearam. No dia seguinte verificaram estar em frente ao rio Orenoco e conseguiram que um indio d'aquella região viesse a bordo para os guiar na navegação do rio. Fizeram-se à vela no dia 25 e foram ancorar em 3 e meia braças d'agua. Ficaram alli dous dias e no dia 28 encontraram um hespanhol de S. Thomé da Guyana, mas deste não obtiveram informação util. No outro dia partiram para o mar e lançaram ferro a cinco braças de fundo. No dia 30 fizeram-se à vela e chegaram á tarde ao rio Orenoco, ancorando a 10 braças em fundo de argilla.

A foz desse rio para o qual se dirigiram está situada a 8 grãos e meio de latitude. Vêem-se á entrada algumas ilhotas. No dia 1 de Dezembro fizeram-se à vela, mas pouco avangaram devido á calmaria e fundearam á tarde a 5 braças d'agua. No dia seguinte continuaram a navegar e fundearam novamente á tarde. Todos os navios tiveram ordem de ter promptas suas ancoras com as espas curtas para ajudar a passar uma ponta que se estende a leste em direcção ao vento. No dia 3 dobraram o cabo, mas alguns navios encalharam por ser alli raso. No dia 4 ficaram parados por causa da calmaria e da chuva. No outro dia, tendo-se reanimado a brisa, navegaram outra vez, mas á tarde tiveram novamente de fundear por falta de vento. E assim continuaram navegando de dia e fundeando á tarde até o dia 10, quando encontraram 14 pés d'agua em bom fundo de areia. No dia seguinte pela manhã continuaram a navegar e pelo meio dia avistaram a pequena cidade de S. Thomé. Estavam depois do meio dia á distancia de uma legua. Os habitantes da cidade, vendo chegar os nossos e não lhes podendo offercer resistencia, atearam fogo ás casas. Os nossos ancoraram ás 5 horas da tarde, dispararam alguns tiros de canhão, desembarcaram todos os soldados e entraram na cidade apressando-se em apagar o incendio. Aquartelaram-se e collocaram sentinellas contra o ataque dos hespanhoes e durante a noite tiveram de pegar em armas umas trinta vezes, porque o inimigo tentava passar, rastejando pelas sentinellas. A pequena cidade estava situada junto á margem de um riozinho proximo a um monte. Havia no meio do grande rio

uma ilha de tamanho regular. No dia immediato o almirante tratou urgentemente de mandar procurar todas as fazendas que não houvessem sido damnificadas pelo fogo ou avariadas e trazel-as para a frente da sua tenda. No dia 13 puzeram o tabaco em pipas vasias e levaram-no para bordo. No outro dia arrasaram as casas que ainda estavam de pé e destruíram tudo na cidade e, como o almirante visse não haver mais utilidade em permanecer alli, embarcou a sua gente e ás tres horas da tarde fizeram-se á vela e ancoraram á noite. Assim proseguiram navegando e ancorando, algumas vezes encalhando e novamente fluctuando. No dia 28 sahiram do rio Orenoco. No dia seguinte tendo tomado o rumo de nordeste quarta de leste, estavam ao meio dia a 9 graus e 2 minutos e avistaram quatro ilhotas.

O almirante embarcou no *Zee-Ridder*, para melhor explorar a costa. No dia 30 navegaram bem junto á costa da ilha de *Trinidad* e fundearam á tarde a 10 braças em um fundo de argilla. No dia seguinte fizeram-se á vela com o rumo de leste quarta de nordeste ao longo da costa da ilha e cerca de tres horas da tarde, estando entre o continente e a *Trinidad*, fundearam a 8 braças junto á *Punta del Gallo*. Deixemos ahi o almirante para proseguirmos com a descripção da sua viagem no livro immediato. A Companhia, achando-se agora bastante prospera por ter capturado a esquadra da *Nova Hispania* e pelas presas feitas pelo Commandeur Direk Symonsz. van Uytgeest e por outros, do que já fizemos menção, e tendo adquirido tantos meios para proseguir nos seus designios sobre as possessões do rei da Hespanha, começou a tratar de saber qual dellas devia conquistar. Varias regiões da America foram lembradas, mas, depois de reflectirem bem, lançaram as vistas sobre o Brasil. Algumas outras praças foram então indicadas e não devemos mencional-as, para não prevenir o inimigo, podendo ser que Deus ainda forneça occasião á Companhia para por em execução esses projectos. As razões para a conquista do Brasil foram na maior parte as mesmas que moveram a Companhia a atacar e conquistar a Bahia. Não acharam de bom conselho fazer segunda tentativa no mesmo ponto por causa de alguns embarços e principalmente porque estavam alli prevenidos e assim foi deliberado que se dirigissem ao norte do Brasil e especialmente a Pernambuco, por causa da sua situação e do rico trafico que alli se faz do assucar e do pau brasil. Para dirigir essa expedição foi escolhido pela Assembléa dos XIX para General da esquadra o bravo Hendrick Loncke, o qual como almirante sob o commando do General da esquadra, Pieter Pietersz. Heyn o ajudara a capturar no anno passado a esquadra da *Nova Hispania*. Agora o General Pieter Pietersz. Heyn foi nomeado vice-almirante da Republica. Para almirante foi escolhido o bravo heroe do mar Pieter Adriaensz. Ita e para vice-almirante Joost van Trappen, appellidado Banckart. Outros bravos officiaes, como Direk Symonsz. foram tambem designados. Como chefe ou coronel das tropas foi escolhido o gentilhomem Diederigh van Waerdenburg, sendo tambem escolhidos tres tenentes coronéis e um sargento-mor.

Foram mandados muitos navios para essa empreza em varias epochas (não se puderam apromptar todos ao mesmo tempo) e partiram da Republica,

como vamos referir. Em primeiro logar deixaram a Zelândia no dia 17 de Maio os seguintes navios e yachts: *Princesse Amelia*, no qual partiu o vice-almirante, 300 lastos, 20 canhões de bronze (entre esses, dois atiravam 24 libras de ferro, seis 18 libras e dez 12 libras) e 18 colubrinhas, 254 homens; o *Spane*, 250 lastos, 4 canhões de bronze e 18 de ferro, 114 marinheiros e 95 soldados, capitão Samuel Lucasz.; o *Gulde Sonne*, 160 lastos, 4 canhões de bronze e 16 de ferro, 89 marinheiros e 42 soldados, capitão Jacob Huyghen; o *Dombuegh*, 130 lastos, 4 canhões de bronze e 18 de ferro, 88 marinheiros e 38 soldados, capitão Cornelis Lonque, de Vlissinghen; o *Leuwe*, 120 lastos, 2 canhões de bronze e 14 de ferro, 69 marinheiros e 40 soldados, capitão Adriaen Knaep; o *Meerminne*, 40 lastos, 4 canhões de bronze e 4 de ferro, 43 homens, capitão Marinus Dircksz. Do Texel fizeram-se à vela no dia 23 de Junho: o navio *Hollandia*, 300 lastos, 12 canhões de bronze e 22 de ferro, 125 marinheiros e 93 soldados, capitão Thomas Sickes; o *Salmander*, 300 lastos e 30 canhões de ferro, 134 marinheiros e 85 soldados, capitão Pieter Fransz.; o *Pama*, 300 lastos, 6 canhões de bronze, que atiravam 24 libras de ferro, dois falcetes batidos e 30 canhões de ferro, 132 marinheiros e 60 soldados, capitão Oucke Douwes; o *Amersfoort*, 300 lastos, 8 canhões de bronze e 10 de ferro, 87 marinheiros e 54 soldados, capitão Dirk Symonsz. de Medenblik; o *Provincie Overijssel*, 160 lastos, 8 canhões de bronze e 18 de ferro, 77 marinheiros e 31 soldados; o *Dirke*, 60 lastos, 6 canhões de bronze e 8 de ferro, 41 marinheiros, capitão Jan Jansz. Vos. Do Passo de Goeree partiram a 27 do mesmo mez: o navio *Amsterdam*, no qual ia o General Lonque, 500 lastos, 24 canhões de bronze e 18 de ferro, 155 marinheiros e 107 soldados, capitão Pieter Willemsz.; o *Hollandische Thuyt*, 400 lastos, 16 canhões de bronze (entre os quaes 6 atiravam 24 libras de ferro) e 22 canhões de ferro, 118 marinheiros e 102 soldados, navio em que ia o almirante Pieter Adriaensz. e cujo capitão era Albert Jansz. van Griet; o *Provincie van Utrecht*, 300 lastos, 8 canhões de bronze (entre os quaes 6 atiravam 24 libras de ferro) e 22 canhões de ferro, 118 marinheiros e 68 soldados, capitão Hendrick Jacobsz. Kat; o *Swarte Leeuwe*, 180 lastos, 4 canhões de bronze, que atiravam 18 libras de ferro, e 20 colubrinhas, 92 marinheiros e 65 soldados, capitão Marcus Martensz.; o yacht *Swarten Rypter*, 60 lastos, 14 colubrinhas, 44 marinheiros, capitão Hendrick Joosten: todos da Camara de Amsterdam.

Pela Camara de Mosa partiram: o navio *Utrecht*, sendo sola-almirante Cornelis Claesz. Meckmeijer, 300 lastos, 7 canhões de bronze e 28 de ferro, 142 marinheiros e 85 soldados, e o *Goude Leeuwe*, 140 lastos, 2 canhões de bronze e 18 de ferro, 78 marinheiros e 60 soldados, capitão Jacob Theunisz., de Delft. Da Camara da Hollanda Septentrional partiram ao mesmo tempo: o navio *Munnickendam*, 300 lastos, 6 canhões de bronze e 24 de ferro, 118 marinheiros e 75 soldados, capitão Pieter Fredericksz. Nassauw; o navio *Enchuysera*, 200 lastos, 8 canhões de bronze e 20 de ferro, 94 marinheiros e 51 soldados, capitão Laurens Claesz. den Boer; o yacht *Ouwerker*, 90 lastos, 2 canhões de bronze e 10 de ferro, 56 marinheiros e 9 soldados, capitão Pieter Symonsz. Pela

Camara da Groninga partiram no dia 23 de Junho: o navio *Stadt en Landen*, 100 lastos, 2 canhões de bronze e 14 de ferro, 62 marinheiros e 72 soldados.; o yacht *Vos*, 70 lastos, 4 canhões de bronze e 10 de ferro, 64 marinheiros e 23 soldados, capitão Glaes Heyndricksz.; o *Swaluwe*, 30 lastos, 4 canhões de bronze e 6 de ferro, 36 marinheiros e 5 soldados, capitão Hendrick Heyndricksz., e no dia 2 de Julho o navio *Gronninghen*, 300 lastos, 12 canhões de bronze (dos quaes dois atiravam 24 e quatro atiravam 18 libras de ferro) e 20 canhões de ferro, 110 marinheiros e 100 soldados, capitão Symon Volkersz. Bobbert.

O General Lonck tendo partido no dia 27 de Junho do Passo de Goeree avistou a 14 do mez seguinte as Berlengas, onde se faria o primeiro *rendez-vous* geral, e conservou-se cruzando por alli até o dia 17. Tomou então o rumo das Canarias e mandou o navio *Swarte Leeuw* e o yacht *Ouwevaer* a S.^{ta} Maria, nos Açores, procurar e reunir todos os navios e yachts e especialmente os quatro navios da Zelandia, que partiram alguns dias antes d'elle, e communicar-lhes que só podiam parar alli até o dia 6 de Agosto e que deviam fazer o possível para o encontrar nas Canarias no dia 15. Com a sua esquadra chegou a avistar Porto Santo e Madeira no dia 22 de Julho. Deram caça a velas estrangeiras, mas por falta de yachts velozes não puderam tirar vantagem. No dia 24 avistaram as ilhas Salvages e chegaram perto da ilha de Tenerife, sendo este o segundo ponto de *rendez-vous*. Encontraram alli cinco navios da esquadra que tinham partido no dia 23, a saber: *Hollandia*, *Fama*, *Amersfoort* e os yachts *Swaluwe* e *Harich*, que haviam despachado das Berlengas para os Açores. No dia 14 de Julho chegaram à altura das Berlengas e no dia seguinte mandaram o *Vos* e o *Swaluwe* por entre essas ilhas à busca de navios. O *Ooreijssel* deu caça junto à praia, a uma barca, cuja tripulação se atirou ao mar e se salvou nadando para terra.

No dia 15 estavam de frente e bastante proximo do Tejo, onde contaram 16 navios fundeados, um delles bem grande e os outros de diversos tamanhos e, como nada soubessem a respeito do General e o prazo houvesse expirado, proseguiram navegando. Havião dado caça junto à ilha de S. Miguel a um barco de monção, o qual de repente se fez em pedacos à sua vista salvando-se a gente com grande difficuldade e indo para terra. Tendo-se elles mantido alli até o dia 18 de Agosto, vieram juntar-se-lhes o *Swarte Leeuw* e o *Ouwevaer*, assim como os navios *Sabaander*, *Provincie Ooreijssel*, o yacht *Beach* e o *Vos*, que encontraram na visinhança dos Açores, mas nada souberam sobre os quatro navios da Zelandia sob as ordens do Commandeur Lonck. Contavam então ao todo uma força de 16 vasos, tanto navios como yachts, excluindo o navio *Amersfoort* e o yacht *Swaluwe*, que foram com o almirante à Grande Canaria para procurar obter alli alguma agua doce. O General resolveu dividir os navios em duas esquadras, ficando elle com a metade a leste de *Punta de Naga* e a outra, com o sota-almirante, a oeste do mesmo ponto, mas, se encontravam diariamente em determinada hora da tarde a leste de *Punta de Naga*, mantendo-se os yachts junto à costa e os navios um pouco ao mar.

Apezar dessa boa ordem e rigorosa vigilancia não apanharam nenhuma

vela estrangeira, tendo somente no dia 13 de Agosto os yachts dado caça a uma barca hespanhola perto da costa da Grande Canaria. Dispararam os canhões mas sem vantagem alguma. No dia 19 as duas esquadras se reuniram e no dia 23 ao raiar a aurora se achavam entre as ilhas da Grande Canaria e Tenerife, cercados e ameaçados pela esquadra real de Dom Frederico de Toledo. Essa esquadra contava 40 velas, na maior parte composta de navios grandes, e o General não tinha mais de 8 navios e yachts, a saber: *Amsterdam*, *Hollandschen Thuyt*, *Fame*, *Provincie van Uytrecht*, *Oerijssel*, *Goude Leeuw*, *Swarte Ruyter* e *Brack*. Tendo visto os nossos, quando rompeu o dia, que a esquadra era tão poderosa, fizeram o possível para ganhar o barlavento e viraram para leste afim de se collocar acima do meio da ponta da Canaria, mas, chegando à ponta, não a puderam dobrar, de sorte que foi preciso virar e navegar por entre alguns dos navios inimigos. Cerca do meio dia viraram ao norte. O vento soprava então les-nordeste e augmentava cada vez mais.

O inimigo fez o que ponde mas só tres dos seus navios estavam a barlavento, pelo que a maior parte dos outros teve de respeitar os nossos e deixal-os passar sem hes tolher o caminho. Entre os tres havia uma almiranta, cujo mastro de proa fluctuava uma flammula. Uma grande parte dos outros estava a sota-vento, perto dos nossos, e os restantes á rectaguarda. Os tres navios mais a barlavento deram alguns tiros de canhão contra o *Fame*, *Provincie van Uytrecht*, *Goude Leeuwe* e *Swarten Ruyter*, que estavam a cerca de um tiro de mosquete acima da nossa almiranta e vice-almiranta. Choveu uma saraivada de balas de mosquetes e canhões e, apesar de navegarem lado a lado e dos muitos tiros disparados, os nossos só perderam dous homens no *Oerijssel*, sendo um delles o capitão. Um desses tres navios procurou tomar a frente do navio do general Loneque e abordal-o, mas falhou o seu intento e ficou-lhe mesmo a sotavento, de sorte que o General lhe descarregou ao passar por elle toda a bateria de um bordo, ouvindo-se então grande gritaria e lamentação no mesmo navio.

Os nossos continuaram a navegar para o norte e nesse interim o almirante Dom Frederico se approximou bastante. Estava comtudo um pouco a sotavento e, virando o navio contra os nossos, tão antes de tempo, que não ponde passar por entre elles, pois navegavam perto uns dos outros, afastou-se um bom espaço, quasi uma legua. Pela entrada da noite os nossos ficaram acima de *Punta de Naga*, estando ainda tres dos navios inimigos a barlavento e muitos outros atraz das nossas aguas; comtudo a maior parte não podia dobrar a tal ponta e os nossos continuaram toda a noite com o rumo do norte. O almirante hespanhol que estava a barlavento, queimou fogos toda a noite para indicar o rumo dos navios que dobraram o cabo. No dia seguinte pela manhã os nossos só viram 11 navios da esquadra do rei. A almiranta e mais dous navios estavam perto, a barlavento, e outros sete, entre os quaes a náu de Dom Frederico, estavam um pouco atraz dos nossos. Os que estavam a barlavento não se arriscavam a atacar os nossos, mas vendo que iam em boa ordem, esperando sempre uns pelos outros, viraram de bordo e voltaram para junto dos mais atrazados.

E' de admirar que Dom Frederico deixasse escapar tão boa occasião, principalmente a que se lhe deparou a principio, tanto mais quanto, segundo todas as apparencias, fora mandado pelo rei para vigiar a nossa esquadra, sobre cuja expedição já havia sido informado havia muito tempo. Entretanto pode ser que, sendo lhe ordenado prover bem todos os paizes da America, tivesse achado melhor seguir à risca essas ordens e esperar lá os nossos do que arriscar inoportunamente uma parte dos seus navios contra tão pequeno numero dos nossos. Em todo o caso, foi uma graça especial de Deus que, estando os nossos tão ameaçados e sem ver sahida alguma, a não ser vender caro a vida, escapassem com tão pequena perda e causando não pequeno susto ao inimigo. Meia hora depois que Dom Frederico deixara de seguir os nossos, avistaram novamente tres velas que ao approximarem-se viram ser a nau do vice-almirante Banckert, com o *Enchuysen* e o yacht *Stadt en Landen*. Haviam deixado na ilha da Madeira o navio *Groeninghen* e o *Swaen* (com um pequeno navio capturado por elles), os quaes deviam alli ficar até o dia 26 de Agosto.

O General Lonque, receuendo que Dom Frederico fosse com a sua esquadra á ilha de S. Vicente de Cabo Verde e surprehendesse os nossos navios, mandou no dia 25 o yacht *Swarten Ruyter* avisar aos que lá estivessem que se acautelassem. E resolveu seguir para lá directamente no dia 27, mas deixou acima de *Punta de Naga* o yacht *Stadt en Landen*, com ordem de alli parar até o ultimo do mesmo mez e fazer com que a esquadra do sota-almirante e juntamente todos os navios que estavam atrazados o seguissem. Em primeiro lugar, porem, enviou alguns navios ao porto de S.^a Cruz para ver se a esquadra de Dom Frederico ou alguns dos seus navios estavam alli fundeados. Acharam apenas tres navios hespanhóes ancorados sob a protecção do forte e por isso voltaram ao General. No mesmo dia tambem chegou o, yacht *Swalume*, juntamente com o navio *Amersfoort*, onde, como já dissemos, ia o almirante Pieter Adriaensz. e que se separara da esquadra no dia 11 do mez passado. Contou este como o *Amersfoort* chegara junto á esquadra do sota-almirante na ilha Canaria, mal podendo navegar, mas achou-se no dia seguinte a sota-vento d'aquella ilha. Esses navios avistaram no dia 21 do mez passado um patacho hespanhol, que se approximou imprudentemente da nossa esquadra, julgando ser a de Dom Frederico, junto á qual estivera na tarde anterior. O navio *Amersfoort* perseguiu-o e deu-lhe um tiro, mas, como se não quizesse render e como o vento soprasse forte, voltou á esquadra e pediu ao navio *Salmander* que o perseguisse em seu lugar e, apesar do almirante dar um tiro para que cessassem a caça (o *Amersfoort*, não almirante, ficara com o mastro avariado devido a um accidente), continuaram a fazel-a o *Salmander*, o *Vos* e o *Ouwerner* até o meio dia, quando o patacho, havendo resistido valentemente a uns 27 tiros que acertaram na sua grande vela e a um que attingiu o mastro, teve de se render aos nossos. Esse patacho vinha de S. Lucar e partira de Cadiz no dia 13 deste mez. Havia nelle umas 56 almas, inclusive cinco mulheres e duas crianças, ia para Cartagena e estava carregada de vinho hespanhol, alcaparras, aguardente, tinta, vinagre,

oleo, azeitona, e todas as especies de seda e paninhos bordados a ouro e prata. O *Salmander* guardou-o com gente sua e foi com elle para S. Vicente. Nesse interim o General, proseguindo na sua viagem, viu no dia 3 de Setembro as ilhas de Cabo Verde e chegou no dia seguinte com sua esquadra a S. Vicente, uma d'aquellas ilhas. Encontrou alli os quatro navios da Zelandia, com o yacht *Swarthen Rygter*, *Salmander* e os dois yachts que chegaram com o patacho capturado. O General mandou reparar o patacho para que pudesse prestar serviço, guardou-o com 18 canhões de ferro e entregou o seu commando a Claes Adriaensz., de Geest. A gente começou a soffrer muito de escorbuto e de outras molestias, fazendo-se sentir a necessidade de renovar as provisões. Encontraram poucos cabritos em S. Vicente e apenas algumas tartarugas e peixe, o que foi depressa consumido. O General, estando muito ansioso para soccorrer a sua gente, mandou alguns yachts comprar generos e obteve mais alguns, utilizando-se dos que encontrou no pequeno navio capturado, com o que os doentes logo se restabeleceram.

Mandou concertar pelos carpinteiros o mais depressa possível as chalupas e fez apromptar tudo o que era preciso para a realisação da sua empreza, montando duas forjas, onde se trabalhava constantemente em artigos de ferro.

No dia 6 de Setembro chegaram lá o yacht *Stadt en Landen*, o navio *Groeningen* e o *Swan*, navio da Zelandia, que capturara junto a ilha da Madeira um barco que chegou muito a proposito, carregado somente de barras de ferro.

Achavam-se nessa occasião reunidos todos os navios que primeiro haviam sahido da Republica, em numero de 27, e mais dois capturados. A Companhia tivera ideia de mandar a parte restante da esquadra e das tropas logo depois da que já havia mandado, apromptara os navios e yachts e alistara soldados; mas, quando S. A. o Principe de Orange, com todo o exercito, estava acampado diante da cidade de Bois le Duc, o inimigo bateu de improviso as tropas do imperador, junto ao Arnhem, no *Veluwe*, e em seguida marchou contra Amersfoort, que se rendeu sob condições, o que por ser inesperado causou grande pavor na Republica. Não era portanto occasião opportuna de mandar tropas para fora do paiz e assim essas foram levadas para Utrecht e outros pontos a serviço dos Estados Geraes, para a defesa das cidades e praças fortes mais proximas. Além disso a Companhia contribuiu com tudo o que apromptara de munições e de outros artigos a bem do interesse geral, como todos os patriotas devem proceder em taes emergencias. Por essa circumstancia a sua empreza ficou muito atazada e o General teve de estacionar muitos mezes infructiferamente com a sua gente em S. Vicente. Mas aprouve ao bom Deus livrar a Republica dessa grande consternação mais depressa do que ousavam esperar e sem o menor obstaculo no cerco de Bois le Duc: primeiro pelo feliz assalto de surpresa á cidade de Wesel, successo que desconcertou os inimigos e os fez deixar sem demora a Gueldria, e depois pela conquista da praça forte de Bois le Duc, a qual se rendeu mediante accordo, no dia 4 de Setembro, a S. A. o Principe de Orange.

A Companhia receando não sem motivo que o General, aborrecido de

esperar e não sabendo a causa da demora, tomasse a subita resolução de abandonar a empresa ou de a alterar ou, no melhor dos casos, de dar ataque com aquellas forças insufficientes, despachara por prevenção o yacht *Eerdacht* aprestado na Zelândia, com 80 lastos, 14 colubrinas, 103 homens, para communicar ao General a causa da demora. O yacht ficou retido na Inglaterra por ventos contrarios, só chegando a S. Vicente no dia 29 de Outubro e muito a propósito, pois o General, não sabendo o que pensar sobre o motivo por que os outros navios, que deviam ter vindo logo em seguida, demoravam tanto, estava bastante resolvido a partir d'ahi a alguns dias e com esse fim ia mandar um yacht a Serra Leoa para ver se os outros navios tinham sido destruidos e para se informar sobre a sua empresa, o que tudo ficou alterado, desde que elle soube que o resto da esquadra chegaria em pouco tempo. A Companhia estando desembarçada e tendo sido devolvidas as suas tropas, apressou-se o mais possivel em evitar que o General se incomodasse com uma demora maior e despachou no dia 10 de Outubro dous yachts da Camara de Amsterdam: o *Voghel Phoenix*, 60 lastos, 2 canhões de bronze e 10 de ferro, 39 marinheiros e 15 soldados, capitão Reynert Pietersz. van Amelandt, e o *Eenhoorn*, 80 lastos, 10 colubrinas, 40 marinheiros e 27 soldados, capitão Cornelis Jansz. van Uygeest. Esses eram tão veleiros que no dia 20 de Novembro chegaram ao ponto em que estava o General e não somente lhe communicaram a salvação e victorias que Deus concedera à Republica, mas tambem que devia vir logo em seguida a esquadra pela qual esperava com tanta paciencia e por tanto tempo. O resto da expedição ainda ficou retido por alguns dias depois da partida dos dous yachts.

Seguiram pela Camara da Zelândia no dia 20 de Setembro os seguintes navios: o *Tholen*, 180 lastos, 10 canhões de bronze e 18 de ferro, 81 marinheiros e 108 soldados, capitão Lucas Pol; o *Leeuwvaen*, 160 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 67 marinheiros e 78 soldados, capitão Jacob Corinsz; o *Pest-Paerdt*, 80 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 70 marinheiros e 51 soldados, capitão Jan Jansz. de Rotterdam. No dia 30 de Agosto seguiram pela Camara de Groninga: o *Oostindia* 250 lastos, 6 canhões de bronze (dos quaes dous atiravam 24 libras de ferro e dous 18 libras) e 22 de ferro, 50 marinheiros e 115 soldados, capitão Hendrick Cornelisz., de Rens.

Fizeram-se finalmente à vela no dia 30 de Outubro, do Texel, pela Camara de Amsterdam, sob as ordens do Commandeur Direk Symonsz. van Uygeest os seguintes navios e yachts: o *Swol*, 130 lastos, 8 canhões de bronze e 16 de ferro, 64 marinheiros e 83 soldados, capitão Pieter Claerz. van Wieringhe, navio em que ia o Commandeur Direk Symonsz.; o *Geete Sonne*, 200 lastos, 2 canhões de bronze e 22 de ferro, 54 marinheiros e 100 soldados, capitão Pieter Direksz.; o *Campien*, 140 lastos, 8 canhões de bronze e 14 de ferro, 51 marinheiros e 75 soldados, capitão Frans Claesz. van Durckendam; o *Gulde Vack*, 200 lastos, 4 canhões de bronze e 22 de ferro, 50 marinheiros e 112 soldados, capitão Arent Vechtersz. van Medenbick; o *Meerfontein*, 140 lastos, 4 canhões de bronze e 18 de ferro, 56 marinheiros e 102 soldados, capitão Mens Cornelisz.; o *Olter*, 90 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 36 mari-

nheiros e 55 soldados, capitão Cornelis Cornelisz. Jol; o *Maene*, 90 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 43 marinheiros e 55 soldados, capitão Claes Florisz. Duykerker; o *Fortugne*, 80 lastos, 10 colubrinas, 19 homens, capitão Claes Jansz.; o *Ouderkerck*, 60 lastos, 6 colubrinas, 27 marinheiros e 30 soldados, capitão Pieter Jansz. Harman; o *Diemen*, 60 lastos, 6 colubrinas, 27 marinheiros e 48 soldados, capitão Meynerdt Jansz. Kandt. No dia 23 partiu o navio *Geldria*, 300 lastos, 12 canhões de bronze e 22 de ferro, 130 homens, capitão Andries Jansz. Blacuw, navio em que ia o Commandeur Marten Valck, e no dia 30 o *Pinas*, 100 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 75 homens, capitão Hans Kools, e o *Muyden*, 60 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 36 marinheiros e 45 soldados, capitão Michiel Gijbertsz. Todos esses eram da Camara de Amsterdam.

Ao mesmo tempo partiram pela Camara da Groninga: o navio *Nassauw*, 220 lastos, 12 canhões de bronze e 14 de ferro, 57 marinheiros e 165 soldados, capitão Kraft Fredericksz.; o *Graef Ernst*, 200 lastos, 6 canhões de bronze e 20 de ferro, 52 marinheiros e 132 soldados, capitão Pieter Jansz. Vermin, e no dia 23 do mesmo mez o *Mabance*, 110 lastos, 4 canhões de bronze e 16 de ferro, 34 marinheiros e 66 soldados, capitão Jan Cornelisz.

Para concluir a enumeração dos navios dessa esquadra, diremos que no dia 1.º de Novembro partiu da Zelandia o *Neptunus*, 120 lastos, 6 canhões de bronze e 19 de ferro, 125 homens, capitão Cornelis Pietersz. Schot, e nesse navio ia Joannes à Walbeek, vice-commandeur subordinado a Valck; que no mesmo dia partiram pela Camara da Hollanda Septentrional: o *Groenwiff*, 150 lastos, 4 canhões de bronze e 12 de ferro, 77 marinheiros e 37 soldados, capitão Frederick Volkersz. Landtman; o *Wapen van Hoorn*, 110 lastos, 6 canhões de bronze e 10 de ferro, 66 marinheiros e 57 soldados, capitão Jan Jacobsz. May; o *Jonghe Maurittius*, 130 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 43 marinheiros e 38 soldados, capitão Jan Louwensz.; que no dia 6 de Novembro partiram ainda para essa esquadra pela Camara de Amsterdam tres navios fretados: o *Concordia*, 140 lastos, 16 colubrinas, e 87 soldados; o *Adam e Esa*, 200 lastos, 12 colubrinas, 131 soldados; o *Sonne-blom*, 200 lastos, 11 colubrinas, 104 soldados, e pela Camara da Zelandia: o *Oragnie*, 250 lastos, 20 canhões de bronze e 14 de ferro, 130 marinheiros e 134 soldados, capitão Willem Cornelisz. Domburgh, navio em que ia Dirck de Ruyter, vice-commandeur subordinado a Dirck Symonsz.; o *Tiger*, 120 lastos, 4 canhões de bronze e 16 de ferro, 69 marinheiros, 111 soldados, capitão Jan Brandt; o *Was-sende Maene*, 125 lastos, 6 canhões de bronze e 10 de ferro, 50 marinheiros, capitão Pieter Anthonisz. van de Put; o *Oudt Vlissinghen*, 150 lastos, 4 canhões de bronze e 15 de ferro, 72 marinheiros, capitão Willem Willemsz., e o pequeno yacht *Haese*, 15 lastos, 3 colubrinas e 25 homens; que finalmente partiram mais, do Texel, no dia 28 de Dezembro: o navio *Arca de Noé*, 140 lastos, 20 colubrinas, 42 marinheiros e 97 soldados, capitão Claes Claesz. Jes; da Zelandia o yacht *Swaene*, 30 lastos, 6 colubrinas, 32 marinheiros, capitão Jacob Pietersz., e da Hollanda Septentrional o navio fretado *West-Vrieslandsdt*, 200 lastos, 14 colubrinas e 44 soldados. A mesma Camara mandou no navio

fretado *Groeninghen* 106 soldados. E assim já haviam sido despachados todos os navios e soldados mandados por todas as Camaras para essa expedição.

Vamos agora a S. Vicente onde estava o General. No dia 24 de Novembro chegou o yacht *Otter*, que lhe trouxe a noticia da vinda dos navios e lhe referia como no canal teve quebrado o seu mastro de mezena. No dia 27 chegou o Commandeur Direk Symonsz. com o navio *Swol*, tendo ficado no canal dispersos pela tempestade os navios que vinham com elle. No dia seguinte chegou o navio *Nassauw* e no dia 29 o *Geele Sonne*, onde vinha o Coronel Waardenburgh, o *Voick*, o *Maen* e o *Fortuyn*; no dia 1 de Dezembro o *Tertholen*; no dia 3 o *Omlandia* e no dia 4 o *Oragnie-boom*. Como todos os dias chegassem navios, o General resolveu despachar para a costa do Brasil o yacht *Otter* e o *Havick* afim de procurarem capturar com urgencia barcos e prisioneiros, dos quaes se pudesse aproveitar na realisação da empresa, pois, como o inimigo estava habituado a ver yachts pela costa, não descobriria o seu designio. O General durante todo aquelle tempo, para manter a boa ordem entre os soldados e evitar a desunião dos mesmos com os marinheiros, utilisara-se dos serviços do Major Enghelbert Shutte, que se desempenhou satisfatoriamente; mas, tendo chegado o coronel, este tomou a si a incumbencia e estabeleceu rigorosa disciplina nas tropas e apromptou depressa tudo o que era preciso para o trem de guerra e que alli se podia preparar. No dia 6 chegaram o *Campan* e o *Leeuwinne*; no dia 7 o *Muyden*; no dia 8 o *Graef Ernest*; no dia 12 o *Galeoen*, o *Eendracht* e o *David*; no dia 14 o *Salm*, o yacht *Medenblich* e o *Jonghe Mauritius*; no dia 18 't *Wapen van Hoorn*. Começaram a reembarcar os soldados e no dia seguinte houve ordem para jejum e preces em toda a esquadra, rogando a Deus para abençoar a empreza. No dia 21 chegou o navio *Groenwiff*. Depois de se ter demorado o General em S. Vicente tres mezes e vinte e quatro dias, ficando atrazado pelas razões que já expuzemos (o que redundou em extraordinarias despezas para a Companhia sem tirar dahi proveito apreciavel), achando-se agora tudo em boa ordem, resolveu proseguir na sua viagem e não esperar mais por alguns navios que estavam atrazados; comtudo deixou alli o yacht *Salm* para desembarcar alguns prisioneiros em Santiago e mais ainda para avisar aos navios que lá chegassem qual o lugar para onde havia elle seguido. Partiu de S. Vicente no segundo dia depois do natal com 52 navios e 13 balândras, que, enquanto elle alli se demorou, foram adaptadas ao serviço do mar. Desses navios foram mandados pela Camara de Amsterdam 14, a saber: *Amsterdam*, *Hollandschen Thuyt*, *Salmander*, *Hollandia*, *Fame*, *Provincie van Utrecht*, *Swarte Leeuw*, *Amersfort*, *Overijssel*, *Swol*, *Geele Sonne*, *Fortuyn*, *Vergulde Valck*, *Campan* e 6 yachts: — *Brack*, *Swarten Ruyter*, *Eenhoorn*, *Voghel Phoenix*, *Halve Maen* e *Muyden*. Pela Camara da Zelandia foram enviados 7 navios, a saber: *Princesse Amelia*, *Domburgh*, *Leeuwin*, *Gulde Son*, *Leeuw*, 't *Groot Galeon* e *Tertholan*, e 3 yachts, 't *Post-paerd*, *Meerminne* e *Eendracht*. Da Camara de Mosa foram 5 navios: *Utrecht*, *Swan*, *Goude Leeuwe*, *Neptunus*, e *Eendracht* e 3 yachts, a saber: *Oragnie-boom*, *David* e *Salm*. Pela Camara da Hollanda Septentrional, foram 4 navios: *Munnickendam*, *Enchuyzen*, 't *Groen Wiff* e 't *Wapen van*

Hoorn, e dous yachts: *Jonghe Mauritius* e *Ouwebaer*. Pela Camara da Groninga foram enviados 3 navios: *Groeninghen*, *het-Wapen van Nassauw*, *Omlandia*, *Graef Ernest* e *Matança*, e dous yachts *Vos* e *Swaluwe*. Havia mais dous naviozinhos tomados do inimigo, um dos quaes, a fragata, guarneceram com 10 peças e o outro, *Kleyne Fortuyt*, com 3. Alem desses havia ainda 13 fragatas, todas montadas com 4 a 6 pequenos canhões. Contava-se nesses navios e yachts e tambem nas chalupas numero superior a 7.000 homens, isto é, 3.780 marinheiros e 3.500 soldados. Jamais sahio deste paiz uma tão bella e poderosa esquadra.

Daremos uma descripção da expedição no seguinte Livro. Aqui porem trataremos ligeiramente do que foi observado pelos nossos nas ilhas de Cabo Verde ou do Sal. A ilha de S. Vicente é um tanto pedregosa e montanhosa; tendo na bahia oriental bom ancoradouro a 6 braças d'agua. Ha abundancia de peixe muito saboroso e bons camarões, grande quantidade de tartarugas, na epoca propria, e poucos cabritos, parecendo que os habitantes da ilha de S.^{ta} Antonio os haviam apanhado, assim como os que encontraram em S.^{ta} Luzia. Ahi a nossa gente tambem esteve, tendo apenas apanhado cinco cabritos e em S. Vicente uns 300, mas com grande trabalho. Ha grandes valles, mas nenhum rio ou ribeiro, e para se obter agua é preciso cavar poços. A nossa gente foi a S.^{ta} Antonio e teve bom acolhimento dos habitantes. Esses são na maior parte negros, havendo alguns mulatos; mantêm-se no lado noroeste, onde têm uma aldeia de cerca de 52 familias sob o governo de um capitão, têm um padre e todos fallam bem o portuguez. E' uma gente pobre e com poucos recursos, — apenas um bom pomar de laranjas, limões e figos, situado a cerca de 400 a 500 passos da praia, junto de uma ponta baixa e saliente no mar. Pode desembarcar-se ao lado de leste, em chalupas, visto ser alli muito raso. O ponto é facil de reconhecer: é um cabo baixo e plano e um pouco a oeste, existindo no interior duas grandes collinas. O pomar está situado em um fundo valle e é cercado de um lado por montes e do outro por muros. Os pilotos, tendo tomado a latitude exacta da ilha, acharam que ella está a 16 graus e 53 minutos ao norte da linha. Essas ilhas são em numero de 11 e estão situadas entre 14 e 18 graus ao norte do equador, sendo a ilha de Santiago a principal, a mais fertil e a mais habitada. Algumas são deshabitadas e completamente estereis e nas que são mais povoadas os moradores são na maior parte malfeteiros degredados da Hespanha e Portugal. No anno de 1630 foram interceptados pelos nossos varias cartas dirigidas a Cartagena e a outros logares, cartas que os nossos abriram e nas quaes encontraram expostos varios factos succedidos neste anno de 1629. Pêso ser conveniente dar em seguida um extracto das mesmas e em primeiro logar a respeito da esquadra de Dom Frederico, sobre a qual já fallamos. Uma carta escripta de Cartagena por alguém que, segundo parece, ja na esquadra e datada de 15 de Janeiro de 1630 diz em resumo o seguinte: A armada de Dom Frederico partiu da Hespanha a 14 de Agosto de 1629, contava 36 velas e levava 7.300 homens, tanto marinheiros, como soldados, com ordem de em primeiro logar expulsar os inimigos do rei da Hespanha das ilhas Nieves e S. Christovam

e em seguida os que apparecessem nas costas das Indias Occidentaes e depois escoltar com toda a diligencia para a Hespanha as esquadras da Terra Firme, Honduras e Nova Hispania. Aos 23 do mesmo mez a armada deu combate a 8 navios hollandezes, que estavam á sotavento, mas como os mesmos navegavam muito bem e estavam extraordinariamente armados, deixou-os ir embora, após forte canhoneio de ambas as partes. No dia 16 de Setembro Dom Frederico apoderou-se das ilhas Nieves e S. Christovam com 8 navios que estavam no porto e fez 2.200 prisioneiros tanto francezes, como inglezes e irlandezes, dos quaes mandou para a Inglaterra 1.367 em 6 navios, e 833 inglezes e irlandezes, que eram catholicos, tomou a seu serviço e distribuiu-os pela esquadra. Apossaram-se nessas duas ilhas de 29 canhões, 42 pedreiros mais de 1.300 mosquetes, uma boa quantidade de tabaco, outras mercadorias e alguns negros, que repartiram pelos navios. Proseguindo na sua rota, chegaram com boa viagem a Cartagena, onde foram recebidos com grande regosijo. Inspecccionando os navios, encontraram avariada a maior parte dos viveres, os barris de vinho esvasiados, a bolacha mofada, a carne e pannos estragados, pelo que se seguiram grande carestia e falta de generos. Dom Frederico promettera, para tranquillisar os soldados, dar-lhes uma indemnisação em dinheiro, mas nada lhes dera ainda. Mandou á galeões buscar a prata de Porto Bello e 3 a Nova Hispania para comboiar a esquadra para Havana. Segundo a opinião do auctor da carta, deviam partir d'ahi no ultimo de Fevereiro, de sorte que só em Maio poderiam partir de Havana. Diz a outra carta escripta do mesmo lugar no dia 16 de Janeiro: Aqui nada fizemos e não sabemos quando partiremos. Dizem que nós faremos á vela em Março para Havana. Nesta cidade ha grande falta de viveres, com os quaes se gastam por mez uns 90 mil reales de oito, o restante podendo apenas servir para manter a armada, reparar os navios e comprar novos viveres e assim consumirão depressa todos os bens do rei. Só em Junho ou Julho poderão partir de Havana e não será de extranhar que fiquem alli até chegar a segunda esquadra. Chegou hoje de dia uma fragata da Nova Hispania e conta que se perdeu o navio do capitão Juan de Uguarte, com a carga, no porto de S. Juan de Lua e que os outros navios devem ter tido muito que fazer com os fortes ventos do norte, de sorte que é preciso calafetar-os de novo e prove-los, o que consumirá tudo. O inimigo partiu do golfo da Nova Hispania em Novembro do anno passado e teria resolvido navegar para o Cabo S.^{to} Antonio, se tivesse a certeza de poder fazel-o, mas já havia feito muito em expulsar de S. Christovam uns quatro gatos sem armas e por isso veio para aqui.

De Lima escreve outra pessoa no ultimo de Maio deste anno o seguinte: A desastrosa perda da esquadra da Nova Hispania produziu aqui tal desanimo e consternação, que olhar para este paiz é bastante para causar afflicção, tendo-nos sobrevindo desde então todas as especies de miséria.

Uma carta escripta de Havana em 14 de Fevereiro de 1630 ao General de la Raspura diz: Achamos ser da maior conveniencia para Dom Frederico partir agora com a sua esquadra para a Hespanha e ellè proprio é

da mesma opinião, como manifestou ao nosso Governador, de quem procurou indagar se havia noticia da presença do inimigo pela vizinhança, ao que este lhe respondeu que os holandezes estiveram por aqui durante todo o ultimo verão, sem impedimento algum, mas deixaram o golfo no ultimo de Setembro. O embaixario voltou, mas da esquadra não temos informação, havendo-se preparado o Governador para receber festivamente a Dom Frederico. Desanimadora é a situação da Nova Hispania, juntando-se a isso a tristeza geral pela demora da esquadra, como melhor podereis avaliar na vossa alta sabedoria. Chegaram ultimamente noticias de lá, as quaes nos referem a destruição calamitosa do Mexico e a perda da maior parte dos seus habitantes, ficando a cidade inundada repentinamente pela ruptura dos diques, no mez de Outubro proximo passado. As aguas levaram de vencida tudo que se lhes oppoz, de sorte que no lugar mais elevado, isto é, o palacio do vice-rei, havia mais de uma braça d'agua. O vice-rei, o arcebispo e os reitores andavam em escalegres procurando tirar das casas os que se estavam afogando. Os que se salvaram foram para as cidades mais proximas, abandonando as freiras, os frades e padres os seus conventos e casas, sem poder salvar nenhuns valores. O vice-rei ainda ficou lá com a sua corte, mais para manifestar a sua boa vontade e dever para com S. Magestade do que pela esperanza de poder remediar em qualquer cousa, pela força ou industria humana, o que succedera naquello reino. A esquadra ancorada em Vera Cruz correu o maior perigo e, se os ventos de Dezembro houvessem durado mais um pouco, todos os navios iriam bater na costa. Garraram duas vezes e foram reparados conforme se poute. Isto se deu devido aos boatos que lhes levaram da presença do inimigo aqui. Depois que elle se foi embora, resolveram não partir antes de receber ordem do rei ou até a chegada da esquadra. Esta entretanto só agora pode chegar, segundo a informação de uma fragata que encontrou 4 galões nas Tortugas ou Sondas, ha uns 15 dias passados. Aquelles navios trazem o mercúrio do rei e tiveram ordem de embarcar grande quantidade de bolacha e outros viveres para a esquadra e vir da Nova Hispania para cá em companhia da mesma. O almirante pretende por os navios aqui de querena, mas julgo que se dirige mal para este lugar, porque não ha nem pixe nem estopa. Dizem que o General Dom Jeronymo os proveu de pixe de arvores e que Dom Frederico mandou buscar esses artigos em Panamá e Nicaragua. Sendo assim, acredito que no dia 2 a prata pode ser embarcada. Ha cerca de um mez veio uma fragata da Trinidad, com a noticia de que, ao partir de lá, haviam chegado 11 navios holandezes e que incendiaram e saquearam a cidade de S. Thomé, onde havia mais de 300 casas. Ainda recebemos a noticia de que alguns inglezes se entregaram na ilha de S.^{to} André, á margem do rio de Chagres, onde eram em numero superior a 300. O vice-almirante das Honduras fora separado do almirante, por uma fortíssima tempestade, em Novembro, já tendo chegado o almirante, mas não o tendo ainda o vice-almirante. O nosso governador mandou um patacho procurá-lo por toda a parte e tomar informações em Honduras, Campeche e Nova Hispania, não o

encontrando em parte alguma, sendo, portanto, de suppor que se perdeu. E' quanto diz a carta.

Quem reflectir bem sobre os successos deste anno e sobre as despesas feitas durante o mesmo pelo rei da Hespanha, especialmente com a expedição da tão poderosa esquadra sob o commando de Dom Frederico de Toledo e o pouco realisado por essa e da mesma forma sobre os inconvenientes e damnos causados pelo retardamento da esquadra hespanhola, deve necessariamente comprehender que foi por causa do terror das esquadras da Companhia das Indias Occidentaes que se conseguiu mais este anno do que em qualquer tempo. Os que sabem calcular quanto é necessario para equipar uma esquadra de 36 ou 40 mil homens, especialmente na Hespanha, onde (como todos sabem) tudo é muito caro e onde não zelum tanto pelo bem publico como no nosso paiz, — podem facilmente avaliar a despeza em muitos milhões. O mesquinho feito realisado nessas duas pobres ilhas não tem valor algum. Além disso essa esquadra teve de passar o inverno em Cartagena e gastar uma boa parte da prata do rei e dos particulares.

Os navios hespanhões partiram dos portos; na maior parte, em tempo improprio e alguns se perderam. A esquadra da Nova Hispania teve de passar o inverno, carregar e descarregar e calafetar de novo os navios em logares onde ha bem poucos recursos. Finalmente a prata do rei, que lhe é tão necessaria, assim como a dos particulares e as suas mercadorias, foram retardadas por muito tempo e, enquanto não chegam, quasi todo o commercio se paralysa na Hespanha. Tudo bem ponderado deixa ver claramente o mal que ponde fazer uma companhia pequena e desprezada por muito tempo e o atrazo que causou a um dos maiores potentados da Christandade, cousa que as potencias inimigas da Hespanha nunca puderam conseguir.

Antes de encerrar este livro e comquanto já tenhamos fallado da calamidade que sobreveiu á cidade do Mexico, daremos aqui uma succinta descripção que encontramos em uma carta escripta por um tal Barnabé Cabo ao Padre Hernando de Leon.

A cidade do Mexico (diz elle) está situada em um valle, circumdado de montanhas muito elevadas e as aguas, que de lá descem, não têm desvio ou sahida alguma. Essas montanhas têm de circumferencia umas 70 leguas e dão ao valle uma forma oval. Este tem umas 16 leguas de comprimento e 12 de largura e é na maior parte guarnecido de lagos ou mares. Devia ser uma das mais bellas e fertéis regiões das Indias. Só o lago do Mexico é natural. ao passo que os outros foram sendo feitos artificialmente, encontrando-se alli muitas represas e diques, que, tanto os indios, como os hespanhoes, construíram para deter e desviar os rios que desaguam naquelle lago, de maneira que elle não cresça tanto e não cubra toda a cidade. A elevação das aguas por occasião desta enchente alcançou 16 leguas ao redor. No lago de Mexicaltingo, que está ao sul do precedente e tem umas 15 leguas de circumferencia, as aguas subiram mais de uma braça e meia do que no do Mexico. Os outros tres ou quatro lagos que estão ao norte do Mexico têm tres ou quatro leguas de circumferencia e suas aguas estão mais elevadas do que as de

Mexicalcingo. Não obstante esses lagos, em que são retidas as aguas que vêm para o lago do México, tem havido por varias vezes grandes inundações, ainda que nenhuma comparavel á actual. O vice-rei Dom Luiz de Velasco, durante seu segundo governo, esforçou-se em dar um escoadouro ás aguas pelas montanhas mais baixas que cercam o valle e, mandando sondar e tirar o nível de todos os lados, achou que havia bastante declive para o lado onde está situada a villa de Gueguenoea, na direcção do norte. Poz em deliberação se devia fazel-o por um canal descoberto ou subterraneo, por meio de abobada, ficando afinal resolvido que se devia fazer completamente por baixo do solo. Foi esse um grande erro e custou a vida de muitos indios, que ficaram soterrados pelos pedaços de terra que lhes caíram em cima. Poz novamente em deliberação se o escoamento se faria da propria laguna do Mexico ou de um ponto mais alto para somente desviar e escoar as aguas pelo rio maior que desagua no mesmo lago, chamado Quautitlan, ficando assentado desviar somente o rio, por ser menor a despesa e porque julgaram que, uma vez desviado este, o lago não transbordaria mais. O vice-rei accitou este alvitre e tratou de executar immediatamente. Commetteram assim um segundo erro, porque, se aprofundassem mais 10 braças o canal, poderiam ter conseguido retirar a agua da propria laguna. O padre Juan Sanchez, que era um grande mathematico e da nossa Companhia, avisou-os e fallou contra ambos os erros, mas apesar disso proseguiram e foi encarregado da execução um grande engenheiro francez, chamado Henrique Martin, a cujo cargo desde então ficaram as obras.

Antes que terminasse o governo de Dom Luiz de Velasco, as obras chegaram ao ponto de começar a agua a derivar pelo rio e pelo escoadouro e desde esse tempo até o anno de 1622 se esgotou em taes proporções a agua da laguna, que se podia ir a pé enxuto até o rochedo chamado *El Penol*, situado a cerca de uma legua desta cidade.

Continuaram a trabalhar activamente nas obras, mas o Conde de Gelves, tendo assumido o governo, julgou que bem podiam ser ellas dispensadas por inúteis e ordenou que as suspendessem e se desfizessem alguns diques que represavam as aguas das minas de prata de *Pachuca*, declarando que queria ver como o Mexico poderia ficar inundado. Desde 1622 anno em que cessou a derivação das aguas, começaram estas de novo a crescer gradualmente até 1629, quando choveu mais que nos outros annos e a cidade ficou debaixo d'agua, que cobriu todas as ruas e praças, subindo dous andares acima da maior enchente que aqui tem havido. Só depois de grandes trabalhos chegaram a ser restabelecidas as cousas nas condições em que agora se acham, tendo-se construido altos diques apoiados nas paredes das casas, grande numero de pontes de madeira para se passar de uma praça para outra e grande quantidade de canoas e barcos feitos aqui, tendo eu mesmo ido em uma dessas canoas de S.^{to} Agostinho até a casa da Inquisição. Entre varias providencias consistiu a principal em ser incumbido Henrique Martin de restaurar o escoadouro de Gueguenoea, para o que lhe foram fornecidos 1.000 indios. Outra consistiu em se procurar o ponto fundo ou uma brecha que havia

no meio da laguna. Este segundo serviço foi entregue á Companhia. Depois de gastarem 20.000 pesos, acharam que era inutil semelhante trabalho, no qual entretanto estiveram occupados uns 8 mezes. Varias vezes fui dizer missa perto desse logar, que está situado a duas leguas desta cidade. Henrique Martin proseguia com o escoamento das aguas e de tal maneira que no anno de 1631 correram pelo rio de Quautitlan e não desaguaram na laguna, que assim durante os mezes de chuvas cresce apenas um pouco. Continuam as construcções do escoadouro, o qual, segundo me disse Henrique Martin, tem 16.000 braças de extensão, sendo 8.000 braças sob uma abobada subterranea e as outras 8.000 em um canal aberto até ambas as boccas. A parte subterranea é toda guarnecida de abobada de pedra, obra tão bella como as dos Romanos, com um boeiro de 200 em 200 braças, e nos logares onde a terra é mais elevada ha umas 60 braças acima da abobada. Henrique Martin disse-me que ha tanta garantia no canal subterraneo, que se pode affirmar que a agua da laguna não subirá mais, si bem que não possa servir para escoar a que inunda agora a cidade, a qual se esgota tão lentamente que ha pouca esperanza de se ver outra vez a cidade livre della, a não ser que façam um outro escoadouro. A gente da cidade pede que se faça um canal descoberto; entretanto os que entendem dessas obras dizem que seriam precisos 20 annos para o cavar. O estado actual na cidade é o seguinte: a maior enchente baixou de tres quartas partes e alguns diques estão seccos. Começam a allear as casas com terra, ficando hoje esgotado o edificio da Inquisição. Os seus pilares estão tão profundamente enterrados que apenas têm meia braça fora da terra, fazendo pena ver uma tão bella galeria de columnas soterrada em mais da metade.

Eis o conteudo dessa carta, escripta em Fevereiro de 1632, a qual julgamos conveniente transcrever, por tratar da inundação, que já referimos, da cidade do Mexico.

FIM DO LIVRO SEXTO

SUMMARIO DO LIVRO SETIMO

Continuação dos feitos da esquadra do General Loncq. Avista a costa do Brasil, mas desce e torna a vêr a ilha de Fernando de Noronha. Regressa á costa do Brasil. Toma um navio chegado de Angola. Captura outro chegado do Porto, com uma carga de vinho. Surge em frente a Pernambuco. A esquadra prepara-se para dar batalha. O General bombardeia o forte do mar. O inimigo põe a pique no canal alguns navios. O coronel Wardenburgh desembarca sua gente cerca de duas leguas ao norte da cidade de Olinda. Marcha contra a cidade. Obriga o inimigo a abandonar sua posição vantajosa no rio Doce. Toma de assalto a cidade. Albuquerque incendia a aldeia do Recife. O forte de S. Jorge rende-se sob condições. Pouco depois o do mar faz o mesmo. Os nossos se apossaram do Convento de S.^a Antonio na ilha de Antonio Vaz. O navio *Phoenix* traz uma presa carregada de assucar. Algumas escaramuças com o inimigo. O Brack parte para levar noticias á Republica. E' capturado um pequeno navio carregado de sal e peixe. Descripção da Capitania de Pernambuco. O inimigo fortifica o Arraial e acampa alli. Chega o resto da força. Capturam um navio com carga de vinho. Os Portuguezes envenenam os poços em Antonio Vaz. Os nossos soffrem alguma perda por emboscada do inimigo. O General Loncq regressa á Republica. Trazem uma presa com carga de vinho. O almirante Pieter Adriaensz. retira-se da costa. O inimigo ataca Antonio Vaz e retira-se com perdas. Faz uma tentativa infructifera contra o Recife. Trazem um navio capturado e carregado de negros. Outras tentativas do inimigo contra as nossas fortificações. Feitos dos nossos. Fazem um novo forte de cinco pontas em Antonio Vaz; os inimigos vão alli repetidas vezes fazer tentativas, mas voltam com perdas. Os nossos, receando a vinda de uma esquadra da Hespanha, reforçam as suas fortificações. Trazem uma pequena presa. O inimigo dá um assalto durante a noite á cidade, mas sem resultado. Expedição da esquadra sob o commando de Adriën Jansz. Pater. Tananho dos navios e numero dos canhões e da tripulação. Outro navio do inimigo é incendiado pelos nossos em Porto Calvo. Infeliz retirada do tenente coronel Eltz e do commandeur Dirk Symonsz. van Uytgeest. Viagem da esquadra do vice-almirante Banckert para a ilha de S.^a Helena. Ficam alli até o ultimo de Agosto; vêem a ilha da Ascensão; voltam em Outubro á Republica sem nada bayer feito. Viagem da esquadra do commandeur Dirk Symonsz. ao Morro S. Paulo. Sobem o rio e incendiam outro navio; capturasam depois disso outro navio com 200 negros e partem para Pernambuco. Viagem da esquadra do commandeur Dirk de Ruyter até o cabo de Tibourou. Viagem da esquadra do almirante

Pieter Adriaensz. Ita. Chega á S. Vicente, á ilha Branca, á ilha de Vacca; navega para o cabo Tiburon, onde se lhe junta o commandeur Dirck de Ruyter, collocando-se ás suas ordens. Tomam um navio carregado de assucar e de outras mercadorias. Descripção das Caímas. Chegam á vizinhança de Havana e destroem alguns navios; dão caza a annitos, mas capturam poucos. O commandeur Jan Gysbertsz. Boon-eter junta-se ao almirante. O almirante Pieter Adriaensz. parte para a Republica e o commandeur Boon-eter para as Antilhas. Este ultimo chega a Barbados e á ilha de Vacca. Continuação da descripção da viagem do almirante Peter. A situação de S.^a Martha pela carta do governador Dom Jeronymo de Quero. É tomada pelo almirante Peter, que partiu depois para a Republica passando por Calicos. Viagem do yacht *Bruch*. Captura um navio chegado de Cabo Verde. O yacht *Ooerijssel*, chegando perto da Hollanda, porta-se valentemente contra os Dunkerquezes. Jan Cornelisz. Lichtbart recebe honras extraordinarias. Breve descripção da costa do Brasil, tanto ao sul, como ao norte da cidade de Olinda. Alguns feitos do yacht *Bruggen-vish* na costa d'Africa.

LIVRO SETIMO

1680

No livro precedente narramos como o almirante General Loney partiu com a sua esquadra de S. Vicente, uma das ilhas de Cabo Verde, no dia 26 de Dezembro. A longa parada naquella ilha atrazou muito a viagem e causou grande mal a sua gente, pois que no dia 1.^o de Janeiro deste anno, achando-se na latitude de 5 graus e 7 minutos ao norte do equador, já havia a bordo cerca de 800 doentes e dous capitães mortos, Frydach e Brouwer. Foram muito atormentados por calmarias e ventos contrarios, de sorte que por grande espaço de tempo ficaram como que presos nas proximidades da linha equinocial, sendo os pilotos de parecer que se devia tomar o rumo do norte para evitar o mau tempo. Aos 23 do mez de Janeiro passaram a linha e proseguindo chegaram a 7 graus de latitude sul. Um dia ou dous soprou o vento, mas depois voltou a calmaria. No dia 30 passaram revista á gente e verificaram que da sahida de S. Vicente até então haviam morrido 246 pessoas e havia cerca de 1200 doentes. Aos 3 Fevereiro chegaram á vista da costa do Brasil, cerca de 7 graus ao sul da linha, a 8 ou 10 milhas de terra, achando-se portanto ainda fóra das vistas do inimigo.

Esperavam poder desembarcar a gente nesse ponto e por mãos á obra, mas o vento soprava de sudeste e as correntezas se dirigiam para o norte, de modo que contra toda espectativa não puderam navegar para o porto de Pernambuco. Por esse motivo se fizeram ao mar e se esforçaram por alcançar Pernambuco; mas no dia 5 se achavam a 6 graus e 10 minutos havendo perdido um grau, pelo que tiveram de voltar por um dia ou dous, até que avistaram de longe a ilha de Fernando de Noronha. Depois, ganhando outra vez o sul, acharam-se no dia 11 na latitude de 7 graus e 40 minutos e apromptaram-se para executar a sua empresa. No dia seguinte capturaram um navio português, que vinha de Angola atrazia 300 escravos, e outro, que vinha de Portugal,

do Porto, carregado com 180 pipas de vinho, que chegaram muito a propósito. Reuniu-se no dia 13 a esquadra o yacht *Swaluwe*, que estivera na ilha de Fernando de Noronha e desembarcara 5 ou 6 homens, dos quaes alguns foram encontrados mais tarde presos em Olinda. Por causa desse prolongado atrazo, achava-se a gente da esquadra muito enfraquecida, havendo apenas 2515 marinheiros sãos e só 2300 soldados capazes de prestar serviço. Devido á grande demora da esquadra, o inimigo recebera aviso do governador das ilhas de Cabo Verde e a gente do *Swaluwe* tivera noticia de que alguns holandezes se haviam amotinado em Pernambuco.

Havendo chegado a esquadra á altura de Pernambuco, a gente que devia operar o desembarque com o gentilhomen coronel Diderich van Wardenburgh foi distribuida nos seguintes navios: *Maen*, *Enchuyzen*, *Swol*, *Utrecht*, *Oragie-Boom*, *Nassauw*, *Matanza*, *Groeninghen*, *Omlundia*, *Fame*, *Goud Leeuw*, *Gerle Sonne*, *Poste Paerdt*, *Hollandia* e *Moorinne*. Nesses navios e yachts, havia 1200 soldados e 700 marinheiros. Os yachts *Ocerijsael* e *Muyden* tripulados por 55 marinheiros foram encarregados de, na manhã seguinte, quando se empenhasse a acção, avançar sobre Olinda e observar se havia possibilidade de desembarcar alguma gente na cidade. A força restante, mandada para o assalto do Recife, foi embarcada no *Dumburgh* e no *Jonghe Prins Maurilius*. Estavam ali incluídos 55 marinheiros encarregados de ir até a Barreta afim de verificar se os yachts ou outras embarcações podiam por aquella passagem entrar no Recife. Embarcaram mais duas companhias de soldados, contando ambas 223 praças, assim como 350 marinheiros, nos nove seguintes yachts: *Spaensch Fregat*, em que devia ir o almirante Pieter Adriensz. Ita, e *Swarten Ruyter*, *Fortuyn*, *Brack*, *Phoenix*, *Eenhoorn*, *Ouwerker*, *Meerminne* e *Pran Prijsken*, cada um tripulado por 20 marinheiros para a sua direcção. Os seguintes: *Louwinne*, *Swarte Leeuw*, *Vergulde Valck*, *Eendracht van Dordrecht*, *Swan* e *Tertholen* tiveram ordem de, no momento em que se desse o signal para o ataque, entrar no Poço (que é o logar onde os navios carregados estacionam no porto) e ancorar entre os dous fortes, fazendo-os calar com a sua artilharia, afim de que os supra mencionados yachts, soh o commando do almirante pudessem avançar desembaraçadamente. Estes navios levavam somente as suas guarnições de marinheiros.

O General, com os demais navios e com o restante da força, devia acercar-se do fortim do mar, situado no Recife de pedra para com a sua grossa artilharia reduzir-o ao silencio. Isso foi resolvido e ordenado no mesmo dia pelo conselho de guerra. A esquadra devia nessa mesma tarde dar o ataque, mas, não havendo tempo por causa da demora da trasladação das tropas, deixaram passar aquella noite. No dia seguinte apromptaram tudo de vespera para no outro dia proseguir na execução da empresa; á tarde houve ordem do General para que se fizessem orações em todos os navios e yachts e que cada vaso de guerra se collocasse junto e sob o commando da suas respectivas divisões.

Á noite o General deixou que os seus navios derivassem um pouco para o sul afim de não perder tempo e achar-se de manhã junto á entrada do

MARIN D' OLINDA. *de Pernambuco*



A De grout kerk. S^t Sebastiaen
B Casteel der Spanen
C Groot S^t Francisco
D Vastgoed van de Kerk
E Alrijde S^t Rosa

F Kerk van de Conception
G Kerk van S^t Antonio
H Grooten
I Buitenkant
K Buitenkant

L S^t Joao kerk
M Oude kerk van de kerk
N Kerk van de kerk
O Kerk
P Buitenkant van de kerk

Q Kerk van de kerk
R Kerk van de kerk

T' RECIF *de* PERNAMBUCO



A De kerk van de kerk
B Kerk van de kerk

C Het kerk
D Het kerk van de kerk
E Het kerk van de kerk

F De kerk
G Kerk van de kerk
H Kerk van de kerk

I Kerk van de kerk
K Kerk van de kerk

porto; mas os 16 navios em que estavam o coronel e as tropas de desembarque ficaram aprofados para terra. No dia 15 pela manhã estava o General com os navios sob o seu immediato commando um pouco ao sul de Pernambuco e navegou com bom tempo, mar tranquillo e vento á feição para o Recife de pedra, o qual enfrentou ao meio dia. O General e o almirante approximarão-se do fortim situado no Recife de pedra e bombardearam-no vivamente, assim como o outro forte de terra, correspondendo os inimigos ao fogo. Os navios que tiveram ordem de fundear no *Pogo* e os yachts que deviam penetrar no porto ficaram bordejando, nesse interim para entrar, cerca das 3 horas da tarde, quando era a maré cheia, mas o inimigo que fôra avisado da vinda da nossa esquadra, fechava o canal por meio de navios postos a pique e o mesmo fizera no *Pogo*. Na Barreta, por onde devia passar o major Schutte com a força sob o seu commando, havia o inimigo afundado uma barca e fechado a passagem por meio de uma corrente de ferro e assim não era possível penetrar no porto por nenhuma das mencionadas entradas.

Parece que, tendo sido avisados em tempo sobre a nossa ida, imaginaram que os nossos tentariam somente esses caminhos marítimos e que, fechando essas passagens, não tinham mais que recear da nossa esquadra. Os nossos no entretanto mantiveram o bombardeio contra os fortes até a tarde, tirando porem pouco proveito com isso pois não podiam approximar-se dos fortes e pela agitação do mar não conseguiam acertar no alvo, ao passo que o inimigo podia com seus canhões fazer boa pontaria nos nossos navios, pelo que finalmente foi preciso retirar á noite os navios que estacionavam mais perto de terra.

O gentilhomen coronel Diderich van Wardenburgh, que se separara do commandante em chefe no dia 14 desse mez com 16 navios sob o commando do vice-almirante Claes Cornelisz. Melck-meydt, e o commandante Direk Synonsz. van Uygeestaproaram no dia 15, pela manhã, para a terra a noroeste. Não tendo ainda chegado as embarcações, não foi possível operar o desembarque em Rio Tapado, não tendo havido outra contrariedade. Chegaram porem aquellas, quando estavam um pouco ao sul, em Páu Amarello, e o coronel embarcou a sua gente em 8 batelões e noutros botes e barcas e foi elle o primeiro a saltar em terra, á distancia de cerca de 2 leguas ao norte da cidade de Olinda, á vista de alguns portuguezes, que, uns apê, outros a cavallo, estavam em observação. A gente foi collocada em ordem de batalha, logo ao saltar, mas, como não pudessem ser transportados todos antes de anoitecer, os desembarcados foram-se deitando pela praia, collocando-se vigias do lado dos bosques. Por essa occasião desceu o resto das tropas e juntamente vieram 300 marinheiros para guardar a bagagem, sem que o inimigo fizesse nenhum obstaculo ou damno.

No dia seguinte, de manhã muito cedo, o coronel repartiu a sua gente em 3 regimentos. O tenente coronel Eltz commandava a vanguarda, com uma força de 934 homens, porque sob o seu commando estavam cerca de 110 mosqueteiros ás ordens do capitão De Vries, que seguia ao longo da praia. O tenente coronel Steyn-Callenfels commandava o centro, que se

compunha de uma força de 1019 homens e o major Touche Honx marchava na retaguarda com 965 homens. Com essa gente e nessa ordem o coronel marchou ao longo da costa contra a cidade, não tendo encontrado inimigo algum, até que chegou ao rio Diôce, onde estava postada do outro lado uma força de cerca de 300 homens atrás de uma trincheira construída às pressas, tendo aleano disso em seu favor o riozinho que só se podia atravessar com água pela cintura. Ahi houve um choque entre o inimigo e a nossa vanguarda, avançando então o coronel, mas em parte pelo recuo de nossas duas peças que entraram em acção e também pelo ataque effectuado pelos nossos soldados, que não trepidaram em atravessar o rio com grande coragem, o inimigo teve de abandonar essa posição vantajosa e fugiu para a mata, deixando no campo muitos feridos, enquanto que dos nossos não houve mais de tres.

A nossa gente foi avançando e encontrou outra força inimiga, mas essa não fez resistencia alguma depois que soffreu os disparos das nossas peças de campanha. O coronel, vendo que todos os inimigos que appareciam na praia se retiravam tão apressadamente diante dos nossos, fez a sua gente forçar a marcha e, achando-se junto á cidade, atacou-a por tres diferentes logares. A vanguarda foi avançando pelo lado direito por um caminho feito atravez do bosque para o Collegio dos Jesuitas, cuja posição foi indicada por um prisioneiro portuguez; todavia, depois de subir e lá chegar com grande coragem, achou as portas fechadas, sendo obrigada a forçar-as. Encontraram ahi mais seria resistencia do que até então e, sendo atacados mais fortemente, fugiram abandonando sete ou oito mortos e muitos feridos.

O batalhão tomou o caminho do meio e seguindo por uma rua estreita desembocou entre os conventos dos Franciscanos e dos Jesuitas, mesmo dentro da cidade, numa altura regular, onde estava situada a matriz e de onde se podia atirar com mosquete sobre o fortim do norte, situado na praia. Encontraram pequena resistencia numa passagem estreita, mas, logo que cahiram tres ou quatro portuguezes, o resto fugiu. O major Foncke Honx com a retaguarda foi ter entre as trincheiras do inimigo e o fortim do Norte, em que havia quatro peças e um artilheiro hollandez. O inimigo, sendo atacado ahi com vigor e percebendo que os nossos já estavam dentro da cidade e se achavam collocados a cavallo do fortim, desanimou e abandonou todas as defesas que estavam abaixo da cidade, assesthecando-se dellas os nossos e ficando assim em seu poder toda a cidade de Olinda. Enquanto o coronel e a sua gente estavam ahi occupados, desembarcou o major Schutte (que o General tinha mandado com o almirante e também 500 homens, tanto soldados, como marinheiros) na parte sul da cidade: mas, antes que essa força fosse convenientemente posta em ordem, já o coronel se apoderara de todas as trincheiras do inimigo, de sorte que não encontrou resistencia para entrar na cidade. Quasi ao anoitecer a gente se entregou ao saque. Como muitos estivessem fatigados e estropeados, por haver marchado todo o dia ao longo da praia na força do calor, pela falta de água e por outros incômodos, não se pôde proseguir nas operações, nem fazer coisa alguma contra o forte de terra. Os officiaes porem estiveram bem occupados

em collocar gente de guarda contra os ataques do inimigo que estava fora da cidade. Os habitantes de Olinda não desobedeceram as ordens do governador Mathias de Albuquerque, isto é, de levarem os seus valores quando sahisses, de modo que foram apenas encontradas 200 caixas de assucar, algumas de vinho e varias mercadorias, que não puderam levar consigo. Os soldados em grande desordem revolveram tudo e fizeram grande estrago antes que fosse possível impedi-lo. No dia seguinte pela manhã, cerca de uma hora antes de amanhecer, o governador Mathias de Albuquerque poz fogo no Recife a todos os armazens cheios de assucar e de outras mercadorias. Assim fez, em parte, porque queria vingar-se dos habitantes da cidade que se escaparam (contra a sua ordem) com os seus haveres, deixando por esse modo a cidade indefesa, e mais ainda por não poder defender aquellas mercadorias, o que é facil de comprehender, privando dessa maneira os nossos do maior fructo de sua victoria. Afirmam como certo que por meio desse incendio foram destruidas umas 17 mil caixas de assucar, uma grande partida de pau brasil e outras mercadorias, ainda que a opinião dos portuguezes variasse muito sobre isso, calculando uns o prejuizo em mais e outros em menos. Tambem foram incendiados cerca de 20 navios e barcos. O capitão portuguez Gil Corrêa de Castello Branco, numa carta dirigida ao rei, fazia montar a importancia do damno a 2 milhões de ducados. O inimigo mantinha-se nesse interim de posse dos seus fortes de terra e do mar.

O General, o almirante e o vice-almirante entraram nessa manhã na cidade e foi dada ordem de apagar o fogo que os negros haviam ateado a algumas casas. Esses negros sob a apparencia de amizade praticavam grandes excessos e roubavam muitos objectos de valor, de sorte que pareceu melhor conservar apenas um pequeno numero delles, necessario para o serviço, e expulsar os demais da cidade, para a livrar daquella inutil quadrilha.

Ao mesmo tempo, como o inimigo se mostrasse aqui e alli nas cercanias da cidade, julgou-se necessario guardar com sentinellas todas as entradas, mas estas eram tantas e a cidade tão grande e deserta (era realmente muito difficil occupar immediatamente todas as collinas e alturas que ficavam sujeitas umas ás outras quanto á defesa militar), que foi julgado impossivel guarnecer-as todas e fortificar a praça rigorosamente, pelo que foi considerado melhor retirar a nossa força das eminencias da cidade, cortar ou obstruir os caminhos e deixar em aberto a parte baixa. Executou-se isso sem demora e, como a gente estivesse ainda muito fatigada, nada mais se empreendeu nesse dia contra o inimigo. No dia seguinte foram todos os doentes trazidos para terra para se refrescar e á noite o tenente-coronel Steyn Callenfels partiu com o engenheiro Commersteyn e uns quatro mosqueteiros para fazer o reconhecimento do forte do inimigo, situado na península do Recife, entre a cidade e a aldeia do porto. No outro dia foi aberta a Alfandega da cidade, encontrando-se muitas munições, a saber: pólvora, mechas, chumbo e outras provisões e juntamente linho. No dia 20 o tenente-coronel Steyn Callenfels foi encarregado de assaltar com 600 homens o forte de terra

com esse intuito partiu da cidade ao pôr do sol e aproximou-se do forte para encobrir-se a lua, mas logo viu que as escadas que levava eram muito curtas. O inimigo, tendo percebido o plano dos nossos, atirou furiosamente contra elles com as suas 18 peças. As mesmas granadas, atiradas pelos nossos e que custavam a explodir, eram arremessadas novamente pelos do forte e faziam grande estrago entre os nossos, de sorte que voltaram tendo perdido alguns homens e trazendo muitos gravemente feridos, pois nem se podiam ter em pé. No dia seguinte perseveraram na cidade com a resolução anterior de deixar os pontos baixos e ir para os mais altos. Todas as ruas foram interceptadas e entrincheiraram-se contra o ataque dos portuguezes e dos indios seus partidarios. O almirante chefe da expedição, nesse interim, fizera reconhecer pelo vice-almirante e outros capitães de navios toda a posição da Barreta e communicou no dia 22 ao coronel que na opinião de todos estes se devia por esse ponto e passagem fazer o maior damno ao inimigo e cortar-lhe os meios de obter recursos. Acrescentava que o inimigo estava firmemente occupado em preparar uma pequena bateria e em montar 2 peças para impedir a passagem, mas julgava que esta poderia facilmente ser tomada de surpresa. Pedia finalmente que mandasse com urgencia uma força para alli a fim de se executar a empresa. O coronel reuniu o conselho de guerra no dia seguinte para deliberar sobre essa proposta, que não foi considerada accetavel, em parte por julgarem ser o terreno visinho daquelle posto muito perigoso e mais ainda por acharem muito inconveniente separar, numa tão grande distancia, uma força da outra.

Acharam muito melhor avisinhar-se do forte de terra por meio de appróximos e para lá mandar força da cidade e para isso resolveram em seguida fazer gabões e cuidar dos mais aprestos necessarios. Gastaram mais dous ou tres dias nesses preparos e tambem em se prevenir contra qualquer ataque do inimigo á cidade. Assim, só no dia 27 á tarde o tenente-coronel Adolph vander Eltz marchou para aquelle forte e nessa mesma noite os nossos construíram uma trincheira da altura pouco mais ou menos de um homem. Os dous fortes fizeram fogo violento com seus canhões durante toda a noite contra a nossa força, mas sem causar nenhum damno. No dia seguinte trouxeram peças para serem montadas alli e no dia 1.^o de Março começaram a atirar contra o forte com 3 peças de calibre mediano e 3 pequenas que lançavam 3 libras de ferro. Os do forte responderam valentemente ao ataque, mas pouco damno causaram. Na manhã seguinte, depois que o coronel veio para a trincheira e que os nossos recommçaram o canhoneio logo ao raiar da aurora, os do forte, chamado pelos portuguezes S. Jorge, apresentaram uma bandeira branca e mandaram um capitão para parlamentar. Firmaram um accordo pelo qual sahiriam com as armas, sem estandartes nem mortões accesos, e, depois de feito um juramento de por 6 mezes não pegarem em armas contra os nossos, seriam postos do outro lado do rio e poderiam partir livremente para o interior. Sob taes condições, sahiram daquelle forte uns 80 a 90 homens, mas depois de sahirem não quizeram alguns fazer o juramento, de sorte que 40 foram desarmados e levados presos para a cidade de Olinda.

Os outros foram postos do outro lado do rio com as suas armas. O commandante desse forte era o capitão Antonio de Lima.

Na mesma occasião foi mandado um bote ao fortim, que fica do outro lado na ponta do recife, para perguntar si a sua guarnição queria render-se sob as mesmas condições. Pediu esta um prazo de 3 dias para escrever ao governador Albuquerque, mas, como tal proposta fosse peremptoriamente reusada e não visse sahida alguma, cercada como estava, concordou finalmente na rendição pelas 5 horas da tarde, sendo removida dali e transportada para a terra firme em numero de 50 homens, cujo commandante era Mannel Pacheco de Aguiar. No primeiro forte, S. Jorge, foram encontradas 24 peças de ferro, algumas que atiravam 10 e outras 5 libras de ferro, 1 peça de bronze, que atirava 8 libras, e cerca de 1.000 libras de pólvora; no segundo 15 peças de bronze, marcadas com as armas de Portugal e algumas com as armas de Philippe II e III, sendo a maioria dellas de tamanho regular, uma colubrina que estava posta de lado por imprestavel, 14 barris de pólvora, cada um de 120 libras, humida e estragada em parte e juntamente outras munições de guerra.

Aos 3 de Março, depois de se fazer uma publica acção de graças pela victoria que Deus concedera, foi mandado o tenente-coronel Steyn-Callenfels em exploração a ilha de Antonio Vaz, situada em frente á aldeia do Recife, da qual estava separada somente por um rio e onde havia um bello convento. Aquella ilha se estende para o sul até o rio Afogados, pelo qual fica separada da Varzea, e do lado de oeste está separada da terra firme pelo mesmo rio, que vem do interior do paiz. O tenente-coronel, chegando á ilha, não encontrou pessoa alguma, de modo que se apossou do convento sem travar combate. No mesmo dia, depois de se ter desembaraçado o canal da entrada do porto, alguns navios e yachts lá penetraram e todos os batelões foram até o Recife, onde ha um logar excellent, não somente para desembarque, como tambem para por os navios em quereina e os reparar.

No dia seguinte os 40 soldados presos, depois de prestar o juramento foram enviados para a terra firme. E no mesmo dia entrou o yacht *Phoenix* comboiando um navio que aprisionara, procedente da Bahia de Todos os Santos e carregado com 310 caixas de assucar, 10 caixas de tabaco e alguns barrizinhos de gengibre confeitado. No dia 5 uns 15 soldados da companhia do coronel, que tinham sahido a buscar algum gado no campo, foram atacados por 70 portuguezes e, ainda que se tivessem batido com valor e houvessem posto por terra 15 homens do inimigo, tiveram de voltar trazendo 4 mortos. A tarde partiu o capitão Daye com cerca de 100 homens. Os portuguezes procuraram illudil-o e attrahil-o a uma emboscada por meio de 40 bois que soltaram, mas elle, percebendo o plano, se acautelou e após uma seria escaramuça, pois o inimigo soffreu uma perda de 14 ou 15 homens mortos, voltou sem perda alguma. No outro dia foi despachado para a metropole affirmar a noticia do Brasil, o que até então não havia feito, o yacht *Brack*, que conduziu 31 caixas de assucar. No dia 9 foi aprisionado um pequeno navio do inimigo carregado de sal e peixe. A 10 a nossa gente guardou o dia, a fazer

preces para dar graças a Deus pelo que se havia passado e rogar-lhe a benção e protecção no futuro.

Antes de descrevermos o que ali se passou posteriormente, será conveniente que digamos um pouco da situação e grandeza da Capitania de Pernambuco. É realmente uma das maiores que se encontram em todo o Brasil, pois se estende para o sul até o rio S. Francisco, pelo qual é separada da Capitania da Bahia de Todos os Santos, e para o norte até a Capitania de Itamaracá, contando entre esses limites cerca de 90 leguas ao longo da costa. O seu donatário no tempo da nossa chegada era Dom Duarte d'Albuquerque, residente em Portugal e casado com uma filha do Conde de Basto, e mandara para governar em seu nome o seu irmão Dom Mathias d'Albuquerque, homem de cerca de 36 annos de idade. Este desembarcara havia quatro mezes em Porto Calvo, com 70 soldados e viera para Olinda algum tempo antes do nosso ataque á cidade. Os portuguezes possuíam nesta Capitania 11 logares povoados, dos quaes o primeiro e mais importante era Olinda, situada a cerca de 8 graus de latitude ao sul do equador. Essa cidade se achava bem collocada na costa do Atlantico e apresentava um bello e risonho aspecto do lado do mar. No ponto mais elevado da cidade ficava o convento dos Jesuitas, bello e bem edificado, dispondo de rendas importantes, muitos predios, terras e animaes por todo o interior do paiz; achando-se tambem sob o seu dominio a maior parte dos indios dessa região governados a seu bel prazer. Havia tambem na cidade um convento de Capuchinhos e perto da prata um grande convento de Dominicanos e um pouco acima deste o convento chamado de S. Bento, grande e bem edificado e mais acima destes um de freiras denominado *Nossa Senhora da Conceição*. Em todos esses conventos podiam existir pouco mais ou menos 130 ecclesiasticos. A matriz da cidade chamava-se S. Salvador e era muito bem construída. Uma segunda matriz se chamava S. Pedro. Perto dessas havia ainda uma igreja que se chamava *Misericórdia*, situada junto ao hospital, no meio da cidade, e um pouco mais abaixo havia ainda uma igreja de *Nossa Senhora da Amparo* e não longe havia outra chamada *Nossa Senhora de Guadalupe* e num alto monte junto á cidade a de *Nossa Senhora do Monte* e finalmente a tres ou quatro tiros de fusil para fóra da cidade havia uma pequena igreja chamada S.^{to} Amaro. A cidade tinha trincheiras do lado da praia desde S. Francisco até por traz de S. Bento, mas não as possuia do lado de terra. Os habitantes (exceptuando os padres e frades) elevavam-se, entre moços e velhos, a cerca de 2.000, entrando nesse numero tres companhias de burguezes de 120, de 100 e de 80 praças. Havia alli tambem ordinariamente 3 companhias de soldados, cada uma das quaes devia ter 100 praças e naquelle tempo mal contava 80. Entre os burguezes havia mais de 200 negociantes abastados, cujas fortunas eram avaliadas umas em 20, outras em 30 e algumas em 50 mil cruzados.

Ao sul da cidade, entre o rio Beberibe e o mar, estende-se uma estreita península, em cuja ponta está uma povoação chamada Recife, onde fazem o embarque e o desembarque de todas as mercadorias e onde habitava muita gente. Perto do meio dessa peça de terra, que tem quasi uma legua de

extensão, do lado do mar, está o Poço, no qual grandes navios podem ancorar, pois tem ordinariamente 18 a 19 pés d'agua. Do outro lado do Poço, na ponta do Recife de pedra, (que se estende ao longo da costa do Brasil, com varias interrupções) estava um fortim ou torre redonda, construido, havia muitos annos, de pedra durissima, quasi dentro do mar, e, fazendo face a esse, na já citada nesga de terra ou península do Recife, havia outro a que os portuguezes chamavam S. Jorge. Em taes condições se achava Olinda, quando os nossos a tomaram, conforme já ficou descripto.

O segundo lugar povoado da Capitania era a villa de Iguarassú, situada junto ao littoral ao norte de Olinda, na distancia de 5 leguas, defronte da ilha de Itamaracá, da qual falaremos mais extensamente noutra occasião.

O terceiro era a povoação do Recife, de que já fallamos quando descrevemos Olinda.

O quarto era Muribeca, no interior, a 4 ou 5 leguas do Recife.

O quinto era S.^o Antonio do Cabo, a 7 ou 8 leguas ao sul do Recife, junto ao Cabo de S.^o Agostinho.

O sexto era S. Miguel de Ipojuca, a 10 leguas.

O setimo era a povoação de Serinhãem, a 15 leguas.

O oitavo era a de S. Gonzaló de Una, a 20 leguas.

O nono a povoação de Porto Calvo, a 25 leguas.

O decimo a ou villa da Alagoa do Norte, a cerca de 10 leguas.

O undecimo, Alagoa do Sul, estava a mais de 10 leguas do Recife.

Havia ainda outras povoações menores e as dos Indios, ás quaes chamam aldeias e sobre as quaes depois falaremos mais amplamente.

Alem disso, contavam-se na Capitania para mais de 70 engenhos de assucar (veremos depois qual o numero exacto), alguns dos quaes são tão grandes e têm tanta animação, que parecem villas pela quantidade de gente que alli habita.

Todos elles fabricam tanto assucar, que só dessa Capitania mandam annualmente para Portugal 80 ou 90 navios e barcas carregados desse genero e de pau brasil. Segundo affirmam muitas pessoas que alli residiram alguns annos, aconteceu num dia sahirem 40 navios do porto de Olinda, todos carregados de assucar, ficando ainda bastante nos armazens para carregar muitos outros, alem de grande quantidade nos engenhos. Era tal a abundancia d'aquelle producto que se não podia quasi embarcar, segundo affirmam pessoas fidedignas e competentes.

Torna-se necessario um grande numero de escravos para o serviço desses engenhos e para isso ha grande trafico annual entre o porto do Recife e os de Angola e de outras regiões da Africa. Pode ver-se nos registros que só de Angola, nos quatro annos de 1620 a 1623, foram despachados para Pernambuco 15.430 negros, do que o rei da Hespanha tirou grandes lucros.

As terras dessa Capitania são na maior parte boas, havendo montanhas pouco elevadas e bellas planicies, muito férteis e apropriadas á plantação da canna de assucar, cultivada alli em grande escala. Ha comtudo muitos logares montanhosos como Musurepe, Muribiérc Jaboatão, Ipojuca, onde a

canna cresce nas encostas e melhor do que em algumas plâncies, pois encontra um terreno muito fértil que não perde facilmente a humidade. Nessa Capitania existe o pau-brasil em grande abundância e da melhor qualidade, como é sabido por todos os que têm pratica do emprego dessa madeira colorante, que se encontra na maior parte das florestas e especialmente na chamada pelos portuguezes — o *grande matto do Brasil*, situado a cerca de 16 leguas de Olinda. O principal centro desse commercio é S. Lourenço, um logarejo que omittimos na lista dos povoados. Essa Capitania tem também bellissimos campos apropriados para pastagens, onde se mantem uma grande quantidade de gado. Em summa, tanto pelos seus recursos e vantagens, como pela sua segurança, pode considerar-se a Capitania de Pernambuco como o paraíso do Brasil e tão boa como um reino.

Tendo falado, como de passagem, sobre a importancia e recursos da Capitania, proseguiremos agora na narração da expedição, que havíamos deixado a 10 de Março. Depois da conquista da cidade de Olinda e dos fortes vizinhos, Mathias de Albuquerque retirou-se para o engenho de assucar de Francisco Monteiro, a oeste, cerca de uma legua e meia da cidade, e alli construiu 3 ou 4 redutos, nos quaes montou 5 ou 6 peças de ferro, o que não tinha grande importancia, porque estava muito desprovido de munições e de toda a especie de artigos bellicos. Tinha elle comsigo pelo menos 1.000 portuguezes, providos de mosquetes, arcabuzes e armas brancas, mas pouca pólvora e chumbo, e juntamente uns 3.000 indios que, armados de arco e flecha, faziam damnos occultos no matto e nas moitas. Poderia reunir mais gente, se dispuzesse de bastantes armas e munições. Teria sido conveniente e de grande vantagem, se o houvessem perseguido e fizessem dispersar a gente que se foi juntando alli aos poucos e a nossa victoria teria sem demora o fim desejado. Os nossos ficaram occupados com a fortificação da cidade, mas estavam bem informados da posição do inimigo e dos meios de o perseguir pois este estava acampado e se havia fortificado no sitio que os portuguezes d'ahi em diante chamaram Arraial.

No dia 11 de Março chegaram ao Recife os 9 navios que faltavam da esquadra: *Oragnien*, *Wassende Maen*, *Tiger*, *Sonne-blom*, *Adria en Eva*, *Concordia*, *Oude S.^a Jan*, *Diemen*, *Oude Oragnie-Boom*. Com elles vieram 3 conselheiros politicos: Mr. Jehan de Bruyne, Philips Serooskercken e Horacio Calandrini, e juntamente o tenente-coronel Alexander Seton com 665 soldados, muitas peças, munições e petrechos bellicos. No dia seguinte desembarcou a gente e toda a força foi repartida por 3 regimentos. No dia 14 foi mandado o coronel Steyn-Callenfels com 600 homens para explorar a posição do inimigo e fazer por vingar a morte dos nossos, victimados pelo inimigo, e que os apanhou de surpresa entre o Recife e Olinda, quando colhiam laranjas e outros fructos refrigerantes.

Elle foi até perto de um lugar onde Albuquerque (segundo informação de 2 presos) estava com 2.000 homens e 2 canhões e tentou uma escaramuça com o inimigo, mas, como cahisse uma forte chuva, retirou-se depois de causar grande damno aos contrarios, havendo os nossos perdido 4 homens

mortos e 30 feridos. Trouxe os 2 citados prisioneiros, que affirmaram que o commandante do forte de S. Jorge, chamado Antonio de Lima, estava preso e o do fortim do mar fugira, sendo ambos accusados de se não haverem esforcado bastante na defesa das mesmas pragas, e tambem que Albuquerque não queria ouvir falar em se dar quartel entre elle e nós, não querendo mesmo resgatar o seu proprio confessor, que era um capuchinho.

Segundo as ordens da metropole, foram os conselheiros politicos investidos pelos nossos no exercicio de seu cargo. Apresentou-se no dia seguinte uma força inimiga, a cavallo, do outro lado do Recife e do fortim situado abaixo da cidade e perto do mar, força que se retirou logo que do forte dispararam um tiro que acertou num cavalleiro.

No outro dia nomearam commissarios para os generos e munições e ficou resolvido deitar abaixo as arvores ao redor do convento e queimar as casas alli situadas, para se descortinar melhor ao longe e evitar que o inimigo fosse atacar os nossos ás escondidas, resoluções que trataram de por immediatamente em execução. Reuniu-se no dia 18.º conselho para tratar das fortificações necessarias e achou de conveniencia fazer trincheiras no convento de Antonio Vaz, para evitar o ataque do inimigo do lado do continente, e construir uma fortificação, na península, com 4 baluartes, no lugar onde Albuquerque estivera antes e começara a fortificar-se, isto é, na entrada para o Poço, em frente ao canal, de sorte que nenhum navio pudesse entrar contra a nossa vontade. O tenente-coronel Seton saiu da cidade com uma força em direcção ao monte, d'onde os portuguezes vinham diariamente espiar os nossos, afim de ver se era possivel fortificá-lo, e poz fogo a algumas casas em que o inimigo vinha alojar-se á noite e que estavam muito perto do nosso nariz. O coronel foi no outro dia examinar o monte e apesar de ver que, se o inimigo fosse alojar-se alli e montasse algumas peças, poderia fazer grande damno ao convento dos Jesuitas e pô-lo em ruínas, contudo julgou que não tinha forças sufficientes para occupar tantos postos.

No dia 20 veio ter com os nossos um indio, desertor da ilha de Itamaracá, e deu-lhes informações bem regulares sobre a situação da ilha e do forte alli existente, como, por exemplo, que no forte situado em um lugar elevado havia 16 peças e 400 ou 500 homens. No dia seguinte o yacht *Phoenix* e outro trouxeram uma barca que fora capturada com 220 pipas de vinho, vinda da Madeira, e nesse mesmo dia foram mandados 300 marinheiros para o Recife, afim de cortar a madeira necessaria para a construcção do forte.

Fez-se á vela do Recife para Santa Helena, no dia 22, o vice-almirante Jost van Trappen, chamado Banckert, com o navio *Emilia*, como almiranta, o *Salmauder*, como vice-almiranta, o *Neptunus*, como sota-almiranta, e mais o *Amsterdam*, o *Groeninghen*, o *Encluysea*, o *Post-Paerd* e o *Maen*, quasi todos navios grandes, dos quaes mais tarde ainda falaremos. Aos 23 do mesmo mez foi mandado o capitão Cornelis Cornelisz. Jol com a sua chalupa para a ilha de Antonio Vaz, afim de buscar agua doce, e, alli chegando, descobriu um grupo de portuguezes occupados em envenenar os poços e que fugiram ao avistar os nossos. Havendo alguns soldados bebido da agua imprudentemente,

morreram dous subitamente, podendo outros escapar com o auxilio de medicamentos. Entre os dias 24 e 25 os inimigos vieram muito ás escondidas até em baixo da cidade, mas, sendo presentidos por nossas sentinellas que deram alarime, retiraram-se sem tentar cousa alguma. No dia seguinte porem o General Loucq, vindo do Recife para a cidade com uma escolta de 50 homens, soh o commando do major Schutte, foi inesperadamente assaltado no caminho por uma força de portuguezes e indios e esteve em grande perigo, só se salvando a muito custo, perdendo entretanto 36 mortos e 5 ou 6 feridos e entre aquelles o pastor, Jacobus Martini. Aos 28 de Março partiu para o interior o capitão Berstet com cerca de 300 homens, duas horas antes do nascer do sol, com a intenção de cair de improviso sobre os indios, que diariamente nos faziam grandes damnos e se escaparam pelo matto, tendo percebido a nossa tropa, que teve de voltar sem nada conseguir. Dahi em diante, tornaram-se os indios cada dia mais ousados e no dia 3 de Abril vieram escaramuçar com os nossos quasi ao pé da igreja e das nossas trincheiras. No dia 5 chegaram dous navios da metropole, o *Maaght van Enchuyssen* e um navio fretado, *West-Vrieslandt*, carregados com munições e generos, e trouxeram 84 recrutas para o exercito.

No dia 13 foi mandado Direk de Ruyter em exploração, juntamente com o capitão Graye, nos yachts *Vos* e *Oyezaer* a Itamaracá e á Parahyba e de lá voltaram dous dias depois.

No dia 18, quando uns 300 marinheiros estavam occupados em cortar madeira na ilha de Antonio Vaz, tendo comsigo alguns soldados para a sua defesa, o inimigo, que estava alli escondido, atacou-os com pouca gente, cerca das 8 horas da manhã, e retirou-se após ligeira escaramuça. Os nossos soldados, sem aguardar ordem dos superiores, juntamente com alguns marinheiros, perseguiram furiosamente o inimigo, cahindo assim na emboscada. Tinha o inimigo uns 800 homens, de modo que os nossos se sahiram mal, com perda de 45 soldados e 6 marinheiros, e teriam soffrido maior damno, se a nossa gente que estava em Antonio Vaz não acudisse, atacando-os e fazendo-os retirar para o bosque, onde não era prudente perseguil-os. No dia seguinte foi ordenado que se fizesse alli um reducto para proteger os carregadores d'agua.

No dia 20 chegaram da metropole o *Pinus* e o *Haesken* e no dia 21 o *Neptunus* e o *Folus*, vindo nelles 70 soldados e o commandeur Joannes van Walbeeck. No dia seguinte o commandeur Dirck Symonsz. van Uytgeest, com os navios *Swol*, *Swaene*, como vice-capitanea, *Wapen van Hoorn*, como terceira capitanea, *Leeuw*, *Campan*, *Overijssel* e os yachts *Eenhooft* e *Meerminne*, nos quaes havia 484 homens, foi fazer um cruzeiro pela Bahia. Nesse mesmo dia Joannes van Walbeeck, que havia sido enviado para outro fim, (o que por certo motivo exporemos mais tarde), entrou para o numero dos conselheiros politicos. No dia 5 de Maio, o General Loucq, depois que ajudou o Conselho a fazer todos os seus trabalhos e poz em boa ordem os navios em que devia partir para a patria, despediu-se do Conselho, do coronel e dos outros officiaes e seguiu para o seu navio. No mesmo dia o

commandeur *Dirck de Ruyter* se fez à vela com 6 navios, *Oragnien*, *Faem*, *Nassauw*, *Gele Sonne*, *Goude Leeuw*, *Tertholen* e 2 yachts, *Mayden* e *Otter*, nos quaes haviam embarcado 655 homens, sendo a sua rota para as Indias Occidentaes. Delles mais tarde nos occuparemos.

No dia 7 chegou o navio *Arca Noé*, da Camara de Amsterdam, e no dia seguinte o General *Loneq* partiu para a Republica com os navios *Amsterdam*, *Utrecht*, *Hollandia*, *Munnickendam*, *Amersfoort*, *Provincie van Utrecht*, *Zeeuws Galeon*, *Eendracht* e o yacht *Oycaer*, a bordo dos quaes havia 599 homens. No mesmo dia o yacht *Swalowe* capturou uma presa carregada com 160 pipas de vinho e outras mercadorias.

Os conselheiros politicos que após a partida do General concentravam em suas mãos toda a autoridade, resolveram no dia seguinte que o almirante *Pieter Adriaensz*. Ita seguisse com 10 navios para as Indias Occidentaes e procurasse hostilizar o inimigo da patria e bem da segurança nacional. Nos dias seguintes houve a pressa usual em apromptar os navios destinados á expedição. No dia 14 o almirante com o conselheiro politico *Servatius Carpenter* partiu do Recife para a cidade afim de se despedir dos conselheiros e dos chefes militares e, ao voltar no dia seguinte para o Recife com uma escolta de 90 soldados sob o commando do capitão *Daye*, succedeu, já fora do alcance do canhão do fortim situado abaixo da cidade, cair um grande aguaceiro que molhou completamente as mechas e os mosquetes. O inimigo, que se postara de emboscada no outro lado do rio, percebendo isso, atacou de surpresa, a nossa gente, que se tomou de grande panico. O almirante e o capitão fizeram o possivel para a conter, porem os indios do inimigo atiraram as suas flechas e os nossos, que não podiam fazer uso dos mosquetes e não obedeceram mais ás ordens, fugiram sem olhar para traz.

O almirante correu alli extremo perigo, mantendo-se corajosamente, mas, vendo que sua gente cedia e que o inimigo se tornava muito forte, retirou-se outra vez para a cidade e maior teria sido o desastre, se o coronel e outros officiaes lhes não acudissem com a sua gente e não fizessem o inimigo retroceder. Os nossos perderam 30 homens e entre esses 2 tenentes, 4 commissarios de navios e um capellão. No dia seguinte o almirante seguiu num bote para o Recife. A 17 o governador *Wardenburgh* e o tenente coronel *Seton*, com 200 homens, foram até o lugar onde haviam cahido mortos os nossos, mas não encontraram inimigo algum e somente viram algumas obras junto ao rio, que deviam ter sido feitas pelo inimigo para lhe facilitar a vinda por agua e para separar o Recife da cidade de Olinda.

No mesmo dia o almirante *Pieter Adriaensz*. Ita partiu do Recife com os navios *Groef Ernest*, *Tiger*, *Wassende Maen*, *Goude Sonne*, *Groen-Wijf*, *Pinas*, *Oragnie-Boom*, a grande chalupa ou fragata, nas quaes havia 541 homens, e um navio fretado, o *Eolus*. Daremos mais tarde a narração dessa viagem e agora proseguiremos na descripção do que se passou no Brasil.

Permaneceram ainda no Recife 17 navios com 526 marinheiros.

Haviam ficado com os nossos na cidade 50 ou 60 negros, que se achou conveniente armar com arcos e flechas, espadas e piques. No dia 19 saíram

os nossos mosqueteiros e foram para foz da igreja, onde o inimigo diariamente apparecia; queimaram as casas que havia ao redor e mataram a tiro uma pessoa importante do inimigo. No dia 24, ao amanhecer, o inimigo, forte de uns 1.500 homens, apresentou-se inesperadamente diante das trincheiras exteriores do Convento, na ilha de Antonio Vaz; as sentinellas apanhadas de surpresa fugiram e o inimigo, achando-se dentro das trincheiras, esforcou-se o mais possivel para tomar as casas e chegou a voltar as peças da bateria contra o Recife e a desmantelar um baluarte. Então a nossa gente, tendo-se armado, cahiu-lhe em cima com tanta coragem que o repelliu e o obrigou enfim a retirar-se, tendo-se tornado notavel a bravura de um caporal, que em uma casa estava de sentinella. Encontraram-se no fosso apenas 11 mortos, tendo o inimigo levado consigo os demais, entre os quaes um coronel, arrastando-os por meio de cordas. Avaliaram que tivesse soffrido o inimigo uma perda de 200 homens entre mortos e feridos, pois os canhões dos navios e dos fortes atiravam violentamente sobre elle ao retirar-se. Do nosso lado tivemos apenas um sargento morto e 25 feridos, entre os quaes o tenente-coronel Elft e o capitão de Vries. O caporal que offercera tão grande resistencia foi galardoado e os que fugiram foram punidos. Houve ordem para se fazer paliçada nas trincheiras a fim de impedir que o inimigo as escalasse. Nos dias seguintes os mosqueteiros sahiram a dar batida por varios lados, mas não o avistaram.

No dia 2 de Junho voltaram novamente à ilha de Antonio Vaz e arrasaram as pressas algumas das nossas obras, mas tiveram de retirar-se.

Começara-se a construcção, havia alguns dias, do novo forte do Recife e, como o inimigo via perfeitamente quando os nossos remavam para lá, procurou impedir-o no dia 5, mas por meio dos canhões o obrigaram a desistir desse intento. Os indios do inimigo não deixavam de atravessar quasi todas as noites o rio Beberibe, para ir ao Recife a fim de espionar, tanto quanto podiam, de longe as nossas obras. Na noite de 6, sendo postos em fuga do lado de fóra e vendo que os nossos eram apenas 30 homens, repelliram-n'os por seu turno e alli se conservaram até vir maior reforço. O governador para prevenir a reproducção desse facto mandou fazer uns caixões nos angulos das paliçadas fincadas na terra, pregar pranchas de ambos os lados e encher de terra o espaço entre estas, de maneira que alli poderia uma companhia manter-se e defender as obras sem perigo.

Aquelle forte, segundo a planta, é quadrangular, e as pontas dos bastiões estão distantes entre si 30 varas da Rhenania, sendo a proporção das faces 18, das espaldas 6 e das cortinas 27. Nesse dia trouxeram um pequeno navio, vindo de Sevilha com destino a Angola, carregado com 40 pipas e 3.300 vasilhas de vinho e 130 de aguardente e 60 caixas de azeitona. Nessa epoca houve temporal na costa e o navio *Deventer*, ao entrar no porto, sos-sobrou aos 12 de Junho e num espaço de 8 dias arreventaram na praia uns 3 barcos.

No dia 16 à noite veio o inimigo de novo com muita gente assaltar o fortim situado ao sul da cidade e perto da praia. Alguns, tendo galgado o

parapeito, puzeram fogo na porta do forte e outros subiram para as baterias. Os nossos, devido á grande chuva, não podiam accender as mechas, contudo quatro se collocaram á frente da porta e resistiram tão bravamente com piques e outras armas que os do inimigo foram obrigados a retroceder. Abandonaram na fuga muitos saquinhos de polvera, meias, sapatos e chapéus furados a bala e na retirada foram alvejados pelos canhões dos nossos de sorte que é de crer que tivessem muitos mortos e feridos. Os nossos mosqueteiros aventuravam-se quasi todas as noites, já ao amanhecer, a sahír da cidade, mas em parte alguma encontravam gente. Assim o inimigo tratou de nos evitar e ao mesmo tempo os indios (como se soube pelos desertores) se internaram pelo paiz e muitos moradores os acompanharam.

No 1.^o de Julho chegou o *Oeverijssel* e trouxe um navio que apresara na latitude de 14 graus ao sul da linha e no qual havia 280 negres, homens, mulheres e crianças. Soube-se no dia seguinte por um negro, vindo da Parahyba que alli haviam chegado de Portugal, 7 caravelas. No dia 3 o inimigo atravessou o rio em direcção ao Recife com uma numerosa força e, amontoando toda a madeira que com tanto trabalho os nossos haviam levado para alli, ateou-lhe fogo.

Na noite seguinte projectou fazer o mesmo com um telheiro de madeira, que fóra alli feito para a protecção dos trabalhadores, mas foi saudado por uma pequena peça, que sem demora o fez bater em retirada.

Nos dias seguintes fez muito mau tempo, borrasca e chuva, mas nem assim o inimigo deixou de fazer varios assaltos, tanto ao Recife como á ilha de Antonio Vaz, ainda que sem proveito algum.

No dia 17 á noite veio novamente o inimigo pelo rio e deu vigoroso ataque ao novo forte com bombas e outros meios, mas foi saudado de tal forma que teve de se retirar depressa deixando no campo um morto, percebendo-se, pelo sangue que se via no logar das obras e por toda a praia, que havia carregado consigo alguns outros. O Conselho via-se muito embaraçado com as negras que ultimamente haviam sido trazidas, não só porque, sem prestar serviço, consumiam viveres, como pela licenciosidade a que se entregavam os soldados, rasões pelas quaes resolveu no dia 22 mandal-as com os portuguezes, que as haviam trazido de Angola, para o interior e alli desembarcar-se dellas. Mas logo que 120 sahiram pela margem da ilha de Antonio Vaz, os indios do inimigo atacaram-n'as e mataram a um dos portuguezes que as acompanhava e a 5 ou 6 dessas pobres creaturas, de sorte que trataram de regressar para o forte com os filhos nos braços. Uma força nossa, que estava emboscada não muito longe d'alli, julgando que era o inimigo que se approximava, atirou sobre ellas, mettendo-as assim entre dous fogos. Apesar de tudo conseguiram entrar no nosso acampamento.

O governador Wardenburgh, achando que os mosquetes pelas continuas chuvas do inverno se tornavam inúteis, julgou conveniente formar uma companhia de fuzileiros com os dous regimentos que estavam na cidade. Viu-se nesse dia que varios dos nossos soldados francezes desertavam, como já haviam feito antes, e era por elles que o inimigo sabia da nossa situação.

No dia 1.º de Agosto veio ter com os nossos um indio de Pau Amarello, por mar, numa jangada, o qual nos contou que haviam chegado a Itamaracá duas caravelas com munições e tambem chegara um capitão, que declarou que ainda vinham 30 navios com tropas. No dia 4 entraram no porto do Recife os navios *Gelderlandt* e *Brugn-risch*, carregados com viveres e trazendo 36 soldados recrutados. De noite sahiu o tenente coronel Seton com um contingente de tropas e foi a um logar entre a cidade e o Recife e alli demoliu e arrazonou uma meia lua e o parapeito de pranchas que o inimigo construira, enchendo o espaço com terra para hostilizar os nossos comboios da cidade para o Recife.

No dia 6 pela manhã o inimigo voltou e apanhou as pranchas e outras cousas, que jaziam na praia, para reconstruir o seu parapeito, que haviamos destruido, mas, surgindo-lhe pela frente o nosso comboio, novamente, atravessou elle o rio, perseguido pelos nossos fuzileiros e foi rechassado para o matto, deixando no campo tres mortos e havendo os nossos arrasado a obra começada.

No dia 9 o mesmo indio a que me referi veio ter outra vez com os nossos e contou que uma tribu da sua nação estava disposta a vir juntar-se-lhes pedindo que mandassem um comboio ao Rio Dóce pela praia para os trazer, e ao mesmo tempo referiu que os indios estavam um tanto receiosos de vir, porque ainda se lembravam de que os haviam os nossos abandonado, ha annos, na Bahia da Traição, depois de haverem elles demonstrado por factos a inclinação pela nossa amizade.

No dia seguinte pela manhã partiu um comboio da cidade para o Recife com 250 homens e os do Recife vieram ao seu encontro com igual numero.

O inimigo (que parece ter sido advertido por algum traidor) estava de emboscada no outro lado do rio com uma força que se presumiu ser de 2.000 homens e começou uma escaramuça, mas os nossos fuzileiros atravessaram o rio, expellindo-o dos seus reductos e demolindo as suas obras. O grosso da força inimiga conservou-se escondido no bosque, de sorte que os nossos, durante cerca de duas horas sem interrupção, alvejavam os pontos donde sahia a fumaça e, se não fosse a enchente do rio, que crescera muito devido á tempestade no mar, os nossos teriam abandonado a luta. Mas, como cada vez o rio enchesse mais, tiveram de o atravessar e era mais que tempo, pois a maré subira tanto que a agua lhes dava pelo pescoço e alguns correram o risco de se afogar. Nessa peleja morreram apenas tres dos nossos e houve sete feridos. Quantos perdeu o inimigo não se soube ao certo, acreditando-se comtudo que não fossem poucos. No dia seguinte observaram os nossos que o inimigo proseguia nos trabalhos no logar em que haviam sido demolidas as trincheiras.

No dia 15 chegaram os navios *Haes de Hoorn* e *Meerminne* de Amsterdam, nos quaes vieram 60 ou 70 soldados, alem de viveres e munições, do mesmo modo que no *Rotterdam*, no dia 17.

No dia 19, assim que pararam os trabalhos, toda a gente sahi do Recife e de Antonio Vaz para ir buscar estacas, deixando apenas, como havia sido

feito nas noites passadas, as sentinellas collocadas de emboscada, as quaes apanharam os animaes de tres cavalleiros portuguezes, sobre os quaes atiraram, ficando-dous estirados no chão. Com a chegada do verão começou a a fazer um tempo muito bonito e secco e os nossos consideraram que se podia dar outra direcção á campanha para chegar a um termo favoravel. Começaram portanto a demolir as casas vazias da cidade e a trazer os materiaes para o Recife affim de construir outras, pois se convenceram de que, não podendo fortificar nem occupar a cidade de Olinda, para o que precisariam de muita gente, convinha abandonal-a.

No dia 23 veio um negro que desertou do inimigo e informou aos nossos que o Governador Albuquerque tinha pouca gente consigo, pois a maior parte dos habitantes da cidade de Olinda se havia retirado, uns para a Bahia de Todos os Santos e outros para a Parahyba, que os indios que estavam com elle, não estavam dispostos a guerrear a nossa gente e que a unica esperanza que ainda nutriam era a da vinda de uma poderosa esquadra de Portugal. Os nossos tiveram a confirmação dessas noticias por varias cartas de portuguezes, que cahiram em suas mãos. Na noite de 23 para 24 partiram os fuzileiros com um grande numero de mesquiteiros para atravessar o Beberio do outro lado do Recife affim de saber que obras os portuguezes haviam feito alli, verificando que depois da ultima destruição de suas trincheiras nada tinham feito. Entretanto os nossos proseguiram na demolição das casas da cidade de Olinda, pelas razões já referidas. As varias opiniões sobre esse assumpto tinham sido discutidas por muito tempo na Hollanda, pois alguns militares tinham pessoalmente ou por cartas informado diversamente a Assembleia dos XIX, sendo uns de opinião que se podia muito bem fortificar a cidade e outros que não, e foi por isso que, em vez de abandonar a posição, se mantiveram nella mais do que convinha. Proseguindo na sua resolução, os nossos levaram no dia 28 para o Recife os sinos e algum ferro da Hespanha, que encontraram na cidade. No dia seguinte foram atiradas flechas com bilhetes para dentro da cidade, assim como pafa dentro do forte do Recife, assignados por um desertor francez, nos quaes exhortava os patricios, que eram da religião catholica romana, a abandonar os nossos e passar para os portuguezes. Havia-se suspeitado por algum tempo que um tal Adriaen Verdonck, mandado da metropole como commissario, entretivesse correspondencia secreta com o inimigo e lhe communicasse os projectos dos nossos de que tivesse conhecimento. Por esse motivo os militares o prenderam em 30 de Agosto e no dia 3 de Setembro o entregaram preso ao Conselho Politico, mas, como se não pudesse encontrar nada de claro na accusação, foi d'alli a pouco posto em liberdade.

No dia 4 o mencionado indio veio ter novamente com os nossos e declarou que muitos da sua tribu estavam dispostos a passar para elles, mas que eram impedidos pela grande vigilancia que o inimigo mantinha ao norte da cidade, e podiam portanto que repellissem e afastassem d'alli aquelle obstaculo para lhes facilitar a vinda.

No dia 6 á noite os fuzileiros foram outra vez fazer uma visita ás

fortificações, d'onde o inimigo vinha ordinariamente atacar os nossos comboios, e viram que elle fizera uma trincheira na margem do rio e uma meia luaum tanto mais afastada d'alli, para a sua retirada em caso de necessidade.

No dia 11 chegou o navio *Ter-Weere* da Zelandia com algumas provisões e no outro dia todo o Conselho Politico, que até então se conservara na cidade se passou para o Recife, onde estabeleceu a sua residencia. Entretanto por ordens rigorosas, escriptas da metropole e motivadas por más informações, como já foi dito antes, se annunciou a toque de caixas que ficava prohibido demolir qualquer casa da cidade. No dia 16 pela manhã, duas horas antes de nascer o sol, foram mandados dous tenentes-coroneis Eltz e Steyn Callenfels, com os fuzileiros da cidade e mais seis companhias de tropas, expressamente para fazer um reconhecimento na Varzea e seguiram ao longo da ilha de Antonio Vaz, mas viram que o inimigo se apercebera do nosso movimento e estava de guarda, razão pela qual não atravessaram o rio e voltaram sem nada poder fazer.

No dia seguinte foram mandadas duas chalupas a Pau Amarello, ao norte da cidade, para ir buscar os indios, de que já fallamos varias vezes, mas devido á agitação do mar não puderam dar desembarque e voltaram, tendo feito a viagem debalde. No outro dia foram enviadas quatro chalupas que, regressando á noite, trouxeram apenas cinco homens, tres mulheres e quatro creanças.

No dia 19 a nossa gente atravessou o rio e se dirigiu para a margem saliente, na terra firme, justamente defronte da aldeia do Recife, e, examinando-a cuidadosamente, verificou ser uma ilha, de terra dura e coberta de matto miúdo, de sorte que, se o inimigo alli fizesse uma fortificação, poderia causar grande mal ao Recife.

No dia 21 o inimigo veio até perto do nosso forte de Antonio Vaz com arcabuzes e compridos mosquetes e atirou impetuosamente de dentro das moitas, mas não causou mal nenhum. Por seu lado o nosso governador atravessou o rio no mesmo dia com uma força respeitavel e fez demolir na outra margem uma casa de grandes proporções que ficava defronte do nosso novo forte, no Recife, tendo havido algumas escaramuças com o inimigo, mas sem prejuizo para nenhum dos lados. No dia seguinte chegaram os navios *Delft* e *S^t Pieter* da Zelandia, trazendo viveres, outros recursos e 82 soldados.

No dia 23 foi resolvido unanimemente pelo Conselho mandar uma expedição á Varzea, pois era essa região que alimentava o Arrayal e, para executar essa resolução, foram nomeados o Major Foucke Honcks e outros officiaes, devendo acompanhal-os 400 homens. Seguiram no dia 25 pela manhã para o Recife e, como para atravessar o rio tinham de esperar muito tempo pela vasante, abandonaram o projecto e resolveram ir á tarde á casa branca, situada do outro lado do rio, defronte do novo forte construido pelos nossos e chamado *Brugne*, em honra de Mr. John de Bruyne, que presidia naquella epoca o Conselho Politico. Foram para lá com cerca de 1.500 homens entre os quaes 250 marinheiros com o fim de cortar estacas para as nossas,

fortificações e, não encontrando o inimigo, queimaram a casa e trouxeram uma grande quantidade de estacas e continuaram a trazel-as nos dias seguintes.

No dia 29 chegou, tendo feito boa viagem, o navio *Haringh* de Amsterdã, carregado de todas as espécies de viveres, e foi despachado o navio *Oerijssel* para a metropole com 82 soldados doentes, para lá se restabelecerem.

No dia 1º de Outubro pela manhã partiram os nossos com numerosa força e atravessaram o rio, perto do forte de Bruyno, para a terra firme e, seguindo por um caminho, que alli acharam, até duas casas justamente por traz do forte situado em Antonio Vaz, onde o inimigo costumava estar dia e noite para espiar os trabalhadores do forte e hostilizar-os, demoliram-n'as completamente. O inimigo, percebendo isso, apresentou-se, mas foi atarado com tanto impeto pelas nossas tropas, que logo retrocedeu para o matto. Nessa retirada os nossos fuzileiros, que se haviam posto de emboscada, envolveram-n'o entre dous fogos e destroçaram-n'o, fazendo-o fugir na maior confusão, com a perda de 16 mortos, alguns dos quaes deviam ser pessoas de importancia, pois os nossos soldados encontraram nos despojos uma cadeia de ouro com uma cruz e outros objectos.

A' noite vieram dous negros que desertaram para o nosso lado e púderam de alguma sorte explicar a situação da fortificação inimiga no Arraial, assim como disseram que chegara um navio ao cabo de S^o Agostinho, com alguma tropa e munições, e alem desse dous pequenos navios com vinho.

No dia 2 houve preces geraes.

No dia 4 o inimigo appareceu com muita força no Monte Vermelho, junto á cidade, mas, logo que os nossos fuzileiros sabiram para lhe cortar a retirada, tratou de fugir, sem ousar esperal-os. No mesmo dia foi resolvido pelo Conselho dirigir uma proclamação ao governador Albuquerque e a todos os habitantes do Brasil, declarando: que os Estados Geraes e a Companhia sempre estiveram dispostos a fazer alliança com os habitantes do paiz e a manter com elles boas relações e commercio, sem lhes causar damno ou constrangimento algum nas suas consciencias; que, apesar de toda a hostilidade que lhes haviam feito, estavam ainda promptos a fazer a paz e, se rejeitassem as suas propostas de amizade, elles se veriam forçados a destruir a cidade e a empregar outros meios para os chamar á razão, protestando que não seriam culpados dos males que d'ahi proviessem.

No dia 7 o inimigo fez durante toda a noite grande algazarra, dando tiros e queimando fogos ao norte e ao sul da cidade, sem attentar mais cousa alguma.

No dia 9 o proprio governador Wardenburgh, com os fuzileiros e uma força de mosqueteiros, dirigiu-se ao monte para examinar o que fazia o inimigo, pois apparecia tão a miudo naquelle ponto, e, lá chegando, notou que haviam fechado com uma trincheira o caminho que se dirigia para o interior e viu perto d'alli uns 4 ou 5 homens, mas, como era um tanto longe e já se tornara tarde, não avançou mais e regressou para a cidade.

No dia 14 os nossos cortadores de estacas atravessaram o rio, do Recife para o outro lado, sob a protecção dos fusileiros e de 800 mosqueteiros, de sorte que os portuguezes os deixaram em paz.

Dous dias depois o governador com o presidente De Bruyne, o tenente-coronel Seton e 400 homens foi examinar o Monte Vermelho e, voltando de lá, tomou o caminho ao longo da praia. O inimigo que estava observando do alto, deu uma descarga que matou um criado, que ia perto do governador, e um soldado. No dia 22 pela manhã, antes de nascer o sol, o major Honcks partiu da cidade com 300 homens para garantir os cortadores de estacas, atravessando o rio cerca de meio dia. O inimigo, veio de manhã e procurou impedir o serviço dos trabalhadores, pelo que houve forte tiroteio, ficando mortos tres dos nossos e dous feridos. Os nossos aprisionaram um portuguez, que declarou ter vindo, havia tres mezes, de Portugal, tendo desembarcado juntamente com uma tropa de 100 homens no cabo de S.^{ta} Agostinho. Assim os nossos ficaram sabendo que de vez em quando chegavam de Portugal reforços para o inimigo, que por isso tambem se tornava mais ousado e procurava hostilizar e apertar os nossos por todos os meios. O governador e o Conselho, tomando isso em consideração e procurando adiantar as suas obras para livrar de assaltos a ilha de Antonio Vaz, resolveram construir outro forte na mesma ilha e, perto das fortificações já feitas junto ao Convento, delinearão, iniciando as obras com urgencia, um forte de cinco pontas, ao qual deram o nome de *Frederick Henrich*, em honra ao illustre Principe de Orange.

O inimigo, tentando embaraçar as novas obras, veio outra vez á ilha no dia 29, munido de bombas, esperando expellir os nossos das fortificações começadas e arrazar o que já estava feito, mas os nossos, presentindo-o em tempo sahiram e o atacaram tão impetuosamente que o obrigaram a por-se em fuga, abandonando 19 mosquetes.

Apesar de tão mal succedidos, vieram os portuguezes novamente no dia 11 de Novembro atacar a nossa gente, que estava occupada em cortar estacas, mas os nossos fusileiros, que antes se haviam emboscado perto dalli, lhes deram um assalto e os fizeram voltar depressa para o lugar donde tinham vindo, sem ter causado mal algum á nossa gente. Por todo esse tempo correram insistentes boatos, na maior parte espalhados pelos portuguezes, de que Dom Frederico de Toledo vinha com uma esquadra muito grande e poderosa para nos expulsar á força do Brasil.

Acreditando firmemente nelles ou não achando de bom conselho despresal-os completamente, apressaram-se os nossos em prover tudo em tempo para se manter no terreno conquistado, reforçaram as suas fortificações de forma sufficiente para resistir a um vigoroso ataque e prepararam tudo de tal maneira como se contassem ter de supportar um longo e estreito assedio.

O Conselho Politico era, ao contrario, de parecer que convinha de preferencia destruir o acampamento de Albuquerque, convergir para isso todos os esforços antes que chegassem soccorros de gente, munições e viveres, ficando assim livres de um inimigo, em terra, tão visinho e tão ousado; mas

o conselho de guerra, deliberando juntamente com o governador, não approvou esse parecer, receando que assim se desperdiçasse muita gente, que era conveniente conservar para quando viesse a grande esquadra, e além disso julgava arriscada uma tal empresa e de exito incerto. E, considerando firmemente como um facto a vinda do inimigo com uma poderosa esquadra da Hespanha, trataram de se fortificar cada vez mais, reforçando melhor e provendo de mais elementos todos os logares por onde receavam o ataque. Conjecturando que, feito o desembarque, viriam primeiro sobre o novo forte situado no Recife, resolveram por em frente d'elle uma cortina com dous bastiões e uma meia lua com a frente para a cidade e sem demora dar execução a essas obras.

O inimigo, notando esse nosso receio, tambem se não descuidava e, avisado por alguém, que traiçoeiramente lhe communicava *antecipadamente* as nossas expedições, de que uma força sairia no dia 28 para ir cortar e trazer estacas para as novas fortificações, preparou uma grande tropa e cabiu de improviso sobre os nossos, que deixaram alli tres mortos e ficaram em apuros, porque, devido a uma grande chuva, as mechas se apagaram e as que estavam ainda accesas mal podiam servir. O inimigo perdeu tambem cinco ou seis homens e cada um carregou consigo os seus.

No fim do mez foi capturada e trazida para o porto uma pequena presa com sal e ferro, que ia para a Parahyba.

No dia 5 de Dezembro trouxeram um navio carregado com 230 caixas de assucar que o conselheiro politico Walbeeck tinha capturado num rio, onde estavam ainda outros, que o proprio inimigo tinha arreventado na praia para que os nossos se não aproveitassem delles.

No mesmo dia o inimigo atacou outra vez o novo forte, mas foi repellido com tanta bravura pelos nossos, que teve grande numero de mortos, os quaes levou consigo. Tres dias depois disso, no dia de N. S. da Conceição, o inimigo assaltou a cidade de Olinda com horrivel impeto, atirando bombas em varios pontos; mas, achando todas as sentinellas vigilantes e a nossa gente prevenida, não poudo arrancar a paliçada e voltou sem realisar o seu intento. Os nossos perderam uma pequena peça de bronze carregada com metralha, perda que foi compensada, pois acharam pela manhã muitas bombas espalhadas por todos os lados e tambem algumas mechas ensanguentadas.

Para dar melhor direcção aos negocios maritimos os conselheiros nomearam almirante na costa do Brasil o seu collega Joannes van Walbeeck, habil marítimo, que já antes mostrara a sua bravura. Este, tendo sido informado de que se podia desembarcar na visinhança do cabo de S. Agostinho e apanhar uma porção de gado bovino nas pastagens adjacentes, resolveu tirar uma prova disso e, tendo apromptado 6 navios e nelles embarcado 600 soldados, partiu no dia 15, mas, chegando ao logar indicado, achou que o mar era alli impetuoso, de sorte que seria muito arriscado desembarcar em botes e impossivel trazer de lá qualquer cousa e nessa convicção abandonou o projecto e voltou no mesmo dia.

A noticia de que aprestavam em Portugal uma esquadra para a mandar

À Bahia e, segundo todas as apparencias, levar tropas e demais recursos a Albuquerque moveu os Directores na Hollanda a pensar seriamente nos socorros para a sua gente no Brasil e a preparar em tempo uma esquadra não só para reforçar os compatriotas que já estavam na costa, mas também para hostilizar o inimigo. Nomearam para General da mesma o bravo Adriaen Jansz. Pater e para almirante Marten Thijsz. A esquadra compunha-se dos seguintes navios e yachts: *Prins-Wilhelm*, 500 lastos, 26 canhões de bronze e 20 de ferro, 150 marinheiros e 150 soldados; *Provincie van Utrecht*, 300 lastos, 8 canhões de bronze e 30 de ferro, 115 marinheiros e 147 soldados, capitão Dingen Jansz.; *Vereenighde Provinciën*, 400 lastos, 22 canhões de bronze e 28 de ferro, 150 marinheiros e 136 soldados, capitão Marten Thijsz.; *Walcheren*, 280 lastos, 12 canhões de bronze e 22 de ferro, 85 marinheiros e 106 soldados, capitão Jan Mast; *Oragnie-Boom*, 200 lastos, 34 canhões, 100 marinheiros e 50 soldados, capitão Bernardt Leendertsz.; *Mercurius*, 200 lastos, 6 canhões de bronze e 20 de ferro, 68 marinheiros e 51 soldados, capitão Frans Jansz. Root; *Vriessche Jagher*, 150 lastos, 6 canhões de bronze e 18 de ferro, 66 marinheiros e 32 soldados, capitão Claes Hendricksz.; *Oliphant*, 120 lastos, 2 canhões de bronze e 28 de ferro, 62 marinheiros e 73 soldados, capitão Jan Gerritsz.; *Amersfoort*, 200 lastos, 8 canhões de bronze e 20 de ferro, 55 soldados e 47 marinheiros, capitão Dirck Claesz. Haen; *Oudt Vlissinghen*, 150 lastos, 4 canhões de bronze e 17 de ferro, 95 homens, capitão Isaac Rijcken; *Domburgh*, 130 lastos, 10 canhões de bronze e 18 de ferro, 83 homens, capitão Jonathan de Necker; *Katte*, 90 lastos, 2 canhões de bronze e 18 de ferro, 47 homens, capitão Hillebrant Claesz.; *Sout-Bergh*, 60 lastos, 4 canhões de ferro, 15 marinheiros, capitão Dirck Cornelisz.; *Jager*, 80 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 65 homens, capitão Bartolomeus Nouto; *Windthondt*, 80 lastos, 12 canhões de ferro, 52 homens, capitão Claes Hendricksz.; *Ouwerherch*, 60 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 61 marinheiros, capitão Pieter Hartman; bem como de alguns yachts menores e varios navios que haviam sido fretados para levar todos os recursos precisos e prover bem as pragas conquistadas. Esses navios foram mandados seguir logo que se apromptaram, sem esperarem uns pelos outros, de modo que o almirante Marten Thijsz. chegou ao Brasil no dia 18 de Dezembro com o *Geunieerde Provinciën* e o *Oliphant*.

No dia 22 partiram do Brasil no navio *Swaete Leuw* o tenente coronel Elts e o commandeur Dirck Symonsz. van Uylgeest por estarem gravemente doentes e não houve mais noticias do navio, que deve ter naufragado, sendo a perda desses dous bravos muito para lamentar, pois prestaram grandes serviços á patria e á Companhia.

No dia 25 ao amanhecer o almirante Marten Thijsz. partiu do Recife com quatro navios para cruzar ao longo da costa do Brasil em busca dos navios do inimigo. No dia seguinte surgiu no porto do Recife o *Moorinne*, que viera da costa e queimara em Porto Calvo um navio portuguez, novo, tendo-se apoderado na praia de cinco caixas de assucar. Havendo descripto até agora tudo que aconteceu este anno na Capitania de Pernambuco e nas suas visinhanças,

tanto no mar como em terra, narraremos em seguida o que as varias esquadras realisaram no mar no corrente anno.

No dia 22 de Março, como já ficou dito, o vice-almirante Joost van Trap-pen, appellidado Banckert, partiu de Pernambuco com os navios sob o seu commando, tendo recebido ordem de navegar para a ilha de S.^{ta} Helena e estacionar algum tempo alli, afim de esperar a chegada das caravelas, que ao voltarem das Indias Orientaes para Portugal têm o habito de se ir refrescar naquella ilha, a ver se podia apoderar-se das mesmas e trazel-as para a Republica. O vice-almirante esforçou-se para ganhar o mais possivel o sul, afim de alcançar com maior facilidade a dita ilha. Tomou o rumo, a principio, direito ao sul, descahindo pouco a pouco para leste, até que finalmente no dia 24 de Abril se achou na latitude de 27 grãos e 22 minutos ao sul da linha equinocial e, calculando estar pouco mais ou menos na mesma longitude daquella ilha, navegou d'ahi em diante na direcção de leste quarta a nordeste com um vento de oeste e noroeste e, depois de entrar novamente no tropico com o vento sudeste, achou-se no dia 3 de Maio na latitude de 16 grãos ao sul da linha, alli marcando a bussola 3 grãos nordeste. No dia seguinte avistaram a ilha de S.^{ta} Helena, calculando estar ainda a 10 leguas de distancia, e ancoraram ás 5 horas da tarde a noroeste. Ella está situada segundo calcularam, a 16 graus ao sul da linha e 3 graus e 26 minutos de longitude leste. Depois de ancorados, o almirante e o conselho da esquadra prohibiram que fosse alguém aos pomares colher fructos ou damnificar as arvores e ao mesmo tempo mandaram alguns homens colher laranjas, limões e outros fructos e reunil-os afim de os repartir igualmente por todos os navios. Chegando a terra, não encontraram fructo algum, mas viram um cabrito com as quatro pernas amarradas, que se achava junto a uma arvore e havia comido todas as plantas que pudera alcançar ao redor, pelo que suppuzeram haver gente na ilha ou ter estado recentemente, se bem que durante todo o tempo em que lá se demoraram não tivessem visto ninguem. Estiveram fundeados em 80 braças d'agua a um tiro de mosquete de terra, ficando alguns navios ainda mais perto. Apanharam diariamente muitos cabritos e porcos com algum trabalho, por causa dos altos montes e escarpados rochedos, mas apesar disso pelos seus diarios fica provado que durante a sua estada mataram uns vinte e cinco mil cabritos e porcos.

A ilha é alta, em parte bella e fertil, tem perdizes, pombos e faisões e nos rochedos uma enorme quantidade de gaivotas que não fogem das pessoas e podem ser mortos a pauladas, sendo os ovos gostosos e nutritivos. Tendo estacionado alli até o ultimo de Agosto sem ver navio algum, esgotado o prazo marcado para esperar e abastecidos de agua, que corre da montanha até o mar, e de lenha, suspenderam ancora nesse mesmo dia e fizeram-se á vela com um vento sudeste fraco, tomando o rumo de noroeste. No dia seguinte tiveram um vento sul-sudeste. No dia 7, contrariamente ao calculo de bordo, foram dar direito sobre a ilha da Ascensão, a cerca de 7 graus e 14 minutos, tendo tomado a partir de S.^{ta} Helena o rumo noroeste um terço ao norte. Navegaram a oeste da ilha e viram nesse lado uma praia de

areia e acharam que ella se estendia de sudeste a noroeste. Continuaram a navegar para noroeste e noroeste quarta ao norte com um vento de sudeste. No dia 13 de setembro atravessaram novamente a linha equinocial e navegaram com rumo da noroeste e depois com o de nor-noroeste com o vento do sul e bom tempo; tiveram algumas vezes o vento oeste e sudoeste e outras vezes completamente variavel. No dia 22 estavam a 11 graus e 8 minutos ao norte da linha e tomaram o rumo algumas vezes de norte quarta a nordeste e outras de norte quarto a noroeste. Acharam-se no dia 24 a 13 graus e 27 minutos de latitude.

No dia 7 de outubro estavam a 29 graus e 18 minutos e começaram a ver a planta pelos hespanhoes chamada sargão. Para não occupar por mais tempo o leitor com a descripção dessa infructuosa viagem diremos que os navios chegaram á Republica aos 28 e 29 de Outubro com cerca de dous mezes de viagem de S.^{ta} Helena.

Já dissemos antes que o commandeur Dirk Symonsz. van Uytgeest foi mandado no dia 22 de Abril deste anno, com 8 navios, para a Bahia de Todos os Santos. Os navios eram os seguintes: *Swal*, no qual ia o commandeur, *Oerijssel*, *Campan*, *Kenuhorn*, *Smaen*, que era vice-almirante, *Leeuw*, *Meermin* e uma balandra.

No dia seguinte tinham o cabo Santo Agostinho cerca de 5 leguas a oeste. Depois foram arrastados para o norte e mais tarde, a 7 de Maio, chegaram a 4 graus e 44 minutos ao sul da linha. Começaram novamente a ganhar o sul e aos 17 de Maio avistaram a costa da Bahia a cerca de 6 leguas a oeste quarta a noroeste. Ficaram cruzando alli e no dia 19 tinham o morro de S. Paulo a noroeste a umas 5 leguas de distancia e chegaram algumas vezes a estar em frente da barra da Bahia. Nesse interim deram caça a varios navios mas não puderam alcançal-os. No ultimo de Maio entraram na Bahia e viram um novo fortim situado perto de S.^{ta} Antonio, o qual lhes fez fogo. No porto, junto a cidade de S. Salvador, se contavam 7 ou 8 navios, mas, como estivessem vazio e bem defendidos, os nossos nada tentaram contra elles e tiveram de voltar e ancorar á tarde cerca de um terço de legua de S.^{ta} Antonio.

Ficaram alli até o dia 2 de Junho e então se fizeram ao mar e continuaram a cruzar por alli entre a Bahia e o morro de S. Paulo para buscar agua e outros refrescos. Chegaram no dia seguinte ao rio e ancoraram a 6 braças d'agua em um bom fundo, encheram as chalupas e botes com alguns mosqueteiros, tomaram de improviso tres pequenas barcas, que nada tinham de importancia a não ser um pouco de farinha, e desembarcaram junto ás primeiras casas que estão a cerca de meia legua do cabo e para dentro do rio; obtiveram alli alguns frangos, perús e outras provisões e levaram-nos para as chalupas. Ao retirarem-se, os indios atiraram-lhes umas flechas, de dentro do matto, mas não acertaram. Foram depois á nau do commandeur, para lhe referir o que viram e dirigiram-se outra vez ao rio depois de meio dia com todas as chalupas e botes muito bem guarnecidos e, tendo navegado um terço de legua pelo rio acima, chegaram junto a um convento

situado em um cabo elevado. Encontraram nesse ponto um navio novo de cerca de 150 lastos, que não estava acabado, faltando ainda o cordame e os mastros. Desembarcaram e obtiveram ali uma caixa de assucar e outros refrescos e, vendo que nada mais conseguiam, incendiaram o navio e voltaram para bordo da esquadra.

No dia 8 os navios foram mais para perto do rio afim de proceder a limpeza e trouxeram para bordo um indio que lhes prometteu obter refrescos, o que realmente fez no dia seguinte, com auxilio das tres barquinhas, que, para isso conseguiram dos respectivos donos, os nossos haviam poupado. Fizeram-se á vela no dia 12 de Junho e, como o commandeur Direk Symonasz. estivesse doente durante toda a viagem, voltou a Pernambuco no seu navio em busca de melhoras. Os navios restantes ficaram cruzando entre 13 e 14 graus ao sul da linha. No dia 22 o *Overyssel* capturou a 2 leguas ao norte da ilha Paesch-avondt (Vespora de Paschoa) um navio vindo de Angola, trazendo 280 negros e levou-os para Pernambuco, onde chegou no dia 1 de Julho. Os outros navios surgiram no Recife em 20 de Agosto sem mais incidentes.

Já mencionamos antes que o commandeur Direk de Ruyter foi mandado de Pernambuco com 6 navios no dia 5 de Maio para as Antilhas. Fizeram uma viagem tão rapida que no dia 20 do mesmo mez avistaram a ilha do Passaro e no dia seguinte ancoraram junto a S. Vicente, uma das Antilhas. Refrescaram alli até o ultimo do mesmo mez e fizeram-se novamente á vela. No dia 2 de Junho avistaram a ilha Margarida, passando ad largo, e ancoraram junto á ilha Branca, onde pararam até o dia 5, tomando então o rumo de Hispaniola, junto á qual fundearam no dia 12 de Junho, por traz da ilha de Vacca; mas partiram d'alli em pouco tempo para a enseada que fica por traz do cabo Tiburon, onde se reuniram ao almirante Pieter Adriãensz., collocando-se sob o seu commando. O almirante, como já dissemos, partiu de Pernambuco com os seus navios no dia 17 de Maio para as Antilhas e, como a sua expedição foi planejada e resolvida pelo Conselho Político do Brasil após a partida do General Loucq e um pouco antes da nomeação do commandeur Direk de Ruyter, mandou adiante o navio *Goutte Sonne* a Tabago para ver como ia a colonia estabelecida naquella ilha e d'alli á de Vacca, junto a Hispaniola, para prevenir o commandeur Direk de Ruyter da sua chegada e dar-lhe ordem de esperar a sua esquadra. No dia 2 de Junho, ao chegar o almirante com toda a esquadra a 12 graus e 50 minutos de latitude ao norte do equador, reuniram-se todos os pilotos para verificar o ponto em que se encontravam e, segundo todos os calculos, acharam estar a umas 130 leguas a leste de Barbados. Isto refiro especialmente para fazer notar a incerteza de taes calculos, pois no dia 4 de Junho avistaram, quando menos esperavam, a mesma ilha á distancia de quatro ou cinco leguas e haviam gasto 15 dias de Pernambuco ás Antilhas. Dahi se deve concluir que os navios, como que por encanto e fora da presumpção dos pilotos, são desviados pela corrente; que os illude nos calculos e tomadas de pontos.

O almirante tinha a intenção de ancorar na ilha para saber dos outros

navios que o haviam precedido, mas, como a noite já estivesse adiantada e se haviam de cangar toda a noite cruzando alli, mudou de idéia e encarregou somente o yacht *Oragnie-Boom* desse serviço, devendo navegar pela manhã para Barbados e ir reunir-se depois á esquadra na ilha de S. Vicente. No dia seguinte, cerca do meio dia, avistaram S. Vicente, onde ancoraram á tarde na bahia chamada de S.^{ta} Antonio. Os selvagens que habitavam a ilha trouxeram a bordo uma carta do commandeur Dirck de Ruyter, dizendo que estivera naquelle porto no dia 21 de Maio e referindo que o *Walcheren* e o *Wille Leeuw* haviam partido no dia 26 de Novembro do anno passado, que o yacht *Armuyden* se fizera á vela no dia 13 de Março e que elle proprio partira no dia 30 de Maio para a ilha Branca e d'alli finia a intenção de navegar para a ilha de Vacca. No dia 6 ao meio dia voltou o yacht *Oragnie-Boom* para junto da esquadra; fallara com o governador inglez em Barbados e soubera por elle que o almirante Pater estivera alli em Novembro do anno passado. Informou tambem que na mesma ilha habitavam uns 3.900 inglezes, inclusive 40 mulheres, e que se occupavam no plantio do tabaco, não estando agora, em consequencia da pequena colheita de mandioca, bem providos de viveres, mas esperavam qualquer dia soccorros da Inglaterra.

Como vinham diariamente muitos navios á ilha de S. Vicente, havia escassez de gallinhas e os gentios só queriam vendel-as muito caro, de sorte que a nossa gente apenas conseguiu um pouco de bananas e pacovás, o que não constituia sufficiente aprovisionamento. O almirante, achando não ser conveniente demorar-se alli, partiu no dia 8 de Junho, depois de fazer provisão de agua e lenha. Chegando fora da bahia, avistou duas velas que falaram para o *Wassende Mane* e eram os yachts *Vos* e *Ouwerkerck*. Quando o almirante se achava ao sul da ilha, chegou o yacht *Phoenix*, cujo capitão veio ter com aquelle e o informou de que os tres yachts mandados de Pernambuco para cruzar em frente á Parahyba, onde se mantiveram por 10 dias e de onde, devido ao mau tempo, depois de cada um perder uma ancora e a respectiva amarra, foram arrastados para o norte, não podendo mais alcançar aquelle porto se dirigiram para alli. O almirante ordenou ao capitão do *Phoenix* que se juntasse á esquadra e avisou aos outros dous com um tiro para que fizessem o mesmo, apesar do que elles foram ancorar dentro da bahia. A esquadra tomou o rumo de sudeste quarta de oeste e oeste-sudeste para a ilha Branca, a qual avistou no dia 10 e ancorou ao meio dia a 6 braças em um fundo pedregoso. Foram mandados immediatamente alguns homens a terra para caçar cabritos, mas muito poucos apanharam; porque os animaes, devido ás continuas visitas de navios se haviam tornado muito ariscos e tambem diminuido em numero. Encontraram perto da praia um poste com um aviso que dizia haver o commandeur De Ruyter partido d'alli no dia 7 de Junho. No dia seguinte foram outra vez a caça e apanharam cerca de 150 cabritos e repartiram-nos pela esquadra. Collocaram nesse ponto, como aviso aos navios que estivessem a procural-os, um escripto em que diziam o dia da partida e que navegavam para a ilha de Vacca, e á tarde se fizeram novamente á vela, tomando rumo de noroeste. No dia 14 avistaram as ilhotas

situadas abaixo de Hispaniola e d'ahi tomaram o rumo ao longo da costa para a ilha de Vacca, a qual avistaram no dia seguinte antes de meio dia, ancorando a essa hora. Já encontraram o *Goude Sonne* que chegara no dia 13. O capitão deste fez saber ao almirante que, devido á escuridão e por estar o navio meio desárvorado, não poudo voltar á ilha de Tabago; que, chegando aqui encontrara ainda o commandeur De Ruyter, ao qual entregara a carta do almirante; que o dito commandeur partira deixando-lhe uma carta em que se desculpava por não esperar a vinda do almirante, em vista das ordens que recebera do General Loncq para se juntar á esquadra do almirante Adrian Jansz. Pater, e que este recentemente se fizera á vela para o cabo Tiburon na extremidade oeste da ilha Hispaniola. O almirante Pieter Adriaensz., percebendo pela carta que o commandeur não estava satisfeito de se juntar á sua esquadra e recuando que essa separação pudesse prejudicar o serviço da Companhia, mandou-lhe incontinenti o yacht *Phœnix* com ordem expressa de o esperar. No dia 16 de Junho trataram com grande pressa de fazer provisão de agua e lenha e uma parte da gente de cada navio foi a terra buscar laranjas e outros viveres e trouxe uma grande quantidade de limas, (fructo um pouco menor do que o limão) e um porco bravo, não tendo podido achar outras provisões. A fragata hespanhola, que se estava afundando pela grande quantidade d'agua que fazia, foi mandada para junto da praia para ser calafetada, porque o almirante não queria reconhecer a sua incapacidade para navegar. No dia seguinte estiveram ainda occupados e a grande chalupa foi mandada á enseada mais proxima para procurar refrescos. No dia 18 entrou no porto o navio *Zeelandia*, vice-almiranta da esquadra do commandeur Jan Gijbertsz. Boon-eter. Contou que havia dous mezes se fizera á vela, da Republica, para acompanhar o seu commandeur, com 5 navios e um yacht, e que, chegando á ilha Barbados, soube, que elle partira d'ahi sem que lhe pudessem dizer para onde, e que portanto se apressara em vir juntar-se-lhe, se bem que tivesse ordem de seguir a esquadra do almirante Pater. Ouvira dizer na ilha de Barbados que o dito almirante Pater tomara no Orenoco a pequena cidade de S. Thomé, a qual, assim como a Tindade, deixara occupada por 500 homens, o que era um duplo erro. Os dous yachts *Vos* e *Ouwerkerck* não puderam desempenhar a sua commissão. Como este navio quebrara o mastro em caminho e precisava de um dia ou dous para fazer reparos, foi despachado o *Oragnie-Boom* para informar o commandeur De Ruyter a respeito da demora do almirante. Depois do meio dia a fragata ficou esgotada e calafetada e a grande chalupa trouxe mais 6.000 limas, não tendo encontrado laranjas.

No dia 19 de Junho o almirante partiu da bahia, que fica por traz da ilha de Vacca e a que dera o nome de Bahia da Companhia, para o cabo Tiburon, deixando ainda lá o *Goude Son*, o *Tiger*, o *Groenwijf* e a *Fragata*, que deviam seguir-o dias depois com o *Zeelandia*, e tendo ordenado que deixassem cartas tanto na ilha como na bahia, pelas quaes o commandeur Boon-eter ou outros navios pudessem saber onde encontrar a esquadra. A ilha de Vacca, de que já temos fallado algumas vezes, é situada a 18 graus e 45 minutos de latitude

forte e tem cerca de uma legua de comprimento e um terço de legua de largura; estende-se na maior parte de leste a oeste; tem margens escarpadas e alguns montes com picos. Ha ao redor muitas ilhotas e baixios que se prolongam até meio caminho de Hispaniola; desse lado se encontram muitas vacas marinhas e tartarugas no tempo proprio de as apanhar. Do lado noroeste estão dous rochedos brancos com a formã de castellos e na distancia de duas leguas ou um pouco mais a bahia Bella, onde ha 5 ou 6 braças d'agua sobre um fundo de lama. Em frente está um rio e ali se podem obter agua e lenha, assim como grande quantidade de limas. Para entrar no porto devem ter-se em vista os dous rochedos e tambem um banco de 5 1/2 a 6 braças d'agua. Na ilha grande se acham muitos fructos e animaes, sendo assim um lugar esplendido para refrescar. No dia 20 de Junho depois do meio dia chegou o almirante ao fundeadouro em frente ao cabo Tiburon e alli encontrou o commandeur Dirck de Ruyter com os seus navios e juntamente o yacht *Hart*, cujo capitão veio a bordo da almiranta e contou que cumprindo as suas ordens navegara para Santiago de Cuba, julgando que o almirante Pater se apoderara d'aquella cidade, mas encontrou um pequeno navio inglez que vinha da Tortuga, que fica por traz da Hispaniola, do qual soube que o almirante Pater partira pelas *Caicos* para a Republica, sem que tentasse cousa alguma contra Santiago. Informado disso, quiz ir á ilha de Vacca para avisar ao commandeur Boon-eter, mas, sabendo no cabo Tiburon pela gente do yacht *Muyden* da chegada do commandeur De Ruyter, parou alli.

No dia seguinte o almirante foi do seu navio ao *Fame* e o commandeur De Ruyter, depois de ficar melhor informado, collocou-se sob suas ordens. No dia 22 de Junho vieram da ilha de Vacca os restantes navios e juntamente o *Zutphen*, que capturara no dia 16 de Maio um navio carregado com 323 caixas de assucar, 523 couros e 27 caixas de tabaco. Estando assim reunidos esses navios, todos os capitães formaram um conselho e reconheceram como seu chefe ao almirante Pieter Adriaensz. e fizeram-lhe o juramento de fidelidade, depois do que os mesmos elegeram para o seu conselho secreto: Dirck de Ruyter, como almirante interino, Pieter Jansz. Donnhurg, commandante do *Zeelandia* e sota almirante interino, Auke Douwes, commandante do *Fame*, capitão Jacob Theunisz. do *Goude Leeuw*, de Mosa; Frederick Landtman, do *Groenwijf*, da Hollanda Septentrional, e Cracht Freecksz., do *Nassauw*, de Groninga. Depois foi resolvido dar liberdade ao navio capturado e repartir o espolio por todos os navios.

No dia 24 chegou ainda o *Pegasus* de Groninga, o qual partira do Texel no dia 18 de Fevereiro ultimo o, conforme lhe fora ordenado, cruzara até meados de Maio pelas ilhas dos Agores, sem que houvesse feito presas. Enquanto ainda se achavam alli e se preparavam para partir, a sentinella que estava em terra, postada junto ao bosque, avistou um hespanhol e matou o cão que o acompanhava, mas não poudo apanhar aquelle, pelo que o almirante ficou muito apprehensivo, visto como, tendo sido aqui descoberta a nossa esquadra, os hespanhões poderiam mandar avisos para todos os logares, por meio de pequenas barcas, da presença de nossos navios.

No dia 28 o yacht *Pegasus* foi mandado á ilha de Vaeca, para cruzar oito dias e communicar por parte do almirante ao commandeur Boon-eter o rumo que aquellei a seguir, e o almirante fez-se á vela com a sua esquadra, tomando o rumo do noroeste para as Caymans, estando o mar sereno e soprando o vento norte. No dia seguinte os yachts *Phoenix*, *Otter* e a *Fragata* tiveram ordem de ir adiante da esquadra uma legua e meia, um dos quaes exactamente em frente e os outros dous nos lados, para melhor descobrirem as velas que fossem chegando. No dia 2 de Junho ao meio dia se achavam a 19 graus e 37 minutos de latitude.

Avistaram a Cayman mais oriental a cerca de 4 leguas a noroeste. Esta ilha e o cabo da Cruz na ilha de Cuba estão situados a 27 leguas um do outro a oeste quarta a sudoeste e leste quarta a nordeste, conforme affirma o diario dessa esquadra.

Aquelles tres navios foram mandados na frente para ancorar alli e apanhar tartarugas durante a noite, para isso não sendo necessario ir toda a esquadra. No dia seguinte antes do meio dia fundeon a esquadra no porto e achou algumas tartarugas que haviam sido apanhadas. Reunindo-se o conselho, foi resolvido seguir no dia immediato para o cabo de S.^o Antonio e depois para a Mesa ou Rio de Porcos e cruzar alli para apanhar os navios que fossem para Havana, tendo-se ordenado um dia de preces em toda a esquadra. As Caymans são duas ilhotas baixas, pelo que se não podem avistar a 4 ou 5 leguas. A mais oriental é toda escarpada na extremidade leste, com um cabo pedregoso e ao lado um bom ancoradouro. Estende-se na direcção oeste sudoeste por cerca de tres leguas. O extremo occidental é uma ponta baixa, atraz da qual se pode fundear a 6, 7 e 10 braças d'agua, de sorte que é facil perder alli um cabo e a ancora. A segunda está situada a cerca de duas leguas a noroeste e tem a forma de um triangulo. Os que quizerem navegar para o cabo leste dessa ilha devem fazer rumo para um recife, que está situado a um tiro de colubrina que parta do mesmo cabo; tendo-o passado, devem navegar para o cabo noroeste e fundear junto a uma praia de areia.

De Maio a Outubro vão alli sahorosas tartarugas e põem os ovos na areia, os quaes, devido ao calor em dez dias estão incubados. Ha maior quantidade de tartarugas na ilha occidental e tantas que em uma noite se podem apanhar mil ou duas mil, algumas tão grandes que constituam alimento sufficiente para 20 ou 30 individuos e têm o sabor de carne de vitella. Tambem apparecem muitos caymães, dos quaes as ilhas tomaram o nome. Ha muitas aves marinhas e bem gostosas. As ilhas são constituídas apenas de cascalho e rochedos, sem agua nem fructos.

No dia 4 de Julho partiram para a ilha occidental. Nos dias 5 e 6 tomaram o rumo noroeste quarta a oeste, avistando á tarde a ilha de Pinos, na costa sul de Cuba, a 5 leguas ao norte quarta de nordeste, e tomaram então o rumo oeste noroeste ao longo da costa, achando pelo seu calculo haver entre a pequena Cayman e a ilha de Pinos 40 leguas a noroeste quarta a oeste. No dia seguinte o almirante deu nova organização á esquadra, dispondo-a em 7 divisões. A 1.^a compunha-se do *Fame*, almiranta, com o

Thertholen, o *Otter* e a grande chalupa; a 2.^a do *Oragnien*, como vice-almiranta, do *Grete Sonne* e do *Phoenix*; a 3.^a do *Zeelandia*, como sola-almiranta, do *Pinas* e do yacht *Hart*; a 4.^a do *Zutphen*, do *Tiger* e do yacht *Muyden*; a 5.^a do *Nassauw*, do *Gulde Sonne* e da *Fragata*; a 6.^a do *Groen-wijf*, do *Gracé Ernest* e do yacht *Oragnien-Boom*; a 7.^a do *Goude Leeuw* e do *Wassende Man*. Estabeleceu as seguintes regras no caso de terem de lutar com uma grande esquadra do inimigo, como a da Terra Firme ou a da Nova Hispania: deviam occupar-se apenas com os grandes navios inimigos e não dar caça aos pequenos antes de se apoderar dos grandes; o navio que avistasse o inimigo á noite devia avisar os outros por meio de fogos e não dar abordagem antes do signal do almirante; cada um devia fazer boa mira antes de disparar e ter de promptidão a gente para esse serviço; conservar á mão água e baldes contra o incendio; collocar os mosqueteiros nos logares mais convenientes; --assim determinou tudo o mais que pudessem servir para causar damno ao inimigo e para a defesa e conservação dos nossos navios. O almirante estabeleceu um premio, tanto para os que avistassem primeiro a esquadra do inimigo, como para os que lhe arreassem as bandeiras. Á noite foi mandado o *Otter* com a grande chalupa e a chalupa a remo do *Zeelandia* para o cabo de S.^{to} Antonio afim de surprehender os barcos do inimigo que estivessem alli de vigia. No dia 8 de Julho estavam perto do cabo de Corrientes e encontraram um sibusteiro inglez com o seu navio e yacht e juntamente um pequeno navio hespanhol que apresara. Souberam pelos hespanhoes prisioneiros que D. Frederico partira com 80 navios de Havana para a Hespanha no dia 14 de Junho ultimo e fizera voltar apenas 8 galeões para passar o inverno em Cartagena. Tivera noticia, antes de partir, da tomada de Olinda. No dia seguinte á noite avistaram o cabo S.^{to} Antonio e, como não encontrassem alli o *Otter* e a chalupa, o almirante mandou o yacht *Hart* procural-os. No dia 10 á tarde avistaram os Orgãos a leste quarta a sudeste e houve calmaria. Voltaram no dia seguinte á tarde o *Otter* e a chalupa. No dia 12 estavam a 24 graus de latitude e reinou calmaria. No dia 14 viram a 9 ou 10 leguas a sudeste a Corôa, na ilha de Cuba. No dia seguinte á tarde avistaram dous navios e dispararam alguns tiros de canhão, pois era de suspeitar que fossem hespanhoes, e tomaram o rumo da costa afim de lhes cortar o caminho para Havana, mas, como o vento soprasse do sul, tiveram de voltar. Ao anoitecer a gente da almiranta viu que daquelle lado havia um grande clarão e calculou que fosse um navio incendiado. No dia 16 o almirante com a maior parte da esquadra esteve defronte de Havana, bem proximo de terra, pelo que houve alli grande alarme e dos fortes atiraram violentamente contra os nossos navios, sem todavia lhes fazer damno. Estavam surtos no porto nessa occasião apenas 6 ou 7 navios pequenos. Os nossos se mantiveram por um momento ao longo da costa e depois se fizeram ao mar e viram perfeitamente o inimigo marchar para um certo fortim construido havia pouco tempo a uma legua a oeste da cidade. Ao meio dia avistaram uma vela que vinha do mar para terra, deram-lhe caça immediatamente e ella passou adiante dos nossos, encalhou na costá e foi incendiada pelos

proprios hespanhões. A gente do *Pinas* e do *Hart* dirigiu-se para lá em botes, afim de apagar o fogo, mas foi em vão. Tambem alguns hespanhoes foram á beira da praia para ver se podiam dar auxilio ao navio e atiraram violentamente contra os nossos. Essa embarcação estava carregada de couros, indigo e alguma cochonilha. A tarde foi o commandante do *Phoenix* a bordo da almiranta e contou que dera caça na antevespera a dous barcos, que não poudo apanhar por serem muito veleiros, o pela tarde se aproximara de um navio grande em cujo mastroo do velacho tremulava uma bandeira, montado com 16 ou 17 canhões e guarnecido com 50 ou 60 homens, o qual após longo combate pegara fogo devido ao bombardeio, recolhendo-se a tripolação a duas fragatas sahidas de Havana, navio que suspeitavam fosse de Honduras. Ao por do sol viram novamente da esquadra uma vela a leste quarta a sudeste, pelo que o almirante resolveu distribuir os seus navios, alguns a leste, outros para a frente e o resto a oeste de Havana, afim de cortar o caminho aos navios inimigos que chegassem. O proprio almirante achou-se no dia seguinte em frente a Havana, seguindo a pista de duas barcas que perseguira durante a noite e foram logo cercadas pelas suas chalupas; mas, como estas estivessem muito perto de terra para que elle pudesse ir até lá com o seu navio, seguiu para o norte a juntar-se aos mais navios. A sota-almiranta tambem deu caça a um navio que correu para a costa e o yacht *Otter* perseguiu duas pequenas velas que se escaparam no rio dos Porcos.

O vice-almirante incendiou um navio hespanhol que estava junto á costa, a leste de Havana, e trazia um lastro de calamina. Mantiveram-se por ali o no dia 20 de Julho mandaram o yacht *Otter* para a costa das Tortugas afim de que vigiasse a esquadra da Nova Hispania e os barcos avisos que viessem. Os restantes navios fluctuaram em arvore secca por alguns dias, um dos quaes foi destinado a preces. No dia 29 chegaram á esquadra o *Blauwe Leeuw*, o *Edam*, o yacht *Hautjen* e o *Pegasus*, os quaes partiram da ilha de Vacca, sem ter noticia alguma sobre o commandeur Boon-eter. No dia 1.º de Agosto o almirante ordenou que cada navio trouxesse a lista dos tripolantes, pela qual se verificou que havia na esquadra 1.888 homens entre os quaes 237 soldadas.

No dia 3 chegou o yacht *Diemen*, que fora arrastado de Pernambuco pela corrente e pela tempestade e voltava para a Republica pelas Antilhas.

Chegou igualmente o commandante Jochim Gijzen, que com o seu navio *Dolphijn*, passando alem de S.^a Martha, se perdera da esquadra do almirante Pater, tendo ido dar abaixo da Jamaica por estar o navio em más condições para navegar, e, devido a um máu calculo dos pilotos, dera á costa na ilha maior das Caymans. Parou naquella ilha com a sua gente durante seis semanas e nesse tempo construiu com as taboas do navio naufragado um yacht, ao qual deu o nome de *Cayman*. Viera no mesmo yacht com 122 homens e alguns viveres na esperanza de encontrar aqui alguns dos nossos navios ou no caso contrario navegar para a Virginia e trouxera 4 canhões de bronze e 2 de ferro, tendo occultado na ilha os canhões restantes. Resolveram

destruir esse yacht *Caymão* e repartir a gente pela esquadra. O almirante fez todo o possível nos dias seguintes por avançar para oeste e deixou apenas dous yachts *Diemen* e *Hart* cruzando perto de Havana.

No dia 6 á tarde viram a arder perto da costa um navio que fôra perseguido pela grande chalupa em uma enseada que fica a cerca de cinco leguas de Havana e onde os proprios hespanhões o incendiaram. Os nossos se dirigiram no entanto para lá, onde ficaram duas horas, e haviam quasi apagado o fogo, mas, não vendo meio algum de o retirar d'alli, deixaram n'ò acabar de arder e só trouxeram algumas cartas, pelas quaes souberam, que o navio vinha de Campeche carregado de páu campeche e salsaparrilha. Continuaram a cruzar entre a Corôa e a barra de Havana até o dia 15 de Agosto e, como não vissem mais navio algum, resolveram voltar ao cabo S.^{to} Antonio e, depois de se abastecer d'agua, seguir para o cabo de Corrientes, cruzar entre a ilha de Pinos e aquelle cabo e vigiar a esquadra da Terra Firme e os navios que deviam vir da Hespanha para a Nova Hispania. O navio *Groen-wijf* teve ordem de ficar junto ao cabo de S.^{to} Antonio para aguardar os yachts *Diemen* e *Hart* e impedir que qualquer barco-aviso mandado pelos de Havana fosse prevenir á esquadra e navios que aquelles estavam a chegar. Teve ordem de cruzar alli até o dia 22 de Agosto. No dia 17 chegou finalmente o commandeur Jan Gijbertsz. Boon-ster com o seu navio *Prins Hendrick*; partira de Vlissingen no dia 1.^o de Maio deste anno naquelle navio de 300 lastos, 16 canhões de bronze e 24 de ferro, 125 marinheiros e 75 soldados, juntamente com o *Zeealandia*, 330 lastos, 12 canhões de bronze e 22 ferro e 137 homens, no qual ia como vice-commandeur Pieter Jansz. Domburgh.

Um pouco antes haviam partido do Texel o navio *Zutphen*, 250 lastos, 14 canhões de bronze e 22 de ferro, 84 marinheiros e 63 soldados, o yacht *Pegasus* e ainda mais cedo o *Blaeuwe Leeuw*, o *Hart*, o *Edam* e o *Haentjen*, ao todo 20 vasos entre navios e yachts, que eram destinados a levar soccorros ao almirante Pater; pois não esperavam que elle voltasse tão depressa. A descripção da viagem desse commandeur virá depois. Continuemos agora a descrever a do almirante. Tendo partido, com a esquadra, para o cabo de S.^{to} Antonio, surgiu no dia 18 cerca de uma legua da costa e enviou os yachts *Phoenix* e *Otter* ao cabo de Corrientes para que alli cruzassem e exercessem vigilancia. Depois da esquadra fazer aguada, o almirante dirigiu-se com a esquadra para o mesmo cabo e nesse entretanto os pequenos navios e yachts, que haviam sido mandados em varias direcções para vigiar os navios hespanhcos, começaram a chegar e a prevenir em tempo ao almirante.

O yacht *Otter* foi o primeiro a chegar nò dia 30 de Agosto com um navio-zinho, que capturara, carregado de cacau, e que seguia com destino a Nova Hispania, navio que os nossos soltaram por não conhecerem a utilidade d'aquella fructa. No principio de Setembro deixaram o porto porque o fundo junto ao cabo é pessimo e todos os dias tinham prejuizos em ancoras e amarras. Deixaram alli somente o *Otter* e *Oragnie-Boom* para andarem cruzando até a ilha de Pinos, indo os outros navios cruzar perto d'alli até o

dia 13 de Setembro. Como o almirante visse que a estação já estava adiantada e não havia notícia de uma esquadra hespanhola, não era mais capturado um só navio e calculasse bem a quantidade dos viveres existentes a bordo, convocou o conselho secreto, o qual reflectindo sobre tudo deliberou: que a esquadra seguisse pelo canal de Bahama para o Oceano, que o almirante com os seus navios, cujos viveres se estavam esgotando, partisse para a Republica e que o commandeur Boon-eter voltasse para as Antilhas, em cumprimento de sua missão.

Ficaram delidos por alguns dias pela calmaria e só no dia 20 alcançaram a latitude das Martyres. No dia 25, estando a 28 gráus de latitude, o commandeur separou-se do almirante com os navios *Prins Hendrick*, *Zeelandia*, *Zutphen*, *Blaeuwe Leeuw*, *Edam*, *Pegasus* e os yachts *Harte Haentjen*. Foram com o almirante para a Republica os seguintes: *Fame*, *Oragnien*, *Nassaue*, *Tertholen*, *Goude Leeuw*, *Groen-wijf*, *Goude Sonne*, *Geete Sonne*, *Pinas*, *Graef Ernest*, *Tiger*, *Wassende Maen*, *Otter*, *Phoenix*, *Oragnie-Boom*, *Muyden* e *Diemen*. Todos esses navios chegaram no mez de Novembro á Republica e aos portos donde haviam sahido sem praticar feito algum digno de nota e sem encontrar navios do inimigo. Damos agora em seguida um resumo da viagem dos outros navios.

O commandeur Jan Gijbert Boon-eter foi nomeado no fim do anno passado para navegar directamente para as Antilhas com uma esquadra de 8 navios, procurar o almirante Pater, reforçar a sua esquadra e juntar-se a este, pois suspeitavam e receavam que por falta de viveres (como realmente acontecera havia muito tempo) tivesse elle de voltar. A'quelle almirante haviam sido dadas instrueções sobre varios projectos naquella região e a Companhia previa bem que elle as não podia ter ainda posto em execução, pelo qual motivo a esquadra de Boon-eter ia extraordinariamente provida de viveres, munições e todas as especies de artigos bellicos para os fornecer aos navios que delles tivessem falta. Os navios do commandeur iam tripolados e artilhados da maneira seguinte: *Prins Hendrick* e *Zeelandia*, já mencionados antes; *Zutphen*, 250 lastos, 14 canhões de bronze e 22 de ferro, 84 marinheiros e 63 soldados, capitão Miewes Cornelisz.; *Blaeuwe Leeuw*, 120 lastos, 6 canhões de bronze e 20 de ferro, 106 marinheiros e 38 soldados, capitão Jan Luytsz.; *Edam* ou *Bul*, 170 lastos, 4 canhões de bronze e 12 de ferro, 80 marinheiros e 44 soldados, capitão Benjamin Dirksz.; *Pegasus*, 90 lastos, 4 canhões de bronze e 14 de ferro, 55 marinheiros e 32 soldados, capitão Albert Herve; *Hart*, 70 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 44 homens, capitão Hendrick Worst.; *Haentjen*, 40 lastos, 12 colubrinhas e 33 homens, capitão Rens-Cornelisz. Esses navios não foram juntos. Alguns partiram no mez de Fevereiro, outros em Abril e o proprio commandeur no 1º de Maio e assim se reuniram lentamente e, como já contamos, se juntaram finalmente á esquadra do almirante Pieter Adriaensz., sem que realizassem nada de especial. Como ouvissem em caminho que a esquadra de Pater, para cujo reforço foram mandados, partira para a Republica e que o almirante Pieter Adriaensz. estava por alli, apressaram-se em juntar-se a este. Foi apenas

capturado pelo *Zutphen*, ao chegar ás Antilhas, um navio hespanhol carregado com 323 caixas de assucar, 523 couros e 27 caixas de tabaco, como já foi referido.

Depois que o commandeur Boon-eter se separou do almirante Pieter Adriaensz. no dia 27 de Setembro, na latitude de 28 ou 29 grãos ao norte da linha, foi seguindo para o norte até o ultimo do mesmo mez e, achando-se a 32-graus e 36 minutos de latitude, tomou d'ahi em diante o rumo de leste até o dia 6 de Outubro, verificando então achar-se a 31 grãos e 6 minutos de latitude. Vendo que avancara um pouco para o sul, continuou a navegar com rumo de leste sudeste até o dia 10 e depois sudeste até o dia 19 e, como se achasse a 23 grãos e 11 minutos de latitude, tomou o rumo na maior parte para o sul até o ultimo do mesmo mez e tudo lhe correu tão bem que no dia 1º de Novembro estava a 16 graus e 40 minutos de latitude. Havendo chegado no dia 4 a 13 grãos e 10 minutos, navegou direito para oeste, afim de não deixar de ir a Barbados, e algumas vezes oeste quarta a sudoeste, á mercê da corrente, de sorte que no dia 8 de Novembro ancorou naquella ilha. Narramos isso mais minuciosamente porque antigamente se considerava perigoso, mesmo quasi impossivel, vir do canal de Bahama para as Antilhas, o que foi tentado e conseguido antes pelos nossos, mas com muitas fadigas e perigos, e no entanto essa esquadra praticou tal faganha em 48 dias sem contrariedade alguma! O commandeur partiu para S. Vicente, uma das Antilhas, e depois de parar ali até o dia 27 de Novembro, abastecidos os seus navios de agua e lenha e refrescos, fez-se á vela para a ilha Branca, onde surgiu no dia 29, ahi apanhando uma grande quantidade de cabritos.

No dia 3 de Dezembro partiram os navios *Zutphen*, *Edam* e *Hart* para o norte, afim de cruzar entre as ilhas Mona e Saone, e o commandeur com os outros navios partiu no dia 7 para a costa da America do Sul e manteve-se ao norte de Bonayre, Curacão e Aruba e no dia 12 avistou o Cabo de la Vela, achando-se no dia seguinte muito perto d'elle. Mas fazia tão mau tempo com ventanias e chuvas que não havia logar para se manter alli com tão grandes navios, pelo que o commandeur resolveu tomar o rumo para a ilha de Hispaniola, a qual avistou no dia 18 a 17 graus e 10 minutos de latitude. No dia seguinte descahio um tanto a leste da ilha de Vacca, mas veio a fundear á meia noite e com o luar junto áquella ilhota. No outro dia entraram no porto os grandes navios e ficaram postados os yachts na ponta da ilha para vigiar os navios que passassem. Deixemos aqui essa esquadra até o anno proximo vindouro.

Como, em consequência da expedição de Pernambuco, abandonamos por tanto tempo o almirante Pater, vamos afinal narrar o que por elle foi realisado neste anno.

No anno passado, no ultimo dia do mez de Dezembro, deixamol-o em Puntadel Gallo na ilha de Trinidad. Tinha o projecto de tomar a cidadezinha da ilha onde habitam os hespanhoes. Fez o possivel por se approximar da mesma, bordejando: mas o vento e o mau tempo durante 7 ou 8 dias o impediram de a alcançar. Nesse interim tendo cahido muita gente doente na sua

esquadra e prevendo que o inimigo, tendo-o avistado há muito tempo, houvesse preparado grande resistência, não achou conveniente perder mais tempo e resolveu navegar para fora por entre as Boecas.

No dia 8 de Janeiro deste anno, devido á corrente que desviara muito os navios, não puderam sair, fundeando em 13 braças d'agua, mas no dia seguinte ao meio dia navegaram pelo canal do meio e d'ahi em diante tomaram o rumo de noroeste quarta a oeste, tendo de se conservar á capa durante toda a noite por causa de forte ventania.

No dia 10 navegaram para sudoeste quarta a oeste, ao meio dia viram que estavam a 11 graus e 32 minutos de latitude e á tarde avistaram cinco ilhotas, uma dellas um pouco maior do que as outras e calcularam que fossem algumas das sete ilhotas situadas a oeste da ilha Margarida, de sorte que colheram as velas e toda a noite estiveram apenas com a vela de mezena. No dia seguinte pela manhã avistaram a ilha Branca a sudeste, a cerca de 4 leguas, e diligenciaram alcançá-la bordejando, o que conseguiram á tarde e alli fundearam. Demoraram-se 4 dias desembarcando diariamente para caçar e apanharam nesse tempo uns 2.000 cabritos, alli se refrescando a gente perfeitamente.

Fizeram-se á vela no dia 16 á tarde e navegaram com um vento de leste para o sul quarta a sudeste. No dia seguinte perto do meio dia avistaram a sudoeste quarta a oeste a ilha da Tortuga, ao meio dia viram que estavam a 11 graus e 40 minutos de latitude e ancoraram á tarde junto á mesma ilha. Fizeram-se á vela com um vento de leste, no dia 18, tomando a principio o rumo noroeste quarta a oeste e depois oeste-sudoeste e ainda com dia avistaram a sudoeste as terras altas de Caracas. No dia seguinte, navegando a noroeste avistaram a nordeste a ilha de Roccha e pelo calculo do meio dia acharam que a latitude era de 11 graus e 24 minutos; viram depois a ilha das Aves, para onde navegaram até 3 horas da tarde com o rumo oeste-noroeste, e então tomaram novamente o rumo de noroeste e uma hora antes do pôr do sol avistaram a ilha de Bonayre a cerca de 6 leguas a noroeste, ancorando junto á mesma no dia 20 depois do meio dia em 4 braças d'agua e em fundo de lama. No dia seguinte o commandeur foi á terra com todos os soldados e dirigio-se para o povoado dos hespanhoes que viviam nessa ilha, não encontrando pessoa alguma, mas de dois capitães de navios que se afastaram da tropa um foi morto e outro ferido gravemente pelos hespanhoes. O commandeur em represalia mandou incendiar e destruir todas as habitações. Quando os nossos voltaram para os navios, os hespanhoes e os indigenas seguiram-n'os, mas, não sendo bastante fortes ou não ousando atacar a nossa tropa, puzeram fogo a toda a relva secca (que alli estava bem crescida) com a esperança de os asphyxiar. Foi uma astucia perigosa, pois causou um violento fogo com espessa fumaça, mas os nossos souberam evitar o perigo caminhando pelo bosque e assim nada soffrendo. No dia 24 levantaram ferro e navegaram ao longo da costa oeste da ilha e depois tomaram o rumo de noroeste, soprando um vento de sudeste, e no outro dia e nos seguintes puderam navegar para pordeste quarta ao norte.

No dia 27 a cerca de 10 horas antes do meio dia começaram a ver a ilha de S. João de Porto Rico, cuja ponta occidental, segundo seu calculo, estava a 10 leguas ao norte quarta a noroeste, e ao meio dia obtiveram a latitude de 7 graus. Navegaram até a tarde para o norte e colheram todas as velas de traquete e de artimão para o norte afim de evitar o recife: á noite, ao acabar o primeiro quarto, viram a terra bem distinctamente e tomaram então o rumo do sul e colheram a vela do traquete para que ficassem bem garantidos contra o recife, pois o mesmo se estende por tres leguas no mar. No dia 28 foram encorporados á esquadra em Mona o *Witte Leeuw*, o *Griffioen*, o *Witte Swaen* e o *Sphæra Mundi* de Dordrecht, o ultimo dos quaes se juntara aos outros depois da partida do commandeur. Passou-se este ultimo outra vez para o *Witte Leeuw* e os soldados foram reconduzidos para os navios em que estavam antes.

Mantiveram-se ainda alli cruzando dous dias e no ultimo dia do mesmo mês tomaram o rumo para oeste e ao meio dia avistaram Saona a cerca de 4 leguas ao norte quarta de nordeste. No dia 1º de Fevereiro pela tarde viram a ilha Beata com os rochedos adjacentes. No dia 4 pela manhã começaram a avistar a ilha de Vacca e ancoraram á tarde na ponta occidental da mesma á quatro e meia brugas d'agua; apanharam alguns animaes de que precisavam e foram depois fundear por traz da mesma junto á grande ilha Hispaniola, onde se abasteceram d'agua e lenha e obtiveram grande quantidade de pequenos limões para refresco da gente.

O commandeur dirigiu-se no dia 11 a todos os navios e tornou conhecimento dos viveres que ainda restavam e achou que calculando uns pelos outros a esquadra tinha ainda provisão para quatro mezes. Nas instrucções que lhe deram os Snrs. Directores foi tamhem indicada a cidade de S.^{ta} Martha, situada no continente da America entre o Rio de la Hacha e Cartagena, o que fizeram por varias razões, que propositalmente occultamos, mas especialmente porque lhes caíra nas mãos certa carta de Dom Jeronymo de Quero, governador da mesma praça, escripta ao rei da Hespanha a 22 de Julho do anno de 1626, carta em que elle expunha claramente a situação da praça e dava a conhecer as suas necessidades.

A carta traduzida do hespanhol dizia o seguinte:

Esta costa do mar se estende de oeste para leste, tendo o mar ao norte e terra ao sul. O porto é uma bahia com a forma de uma meia lua. Para o lado de leste a ponta termina num rochedo quebrado, chamado Taganga, e para o lado de oeste ha outro semelhante, chamado Lipar, e um dista do outro uma meia legua hespanhola escassa. No meio está situada uma ilhota, á qual chamam El Morro, de forma redonda, constituida de rochedos quebrados e absolutamente inacessivel. Essa ilhota serve de protecção ao porto, podendo os navios ancorar ahí livres da agitação do mar. Na ponta leste, Taganga, está situado sobre um rochedo um pequeno reduto, que serve de posto de vigia e onde fazem guarda dia e noite tres soldados, os quaes, avistando algumas velas no mar, dão logo aviso aos da cidade com um tiro de arcabuz de ferro e de forquilha, que é lá mantido para

esse fim. A cidade está situada ao centro da bahia em uma planície quasi ao nível do mar. Ali está collocadoo castello, chamado S. Juan de Malha, muito pequeno, quadrangular, com 4 pequenas contra-escarpas, que o protegem um pouco. Tem nos quatro lados, na base da muralha, 100 pés geometricos e em cima 90 e a muralha tem de altura uns 30 pés no máximo. Existem nelle quatro canhões de bronze, tres dos quaes de calibre mediano, de 4.300 ou 4.400 libras de peso e capazes de atirar 13 libras de ferro, pesando o quarto 3.600 libras e atirando 5 libras de ferro. Ha ainda duas pequenas peças de ferro, que atiram balas de duas libras. A sua guarnição consiste, alem do commandante, em 7 soldados e um artilheiro, exigua para tal praça e contra um inimigo de alguma importancia. Temos grande falta de munições e não ha aqui possibilidade de as obter, pois, estando o governador de Cartagena receioso de algum ataque do inimigo, não pode cedel-as. Os habitantes desta cidade tem-se empolvorecido por grande quantidade de processos e abandonarão a praça se não houver providencias. Entretanto esta praça é de muito grande importancia, estando situada a barlavento de Cartagena, Puerto Bello, S. Domingo e Jamaica e especialmente da foz do Rio Grande de Magdalena, que está situada apenas a 10 leguas d'aqui. Todo o commercio do Novo Reino de Granada e Quito é feito por aquelle rio e todas as mercadorias sobem e descem pelo mesmo e assim o inimigo poderia fazer d'aqui grande damno a esse trafico, pois este porto pode abrigar muitos navios, etc. O governador pedia munições e que o numero de soldados fosse augmentado para 30, devendo o pagamento destes ser feito pelos de Cartagena e montando os soldos, pelo seu calculo, a 3.000 ducados annualmente.

Ainda que essa communicação já estivesse atrasada, não era contudo para desprezar, tendo-se em vista a negligencia do inimigo em prover as praças. O commandeur, tomando em consideração essa parte das suas instrucções, resolveu seguir para lá com a sua esquadra c. fazendo-se á vela no dia 18 de Fevereiro, tomou o rumo do continente. No dia 24, uma hora antes do meio dia, avistaram terra a sudeste á distancia de 8 leguas, obtendo pela observação ao meio dia a latitude de 11 grãos e 50 minutos, e depois do meio dia ancoraram a 16 braças d'agua, a tres leguas para fóra do cabo de Lagos, tendo a sul-sudoeste o cabo de la Vela. Depois do meio dia o commandeur se passou para o yacht *Medenblick* com alguns soldados, tendo os outros embarcado nos varios yachts. No dia seguinte partiram para oeste com um vento les-nordeste e diminuíram as velas á noite para não passar alem d'aquelle porto.

No dia 26 pela manhã ainda se achavam a 7 leguas de S.^{ta} Martha e a uma legua da costa; havia pouco vento e só á tarde entraram naquella bahia onde ancoraram a 13 braças d'agua, a um tiro de mosquete do forte, contra o qual atiraram vivamente com os canhões. Os soldados desembarcaram immediatamente e entraram na cidade sem encontrar resistencia, pois todos os habitantes fugiram.

O proprio commandeur marchou para o castello, que se rendeu immediatamente e onde havia apenas 15 hespanhoes que foram levados para bordo.

No dia seguinte o commandeur deu ordem para serem retirados do forte os quatro canhões de bronze e os dois de ferro. Todas as fazendas que os hespanhoes não puderam levar consigo foram reunidas na igreja, mas era insignificante o seu valor. No dia 26 appareceram uns hespanhoes para parlar em nome de todos os habitantes e, depois de alguns debates, prometteram 5.500 reales de oito pela conservação das casas e deram alguns refens pelo bom pagamento, retirando-se então a nossa gente da cidade e reembarcando nos navios.

No dia 1º de março, como o governador, que foi o primeiro a fugir, fizesse alguma difficuldade sobre o pagamento do resgate promettido e o dinheiro ainda não fosse enviado no dia seguinte (não obstante ter sido mandado um dos refens á terra com esse fim), o commandeur apromptou as tropas para desembarcar novamente e reduzir a cinzas toda a cidade, mas, antes que assim fizesse, vieram alguns ecclesiasticos e trouxeram o que haviam promettido. Calcularam a latitude da cidade em 10 grãos e 6 minutos e partiram a 5 de Março. O commandeur, tomando em consideração que as suas provisões lhe não permittiam estacionar por mais tempo naquellas regiões, esforçou-se por avançar para leste, tanto quanto lhe consentiram os ventos. Após alguma demora, chegou e ancorou com cinco navios por traz do cabo Tiburon, onde os outros vieram ter no dia seguinte. Estando todos os navios reunidos no dia 27, repartiram entre si o espolio.

O commandeur estando resolvido a seguir o mais depressa possível para a Republica, pelas Caicos, fez-se á vela no dia 3 de Abril. No dia 14 ancoraram todos os navios na bahia situada por traz do cabo de S. Nicolau, na extremidade occidental de Hispaniola, e desembarcaram, abastecidos de viveres, todos os prisioneiros que ainda tinham na esquadra e deixaram-n'os ir para o interior. Fizeram-se novamente á vela no dia seguinte e navegaram entre Tortuga e Hispaniola a 20 graus e 6 minutos ao norte da linha e depois, por entre as Caicos, em direcção á Republica, onde chegaram no dia 11 de Junho.

No mez de Julho deste anno o yacht *Brack* foi despachado para as Antilhas, sahindo do Texel no dia 23 em companhia de 3 navios que se destinavam ao Brasil. No dia 20 de Agosto este yacht se achou a 36 graus de latitude e no dia seguinte avistou uma vela á qual deu caça durante toda a noite, capturando-a no dia 22. Era um navio, vindo do Cabo Verde, carregado, como depois se viu, com 750 couros, 18.000 pelles de cabritos, 91 couros marroquinos, 2 2/3 libras de ambar gris, quatro barris com assucar e 2.600 libras de tabaco. Levou-o consigo para as ilhas e desembarcou no dia 28 na ilha do Fayal os portuguezes e os negros que iam nelle e seguiu com sua presa para a Republica. Chegou o yacht no dia 22 de Setembro a Plymouth, onde encontrou um vaso de guerra das Provincias Unidas, com o qual mandou o dito navio portuguez, e partiu de Plymouth, mas logo arribou ao mesmo porto. Fazendo-se novamente á vela no dia 24 de Outubro, chegou no dia 10 de Dezembro á ilha Barbados, abasteceu-se d'agua e lenha até o dia 16 e zarpou d'alli, tocando depois em S. Vicente, Granada e Ilha Branca,

reunindo-se no dia 27 na ilha de Mona aos navios *Zutphen*, *Edam* e *Hart*, todos tres subordinados ao commandeur Boon-eter. Da viagem destes diremos no seguinte livro.

No principio de Outubro do corrente anno o yacht *Oeverijssel* foi mandado de Pernambuco para a Republica e fez-se á vela no dia 1.^a, levando como capitão Jan Cornelisz. Licht-hart, de cujos bravos feitos havemos de mais tarde fallar frequentemente, agora nos referindo apenas a um dos primeiros. No dia 23 de Novembro, em frente ao canal entre a França e a Inglaterra, encontrou-se ao amanhecer com cinco navios biscainhos, os quaes empregaram toda a astucia para o abordar de improviso. Como lhes fosse perguntado d'onde eram, responderam de Bruage e Hable e que o seu destino era a Terra Nova, o que, considerando-se a epoca do anno, era completamente absurdo. Mas, notando que o nosso capitão se conservava em guarda, fizeram signaes por meio de tiro de canhão e afastaram-se. Estava então a 4 ou 5 leguas ao norte do cabo Lesart com um vento de lado. Passado o primeiro quarto da noite, avistou tres navios que vinham direito sobre elle. Dirigiu-se então para o que estava mais a barlavento, um barco com 12 canhões, o qual sendo perguntado respondeu ser de Middelburgo, ter como destino Bordeaux e que ia em conserva com outro de Vlissingen chamado *Pieter Theunis*.

Tomou então o rumo de les-nordeste e leste quarta de nordeste. Os tres navios estavam por traz do nosso e, quando a sua almiranta accendeu dous fogos, todos tres se dirigiram para o *Oeverijssel*. Quando estavam perto, o nosso capitão perguntou ao homem que accendia os fogos — donde era o navio — e o mesmo respondeu — que era de Amsterdã e tinha como capitão Hendrick Denis e o outro Jan Thijsz. van Hoorn —, resposta que deixava desconfiar, pois differia bastante da resposta do outro barco.

Os nossos fizeram mais algumas perguntas e especialmente se havia por alli alguns dunkerquezes e tiveram como resposta que alguns se mantinham entre Koex-broodt e Goudt-start, pelo que queriam ficar para o proteger e pela manhiã mandar' cerveja fresca para bordo. Os nossos declararam por sua vez que vinham de Pernambuco.

Os dunkerquezes nesse interim se mantinham tão junto aos nossos que o seu gurupés se encostara á popa do nosso navio, como querendo agarrar-se ao mesmo. O nosso capitão, tendo notado tudo isso, percebeu bem que eram inimigos e apromptou os canhões e tudo o mais para lhes resistir e, como trocassem signaes e se approximassem novamente, perguntou-lhes porque, sendo amigos, se lhe agarravam tanto e em seguida procurou saber do general Loucq. Nessa occasião disseram afinal: arreei a bandeira ao rei da Hespanha, ao que os nossos responderam: e arreei a vossa ao Principe de Orange.

Fizeram fogo sobre o yacht, um após outro, e os nossos lhes responderam. E comquanto a partida fosse muito desigual, um navio e não muito grande contra tres, um dos quaes com 36 canhões de bronze, outro com 28 e o terceiro com 12, descarregando cada um por sua vez as suas baterias de um

bordo, contudo o capitão Licht-hart não perdeu o animo e mais ainda quando viu que o não ousavam abordar, receando que elle fizesse saltar o navio como ameaçara. Jogou promptamente com os seus canhões e tentou passar pelos inimigos para lhes despejar ao voltar o outro bordo, tendo ao mesmo tempo todo o cuidado em tapar os rombos.

Esse combate durou umas 8 horas. O nosso yacht perdeu o mastro grande derrubado por um tiro e o do traquete cortado pelo meio e teve 13 mortos e 22 feridos. A maior parte do cordame tinha sido cortada pelas balas. Recbeu o yacht uns 17 tiros abaixo da linha d'agua e cerca de 400 atravez do casco, de sorte que estava todo crivado e mais parecia um destroço do que um navio. Varias peças do leme, entre ellas a barra, estavam quebradas e o proprio leme fôra atravessado por balas junto ao nivel d'agua, ficando assim a fluctuar á discreção das ondas. O inimigo tambem soffreu grande damno.

Apezar de ficar o nosso navio tão maltratado, o capitão não se quiz render, nem o inimigo ousou abordá-lo, deixando-o finalmente por julgar talvez que se submergiria por si mesmo em virtude dos muitos rombos. Entretanto o Senhor preservou a nossa gente e o capitão levou ainda o seu yacht a uma enseada muito perigosa entre Kocx-broodt e Goudt-start e depois com o auxilio dos inglezes o conduziu a Plymouth, onde o navio foi reparado e em seguida chegou bem á Republica. O capitão por sua lealdade e bravura foi agraciado pela Assembleia dos XIX com uma cadeia de ouro.

Como teremos de fallar sobre varias expedições enviadas pelos nossos ao sul e ao norte da cidade de Olinda, julgamos necessario encerrar este livro com uma descripção de ambas as costas, segundo os estudos dos nossos maritimos, e começaremos pela do sul. Essa cidade está situada na latitude de cerca de 8 graus ao sul do equador e 1 legua ao sul está o Recife ou o porto de Pernambuco. Uma legua ao sul do Recife ha uma abertura ou canal, chamado pelos portuguezes Popitange, passagem que, tendo 4, 5 e 6 braças d'agua, todavia é muito estreita. E' forte a correnteza na vassante e na enchente, só se passando por alli nas aguas tranquillias.

Uma boa legua ao sul daquella abertura ha um grande cabo, a que os portuguezes chamam cabo Pero Cabrigo, e d'ahi a uma legua ao sul está o rio chamado por elles rio Estreme, proprio somente para chalupas ou pequenos yachts, porque mesmo na enchente não ha mais de 7 ou 8 pés de profundidade. Desse rio para o cabo de S.^{to} Agostinho a navegação junto á costa não é boa, encontrando-se todavia uma bella e alva praia. A distancia entre os dous pontos é de duas leguas. A maior parte da costa de Pernambuco ao cabo de S.^{to} Agostinho fica na direcção de norte a sul.

O cabo é uma ponta grande e saliente, bem reconhecivel, tendo um porto muito commodo para navios grandes e pequenos e bem defendido pelas fortificações que foram feitas alli depois da conquista de Olinda, das quaes fallaremos noutra occasião. A entrada ou barra situada ao sul da ponta extrema é um tanto má para passar, pois na meior vassante tem 13 pés d'agua, mas

deve attender-se a que se faz o calculo sobre a maré, porque do contrario pode facilmente haver qualquer desgosto com os navios grandes.

O canal é largo no principio, si bem que haja alguns escolhos. Quem desejar entrar deve tomar por balisa uma arvore secca, que está nas proximidades do cabo e seguir numa recta em direcção a um ponto vermelho, que é bem visivel, e uma vez dentro do recife navegar para oeste até passar a ponta do mesmo recife, a qual se estende para o sul, e então correr para o sul até em frente á aldeia e ancorar onde achar melhor. Mais adiante descreveremos melhor as condições desse lugar. Do cabo de S.^{to} Agostinho até o Ruygen-Hoeck, como é chamado pelos nossos, ou ponta de Marcahipe, como lhe chamam os portuguezes, deve haver duas leguas. Do lado do sul deste cabo o recife começa a avançar no mar cerca de meia legua. Deste cabo ao rio Serinhãem calcula-se haver duas leguas grandes. É este um rio raso e somente bom para yachts, porque nas marés cheias tem no maximo, 5, 6 a 7 pés de profundidade. Da ponta de Marcahipe até um pouco ao sul do rio Serinhãem existe ao longo da costa um solido recife, que é largo do lado do sul e estreito para o norte. Ao sahir de Serinhãem encontra-se no mar a ilha de S.^{to} Aleixo, que não é muito grande e tem no lado do sul uma enseada, impropria para a entrada de yachts. Tem tambem um recife do lado do sul e ali podem entrar navios grandes, pelo sul, e ancorar atraz do mesmo em 5, 6 ou 7 braças d'agua, conforme se quizer. Podem tambem yachts fundear do lado do sul, mas não devem calar muito. Do lado do norte dessa pequena ilha não ha ancoradouro, pois o fundo é pessimo.

Do Cabo até S.^{to} Aleixo a costa estende-se na direcção de sul quarta a sudoeste.

A duas pequenas leguas mais ao sul está o rio Formoso, cuja entrada é por entre dous recifes e tem no maximo a profundidade de 13 pés. É um rio de muita importancia, pois os seus arredores produzem grande quantidade de assucar. Um pouco mais acima neste rio, os portuguezes tinham um fortim com 4 peças para impedir a entrada dos nossos yachts e botes. Quem quizer entrar alli deve fazer rumo a um monte despido de vegetação, no qual ha apenas tres arvores, e depois a um outro, situado ao sul daquelle, o qual tem na extremidade norte uma arvore afastada de todas as outras, e deve conservar esta a oeste até passar o recife do sul e navegar para o sul até franquear o rio, podendo então subir o mesmo tanto quanto quizer. A 3 leguas sul sudoeste do rio Formoso está o rio Una, que é pequeno e improprio tanto para yachts como para navios, mas tem um ancoradouro para navios e yachts atraz de um recife, que corre quasi ininterrupto ao longo da costa do rio Formoso até alli. Quem quizer visitar aquelle lugar navegue mais perto do recife e encontrará a entrada. Toda a costa do rio Formoso até o Una é assáz boa, de sorte que quem tem o rio Formoso a oeste-noroeste pode navegar nas proximidades e ao longo da costa. Do porto Una até Barra Grande são duas leguas na direcção sul-sudoeste.

Barra Grande é uma grande bahia, onde podem ancorar, sem perigo algum, mil navios. Tem do lado do mar um solido recife, por cima do qual

na maré cheia difficilmente passam as ondas. São 3 as entradas, sendo 2 boas para navios que calem mais de 12 pés e a terceira, que é a que fica mais ao norte, só serve para chalupas e pequenos yachts, que calem apenas 4 ou, no maximo 5 pés. As terras do Una e Barra Grande são das melhores que para pastagens existem nessas costas e têm realmente grande abundancia de gado bovino. Alli tambem cresce e em grande quantidade o melhor tabaco de toda a costa.

Da Barra Grande até Porto Calvo ha somente um oitavo de legua, pois a propria Barra Grande tem uma legua de largura. Da Barra Grande até Porto Calvo podem navegar pequenos yachts, por dentro dos recifes.

Porto Calvo tem uma boa barra com 4 a 6 braças de profundidade na entrada, não havendo que recear senão os abrolhos. E' possivel assim ancorar tanto ao sul por traz do recife, como ao norte, em bom fundo de areia e na profundidade que se quizer, havendo entretanto ao sul maior profundidade. Porto Calvo dista do rio Una tres leguas ao sul sudoeste e tem um bom rio, que é porem raso na entrada, de sorte que só os pequenos barcos podem subir. Os portuguezes levam os navios descarregados (dos quaes retiram as cargas para passar no ponto raso) pelo rio acima e carregam-n'os novamente no porto. O lugar produz muito assucar e do melhor. A terra é alta e accidentada, de sorte que é muito facil conhecel-a, e tem 3 entradas, uma para grandes navios e as outras só para chalupas. A que fica mais ao norte, chama-se Porto Calvo, a do meio é chamada Barretino e a do sul Porto de Pedras.

De Porto Calvo ao rio Camaragibe são 5 grandes leguas sudoeste quarta ao sul, havendo recifes ao longo da costa em quasi toda essa extensão. As terras desse valle produzem muito assucar, mas o rio é improprio para navios e serve apenas para pequenos yachts que calem 3 ou 6 pés d'agua.

A maior parte do assucar é transportada em pequenas barcas para Porto Calvo e alli é embarcada em navios grandes. No mar, cerca de uma legua para fora da barra, ha um recife por traz do qual se pode navegar e ancorar a 3 ou 4 braças d'agua. E' possivel tambem navegar e ancorar junto ao cabo ao sul do rio a 5 e 6 braças e a 1/4 de legua de terra. Essa terra é na maior parte como a de S.^{to} Antonio com a differença de existirem neste ultimo lugar alguns montes muito altos, um dos quaes é todo redondo, outro se assemelha a uma sella de montaria e o terceiro é comprido e escarpado.

De Camaragibe ao Rio S.^{to} Antonio Grande ha 3 leguas de boa navegação. S.^{to} Antonio é um bello rio visto de dentro da barra, mas para entrar não se encontra canal, é muito secco, de sorte que não vasante mal se pode entrar com um bote. Abi costumam, todavia, vir muitos navios que descarregam no porto e seguem vasios para dentro por meio de jangadas que empregam para os levantar.

Dentro da barra os portuguezes têm um fortim com 6 peças, sobre o qual fallaremos depois. A terra de Camaragibe até S.^{to} Antonio é plana, sem nenhuma collina. Pode reconhecer-se a barra de S.^{to} Antonio pelo monte redondo, já descripto, o qual devem ter ao sul os que tiverem de entrar,

não devendo comtudo penetrar navios de 10 ou 12 pés de calado, porque o Recife abaixo d'agua está a uma meia legua da costa. De S.^{to} Antonio Grande a S.^{to} Antonio Merim calcula-se haver duas leguas, mas essa passagem não é propria para navios nem yachts. De S.^{to} Antonio Grande ao Rio d'Alagoa são quatro leguas.

O rio d'Alagoa é bem navegavel, tendo na entrada 14 a 15 pés d'agua, mas quem pretender entrar deve esperar que o mar esteja tranquillo, porque ha nelle uma barra como no rio Sena, sendo necessario ter cautela. Produzem alli muito bom assucar, mais ruim tabaco. Os habitantes de Alagoa são os mais robustos de toda a costa, fazem-se respeitar, não querem ouvir fallar em policia, exercendo elles mesmos a justiça, e matam os outros a faca, como se fossem cães. Este rio vem de uma lagôa que tem de extensão umas 12 ou 13 leguas. Do rio d'Alagoa ao Porto Francez ha uma legua ao sudoeste da costa.

Porto Francez tem boa barra, parecendo-se na entrada com Pernambuco, com a differença de que alli a entrada é pelo sul, enquanto em Pernambuco é pelo norte, e tambem tem muito mais fundo, pois se encontram no minimo 3, 4 e 5 braças d'agua. E' possivel navegar para o norte tanto quando se quizer. Ali costumavam vir carregar muitos navios, o que não ousam mais, pela facilidade de ser capturados lá dentro. Do Porto Francez até o rio S. Miguel ha uma legua ao sudoeste ao longo da costa.

São Miguel é um pequeno rio, improprio para navios ou yachts, servindo somente para chalupas ou pequenas barcas. O assucar que alli produzem costumava ser levado para o Porto Francez para ser embarcado. A costa do porto de S. Francisco até adiante de S. Miguel deve ser evitada por muito inhospita, a tal ponto que com um navio grande só se pode ficar a uma legua de distancia da costa.

RELAÇÃO DE ALGUNS LOGARES COM AS SUAS LATITUDES.

	Grãos	Minutos
Cabo de S. ^{to} Agostinho	8	25
Ilha de S. ^{to} Aleixo	8	40
Rio Formoso	8	46
Rio Una	9	
O cabo de Porto Galvo	9	14
Comaragibe	9	32
S. ^{to} Antonio Grande	9	40
Porto dos Francezes	9	54
Rio S. Miguel	10	

DESCRIÇÃO DA COSTA AO NORTE DE OLINDA.

De Pernambuco ao canal do sul da ilha do Itamaracá ha umas 5 leguas e entre esses dois pontos desemboccam 3 pequenos rios, a saber: Rio Doce, Pão Amarello e Maria Farinha. Entretanto só no Pão Amarello podem entrar yachts de tamanho regular, para os quaes tem bastante fundo, os dois outros apenas servindo para botes ou chalupas.

A ilha de Itamaracá tem duas barras, das quaes a meridional é a mais funda, podendo achar-se nella, na maré cheia, até 18 pés d'agua. Quem quizer lá entrar encontra uma boa balisa em uma arvore que está na ponta da terra do lado do sul do rio e deve fiar com esse ponto a oeste quarta a sudoeste para então entrar e ancorar diante da fortaleza de Orange em quatro braças d'agua ou seguir até em frente á cidadezinha de Nossa Senhora da Conceição. É possível também navegar ao redor della na maré alta. Essa ilha é fértil e tão pittoresca como a Inglaterra, mede 7 leguas de circumferencia e tem mais extensão do que largura. Da barra do sul para a do norte ha tres leguas.

Para entrar na barra do norte é preciso navegar do modo seguinte: conservar o cabo, situado ao lado do norte da barra, a oeste-noroeste até ver dentro do rio um banco de areia e então navegar entre esses dous pontos. Quem assim fizer não soffrerá mal algum e não ha de encontrar em maré cheia menos de 12 ou 13 pés d'agua. Neste canal do norte desemboccam dous rios, dos quaes o que fica mais a oeste é chamado Cattawamba e o outro Massarandovo. Da barra do norte até o rio Goyana ha duas leguas. Chalupas ou pequenos yachts podem navegar da barra do norte até Goyana entre o recife e a terra.

Para entrar em Goyana é necessario aproar para um banco, que está a noroeste da barra e onde se vê de longe grande arrebentação, conservar-o a nordeste e navegar então para sudoeste em direcção a uma casa que deve estar em frente e seguir esse rumo até chegar perto de um banco e então aproar para o norte em direcção ao rio.

De todos os rios que correm nessa região este é o que tem maior profundidade. Alli ha muitos engenhos, de sorte que é muito abundante a produção de assucar, que é transportado em barcas para a Parahyba, pois na entrada do rio Goyana, na maré cheia, ha 9 ou 10 pés de profundidade. De um pouco ao norte de Goyana até a ilha de Itamaracá estende-se um recife a uma legua distante da costa, de modo que quem fôr da barra do sul de Itamaracá para Porto François deve evitar a costa, porque está cheia de abrolhos e recifes. De Goyana a Porto François são 4 leguas. É possível navegar por dentro do recife com um yacht que cale 10 pés d'agua, pois não ha menos de 14 pés de profundidade, sendo as aguas tranquilas em virtude da altura do recife.

A entrada de Porto François tem 3 braças de profundidade. Quem entrar pelo norte pode ancorar por traz do recife em 14 e 15 pés d'agua em bom fundo.

De Porto François ao Cabo Branco ha duas leguas norte quarta de noroeste. Perto da costa ha muitos abrolhos. O cabo Branco é bem reconhecivel por ser escarpado e muito grande, facil portanto de se distinguir. Podem ancorar yachts junto ao mesmo, atraz do recife.

O cabo está cercado de abrolhos, de sorte que se deve evitar a navegação por aquelle lugar, a menos que haja necessidade de tocar em algum ponto antes de Pernambuco.

Do Cabo Branco á Parahyba calcula-se haver 1 legua grandes.

A entrada do rio Parahyba tem 18 pés de profundidade. Existem alli 3 fortes, um dos quaes, situado ao lado do sul, domina a barra e se chama Cabedello ou S.^{ta} Catharina, o outro, situado no lado do norte, é chamado S.^{to} Antonio e o terceiro, situado numa ilha, rio acima, antes de chegar á pequena cidade Philippina, é denominado Restringa. A cidade está situada á margem sul do rio.

Do rio Parahyba para o sul cerca de uma legua estende-se um recife até em frente ao rio. A entrada pela ponta norte deve fazer-se acostando-se a esta o navio e do lado do sul pode entrar um navio de 12 pés de calado e fundear atraz do dito recife.

Do rio Parahyba a Mongoape ha 2 leguas. A costa entre esses dous pontos é cheia de abrolhos, de sorte que é necessario ficar afastado della meia legua. Quem tiver de entrar a vela em Mongoape deverá navegar até perto do recife e ha de ver lá dentro uma arvore secca, que deverá conservar a oeste e pavezar até avistar o terreno em que está a arvore. Essa entrada se faz atravez de uma abertura no recife e não tem mais de 9 pés de largura. Em Mongoape ha uma ilha coberta de arvores e arbustos. A costa estende-se do cabo Branco até alli na direcção de nor-noroeste.

A uma legua grande de Mongoape está a Bahia de Traição com 3 passagens que lhe dão entrada e tendo na sua frente um recife que se estende de Mongoape até defronte da bahia. Entre a ponta norte do recife e a costa ha um rochedo, por cujos dous lados, o de terra e o do mar, se pode passar e ir ancorar lá dentro, tão longe quanto se quizer, sendo contudo melhor no principio, porque mais para dentro o fundo é pedregoso e muito raso. A terceira entrada é pela ponta norte do recife, mas serve apenas para pequenos navios ou yachts, prestando-se as outras para grandes navios. Na entrada ha 6, 7 e 8 braças d'agua.

A costa estende-se de Mongoape até a bahia da Traição na direcção nor-noroeste.

Da Bahia da Traição ao cabo da Bahia Formosa calcula-se haver 4 leguas a nor-noroeste ao longo da costa. Esta é bem reconhecivel pelos montes que alli existem, como se fossem ilhotas, e é toda accidentada, de altura não exagerada.

A Bahia Formosa é muito boa, sendo possivel ancorar atraz da ponta e em frente a um banco de areia, protegido contra o vento sudeste, em bom fundo com 4 a 7 braças d'agua onde se quizer.

Da ponta da Bahia Formosa ao Rio Conhaú vae uma legua pequena. Conhaú está no meio da bahia entre a Ponta da Pipa e o Cabo Formoso. Quem entrar a vela em Conhaú deve aproar para 2 arvores que se vêem em terra e mantendo aquella direcção entrar então na barra, a qual é muito estreita e na maré cheia terá 12 pés d'agua, e estando dentro do recife deve aproar para o sul e navegar nessa direcção ao longo e proximo ao recife, até franquear o rio, e subir por este tanto quanto quizer, seguindo sempre mais proximo da margem do norte.

O Conhaú é um bello rio e tem a uma legua e meia da sua foz um lindo engenho de assucar. A barra, como quasi todas as outras, é cheia de recifes, que se dirigem da metade da ponta da bahia para o sul e seguem ainda até a Ponta da Pipa, mas para o norte estão de todo quebrados.

Do rio Conhaú á Ponta da Pipa ha uma legua. Tem essa ponta um rochedo que se salienta um pouco com a forma de uma pipa, donde lhe veio o nome. Por traz dessa ponta é possível ancorar. Da Ponta da Pipa ao Ponto Negro calcula-se haver cerca de 9 leguas e meia na direcção nor-noroeste.

De Ponto Negro até grande distancia é o mar muito raso. A uma legua da costa encontram-se apenas 5 braças d'agua, sobre fundo inconsistente, mas um pouco mais afastado se acham effectivamente 8 a 10 braças. Passado um pouco o dito Ponto Negro, o mar torna-se de novo mais fundo, de modo que é possível navegar outra vez proximo á costa e se encontra regularmente por toda a parte bom ancoradouro até o Rio Grande.

De Ponto Negro ao Rio Grande ha umas 2 leguas norte quarta de noroeste e nor-noroeste e é bôa a costa. Do lado do Rio Grande para cima e para quem navegar perto da costa o rumo é nor-noroeste em direcção a uma bahia chamada Genepaboe a 1 legua de distancia.

Do lado do sul dessa bahia, não muito longe no mar, estende-se um recife, passado o qual, é a bahia larga e pode comportar grandes navios, ainda que a profundidade não vá até muito longe. Ha na bahia bom ancoradouro, sendo em alguns logares o fundo de arcia e noutros de firme ténça e podendo os grandes navios ir em 8 e 9 braças a menos de quarto de legua da costa. De Genepaboe até o Ceará ha 5 leguas. Do Ceará a Manoel Thomaz 3 leguas e d'alli a Pikitinga 2 leguas. Segue-se na latitude de 5 graus uma ponta branca, a partir da qual a costa descamba e se estende para diante por um estirão leste a oeste, de cuja situação fallaremos mais tarde, dando apenas agora, como fizemos anteriormente, as latitudes de alguns logares.

Nomes	Latitudes
Meio da Ilha de Itamaracá	7° 35'
Cabo Branco	7°
Rio Parahyba	6° 44'
Bahia da Traição	6° 28'
Ponta da Pipa	6° 25'
Meio da Bahia Formosa	6° 10'
Ponto Negro	5° 50'
Rio Grande	5° 42'

Isso é o que acharam e assignalaram os nossos pilotos nos primeiros tempos. Mais tarde teremos occasião de dar as observações que elles forem fazendo.

Já dissemos antes que o yacht *Bruyn-Visch* chegou no dia 4 de Agosto a Perñambuco, mas não descreveremos a sua viagem para não interromper a narração dos acontecimentos passados em terra e vamos agora encerrar este livro relatando apenas o que for digno de nota.

Chegou no dia 18 de Abril a Cabo Verde e, depois de descarregar algumas fazendas, partiu no dia 28; avistou no dia seguinte Cabo Roxo a leste quarta a sudeste; navegou ao longo da costa para procurar o rio Catchieu, encontrando de 10 a 15 braças d'água em fundo de argilla; chegou no dia 4 de Maio em frente ao rio. Mandou o capitão immediatamente um bote para sondar o rio, encontrando na sua foz um banco de areia que se estende da terra firme para oeste e outro um pouco mais para oeste, com um quarto de legua de extensão, o qual fica na maior parte secco nas vasantes. Entre elles ha um canal pelo qual se pode entrar no rio e na maior força da vasante acharam os nossos 7 a 8 pés d'água em fundo de areia e adiante, apenas á distancia de um tiro de mosquete, se encontram novamente de 5 a 10 braças d'água em bom fundo. Subiram o rio cerca de uma legua e encontraram sempre profundidade, mas não viram ninguém.

O rio tem a largura de cerca de um quarto de legua e de ambos os lados está coberto de arbustos verdejantes e entre esses algumas arvores altas. Na volta acharam no canal na occasião da enchente 16 e 18 pés d'água.

Esse rio é facil de reconhecer por um ponto branco a oeste, no qual se acham quatro tamarciras, que se elevam muito acima dos arbustos, a mais oriental das quaes dista um tiro de mosquete das outras.

No dia seguinte sondaram o baixio do sul que fica a descoberto na sua maior parte na vasante. Ha alli para a entrada no rio, um commodo canal que não offerce menor profundidade do que 9 e 10 braças d'água. Nesses bancos ha na vasante forte arrebentação.

Dirigiram-se d'alli para uma pequena ilha ao sul quarta a sudoeste afim de cortar lenha e fundearam em 5 braças d'água. Quando estavam ancorados, veio na sua direcção uma barca portugueza, mas tendo-os percebido virou de rumo e os nossos deram caça, capturaram-na e trouxeram-na para o porto. Era pequena e vinha de Lisboa com destino a Catchieu; fazia muita agua e muitas mercadorias trazia molhadas. Não obstante acharam nella em fazendas da India e outras, segundo o calculo que fizeram, o valor de 6.000 florins, alem de 880 libras de velas e 320 libras de aço em barras.

Desembarcaram a gente na ilha de Bissis situada a 5 leguas leste-sudeste do cabo Roxo.

Os negros que moram nessa ilha são amigos dos portuguezes, cuja lingua fallam, tendo mesmo estes alli uma povoação com uma capellinha. São robustos, alguns se vestem á portugueza, outros usam apenas uma tanga de panno para cobrir as partes pudendas; são inimigos declarados dos pretos que moram na ilha chamada Bissegos e que elles aprisionam por vezes e vendem como escravos aos portuguezes. Tinham boas armas: azagaias arcos e flechas, sabres com uns tres dedos de largura, que disseram ser feitos por elles mesmos. Foram baptisados por um padre portuguez que alli mora. Partiram os nossos desta para uma das ilhas mais ao norte das Bissegos, fundeando no dia 11 a 4 braças d'água. Dirigiram-se para terra num bote e lá viram alguns negros, mas estavam tão desconfiados que a principio não puderam conseguir que viessem a bordo, não ousando tambem os nossos

desembarcar; mas finalmente conseguiram que um dos servidores do rei fosse a bordo e por este mandaram um presente. Esses negros são de estatura elevada, andam na maior parte nus, usando apenas uma tanga de couro de boi. Não puderam os nossos comprehender a sua lingua, pois esta se assemelha ao glá-glu do perú; cortam de um modo excentrico o cabello; têm braços e pernas bem formados; as suas armas são azagaiaes e esendos de junco.

Viram gado bôvino e gallinhas na ilha; a terra estava verdejante e com risonho aspecto. Pretendiam comprar aos negros algum ambar-gris ou outra cousa qualquer, mas, como nada apparecesse durante o dia e a pequena barca capturada fizesse muita agua, resolveram navegar para a Serra Leôa, onde chegaram no dia 23, passando ahi as fazendas da barca para o navio mercante surto naquelle porto por conta da Companhia.

Tiveram alli muito mau tempo com chuvas e trovoadas e partiram no dia 13 de Junho, tomando o rumo para a ilha Fernando de Noronha, á qual chegaram no dia 3 de Julho e fondearam no porto habitual em 9 braças d'agua. Saltando em terra, verificaram que a colonia dos negros que havia sido estabelecida por elles fôra completamente destruida, os logares onde costumavam cultivar milho e outras plantas estavam absolutamente cobertos de matto e nada mais encontraram a não serem aboboras, que cresceram por entre o matto em grande quantidade. Pareceu-lhes que os portuguezes de Pernambuco tinham levado a gente d'ali, depois de tudo destruirem. Partiram no dia 19 e chegaram a Pernambuco, como já ficou dito.

FIM DO LIVRO SETIMO

RODOLPHO R. SCHULLER

A NOVA GAZETA DA TERRA DO BRASIL
(Newen Zeytung auss Presillg Landt)

E SUA ORIGEM MAIS PROVAVEL

Com a traducção portugueza e a reproducção em fac-simile
do precioso pamphlete pertencente
à Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro

Wep
**Copia der Nieuwen Zeytung
auß Breßillg Landt.**



Fac-simile da pagina de titolo

Item wist das auff den Zwelfften
 tag des Monadts Octobers Ein Schiff auß Piesillg
 lande hye an ist kommen vmb geprech der Victualia/ So daz
 Nono vn Cristoffel de Haro vnd andere gearmirt oder gerüst
 haben. Der Schiff sein Zway/durch des konigs von Portugal
 erlaubnuß vmb das Piesillg landt zuschreiben oder zu erfaren
 Vnd haben das Landt in Sechs oder Syben hundert meyll
 weyt beschriben/dann man das vor wissen hat gehabt. Vnd
 da sie kommen sein ad Capo de bona speranza/das ist ein spitz
 oder ort so in das meer get/gleich der Vloet Affril/vnd noch ein
 grad höher oder weyter. Vn do sie in solche Clima oder gegen
 konen sein Nemlich in Vierzig grad hoch/Haben sie das Pie
 sill mit ainem Capo/das ist die spitz oder ein ort/so in das meer
 get/sunden. Vn haben den selbigen Capo vmbseylet oder vmb
 faren/vn gesundt/das der selb Talso gleich ist gangen wie Eu
 ropa lyezt mit dem Syz ponente lante/das ist gelegheyt zwis
 schen dem auffgange oder Ost/vnd nydergange oder West/
 Dann sie haben auff der anndern seiten auch die landt gesehen/
 Als sie bey Sechzig meyllen vmb den Capo kommen sein/zu ge
 leicher weys als wenn ainer in Leuanten fere/vnd die Strita de
 gibilterra passiert/das ist surfert/oder hyndurch einfarn/vnd
 das landt von Barbaria sieht. Vnd als sie vmb den Capo kö
 men sein/wie gemelt ist/vnd gegen vns Nordwestwertz gese
 let oder gefaren haben. Do ist vngewitter so groß worden/auch
 winde gewesen/das sie nicht weyter haben können saylen/oder
 faren. Do haben sie durch Transcana/das ist Vloet/oder mit
 ternacht/wider her vmb auff die annder seiten vnd Costa/das
 ist landt/von Piesill müssen faren. Der Piloto/das ist der schif
 fuerer/oder Schifslayter/ So mit dysen Schiff gefaren ist/ist
 mein fast güt freunde. Ist auch der berumbt so in der konig
 von Portugal hat. Ist auch etlich Rayß in India gewesen/der
 sagt mir vnd vermayndt/das von sollichem Cabo dye Piesill/
 das ist ein anfangt des Piesill landt/ober Sechshundert meyl
 gen Malaqua nit sey. Vermayndt auch in kurzer zeyt durch so

lichen Viagio/das ist weeg oder rayß/von Lifibona gen Mala
qua zufaren vnd widerumb künien/das dem kunig von Portu
gal mit der Specerey ein groſſe hilff wurde pringen. Sie finden
auch das das landt vß Piesill hynumb get byß gen Malaqua
Vnd als sie wider auff die Costa oder seytten von Piesill wider
Westwertz künien sein/haben sie vil güter Rio/das ist fluß vil
porten gefunden/defgleichen am hyndan faren. Als wol gepo
polirt/das ist vol volcks/oder ser wonhafft/vnd sagen ye mer
gegen Cabo/ye besser volck sey/mit güter weyß/erbers wesen/
haben in in gar keyn misprauch/dann das ain ort mit dem an
dern kriege. Essen aber nit an einander/wie in dem vndern Pie
sill landt/Schlagen aber an einander zu tode/nemen keynen ge
fangen. Sagen das volck sey fast von güter freyer Condicion/
das ist güter Art. Das volck hat auch auff sollicher costa oder
seytten/keyn leze/das ist gesetz/noch kunig/dann das sie die alten
vndter sinen eren/vnd den selbigen folgen/Zu gleicher weyß als
in dem vndern Piesill landt. Ist auch als ein volck/dann das
sie ein andere sprach haben. Sie haben auch auff der selbigen
Costa oder landt gedechtnuß von sant Thomas/Sie haben
auch den Portugalesern die schilt im lande dynnen wollen zay
gen/Zaygen auch an das Creutz im lande dynnen stein. Vnd
wann sie von sant Thomas reden/So sagen sie er sey der kleyne
got. Doch es sey ein ander got der gröſſer sey. Es ist wol zuglau
ben/das sie gedechtnuß von sant Thoma haben/dann wissen
lich ist/das sant Thomas hyndter Malaqua leitbhefftig leyet/
auf der Cost Stramatl/im Golffo de Celon. Sie haissen auch
im landt Jre kynder fast Thomas. Im lande dynnen hat es
groß pyrgt/Sagen an etlichen orten nymer der schne darab ku
me/als sie vom landt volck bericht werden. Sie sein in etlichen
porten gewesen/do sie vil vnnnd mancherlay selzamier fell von
wilden thieren funden haben/So die lewt also rauch an tragß
vber die plossen hewt/wissen die nit zu berayten. Nemlich sel vß
Leen vnd Leoparden/der selben vil im landt do sein/Lux auch
Genet/so man in Hyspanta secht/anch kleyne fell/wie die Gene
ten sehen/vnd sein trifft wie ein Lux/wann sie sein fast kostlich

von haren/vnd dunn von fell gleich wie ein Mader. Die gro-
ßen fell von den Leoparden vnd Luren zerschneyden sie vñ ma-
chen gürtel darauß/ainer spann playt. Sie haben auch vil We-
ter vnd Pyber/das ain zeichen ist/das das landt groß fließene
wasser hat. Sie haben auch gürtel von felen die mir vnbelant
sein. Vorgemelter fell/vñ in mer manyr oder weyß rauhe was
hab ich fur mich gekaufft/doch nie vil/dann sie keyn Summa
wß solcher raucher pellacerey pracht haben/sie sagen haben nie
darnach gestelt/dann sie es fur nicht geacht haben. Sie sagen
das das ander Schiff so noch do hynden sey/pung vil solcher
fell vnd mancherlay ding/dan es lenger geladen hat. Ist auch
der haubtman von den zwayen Schiffen. Ich hab auch vnd
ter andern dingen drey stuck von elichen sellen zusamen genede
kaufft/sein fast alle drey so groß vnder ein rock zuputern/haben
die Portugaleser fur nicht geacht/sie deckes im landt vber sich/
ist zu gleicher weyß zusamen genet als man bey vns dye wolffs
deck macht. Es ist fur war ein kostliche suetter an im selbs. Die
fell sein als groß an in selbs als ein Dachs/vñnd haben farb als
ein hyrseh. Ist auff dem fell fast rauch wß woilen/hat lang spi-
nige har/etwas dick zu gleicher weyß wie ein Zobel. Das sel ist
inen leicht wie ein Mader. Das sel an im selbs schmeckt auß der
massen wool. Das landt hat auch wunderbarlich vil frucht/vñ
die gut/vnd als ander frucht/dan wie wirs in vnsern landten
haben. Haben auch gefunden in dem lande Cāna fistola/in der
größ eines arms groß. Habē auch hönig wache/ein Gumi/vñ
des vil/geleich wie Glouc/vil vñ mancherlay gefögels/Rauch
von fuesen. Ir were ist mit hanndipogen zu gleicher weyß wie
in dem vndtern Piesill landt der prauch ist. Haben keyn eysen-
pergt/geben vmb ein Art oder peyhell vnd messer was sie habē
wie dan in dem vndtern Piesill landt der geprauch ist. Sie ha-
ben auch im landt ein sort Specerei/Pient auff der zungen wie
pfesser/noch reffer/wechset in ainem Schelflein mit vil kornlein
darinnen es wechset. Ist das Gran oder korn zu gleicher weyß
als groß als ein arbayß. Ir solt auch wissen/das sie genugsam
anzaygung pungen. Das sie vß Cabo/wie gemelt ist/gegen vns

Sei Trway hundert myll sein/daselbst in einer port vnd fluß ge
wesen sein/do haben sie anzaugen von vil Sylber vñ gold/auch
upffer/so im lande dynnen ist. Sie sagen das der haubtman
von dem andern Schiff dem konig von Portugal ein Sylber
er Art oder peyhel pring/zu gleicher weys wie Ir Art von stay
nen sein. Zunge im auch ein metal/sagen seche wie messing/vnd
entphahe keyn Kost noch verlezung/wissen nicht ob es nyder
Goldt ist oder was es ist. Sie haben auch an dem selben ort an
der See erlande von dem selbigen volck ein anzaugung das im
lande dynnen ein pyrg volck sey/hab vill golde/trag das gold
dun geschlagen/zugleicher weys wie harnisch an der styen/vñ
sorn an der priust. Der haubtman pünge auch einen man von
dē selbigen lande/der hat den konig von Portugal ye sehen wöl
len. Der sagt er wöll dem konig von Portugal so vil golde vnd
Sylber anzaugen geben/das im Lande sey/das seine Schiff nie
faren mögen. Die lewt an dem selbigen ort sagen auch das zu zei
ten anndere Schiff auch dar kumen/tragen klayder an als wir.
Die Portugaleser sagen als die frantzosen/nach des volcks an
zaugen. Vnd haben auch pert/fast all Rot. Vnd wollen die Er
samen Portugaleser sage/es seien Gezyner/so gen Malaquana
nigieren/geyt im ein anzaugung/das es war sey/Dennach wif
send ist in Malaquana das Sylber vñ kupffer besser laufft ist dan
in vnsern lande. Also habe jr die Clewen zeytung. Das Schiff
vnd der Coperta ist mit piefil holz gelade/ob der Coperta
voller erkauften Jungen knaben vnd mayden/haben die Por
tugaleser wenig kost dann sie das merer cayl mit freyem willen
geben sein worden. Dann das volck alda vermaynde Ire kyn
der farn in das gelobte lande. Sie sagen auch das volck an dem
selbigen ort weert biß in hundert vnd vierzig Jar alt.

TRADUÇÃO

DA

NOVA GAZETA DA TERRA DO BRASIL

Item sabeí que a 12 do mez de Outubro aqui aportou da terra do Brasil, por falta de vitualhas, um navio que Nuno e Christovão de Iluro e outros armaram ou aprestaram. São dous os navios com licença do rei de Portugal para descrever ou reconhecer a terra do Brasil. E descreveram a terra mais seiscentas ou setecentas milhas do que antes se sabia. E assim chegaram (*á altura do*) Cabo da Boa Esperança, que é uma ponta ou logar que avança no mar, de Norte a Sul, e ainda um grau mais acima ou mais longe.

E quando chegaram áquelle clima ou região, isto é, quarenta graus de altura (*latitude Sul*) descobriram o Brasil, com um Cabo, isto é, uma ponta ou um logar que avança no mar. E navegaram em volta ou circum-navegarão esse mesmo Cabo e acharam que aquelle Golfo corre do mesmo modo que a Europa, do lado do poente para levante, isto é, situada entre o Levante ou Este e o Poente ou Oeste. Depois viram terra também do outro lado, quando tinham navegado perto de sessenta milhas em volta do Cabo, do mesmo modo que quem navega para Levante e passa o estreito de Gibraltar, isto é, passa por elle e vê a terra de Berberia. E quando deram volta ao Cabo, como fica dito, e navegaram para Noroeste, era tão grande ali o temporal e também ventava de tal modo que não puderam navegar mais para diante. Assim foram obrigados a voltar pela Tramontana, isto é, Norte ou Meia-noite, ao outro lado e costa, isto é, á terra do Brasil. O piloto, isto é, o commandante ou capitão, que navegou neste navio, é meu optimo amigo. Elle é também o mais afamado (*piloto*) que tem o rei de Portugal. Esteve também em algumas viagens na India e diz-me e opina que desse Cabo do Brasil, isto é, um começo da terra do Brasil, não

ha mais de seiscentas leguas para Malacca. Pensa tambem que em curto tempo com tal *viaggio*, isto é, caminho ou viagem, (*será possível*) ir e voltar de Lisboa a Malacca, o que trará ao rei de Portugal, com a especiaría, grande auxilio. Achem tambem que a terra do Brasil se estende até Malacca.

E quando voltaram para a costa ou lado do Brasil, para Oeste, acharam muitos Rios bons, isto é, rios e portos, do mesmo modo que durante a navegação para lá. São bem povoados, isto é, cheios de gente ou muito habitados, e dizem que quanto mais para o Cabo tanto melhor a gente, de bons costumes, de índole honrada; não ha nelles vicio nenhum, a não ser que uma aldêa faça guerra á outra. Não se comem, porém, uns aos outros, como na terra do Brasil inferior. Matam-se todavia uns aos outros. Não fazem prisioneiros. Dizem que o povo é quasi de boa e franca condição, isto é, de boa natureza. O povo naquella costa ou lado tambem não tem *leze*, isto é, leis, nem rei e unicamente honram entre elles aos velhos e lhes obedecem da mesma maneira que na terra do Brasil inferior. O povo é o mesmo; tem somente outra lingua.

Nessa mesma costa ou terra ha ainda memoria de São Thomé. Quizeram tambem mostrar aos Portuguezes as pegadas no interior do paiz. Mostram igualmente a cruz que ha terra a dentro. E quando fallam de São Thomé dizem que elle é o deus pequeno. Pois ha outro deus que é maior. E' bem crível que tenham lembrança de São Thomé, pois é sabido que São Thomé realmente está por traz de Malacca na costa de Siranadi no golfo de Ceylão. Na terra dão frequentemente aos seus filhos o nome de Thomé. No interior ha grandes montanhas. Dizem que em alguns logares nunca desaparece a neve, conforme informa a gente do lugar. Estiveram em alguns portos, onde encontraram muitas pelles differentes e curiosas de animaes ferozes. Mesmo crúas, vestem-n'as as gentes sobre o corpo nú. Não sabem preparal-as. Especialmente pelles de leões e leopardos, de que existem muitos na terra, lynce e gincta da mesma que se caça na Hespanha e tambem pelles pequenas, que se parecem com as da gincta e semelhantes ás do lynce, quando são magnificas de cabellos e assim parecem pelles de maria. Cortam as grandes pelles de leopardos e lynces e fazem dellas cintas da largura de um palmo. Ha tambem muitas lontras e castores, o que é signal de que a terra tem grandes águas correntes. Ha tambem cintas de pelles que me são desconhecidas. Das pelles anteriormente mencionadas e um tanto differentes ou que eram cobertas de pello branco, comprei para mim, mas não muitas, pois não trouxeram em quantidade taes pelles encabelladas, que, dizem, elles não têm procurado porque não são apreciadas. Dizem que o outro navio que ainda ficou atraz transporta muitas dessas pelles e outras cousas, pois esteve mais tempo a carregar. Nelle está tambem o capitão dos dous navios. Entre outras cousas comprei ainda tres peças de varias pelles cosidas juntas. São todas tres quasi tão grandes que podem forrar um gibão. Os portuguezes não as têm estimado. Na terra se cobrem com ellas, cosidas juntas, da mesma maneira que em nossa terra se faz o cobertor com pelles de lobos. E' realmente por si só um magnifico forro. Cada uma das pelles é do tamanho da do texugo e tem a côr da do cervo. A pelle exterior é coberta de lã, tem cabellos compridos e agudos, um tanto espessos, da mesma maneira que uma zibellina. A parte interior da pelle é macia como

a da marla. A pelle tem de si mesma um cheiro muito agradável. A terra tem tambem uma extraordinaria quantidade de fructas, que na qualidade são differentes das que temos em nossa terra.

Acharam tambem na terra *cannafistula* da grossura de um braço.

Ha igualmente mel, cera, uma especie de gomma muito semelhante á therbentina, muitas aves e de muitas qualidades, de pés cabelludos. A sua defesa se faz com o arco, como é usado na terra do Brasil inferior. Não têm mina de ferro; dão por uma acha ou machado e por uma faca o que possuem, como é costume na terra do Brasil inferior. Ha tambem na terra uma qualidade de especiaria, que arde na lingua como pimenta e ainda mais forte. Acha-se numa vagem com muitos grãosinhos dentro. O grão ou semente é do mesmo tamanho da ervilha. Deveis saber além disto que elles trazem noticias bastante exactas de que do referido Cabo até nós ha perto de 200 milhas e que ali estiveram num porto e rio, onde receberam noticias de muita prata e ouro e tambem cobre que se acham no interior do paiz. Dizem que o capitão do outro navio traz para o rei de Portugal um machado de prata semelhante aos seus (*dos naturaes*) machados de pedra. Traz-lhe tambem um metal que dizem parecer latão e não receber ferrugem nem corrupção. Não sabem se é ouro baixo ou o que é. Nesse mesmo lugar, á beira-mar, souberam daquelle mesmo povo que no interior do paiz existe um povo serrano que tem muito ouro e traz o ouro batido fino á maneira de arnez na fronte e ao peito. O capitão traz tambem um homem daquelle terra que quiz ver o rei de Portugal. Diz elle que quer dar noticia ao rei de Portugal de que se acham no paiz tanto ouro e prata que seus navios não podem carregar. As gentes daquelle lugar tambem dizem que ás vezes chegam alli outros navios. Trazem roupas como nós. Os portuguezes dizem que são francezes segundo informa o povo. E têm tambem barbas, quasi todos vermelhas. E os honrados portuguezes dizem que são Chins que navegam para Malacca. Ha noticias de que isto é exacto, pois sabem que em Malacca a prata e o cobre são mais baratos do que em nossa terra. Assim tendes a gazeta das novas noticias. O navio está, sob a coberta, carregado de páu brasil e na coberta está cheio de rapazes e raparigas comprados. Pouco custaram aos portuguezes, pois na maior parte foram dados por livre vontade, porque o povo de lá pensa que seus filhos vão para a terra promettida. Dizem tambem que o povo naquelle lugar alcança até aos cento e quarenta annos.



Ex-libris do volume de que faz parte a
«Copia der Newen Zeytung auss Presillg Landt»

ESTUDO CRÍTICO

Entre os impressos raros da valiosa collecção do eminente bibliographo e bibliophilo brasileiro *Dr. José Carlos Rodrigues*, hoje pertencente á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, encontra-se um folheto anonymo, com o titulo de:

COPIA DER NEWEN ZEYTUNG | AUSS PRESILIG LANDT. !|

In-4º pequeno, de IV ff. inn., 132×192 mm. Assignatura Alf. S. I. n. d.

Em baixo do titulo ha uma grande gravura em madeira, que representa navios, ilhas, rochedos e um porto de mar.

Este exemplar da "Gazeta" está encadernado juntamente com 37 outros pamphletos em allemão e em latim, nenhum dos quaes tem data anterior a 1515.

Eis a lista dos pamphletos:

1. — Ditz sein die Ca- | pitel nach absterbe(n)bast Ju- | bj durch die Cardinal in Cöcland beschlos- | sen vnd abgeredt so mit künfftiger | bebstlicher halikeit solle(n) gehal- | ten werden. M. D. xiiij. || (As armas de Leão X em baixo do titulo).

IV ff. inn., a ultima em branco.

Seguem-se 3 pp. inn. que começam: "erden sind wie vngewiss..."; e 2 pp. inn. de "Antwort vnsers herren Kayzers Zu | der Venediger Redner". }.—1 p. inn. em br.

2. — Das aussschreyen vnd eroffnu(n)g der | heyligsten Püntruss zwischen vnserm heylige(n) Vater | Babst Julio dem andern Vnd dem aller durch- | leuchtigsten Grossmechtigsten hern Hern | Maximilian erwelten Keyser allzeyt | merer des Reichs Der heyligen | Römischen Kirchen Aduo | caten Jungst verwilligt vnd | abgeredt Doch also das die auffge- | richt heyligste veraynung des verruck- | ten

Jars Alleyen die Venediger aussgeschlosssen | in Jren wirdenn belayben vnd besteen sol. || (Em baixo as armas do Papa Julio II).

IV. ff. inn. S. l. [1512]. C. S. D. Traducebat.

Weller, n. 672.

3. | Ein ordenliche vertzaychnuss: wie sich | die schlacht zwischen den Teut-
schen | vnd Hyspanischen an ainem: vñ | den Unedigern am andern | teyl begeben
vnd verlossen | hat. Am Sybenden tag | Octobris. Anno do- | mini. M. CCCC. | xiiij.
Jar. ||

IV ff. inn. S. l. [Nürnberg, J. Gutknecht.]

Weller, n. 805.

4. — Hernach Volgt | wie der Durchleuchtig Hoche | born Furst vñ herr herr
Maximil | ian Sfortza Hertzog zu May- | land zu Mayland eingezoge(n) vñ | ent-
pfange(n) ist am Neun vñzweyn- | tzigsten tag Dece(m)bris. Anno re. | Tausent
Funff hundert vnd drey | tzeihen. ||

IV ff. inn. S. l. n. d. [1513].

Não conhecido de Panzer, nem de Weller.

5. — Neutzeyn(u)g auss welsche(n) lande(n) eyns | handels fryde tzu ma-
chen tzwischen Bebstlicher | heyligkeit vund dem künige von Franckreich | durch
mittel der Oratores Kayser | lichen Maiestat der künige | vñ Hyspanien vñ | Eu-
gelant. ||

IV ff. inn. — Assignatura Aij. S. l. n. d. [1510].

Weller, "Zeitungen", n. 4.

6. — Der Künigklich vertrag gemacht | zwischen den hochgebornen Fürsten vnd
herra Herrn Hertzog Al | brecht vñ Wolfgang gebrüder an ainem Vnd Hertzog
Rüpre |chts weilend verlassen erben an andern Auff den gehalten Künig | lichen
tag zů Cöln Im fyfftzehnhundertsten vnd fünfften jar. || (Em baixo as armas
ducaes da Baviera).

VIII ff. inn., a ultima em branco. S. l. n. d.

7. — COPIA DER NEWEN ZEYTUNG | AUSS PRESILLG LANDT. ||

8. — Vermerekt die Begenck | auss des kunig philips vñ | Castilla. Gehalten
durch | die künigklichen maiestat | zu Constantz auf reichs | tag=Anno Tausent
Funff | hundert vnd siben iare. ||

IV ff. inn. S. l. n. d. [1507].

Não mencionado por Panzer, nem por Weller.

9. — Begencknus | Kayserlicher | Maiestat. | ~. Hiernach volget die begencknus
Kaiserlicher | mayestat So zu Wien beschetē ist Anno domini | 1493 An dem 7 tag
decembris, etc., etc. (Armas Imperiaes da Austria).

VIII ff. inn. S. d.

(Colophão:) Getruckt zu Wien durch | Johānem winterburg |

Panzer, n. 361.

10. — Venediger Chronica. | Mit angezögte(n) vrache(n) des schäd- | liche(n)
Kryegs do mit sye bñz | hār vñ Römischer Key. | Maicstät so schwär- | lich gestrafft
seind. ||

XXIV ff. inn. — S. l. n. d.

Titulo em duas côres: vermelho e preto. Em baixo a marca typographica de Gauthier Lud, conego de St. Dié, impressa em vermelho.

Weller, n. 514, dá erradamente como impressor *Mart. Flach*.

11. — Das leben vnnnd ge- | wonheyt. vnd gestalt des Sophi Ku- | nigs der Persien. vnnnd der Medier. | vnnnd von vill andern Kungreichen. | vnnnd Landt. mit den aller grossisten Kringe(n). | welche er than hat. wider | den grossen Turcken. vnnnd anderer Kung. vnnnd herrn. vnnnd | von der beschreybung. der | Landt. leben vñ gewon- | heyt deren volcker. | mit villen andern | kurtzweyhe- | en dingen. | M. CCCCC. XV. ||

X ff. inn. S. l.

Panzer, n. 761.

12. — Chronica Von vil | Namhaftigen geschichten | die geschehen seynd seid man zalt | nach Christ geburt netjn bun | dert vnd dreij iar In Ung | ern Behem Osterreich | Stetirmack Bayern Schwabñ | Francken Walsch vnnnd | Teijtsch landen | biss auf das | M. CCCCC. XV. ||

XII ff. inn. S. l. n. d.

Titulo em duas côres: vermelho e preto.

Panzer, n. 819 b.

13. — Die Welsch | Gattvng ||
(Colophão:) Inn Strasspurg der löblichen statt | Mich Matthias Schürer ge- | truckt hat | M. D. xiiij. ||

VIII ff. inn. com duas gravuras em madeira por H. S. Beham e LII ff. num. com uma vinheta na fl. XLIII, representando um eclipse do sol.

Panzer, n. 761.

14. — DONATIOCONSTANTINI | ¶ Bartholomei picensi de Montecarduo ad Iulium | IL pontificem maximum praefatio edicti sine do- | nationis illius Constantini quam e graeco in latinu(m) | conuertit foeliciter. ||

VIII ff. inn. S. l. n. d.

Panzer, IX, n. 170.

15. — BVLLA CENSVRARVM IN SINGV- | LOS DE CONSILIO ET INTER- | DICTI GENERALIS IN DVCATV MEDIO- | LANENSI OB OCCVPATIONEM EC- | CLESIAE ET ALIORVM BENEFI- | cioru(m) Ecclesiasticoru(m) & Fructu(m) Eoru(m) | de inde- | bitam Sequestratione(m) seu Distributio- | nem laicali abusu & pote(n)tia factas | per. S. D. N. Iuliu(m). IL Pont. | Max. Ad Perpetuam | Rel Memoria(m) | Facta. | * ||

VI ff. inn., a ultima em branco. — S. l. n. d.

Panzer, IX, n. 47.

16. — BVLLA DECLARATIONIS INCVR- | SVS CENSVRARVM ET PENA- | RVM | CONTENTARVM IN BVLLA PRIVA | TIONIS ALPHONSI ESTENSIS TVNC DVVIS FERRARIAE CONTRA MA- | GNIFICVM. D. CAROLVM DE AM- | bosia | D. de Ciamonte Magnu(m) Magistru(m) & nominatu(m) | contra reliquos Capitanos & Duces Exer- | tus Christianissimi Regis Francoru(m) & gene- | raliter contra omnes qui ni defensionum | & Auxiliu(m) dicti Alphonsi Estensi. | contra.

S. D. N. & S. RO. Ecclesiā | militāt & eius Terrae & loca ho | stiliter inuaseru(n)t
& depredati | sunt per. S. D. N. Iulium | II. Pont. Max. | Edita. [*]

VI ff. inn. S. l. n. d. [1510].

Panzer não o conhece.

17. — BVLLA INTERDICTI ECCLESIASTI- | CI CONTRA RECEPFACTORES
RE- | BELLIVM ET EXITITIORYM TER- | RARVM ECCLESIE INFRA QVIN-
QVAGINTA MILIARIA A LO- | CIS ORIGINIS, ILLORVM | DISTAT. PER
S. D. N. | IVLIVM, II. PONT. | MAX. EDITA. ||

IV ff. inn. S. l. n. d. [1510].

Panzer, IX, n. 46.

18. — BVLLA IVLII. II. PONT. MAX. SVPER | PRIVATIONE ALPHONSI
DVCIS | FERRARIAE. ||

X ff. inn. S. l. n. d. [1510].

Não conhecido de *Panzer*.

19. — Breue Julij Secu(n)di | Pont. Max. ad Reges Duces et | principes christia-
nos: in quo cō | tinent potiores: licet plures sint | alie cause priuationis Cardina-
lu(m) Hereticoru(m) Scismaticoru(m)q(ue) || (Armas de Julio II).

IV ff. inn., a última em branco. — S. l. n. d. [1511].

Panzer não conhece esta edição.

20. — Oratio angeli Ana | chorite Vallisumbrose pro Concilio | Lateranensi |
(Armas de Julio II) ; Contra | Conuenticulum Pisanum. ||

IV ff. inn. S. l. n. d. [1511].

Panzer, IX, n. 52.

21. — Bulla intimatiōis | Generalis Concilij apud La- | teranum per S. d. n. |
Juliu(m) Papā. ij. | edita. | (Armas de Julio II).

IV ff. inn. S. l. n. d. [1511].

Panzer, IX, n. 52 (?)

22. — Oratio prima Synodi | Lateranensis habita per Egidium | Viterbiensem
Augustini- | ani ordinis Gene- | ralem. ||

(Colophão:) Impressa Nurenberge per Ioannem Stuchs ||

VI ff. inn. S. d. [1512].

Não conhecido de *Panzer*.

23. — Bulla Monitorij | Apostolici: cōtra tres Reue- | re(n)dissimos Cardinales. |
vt redcāt ad obedie(n)tia | S. d. n. Papa. Ne | Schisma in eccl'ia | saneta dei | oriet. ||
(Armas de Julio II).

IV ff. inn. S. l. n. d. [1511].

Não conhecido de *Panzer*.

24. — Oratio maximi cor | uini Parthenopei Episcopi | Eserniciē. Sanctissimo. |
Julio Secundo | Pont. Max. | dicta. | (Armas de Julio II).

IV. ff. inn., a última em branco. S. l. n. d. [1511].

Não citado por *Panzer*.

25. — Ista su(n)l. Capitula: facta In conclavi que debent | observari cum summo
| pōtifice. M. D. xiiij. | (Armas pontificias) (Julio II?).

II ff. inn. S. l. n. d.

Não conhecido de Panzer.

26. — Cursij Panegyris | de federe inter Juliu(m). ij. Pont. | Max et Hispani.
Rege(m). || (Armas pontificias).

IV ff. inn., a ult. em br. S. l. n. d. [1513].

Não citado por Panzer.

27. — Ioannis de Castiglione Archidiaconi Campinie in ec- | clesia Leodiē Pro-
thonotarii Aplici & Inviētissimi | ac Serenissimor(um) Principum Maximilian. E.
Roma, nor(um) Imperatoris sempre Augusti & Caroli Principis | Hispanie Archi-
ducum Austrie Ducum Burgondie | Brabantie &c. + ad Sanctam Sedem Aplicam
Orato- | ris in prestita solenni eiusdem Principis obedientia | Sanctissimo Dño nostro
Iulio Secundo Pontifici ma- | ximo habita Rome Oratio in Cōsistorio publico die |
Mercurij vicesima quarta Ianuarii Anno a nativitate | domini. M. D. LX. ||

VI ff. inn. S. l. n. d. [1509?].

28. — (Gravura em madeira, representando as armas do Papa Julio II).

BVLLA INNOVANS ET CONFIR- | MANS CONSTITVTIONEM SIVE | EXTRA-
VAGANTEM PII. II. CON- | TRA APPELLANTES AD EV | TVRYM CONCILIYM |
PER S. D. N. IVLIVM | II. PONT. MAX. | EDITA. ||

VI ff. inn., a última em br. S. l. n. d. [1515].

Não conhecido de Panzer.

29. — ORATIO HERMOLAI BARBARIZAC. | F. LEGATI VENETI AD FEDE-
RIVM IM | PERATOREM: ET MAXIMILIANVM | REGEM ROMANORVM PRINCI-
PES | INVICTISSIMOS. ||

VIII ff. inn. S. l. n. d. [1486].

Hain, n. 2418.

30. — Ingressus xpianissimi Ludouici francorum | Regis in ciuitatem Mediola-
neā. ||

II ff. inn. S. l. n. d. [1499?]. Em caracteres gothicos.

Hain, n. 10313.

31. — Oratio ad Salvandam Illystris | simam Principem & dominā, dominā MA-
RIAM | Archiducissam Austriæ, Ducissam Burgu(n)diæ, | Brabantiae, &c. Princi-
pe(m) Castellæ Legionis | Granate. &c. Spōsam designatā LVDO- | VICI Vngariæ,
Bohemiæq(ue) Regis | serenissimi. &c. Nomina flore(n)tissimi studij Vienne(n)sis
Panno- | niae, per Sebastianu(m) Bun- | derli(m), ibidem Col- | legam habita. | Ioa-
chimi Vadiani Pōetae Laureati | in Bunderli Salutationem. ||

(Colophão:) ANNO M. D. XIII. | Hieronymus Vietor, Ioānes Singrenius impri-
mebāt. ||

VI ff. inn. S. l.

32. — Oratio tumultuaria ad illustrissimum | & generosissimum principem Do.
Do. Casimiru(m) | Marchionem Brande(n)burgensem Stetinensem | Pomeraniae, Cas-
subiae, Sclauorumq(ue) ducem, | Burgraviu(m) Neure(n)bergen. & Rugiae Priu- |

Epem, magistri Christophori Crassi Heluetii in magna procerum fre-
quentia, Viennae Pannoniae habita. ||

(Colophão:) Impressum Viennae per Ioannem Singrenium. ||

IV ff. inn. S. d. [1515].

33. — Oratio ad reverendissimum in Christo patrem, ac Illustrissimum Prin-
cipem & dñm, Dominem MATHEVM sacrosanctae Romanae ecclesiae tituli sancti
Angeli Car- dinalcm Gurcensem Coadiutorem & Successorem Salisburgensem, ac
sa- cratissimae Caesaris nuncia- tis locumtenentem &c. In cōgratu- latione
aduentus, nomine florentissime Vniuersitatis Viennae Pannoniae, p(er) Scha-
bastianum Winder inibi collegiatum Collegii Principis, In frequenti & magna
Procerum ac li- teratorum hominum praesentia tumultuarie habita. ||

(Colophão:) Impressa uero p(er) Hieronymum Vietorē quam accuratissima. ||
VI ff. inn. S. l. (Viennae) S. d. [1515?].

34. — (Armas da Austria) Die Vereinigung Kay. Maiestat mit den Königen
von Hungern Polen vñ Behemen re. Auch wie vnd wo sy zusa- men kñmen sein
ainander empfangen was sich da begeben hat Auch was her- schafft vnd volkh
da bey gewesen Vnd wie sy zu Wiß Eñzogen sein mit mer verlaufung vnd hand-
lung alles hierin klerlich begriffen Anno dñi, M. d. XV. (Armas da Hungria e da
Bohemia) ||

VIII ff. inn. S. l. n. d. [1515]. Em caracteres gothicos.

35. — Oratio funebris et luctuosa: p(er) magistru(m) Conradu(m) Su(m)-
men- de Calw sacre theologie pfessorem habita ad vniuersitatem Tüwlng(e)nsem
in officio exequiar(um): qd' eadem vniuersitas pro illustri pncepe domino Eber-
hardo primo duce in Wirtemberg & Deck: tanq(ue) pro suo patrone & fundatore:
vij. ydus Martij. Anno. M. CCCC. XCVI: pie pigit. que p(rae) clarus pnceps pau-
loante in festo beati Mathie apostoli hora vesperar(um): eodem anno diem clau-
serat extremum. ||

(Colophão:) Impressa in oppido Tüwingē: p(er) Maglstrum Johannē Othmar.
Anno M. cccc. | xcviii. ||

XII ff. inn.

36. — Rerum gestarum tyroca- rum et sophi persarum imp. de anno M. D. XIII.
Breviarium. || (Tarja).

(Colophão:) Impressum Augustae. ||

IV ff. inn. S. d. [1514].

37. — P L V [TAR] CHVS, [DE (I), VITA] NDA, VSVRA, [EX, GRECO, IN, LATI]
NVM, T [RADY] CTV S, || (Tarja).

(Colophão:) Impressum Nuremberge per Fridericu(m) Peypus, Anno &c. XV.
Die vero Vicesimasexta Mensis Iannarii. ||

VI ff. inn. [1515].

38. — Sacratissimi et Inui- ctissimi Romanorum Imperatoris Friderici tercij.
Ac centho- ralis ipsius Leonore despiciat ac iparu(m) coronatio. Simulq(ue)
Serenissimi & Inui- ctissimi domini domini Maximiliani re- manorem (!) regis
semper Augusti. Ac sue germane Kunigundis gloriosissima ge- neratio. ||

(Colophão:) ...Impe(n)sis prouidi viri Jacobi Wacker de Salaburga Augusto impre'ssus Anno dñi. M. COCCC. III. sexto idus de-]cembris.

XXXIII ff. inn.

O volume traz dois ex-libris: um não descrito em obra alguma por ser dos mais antigos que se conhecem e que consiste em um braço com coroa de carvalho de oito folhas (1) e outro mais pequeno, talvez mais moderno, que é o da "Bibliotheca Conuentus Bulsanensis ad S. Franciscum Ord. Mñ. Ref. [ornatorum] Prov. Tyrol".

Na folha de resto do primeiro opusculo da collecção se acha a seguinte nota manuscrita, por letra do seculo XVI: "Pro Conventu fratr(u)m Minoru(m) Reformatoru(m) Bulsanensiu(m)".

Não se sabe como, nem quando, essa preciosa collecção de impressos antigos sabiu da livreria do convento dos PP. Franciscanos, de Bolsana, no Tyrol (Austria), para ir parar finalmente ás mãos dos livreiros-antiquarios irmãos Rosenthal, de Munique, dos quaes o Dr. Rodrigues a adquiriu pelo respeitavel preço de quatorze mil e quatrocentos marcos.

A "Gazeta" é um impresso rarissimo. Só se conhecem, além do exemplar da collecção Rodrigues, dez outros em differentes livrerias publicas e particulares da Alemanha, França e America do Norte. (2)

Munich	(Baviera):	2 exempls.	na Real Bibliotheca Publica.
Nürnberg	"	: 1 exempl.	no archio da familia Fugger (?)
Regensburg	"	: 1 "	na livreria dos Principes Fugger.
Dresden	(Saxonia):	1 "	" Real Bibliotheca Publica.
Leipzig	"	: 1 "	" Bibliotheca da Universidade.
New York, N. Y.	"	: 1 "	" Livreria Astor. (3)
" " " "	"	: 1 "	" " Lenox. (4)
Providence, R. I.	"	: 1 "	" Bibliotheca John Carter Brown.
Paris (?)	"	: 1 "	" Livreria que foi de Henri Ternaux-Compans. (5)

Das differentes edições, com ligeiras variantes no typo das letras e na redacção do texto, estão bibliographicamente registradas estas tres:

1. — Anonymo:

COPIA DER NEWEN ZEYTUNG | AUSS PRESILIG LANDT. ||

in-4º pequeno, s. l. s. d.

1 f. inn. de titulo; em baixo uma grande gravura em madeira, representando navios, ilhas, rochedos e um porto de mar. — 11 ff. inn. de texto. 1 f. inn. em branco. — Sem colophão nem marca d'agua. (6)

New York: 1 exemplar na Bibliotheca Publica.

Providence: 1 exemplar na Bibliotheca John Carter Brown.

2. — Anonymo:

COPIA DER NEWEN ZEYTUNG | AUSS PRESILIG LANDT. |

Colophon: ¶ GETRUCKT ZU AUGSPURG DURCH ERHART OGLIN. ||

in-4º pequeno, s. d.

I f. inn. de título: em baixo uma grande gravura em madeira, representando as armas reaes de Portugal. — III ff. inn., contendo a terceira somente dez linhas, inclusive o colophão. Marca d'agua: um copo. (7)
New York: 1 exemplar na Bibliotheca Publica.

3. — Anonymo:

COPIA DER NEUEN EYTUNG (!) | AUSS PRESILLG LANDT. ||
Colophão: GETRUCK ZU AUGSPURG DURCH ERHART ÖGLIN || (8)

Destes títulos differe totalmente aquelle mencionado por Haebler (9) no seu estudo sobre a "Gazeta".

DIE NEUWE ZEITUNG AUS PRESILG — LAND. ||

Se assim for, será uma nova e quarta variante do título do famoso impresso. (10)
Segundo esse mesmo investigador, existe também uma copia manuscrita da "Gazeta" no archivo dos Principes Fugger.

E' uma folha in-folio, que leva por título:

Zeitung su ain schiff pracht hat, So von portugal aussgefarn ist, das presill landt ferrer (?) dann man vor sein wissen hat zu (sic por zu) diskopiren vud (sic por und) Am widerkerren Inn yla de maderu zukommen ist von Ainem guten freundt aus maderu gen Anttorf geschryben worden (11) S. n. de autor, n. d.

("Noticias trazidas por um navio que sahiu de Portugal para descobrir a terra do Brasil mais longe do que antes se sabia e na volta chegou á ilha da Madeira; escriptas da Madeira para Antuerpia por um bom amigo") (12).

A copia da "Gazeta" occupa tres paginas (13).

O texto do exemplar impresso da Real Bibliotheca Publica, de Dresden, anda reproduzido nas obras de Humboldt (14), Ruge (15), Wieser (16) e Capistrano de Abreu. (17)

Foi traduzido em francez por Humboldt (18) e Henri Ternaux-Compans (19), cuja versão foi publicada mais tarde por Capistrano de Abreu. (20).

Ha também uma versão portugueza da "Gazeta" feita pelo mesmo Capistrano de Abreu (21) sobre o texto allemão publicado por Wieser.

Trechos isolados vertidos para o portuguez do exemplar de Dresden acham-se insertos nas differentes edições da "Historia Geral do Brasil" de Varnhagen (22) e no seu estudo intitulado: "Nouvelles Recherches sur les derniers voyages du navigateur florentin, et le reste des documents et éclaircissements sur lui" (23).

O autor anonymo e a viagem descripta na "Gazeta" têm sido objecto de muitas e muito variadas controversias.

Humboldt (24) relaciona-a com uma viagem ao estreito de Magalhães e considera-a escripta entre 1525 e 1540, o que naturalmente resulta impossivel em vista de já ter sido utilizada a "Gazeta" em 1515 por Schöner para o tratado da "Brasillae Regio" da "*Luculentissima quaedã | terrae totius descriptio: cu(m) multis utilissimie Cos- | mographiae iniciis: Noua & q ante fuit verior Europae nostrae forma- | tio. Praetera, Fluvioru(m): montiu(m): prouinciaru(m): Urbu(m): & gentium qpluri- | moru(m) vetustissima nomina recentioribus admixta vocabulis Nulla etiã | quae diligens lector noua vniq futura inueniet.* || (25)

Varnhagen, na sua "Hist. Geral", a supõe relacionada com a viagem, imaginaria, de João Dias de Solís e Vicente Yañez Pinçon ao Rio da Prata em 1508, ficando-lhe o anno de 1510.

Naturalmente esta data não resiste á critica pela muito simples razão de que essa expedição de 1508 não era destinada ao Rio da Prata, como erroneamente admittem Varnhagen, Kretschmer (26), Haebler (27) e tambem alguns escriptores brasileiros, mas sim "á la parte facia el occidente" em busca de "aquele canal ó mar aberto que principalmente habéis de buscar", como terminantemente declara o teor da "Capitulacion" ou "Asiento", feito em Burgos aos 23 de Março de 1508. (28).

Alguns dos resultados geographicos obtidos nessa viagem, assim como aquelle estrello *hypothetic* na America Central que, como então se suppunha, devia conduzir ás ilhas Molucas, figuram nas cartas americanas do Atlas manuscripto chamado *Begriton* (29), conservado na bibliotheca do Museu Britannico. Essas duas cartas, obra de um cartographo italiano anonymo e baseadas em prototypos hespanhões e portuguezes, presumivelmente officiaes, são os únicos documentos geographicos conhecidos e relacionados directamente com a viagem de Pinçon-Solís em 1508.

Depois de Varnhagen foi o Sr. D'Avezac (30) quem se occupou da famosa "Gazeta" suppondo-a referente a uma das viagens de Americo Vespucci.

Varnhagen na sua replica (31) ao Sr. D'Avezac, chega á conclusão de que a expedição referida na "Gazeta" podia ter sido a que empreendera Portugal, tendo por pilotos Vasco Gallego e João de Lisboa. Prova depois a intima relação existente entre a obra mencionada de Schöner e a "Gazeta" que seria assim um opusculo confeccionado entre 1506 e 1515.

Harrisae (32) colloca-a entre os impressos de 1520.

Ruge (33) intentou demonstrar que tinha sido impressa entre 1511 e 1515 e declara-a *apocrypha*!

Varnhagen, quando Visconde de Porto Seguro (34), "apresentou uma terceira conjectura. A "Gazeta" refere-se a alguma das expedições despachadas por Gonzalo Coelho que, vindo ao Brasil em 1503, alli demorou-se de dous a tres annos, mandando explorar a costa do sul até á Bahía de S. Mathias, os exploradores voltando da região do Rio da Prata sem terem achado sahida para Malaca: a carta da "Gazeta" narra essa excursão e é de 1506" (35).

Em 1880 Capistrano de Abreu publicou um estudo sobre o "Brasil no seculo XVI", em que mostra o serviço que fez Varnhagen (36) com a divulgação da uma carta do embaixador (37) de Portugal na Hespanha dirigida a D. João III, datada de Medina del Campo, em 14 de Dezembro de 1531, em que se refere a "...hum armáda de dom nuno manóel que por mandado del Rey voso paj (D. Manoel) que estaa em gloria foy descubrir ao dito Rio" (da Prata). E conclue que D. Nuno visitara essas paragens entre 1505 e 1508 (38).

Wieser (39) faz ver que a "Gazeta" é tradução de algum panphleto originariamente escripto e publicado em italiano. E após uma crudita argumentação, declara-a impressa em allemão entre o mez de outubro de 1508 e o de setembro de 1509, epoca em que os Portuguezes, pela primeira vez chegaram a Malaca (40).

Finalmente, tendo Haebler descoberto uma copia manuscripta da "Gazeta" allemã, considerou-se encerrado (41) o debate sobre a epoca em que se effectuara a viagem descrita no nosso impresso.

A copia manuscripta, a julgar pelo que nos assegura Haebler, declara terminantemente:

"Sabei que no dia 12 de outubro de 1514 um navio da terra do Brasil aqui chegou..."

Se assim fôr, e se não houver algum erro na interpretação. (42) dos algarismos da parte do paleographo, neste caso se trataria de uma viagem de Portuguezes ao Brasil em 1513-1514.

Tambem não pôde haver a menor duvida de que o missivista anonymo era de nacionalidade allemã, como se vê no extenso titulo da "Gazeta" manuscripta, acima reproduzido na integra, e como se deduz tambem de uma passagem da "Gazeta" impressa, onde o allemão conta como os indios se cobrem com pelles "cosidas juntas da mesma maneira que em nossa terra se faz o cobertor com pelles de lobos", costume que quadra melhor á Allemauha do que aos paizes latinos.

E' igualmente exacto que o missivista se achava domiciliado naquelle tempo em uma das ilhas pertencentes á corôa de Portugal, mas não em Lisboa, como conjecturam alguns autores, pois narra como "chegou da terra do Brasil um navio por falta de vitualhas..." (43)

Se bem que não existam discrepâncias quanto á nacionalidade do autor da "Gazeta", nem sobre o logar onde a escrevera, não succede o mesmo, porém, quanto ao que diz respeito á procedencia de certas informações usadas por elle para redigir a carta e á época em que teve logar a expedição ou a viagem ali referida.

Surgem duvidas por differentes razões.

Antes de tudo, é em extremo suspeito que um allemão empregue mais de quarenta palavras ou expressões neo-latinas em uma carta, que se diz original, dirigida a um seu compatriota e amigo, para communicar a este novas de interesse.

As palavras que se seguem, podem ser de origem portugueza, como tambem de origem hespanhola.

- | | |
|------------------------------------|------------------------------------|
| 1. <i>Vituallia</i> . | 8. <i>levante</i> . |
| 2. <i>ponente</i> . | 9. <i>piloto</i> . |
| 3. <i>costa</i> . | 10. <i>cabo</i> . |
| 4. <i>India</i> . | 11. <i>porten</i> (portos). |
| 5. <i>Rio</i> . | 12. <i>Summa</i> . |
| 6. <i>Hispania</i> . | 13. <i>Genet</i> (gineta, jineta). |
| 7. <i>describiert</i> (descripto). | |

Estas fórmulas neo-latinas na carta de qualquer allemão, que por ventura desde muitos annos vivesse entre portuguezes ou entre hespanhões, seguramente nada de extraordinario teriam, se nessa mesma carta e ao lado daquellas não occorressem outras expressões, que ao primeiro golpe de vista revelam a sua origem italiana, como estas:

1. *Nono* por *Nuno*.

2. *Capo de bona speranza*, forma a respeito da qual *Schöner*, que como vimos, extractara a "Gazeta" para o capitulo da "Brasiliae regio" de sua "Luculentissima", etc., observa expressamente: "A capite bonae spei (quod Itali Capo de bona speranza vocitant..." (44)

Que significa isto? Sabia o allemão *Schöner*, acaso, que a "Gazeta" não era nenhum texto original, mas sim uma compilação sobre algum manuscripto ou impresso original italiano?

- | | |
|------------------------|-----------------------------|
| 3. <i>Capo</i> . | 6. <i>gibilterra</i> . |
| 4. <i>Calfo</i> . (45) | 7. <i>Barbaria</i> . |
| 5. <i>Scritta</i> . | 8. <i>Tramontana</i> . (46) |

9. *pellaterey*.
10. *Viagio*.
11. *popoliert* (popolo).
12. *Lisbona*. (47)

13. *leze* (z=gg).
14. *gran* (grano).
15. *coperta*.
16. *Geziner* (Sini=China).

São estas palavras tão genuinamente italianas que nenhum estrangeiro as podia ter aprendido nem do Portuguezes nem de Hespanhões, por maior numero de annos que entre elles houvesse estado. E de nenhuma maneira parece provavel que o elemento italiano naquella epoca tivesse atingido a taes proporções na ilha da Madeira, ao ponto de influenciar até a lingua materna dos colonos de outras nacionalidades alli estabelecidos como empregados nas feitorias das poderosas casas commerciaes do continente.

Além disso, o emprego desses "barbarismos" em uma carta original escripta por um allemão e destinada a outro allemão não tem explicação plausivel, muito menos ainda em vista das traducções em allemão postas immediatamente ao lado de cada palavra italiana.

A unica conclusão que d'ahi se pôde tirar é o que o destinatario não comprehendia o italiano e que o missivista quiz imprimir o sello da authenticidade ás noticias que communicava e que, presumivelmente, ao menos em parte, bebêra em alguma fonte italiana.

Dada a antiguidade do impresso, não será muito difficil descobrir a fonte em que se possa ter inspirado o allemão.

Esse tom em extremo vago e um tanto mysterioso em que elle fala da posição geographica de Malacca, suppondo-a ainda em connexão directa com a terra do Brasil, permite colligir que a "Gazeta" foi escripta numa epoca anterior ao mez de Setembro de 1509 (48), anno em que os Portuguezes sob o commando de *Diogo Lopez de Sequeira* pela primeira vez chegaram á Malacca.

De todos os navegadores conhecidos e anteriores a essa data não se poderia pensar em outro senão no grande florentino *Amerigo Vespucci* cujas cartas sobre as suas viagens ao Brasil, traduzidas em differentes idiomas, impressas e reimpressas successivamente, constituiam naquella epoca a litteratura sobre a America do Sul mais divulgada na Europa (49).

Tratarei de provar que as conhecia tambem o missivista allemão:

GAZETA:

"...e quando chegaram áquelle *clima* ou região..."

"Pensa tambem que em curto tempo com tal viagio, isto é, caminho ou viagem ir e voltar de Lisboa a Malacca, o que trará ao rei de Portugal, com a especiería, grande auxilio."

"...o povo é quasi de boa e franca *condição*..."

VESPUCCI (50):

p. 35 "...posto nel terzo *clima*..."
p. 57 "...situado nel primo *clima*..."

p. 85 "...ed ho sperantza che mandando ora a visitare questo Ser. Re. che non passeranno multi anni, che gli recherà a questo Regno di Portogallo grandissimo profitto, e rendita."

p. 59 "...troua(ur)mo la ge(n)te essere di miglior co(n)dizione ch(e) la passata..."

"o povo naquella côsta ou lado também não tem leze (51), isto é, leis, nem rei e unicamente honram entre elles aos velhos e lhes obedecem" (da mesma maneira que na terra do Brasil inferior...)

"A terra tem também uma extraordinaria quantidade de fructas, que na qualidade são diferentes das que temos em nossa terra..."

"Acharam também na terra canna-fistula da grossura de um braço..."

"A sua defesa se faz com o arco (como é usado na terra do Brasil inferior...)

"...que ahí estiveram num porto e rio onde receberam noticias de muita prata e ouro e também cobre que se acham no interior do paiz..."

"o capitão traz também um homem daquella terra que quiz ver o rei de Portugal..."

"Dizem também que o povo naquelle logar alcança até aos cento quarenta annos."

Ha ainda mais palavras e expressões isoladas identicas em ambos os impressos. Mas, além de phrases inteiras extractadas das cartas de Vespucci, a "Gazeta"

p. 18 "...niente in sieme senza Re: senza imperio: & cadauno se ma'demo e signore... nisuna lege te(n)gono... I uechi cum certe sue pratjo'e izouenj plega'o aq(ue)llo che loro uogliano."

p. 15 "...salvo que fanno quello, che li consigliano loro uechi..."

p. 20 "...assai fruti... assai ueramente el contrario; & ni uni fruti lo so'no ali n(ost)ri simile..."

p. 59 "...qui trouamo canna fistola molto grossa..."

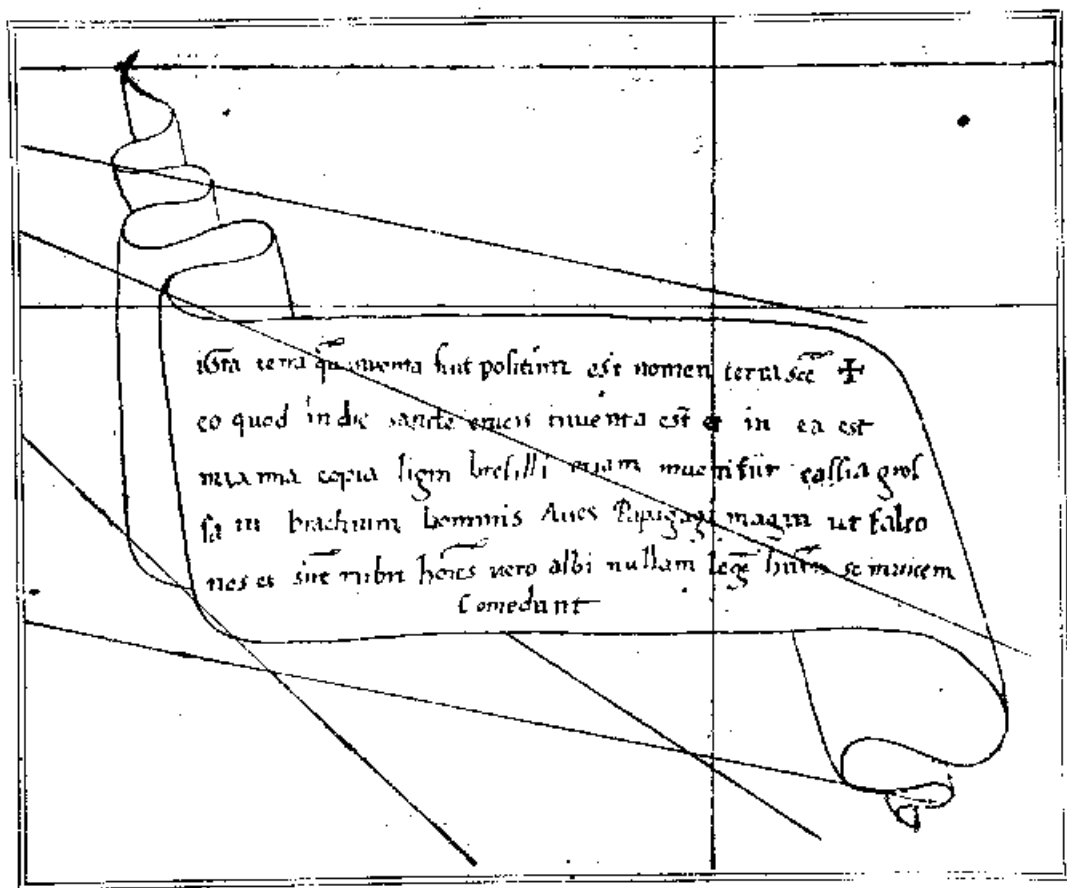
p. 85 "...le loro armi... che sono archi (saette e dardi, e pietre) (52)..."

p. 21 "...iq(ue)lli no affirmauano la i(n)fra terra esser grandissima abundia de oro..."

p. 59 "Accorda(ua)mo i(n) questo luogo lenare un paio di huomini, perche cimostrassino la lingua: et nennono tre di loro uolunta per uenire a Portogallo..."

p. 30 "uueno a(n)ni CL..." "vivunt annis centumquingenta..."

p. 85 "...Sono gente che vivano molti anni..." (132 annos).



Legenda referente ao Brasil no mappa Kunstmann II

contem também uma referência á cannafistula que parece copiada, litteralmente duma inscripção que se encontra no mappa italiano anonymo conhecido como *Kunstmann II*.

Este mappa, datado erroneamente por *Stevenson* (53) de 1502—[1504], na parte sul-americana não mostra senão as costas do continente visitadas por Vespucci em duas viagens insuspeitas; e, se não é obra do proprio florentino, então ao menos foram por elles fornecidos ao cartographo italiano anonymo os materiaes para a construção do planispherio, que evidentemente é *posterior* a 1504 (54).

GAZETA

KUNSTMANN II:

"Acharam tambem na terra cannafis-
tula da grossura de um brago..."

[ista terra qu invenita fuit positum est
nomen terra scē +. [eo quod in die
sancte crucis invenita est et in ea est
maxima copia ligni bresili] etiam
inventur cassia (55) gros sa ut bra-
chium hominis...

"não tem leze isto é, leis..."

"...nullam lege(m) h(ab)e)ntes..."

[não se comem, porém uns aos outros]
como na terra do Brasil inferior..."

"...se invicem comedunt."

O caso não deixa de ser originalíssimo, quasi unico na litteratura da historia colonial da America do Sul: d'um lado relações directas e inequivocas com documentos que comprovadamente emanam daquelle navegador, cujos escriptos constituem até hoje as unicas fontes de consulta conhecidas acerca das primeiras explorações ao longo da costa leste do continente sul-americano; e d'outro lado essa manifestação ingenua d'um conceito geographico tão vago e tão confuso concernente ao Brasil e a Malacca *ainda no fim de 1514*, — tres annos depois da tomada daquelle praça pelo grande Affonso d'Albuquerque e um anno depois da descoberta do "Mar do Sul" por Vasco Nuñez de Balboa!

Francamente, por mais esforços que faça, não me é possível persuadir-me de que um dos mais afamados pilotos ao serviço do rei de Portugal e que em algumas viagens anteriores já estivera na India (56); *ainda no fim de 1514* tivesse propalado noções geographicas, evidentemente inconciliaveis com os progressos geographicos feitos em consequencia dos successivos avanços e das explorações continuas dos Portuguezes até aquelle anno.

O teor de tão peregrina narração, ao que se diz colhida directamente da bocca de um experito piloto do rei, mas que não soube indicar nem sequer um só nome geographico fóra do logar da *cannafistula*, daquelle *Cabo* e do *Brasil inferior*, faz suppor que esse celebre marinheiro *em 1514 ignorava em absoluto* a existencia de todos aquelles documentos cartographicos confeccionados nos annos anteriores, segundo os dados geographicos obtidos pela observação nas differentes explorações effectuadas na epoca subsequente á descoberta da Terra de Sancta Cruz.

Mais ainda: o texto da "Gazeta" allemã, que se considera como escripta e impressa no fim de 1514 ou ao começar de 1515, supõe tambem que esse grande piloto do rei, *em 1514 não teve a mais insignificante noticia* de que o florentino Amerigo

Vespucci, ao serviço daquelle mesmo rei e amo, aos 10 de maio de 1501 sahira de Lisboa com tres náos, seguindo rumo das Canárias "que jazem no terceiro clima", e correndo, pelo oceano, todo o littoral africano até ao Cabo Verde, d'ahi pelo sudoeste "quarta do Sul" até finalmente aos 17 de agosto surgira na costa de uma terra, da qual tomara posse em nome daquelle mesmo rei; que reconheceram não ser ilha, como suppunham Cabral e companheiros, mas sim continente; que seguiram pelo sudoeste "pois assim corre essa costa" ao longo do littoral umas 750 milhas, baixando muitas vezes a terra, tratando com os índios, todos elles *anthropophagos, uns guerreando aos outros, sem rei, nem lei*, tão sumente obedecendo aos conselhos dos velhos, que entre elles gozavam de algumas prerogativas; que a gente do rio da cannafistula ou da cassia era de *melhor condição que a passada*; que d'ahi vieram tres índios por sua vontade para Portugal; que por não acharem mina alguma, proseguiram a sua viagem pelo le-sudeste até aos 52°, onde os surprehendera uma borrasca tão grande, que lhes fez ferrar de todo as velas; que aos 7 de abril tiveram á vista uma nova terra (57), ao longo da qual correram cousa de vinte milhas; finalmente que a costa brava, deshabitada, o intenso frio e outras calamidades narradas circumstanciadamente pelo navegante florentino, os obrigaram a tomar rumo [Norte=Tramontana] a Portugal.

Repugna ao meu espirito acreditar que um piloto portuguez em 1514 não tivesse tido conhecimento das viagens de Vespucci, assim como de que foi este o primeiro a insinuar á corôa de Portugal, embora indirectamente, a busca de um caminho, pelo oeste, para a Asia.

El custa assim mesmo crer que o planispherio portuguez, official, hoje chamado *Cantino*, construido pouco depois do mez de outubro de 1501, modificado e ampliado em 1502, sem duvida devido a Vespucci (58), tivesse sabido de Portugal sem ter ficado alli copia e que todos esses prototypos portuguezes em que se inspiraram os autores dos mapps denominados de *Pilestrina* (1503-1505), de *Canerio* (1504-1505) e *Kunstmann, II* (1504-1505) e o cartographo anonymo do *Egerton* (1510-1511), todos elles baseados em resultados cartographicos das primeiras explorações portuguezas no littoral brasileiro, tivessem desaparecido sem ter deixado nenhuma lembrança sua entre os pilotos portuguezes de 1514, os quaes, como se deduz tambem da nossa "Gazeta", foram chamados para continuar a obra dos seus predecessores.

Mas isso, acaso, não implicava cabal conhecimento do trabalho realizado por estes?

Qual era o espirito que guiava os respectivos monarchas ao decretarem a fundação da "Casa da India" em Lisboa e da "Casa de la Contratación" ou "Casa das Antilhas" em Sevilha?

Não foram estas duas repartições publicas destinadas para archivos de toda a documentação relacionada com as empresas transoceanicas de ambas as corôas, a sede da suprema autoridade colonial e maritima, sob cuja vigilancia directa se verificaram os exames dos pilotos, e que, segundo o tempo e as necessidades, ordenava e inspecionava a construcção dos padrões reaes "e das cartas ditas "de marear"?

Como, pois, harmonizar esse estranho systema cosmographico e as vagas e parcas noticias geographicas relativas especialmente ao Brasil com a data de 1514, que se pretende fixar á viagem descripta na "Gazeta"?

Bem sei que todos aquelles que assim não pensam me responderão: *ahi está o testemunho decisivo da copia manuscripta da "Gazeta", copia considerada por Hasbier como tirada não de algum exemplar impresso, mas sim do proprio manuscripto original* (59).

Mas esta razão de forma alguma é peremptória.

O piloto da expedição a que se refere a "Gazeta" ainda pensava em 1514 que o continente sul-americano fosse alguma península da Ásia, ao passo que seis annos antes na Hespanha ninguém mais acreditava na ligação da America áquelle continente. Alguns annos atrás tinham surgido alli suspeitas e muito fundadas de que para chegar a Catayo Oriental era imprescindível achar algum estreito. E em 1512 quando as rivalidades entre ambas as corôas alcançaram proporções máximas, impunha-se o problema da demarcação das respectivas espheras de interesse.

Nesse mesmo anno o embaixador portuguez na Hespanha *Juan Mendez de Vasconcellos* (60) dirigiu uma carta ao rei de Portugal a respeito do piloto Juan Diaz de Solis, entre outras cousas dizendo que "a pratica foi muito larga; e o que d'ele nela pude tirar he, que a elle (Solis) parece que Malaca caee na demarcação do de Castela... e diseme, que lhe sobreverão da Malacca hua carta de tres folhas de papel, das demarcações é grados e linhas, por os cuas ele cuida que Malaca he do de qua..."

Não é mister lembrar aqui que a separação dos dous continentes era admitida desde muitos annos, antes de 1514, especialmente pelos pilotos e cartographos portuguezes, como o provam de um modo incontestavel os planisphérios de *Cantino* e *Canerio*.

Haebler (61) julga pela letra do manuscripto que a copia foi feita em 1530 mais ou menos. Na sua opinião esperariam os Fugger encontrar nessa copia informações sobre um caminho por oeste mais commodo do que era o estreito de Magalhães para as suas colonias na Ásia.

Innegavel é que ainda depois do triste fracasso da expedição de Solis em 1515, houve em Hespanha quem fomentasse o projecto de procurar o pretenso estreito ou canal para o "Mar do Sul" nas alturas do actual rio da Prata ou mesmo por este. Intulto analogo parece ter sido tambem o da expedição de *Diogo Garcia* em 1526.

Mas esse problema entrara em uma phase de todo nova, principalmente depois da volta de Cabot do rio da Prata para a Hespanha em 1530.

Desde esse tempo ninguém mais pensava em descobrir o sonhado estreito; já não era mais o caminho para as Especiarias a idéa que preocupava o espirito sobreexcitado pelas noticias acerca das minas de ouro e prata do "Rei Branco" nas serrantas, noticias que aquem e alem das cordilheiras e quasi simultaneamente, qual musica celestial, soavam aos ouvidos dos descobridores.

Se *Francisco Pizarro* em 1529 deu novas a respeito do episodio de Tumbez, em Madrid, e *Sebastião Cabot* em 1530, das minas riquissimas em ouro e prata pertencentes a um "Rei Branco", em Sevilha,—pois estavam em plena alvorada da descoberta do Perú,—que utilidade pratica podia ter tido ainda uma copia manuscripta da "Gazeta" allemã, quaesquer que fossem as fontes donde a houvessem tirado, para os projectos ultramarinos dos Fugger, quando já era patente e notoria a chimera desse estreito, procurado com tanta ansiedade nos annos anteriores pelo rio de Solis! (62)

Não pode haver duvida de que a "Gazeta" se refere a uma viagem de portuguezes, na qual descobriram o estuario do rio hoje chamado da Prata.

Os detalhes topographicos, taes como a situação daquelle cabo e golfo, até a tormenta (63), provavelmente acompanhada de um impetuoso vento sudeste (Pampello) que alli surprehendera a armada, a lingua dos indios, *diferente* (64) daquelle dos comedores de carne humana do Brasil inferior (equatorial), suas vestimentas de pelles (65), as novas acerca das civilisações andinas, onde abundaria o ouro e prata para carregarem com elle até mãos inteiras, "aunque fuesen mayores", e o achado

de bronze (66) e de machados de prata semelhantes aos do pedra usados pelos índios, todas estas notícias são plenamente confirmadas por todos os descobridores, que em annos posteriores visitaram as mesmas regiões (67).

«E essa passagem "...descreveram a terra mais seiscentas ou seicentas milhas do que antes se sabia", evidencia que se trata de uma expedição exploradora, organizada com consentimento do rei de Portugal nos primeiros annos subseqüentes ao descobrimento da terra de Santa Cruz.

Entre as referencias conhecidas, directas e incontrovertidas á tal viagem, está em primeiro lugar a precitada carta do embaixador portuguez Alvaro Mendez de Vasconcellos (68) sobre a armada de Dom Nuno Manoel (69), "que foy descobrir ao dito rio", personagem identificado por C. de Abreu e com razões bem fundadas com o D. Nuno da "Gazeta".

D. Nuno e Christovão de Haro, conhecidissimo pela sua ingerencia nas expedições de Magalhães e Diego Garcia (70), foram os armadores das náos.

Os nomes do famoso piloto "amigo" e do capitão-general (71), que ia no navio que ficou atraz, soube calar o missivista anonymo.

Numa memoria anonyma (72) sobre limites entre a Hespanha e Portugal, lemos:

"*Americo Vesputio*, en el año de 1501, entró en el Rio de la Plata, hasta allí ignorado de las naciones de Europa, y halló en este río islas riquísimas con innumerables minas de piedras preciosas y de plata."

"Y siendo el año de 1515, yendo Juan Diaz de Solís á descubrir el nuevo camino para las Malucas, llegó á la Isla de San Gabriel, donde dicen que desembarcó, é hizo todos los actos de posesión en nombre de la Corona de Castilla, lo cual no tuvo efecto por la prudencia y real generosidad con que los Reyes Católicos mandaron reparar esta acción; porque reconociendo que este río pertenecía á la Corona de Portugal por haberle descubierto y tomado posesión de él Americo Vesputio en nombre del Serenissimo Rey Don Manuel, quinze años primero que Juan Diaz de Solís, mandaron á Sebastián Gaboto, piloto mayor de aquella Corona, quando en el año de 1525 pasó á el Río de la Plata, que se diese por regimiento expreso, que habla de hacer su viaje por los límites y demarcación de su Corona sin tocar en los que perteneciesen á Portugal" (73).

Esta mesma opinião, expressa em um documento official de origem hespanhola, repete mais tarde, entre outros, tambem o historiador *Francisco López de Gómara* (74), dizendo: "*Americo Vesputio*, florentino, que también él se haze descubridor de Indias por Castilla, dice cómo fué al mesmo cabo (75), el año de (1501), con tres carabelas que dió el Rey Manuel de Portugal, para buscar estrecho en aquella costa por do ir á las Molucas, y que navegó desta hasta se poner en *quarenta grados* (76) allende de la Equinocial".

E' concebível, pois, que um piloto ao serviço do rei de Portugal em 1415 pudesse deixar de saber aquillo que uns deccennios mais tarde affirmavam unanimemente documentos officiaes e historiadores do paiz rival.

Claro está que os hespanhóes não terião accedido espontaneamente em confessar a prioridade dos Portuguezes no descobrimento do rio da Prata, se tal não fosse naquella tempo um evento historico universalmente conhecido.

Foi na primeira viagem de Vespucci ao Brasil que se descobriu o cabo de Santa Maria, que com este nome já apparece no mappa de Cantino, mappa que, como tenho demonstrado noutro lugar (77), depois da volta do florentino a Lisboa, foi modificada, sendo-lhe acrescentados por mãos differentes da do autor do mappa primitivo, na costa visitada, de norte a sul, por aquelle navegante, os nomes (78) de

S. Miguel, Rio de San Francisco, Abata de todos Sanctos, lito d(e) Brasil e Cabo de Sancta Maria (79).

Este cabo, que até hoje traz o nome que lhe foi dado em 1501-1502, e cuja posição Juan Diaz de Solis comparava á do Cabo de Boa Esperanga, como fez o missionista anonymo, linha sido descoberto por Vespucci e companheiros e tambem pelos expedicionarios a que se refere a "Gazeta".

E todos os pormenores (80) de ambas as viagens são tão identicos que uns parecem copias dos outros.

O lugar (ilha da Madeira), onde se escreveu a carta, e o anno em que se suppõe tenha sido realzada a viagem, são notas aggregadas por mãos differentes da do verdadeiro autor da "Gazeta", 16 annos depois da pretensa data de 1514, á uma copia manuscripta e, portanto, não se lhes deve attribuir maior importancia da que realmente merecem.

NOTAS

(1) Bibliotheca Brasiliense, Catalogo dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscritos pertencentes a J. (José) C. (Carlos) Rodrigues. Parte I.—Descobrimiento da America: Brasil Colonial. 1492-1822, Rio de Janeiro, Typographia do "Jornal do Commercio" de Rodrigues & C.^a, 1907, num. 740, pp. 179-186; cf. p. 180.

(2) Ver: "Magalhães-Strasse und Austral-Continent auf den Globen des Johannes Schöner". Beiträge zur Geschichte der Erdkunde im XVI. Jahrhundert von Dr. Franz Wieser, etc. Mit fünf Karten. Innsbruck, 1881, p. 86.

(3) Hoje faz parte da "Public Library of the City of New York" (Astor Foundation).

(4) *Ibidem*.

(5) Ignora o destino do exemplar que pertenceu ao bibliophilo francez.

(6) Henry Harrisse. (Bibliotheca Americana Velustissima) "A description of works relating to America published between the years 1492 and 1851". New-York, Geo. P. Philes, Publisher MDCCCLXVI, num. 99.

E' identico ao exemplar da collecção Rodrigues; cf. Wieser, ob. cit., l. c., titulo 3.^o.

O titulo C, de Wieser, corresponde ao exemplar conservado na Bibliotheca da Universidade de Leipzig.

(7) Harrisse, ob. cit., num. 100.—Wieser, l. c., A.

(8) Wieser, l. c., P.

(9) "Die Neuwe Zeitung aus Preussig-Landt" im Fürstlich Fugger'schen Archiv." Von Dr. Konrad Haebler. (Sonderabdruck aus der Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin. Bd. XXX. 1895).

(10) Ob. cit., p. 1.

(11) *Ibid.*, p. 4.

(12) Rodrigues, ob. cit., p. 183.

(13) Haebler, ob. cit. p. 12.

(14) "Kritische Untersuchungen", etc. Bd. III, pp. 177-192.

(15) "IV u. V. Jahresbericht des Vereins für Erdkunde in Dresden". 1868, pp. 13-27.

(16) Ob. cit., pp. 99-107.

(17) "Historia Topographica e Bellica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata". Editada pela primeira vez pelo Lyceu Litterario Portuguez, do Rio de Janeiro, e copiada do original de Simão Pereira de Sá. Rio de Janeiro, 1900, pp. XL-XLII; com a reprodução do globo de Schöner, de 1515.

(18) "Examen Critique", etc. Tome V, pp. 240-245.

(19) "Archives de Voyages". Tome II, Paris, 1840, pp. 306-309.

(20) "O Brasil no século XVI". — L. A. armada de D. Nuno Manoel. — Rio de Janeiro, Typographia da Gazeta de Notícias, 1880, pp. 70-76.

Artigos que primitivamente sahiram no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro.

(21) "Historia Topographica et Bellica", etc., pp. XXXVII-XXXIX, com a interpolação da data "... (aut. 12. October) 1514...", segundo *Haebler*, ob. cit., p. 6.

(22) Tomo I, S. I. (Madrid) ML(1)CCCLIV. — 2.^a edição pelo Visconde de Porto Seguro Tomo I, S. I. (Vienna) 1877, pp. 87-89. — 3.^a edição revista por C. de Abreu. Tomo I (unico). Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brasil, 1906, pp. 137-138.

(23) Vienne, Janvier, 1870. (Imprimerie et édition de Charles Gerold fils à Vienne), pp. 49-50.

(24) Ob. cit., pp. 239-246.

(25) *Impressum Noribergae i excusantia officij | Ioannis Stuchssen, Anno domini. 1515.* (*Rodrigues*, ob. cit., num. 2213).

Haebler, ob. cit. p. 2, dizendo: "...er wies zuerst ihre Benutzung durch Joh. Schöner nach", attribue a propriedade a *Ruge*, cf. *Wieser*, p. 89 e p. 29, nota 2.

Contudo, foi *Vernhagen* o primeiro a chamar a attenção sobre a relação da obra de Schöner com a "Gazeta". Vejase "Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil", no "Bull. de la Société de Géographie". Quatrième Série. Tome XV. Paris, Avril 1858, p. 233 (e nota 2) "nous en avons une nouvelle preuve dans la description de la terre de Schöner (2), publiée en 1515, qui donne déjà en latin des indications évidemment extraites de cette brochure".

(26) "Die Entdeckung Amerikas in ihrer Bedeutung für die Geschichte des Weltbildes". Von *Konrad Kretschmer*. Berlin, 1892, pp. 311-312 e 320.

(27) Ob. cit., p. 7.

(28) "Colección de Documentos Inéditos del Archivo de Indias". Tomo XXII. Madrid, 1874, pp. 5-13; especialmente pp. 5 e 9; e cf. p. 7, onde se lê "si despues de pasada la dicha linea..." (da demarcação entre os domínios ultramarinos de Portugal e Hespanha). Está ahí a prova de que o rumo da expedição era Oeste, mas não Sul, como equivocadamente escreve *Herrera*, de quem provem esse erro. Ver: "Historia General de las Indias Occidentales", etc. Amberes, Verdussen, M. D. CC. XXVIII (ou a 1.^a edição de Madrid, 1601-6), Dec. I, Libro VI, Cap. XVII, p. 142, e cf. Dec. I, Libro VII, Cap. IX, p. 158/1.

Para os pormenores vejase-se "Juan Diaz de Solis", "Estudio Histórico, por José Toribio Medina, Santiago de Chile, MDCCCXCVII, pp. CX-CLXXII; "Capitulación", pp. 26-34. — "Pinzon-Solis, 1508". *For. Pub. J. J. Kientz*, New-York; em "Zeitschrift der Gesellsch. für Erdkunde zu Berlin". Bd. XXXIII, Berlin, 1898, pp. 254-282, com uma mappa indicando o itinerário de Pinzon-Solis — "Capitulación" original, com as assignaturas autogr. de Pinzon-Solis no Arch. Gral. de Indias, Sevilla: 1482-2. Tomo I, ff. XXIII v. — XXVI; e outra: 1501-1. F. I, ff. I — III v. Copias paleographicas de ambos os "asientos", extrahidas na Hespanha por K. R. Schüller, existem na secção

B. 34 — 62

de Mss. da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro: - - - - - Ns. 22-82.

1913

(29) Cod. Add. Egerton 2,863. — A reprodução em fac-símile feita pela "Hispanic Society of America" encontra-se na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, secção de cartas geographicas.

O catalogo do Museu Britânico indica "Portolano 1508", data inexacta; pois os expedicionarios não voltaram á Hespanha até o mez de Outubro de 1509; cf. *Medina*, ob. cit., p. CLXXII; e p. 50 "é en lo de los guanines que trajeron del viaje Vicente Yañez Pinzon é Juan Diaz de Solis..." (é o rumo XVI, mas não XIV como escreve *Medina*, p. CLXXII. Igualmente falsa é a data de "8 de Abril de 1508" da cedula XVII, p. 52).

Daupé pretende provar, embora sem adduzir argumentos convincentes, que essas cartas são de 1513; cf. "The Discovery of the North coast of South America according to an anonymous map in the British Museum"; em "The Geographical Journal", Vol. XXXVI. N. r. London, July, 1910, pp. 63-80 (con. cartas). — Vejase tambem *Oreille A. Berby* "The Egerton Map of early discoveries" em "The Geographical Journal" London, Nov. 1911, autoridade que as considera baseadas em parte sobre o mappa de *Andrés de Morales*.

(30) "Considérations géographiques sur l'histoire du Brésil", etc. Paris, Martinet, 1857, pp. 78-83.

(31) "Examen", etc., l. c., p. 235 e nota (2). — "Nouvelles Recherches", pp. 49-50. — *Rodrigues*, ob. cit., p. 186.

(32) Ob. cit., Ns. 99 e 100. — Os argumentos adduzidos por elle foram destruidos pelos de *Wieser*, ob. cit., p. 88 e nota 2.

(33) Ob. cit., p. 26. — Cf. "Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen". Berlin, 1887, pp. 459-460. (Coleção de *Ocken*).

(34) Vienne, 1877, Tomo I, p. 87.

(35) *Rodrigues*, ob. cit., p. 182.

(36) "Nouvelles Recherches", pp. 9-10.

(37) Alvaro mendez de usconcelos, *ibid.*

(38) *Rodrigues*, *ob. cit.*, l. c.

(39) *Ob. cit.*, pp. 94-95.

(40) *Ibid.*, pp. 91-92.

(41) O mesmo tepele, entre outros, tarchem o erudito Dr. (Joaquim) Vieira Fazenda, em "Cinelios" publ. no "Seculo XX", N. 2. Anna L. Rio de Janeiro, Novembro de 1905, pp. 24-32.

(42) Como um caso de erro de algarismos e de precedencia convem lembrar aqui a "Capitulacion" de Vicente Yañez Pinzon de 3 de Setembro de 1501, publicada tambem com a data de 1531 (!) na "Colección de Docs. Inéditos del Archivo de Indias", Tomo XXVI, Madrid, 1874; cf. Tomo XXX, Madrid, 1878.

Naquella occasião o paleographo confundira evidentemente o *tres* com o *seis*.

(43) Como, por exemplo, *Wieser*, *ob. cit.*, p. 95, pela unica razão de dizer: "Item Sabei que a 12 do mez de Outubro chegou aqui da terra do Brasil um navio..."; porém as palavras "por falta de virtualhas", que immediatamente se seguem, não têm applicação a Lisboa, posto a que devia pertencer o navio.

(44) *Ob. cit.*, f. 61.

(45) Veja-se o mappa de Egerton, 1510, "enlpho grande" chama ali o cartographo italiano á bocca oeste do Amazonas.

(46) *Pigafetta* em *Ramusio*, 1563, I, f. 353 r. "...passata la linea dell'equinoctiale si perde la triauntona..."

(47) Veja-se as cartas em italiano de Vespucci, *Varnhagen*, *ob. cit.*, Lima, 1865.

(48) De accordo com *Wieser*, *ob. cit.* p. 91. — Regelin, porém, o "*terminus a quo*" proposto pelo mesmo investigador, *ibid.*, e p. 92.

(49) 150 2/8 9 edições latinas.

1503-1505, 3 edições latinas.

1503, uma hollandeza.

1504, uma latina.

1504, 3 edições allemãs.

1505, uma latina.

1506, uma allemã.

1507, 5 edições latinas.

1507-08, 3 edições italianas.

1508, 2 edições allemãs.

1508, uma latina.

1509, 2 edições allemãs.

1509, uma latina, etc. etc.

(50) As paginas referem-se á edição feita por *Varnhagen*, Lima, 1865.

(51) Esta é uma forma veneziana ou toscana, sem duvida alguma copiada directamente de um impresso.

(52) Seria á boladora (=Las Tres Marias) dos Charrús ou dos indios Pampa-Het, grupo *Tshon* de Lehmann Nitsche, a que allude Vespucci?

(53) "Maps illustrating early discovery", etc. New Brunswick, 1906, folha de rosto, num. 2.

(54) Derivado d'elle é o mappa de *Hamy*, denominado tambem de "King". Reproduzido por *Gabriel Mercet*, "Reproductions de Cartes & de globes relatifs à la découverte de l'Amérique du XVI^e au XVIII^e siècle". Avec texte explicatif. Paris, Leroux, M. D. CCC. LXXXVIII, Num. 11.

Kretschmer, *ob. cit.* p. 111, nota 3, está enganado, quando opina que o mappa seguramente devia ter sido construido antes de 1504.

Sua argumentação nenhuma valor tem para a fixação da data daquelle planispherio, pois a ilha hoje chamada *Fernando de Noronha*, se encontra já, embora sob outro nome, na parte primitiva do planispherio de *Cantino*, prova de que deve ter sido descoberta pouco depois do descobrimento do Monte Pasqual. Era denominada então de *São João*, nome com que figura no documento publ. por *Varnhagen* como appenso ao "Diário de Pero Lopes de Sousa" (De 1530 a 1532), na "Revista Trina, Inst. Hist. Geogr. e Ethnogr. do Brasil", Tomo XXIV, Rio de Janeiro, 1861, pp. 80-82.

A carta d'El-Rei D. Manoel de 24 de Janeiro de 1504, em que faz doação da ilha, diz: "...e querendo-lhe fazer graça e mercê temos por bem e lhe fazemos doação e mercê... da nossa ilha de *são joão* que elle hora novamente achou e descobrio 50 legoas alla mór da nossa terra de santa cruz...". Foi confirmada pelo rei D. João III aos 3 de Março de 1522, cf. pp. 79 e 82.

Na inscripção de "insula de S. Ioanne baptista" no mappa de *Egerton*, que nessa secção, em parte está baseada na carta de João de la Cosa, sem duvida se confundem as descobertas do Brasil e da ilha de São João.

As palavras (y) "Sic insula" correspondem nessa mesma carta á verdadeira ilha de S. João, hoje Fernando de Noronha.

(55) Rio da *castia*, Cantino B, 1501-1502.

rio da *caira*, Cancrino, 1504-1505. (*)

rio da *cara*, Kunstmann II, 1504-1505.

rio da *cusa*, Waldsee-müller, 1507.

rio da *castia*, Maggiolo, 1519.

rio da *cugna jistola*, Turin, Anonymo, ca. 1524.

R.(io) das *canerfistolas*, Viegas, Riccardiana e Reincl (Paris), cartas todas posteriores a 1534.

Dentro fluiu a carta de Reincl o anno de 1517!!! cf. "Les Origines de la Cartographie Portugaise", etc., Gond, 1908.

(56) O texto allemão de certo allude ás duas viagens de Vespucci, feitas ao serviço do rei da Hespanha.

(57) Claro está que não foi a *Georgia Austral*, como pensava o Sr. Barão de Porto Seguro, nas "Principaes explorações da costa brasileira de 1501 a 1506"; na "Rev. Trim. Inst. Hist. Geogr. e Ethnogr. do Brasil", Tomo XXXVI, Parte Segunda. Rio de Janeiro, 1873, p. 57.

(58) Veja-se meu artigo: "O mappa portuguez mais antigo do Brasil"; em "O Imparcial". Rio de Janeiro, 27 de maio de 1914, p. 7.

(59) Embora sem apresentar provas que autorizem tal asserção.

(60) Medina, ob. cit., p. 85 *passim*.

(61) Ob. cit., p. 16.

(62) F. v. Wiesner, "Italario de Santa Cruz", etc. Innsbruck, 1908, p. XVI. Merece ser mencionado que o grande rio (na carta de S. Cruz) é pela primeira vez chamado "rio da Prata"! Inexacto; cf. as cartas de Battista Agnese, de 1535-40.

Stevenson "Portolan Charts", (Publications of the Hispanic Society of America, N. 82), New York, 1911, n. 11, pp. 45-49, descreve um atlas ms. de Battista Agnese, que se conserva na livreria daquelle sociedade, e chega a concluir: "Its date cannot be far from 1545".

Orn, esse atlas é identico ao Cod. Add. 19, 927 existente na bibliotheca do Museu Britannico e que traz o seguinte: Baptista Agnensis. Ianuensis fecit Venetia. 1536. Die 13 de Octobr.

(63) Haebler, ob. cit., p. 5, "Hier hat die Handschrift das viel verständlichere *tormenta*..." não tem sentido.

Uma *tormenta* (=Ungewitter) os obrigou a voltar pela *tramontana* (=Norte) ao outro lado ou costa...

(64) Lopes de Sousa, l. c., p. 55. — Diego Garcia, Luis Ramirez, etc.

(65) Idem, *ibidem*. — cf. também Figarella, l. c., f. 353 v.; mas concernente aos indios da costa patagônica. — H. Hertsche "John & Sebastian Cabot", London: 1896, "Syllabus", depoimentos de Casimiro Nueremberguer e Alonso de Santa Cruz.

(66) Luis Ramirez (Carta de ...), na "Rev. Trim. Inst. Hist. e Geogr. do Brasil", Tomo XV (2.ª da II.ª serie), 2.ª edição. Rio de Janeiro, 1888, p. 20 "...o outro genero de metal que aquelle (ouro e prata), no alcançaba que metal era, mas de quanto elle no era cobre..."; cf. pp. 26-27, onde os indios *Querandí* dão noticia do Oceano Pacifico.

Haebler, p. 11, pensa que os *Tupiguaraní* se estendem até á Bahia de S. Mathias!

(67) Wiesner, ob. cit., p. 45, porém pensa que o pretenso estreito a que allude a "Gazeta", deve ser procurado na Bahia de S. Mathias, opinião pouco aceitavel como demonstrou Haebler.

(68) Farnhagen "Nouvelles Recherches", pp. 9-10.

(69) Quanto á vinda de Nuno Manoel ao Brasil, estou com os Srs. Candido Mendes de Almeida e Zeferino Candido, que a negam.

(70) "Colección de Docs. Inéditos del Archivo de Indias", Tomo XXI. Madrid, 1874.

(71) ...o outro navio que ainda ficou atraz... Nelle está também o capitão dos dous navios...

(72) Archivo de Simancas: Estado, legajo 7408. Esses papeis estão agora depositados no Archivo Geral de Indias, Sevilla.

(73) Cf. também Herrera, ob. cit., Dec. III, livro IX, cap. III.

(74) "Hispania Victrix". Primera y segunda parte de la Historia General de las Indias, etc. Zaragoza, 1552 (e 1553).

(75) Mas não foi na altura do Cabo de S. Agostinho onde Vespucci pensava achar o desejado estreito para Malacca.

(76) "Colección de Docs. Inéditos del Archivo de Indias", Tomo XXI. Madrid, 1874.

(77) "O Imparcial", loc. cit.

(78) O nome de "Cabo de Sanct Agostinho", o de "Rio da Castia" e alguns outros são illigiveis.

(79) Kretschmer, ob. cit., p. 320, duvida que um tal Nuno Manoel tivesse chegado ao rio da

(*) Stevenson escreve: "origin and meaning unknown"; cf. "Marine World Chart of Nicolo de Cancrino Ianuensis 1502 circa" (sic), etc., New York, 1908, p. 54.

Ahi se traduz "Rio de pereira" (Pereira) por "pear river" !:

Prata já antes de 1514, e pensa que o nome do Cabo dito de "Santa Maria", proveio da expedição de Solis em 1515-1516; e á p. 311, afirma que a expedição de Vespucci em 1501 avançou só até á Cananda !

Hasbier, p. 7, declara: "De certo nenhum europeu tinha chegado ao rio da Prata antes de 1514 !

(80) Quanto ás pegadas de S. Thomé, veja-se o mappa de Canerio, que traz "Alapega de Sam Paulo". O mappazinho que serviu de prototypo ao Stobnicza e que, segundo *Fischer-Wiesser*, é anterior a 1506, traz o termo "Allapego", que Waldseemüller converteu mais tarde em "pagus" (aldeia) de S. Paulo.

Ver também "Carta do Padre Nobrega para o Padre Mestre Simão" (1549); na "Rev. Trim. Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro", V. 3.^a edição. Rio de Janeiro, 1886, pp. 461-462. — "Informação das terras do Brasil, mandada pelo padre Nobrega". *Ibid.* Tomo VI. 2.^a edição. Rio de Janeiro, 1866, p. 94. — "Carta de Vicente Rodrigues, que está no Brasil na cidade de S. Salvador aos 17 de Setembro de 1553"; nas "Cartas Jesuíticas", edit. por *C. de Abreu*. Rio de Janeiro, 1887, Num. XV, p. 60. — "Enformação do Brazil e das suas capitães, 1584"; na "Rev. Trim. Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro", VI. 2.^a edição. Rio de Janeiro, 1866-1866, p. 441. — "Breve Notícia que dá o capitão Antonio Pires de Campos do gentio barbaro que ha na Jettola da viagem das minas do Cuyabá" (1723); na "Rev. Trim. Inst. Hist. Geogr. e Ethnogr. do Brasil", XXV. Rio de Janeiro, 1862, p. 441. — "Brasil e Occania". A. Gonçalves Dias; na "Rev. Inst. Hist., Geogr. e Ethnogr. do Brasil", XXX, Parte 2.^a, Rio de Janeiro, 1867, p. 117.

POESIAS

DE

Elvaristo Ferreira da Veiga

POESIAS

DE

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA

SONETO

Em quanto Phebo cresta os habitantes
Da Lybia ardente, e terra Tingitana;
Tu, ó Príncipe, a bem da especie humana
Matas a sede aos povos teus amantes.

Oh dia o mais feliz, qual fôra d'antes
Na Soberba Republica Romana
O em que Scipião venceo a gente insana,
Que occupava o terreno dos Turbantes.

As acções valerosas, e brilhantes
De Scipião, Pompeo, do grande Scilla,
S'as entradas em Roma triumphantes,

E os grandes triunfos de Totila;
Sim grandes glorias são, porem d'instantes;
Q'este dia essas glorias anniquila.

DECIMAS

*Em cima dos Pergaminhos
Escreve os versos que faz.*

Saldanha, que presumido
He de Nobre, e por bração
Tem dois ursos, e hu' Leão;
Em nenhuma conta he tido;
Porque não se acha sortido
De bens; que os Fados mesquinhos
Quiserão, que leves Pinhos
Só soubesse manejar
Delinindo o navegar
Em cima dos Pergaminhos.

Perseguiu-o a Sorte dura,
Perdeo a sua Nobreza;
Que quem tem a sorte avessa
Jamais pôde ter ventura;
Tem já palida a figura,
Rotos os vestidos traz,
E como a Sorte tenaz
Teimou em nunca o deixar,
Querendo desabafar
Escreve os versos que faz.

1811.

A hu' Piloto pobre, presumido de Nobre, e de Poeta.

Resto de 1 SONETO feito no tempo em que
Massena estava nas Linhas.

Deos nunca abandonou a quem conserva
Os seus direitos, e seus patrios lares;
Immensa gloria a Portugal reserva,

E inda dominará terras, e mares
Quem seguindo o estandarte de Minerva
De Marte o grão valor exalça aos ares.

Resto de hu'a ODE feita pelo mesmo tempo ao
General Silveira.

Nobres guerreiros desprezando a vida,
Querendo outra alcançar na illustre fama,
De Mavorte seguindo os estandartes
Se fizeram famosos:
Indo seus feitos para gloria sua
Pelas bocas da fama transmitidos.

SONETO ás perdas dos Francezes em Portugal, feito nos principios do anno de 1812.

Humilhando a cerviz ao jugo infame
O ativo Prusso está forte, e guerreiro,
O Belgico feroz jaz prisioneiro,
E o Germano valente, preso, brame;

Porem de taes victorias não se acclame
Esse usurpador foro, esse estrangeiro,
Que privando do Throno o digno herdairo
Por ter do mundo o alto regime frame;

Que se o Prusso vencco, Belga, e Germano,
Se a Europa soffre da mão sua o pezo,
E na França he temido por Tirano:

Portugal vencedor conserva illeso
Sen inclito valor, e hum Soberano,
Que ás suas tiranias he defeso.

DECIMA

Erguendo tremulo a mão
Philo o fatal golpe espera,
E os oito vintens pondera,
Se deve arriscar, ou não:
Eis repentina moção
Decide da sua sorte;
Recebe nos bens tal corte
Que chora essa perda immensa,
E se nella triste pensa
Entra nas ancias da morte.

A hum Sugeito rico, que deitando n'hu'a rifa os dados perdeo chorada meia pataca.

SONETO

Em quanto o Navegante astuto, e ousado
 Os perigosos mares atravessa,
 E entre as balas, e espadas se arremessa
 O valoroso intrepido Soldado:

Em quanto o jornaleiro desgraçado
 O negro, duro pão comendo á pressa
 Apenas do cruel trabalho cessa
 No escasso tempo, que ao descanso é dado.

Em quanto o Lavrador á calma exposto
 Corta da terra ingrata o duro seio,
 Alagado em suor, crestado o rosto:

Borges amigo, livre de recelo
 Passa a vida contente, e do desgosto
 Nunca o semblante vejas triste, e feio.

1813.

De Boas Festas ao Borges, Dia de Reis.

OITAVA (Improvisada)

Levando as Naus de rofo ao porto aberto
 Hia o vento cruel, que então soprava
 Sem poderem ferrar em lugar certo,
 Que o mar os ferros todos lhe levava:
 O Gama, que dali ficava perto,
 I'ronto soccorro logo lhes mandava,
 Que a tempo não chegou por triste sorte,
 Sem escapar ninguém á dura morte.

1812

SONETO

Em sonhos fui ao Tartaro profundo,
 Gentes lá vi de muitas qualidades,
 Excellencias, Altezas, Magestades,
 Que já representarão neste Mundo:

Sentado estava Miuos iracundo,
 Cercado em roda de infernaes Deidades:
 Treme, vendo do Inferno as potestades,
 Seu gesto altivo, feio, e furibundo.

Eis me diz Miuos: junto a mim te assenta,
 Julga comigo dos Humanos feitos,
 Livre de inveja, e de ambição sedenta;

Torno-lhe eu: deixa-me antes mil defeitos,
 Persiga-me a tristeza macilenta;
 Mas nada entenda em ambos os direitos.

Feito nos principios de 1813.

SONETO

Calliope, que os vates preza, e ama,
 Desce d'habitação do Sacro monte
 Para vir coroar-te a heroica fronte
 De verde loiro, e de frondente rama.

O Deos, que edificou, segundo he fama,
 Os muros do perjuro Laomedonte,
 Te offerta almo licor da sacra fonte
 Beocia, que a Poesia tanto acclama.

As Musas nove em placidas Choréas
 Louvores mil te cantão (de que hes dino)
 Do Helicon sobre as nitidas aréas,

E esse, que tudo rege, o Grão Destino
 Eterno assento entre as formosas Deas,
 Do Pindo te dará, Gastão Divino.

A D. Gastão, feito em Julho de 1813.

FRAGMENTO DE HUA EPISTOLA

Inda que os resplendores, que fulgurão
 Na fronte altiva, de laureis ornada:
 De l'hebo Sacrosanto, em mim não brilhem,
 E os dons, que repartio com mão tão larga
 Por entre os genios, de que Lísia ufana
 Se glória de ser a Patria illustre,
 Comigo escassamente repartisse:
 Com vóo incerto, e sem medir o espaço
 Teus louvores empr'endo, são sinceros,
 São fiel expressão do que a alma sente:
 A só desculpa a tanto atrevimento.
 Musa té gora sempre acostumada
 A canto baixo, e humilde, ergue o teu vóo
 Sobre as nuvens ao cume do alto Pindo,
 Das eternas Irmaãs morada eterna:
 Dahi a minha mente inspira hum canto,
 Se não digno do objecto, que me anima,
 Ao menos, que m'iguala os sentimentos.
 Digno alumno de Marte, honra das Musas,
 Consocto illustre do famoso Elmano,
 Tu que lhe herdaste a resoante lira,
 Com que do Tejo as ondas suspendia,
 Hoje desculpa a audacia de quem inda
 Mal seguro caminha o Campo ameno
 Rogado pelas filhas da Memoria.

A D. Gastão (Dezembro de 1813).

EPISTOLA

Do fero Marte a turbulenta filha,
 Que do funebre Averno ao mundo veio;
 Qual do N'ro a corrente impetuosa
 Não soffre os diques, que lh'impoz Natura,
 E alaga os campos do famoso Egipto,
 O monstro assim dos filhos seus cercado
 Destroe de Gallia os florescentes campos.
 As Sciencias aqui, e ali vagando:
 A doce, amena, candida Poesia

De Lila o seio busca por asilo:
 Lá sob as Leis d'hum Príncipe adorado,
 Sob as asas da paz prospera, e reina,
 Quando entranhavel pena vem ferilla
 No terno coração; d'Elmano a morte,
 A morte de seu filho ella prantea;
 Qual ave, a quem o caçador d'uminho
 Roubou tenros filhinhos inda impiumes
 Vaga chamando pela mata espessa
 Os caros filhos maviosa, e terna,
 Tal se mostra a Matrona inconsolavel,
 Corre aos bosques em vão, chamando Elmano,
 E Elmano em toda a parte echo responde,
 Quando Phebo, seu Pai se lh'apresenta,
 O gesto magestoso, o olhar sereno:
 Lusentes raios sua fronte Augusta
 Adornão; e de nectar hum suave,
 Doce cheiro no bosque se esparzia:
 Minha filha, elle diz á afflicta Danza,
 Que sobre a dura terra ajoelhara,
 Se Elmano te morreo, se hu' filho choras,
 Outro filho te dou, ah mais não chores,
 Este, Gastão será, que he digno herdeiro
 Do Grande Elmano, do Cantor do Tejo.
 Qual, quando a Noite o manto tem corrido,
 Escuros, tristes sonhos revolvendo
 O mortal na turbada fantasia,
 Quando accorda, e que attende, e que respira,
 Ao conhecer o engano, que o turbára
 Pouco a pouco se alegre, e finalmente
 Perde o negro pavor da vã tristeza,
 Tal a Poesia ás vozes tão suaves
 Vai serenando a magoa que a atormenta,
 E afinal já mais lida assim responde:
 "Sim, meu filho será, seja meu filho
 "Gastão, que ha muito que conheço, e prézo,
 "E na morte d'Elmano unico alivio
 "Quem d'elle seio foi, e tão querido:
 Aqui suspende a voz, ao Pai caminha,
 Que terno a abraça, e no seu carro a leva
 Ao cume excelso do sagrado Pindo.

A D. Castão (Dezembro de 1813).

SONETO

Apenas no aureo coche luminoso
Abria as roxas portas do Oriente
A fulva Aurora toda refulgente,
A luz prestando ao mundo tenebroso.

Já no Pindo o Congresso numeroso,
Que bebe na Castalida corrente,
Dar determina á Lusitana gente
Um successor d'Elmano sonoro.

De Smárna o Grão Cantor ali sentado
Primeiro está com gesto soberano,
E por ordem o innumero Senado;

Els vota Homero, e o Cisne Mantuano,
El logo todo o povo congregado;
Seja Gastão o successor d'Elmano.

A D. Gastão, em Janeiro de 1814.

SONETO

Dos argivos Heroes a fama clara
Homero, o grande Homero perpetua;
Mas, nos escriptos seus a gloria sua
Vai maior que a daquelles, que cantara:

O Thebano Cantor tambem preclara
Fama deu, elevando á etherea Lua
Olimpicos Heroes; porém he tua,
Pindaro, a gloria, que lhes desta, rara.

Assim, sabio Gastão, teu nobre canto
Sempre honrado será dos Lusitanos,
Como digno de Phebo sacrosanto,

El dando gloria aos feitos sobrehumanos
Que hão de encher os mortaes d'assombro e espanto,
Serás eterno nos vindouros annos.

A D. Gastão, em Janeiro de 1814.

SONETO

P.—Como vai essa literaria guerra
Entre o Gastão, e o redactor Bahia,
Não oigo em outra coisa noite, e dia
Falar aos entendidos desta terra:

Ilora alçado Pedante o dente aferra
No preclaro Canto da bella Armia,
Outro diz que os preceitos da Poezia
O Dramatico vate às vezes erra.

R.—Patetas*mti, lançando mão da penna
Tem feito hua indigesta trapalhada,
Ao povo dando hu'a risivel scena:

Ao Parnaso chegou a matinada,
E de colera cheio Apollo orilena,
Que não tenhamos jamais no Pindo entrada.

A' guerra de Manoel Ferreira com D. Gastão. Fevereiro de 1814.

SONETO

Apenas vio a luz o celebrado
Jornal, que em sabias criticas se emprega,
E que aos narizes a mostarda chega
Do Dramatico vate sublimado:

De varias condições, de vario estado
Em certa loja povo se congrega,
Onde o que hu' assegura o outro nega
Aos ares levantando hum grande brado.

Mas decidio-se em pleno consistorio,
Que o sabio Elmano, Crego bem sabia,
E que isto ao mundo todo era notorio:

Entre palmas então, e gritaria
Clamou o eruditissimo Auditorio:
Que viva o Grande Elmano da Bahia!

A Manoel Ferreira, Fevereiro de 1814.

SONETO

Caza o Timotheo, e cheio de esperança
Mil prazeres na idéa já figura,
Já na mente prepara-lhe a futura
C'ra immortal, que d'Hymeneo se alcança.

Applauda o mundo a inclita aliança
E só no meio da geral ventura
Da inveja a voz, que males sempre augura,
Vem perturbar tão prospera bonança.

Mas verão em castigo esses malvados
O Timotheo, e seu Bem por largos annos
Nos doces laços de Hymeneo ligados.

Cedendo em fim do voraz tempo aos daninos
Sobre a Campa os mortacs terão curvados
O mais C... aqui jaz d'entre os humanos.

Ao casamento projectado pelo T... Junho de 1816.

SONETO

Danças altas, batuques, luminarias,
Bravos Toiros na Praça, e seus Caplhas
Correndo-se no Curro as argolinhas,
Por destros campeões de vestes varias.

Meza abundante em aves, e alimarias,
Aqui Leilões, além Patos, Galinhas,
E o doce su'mo que se extrahê das vinhas
Do Porto, da Madeira, e das Canarias.

Oh que funcção de arromba! Isto he Noivado,
Bravo! Bravo! Famoso casamento!
Quem he que tanto á grande tem gastado?

Pois não sabcis? Cedendo a Amor violento
Cazon hoje o T... celebrado
Dando aos Tafuis geral contentamento.

Ao mesmo assumpto do antecedente. Junho de 1816.

Suspiros que exhala Orestes
Do Orco na escuridão
São bem iguaes aos suspiros
Que exhala o meu coração.

Tirano amor, até quando,
Zombareis de hu' triste amante,
Que sempre vos foi constante,
Que vive soffrendo, e amando:
Se tendes um peito brando,
Como aquelle que me destes,
Porque té agora quizestes
Dêsse em vão tantos gemidos
Mais pungentes que os sentidos
Suspiros que exhala Orestés:

De que me serve existir
De infortunios opprimido,
De que me serve oh Cupido
Viver para o mal sentir?
Mandai-me (eu quero partir)
Para o Reino, onde Plutão
Nem usa de compaixão,
Nem das desgraças tem pena,
E a sempre soffrer condemna
Do Orco na escuridão.

Mas q' vejo! O firmamento
Em brilhantes chamas arde!
Ceos! Amos! Fazer alarde
Vem toda de meu tormento!
El-lo co'as asas o vento
Corta, formando mil giros:
E diz: "Mortal os meus tiros
Fizerão tua ventura,
Que os prazeres na ternura
São bem iguaes aos suspiros.

As minhas penas dão gosto
E premio sempre hão de ter;
Benigno em breve has de ver
De Helena o divino rosto":
Já de meu peito o desgosto,
E as duras angustias se vão:
Não blasfemes, oh Razão;
Pagará-me Helena bella,
Os suspiros que por ella
Exhala o meu coração.

1816

Coração mais desgraçado,
Do que o meu não pode haver,
Ando amando ás escondidas,
Sempre se vem a saber.

Amor enganoso urdindo
A meu peito incauto e são,
Ferio o meu coração;
Duras setas despedindo:
Gentil, prazenteiro, e lido
Me parece o Deos vendado;
Mas mal a seu carro atado
Quiz Amor que eu estivesse
Decretou, que não houvesse
Coração mais desgraçado.

Entre o pranto a pobre vida
Passei lastimosa, e triste;
Mas tu, oh Fado, tu viste
Minha profunda ferida,
Quizeste que em tanta lida
Helena, eu podesse ver.
Ceos! senti-me reviver,
Exclamando extasiado
Feito mais afortunado
Do q' o meu não pôde haver!

Eulina, a formosa Eulina
 Por quem inda morro agora,
 Corpo gentil onde móra
 Alma de mil thronos dina,
 A amar soffrendo me ensina,
 Manda que esconda as feridas,
 Que co'as flechas homicidas
 Amor cruel fez em mim:
 Obedeço; e alegre assim
 Ando amando ás escondidas.

Mas, he tempo, Eulina bella,
 De gozar doce ventura:
 Prizão de affecto, e ternura
 Nos ligue em propicia estrella:
 Meu peito ansioso anhella
 Sempre a teu lado viver:
 Baldado he já esconder
 Nosso reciproco ardor
 Que enfim, onde existe Amor,
 Sempre se vem a saber.

1816

EPISTOLA

Nossa Thalia se dignou primeiro
 Do humilde verso usar Siracusano,
 E os bosques habitou, e honrou-se nelles.
 Itels, Guerras, eu cantando, eis pela orelha
 Cinthio me pueha, e diz: Tiliro, he justo,
 Que o Pastor apascente os pingues Gados,
 Que humildes versos cante: assim, oh Varro,
 Na agreste frauta entoarei sómente
 Versos humildes: não faltando em tanto
 Musas dos teus louvores desciosas,
 Ou quem relate as desgraçadas guerras,
 O que me foi mandado eu canto, oh Varro;
 Porém se acaso alguém estes meus versos,
 Se alguém ler, de amor cheio, e de saudade,
 Nossos bosques, e nossas tanquargueiras
 Teu nome entoarão: nenhum a Phebo
 Verso he mais grato, que o que traz teu nome.
 Musas continuai. Em gruta escura
 Virão Chromis, e Mnasilus mancebos
 Sileto, que dormindo ali jazia:
 Inchadas como sempre as róxas veas
 Com o vinho da vespera bebido.
 Jazião-lhe entretanto ao longe as c'roas
 Cahidas da cabeça, a grande taga
 D'aza já muito gasta lhe pendia
 Chegando-se (que o Velho muitas vezes
 De versos co' a esperança os enganará)
 Das mesmas c'roas as prições lhe tocam.
 Aos dois, que temem, Egle então se ajunta
 Das Nalades gentis a mais formosa

E ao Velho, que já vê, a testa, as fontes
 Co' as sanguíneas amoras toca, e tinge.
 Elle zombando então do doce engano;
 Para que me prendeis, lhes diz sorrindo.
 Ela, soltai-me, oh moços, foi bastante
 Ser-vos lido o ver-me; ouvi, Manecbos,
 Os versos, que quereis: os versos sejam
 A vossa recompensa; porem esta
 Premiada será de outra maneira.
 Elle começa: então dançando em metro
 Os Faunos com as feras tu verias,
 Movendo o cume os rigidos carvalhos.
 Não tanto do Parnaso a rocha excelsa
 Com Apollo se alegra e Orpheo Divino
 Rhodope tanto, nem o Ismaro admiração.

Outubro de 1816.

FRAGMENTO DE HU'A ODE.

No claro Ceo scintillão as estrellas,
 Quaes lucidos diamantes,
 Em socego repousa a Natureza,
 E Morpheo doce fecha
 Os lassos olhos aos mortaes cansados
 Das fadigas do Dia:
 Só eu, que meditando os leus louvores
 Para achar dignos versos
 Tractos dou á turbada phantasia,
 Nem descanso hum momento:
 Quando trajando roagantea vestes
 Respeitavel Matrona
 A' idéa se apresenta, e assim me falla:
 "Que? profanar tu ousas?"
 "A Hra, que do Vate Venusino
 "O Bom Garção herdara,
 "Garção a entregou ao Vate illustre,
 "Que tu cantar intentas:
 "Honra dos Patrios Cisnes Lusitanos!
 "Que da clara Hypocrene
 "As agoas recebo na mente ousada,
 "O novo Salmonense,
 "Por cuja doce voz Piramo e Thisbe
 "As almas enternecem.

Ao Borges. 16 de Dezembro de 1816.

CONTO EM QUADRAS tirado do Livro de Moral

1.ª

Por dinheiro se mostrava
Hum anno aqui no Arraial
Ao povo; por coisa rara,
Hum curioso animal.

2.ª

Eu, desejoso de ver
Esta singularidade
Pedi a meu Pai dinheiro,
E d'ir velo a liberdade.

3.ª

Eis que sahindo de casa
A' vista se me apresenta
Harpagon vil usurario,
Alma perversa avarenta.

4.ª

E para nós se encaminha
Tristo velho angustiado,
O corpo, que os annos curvão,
Sobre hu' bastão sustentado.

5.ª

E com voz, que a dor lhe coria,
Por isso mesmo eloquente,
Assim a Harpagon exclama
D'hu' ar triste, e reverente:

6.ª

"Ah, Senhor, tendo piedade,
"Do mais desgraçado Humano;
"Annos, doenças, misérias
"Conjurão para meu damno.

7.ª

"Meus annos já não permitem,
"Que ganhe o pobre sustento;
"Acodi, Senhor, benigno
"A tanto desvalimento;

8.ª

"Servirá a vossa esmola
"Para apagar-me esta sede,
"Que me roe: negar não posso
"O que a natureza pede:

9.ª

"Em breve a mão poderosa
"Do Mundo me tirará,
"Espero em Deus, q' hu' tão doce
"Momento acelerará.

10.ª

Desta sorte falla o velho.
O que responde porem
O vil, e infame usurario,
A este pobre homem de bem?

11.ª

Diz-lhe irado: "O que tu queres
"He dinheiro para viuhô?
"Venderias a camisa
"Para ter este gostinho.

12.ª

"Para a cova irás borracho;
"A sorte do hu' Mandrião,
"Que não trabalhou em moço,
"Não merece compaixão.

13.ª

"Quem na sua Mocidade
"Soube o tempo aproveitar,
"Para o tempo da Velhice
"Nada tem que recar:

14.ª

Isto diz, e as costas volta
Ao tristo todo banhado
Nas lagrimas, que derrama,
P' se ver tão afrontado.

15.^a

Levando os olhos ao Ceo,
E diz: "Oh Ente Supremo,
"Taes injurias não mereço,
"Tu o sabes, eu não temo.

16.^a

Então resistir não posso,
E chegando-me lhe entrego
O dinheiro que levava
Para differente emprego.

17.^a

Logo d'elle me retiro,
Já de meus olhos pulando
As lagrimas cento a cento,
Que as faces me vão banhando:

18.^a

Eis que a toda a pressa vinha
Para mim o velho honrado,
E me diz: "Julgo, Senhor,
Que vos tendes enganado.

19.^a

"Não foi engano" eu lhe torno,
"Vossa virtude merece
"Que vos dêsse muito mais,
"Se mais comigo trouxesse:

20.^a

"Dizei-me, Ancião querido,
"Onde he vossa habitação,
"Que amanhã irei levar-vos
"Mais avultada porção.

21.^a

Respondeo-me, e logo a caza
Vottei bem determinado
A ir no segundo dia
Com soccorro ao velho honrado.

22.^a

Com effeito no outro dia
Em hu'a grata esperança
Com o atenuado soccorro
Toda a m.^a alma se lança;

23.^a

Mas apenas chego, vejo
Os meus intentos frustrados,
Pois tinham sido do Velho
Os fracos dias cortados.

24.^a

A serena paz brilhava
Em todas suas feições,
A candura da virtude
Attrahia os corações:

25.^a

Parecia que da morte
Hum raro veio o cobria,
Que aos olhos vis dos humanos
Como q' hu' pouco o escondia.

26.^a

E sobre o devoto Hyro,
Que á cabeceira lh'estava,
De pobre, parco alimento,
De pão hu' resto ficava.

27.^a

Ah que se Harpagon o visse
Neste estado tão sentido
Talvez então se mostrasse
C'os pobres enternecido.

Janeiro de 1817.

SONETO

Se as tuas perfeições Marília attento
 Observo de teu rosto a graça e mimo,
 Em pouco tudo o mais do Mundo estimo,
 Só em ti se demora o pensamento:

Ah Marília! E porque teu genio isento
 Despreza o puro amor de que me animo?
 Quem pôde mais querer-te do que Alcino?
 Quem com mais fé, constancia, e soffrimento?

Ninguém! Ah! deixa então de atormentar-me
 Com teus deadens; deixa de ser ingrata:
 Serei feliz, se queres inda amar-me.

Vê, Tirana; um rigor dos teus me mata,
 E um brando riso teu pôde salvar-me
 Da sorte má que tanto me maltrata.

Maio de 1817.

SONETO

'Eu só pôdes, Amor, feliz tornar-me,
 Tu só pôdes fazer-me desgraçado,
 Assim o quiz, assim mandou meu Fado,
 Nem eu do Fado ás Leis posso esquivar-me.

Embora contra mim calumnias arme
 Cavilloso Impostor, monstro enraivado;
 Mostre-me o Grande embora desagrado
 Não poderá jamais intimidar-me.

Sêde de oiro, ambição, tu não me illudes,
 Em pouco preço os bens, que o Mundo estima
 Tolero da Desgraga os golpes rudes.

Mas ai! Um só desdem me desanima
 Dessa, cuja rigor, graças, virtudes
 Darão eterno assumpto á minha Rithma.

Agosto de 1817.

Tendo-se dado ao Prego fazer o elogio de
D. João 4.º depois de algum tempo pretextou hu'a
impigem brava; e sendo o mesmo encarregado a
L. Alves, este se desculpou com hu'a febre.

SONETO

De um illustre Rei nosso eterna a Historia
Hia tornar louvor, que lhe offertava
Uma penna, que negra mão algava
Para clarificar sua memoria:

Não quiz Deos que na vida transitoria
Houvesse este padrão, que a eternisava,
E terrivel, funesta impigem brava
Do author se apossa, e marcha tanta gloria.

Mas outro andaz á empreza se offerece,
Empunhá a penna, e alta mente acceza
Co'as sublimes ideas s'escandeco:

Eis febre abrazadora embarga a empreza,
O sacro enthusiasmo desfallece,
Vai-se com ella a gloria Portugueza.

31 de Julho de 1817.

A restauração de Pernambuco.
Agosto de 1817.

SONETO

Rotos já os grilhões dos vis tiranos,
Que a falsa liberdade em vão proclamão,
Rotos já os grilhões a seu Rei chamão
Os leaes, os fieis Pernambucanos:

Não; nunca poderão fataes enganos
Vassallos seduzir, que seu Rei amão,
Que nos seus corações fieis acclamão
João Sexto, as delicias dos humanos:

Deixo a Discordia atroz o facho erguido
Serena paz as regiões bafeje,
Ond'Impera João dos Ceos querido;

Tu Deos, cuja alta Mão tanto o protege,
Faze que seja tal, e tão temido,
Que o Mundo todo sua gloria inveje.

Tendo o Luiz Alves, então encommoado, mandado convidar p.^o duas quadras o Machado, a quem nas mesmas chamava — loiro cangado, e o Viúla, a quem appellidava — o Tagarella — se lhe fez o seguinte SONETO e DECIMAS.

SONETO

Que estás feito Poeta o Mundo diz,
E que imitas no estilo a Manoel Braz: (1)
Tenho pena de ti: pobre rapaz!
Para pateta só te falta um tris,

Duas quadras fizeste de aprendiz,
Quadras sem remissão, e em tudo más,
Que só podem servir cá p.^o traz (2)
Na limpeza do fetido Paiz.

Quiz Apollo fazer castigo atroz,
Para que hu grande exemplo ao Mundo des,
Exemplo, que da Fama espalhe a voz;

Mas attendendo a seres boa rez
Manda que os versos queima o justo Algor
E quatro bolos leve a mão, que os fez.

2 de Setembro de 1867.

DECIMAS

1.^a

Eu Bandeira, o Tagarella,
Teu amigo e companheiro,
A teus pés vou todo inteiro,
E a minha ousada loquella:
Servir-me-hei agora della
Para pregar-te hu' sermão:
Converter-te pois irmão,
E deixa de fazer versos;
Porque chamão os perversos
Que as Musas contra ti são.

2.^a

Eu que sou sincero amigo
Tê dou este bom conselho
Vê que um amigo he espelho
Feliz o que o tem consigo;
Mas he peor que inimigo
O que máos conselhos dá,
Esta pois contar-te hirá
O que a respeito de ti
Aos perversos eu ouvi
Que murmuravão por cá.

(1) Testamento de Manoel Braz, obra hu' da paixão do dito Luiz Alves.

(2) Estes 2 ultimos versos do 2.^o quarteto são do Lobo de Guimarães

3.ª

Dizão que o tal inchasso
A proposito viera:
Ora hu': isso he quimera,
Que fingiu o tal madraço:
Eu em termos nada escasso
Sempre cá te defendi,
Valeroso combati
Com brío tão singular,
Que os fiz quasi acreditar
O mesmo q' inda eu não cri.

4.ª

Mas diz outro: que tem isso?
A ser certa a tal doença
Deve ter grande creescença
O escripto, em que foi remisso,
Mas se elle lhe não dá dição,
E se de estudar não trata;
Era coisa mais barata
Dizer logo de hu'a vez
Que p'ra elle se não fez
Estudo, q' tanto o mata.

5.ª

Eis, em teus versos cortando,
Dizem que a liçao já sabem,
Que da medida não cabem
Uns p.' falta, outros sobrando...
Mas deixemos este bando
De incansaveis falladores,
Que todo em frios suores
Me puzerão com questões,
E quasi que aos caxações
Acabavão seus furores.

6.ª

E vamos ao nosso assumpto:
Meu caro amigo Luiz,
Escuta attento o que diz
Q.º te estima e te q.º muito:
Não foi feito o teu bostunto
Para versos, e he loucura
Digna de uma exemplar cura,
(Mas de o simili perdoar)
Querer a galope andar
Bestilha só de andadura.

7.ª

O Bot Machado tambem
Muito a ti se recomenda,
E não faltando a merenda
Junto comigo aqui vem,
E como não sabe bem
Exprimir-se por ser Toiro,
Quiz lhe fallasse no coiro,
Nestes versinhos que fiz,
Ao meu amigo Luiz,
E acabão aqui de estoire.

2 de Setembro de 1877.

IDILO A' PRIMAVERA

A Aurora no Horizonte apparecia
Da Noite dissipando a nevoa escura,
E com sua luz pura
Nunciava aos mortaes visinho o Dia:
Quando desperto já o velho Alcino

Vem gosar da manhã doce queentura,
 E descanço procura
 Na margem do ribeiro cristallino,
 E ali ao doce som da lyra branda
 Este cantico alegre aos ares manda.

Nascem da Primavera os bellos dias,
 Nasce a estação risonha dos Amores
 Brotão no campo as flores,
 Dellas cobrem-se as arvores sombrias:
 Já o rosto do Inverno carregado
 Não vem os assustados Lavradores
 Os fideis Guardadores
 Tirão dos seus curraes o manso gado,
 E o levão a beber á clara fonte,
 Que brota junta ás faldas deste Monte.

De gala a Natureza se reveste
 De aroma mil embalsamando os ares
 E os nossos doces lares,
 E c'o a cor d'esmeralda os campos veste:
 Mais moderado o placido ribeiro
 Já co'a chela não causa mil pezares,
 Já não inulta os mares
 Banha, não bate a encosta deste Outeiro:
 Encanta o brando som, com que murmura,
 Qual de fonte suave a lympha pura.

Tudo quanto prazer em nós inspira;
 Saltão na verde relva os Cordeirinhos,
 Dos pendentes raminhos
 Imita Philomela os sons da lyra.
 Longe de nós os asperos cuidados,
 Que exigem as riquezas, bens damnhinhos,
 Proprios de vis, mesquinhos
 Peitos: e dão-lha o nome de elevados!
 Effeito da infeliz miseria humana,
 Que em mór estima tem o que mais damna!

Em vão aquelle que na Córte móra
 (Eu n'uma Córte fui tambem nascido)
 Julga ter conseguido
 A ventura, que foge a quem a adora:
 Aos campos venha, aquí terá socego,
 Doce socego tanto appetecido
 Mas tão mal conhecido
 Do commum dos mortaes errado, e cego;
 Só nestes campos teu valor se alcança
 Das Côrtes na tormenta aurea bonanga!

Da bella Natureza o quadro lindo
 Só das campinas goza a doce esphera,
 A amavel Primavera
 Só sobre os campos appareça rindo;
 Eia Pastores, para aquelle eterno
 Senhor, que no universo inteiro impéra
 Que os calores modera,
 E o frio agudo do gellado Inverno:
 Os olhos levantai ao Céu, Pastores,
 Dando á Mão poderosa mil louvores.

Aqui suspende Alcino a voz sonora;
 Hymnos mil de prazer aos Céos envia
 A alegre companhia
 Dos Pastores em torno, e o velho chora:
 Roga a Deus que jamais a calma ardente
 As plantas queime, e que a geada fria
 do Outor a alegria
 Não roube, e creste aos fructos a semente,
 E que do oihado máu livre o seu Gado
 Não tema ser dos lobos devorado.

15 de Setembro de 1817.

Ao Villela p.^o uns versos, que me mostrou,
 em que traduzira de Ovidio a piatura da Inveja.

SONETO

De teus amaveis versos a cadencia
 Não parece de quem começa apenas
 A frequentar as placidas Camenas;
 Mas sim de antiga, e solita frequencia.

Da baça inveja a negra pestilencia,
 E a sanha horrenda que lho aguça as penas
 No estilo e metro, com q' o verso ordenas
 Enchem de horror a humana intelligencia.

Se neste quadro copiasse as côres,
 E os rasgos do pincel do Sulmonense;
 A boa imitação produz Pintores:

Tens natureza, ao uso só pertence
 Do Sublime Parnazo aos grãos maiores
 Levar o novo Vate Fluminense.

5 de Outubro de 1817.

OS PIGMEOS DO JAPÃO — Conto

Numa Província do Japão famoso,
 Se carunchosa chronica não tacete
 Surgiu praga fatal, praga horrorosa.
 Estranhas vozes de sinistro agouro,
 Que em numerosos echos retambavão,
 Enchem de medo os corações mais fortes;
 Tão temerosos males annunciação!
 Os assustados Lucolas já deixão
 Dos campos a cultura, morre o gado
 Sem ter quem cure delle; finalmente
 Para remedio dar a tantos males
 Fazer junctos conselhos determinão.
 Fallão primeiro os respeitosos Bonzos,
 Que conservão do Imperio as leis antigas.
 Se repetir quizesse os bons discursos,
 Que os sabios do paiz então fizcrão,
 Quatro grossos volumes encheria,
 Mas pertendo ser breve, e em poucas frases
 Dirci que os eloquentes oradores
 Difusa, e variamente demonstrarão
 Qual poderia ser do mal a origem,
 Quaes os progressos seus, que mais effeitos
 Podião resultar; faltava apenas,
 (Nem tudo pode ser) dar-lhe o remedio,
 Ou mostrar para elle algum caminho;
 Fez esta reflexão sisudo velho
 Que, bem que falto de erudito estudo,
 Tinha na sua razão algum vislumbra.
 Elle mesmo um feliz expediente
 Deu, que approvado foi pelo Congresso;
 Que já sem hesitar segue o seu voto,
 Qual segue o Matoral todo o rebanho.
 O sabio parecer nada mais era,
 Que ir ao pagode sempre venerando,
 Onde dos Bonzos mora o grande Chefe
 Pedir-lhe humildemente o seu conselho,
 Do afflicto povo ha'ia escolhida parte.
 Em traço peregrino a tropa marcha
 Com macerados rostos penitentes,
 Levão segundo o uso ao Grande Padre
 Do que tem o melhor para offertar-lhe.
 Do Imperio Japonez na Côte Augusta
 Juncto ao Templo onde Brama se venera
 Hum pomposo edificio se apresenta
 Formado com Chinezza architectura.
 Larga porta, que em angulo fenece,
 De extenso corredor offerece a entrada,

Que vai direito á magestosa sala
 Destinada ás solenns audiencias.
 No fundo della se levanta um throno
 De otro macisso sobre chão de prata,
 Docel purpureo, que do tecto pende
 Todo luzente de oiro, e pedraria
 Sombrea o rico sollo, onde se assenta
 De branca barba, respeitavel Bonzo.
 O vestido azlar, que aos pés lhe desce
 De preciosas pedras recamado
 Póde bem comparar-se ao Sol brilhante.
 Tanto luz o esplendor de seus adornos!
 Este dos Bonzos he o chefe illustre.
 Feitas as dez genuflexões do estillo;
 E entregues os riquissimos presentes:
 Dos profanos um misero enviado
 Com respeito chegando aos pés do Bonzo
 O caso narra miserando, e novo,
 E com a voz as lagrimas mistura:
 Plina o consternação, o susto, o medo
 Que o povo afflige ha tanto, e assim prosegue:
 Tendo acabado a narração sentida
 Oh Padre venerando, oh Sabio Bonzo,
 Por cuja boca os Deozes annuncião
 Os seus Santos Oraculos; somente
 Pódes tu dar remedio a tantos males,
 Que as horrisonas vozes nos promettem:
 Nós miseros profanos mal podemos
 Com supplicas os Céos tornar benignos.
 Aqui suspende a voz, e os olhos fitos
 Inda co'a boca aberta absorto espera
 Do Grão P'adre a vatilica resposta,
 Ou a do Nume, que por elle falla.
 Como quem despertou de hu' longo somno,
 Que os olhos lhe opprimia, o Sabio Bonzo
 Alçando a vista para o Grão Colosso
 De Brama, que defronte lha ficava
 Taes palavras profere: o Nume agora
 Com santa inspiração lhe assopra a mente.
 Os monstros que temeis, e cujas vozes
 Tanto em nossos ouvidos retumbarão,
 São fracos, vis Pigméos, nem tem mais armas,
 Que a sua longa ynz, que tanto assusta:
 Ellos de mez em mez soltando a espallhão
 D'um remoto Paiz onde se escondem;
 E mil echos depois tambem repetem,
 Enviando o pavor de longe aos povos:

Praga que um Deus mandou para castigo
 Da nossa pertinacia, e vãa soberba!
 De tamanha desgraça he o remedio
 Total despezo; desprezai seus gritos,
 Nem deis ascenso ás vozes seductoras,
 Com que pertenderão talvez turbai-vos,
 E vereis acabar no pó, na lama
 Esta raça de rãs, que a voz levanta:
 Aqui se calla o Sabio Sacerdote:
 Do Povo o Deputado so retira,
 Restitue a alegria ao bom Congresso,
 E se a tal velha Chronica não monte
 Aproveitou do Bonzo o são remedio.

6 de Outubro de 1817.

Ao Casamento do Principe Real, recitadas
 na Aula a 20 de Outubro de 1817.

QUADRAS

Ao fastigio do Rheno alçada apenas,
 Graças ao Rei, que em corações impera,
 A' illustre Europa já não tem inveja
 Do mundo de Colombo a vasta esphera.

Digna prole de Hausburgo alta Princeza
 Une Hymineo á prole Bragantina;
 A que mais aspirar? Ver digna delles
 De gloria cheia geração Divina.

Dos Monarchas do Tejo o digno herdeiro
 Prende e enlaça Hymineo á illustre Filha,
 Daquelle, a cuja luz o Grão Danubio
 O altivo collo mansamente humilha.

Unem-se em laço eterno neste dia
 A casa d'Austria, e a casa de Bragança,
 Firma-se a successão do Luso Throno:
 Suave pó, sanctissima alliança!

Ao mesmo assumpto, feita nos dias 24 e 26 de Outubro de 1817, recitada na Aula a 31 do dito mez, soffrendo algumas mudanças em Novembro do dito anno.

ODE

Ergue a primeira vez, oh Musa, os vãos
Desusada batendo as brancas azas,
Que a de Vênus empresta; sôbe, sôbe,

Remonta-te ás estrellas.

Não de bombardas cento o som terrível,
Girando em torno a formidavel morte
Nos campos, em que Marte ostenta irado

As furias sanguinosas:

Não da guerra o furor m'aquece a mente:
Reclinado da paz no brando seio
O Mundo mal respira, e sangue verte

Das frescas cicatrizes:

Filho da Paz, e inda que a Mãe mais bello,
O Candido Hymineo dos Céos balçando
Sobre Vienna, e placido Janeiro

Sacode o facho ardente,

Dessa, a que outr'ora em vão a Europa inteira
Quiz das mãos arrancar o sceptro Augusto,
E que de varonil constancia armada

Enche d'espanto o globo:

A gentil nota vai unir seus Fados
A' prole de João, do novo Tito,
A cujas leis do mundo as quatro partes

Se curvão reverentes.

A' fausta nova da união Sagrada
Do prazer puro os polos dois exultão,
Vendo p.' sanctos vinculos eternos

Firmar-se a paz do mundo.

Vamos, oh Musa, vamos, não desmates,
Mas que vejo? Tu cedes? Nem te affoitas
A suster-te nas azas, e já temes

De Icaro a triste sorte?

Tu cedes? Porém já te não crimino:
A Vales, que mais douto Phebo inspira,
Incumbe a gloria de elevar aos Astros

O Hymineo venturoso.

Pintem do povo Americano, e Luso
Jubilo, que nos rostos lhe rebenta
Ao ver de heroes a geração preclara

Ir-se tornando eterna:

E ao cimo alçados do Beocio monte
Em metricas canções troando agolrem
Sublime dita aos seculos vindouros

Na esperada prole.

Tu, Aguilão, que inda implume em vão tentára
 Remontar-se onde avista a Mãe sublime,
 A tomar novas forças, novo alento
 As azas colhe; e desoe.

MOTTE

Que razão tens de queixar-te?

GLOZA

Ninguém ha que não conheça
 Os talentos do Luiz,
 Se por chufa se lhe diz
 Algu'a graça travôssa,
 Se mangação, pulha, ou peça
 Lhe affirmamos com geito, e arte,
 Malicia ahí não tem parte,
 Isto são de amor signaes,
 Vê, Luiz, de extremos taes
 Que razão tens de queixar-te?

30 de Outubro de 1817.

A' retirada do Barreto para Minas, que não
 se effectuou.

SONETO

Os cinco alumnos da immortal sciencia
 Aos Deozes grata, e que Minerva iuspira,
 Pulzão a desusada, eburnea lira
 Hoje em l'henea festival cadencia:

Que abandonada estás alta eloquencia!
 Quão pouca gente a conhecer-te aspira!
 Cinco somos; dos cinco hum se retira,
 Oh tristes socios! Oh sentida ausencia!

Deponde a lira; festivaes accentos
 Não mais se escutem, lugubres gemidos
 Da saudade alliviem os tormentos,

Que hoje a hum de seus filhos mais queridos
 Chora a Eloquencia com cruéis lamentos;
 Chorem com ellas os socios tão sentidos.

Composto a 30 de Outubro de 1817, e recitado na Aula no dia seguinte.

A' Ilustre e sapientissima Analise feita na
Aula de Rhetorica ás orações de Cicero.

SONETO

Em vão té gora o dente viperino
Da baça inveja, torpe, e marçhenta,
Com sanha horrivel vezes mil intenta,
Morder na fama do Orador Divino.

Seu nome, illustre ao povo de Quirino,
Aos seculos vindouros se apresenta
Com esplendor maior; assim se augmenta
Fugindo o Sol do assento Matutino.

Se o fio lhe cortou da vida amada
Do vingativo Antonio indigno ferro,
Perder a vida transitoria he nada.

Mas sua gloria, oh desatino! oh erro!
N'uma funesta Analise he finada:
Fazemos-lhe hoje o lastimoso enterro...

14 de Novembro de 1817.

Traducção (princípio) da *Athalia* de Racine.

ABNER

Sim, no teu templo adorar venho o Eterno,
E segundo a solemne, antiga usança
Contigo celebrar o illustre dia
Em que a nós no Sinai, a lei foi dada.
Quando os tempos mudárão! D'este dia
Mal a sacra trombeta a volta...
Já inundava os porticos do templo,
Que de festões magnificos ornava
Do povo santo a multidão devota.
Por ordem ante o altar apresentados
Dos campos nas mãos tendo os fructos novos
Consagravão a Deus suas premicias!
As victimas os Padres não bastavão,
D'huma mulher a audacia, suspendendo
O concurso fiel, tão bellos dias
Em outros nos trocou tão tenebrosos.
Pouco numero apenas de zelosos.

Retraçar ousa do bom tempo a sombra,
 O resto, de seu Deus nem mais se lembrão,
 Ou mesmo de Baal juncto aos altares,
 Procura inietar-se em seus misterios,
 E do Deus de seus Pais blasfema o nome.
 Receio mesmo, (e deverei ilzello?)
 Que Athalia, das aras sacrosantas
 Fazendo-te arrancar, em ti acabe
 Suas cruéis viangaças, e deponha
 De hum respeito forçado os fracos restos.

JOAD

D'onde veio hoje tão triste agoiro?

ABNER

Pensas ser sancto e justo impunemente?
 A' muito ella aborrece esta firmeza
 Que o esplendor da tiara em ti realça
 O amor que mostras pela lei á muito,
 De traição, sedição, e de revolta,
 Do merito brilhante ella cloza,
 Jezabel tua fida Esposa odeia;
 So he do Grão Padre Arão Jojada herdeiro
 Do nosso ultimo Rei he ella a filha;
 Alem disso Matan, Padre sacrilego
 Mais mão do que Athalia, nunca a deixa;
 Matan vil desertor das nossas aras,
 Perseguidor zeloso da virtude.
 He pouco que cingindo mitra estranha,
 De Baal sirva ao culto este Levita?
 O tempo o vexa, e sua impiedade
 Deus, que deixou, anniquillar quizera.
 Mil subterfugios por perder-te inventa
 Hora te chora, e mesmo te elogia,
 Falsa doçura finge a teu respeito,
 E dest'arte corando a raiva sua,
 Temivel á Rainha hora te pinta,
 Ou vendo a sede de oiro que a devora,
 Lhe diz, que em hu' lugar, que só tu sabes
 Guardas thesouros que David junclara.
 A soberba Athalia ha já dois dias
 Jaz em pezar sombrio sepultada,
 Honte observando-a, vi lançar seus olhos
 Sobre a Sancto lugar, vista furiosa,
 Como se dentro delle o Deus guardasse
 Armado vingador para punilla.
 Crê-me; quanto mais penso, tanto menos
 Duvido que em teu dazno as iras suas

De romper todo o dique estelão perto,
E que de Jezabel a cruel filha
Deos em seu sanctuario atacar venha.

JOADI

O que das ondas ao furor poem freio,
Reprimir sabe as tramas dos malvaos,
Com respeito submisso ás ordens suas
Deos temo, Abner, e outro temor não tenho.

De 14 a 20 de Novembro de 1817.

SONETO

Ao Villela.

Os teus versos eu li, Villela amigo,
Enchendo-se a minha alma d'alegria,
Ao ver a doce, a amavel Poesia
Sobranceira ao máo gosto, ao fero inimigo,

Mas a tanto prazer (com pejo o digo)
Secreto dissabor talvez se unia,
Vendo quão largos dous te repartia
Natureza escacissima comigo.

Vai, prosegue, as sciencias cultivando,
Que dão ao feliz genio novo alento,
E em que tu tanto vais fructificando,

E dentro em pouco o mesmo sentimento
Que hoje em mim os teus versos 'stão causando
Hade ao mundo causar o teu talento.

14 de Março de 1818.

EPIGRAMMA, sobre o segredo

Diz tudo quanto sabe o fallador,
O tonto o de quo não he sabedor,
O joven o que faz logo relata,
A contar o que fez hu' velho mata,
Mas mau... só quem he pateta
Refere aquillo que fazer projecta.

14 de Março de 1818.

DECIMAS

A cruel melancolia.

Já o bom tempo acabou,
 Em que da doce Eloquência
 M'Instruía na Sciência,
 Foi bom, mas já se passou:
 Agora estudando estou
 A seria Philosophia,
 O chiste, a galantaria,
 Por aqui não se tolera,
 E sempre n'hu' throno impera
 A cruel melancolia.

Villela, se lá te for
 O nosso amigo Luiz,
 Pergunta-lhe o que lhe fiz
 Para tanto desamor;
 Porque como de estupor
 Fogo á minha companhia,
 Dize, que tal tirania
 Duros males me tem feito,
 E q' introduz no meu peito
 A cruel melancolia.

15 de Março de 1818.

Ao Reverendissimo Sr. P.^o M.^o Fr. Marcelino,
 Professor de Philosophia no Seminario de S. José.

SONETO

Hoje deixado o placido sossego
 Ao Lyceo philosophico tornando,
 De novo, oh Mestre digno, e venerando,
 A's tuas sabias instrucções me entrego.

Na gram carreira vacillante, e cego,
 Pelos dictames teus m'hirei guiando,
 Seguir tuas pizadas procurando,
 The onde c'os incertos passos chego.

Pl se de musa a gratidão valendo
 Me elevasse do Pindo á grande altura,
 A's estrellas teu nome hiria erguendo;

Mas se taes forças me não deo Natura,
 Tu me desculpa, affavel acolhendo
 D'hn' peito grato esta homenagem pura.

12 d'Abril de 1818.

Feito no dia em q' se acabam as fériãs da Páschoa.

DECIMAS A S. JOÃO

1.^a

Sempre entre o Povo Christão
 Com devoção exemplar
 Se tem visto celebrar
 A festa de S. João:
 E hoje nest'habitação
 Com deleitosa alegria
 Também se festeja o Dia,
 Em q' veio ao nosso Mundo
 O Precursor sem segundo,
 Que ás terras Christo annuncia.

3.^a

Neste entertido prazer,
 E outros brinços innocentes,
 Entre Amigos, e Parentes,
 Chegamos enfim a ver
 O bello Dia romper
 Em que novo entertimento
 Faça pôr no esquecimento
 Quanto á Noite se passou,
 A qual tão pouco durou
 Para tal contentamento.

2.^a

Na noite de terça-feira,
 Segundo antigo costume,
 Já se ateou voraz lume
 Na amontoada madeira,
 E em roda junto á fogueira,
 Na mão o livro fatal,
 Já indaga cada qual
 Sua sorte boa, ou má,
 Divertimento que dá
 A todos prazer geral.

4.^a

Na lauta meza se assentem
 Os contentos convidados,
 E os saborosos guizados
 Logo se lhes apresentem,
 O prazer, q' todos sentem,
 Augmente o doce licor
 De delicado sabor,
 E nas saudes mil votos
 Se fação pelos devotos
 Domingos, e Leonor.

5.^a

E nos Ceos o illustre Santo,
 Que alenta os devotos seus
 Pede de continuo a Deus
 Por quem o festeja tanto;
 Assim vós, o tudo quanto
 A' vossa casa respeita
 Sereis coisa sempre aceita
 Para o favor de João,
 Cuja Sancta Protecção
 Aos que o honrão, nunca engeltão.

SONETO

Brinca, Lillia formosa; os dias passa
Em banquetes Theatros, e contradaças:
Já se lá foi o tempo das carranças,
Em que era o ser mulher huma desgraça.

Tens Marido Tatul, encantos, graça,
E na costura, e renda inda te canças?
Deixa as antigas, barbaras usanças
Por nós herdadas da Mourisca raça.

Nas civis assembléas toma assento,
Onde esbelto Monsieur logo se offrece
Polido Par com doce cumprimento:

Nem o Marido aos gostos teus empeco,
Que n'outro delicado ajuntamento
Da metade gentil tambem se esquece.

No estylo de Paulino.

17 de Julho de 1818.

SONETO

Quando, Marillia, vejo o teu semblante
De um sorriso mostrando o doce agrado,
O Céo sereno, limpido, estrellado
He-lhe em belleza apenas semelhante.

Mas se contra infeliz, malquisto amante
Com terrivel olhar se ostenta irado,
Parece-me o Céo negro, e carregado
Prenhe de raios todo, e trovejante.

Mas se amor se alimenta de brandura,
Não queiras formosissima Tirana
Mostrar-te ao triste Alcino aspera, e dura;

Antes com gesto affavel, branda; humana
Acolhe as expressões da paixão pura
Deste Peito, onde imperas Soberana.

26 de Julho de 1818.

SONETO

Divina Armia, o meu dezejo ardente
 Fôra estar sempre na presença tua,
 Porém a Sorte desabrida, e crua
 Tão suave prazer me não consente.

Se a Sorte cede a minha prece urgente,
 Vem o Ciúme, e a Crueldade sua
 Pelas veias veneno me insinua
 Que ao resto sóbe, e que perturba a mente.

Junto de ti me pinta a Phantasia
 Do felizes Rivaes a competencia,
 E que me não quer bem a minha Armia.

Vê, minha Deosa, a barbara violencia
 Dos males, com que esta alma se angustia,
 Que entre elles o menor he o da ausencia.

Agosto de 1818.

SONETO

Quem acharia um moço claro, e loiro,
 Olhos azues, as faces mui rosadas,
 Quatro ou cinco melanas encrespadas,
 Mas com andar, e gestos de caloiro.

Batem tinindo-lhe as correntes d'oiro,
 Que do relógio traz dependuradas,
 Calças de fina ganga fabricadas,
 E um sobretudo azul lhe cobre o coiro.

Esperto, como que? Pois que gracinha!
 Falia Inglez muito claro, e espevitado,
 Toca bem berimbão, e campainha.

Quem o tiver nas ruas encontrado,
 Que m'o traga já já por vida minha:
 De alviçaras lhe dou... o mesmo achado.

Am Machado, feito na Aula de Inglez.

1 de Outubro de 1818.

SONETO

Vivia Papa-ratos mui contente
Em casa de seu dono, e sem cuidados,
Só por guardar os dentes afiados
Branda guerra fazia á rata gente;

Quando o Fado cruel, que não consente
Gozem da santa paz doces agrados
Aquelles, cujos nomes desgraçados
De negro' poz no livro, que não mente,

Ordena, que assazhado Cão raivoso
No lombo lhe prespegue atroz dentada:
E então lago que eão! hum pobre, hum gozo!

Temeo-se a mordedura envenenada,
E foi mandado o misero queixoso
Banho eterno tomar d'agua salgada.

6 de Novembro de 1818.

EPIGRAMMA

Em renhido combate com D. Galgo
D. Miau, gato danto, e mui fidalgo,
Cahi ferido mortalmente em terra
Acabando-se assim tão dura guerra.
El foi de tanto brio, e tão preclaro,
Que não quiz (pudonor de certo raro!)
Que morto, a terra os ossos lhe cobrisse,
Mas que nobre sepulchro o mar lh'abrisse.

6 de Novembro de 1818.

Adeozes de E. F. da V. aos seus queridos Col-
legas de Filosofia.

SONETO

Caros Amigos, que leal, sincero
Com puro affecto da rainh'alma estino,
Os adeozes do vosso terno Aleino
Ouvi, se me quereis, como vos quero.

Candido, Estevão, vós, que eu considero
Do Patrio Rio Grande, a Gloria, e Mimo,
Freire! fiel Machado, ah! nem me animo
A dizer-vos o adeos triste, e severo!

E vós todos, que agora estais lembrando
Companheiros leaes, que não nomeio
Se vos lembrar tambem de quando em quando:

* Sabei que afflicto, e de saudades cheio
De vós se aparta o Amigo miserando!
De vós me aparto, oh dor! e inda o não creio.

26 de Novembro de 1818.

Do muito Revdo. P.^o M.^o Fr. Marcellino de
Sant'Anna Bueno, Professor de Philosophie no
Seminario de S. José, se despede seu alumno
E. F. da V.

SONETO

Do Sabio Mestre da Sciencia augusta,
Que he de todas as outras a Rainha,
Fracamente soltando esta voz minha,
Me despego com dor intensa, e justa.

Eu aquelle que soube o quanto custa
Soffrer a entrega perfida, e damnhina
Quando imputar-me o crime, que eu não tinha
Quiz calumnia infiel, suspeita injusta.

Eu de ti me despego oh Sabio Guia,
Que como pela mão me conduziste
No caminho da Gran Philosophia:

Mas se benigno assim me dirigiste
A' meta, onde eu chegar só não podia.
Serci grato, e a calumnia farei triste.

Feito no dia 27- entregue a 28 de Novembro de 1818.

EPISTOLA AO MACHADO

Se entre as estrellas, que no Céu brilhante
 Com luz se ostentão manifesta, e pura,
 (Certos faroés ao cauto Navegante,
 Que por guia sollicito as procura)
 Castor e Pollux tem eterno assento
 A amizade lh'o deo, para tormento
 Dessas almas; que tanto a desconhecem:
 Ah! se ve-la, qual he, elles podessem,
 Tão candida, tão pura, e tão suave.
 Adornada de duas brancas azas,
 Tendo na mão dos corações a chave
 E o reluzente facho, com que abrasas,
 Oh formosa Amizade as almas puras
 Conhecerão então doces ternuras!
 Então verão pela vez primeira
 Prazeres, e alegria verdadeira.
 Mas nós xentinhos, oh fiel Machado,
 Do dom celeste os placidos effeitos,
 Elle os corações nossos tem juntado
 Com laços formosíssimos e estreitos,
 Quaes Damon Pithias, Pilades e Orestes,
 E aquelles, que segundo o exemplo destes
 Ganháráo na moderna e antiga Historia
 Perpetua e formosíssima memoria.
 Nós que seguindo vamos este exemplo
 Novos Castor e Pollux, que nos falta
 Para subir áquelle erguido Templo,
 Onde o nome de taes Heroes se exalta,
 E chegar-mos a ser planetas novos
 Então vistos dos mais distantes povos,
 Elles se lembrarão que da Amizade
 Exemplar fomos nós na prisca idade.
 Ah Machado, em que alturas nos veremos
 Tantas legoas da terra levantados!
 Ah quanto, quanto all nos não riremos
 Das loucuras dos homens depravados!
 Mas não pôde alcançar ventura tanta
 Quem da bella Amizade as leis quebrauta:
 Tu pois, Machado meu, que sabes isto
 Não te esqueças do teu caro Evaristo.

Ao Anniversário da Acclamação d'ElRei D. João 6.º

ELOGIO

Senhor, se a fraca voz da Musa minha
Hoje subir portende aos pés do Throno,
Não he que ousada presumpção me anime.
As aulas juvenis deixando apenas,
Minhas forças conheço: mas se accaso
Póde hum puro desejo, e tenção pura
Valer ante a Real Presença Vossa
Dignai-vos de accceitar, Monarcha excelso
De hum fraco engenho as tímidas primicias,
Coisa melhor não tenho que offerlar-vos
Offrecera-vos mais se mais tivera.

Hoje o Dia rompeu, que feliz sempre
Aos povos dois, Americano, e Luso
Faustissimos agouros apresenta,
O Dia em que celebra a Santa Igreja
As Chagas, que da culpa nos livrário,
E que na Cruz o Filho de Maria
Ao grande Affonso apparecendo em sonhos
Lhe deu por armas. Fortes deste escudo,
Forte da protecção de hum Deos Supremo
O Mundo os Lusos viu, surcando os mares
Plantar do Tejo ao Indo as Santas Quinas,
E alçar de Christo a Lei no adusto Oriente,
Que triunfos, que glorias, que prodigios,
Em as terras, que o Sol primeiro accende,
O nome Portuguez eternizarão!

Mas ja chegava a Epocha marcada,
Em que o aureo Brazil no fertil seio
Recebesse de Lisboa o esmalte, a honra:
Deos, que escolhera como Rei primeiro
Da terra Lusitana o grande Affonso,
Ordenou que João as bases lance
Ao novo Imperio do Brazil potente,
E que as Chagas, que já no Mundo antigo
Roborarão aos bravos Portuguezes
C'o favor decidido o Braço invicto,
Sirvão tambem de amparo ao Novo Mundo.
Feliz Janeiro, tu tiveste a gloria
De ser do grande Imperio a Côte Augusta,
Tu saltaste de jubilo contente
Vendo em teu solo "Cofre de virtudes"
E penhor de ventura o Teu Monarcha.

E outra vez exultaste a fronte erguendo
 Quando no Dia, que hoje celebramos,
 Ouviste a voz dos filhos teus tão caros
 Assim clamar dos intimos do peito:
 Viva o Sexto João, o Pio, o Justo,
 Viva o Sexto João, o Pai do Povo,
 O Principe immortal, que a Mão do Eterno
 Em momento feliz nos deu propicio.

O Dia destinado o Céu marcara
 Com roseas cores sobre o Livro d'ouro:
 O Sol, que o rosto pallido escondera
 Em hum manto de nuvens, de repente
 Fulgente appareceu, e ao leve aceno
 Dissipão-se os espessos nevoeiros.
 Então que scena! Que risinho quadro!
 Eu via, eu via as lagrimas pularem,
 Lagrimas de prazer, que as faces banhão,
 E no meio do estrepito festivo
 Das igneas bocas, dos acreos fogos,
 Da basta multidão resoão — Vivas —
 Fallece a voz cançada, eis longamente
 Coalhado vê-se o ar de Lenços brancos,
 Que em repetido movimento ondeão.
 Qual do Congresso estreitamente aperia
 Em seus braços o amigo; qual nem pôde
 Já de ranco soltar a voz cançada:
 Este agitado, e em rapido transporte
 Corre de hu' lado a outro, e vai, e torna,
 Dando no rosto seu nos gestos dando
 Vivas demonstrações de gosto ingente:
 Outro, por ver o Principe que adora
 Aos mais altos logares se remonta,
 O menino, que vai da Mãe nos braços
 De alegria tambem a Mãe aperta.
 Mas quem pôde pintar com dignas cores
 O que vimos então? Hu' não, que fraco,
 Timido alumno de apoucado engenho
 Mal ponho as tintas, e pinceis maneo.

Em quanto o amor, que vos dedica o Povo
 Oh Principe excellente, assim se exprime,
 E que nos rostos o prazer rebenta;
 A vossa Mão Benefica, que espalha
 Larguissimas mercês, que faz felizes
 Do Mundo ao mesmo tempo em quatro partes,
 Hum sinalado, novo Beneficio
 Vem mais eternizar o Vosso Nome:
 Da purissima côr, que a Mãe do Eterno
 Dera aos dilertos seus, candido ornato,
 Pendentes fitas, distincções honrosas

Real Munificência estão mostrando,
 E não menos o espirito piedoso,
 Que animou de Braganga o Rei primeiro,
 E mais fervente resplandece ainda
 No Herdeiro egregio! Oh Conceição sagrada,
 Se a boca venenosa da Heresia
 Tentou manchar atroz tua pureza,
 O Monarcha piissimo, que impera,
 No Luso Throno, quer que Protectora
 Sejas dos Reinos seus, e rico adorno,
 E que assim como a lucida venera
 Brilha nos peitos dentro dellos brilhe
 Santo zelo; fervor, que o seu devora.

Sagrada Virgem, tu que podes tudo,
 Tu, que aos devotos teus jámais faltaste,
 Protege o nosso Rei! Ah tu conheces
 Seu Pio Coração, que já mil provas
 Tem dado do mais puro, e sancto anhella,
 Hoje mesmo nós vemos de piedade
 Hum novo exemplo, quando quiz devoto
 Que o venturoso, o grande Anniversario
 Neste Dia das Chagas se celebre:
 Mostrando assim em quanto mais estíma
 De hu' Deus a protecção, na Cruz cravado,
 Derramando por nós todo o seu sangue;
 Que a Regia pompa, que o sublime fausto.
 Ela Virgem Sobrana; ella defende
 Seu throno, seu poder; e a gloria sua,
 E de teu Filho as Chagas Redemptoras
 Seção do novo Imperio o firme Estado,
 Mas, que o Pio João por longos annos
 Para ornamento, e dila do seu povo
 Prospera, reine! Da existencia sua
 Tecido seja d'ouro, e seda o fio!
 Tacs, Principe immortal, são nossos votos,
 Filhos do coração; que vivaes tanto,
 Quanto durar de vosso Nome a Gloria,
 Vosso Nome, que hirá de boca em boca,
 De Paiz em Paiz até que o Tempo
 Cessando de existir, se extingua o Globo.

Feito em 17, 18 e 19 de Fevereiro de 1819.

Encerrado em Outubro de 1823.

SONETO

Vate immortal, que nesses tenros annos,
Do mais caro sentido assim privado,
De tão celeste dom foste dotado,
Que vês de Phebo os conditos arcanos;

Dize-me, e dize a todos os humanos,
A quem teus versos tem maravilhado,
Como entraste o recinto do Sagrado
Templo, escondido aos olhos dos profanos?

Dize por onde dirigiste os passos
A' morada immortal? Mas antes crelo
Que Apollo te levou sobre seus braços:

Ah! não temas; franquia sem receio
Esses immensos, Apollíneos Paços;
E o Mundo deixará de espanto chelo.

Ao Poeta cego — 11 de Março de 1819.

SONETO

Cheta d'encantos a gentil Princeza,
Que o Céu benigno, ha pouco, á Hespanha dára,
O Céu mesmo a roubou; e a gente Ibera
Chora, e com ella a gente Portugueza:

Chorão extincta ver essa belleza,
Que ha terra, qual Anjo apparecera
Graças, Virtudes, de que a enriquecera
A sabia mão do Author da Natureza.

Tudo, tudo acabou; a horrenda Morte
A esperança tornou falsa, illusoria
Ao povo Hispano c'o terrivel corte:

Della apenas nos resta a vã memoria,
Mas sua alma benigna, sabla, e forte,
Vencedora subio á eterna gloria.

A' morte da Rainha de Hespanha.

23 de Março de 1819.

SONETO

Que mestas vozes, lugubres gemidos,
No ar resoão! que funereo pranto
D'agua os afflictos olhos enche tanto,
E fere triste e crebro os meus ouvidos!

Mas já oigo da morte os alaridos
Que apoz si vão deixando horror e espanto!...
Huma Joven conduz, que Regio Manto
Traja sobre riquissimos vestidos!

Eis lá diviso Iberia lastimosa,
Que co'a convulsa mão os olhos cobre,
E o sceptro quebra alheada e pezarosa:

Chora Isabel, que a terra vil lh'encobre,
Isabel que lhe rouba a Morte irosa:
Não merecia o Mundo alma tão nobre!

An mesmo assumpto.

23 de Março de 1819.

SONETO

Machado, Amigo bom, caro, e dilecto,
Como penhor sagrado da Amizade,
A offerta recebi, que da vontade
Pura foi filho amado: o Soneto;

Só notei nelle, que o teu grande affecto,
No excessivo louvor falta á verdade,
Que, posto que este ao proprio amor agrade,
Nunca pôde aproval-o o senso recto:

Hum pouco della, Amigo, te apartasta,
Quando os conceitos fracos, e pequenos,
Dos versos meus immediato louvaste.

Ame, se pôdes mais, mas louva menos
Aquelle, que fiel sempre encontraste
Liv're de affectos baixos e terrenos.

Em resposta a hu' do Machado.

13 d'Abril de 1819.

SONETO

Cá recebi, Machado, o teu Soneto,
E bem que te agradeço a sã vontade;
Como não queres que falte á verdade;
Esta Analyse-sinha te remetto:

Ella ha-de hir n'um estilo assim faceto,
E meio dorminhoco, que te agrada;
Porque um Frade he que gosta d'outro Frade,
E um Preto na linguagem d'outro Preto:

As sillabas dos versos mal contaste;
Porque uns trazem de mais, outros de menos,
E os uccentos lambem d'alguns erraste;

Mas pelos grandes ficão os pequenos;
Pois creio, que por junto he que as sommasse,
E o Soneto não tem nem mais, nem menos.

Pelos mesmos consoantes.—15 d'Abril de 1819.

EPISTOLA

Oh do mais puro amor unico objecto,
Cara porção desta alma desunida,
Se lo lembras de mim, se o triste Alcino
Merece algum lugar nesse teu peito,
Escuta de um Amante as ternas queixas,
Que fiel te adorou, o que te adora.
Quando junto de ti passava os dias
Que o falso Amor formou para enganar-me;
Quando junto de ti as breves horas
Só perturbava de offender-te o susto,
Já no meu coração Amor potente
Absoluto imperava, já meu Peito
Esta chama nutria em que se abraza.
Quantas vezes ali ao som das ondas,
Que na praia batião mansamente,
Teu nome repetia: as ondas gratas
Ao longe o respondião murmurando,
E lá das fúndas grutas em cardumes
Os Tritões, as Nereldas resurgião
Por escutar teu canto, e ouvir teu Nome.
Quantas vezes ali junto ao teu lado,
E em roda mil ternissimos Amores
Brandamente contigo discorria
Nas frescas noites, nas calmosas séstas,

E tuas lindas Graças contemplando,
 Já de Amor outras Glorias não queria
 Senão jamais ter fim tanta ventura.
 Quantas vezes ah!... Porém deixai-me,
 Deixai-me saudosíssimas memórias
 De um bem, que já passou, que foi tão breve,
 Não venhais agravar o mal presente!

No momento da nossa despedida
 Tu viste quantas lágrimas correrão
 De meus afflictos olhos, mas não vias
 Os tormentos crucis, porque passava
 Meu triste coração... Porém ao menos
 Inda perfida então te não julgava,
 Inda então vi correr desses teus olhos
 (Olhos, que Amor fazia inda mais bellos)
 Doces lágrimas, filhas da Ternura,
 Suave lenitivo em tanta pena.
 Tudo agora acabou! Do antigo affecto
 Nem te resta a lembrança: em quanto eu soffro
 Longe de ti, cruel, por teu respeito
 Duros tormentos, que explicar não posso.
 Tu te esqueces de mim, de ti me eu lembro
 Continuo, sem cessar um só momento.
 Quando, acordado, a vaga phantasia
 A varias ares volvo, em quanto vejo
 Ella sempre o meu Bem me está mostrando,
 Seu semblante, seu ar, sua voz terna,
 E finalmente a sua Tirannia.
 Se repouso procuro em tanta lida,
 O somno que dos maís sepulta as magoas
 Em mim as exaspera, os vivos sonhos
 Novas causas me pintão de tristeza,
 Humas vezes te vejo que desprezas
 Com rigoroso aspecto os meus extremos,
 Outras que já nos braços de outro Amante
 Insultas meu Amor... Então acórdo
 Cheto do horror de tão funesta idéa,
 Então dentro em minh'alma as Fúrias todas
 As entranhas me roem, nem mais escuto
 Do que a voz do furor, que me atormenta.

Depois algum allivio á dor buscando
 Penso que ver-te ameigará meus males,
 Mais benigno encontrar teu rosto espero,
 Procuro-te, o que encontro, são rigores,
 Que mais perturbações me causão n'alma.

Ah! Cruel, que motivo assim te obriga
 A envenenar meus dias? Este o premio
 Da mais viva paixão? Antes acaba
 Acaba o terno Alcino, que te adora,
 Crava-lhe de uma vez no peito o ferro:

Contente morrerá vendo que he tua
 A mão que o fere: um golpe só lhe finde
 Dias tristes, que a seu pezar arrastra;
 Mas conhece, Tirana, que foi sempre
 Sincero adorador, ardente Amante
 Aquella, que apunhalas! Mas que digo?
 Póde occultar um tão gentil semblante
 Uma alma assim cruel? Não és tu mesma,
 Que outr'ora enchesse de prazer meus dias,
 Não és tu, que tão branda me acolheste
 Com o sorriso teu? Sim; sim; tu foste.
 Torne então outra vez para o teu peito
 A antiga compaixão, que inda mereço,
 Torne o sorriso teu para teus labios
 (Meigo sorriso, que invejavão Numes)
 E um milagre verás, verás tornar-me
 Alma, vida, prazer n'um só momento:
 O mesmo inda serai, que dantes era,
 Inda em torno de nós verás que adeião.
 Os Amores louçãos, e lindas flores
 De odorifero cheiro, e côr purpurca
 Inda nos lançarão sobre as cabeças:
 Tudo junto de nós serão prazeres,
 E envergonhada a Palida Tristeza,
 As negras azas despregando ao vento
 De um vôo fugirá dos nossos peitos.

Abril de 1819.

A' Praia Grande.

SONETO

Oh de prazeres são feliz morada,
 Onde juntarão Arte, e Natureza
 Do Campo a simplicissima belleza
 Ao brilho, e garbo, que na Corte agrada:

Dos ares salutiferos banhada,
 Em ti misero enfermo acha defeza;
 E o que a pura saude guarda illeza
 Doce recreio, e refeição prezada.

Formosa Praia Grande, ah tu mereces
 A justa gratidão deste meu peito,
 Tu, que entre as bellas Villas resplandesces;

Que o mais caro servigo me tens feito,
 Quando hoje mais robusto o Irmão m'offereces
 Ha tanto a enfermidade atroz sugeito.

1 de Maio de 1819.

CONTO

Vivia, a tempos, na opulenta Corte
 Da mercantil, riquíssima Inglaterra
 N'uma pobre choupana, que contrasta
 C'os soberbos, vizinhos edificios,
 Humilde Artista, cuja mão gelada
 Pelas forças dos annos não podia
 Ganhar, como ganhára, o seu sustento.
 Filha querida, que perdera ha pouco,
 Já de sua velhice fraco estelo,
 Dois netos lhe deixou de tenros annos;
 Tudo em fim da pobreza aggrava os males.
 Mas que remedio dar? Faltão-lhe as forças,
 Amigos faltão do bom tempo antigo,
 Que os annos lh'os levárão: resta apenas
 Um vislumbre de fragil esperanza.
 Da sua choça ao longe se avistava
 De famoso Banqueiro a grande Casa,
 Onde a bella fachada do Edificio
 He da interna riqueza indicadora.
 E do prodigo luxo de sou dono.
 Que! diz o Velho, negar pôde acuso
 Tenue soccorro quem despreza o oiro?
 Quem as mãos cheias a capricho o entorna?
 Não: possível não he: assim discorre,
 E caminhando vai; firmado o corpo
 Sobre o lordão: com elle os dois meninos,
 Na idade ainda de infantis encantos;
 Com mal seguros pés também caminão.
 Mas ellos já na porta do Banqueiro,
 Esperando o momento, em que se possa
 Uma palavra dar-lhe: em tanto escutão
 Dos vis criados insultantes dictos.
 Depois de longa espera o rico assoma,
 Que vai montar riquíssima Berlinda
 Por quatro gordos urcos arrastada:
 Elle rapido os paleos atravessa
 C'o sequito servil, c'o a corte abjecta
 Dos vis aduladores: eis ao velho
 Hora lhe bate esperangoso o peito,
 Hora frio tremor lhe gela o sangue.
 Com voz submissa, e que interrompe o pranto
 A fallar principia; desdenhoso
 C'um olhar de travez lhe atalha as vozes
 O cruel Millionario, ao carro sóbe,
 E da vista veloz desaparece.
 Qual o preso innocente que esperava
 Na justiça fundada, e no direito

O momento da proxima soltura,
 Ouvindo injusto Accordão, que o condemna
 A castigo cruel, ou pena infame,
 Aterrado da subita sentença,
 Como um rochedo immovel fica, e mudo;
 Tal o triste Ancião, a lingua presa
 Co'a magoa, que pungente o peito aperta,
 Nem solta uma palavra: de seus olhos
 Pelas faces o pranto corre em fio,
 Pranto, que falla mais que as proprias vozes,
 Pranto, que aos Ceos chegou, e os Ceos são justos.

Pobre Hortelão que apenas se sustenta
 Dos productos de modico salario:
 (Onde a virtude vai achar guarida!).
 Sabendo de seu amo a acção tirana,
 De terna compaixão, de zelo cheio
 Do Artifice infeliz a Choga busca.
 Mal entra um Genio tutelar parece,
 Singelo coração mostra o seu rosto:
 E prestante bondade que não sabe
 Nexar-se do infeliz á dor, ao pranto;
 Sobre suas feições está pintada.
 Tenros meninos, velho angustiado,
 Cessai já de chorar que vossos males
 Vão prontamente terminar seu curso:
 Meu amigo (elle diz) offerecer venho
 Quanto de meu possuo; um pobre alvergue,
 Onde em vez de riqueza, amor, carinho
 Podereis encontrar: tereis um filho
 No meu querido Henrique: estes pequenos
 Nelle um Pai acharão... todo este tempo
 Fixára nas feições do Jardineiro
 O velho as vistas suas, mas cortando
 Neste ponto o discurso com presteza,
 E semblante agitado assim pergunta:
 Podeis dizer-me o vosso nome, amigo?
 Carlos lhe torna o outro. E de que parte
 De Inglaterra sois filho? Eu no Condado
 De Suffolk he que tive o nascimento.
 Não posso duvidar: Carlos, oh Carlos,
 Teu irmão não conheces! Onde Henrique,
 O meu Henrique está, que tão pequeno
 Eu na Patria deixei! E's tu Guilherme,
 O meu irmão querido! Ah vinde, vinde,
 Este peito apertar, chegai meninos!
 Os dois irmãos então cheios os olhos
 De lagrimas de gosto se abraçarão:
 Os pequenos também c'o doce rizo,
 Simples filho da candida innocencia,

O seu novo Papai apertão, beijão;
 Grupo terno, e sublime, ali se estreitam
 De novo da Amizade, e sangue os laços;
 Ali terna, gentil Beneficência
 Saborea os dulcíssimos prazeres,
 Que o coração do rico não conhece!

Conta que depois disto largos annos
 Unidos sempre os dois irmãos viverão,
 Cobertos pela benção proleclara
 De ver reproduzir sua existencia
 Em filhos dignos delles, recebendo
 De amor universal doce homenagem.
 Pelo contrario o barbaro Banqueiro,
 Quando na lauta meza aos convidados
 Dos infelizes offerencia o sangue,
 Entre arrancos cruéis subitamente
 Lançou a cruel vida. Assim mostrando
 A justa Providencia, que repara
 Já mesmo neste mundo sabiamente
 Castigo no vicio, premios á virtude.
 Ella permitta que não mais se vejão
 De feroz coração ricos avaros,
 Que a triste humanidade assim deshonrão,
 Antes em maior numero se encontrem
 Compadecidas almas benfectoras
 Para arrimo da misera pobreza.

3 de Maio de 1819.

Ao Sr. Alexandre Maria de Mariz.

Estes humildea, mal limados versos,
 Que um simples conto sem bellezas d'arte
 Adornão parcamente em tosca Rima,
 Filhos do coração, e não do engenho,
 Caro Alexandre, amigo, eu t'os dedico,
 Como aquelle, que goza no meu peito
 Tão distincto lugar; se he tenue e fraco
 A limitada off'renda, tu perdoa:
 Que mais não pode dar quem he tão pobre,

Aos annos de S. Magestade.

SONETO

Neste brilhante, respeitavel Dia,
Em que o Ceo nos mandou penhor Sagrado
Da ventura maior, o Nosso Amado,
O Grande Filho da Immortal Maria:

Hoje, que os povos em fiel porfia
O entusiasmo de seu peito honrado
Tem sempre ao Mundo attonito mostrado,
Trasbordando em seus rostos a alegria:

Dignai-Vos de aceitar, oh Rei Potente,
Sinceros votos, que n'um peito puro
Nascidos são do amor mais reverente:

E quantas sobre o estavel, e seguro
Throno, Graças fazeis á Lusa gente,
Tantos annos contets para o futuro.

13 de Maio de 1819.

A despedida de meu Mano.

SONETO

Campos do Rio Verde, eu vos entrego
Metade d'alma n'um irmão querido,
Que das enfermidades opprimido
Busca em vós, refrigerio, paz, socego.

Se a merecer-vos tanto, oh Campos, chogo,
Que em breve á patria são seja volvido,
Quanto em mim cabe, terno, agradecido
Sereis da minha rima o doce emprego:

Dai-lhe, dai-lhe a mais prospera saude,
Os males, que lhe fez a patria ingrata
Vossa benefica influencia mude:

E eu vejo a Fama, que em clarim de prata
Da vossa salutifera virtude
A nova ospalha bemfazeja, e grata.

29 de Junho de 1819.

A' despedida do Machado.

SONETO

Quando, Machado meu, quando chegares
A ver as fertéis margens do Mondego,
Não te esqueças nos braços do socoço
Do amigo, que deixaste á quem dos mares.

E ahí, quando solicito buscares
Os d'antiga Amizade amado emprego,
Dize, que as faces com meu pranto régo
Chcio de saudosísimos pezares:

Que o Patrio Rio pela ausencia dura
Chorando os filhos seus, que amava tanto,
Com triste, e desusado som murmura;

Se querem ver cessar tão largo pranto,
Que ao torno Amigo escrevão, que assegura
Dar as novas ao Rio em Delio Canto.

30 de Junho de 1879.

A' despedida do Machado.

EPISTOLA

Assim, caro Machado, assim me deixas,
Assim deixas a Patria tão querida,
Os amigos fiéis, os bons Parentes,
E outros demandas arredados climas,
Sem temeres os mares procellosos,
Nem do Pirata cubigoso a furia?
E que póde obrigar-te a tanto excesso?
Acaso a sede d'ouro, que devora
Humanos corações, no teu se abriga,
E deixando os nataes, saudosos lares,
E a mãe chorando os olhos apertando
Com o lenço ensopado em quente pranto
Buscas a feliz terra, em cujo seio
Brotou a Natureza as ricas minas
Dos luzentes metaes, que o Mundo adora?
Ou do Commercio os lucros trabalhosos
Te conduzem alem passando os mares?
Carregando ao Navio o largo bojo
Das varias produções da patria nossa?
Mas não... outro motivo a nós te rouba,
Das Sciencias o amor he quem te guia

A' famosa Coimbra, onde quizerão
 As nove Irmãs fazer sua morada,
 A' Lusa Athenas, onde sabios Mestres
 Da sisuda equidade as leis explicão,
 D'Astrea na balança ali se aprende
 Apezar dos mortaes virtude, e crimes,
 Ali as salutiferas doutrinas
 Vais attento escutar, de que pendentes
 Estão os nossos bens, e as nossas vidas:
 Na carreira escabrosa, mas brilhante
 Entra, Amigo, nem tímido vacilles,
 Que a gloria sem fadigas não se alcança.
 Vai, vai, Machado meu, que goza embora
 Pella ausencia cruel o terno Amigo,
 Embora os dias dilatados passe
 No horror da melancolica tristeza,
 Sem ter com quem reparta os duros males,
 Que o seu turbado coração lh'ancelão.
 Quantas vezes, julgando ver-te ainda,
 Na viva phantasia irei pintando
 Os gostosos momentos, que passava
 Junto, junto de ti, querido Amigo;
 E conhecendo então, que estou tão longe
 Do meu Machado, lançarei do peito
 Mil suspiros, mil lagrimas dos olhos.
 Mas nada te demore: nem te lembrem
 As saudades terrissimas, que deixas
 A' querida familia, nem te assustem
 Os perigos do mar, do vento a furia.
 Ondas não vos ireis encapelladas
 Contra o fragil baixel, que em si me leva
 O meu Amigo: tormentosos ventos,
 Fugi, não levanteis os grossos mares:
 Zephiro apenas, ou Favento amigo
 Enfune brandamente as pandas velas,
 Até que vá surgir o curvo lenho
 Da Gram Lisboa no famoso porto.
 Em pisando de Luso os cultos lars,
 O esplendor magestoso não l'offusque
 Dos erguidos Patacios, onde brilha
 O gosto, a polidez, e a mão do Mestre.
 Nas Quintas, onde Flora, onde Pomona
 Dos mais bellos adornos se atavião,
 Nos braços dos prazeros encantados
 Não te esqueças do Amigo, que cá deixas,
 Não te esqueças do amor, que nos ligára
 No Patrio Rio, que de ti saudoso
 Tambem do caro filho a ausencia chora.
 E ahí quando soltar ao vento as velas
 Esperado baixel, elle me traga

De novas tuas Carta mensageira,
 Novas, que de prazer enchão minh'alma.
 Vemhão depois amiludadas vezes
 Servir de doce allivio as lettras tuas
 A' pungente saudade, em quanto longe
 Vives do caro Amigo, em quanto a roda,
 Que os annos leva na veloz carreira
 Te não torna outra vez aos patrios lares
 De lolros immortaes cingida a fronte.

7 de Julho de 1879.

Ao Sr. Lourenço José Ribeiro.

EPISTOLA

Se nessa Scientifica Cidade
 Tão cara de Minerva aos doutos filhos
 Pódes toscas soffrer, incultas phrazes:
 Se entre os novos Amigos não te esquece
 Aquelle que no Rio aqui deixaste:
 Ouve, caro Lourenço, as debeis vozes,
 Que de um peito saudoso são nascidas;
 Deste peito onde occulta sympathia
 Mal te vi, fez nascer o amor mais terno.
 Tua modestia, e merito excellente
 Minha Amizade mais accrescentarão,
 E se seus laços estreitar não pude
 Só tua pronta ausencia foi culpada.
 Ah quanto me custaste ausencia dura!
 Quanto da despedida oh triste abraço.
 A expressão me faltou, faltarão termos
 Com que mostrar podesse a pena minha,
 Frieza parecendo o que era extremo
 De puro affecto, de Amizade pura.
 Mas baste já de choro, que não devo.
 Quando a fortuna d'escrever-te alcanço
 De lagrimas turba-la, e d'amargura.
 O fido Achaes meu, por quem te envio
 Esta Carta, melhor pintar-te pôde
 Quaes sejam da minha alma os sentimentos
 E em quanto por seu meio não rocebo
 (Doce allivio na dor, que me magôa)
 Ou lettras, ou fleis noticias tuas,
 Sirva de lenitivo a meus pezares
 Lembrar-me o quanto viverás contente,
 Dos amigos na amavel companhia,
 Dos amigos por quem conservo ainda
 A mais justa saudade, a dor mais justa,

E por quem tão sentido o nosso Rio.
 Com triste, e desusado som murmura,
 Do meu Barreto perspicaz, e alegre,
 Do meu Teixeira, do Monteiro amante;
 E do caro Luiz sincero, e doce.
 Feliz, feliz o tempo, em que eu podia
 Passar alegromente as breves horas.
 Na sua companhia affavel, branda;
 Ora esnutando os prazanteiros Contos,
 Ora no jogo dos picantes dictos
 Adubados do sol, que tanto agrada:
 Porém (e val-de choro a carta toda)
 Porém se tanto bem gozar não posso
 Peço-te, Amigo, que a escrever-me os mova
 Já que tanto os amei, que firme espero
 Vê-los todos, um dia, aqui na Pátria,
 (Chetos de gloria, e Bachareis formados).
 E as novas suas dando ao nosso Rio
 Então verel cessar seu largo pranto,
 E serão lenitivo as letras caras
 Da pungente saudade, e dor tirana,
 Que o peito, ha tanto já, me martirisão.
 Tu tambem, caro Amigo, nunca risques
 Teu Evaristo da lembrança tua:
 Paga amor com amor, lei doce, e justa.
 E se ouvir-te não posso, escreve ao menos

30 de Julho de 1819.

SONETO

Amavel Nise, as Graças te formarão,
 E quando tão gentil depois te virão
 A Venus, que as chamava, as tres fugirão
 E no teu niveo seio se occultarão.

Mal os ternos Amores te avistarão,
 De tão Divina perfeição se admirão,
 E ind'hoje em torno de teu rosto girão
 Esquecidos de Chypre, que deixarão.

As Graças acolhidas com brandura
 Forão continuamente prosperando
 No bello rosto, na gentil figura;

Mas os Amores, (entre os quaes chorando
 Anda tambem o meu) a má ventura
 Vai seus misereros dias acabando.

1 de Agosto de 1819.

SONETO

Nise amada, não são teus olhos bellos,
Onde Amor, e as decentes Graças morão,
Quem minha alma rendeo; nem também forão
Teus ondados, finissimos cabellos,

A boca, os rubros labios, que de vé-los,
Os corações mais livres se enamoram,
Os meus puros affectos não penhorão,
Nem o motivo são dos meus deavellos,

Outra me captivou melhor belleza,
Do que essas, que consome o Tempo irado,
Meiga virtude, Angelica pureza:

Setta, que tem meu coração passado,
Sem que servir pudesse de defeza
Um peito já ferido, e catejado.

24 de Setembro de 1819.

A' vinda dos Suissos.

SONETO

Esse palz, que agreste, e sem cultura
Habitavão ferozes moradores,
Nem regavão fructiferos suorés,
Do Lavrador, que ajuda a Mãe Natura:

Hoje, graças á prospera ventura,
Que elevando-o já vai aos grãos maiores,
Espera ver vestida de aureas cores
Florecer no seu seio a Agricultura.

Da singela Nação, que ifelvacia habita,
Colonia a nossos climas transportada
A Industria Nacional soccorre, e excita:

Graças rende ao Ministro, oh Patria amada,
Ao Ministro, que ao Rei benigno imita
El a quem dadiva debes tão prezada.

5 de Novembro de 1819.

Ao mesmo assumpto.

SONETO

O Brasil, que antes rude, e sem cultura
Da Industria os ricos dons não conhecia:
Onde, ha já tanto estúpida jazia
Nos braços da Indolencia a Mãe Natura:

Hoje a Sorte mais prospera lh'augura
O Grande Portugal, que o Ceo lh'envia
A cuja aceno lá na Helvecia fria
Corre um povo, e nos traz a Agricultura.

Feliz Brasil, que tantos bens teu solo
Enriquecido tem, e que inda esperas
Ve-lo de muitos mais ufano, e cheio!

Tu, sempre grato, nas futuras cras
Berndirás da abundancia, e paz em meio
A-bemfazeja mão, que já venéras,

11 de Novembro de 1819.

SONETO

Eu zombava de Amor: o Deos frecheiro
Já para mim perdera a valentia,
Das settas, do carcaz folgava, e ria,
De cobarde o tratava, e de embusteiro.

Mas Amor que he rapaz fino, e matreiro,
E que em dezejos de vingar-se ardia
Mostra-me os olhos da formosa Ullia,
E com elles me torna ao captiveiro.

Eis-me aqui outra vez atado e prezo
Aos peizados grilhões do máo Tirano,
N'um ardente desejo o peito acceso.

Quiz inda Amor, para aggravar meu damno,
E fazer dos grilhões mais duro o peso
Que tenha Ullia hu' peito deshumano.

16 de Março de 1820.

POR ORDEM PATERNA

PENSAMENTO DADO

De tres maneiras largo bem se alcança
Por fraude, economia, ou por herança.

Quem riquezas possas sem ter herdado
Ou com fraude as ganhou, ou tem poupado.

Bast, que vás farto, opulento, e rico,
Ou larga herança o fez sem custo, e lida,
Ou tem mil fraudes praticado talco,
Ou soube governar poupado a vida.

Fortuna aos homens os seus bens envia
Por fraude, herança, ou por economia.

O Rico, a quem larga herança
Não deixou grossa quantia,
Ou com fraudes más a alcança,
Ou com sabia economia.

Março de 1820.

SONETO

Uilina, esses teus olhos engraçados,
Habitação dos trefegos amores,
Fazem nascer nos peitos amadores
Um numeroso enxame de cuidados.

Todos de teus dulcíssimos agrados
Esperão brando allivio em suas dores,
Se fizeszes sentir cruéis rigores,
Que seria de tantos desgraçados?

Mas alenta-os o modo meigo, e brando,
Que prende os corações tão docemente,
Todos n'um puro affecto transformando:

Dá-lhes vida esse docil, e excellente
Genio teu, que vai tudo sugestando
A' Lei universal de Amor Potente.

Abril de 1820.

Ao Thomaz.

EPISTOLA

Caro Thomaz, os versos, que me pedes,
 Humildes produções de hu' fraco engenho,
 Bem merecem fazer no rio escuro
 Do triste esquecimento sem que vejão
 Do dia a clara luz, e mais Amigo
 Em tão miserando estado os tristes vivem
 Com risos, e borrões, que nem podião
 Chegar em trajes tal ante os teus olhos,
 Mas quanto pôde a mísera vaidade
 De um Author, e Poeta por peccados,
 Excitada de algum ligeiro encomio
 Nascido só de pura cortesia?
 Alguns, que menos rabiscados tinha
 Ellos; as tuas mãos com ansia buscão,
 E vão fraquezas mil, e mil defeitos
 Mostrar no Tribunal do teu criterio:
 Da-lhes porém desculpa, como a filhos,
 De quem de Amigo teu merece o nome.
 Fico agora esperando a troco destas
 Meia duzia de linhas, (não daquellas,
 De que usão Costureiras, e Alfaiates),
 Mas sim de letra tua, e mais que seião
 Em verso, em verso sim; que inda que o negues
 Nesses teus olhos leio, que frequêças
 Das Musas o risonho, e Santo Albergue,
 E que as irmãs gentis de seus favores
 Contigo não se tem mostrada escassas.
 Nem te esquega tambem o tal caderno,
 A que deo ser a Satyra maligna
 Contra o pobre Reitor da Mana Chica
 E adcos, que nada mais tenho a dizer-te
 E não quero roubar-te inutilmente
 O tempo precioso: Adeus amigo!
 Deste, que de o ser teu se preza sempre.

E. F. da V.

Aos annos de El-Rei.

SONETO

Ante o Throno do Eterno; o Rei primeiro
Que os destínos regeo do Lusitano,
Submisso pede o auxilio Soberano
Em favor de João, o digno Herdeiro:

Senhor, elle lhe diz, se hu' povo inteiro
(O vosso povo Luso-Americano)
Livre quereis fazer de todo o danno
Sob hum Rei pío, amável, justiceiro;

Permitti que João (sua ventura)
Longo tempo os governe, e que este Dia
Mil vezes lhes off'reça a luz mais pura.

Aqui não mais Affonso prosegue;
Pois vê que já com mostras de brandura
Deos sobre a Terra os olhos seus volvia.

28 de Abril de 1820.

HYMNO A INNOCENCIA

1

Salve, filha do Eterno, oh Innocencia,
Que no berço do Mundo entre os humanos
Breve tiveste, fragil existencia
E que fugindo aos dannos
Do primeiro peccado, te acolheste
Para o Ceo, onde aos homens te escondeste.

2

Tu és mais pura, e virginal, mais bella
Que a Nuncia da mancha, risonha Aurora,
Quando, ornada de flores a capella
Já sahê do Ganges fóra,
E espalha pelas terras a alegria
Co' a doce nova do visinho dia.

3

Pelos hombros de neve, desparzidos
 Tens os negros cabellos sem adorno,
 Pudibundos, branquissimos veslidos
 Do airoso corpo em torno
 Recatados te cingem: luz brilhante
 Derramas do bellissimo semblante.

4

Das Celestes Virtudes te rodea
 O venerando Choro, e á imagem tua
 O vicio despejado, a Culpa fea
 Perturbado regna,
 E na confusa escuridão se embrenha
 Errigada de espanto a hirsuta grenha.

5

Salve Dea gentil, que sobre a terra
 Volves de pranto os olhos arrazados
 Vendo co' a vil intriga, e feroz guerra
 Os mortaes lacerados:
 Eis logo á meiga infancia a vista lanças,
 E com ternura nelles a descansas.

6

Ali c'o sopro da benigna boca
 Lhes bafejas o berço, ali lhes mandas
 Simples sorriso, que agradavel toca
 Materno peito, e brandas
 Sabe tornar fadiga, e magoas cruas,
 Tanto, oh Candura, o'alma te insinuas.

7

E's tu, que escondes roedor cuidado
 Aos feiticieiros olhos do innocente:
 Quando ás bordas do abysmo esbarrocado
 Dorme profundamente,
 Sem que tema o perigo; no teu seio
 Jaz sem pavor de segurança cheio.

Debalde ao cadafalso, curvo, oppresso
Sob o pezo dos ferros, o homem justo
Caminha: dos Tirannos sem successo

Contra o peito robusto
Se aguça a feridade: alegre, e forte
Vê-te a seu lado, e não receia a morte,

Tu és da santa Paz, da Graça pia
A mãe fecunda, carinhosa, e pura
Por ti sabe a dulcíssima ambrosia

A taça da amargura,
Ela recebe, oh Deusa este meu Hymno,
E o guarde e cerque o teu fulgor divino.

19 de Julho de 1820.

SONETO

Em quanto dormes de cuidado isenta
Nas bragoas do repouso e da alegria,
Sem que de Amor perturbe a Tyrannia
Esse teu coração com dor violenta.

Grato somno dos olhos meus se auzenta,
Que a paixão, que fervente est'alma cria,
M'o está roubando, e a cada passo impla
Mil confusas ideas me apresenta.

Porem dorma, cruel! Nem justo fôra
Padecesses por mim desgosto, ou pena;
Essas fiquem ao triste que te adora!

Antes Amor, que injusto me condemna,
O somno enfalte, que me rouba agora,
Dos lindos olhos teus a luz serena.

Outubro de 1820.

SONETO

Marília em premio da paixão mais pura,
Que do misero Alcino abraza o peito,
Contra o seu coração de amor desfeito
De rigores se armou tiranna, e dura.

Mesmo aos olhos do amante sem ventura,
Que tanto excesso vê tão pouco acceito
Com brando gesto, com risinho aspiello
A outro acolhe chela de brandura.

Alcino que fará em dor tão forte?
Desprezar a cruel? Não pode tanto;
Que Amor o não consente, nem a Sorte:

Envolto da Tristezza em negro manto
Esperará que venha a mão da Morte
Fixar seus dias, e seccar seu pranto.

Novembro de 1820.

DECIMAS

1.^a

Meu Bem, não sei a razão
Porque com tanto rigor
Deste seu Adorador
Trata a pura inclinação;
Se exige satisfação
De alguma offensa inorada
Ao reo seja declarada,
Pois de si mesmo affiança
Tomar tão dura vingança
Que se contente a aggravada.

2.^a

Eulina, feliz eu fôra
Se junto de ti vivesse,
Se as cadeias que Amor tece
Te unissem a quem te adora:
Mas a sorte que até gora
De perseguir-me não cansa
Roubou-me toda a esperança
Pelas mãos da crueldade;
Que nem ao menos piedade
De ti meu Amor alcança.

Novembro de 1820.

Um suave instincto obriga
Homens, e feras a amar,
Desta Lei nenhu vivente
Jamais se pôde isentar.

1.^a

Jôve quiz que em laço estreito
A terra toda se unisse,
E que no Mundo existisse
A um peito unido outro peito,
Eis por um suave effello
De beneficência amiga,
Nasce Amor, que prende e liga
Coração a coração,
E a querer bem desd'então
Um suave instincto obriga

2.^a

D'agos os peixes nadadores
Do ar as cantoras aves,
Os mesmos leões, suaves
Tem uns com outros amores,
Da dura guerra os furores
Só Amor pôde abrandar,
Quer na terra, quer no mar,
Ninguém a Amor se roubou,
Que a Natureza ensinou
Homens, e feras a amar.

3.^a

Só a tirana Belmira
Com deshumano rigor
Quer fugir á lei que Amor
Nas almas todas inspira?
Cupido as flechas atira,
Forc' este peito insolente,
Que assim zomba irreverente
De toda a potencia tua;
Fere; que não se exceptua
Desta Lei nenhu vivente.

4.^a

Lance mil artentes ais
Do fundo do coração,
Da mais fervida paixão
Dê manifestos signaes.
Então folgando os mortaes
Tou poder hão de adorar,
E essa ingrata confessar
Que á tua lei superior
Ninguém, oh Potente Amor,
Jamais se pôde isentar.

Novembro de 1820.

DECIMAS AO NATAL

1.^a

Já são chegados os dias
Em que santa devoção
Permitte a todo o Christão
Prazeres, riso, alegrias:
Pezares, melancolias
Fogem de nossas moradas,
Donde forão desterradas
D'ordem do presunto, e vinho:
Nem achão um só cantinho
Onde fiquem abrigadas.

2.^a

Aqui, e ali discorrendo,
Entrão no meu peito em flôr:
Triste, misero de mim,
Que agora as estou soffrendo;
Mas nesta desgraça entenda
Que quando a festa acabar,
Se hão de pronto retirar
Estas hospedas molestas,
Que tão inspidas festas
Me tem feito assim passar.

3.^a

Hoje pois, que a santa Igreja
Entre o numero infinito,
Que escapou ao Rei maldito
Tambem a mim me festeja:
Justo he que o ultimo seja
Da minha pena cruel,
E que á alegria fiel,
Que cuído deixei por cá
Torne a apparecer-me lá
Entre os livros, e o papel.

4.^a

Ho tambem costume antigo
Dar por festa algum presente,
Mas a mim o não consente
Da pobreza a Lei que sigo.
Trago he verdade comigo
Hoje aqui dinheiro grosso,
Mas talvez digais que he vosso;
Pois sabei, que receber
Dividas, se pôde ter
Por festas no tempo nosso.

27 de Dezembro de 1820.

Ao dia 26 de Fevereiro, em que se jurou a
Constituição.

SONETO

Nymphas do Patrio Rio, erguei de fóra
Das vitreas lapas a gentil cabeça:
Erguei-a sem temor; que hoje começa
Rafar da liberdade a rubra Aurora.

Em vão com cem cadeias até gora
Sob o pezo servil gemia oppressa,
Os grilhões rompe, ás armas s'arremessa
E o sagrado pendão triunfante arvora.

O clamor, que resoa em vossas grutas,
São desusados gritos d'alegria,
Que louco de prazer, oh Rio, escutas:

Banhem ondas de gosto neste Dia
Vossas faces de pranto nunca enchutas,
Que jaz por terra, e morta a Tyrania.

27 de Fevereiro de 1821.

Ao entusiasmo dos Habitantes da Freguezia
da Candelaria por occasião das Eleições.

SONETO

Ilustres Cidadãos, a vossa gloria
Irá sem mancha aos seculos viadoiros,
Jamais se murcham os virentes loiros,
O'roa da Musa, que preside á Historia.

Vossos nomes nos bronzes da Memoria
De fama alcançarão ricos Thezouros:
Não; arrostando os bellicos pelouros;
Mas conseguindo me paz melhor victoria.

He dos Tiranos o cruel flagello
Vivo zelo, que tanto em vós fulgura,
Enchendo de terror o torpe vicio:

Langal de magestosa Architectura
As bazes do magnifico Edificio,
Que a pronta queda ao Despotismo augura.

13 de Abril de 1821.

Ao entusiasmo desenvolvido na Procissão
do dia 13, em q' os Eleitores da Parochia da
Candelaria forão ao Te Deum á Freguezia.

ELOGIO

Que vejo! Donde nasce que em mil rostos
Resplandece o prazer: de que procedem
Os gritos, que resão? São votados
A' torpe adulação? Mas a meus olhos
D'ondoso Cortezão as aureas vestes
Soberbo insulto á publica miseria:
Não vem apresentar-se nem se avista
Pelos possantes Urcos arrastado
Na custosa Berlinda o filho inutil
Da prodiga Fortuna. Hum povo immenso
De Cidadãos, d'iguaes seus passos guia
Para o Templo sagrado, onde entre nuvens
De odorifico incenso aos Ceos levantem
Para o Supremo Ser cadentes Hymnos.

Estes Vivas, que escuto, a quem são dados?
Meu ouvido os estranha: e temo ainda...
Mas não mais temerei, que o santo fogo
Da patria liberdade esplende, e brilha

Em os olhos de todos: já preferem
 A' vil escravidão a propria morte.
 A's epochas antigas me remonto:
 Vejo em Roma, e na Grecia um povo cheio
 De heroico enthusiasmo, e não lh'o invejo.
 Americanas plagas, que até góra
 Terra de escravidão, tiraes do jugo
 Finalmente o pescoço; olhai ah quanto
 He bella a Liberdade. El-la trajando
 As roupas roçagantes calca, e piza
 Os indígnos grilhões, q' lhe prendião
 As mãos formosas, e sorrindo inclina
 Para nós o bellissimo semblante.
 Que já não vê de estupidos escravos
 A cofila servil, que attenta espreita
 De um Senhor, e de um Despota as vontades.
 Então cheia de horror ah nem ousava
 As vistas sobre nós lançar a furto:
 Gemia, vendo quanto os Portuguezes,
 Nação, brava nação, que sempre amára,
 De teu prisco esplendor tinham cahido.
 Hoje novo espectaculo consola
 O terno peito; agora que se lanção
 Por vossas mãos, por diligencia vossa.
 As bazes do magnifico Edificio,
 Que a pronta queda ao Desputismo augura.

Vêde a Patria a seu lado, e como exulta
 Nos doces braços seus, que já não teme
 Abraça-la, cingi-la estreitamente!
 Patria amada, inda vejo no teu rosto
 Os traços de tristissimas lembranças
 Dos dolorosos males, que soffrestes!

Proseguí, Cidadãos, na grande empreza
 Se quereis resurgir d'entre as ruinas
 O Reino Portuguez: tornar-lhe o brilho,
 Que tanto entre as Nações o distinguirá.
 Neptuno espera ainda ver seus campos
 Acurvados das Quinas sob o peso,
 Quinas, que ha tempo em vão procura,
 Os olhos, estendendo longamente
 Por seus vastos Estados, onde d'antes
 Ufanas florecavão sem recelo.

A Patria, he quem vos falla, ouvi-lhe as vozes
 Ouvi-lhe, e proseguí. Que nunca possa
 Interesse, ou temor jamais mover-vos
 Da linha do dever; que não pereça
 Em vós o Patrio amor, e sempre unido
 Ao doce amor da cara Liberdade.

Para o Timotheo apresentar em hu'a Sociedade no Campo.

SONETO

Amaveis Socios, que deixando agora
O turbilhão confuso da Cidade,
Vindez gozar nos braços da Amizade
Os prazeres, que o Campo nos melhora.

Com seus aromas a risonha Flora
Nos sentidos derrama a suavidade,
Em quanto Baccho a triste gravidade,
E os sinistros pezares lança fóra.

Amaveis Socios, ante vós volteão
Graças discretas, prazenteiro riso,
Que as almas delicadas saboreão.

Eu só, que tanto de favor preciso,
Trago, onde os outros de saber se arreão,
Hum rude engenho; mas o peito he liso.

9 de Maio de 1821.

Ao Timotheo — Enigma.

SONETO

Sou em toda a Cidade conhecido;
Mascate, entre os Mascates afamado;
Em varias condições, em vario estado
Por aqui, por ali tenho corrido.

Meu trato he gracioso, e divertido;
Sou por isso de muitos cubigado;
A's Sciencias Politicas mui dado,
Mil Jornaes, mil Gazetas tenho lido.

De fallar jamais tive ou pejo, ou medo
E sem que frequentasse nunca estudo,
De semisabio os gestos arremedo.

Passo entre os Idiotas por agudo...
Em fim sou... (mas que fique isto em segredo)
Sou o Timotheo, e tenho dito tudo.

9 de Maio de 1821.

Aos çapatos do Ignacio, quando elle se calçou.

QUADRAS

1
Quando quiz o nosso Ignacio
Pôr-se á moda, e de çapatos,
Desde logo se aprontarão
Mil pelles de Cães, e Gatos.

2
Despejou a sola toda
O Mendes da loja sua,
Alastrando em comprimento
A larga parte da rua.

3
Aqui lá que forão canas
Para obra preparar;
Que uma casa acomodada
Foi difficil encontrar.

4
Mas seja assim, ou assado
O Meço os çapatos quer,
E com toda a prontidão
Forão mandados fazer.

5
O Senado, a cuja custa
Sempre até-gora calçou
Para a obra dos çapatos
Com obreiros apenas.

6
Finalmente coisa rara!
Os çapatos se fizeram,
E na rua em pés mettidos
Frontalmente apparecerão.

7
Então passados d'espanto
Capadócios de feição
Contão-se ter exclamado
Com grande admiração:

8
O nosso Ignacio de Brito
Calçou por fugir da lama,
Em um pé a Nau Rainha
E n'outro a Vasco da Gama.

13 de Junho de 1822.

Queixas de um Fidalgo velho contra as novas
Idéas, principalmente a respeito da Nobreza.

SONETO

Não tem duvida, o Mundo está mudado!
Ah meu tempo, ah meu tempo! em que se via
Temida, respeitada a Fidalguia,
Conhecendo os plebeos o seu estado.

Então qualquer Fidalgo era tratado
Com respeito, com summa cortezia,
Hoje a moderna, vã Philofofia
Tem nobres e peões emparelhado.

Diz que somos ignacs! Que só me dera
Distinções a virtude propria minha!
Que a nobreza do sangue isso he quimera!

Ver então como péga a seftazinha
Nos nossos Sabichões! mas que se espera,
Se elles têm nestes livros de fitinha!

13 de Junho de 1822.

A' primeira reunião da Junta Provisoria.

ODE

De bronzeada côr, viril aspecto,
Cingido em roda de gemmadas plumas,
Na mão a eburnea lua, e preenhe a aljava

Das empenhadas settas:

Quem he este Mancebo, que a meus olhos
Com magestoso garbo se apresenta,
Cortando co'as serenas brancas asas

A região dos ventos?

Genio de Nietheroy! E's tu, que sempre
Velaste enludado em nossos climas,
Sobre nós com mão prodiga entornando

Os Rios da Opulencia?

Tu és, que tanto tempo nestes lares
Reinar fizeste o placido Socego,
Em quanto entre as Políticas tormentas

O mundo soçobrava!

Enlão dize-me, ah! como t'esqueceste
De teus miseros filhos, que reclamão
Com pranto inutil, com ferventes preces

Os bens que já gozárão?

Vê, que horrendos esculhos nos rodeão!

Que terriveis perigos ameaça

A pendente procella, que rebrama

Sobre as nossas cabeças!

Crebro reluz o aciculado ferro

Nas mãos hostis da bellica phalange

Aonde, aonde estão os Inimigos?

Só Cidadãos eu vejo!

O Nomen do Commercio, a quem cobrião

Longas asas da Paz, cheio de susto

Voa, foge de nós: voão com elle

A abundancia, as riquezas,

Genio de Nietheroy, tu sempre amaste

Os puros dons da publica concordia,

E os apparatus de mavorcias lides

Te horrorisárão sempre.

De nós remove os palidos temores,

E espectros de suspeitas que esvoação

Ante a nossa presença, e que intimidão

Os incolas tranquillos:

Outra vez nos conduz a Paz doirada,

Da alegria, e prazeres Mãi fecunda:

Tornem com ella os do reponso antigo

Inseparaveis socios.

"Nada recetes, me responde o Nume;

"He neste dia de feliz memoria

"Que vai mostrar-vos da Bonança o Iris
 "O favoravel rosto.
 Então dos hombros estendendo as asas,
 Rapido voa pelo ar vasio,
 Já no Horisonte de listradas cores
 Fulge o arco brilhante.

20 de Junho de 1827.

A COBRA E A LIMA

FABULA DE FIEDRO

Huma cobra na forja de hu' ferreiro
 Acaso entrou n'hu' dia de Janeiro,
 Acossada da fome, e dos rigores
 Que o frio traz do Arturo aos moradores.
 Ali topando logo e' uma lima
 Julgando-a boa presa folga e estima.
 E c'os dentes no ferro pertendia.
 Ver se á pura dentada o desfazia.
 A lima então de seu furor zombando,
 Assim lhe falta: "amiga, vá-se andando,
 Que aqui por mais esforços que fizer,
 Não ha-de achar por certo que roer.

26 de Junho de 1827.

A minha Vida Escholastica.

SONETO

Poucos menos de lustros tres contava,
 Quando sob a severa disciplina,
 Entre a turba escholastico-Latina
 Novigo combatente me alistava.

Em tres annos um pouco gaguejava.
 Nos authores da lingua Peregrina;
 Então passando a mais subtil doutrina
 Na Oratoria palestra florea.

Em fim, deixando o meu Quintiliano
 Já na cabeça o Genueense encaixo
 Tanto aqui, como ali gastando um annò.

Andei mais dois ao cheiro do despacho,
 Sem conseguir se quer um desengano;
 E assim vão vinte e hum pela agoa abaixo!

3 de Julho de 1827.

A's Musas

SONETO

Salve, Nymphas do Pindo, Irmãos formosas,
Que desd'essa remota antiguidade,
Os encantos guardais da fresca idade,
E dos rostos gentis as virgens rosas:

Salve, oh Nymphas, por quem lida famosas,
Escapando á esquecida cseuridade,
Vivem na fama, existem na saudade
De Heroes mil as memorias gloriosas.

He vosso trato lenitivo brando
Contra os da sorte barbaros rigores,
Cujas iras vós hides amansando:

Por vós despreza o Sabio os vãos furores
Da magra Inveja, e Fado miserando;
Tanto podeis nos vossos amadores!

4 de Julho de 1826.

BILHETE EM VERSO AO THOMAZ

Bonjour Mr. Thomaz, comment se porte:
Je suis ravi de voir que o seu visage
Dá de bonne santé toda a apparencia:
Moi pour votre service; aqui lhe trago
Mon paquet poetique, que he composto,
D'un rang, ou rango de versinhos soltos,
E d'un Ode; oh que Ode! coisa boa!
Quatorze estrophes tem todas inteiras,
Sem que lhe falte ao menos um só versu:
As sillabas tambem (ou je me trompe)
Não tem falta nenhuma, nem sobejo;
Conte-as duas vezes pelos dedos,
Duas vezes me deo a conta certa.
Não arrepare nesta Francezia,
Que c'est l'uzage cá da nova escola,
Que se moquant do rango dos antigos,
Já banirão das suas livrarias
Andrade, Coito, Barros, e Lucena,
Que scrião peut être bons Authores,
Se soubessem Francez; se quer dois dedos;
Mas assim fazem dô. Je vous demande
Pardon da secatura; e como finda
Aqui o meu papel, tambem eu findo.

6 de Julho de 1827.

A' sahida do Villela para Coimbra.

ESTANCIAS

1

Villela amigo, quando a Patria deixas
Entre as lagrimas doces da saudade,
He justo que em sentidas, mestas queixas
Desafogue a ternissima Amizade.

2

De nossos olhos corra o pranto em fio,
Que um dos dilectos filhos, que presava,
Vai perder, triste ausencia! o nosso Rio,
Que delle a si mil glorias agoirava.

3

As Musas Plumienses, que os formosos
Ramos cortavão por c'roar-lu a frente,
Já pela terra os lanção, e os minimos
Semblantes banhão com seu pranto ardente.

4

Dos amigos a magoa não se pinta,
Porque para a traçar com vivas cores
São fracos os pinceis, he fraca a tinta,
Vão o talento dos sublis Pintores...

5

Mas de que serve neste caso o pranto,
Se para maior gloria nossa, e sua,
Deve este amigo, que choramos tanto
Routar-se á nossa dor, e pena crua?

6

Se elle, passando os tormentosos mares,
A fonte busca rica em sãs doutrinas,
D'onde venha aditar os Patrios lares
Co'as proficuas sciencias peregrinas?

7

Já do Mondego as Náyades te esperão,
 Fora da água as cabeças levantando,
 Que do Tio, a quem tanto bem quizerão,
 Inda a doce memória está lembrando.

8

O lastimozo choro assim troquemos
 Em vivas preces, em ferventes votos,
 Com que a furia das ondas abrandemos,
 E o rude impulso dos bramantes Notos.

9

O mar em crespas serras todo erguido
 Não quebrando com raiva o fragil lenho.
 Antes Neptuno do furor despido
 Amavel desenrugue o sobreceinho.

10

Sópie somente Zephíro ligeiro,
 Que a Nau ás Lasas plagas vá levando,
 Onde os poucos do povo Brasileiro
 'Stão o Patricio ha muito desejando.

11

Lá nunca da tirana Enfermidade
 A dura mão teu debil corpo offenda:
 Cruel! que tantos sustos á Amisade
 Tem já causado co'a presença horrenda.

12

Então ganhando cada vez mais gloria,
 Honra serás da Patria appetecida,
 E bemquisto das filhas da Memoria
 Dellas receberás eterna vida.

Tendo alguns Estudantes de Filosofia tomado os nomes de varios Philosophos da Grecia.

SONETO

Philosophos illustres: povo honrado,
Que os prazeres da amavel companhia
Entre os doces pasteis, e a gritaria
Neste nosso Licco tendes gozado:

Vós, que he certo, não tendes folheado
Da Grecia antiga os livros noite e dia,
Mas ao menos com alta fantasia
Dos authores o nome haveis tomado.

Pois sabej que em vingança a turba Grega
Se prepara no fundo dos abysmos
Para vos atacar com furia cega:

Vede que nuvem negra de Aphorismos
Já contra vós intrepida se chega!
Ide: ás armas correi dos Sillogismos!

18 de julho de 1821.

Ao SONETO antecedente respondeo Anaxarco
(o Sequeira) com outro, em que desafiava a todos
os Philosophos &c.

EPISTOLA

Caro Anaxarco meu, que audacia he esta?
Que intrepido valor, de que blasonas?
Inda o não posso crer! Tu não recelas
De mil Cegos Philosophos a furia!
Tu, que na Philosophica palestra
Entrando apenas, mal firmar devias
Os vacillantes pés na fôta area?
Como assim, rude Athleteta, ungido o corpo
Da lustrosa azeitona, os braços mostras
Musculosos, e prontos á peleija?
Ou da Joven idade o fogo ardente
Pelas velas te corre, e á mento esconde
O proximo perigo, que recresce.
Ou... e he natural seja o mais certo
Te entrou o máo espirito no corpo;

Nesse caso tens facil o remedio,
 Que o nosso grande P.^o Quintanilha
 Philosopho, Theologo profundo,
 Tomando n'uma mão o bento Hissope,
 Tres vezes aspergindo-te com elle,
 Te dará pronta cura a mal tamanho.
 Mas se não fôr assim lembre-te, amigo,
 (E he muito de prezar-se um sã conselho)
 Que prudencia he melhor que a força rude,
 E quem foge do mal segue a virtude.

22 de Julho de 1821.

A uns versos do Thomaz á separação de uma
 filha da companhia de sua mãe.

Quando nesse tirano apartamento
 Terno descreves, pintas com viveza,
 Da meiga filha o barbaro tormento,
 Geme o amigo á mesma Natureza.

20 de Julho de 1821.

SONETO

Brando sexo aos amores consagrados,
 Obra prima das mãos da Natureza,
 Que aos attractivos da gentil Belleza,
 Os encantos unis de um doce agrado,

Vós que sem duro ferro haveis domado
 Dos corações mais brutos, a fereza,
 Que fazeis conhecer paixões, fraqueza,
 Ao mesmo Sabio de Stoicismo armado,

Vós, que a mansão ferrena adornais tanto,
 Lindas filhas dos candidos amores,
 Da humana especie fellicelro encanto:

A Sorte manda: oh barbaros rigores!
 Vós sois funesta causa de meu pranto;
 O motivo cruel de minhas dores,

23 de Julho de 1821.

Aos Portuguezes.

MOTTE

Portuguezes são sempre Portuguezes.

SONETO

Nesse famoso campo, onde primeiro
A Lusa gloria scintillou brilhante;
Um povo livre, um povo triunfante
Affonso acclama intrepido, e guerreiro:

Quer em vão sugelta-os o Estrangeiro;
Que da Patria em ruinas expirante
Confia o Luso o sceptro rutilante
Ao nativo João brioso, e inteiro.

Ah quantos na remota antiguidade
Exemplos deste, ah quantas vezes
De ardente amor da Patria liberdade!

Mas de antigas proezas não te prezes,
Ellas revivem já na nossa idade!
Portuguezes são sempre Portuguezes!

27 de Julho de 1821.

A' Amizade.

SONETO

Perdendo pela sua iniquidade
Da primeira innocencia o dom Divino,
O homem sobre a terra peregrino
Sem leis vivia já, sem sociedade:

Gemia em luto a pobre Humanidade
Sob influxo de barbaro Destino,
Eis desce ao Mundo malfazejo, indino,
Filha dos Ceos, a candida Amizade

Ella soube ameigar no peito humano
No centro da desgraça a magoa dura
Agro desgosto, desprazer tirano:

Provou o Amigo a taça da amargura
Destinada do Amigo em triste damno,
E o veneno adoeceu da Desventura.

31 de Julho de 1821.

A' Melancolia.

ESTANCIAS

1.ª

Da fusca região do escuro Averno,
A turbar a dulcíssima alegria,
De innocentes prazeres, veio ao Mundo
O monstro da fatal Melancolia.

2.ª

No seu mirrado, macilento rosto
O pezar, que a devora, está pintado,
Sobre a terra os chorosos olhos fita,
E a cabeça lhe pende para o lado:

3.ª

Immundos trapos d'idiôntos aspecto
São do longo esqueleto a vestidura,
Inficiona o ar, por onde passa,
Fetida exalação da roupa impura.

4.ª

Tristes fantasmas, pallidas figuras
De face carcomida, e negras cores,
Seguem a Fúria, e marchão junto della
Perturbados Receios, vãos temores.

5.ª

Os graciosos rixos espantados
Da vista de tão fúnebres semblantes,
As asas despregando, pressurosos
Fogem do rosto, onde habitavão antes.

6.ª

Nos corações a barbara derrama
Funesto influxo de Lethal veneno,
Espremido das plantas empestadas
Que do Inferno vegetão no terreno.

7.^a

Ali miserando o peito, onde lançado
Foi o suco infernal, que ali se entranha!
A furia nelle ceva sem piedade
A insaciavel fome, e horrivel sanha.

8.^a

O tormento de Ticio fabuloso
A que as entranhas coe eterno abutro,
Não, não era em verdade mais pungente
Que nas almas o horror que o Monstro nutre.

9.^a

Ella cruel despotica domina
Com sceptro iniquo de implacavel mando,
E do gosto ás imagens aprasiveis
A difficil entrada está vedando.

10.^a

Em vão perliende o triste, em vão se esforça
Por quebrantar o duro captiveiro
Em vão recorre ao hamfazejo auxillio
Da leitura, do trato prasenteiro:

11.^a

Se alguns tenues, entristissimos momentos
Já debellada a perfida parece
Com mais azeia, e furor, com forças novas
Outra vez contra o misero recresce.

12.^a

Mesmo agora me dêa de repouso
Um breve instante ao coração afflicto,
Um breve instante! Oh Ceos! ei-la que torna,
Torna outra vez ao seu poder maldito!

Enviado ao Siqueira, Estudante de Philoſophia,
em reſposta a outro, em que contava a Historia
de Cupido.

SONETO

Enganaſte, Siqueira, o tal Cupido,
Filho do Padre Jove Soberano,
Qu da formoza Eſpoſa de Vulcano
A' cuſta da cabeça do Marido:

Porto que em Paphos, Amathunta, e Gnido
Com rito, e culto barbaro, e profano
Incenſos lhe offertasse eſtulto humano
Um Numen foi phantaſtico, e fingido.

Amor existe, porem como, e onde?
Não he poſſivel aos humanos vê-lo,
Que o saltador nos corações ſe esconde.

Pintarão-o os Poetas meigo, e bello
Porem elle ao retrato não reſponde,
E infeliz do quem chega a conhece-lo.

17 de Agosto de 1821.

Ao Soberano Congresso Nacional.

SONETO

Oh digna escolha da Nação preclara,
Que pelos Mundos dois ſeu nome eſtende,
De quem Europa com eſpanto aprende
Quanto amar deve a Liberdade cara:

Vós, cujo alto ſaber, prudencia rara
Do povo aos males de continuo attende;
Vós, cujo zelo os loros nos defende,
E o grande Codigo á Nação prepara:

Honra, gloria da gente Portuguesa,
Sublimes Pais do Luſitano eſtado
Da Patria propugnaculo, e defeza:

Olhai, vede, oh magnanimo Senado,
Como tem sobre vós na immenſa empreza
Os olhos o Universo inda aſſombrado.

21 de Agosto de 1821.

Ao Sr. Manoel Fernandes Thomaz.

SONETO

Filhos, meus caros filhos, Lísia afflicta
 Com lastimosos ais assim clamava:
 Gemo em cadeas vossa Mãe escrava,
 E não tem quem lhe valha em tal desdita!

A' sua voz um coração se agita,
 Coração Portuguez, que inda restava,
 Elle desperta da preguiça ignava
 Mil fiéis Cidadãos, elle os excita:

Ah quantos e gravissimos perigos
 Não correo pela Patria sem recelo,
 Quasi entre as garras já dos inimigos!

Ergue-te, oh Lísia, o filho do teu selo
 Colloca a par de teus Heroes antigos,
 E fique de seu nome o Mundo cheio!

23 de Agosto de 1821.

A' gloriosa Regeneração Nacional.

SONETO

De Lísia o Genio em gloria assignalado,
 Vencedor de mil bellicas phalanges,
 Senhor de quanto largamente abranges,
 Oh vastissimo Atlantico afamado:

E inda das verdes palmas adornado,
 Que junto ás marges do espantoso Ganges,
 Entre nuvens de veltaa, e de alfanges
 Co'a triunfante mão tinha cortado:

Ora em lethargo estúpido jazia,
 Seus roxeados pulsos apertando
 Vergonhosos grilhões da Tirania!

Acordou finalmente e já mostrando
 Quebradas as prisões, os Lusos guia
 Da Liberdade ao Templo venerando.

1 de Setembro de 1821.

A' entrada de S. Magestade nas Cortes, e
Juramento ali prestado.

SONETO

Com rosto atriavel, gesto praseteiro
Lá vai das Côrtes no Salão entrando,
Do Luso Estado o Chefe Venerando
Dos Cidadãos o Cidadão primeiro:

Herões! grande Thomaz, grande Carneiro:
Nomes que vai a Fama eternizando!
Caminhão junto della, e resuando
Acclamações estão de um povo inteiro.

Sobre o livro da lei fiel thesouro
O Rei jurou sagrado cumprimento
Ao voto universal; oh fausto agoiro!

E já cortando as regiões do Vento
O Genio da Nação nas asas d'ouro
Leva aos Céos o solenne juramento.

20 de Setembro de 1821.

Ao Brasil.

SONETO

Minha Patria, oh Brasil! tua grandeza
Por legoas mil Immensa se dilata
Do Amasonas caudoso ao rico Prata,
Os dois irmãos sem par na redondeza:

Das tuas serranias na aspereza,
Na fechada extensão da intensa mata,
No solo prenhe d'ouro se recata
Tosca sim, mas sublime a Natureza:

Da antiga Europa os dons em ti derrama
Junto dos mares a civil cultura,
Que das artes, e Industria os fructos ama:

De tens filhos o amor mil bens te augura,
E aos lares teus a Liberdade chama:
Não: não tens que invejar maior ventura.

17 de Outubro de 1821.

A' Liberdade.

ESTANCIAS

1.º

Em vão continuo por erguer forceja
 A atroz cabeça o Despotismo horrendo,
 Na furiosa, barbara peleja
 O corpo pela terra revolvendo,
 Que a Liberdade co'a terrível plaula
 Firme lhe calca a horrida garganta.

2.ª

Nympha gentil! a sua formosura
 De estranhos atavios não se arrêa,
 O fulgente esplendor da face pura
 Logo as almas cativas, e senhorca,
 No porte seu a Magestade brilha,
 Que a soberba dos Satrapas humilha.

3.ª

As soltas roupas que dos hombros descem
 Mais brancas, do que a neve crystallna,
 Dos membros nunca o movimento empecem,
 Nem do corpo a presteza peregrina:
 Em sua mão; terror da grey malvada
 Reinz tremenda a vingadora espada.

4.ª

Vê-a a belingue, perfida cohorte,
 E a salvação já busca na fugida,
 Julgando achar a cada passo a morte,
 Ou dos crimes a pena merecida:
 E lnda o pavido medo não minóra
 Dentro da escuridade protectora.

5.ª

Que grandes feitos, assombroso espanto.
Do attonito Universo a Deoza inspira!
Dos corações magnanimos encanto,
Ella os accende em formidavel ira,
Quando infames grilhões lançar-lhe intenta
Soberbo Orgulho, ou Ambição sedenta.

6.ª

As planicies enchendo, enchendo os montes
Já no Peloponesso se avizinha
A mullidão, que encobre os Horizontes:
Xerxes á sua frente, Xerxes viuha,
A quem lembrar não pôde que se opponha
O valor Grego a força tão medonha.

7.ª

Barbaro! que não sabe quaes perigos
Anduz arrosta um peito generoso!
Só trezentos da gloria, e Patria amigos
Fazem tremer o Persa presumpçoso,
Carras vendendo as denotadas vidas
Ao exemplo do bravo Leonidas.

8.ª

Então a Grecia, abandonando os lares,
Para fugir da escravidão nefanda
Vão tentar a fortuna sobre os mares:
De Salamina a fama veneranda
Dura inda hoje com pregão seguro,
Atravessando as sombras do futuro.

9.ª

Porém acaso irai da Arghiva Historia
Reverter a esquecida antiguidade?
Lisia, Lisia, também de immensa gloria
Se cobrio, defendendo a Liberdade:
O valoroso Castelhana o diga,
E do filho de Agar a gente imiga.

10.ª

Portugal das fações infeliz preza
 Via as hostes innumeras Hispanas
 Talar seus lindos campos sem defeza:
 As Quinas de victorias sempre ufanas
 Ante os Leões já tímidas fugião,
 E cortadas de medo se escondião.

11.ª

Eis que da Liberdade a voz as chama
 E, o valente João á testa sua,
 Pelos poucos soldados se derrama
 Desprezo vencedor da morte tana:
 No inimigo sangue o Luso a espada embota
 Nos campos da famosa Aljubarrota.

12.ª

Aos olhos meus que secha variada
 De brilhantes triunfos não offerace
 O nome Lusitano! ali armada
 A Nympha nos combates apparece...
 Sempre porém guerreira, has de mostrar-te
 Entre os horrores do irascivel Marte?

13.ª

Não; que já vejo resurgir do Doiro,
 Plutada a paz no seu gentil semblante,
 Aos turbados humanos fausto agouro
 Toda formosa a Deoza, e fulgurante:
 O Tejo corre rapido a encontrá-la;
 Que em sollicito zelo o Doiro iguala.

14.ª

Já de Marte cruel depondo a lança,
 Dirige a Deoza o Nacional Congresso,
 Que péza na Política balança
 Dos interesses publicos o prego,
 Ou que fulmina com a mão segura
 Fantasmas da cubla, e da impostura.

15.^a

Tu hoje, oh Liberdade és tu que imperas
 Nos Brasileiros generosos peitos,
 Tu farás que se veja em nossas eras
 A lembrança esquecer de antigos feitos,
 E dos recentes o esplendor preclaro
 Ha-de a furia vencer do Tempo avaro.

16.^a

Tremei, sectarios vis do Despotismo,
 Olhai; o monstro moribundo arqueja,
 E já sob os seus pés o horrendo abismo
 A boca abrindo turbido negreja,
 Que vai tragar no Barathro profundo
 Do mal o Genio, que empestava o Mundo.

21 de Outubro de 1871.

Ao Thomaz p.^o motivo de se demorar sempre
 no Seminario, e não vir comigo depois de acabada
 a Aula de Inglez.

EPISTOLA

O Thomaz! o Thomaz! que será feito
 Deste rico Thomaz dos meus peccados?

Bem cheio de cuidados

Me traz o maganão por seu respeito:

A ver se lhe acho um jeito,

Com que venha na minha companhia

Dez minutos ao menos cada dia

Ou seja solto, ou prezo:

Pois olhe que eu sou tezo

E se me incita levo pronto um laço,

Ao pescoço lh'o lanço sem demora,

E assim o vou puchando para fóra...

Mas por essa maneira nada faço;

O rapaz é valente,

E se revira o dento

Temos perdida toda a diligencia:

O que fazer então?

Vou logo direitinho á Concelção

Ter com sua Excellencia,

E ali feita a devida reverencia,

Em respeitosa tom assim lhe digo:

Senhor tenho um amigo

Que aqui na casa Episcopal se emprega

E he o ingrato maior, que as Aulas chega:

Elle Thomaz por nome se intitula

A quem toda a matula

Da escolastica raça chalacenta

Tanto preza; que são mais de quarenta

Mais a mim, mais a mim

Venha cá, venha cá, Sr. Thomaz:

De sorte que o rapaz

(Isto he tímido contar-lhe por tímido

Tudo que lá se passa) prezo fica,

E comigo não vem; assim supplica

E muito humildemente

Esse seu Diocesano aqui presente

Que uma ordem mul rigida se passa

Por onde se embaraca

Aos ditos supplicados que o detenhão

Por capciosos meios,

Oh por quaesquer politicos rodeios.

E sempre juntos venhão

O sobredito Rco, e mais o Author

Ao menos té ao canto do Ouvidor,

Pede que um bom despacho se lhe dê

Como espera, e

R. Mercê,

21 de Outubro de 1821.

A' morte do Bispo de Elvas.

SONETO

Morreo Ceitinho! o varão sabio, e forte,

O incansavel Prelado, e virtuoso,

Da cara Patria o campeão zeloso

Já não existe mais: roubou-o a morte:

Sem tregoa combater foi sua sorte

Contra o da inveja monstro venenoso:

O amor da lei, e do natal saudoso

Das brilhantes acções foi sempre o Norte.

Dos conterraneos seus a voz o chama

Para o jus defender dos patrios lares;

E já clarim sonoro emboca a Fama:

Eis: oh inutil dor! oh vão pezares!

Quando em zelo fervente mais se inflama,

Acaba! expira! Oh patria erguei-lhe altares.

30 de Outubro de 1821.

A' Homilia do Bispo do Pará.

EPIGRAMMA

Certo Prelado em solida homilia,
Chorando destes tempos a desgraça
Depois de maldizer a humana raça
N'um lamentavel tom assim dizia:
Senhores, este Mundo está perdido
Com tautas perigosas novidades,
Por Soberano o povo quer ser tido,
E perde-se o respeito ás Magestades:
Tem-se mesmo chegado a tanto extremo
Que já chamão a Deos... Ente Supremo!

3 de Novembro de 821.

A' mania dos papéis políticos.

SONETO

Assim, amigo assim; nessa canalha
Nesses vis, nesses cães: raça corcunda!
Gritava accaso o Mestre Barafunda,
Uns queixos n'uma mão, n'outra a navalha:

Sr. Mestre! Ora o Demo que lhe valha,
Clama o freguez; que cova! arre tão funda!
E já de sangue a barba se lhe innunda
Que em grossas gotas cahc sobre a toalha.

Perdõe-me por quem he Senhor visinho:
'Stava fóra de mim! forte fracasso!
Civil lhe torna o nosso Barbeirinho:

Mas olhe, attenda; espere-me um pedago,
Porque o resto hei de ouvir do papelinho,
E a barba a sangue frio então lhe faço.

3 de Novembro de 1821.

A's futuras Conclusões Philosophicas.

SONETO

Já vejo vir-se o dia aproximando,
Em que hão de apparecer na fôfa arêa
Os bravos combatentes, que aiardêa
O Episcopal Collegio venerando:

Já dos Capotes o temível bando
Por toda a parte os Campeões rodea,
E nos chuchos dicterios se recrea,
Que os conscriptos Patratos vão soltando.

Lá com rostos estão de Anachorelas
Os valentões; e rosnão os rapazes
(Roxas batinas, e casacas pretas)

Porém calem-se ali linguas maldozas,
Que são esses fortissimos Athletas
O Candido, o Martins, e os dois Thomazes.

16 de Novembro de 1821.

A's barbas do Motta.

DECIMA

Senhor Motta, então que fez
Dos bigodes, que trazia,
Com os quaes me parecia
Mais Moiro, que Portuguez:
Os Barboiros desta vez
Tiverão boa assadura,
A doblinha foi segura
(Que eu já sei) pela Patente
10 deo de mais ao sarvente
Cinco réis de molhadura.

16 de Novembro de 1821.

Ao mesmo assumpto.

VERSOS

Onde as harpas estão do nosso Motta
Que uma fechada mata pareião ?
Foram talhadas, postas em derrota
Porque a grandes excessos se atrevão:
Ellas a luz do Sol tapar quizerão
Com arrogante insolita ousadia
E entrelaçando os ramos pertenderão
Roubar ás Regiões belçasas o dia.
Insolentes que são ! Mas em castigo
Do seu atrevimento, na podira
Jazem hoje do esquecimento amigo:
Quanto sangue na guerra carniceira
Em fio não correo ! Inda a navalha
Rubra recorda a horrida batalha !

16 de Novembro de 1821.

Ao Sequeira — p.^a occasião das Conclusões
Philosophicas no Seminario de S. Jozé.

SONETO

Quando, Sequeira meu, quando te via
Apertado na asperíssima tortura;
No meio da anciedade, e da amargura
O sangue se me gela, o rosto enfia:

Mas apenas fallaste; a luz do Dia,
Depois da pavorosa noite escura,
Não tem para os mortaes tanta doçura,
Quanta ao meu coração dêste alegria.

Os rijos golpes no cobato rudo
Com quanto esforço, com destreza quanta
Tu não palravas no valente escudo:

Vendo em taes annos fortaleza tanta,
Filha só de exercicio, e longo estudo,
De pedra mostra ser quem não se espanta,

5 de Dezembro de 1821.

Na boca do hu' Official da Tropa Auxiliadora.

SONETO

Muito me cabe no gote esta insolencia,
Com que a raça Simoa grita, e ralha,
Isto quando somente se trabalha
Para dar-lhes de gente uma apparencia:

Ora veção a grande irreverencia
De mandar gente branca que lhes valha!
Vis escravos! Estupida canalha,
Que não querem senão a Independencia.

Já lhes foi concedida a excelsa graça
De entrarem na familia Portugueza;
Não sei o que mais querem que se faça:

Culpa tem quem não sabe a natureza
Desta corja, que a pão he que se amassa; (1)
Tropa, e mais tropa, e tirem-lhe a riqueza.

10 de Dezembro de 1821.

Ao Bachá Luiz do Rego por occasião da sua
saida da Cidade de Pernambuco.

SONETO

Esse tigre; esse monstro, que imundava
De humano sangue Olinda infortunosa,
Que de carnagem feia, e pavorosa
O barbaro furor nunca fartava:

Zombando impune da Justiça ignava
Lá vai surcando a flegião nudosa;
Seguem-o as maldições de triste Espoza,
De infeliz Pai, que em pranto o resto lava.

A vós tocára, oh furibundos Ventos,
Purgar do Verres novo a terra afflicta,
Horror até dos mesmos Elementos:

Mas se em seu peito um coração habita,
Do remorso abandone-se aos tormentos,
Furias entra-lhe n'alma atroz, maldita.

10 de Dezembro de 1821.

(1) Esta cambado leba-se a pão -- frase favorita,

A's Conclusões, que optimamente defendem o
meu amigo Thomaz Gomes dos Santos.

EPÍSTOLA

Brilhaste; não tem duvida nenhuma,
Brilhaste, meu Thomaz, e que outra coisa
Se devia esperar de teus talentos?
Nem o Congresso abastecido e pleno
Nem dos P'adres conscriptos a presença
Pôde o modo flentir no teu semblante.
Com quanto sangue frio, e graça quanta
Não dissolveste as duvidas fallazes;
Que sophisma subtil occulta aos olhos!
Instru'dos nos conditos arcanos
Da bella, Philosophica sciencia;
A' aguda perspicacia de teu genio,
Qual raio que transmitto o Pai das luzes.
Fazia ver, desvancendo as sombras
O erro, que de trevas se reveste.
Não menos digno de louvor preclaro,
Se percorres da Historia o Campo ameno
Na variada noção, selecta phraxe
Do erudita lição mostraste os fructos:
E ou narrasses os ritos, e costumes
Da sabia Grecia, o Lácio memorando,
Ou transcendendo ás regiões do Dia
Explicasses de Brama o Culto antigo
Sempre, sempre corria de teus labios
Do gosto, e da razão linguagem pura.
Sim: de doce prazer encheste o peito
Do sollicito amigo, que prestava
Ouvido esperançoso ás vozes tuas.
Se em minh'alma tivesse entrada, ou mando
De triste aspecto a macilenta Inveja,
Que dor o coração me não punçira.
Os olhos sobre ti fitavão todos,
Olhos, aonde a approvação se pinta,
Onde se pinta o pasmo; que em taes annos
Quem cuidaria achar sciencia tanta?
Quem do nascente arhuslo esperaria
Colher já doces, sazonados pomos?
Ou ver hu' joven Campeão na arda,
E destinado ao desigual certame
Nelle ganhar as palmas da Victoria?
Prosegue, Amigo, na formosa estrada,
Que, se espinhos produz, tambem tem flores,
Na estrada, que direito ao templo guia,
Onde a Gloria recebe incensos, culto:
Prosegue, caro Amigo, ah não recões

Mal pagadas fadigas afanosas,
 Ingratidão, hypocrito Cinna
 De espirito apoucado, que cercea
 Merito estranho, que igualar não pôde.
 Monstros sanhudos, enraivadas serpes
 Não te amedrentem; sabe um peito forte
 Zombar constante dos malignos tramias
 Da negra inveja, e até da Sorte infausta
 Mesquinha lei, revezes não abatem
 Um'alma nobre, a quem o amor do estudo
 Eleva acima de quanto he terreno.
 A Patria, que amas tanto, já te acena
 Que não pares ahí; que a longes Olinas,
 Auravessando os Neptuninos Campos
 Vás roubar o deposito sagrado
 De uteis sciencias, quo ao nativo seio
 Deves trazer depois: as lindas c'roas
 De flores odoríferas, e bellas
 Do Itio as Nymphas já contentes tecem
 Para o filho mimoso, e o nosso Velho,
 Que por ti immortal seu nome espera,
 Um futuro gentil lambem te agoira.

13 de Dezembro de 1821.

Ao Jornal intitulado—*Astro da Lusitania*—:
 que mostrava então defender os dircitos do Brazil.

SONETO

Salve, de immensa luz Astro brilhante,
 Que as condensadas trovax afugentas;
 Tu, que dos raios teus a força augmentas
 Lá de tão longe no torrão distante:

Na pomposa carreira, e fulgurante
 Té no Brazil aos olhos apresentas
 Esse, com que os Tiranos amedrentas,
 Magestoso, lucifero semblante.

Foi nestas regiões Americanas
 Que dos Astros, o Pai allares teve
 Entre as simpliccs gentes Indianas:

Ela; nos nossos peitos se te cleve
 Culto mais puro em aras não profanas,
 Seja grato o Brazil ao que te deve.

16 de Dezembro de 1821.

A' remessa de Tropas para o Brazil.

SONETO

Surgindo de entre o pó da sepultura
Do famoso Cabral a sombra trada,
De Luso ao povo fortemente brada,
Formidavel no aspecto, e na figura.

Que he isto? que delirio ou que loucura
Vos tem do entendimento a luz roubada?
A terra Santa Cruz contaís em nada,
Ou julgais que com ferros se segura?

Portuguezes vós sois? E Portuguezes
Vossos irmãos não são? Já não provárão
Sua bravura Gallos, e Hollandezes?

Ah! que elles quando a Patria libertárão
De estranho, ou proprio jugo tantas vezes
Para novos grilhões a não guardárão.

8 de Fevereiro de 1822.

Ao bravo General Carretti

SONETO

Neptuno, cujo imperio em guerra ardia,
Que mil rebeldes rios lhe formavão,
Vendo que os inimigos triumphavão,
E vacillante o throno seu tremia:

E como pela fama já sabia
Onde Herões mil impavidos moravão,
Por trazer um dentre os que mais brilhavão
O famoso Tritão seu filho envia.

Sobre as margens ao Norte do Janeiro
Deo a sua embaixada o rapazinho;
E o Carretti escolheo por mais guerreiro.

Eis pronto pelo madido caminho
Dos peixes arrosando o povo inteiro
Entra no Reino d'agua o Rei do vinho.

15 de Fevereiro de 1822.

A' saída da Divisão Auxiliadora.

SONETO

Com as proas cortando o salso argento
Já lá vão os Balxeis, em si levando
Longe das margens do Janeiro brando
O barbaro esquadrão sanguesdento:

Com gritos de alegria cento e cento
Estão o caso as Nymphas festejando,
E até do Rio o Numen venerando
Desenruga o semblante truculento.

A amavel liberdade linda, e pura,
Que de infames grilhões se receava,
Mostra sem medo a tão gentil figura.

Que fugiu a phalange, que intentava
Armada da perfidia, e da impostura
Fazer a Brasileira gente escrava.

16 de Fevereiro de 1822.

A' perfidia de Portugal.

SONETO

Brazil da Natureza cuento, amores
Do Despotismo o jugo mal soffrendo
Vio que lhe estava os braços estendendo
Lisla livre dos ferros oppressores.

Eu quero unir-me com prizoës de flores
Ao meu querido irmão; eu só pertendo
Mutua ventura: Lisla assim dizendo,
Cabe o Brazil nos braços seus traidores.

Então depondo a perfida brandura
Ella lhe lança os ferros deshumanos
E só de escravisar-lo trata, e cura.

Mas; conhecendo os conditos enganos
Do somno da lethargica doçura
O Brazil acordou: tremci Tiranos.

22 de Fevereiro de 1822.

A' desgraçada catastrophe da Bahia nos dias
19, e 20 de Fevereiro de 1822.

ESTANCIAS

1.^a

Eis os fructos do perfido presente,
Que ao sincero Brazil Europa envia,
El-lo lá corre o sangue Americano
Nas ermas rias da infeliz Bahia.

2.^a

A Matrona Gentil, que ergueo primumero
Da Liberdade o grito, as roupas veste
Da tristeza, do luto, e da ignominia;
Da mais cega adhesão o premio he este!

3.^a

Mãos assassinas, Monstros inhumanos
Em troco da Amizade hospitaleira
Em o sangue de irmãos o ferro ensopão:
Oh scena digna do cruel Madeira!

4.^a

O rival de Avillez, rival de Rego,
Da ambição e das fúrias esoltado
Dirige, ordena a barbara matança,
Atiga a ralva do brutal Soldado.

5.^a

Nem as cans venerandas da velhice,
Nem o sagrado asilo dos Conventos
Ao furor deshumano impõe limites
Destes fardados Tigres famulentos.

6.^a

Do Eterno a Esposa, victima innocente,
Aos golpes cahe dos Lobos humanados,
Aos Ceos o puro sangue se levanta
A vindicta pedindo a grandes brados.

7.ª

A habitação do Cidadão tranquillo
 He da avidez avara infeliz presa:
 Dentro das portas e do lar l'aterno
 Já não pôde o pudor achar defesa:

8.ª

Então deixando os bens, e a Patria cara,
 A' morte foge a inerte gente afflicta,
 Morna tristeza em torno se derrama,
 Que o silencio dos tumulos imita.

9.ª

Duras cadeas, e grilhões pozados
 Da misera Cidade os pulsos prendem,
 Seus filhos foragidos, ou captivos,
 Para o Cço as mãos supplices estendem.

10.ª

São estas as promessas? As palavras
 Todas preches de conditos enganos?
 He esta a Liberdade? A Liberdade
 He nome vão na boca dos Tiranos.

11.ª

Se livre nos quereis para que vindes
 Trazer ferro aggressor aos nossos lares?
 Livres seremos, quando por barreira
 Ilaja entre nós a vastidão dos Mares.

12.ª

Triunfastes, cruels, surri de gosto
 Vendo a scena da horrida matança;
 Mas dos mãos o triunfo é sempre breve,
 Já se avisinha o dia da Vingança.

Hindo S. A. R. á Provincia de Minas.

SONETO

Erguei, bravos Mineiros, sem receio
Do jugo da oppressão a cerviz dura,
Erguei, que a Liberdade vos segura
Quem de seus povos vai lançar-se em meio:

As riquezas, que encerra o vosso seio,
Oh apress Minas, elle não procura;
Aos monstros da cobiça, e da impostura
O Regente foi pôr limite, e freio.

Mal apparece o Iris da Bonança,
Logo o Sol refulgio da Liberdade,
Que a terrivel tormenta ao longe lança:

Tremeo no throno, ao vê-lo, a vil Maldade,
Já não lhe resta ao menos a esperanza:
Ditoso agouro da futura idade!

23 de Abril de 1822.

A' chegada de S. A. R. que regressava de
Minas.

SONETO

Exulta Nictheroy, que neste dia
Tendo passado inhospitos lugares,
Qual o Genio da Paz entra em teus lares
O vencedor dos monstros da Anarchia.

Hoje teus filhos com gentil porfia
Da pura gratidão sobre os altares,
Incensos queimem, e subindo aos arcos
Vão entoados cantos de alegria.

Teção-lhe as coroas de virentes loiros
As bellas filhas da immortal Memoria
Franqueando-lhe o l'indo os seus thesauros:

E rodeado de fulgente gloria
Passe o seu nome aos seculos vindoiros
Nas indeleveis paginas da Historia.

26 de Abril de 1822.

Consolação aos pés do Chumbo.

SONETO

Foi-se o Carretti, foi-se o Avillez
Sem resistencia, tudo em santa paz:
E o outro mais ladino capataz
Tambem ás tranças deo dentro d'un mez.

Amigos Pés de chumbo, desta vez
Vão as coisas correndo muito más:
Brilhou por essas Minas o rapaz,
E tudo quanto quiz por lá se fez.

Por ora he não dizer nem chus, nem luas;
Deixa-Jos: essa corja de servis,
Que fogem da verdade á santa luz!

Que não tardão (he certo o que se diz),
Com mil braves, que o Rego aqui conduz
A agoitar os Macacos do Paiz.

6 de Maio de 1822.

SONETO

Amor cansado de ferir meu peito
Com tiros mil, que ervados lhe lançava,
Por tomar folgo um pouco repousava,
Das antigas proezas satisfeito.

Era de molle relva o brando leito,
Onde o pequeno corpo reclinava:
Longe delle seu arco, e sua aljava,
Como se mal nenhum tivesse feito.

Ea, que dormindo encontro o Deos Tyrano,
Agora sim; as settas quebro, e pizo,
Eis surge Amor sorrindo, e todo ufano.

E assim me diz: Vai triste, e sem juizo:
Viste de Isbella o rosto sobrehumano,
E julgas que outras armas eu preciso?

27 de Maio de 1822.

Proclamação aos Povos do Brazil, depois do
requerimento da Camara em 23 de Maio, e res-
posta de S. A. R.

Brasileiros, então que vos demora ?
Da Santa Liberdade a voz vos chama,
E a quebrar as cadeas vos convida !
Não essa Liberdade, que impoziara,
Quando o Brasil os braços lhe estendia
Com pura singeleza; iníquos ferros,
Que da negra perfidia a Mão forjara,
Illa lançar nos generosos pulsos.
A mascara cahio: vio-se o semblante,
Era do Despotismo a face antiga !

A Patria nos acena: cia, seus filhos,
Vós todos, que habitais do Norte ao Austro
A vasta Região, que a Natureza,
Entre os rios assombro do Universo
De uma peça inteiriça fabricára:
Eia, vós todos, o momento he este:
De vossos corações, de vossos braços
Cingi-lhe em torno o formidavel muro:
Filhos da Mãe common, que mais s'espera ?
Brasileiros não sois ? A mesma injuria,
Que o brío nos ferio, tambem vos fere.
Os nossos passos o inimigo espreita,
Que intenta dividindo algar triunfos.
União ! União ! Deixai que ronquem
Ferozes gritos de impotente raiva !
Eufão longe de nós os quaes perturbão
Com seu bafo pestifero estes climas,
Que a paz quíz escolher para morada.

Que tendes a temer ? Que mais não busque
Vossos portos as quilhas encurvadas,
A quem o Genio do Commercio guia.
As varias produções do vosso solo
São firmes fiadores: crescem nelle
As essencias da Arabia: as ricas drogas
Ardentes do calor da tocha Eoa,
E os dons Occidentaes da flava Ceres,
Do novo Mundo nos vegetaes reune.
Exércitos temeis ? Da terra o seio
Oiro só não produz, tambem tem ferro.
Com commodos iguaes, iguaes direitos
Só justas leis, reciproca equidade

A' velha Europa deverão prettder-nos.
 Mas se intentão com ferros oppressores
 Sugeitar nossos animos brinaos,
 Livres nós somos; morreremos livres.
 Grande, forte o Brazil, qual he se ostente,
 Conhega Portugal, quando lhe escapa
 Das cubiçosas mãos, tudo o que perde.

Quem a voz vos doem ? Olhai, Províncias,
 Olhai a vossa irmã ! Nos ferros presa
 Tinta no sangue dos queridos filhos
 Aos Céos nem ousa levantar seus olhos.
 Jaz escrava a Prínceza das Cidades ?
 Ao estrondo das armas assassinas
 As brancas asas desprendendo ao vento
 Timida a Paz fugiu ! A mesma sorte,
 Se do somno leihargico não surges,
 A mesma sorte te esperava, oh Rio
 Mas quantia pôde um generoso esforço !
 Quanto pôde de um Príncipe a Presença
 De um povo livre o Defensor, e o Chofé !
 Eis posta em fuga a perfida phalange
 Foi entre as ondas do Neptuno irado
 Vão em Ufia esconder sua vergonha.

Hoje da Paz, da Liberdade o Templo
 Do Monarcha, e da Lei sobre as columnas
 Aquel patricios meus, aqui se eleva.
 Já da calumnia os tramas impostores,
 Frageis tecidos da infiel mentira
 Não Tutelar cortou: já temos livres !
 Medonho Despotismo os nossos lares
 Deixou por uma vez; seu torpe vulto
 Não ha de encher de susto as nossas plagas.
 Filhos da terra de Cabral; vós todos
 Do Amazonas ao Prata: a vis-suspeitas
 Fechai nos vossos animos a entrada.
 Da Patria os vigilantes sentinellas,
 Depositarios da vontade vossa
 Envisi para nós: venhão de perto
 Ser no peito do Heroe da nossa idade
 De uma alma franca os livres sentimentos.

Leis para nós, por nós queremos feitas,
 Que a futura grandeza nos preparem.
 Já não mais precisamos de Senhores,
 Que desde alem do Atlantico nos mandem
 Leis, Despotas, e ferros: eis acabem
 Da triste escravidão os grandes annos:

O momento chegou, que te guardavão
 Aurífero Brazil os leus destinos,
 Momento que tres seculos formarão:
 Sóbe; e não temas: pavidos temores,
 Espectros de receio, que esvoação
 Ante a presença tua ao longe arroda.
 A mesma Natureza te fez grande,
 E as serpes agitando a negra Inveja,
 Por mais que enraivecida se remorda,
 Poder não tem de te tornar pequeno.

28 de Maio de 1822.

Por occasião do Decreto de 3 de Junho.

SONETO

Ardendo pela Patria em viva chamma
 Da Pensilvania o filho generoso,
 Corre, voa, atravessa o Campo undoso,
 E do oppresso natal o jus reclama:

A' sua voz que a Liberdade inflam'a
 O jugo estala ignobil, e affrontoso,
 Eis de Franklin fulgente e glorioso
 O nome leva aos Posteros a Fama.

Prodigio inda maior te coube em sorte
 Do novo Mundo oh mais feliz melade;
 Cade por tanto a America do Norte:

Que um Principe, esculai Posteridade!
 Calcando os prejuizos, sabio, e forte,
 Foi quem deo ao Brazil a Liberdade.

15 de Junho de 1822.

Proclamando-se em Pernambuco a Regencia
de S. A. R.

SONETO

Parabens ! Parabens ! Nos nossos braços
Das suspeitas rompendo a nevos escura,
Já Pernambuco os seus irmãos procura:
Da Patria ardente amor lhe guia os passos.

Do Paiz, e do sangue em ternos laços
Branda nos quiz prender a Mál Natura:
Debalde Machiavellica impostura
Dividir-nos tentou em mil pedaços.

Parabens ! Parabens ! Provincia bella,
Risonha habitação da Liberdade,
Ao turbado Brazil do Norte estrella !

Brilha em nós um desejo, uma vontade !
A cara Patria ver-nos sempre anheia
Em vinculos eternos d'Irmandade.

21 de Junho de 1822.

Fara se recitar a S. A. R. na occasião em que
elle havia de hir á Casa dos Expostos da Mize-
ricórdia.

ELOGIO

Não he, Senhor, no meio dos Combates,
Sanguinosos tropheos aos pés calcando,
Não por entre mil victimas voladas
A vil capricho, ou ambição sedenta,
Que um Principe de grande alcance o nome,
Outra mais bella, mais risonha estrada
Da Gloria rutilante ao Templo guia:
Estrada, que pizou na antiga Roma
O bom Tito, as delicias do Universo;
Beneficencia lhe marcava os passos,
E a escuridão dos seculos rompendo
Vivos chegarão até nós seus feitos.
Vós Principe excellente igual carretra
Seguido haveis na flor de jovens annos,
Impostora lisonja não vos falla
Roupas vestindo de emprestadas cores:
Do ouropel deslumbrado das riquezas
Ella dos Grandes o Palacio habita,
Mas não busca dos Pobres a Morada.

Hoje, Senhor, no Dia, em que quizesdes
 Honrar o franco asilo da Desgraça
 Novo juntando a antigos beneficios,
 A pura Gratidão vos rende os cultos:
 A' sua terna voz presta-lhe ouvidos.

Estes Meninos; tenros infelizes
 A quem faltou desde os primeiros annos
 O que nos brutos concede a Natureza;
 Que as caricias do Pai, da Mãe caricias
 Não poderão gostar; que abrindo ao Mundo
 Os innocentes olhos, nem encontrão
 Aquella, que lhes dera o ser, e a vida,
 Hum Pai, hum Protector em vós reclamão,
 Hum Pai, hum Protector em vós possuem.
 Da vossa Mão benefica os favores
 Tem já sentido: vive nos seus peitos
 Nos peitos infantis, que inda não sabem
 Sentimentos fingir: vive a ternura
 Doce, grata lembrança do que devem;
 E as tenues expressões unindo ao grito,
 Que do Brazil pela extensão resoa
 O Bemfazejo Pedro hoje saudão:
 Pedro, Prole ileal, que a nossas Praias
 Em venturoso instante os Coos mandarão:
 Pedro, que quando o barbaro Decredo
 Por fraudulenta, imiga mão lavrado
 Hia lançar no horror da Civil guerra
 Da vasta Santa Cruz as ricas plagas,
 Foi Anjo Salvador, Propicio Nume,
 Iris da Paz, que as trevas afugenta:
 Pedro, onde o desvalido encontra abrigo
 Contra os duros vaivens da instavel Sorte:
 Pedro... ah Senhor! nos vossos elogios
 Quem não tomará parte! Estes pequenos
 Tem para vos louvar muito direito:
 Vós sois no Mundo o seu mais firme amparo,
 He debaixo das asas protectoras
 De vossos beneficios, que elles crescem,
 Quaes á sombra d'uma arvore frondosa
 Que os seus ramos estende, as fragéis plantas.
 Perdoai pois se hoje em seu nome osamos
 Preferir ante Vós o que hão de um dia
 Ler com espanto os posteror na Historia.
 Em vós, Senhor, as nossas esperanças
 Achão seguro Porto: os nossos votos
 Benigno acolhimento: um povo inteiro
 Obra vossa publica a vossa gloria.
 A par de vós dos Cezares a filha
 E das virtudes de Theroza herdeira
 Dos infelizes Mãi tambem se mostra.

Quanto o Brazil á Providencia deve,
 Que prodiga dos bens, que a mil negára
 Almas tão bellas fez brilhar no Sollo !
 Que dita para as victimas infaustas
 Da Pobreza, e Desgraça: elles já sabem
 Donde o soccorro, e protecção lhes venha.
 No pobre leito isentos de cuidados,
 Longe do suslo dormirão contentes.

Estes, que tem colhido os dons que espalha
 Vossa Mão liberal, aos Céos envião
 Por Vós humildes supplicas, que sóbem
 Sobre as asas dos Anjos Tutelares;
 E se a voz da innocencia os Céos esentão
 Com distincto favor, as preces suas
 Serão do vosso Throno o firme esteio:
 O illustre Fundador do Novo Imperio
 Hirá com elle da Grandeza ao cume,
 Inveja das Nações, do Mundo Inveja.
 E seu Nome immortai por longas eras
 Entre os titulos mil, que em folhas d'óiro
 Insculpidos serão, terá por timbre —
 — Pedro, da Patria o Salvador preclaro
 — Foi dos Expostos Pai, foi Pai dos Pobres. —

30 de Junho de 1822.

Aos Jornalistas.

EPIGRAMMA

Os antigos prodígios
 De encanceidos seculos tornarão
 Volverão os prestígios,
 Com que as velhas avós nos embalarão.
 Nós não vemos hum homem
 Por conjuros mudar-se
 Em cavallo, ou medonho lobishomem,
 Mas cavallos em homens trantornar-se.
 Quem juntar duas phrases não sabia,
 E um livro nunca leo de cabo a rabo
 Tentado do Diabo
 A escrever quatro letras principia:
 Ao bem publico, diz o novo Author,
 E seja como for,
 A minha livre penna se consagre,
 Mi-lo que o povo instruo, que julga os Reis
 Dos bons ottenta réis,
 E santo amor da Patria oh que Milagre!

9 de Julho de 1822.

A' expedição, que sahio para a Bahia.

SONETO

Do Oceano Brasilico entre os mares
Pelas agouas abrindo a longa estrella
Pouca, mas brava gente Brasileira
Navega, e busca da Bahia os lares:

Inda em throno de horror nesses logares
Tirano impera o barbaro Madeira:
Mas a Mão poderosa, e justiciera
Já brilha o ferro vingador nos ares.

Das humidas cavernas em cardumes
A ver da Patria os fortes Defensores
Surge, do largo mar propicio Nomes:

E tu Padre Oceano, os teus furores
Depoem, porque de agora te costumes
Humilde a respeitar os teus Senhores.

15 de Julho de 1822.

SONETO

Adeus, oh Praia, adeus, amena Praia,
Onde vi o meu Bem a vez primeira,
Onde primeiro affavel, e fagueira
O semblante gentil mostrou-me Olha,

Suaves brincoos em que Amor se ensaia,
Timido ainda em face menineira:
Só de vossa lembrança feiticeira
De puro gosto o coração se espraia.

Lá vejo a Casa, onde o meu Bem vivia,
Era ali que passava junto della
A fresca Noite, o caloroso Dia!

Saudoso adeos, te, deixo, oh Praia bella,
Onde gozei momentos de alegria:
Hoje não m'os permite a minha Estrella...

30 de Julho de 1822.

Aos Eleitores Parochiaes.

SONETO

Filhos da Patria, em quem a confiança
Tem com mil Cidadãos depositado,
Gloria do nosso Rio, honra do Estado
Donde pende dos povos a esperanza.

Vede: a perfida intriga não descança;
A Calumnia immoral marcha a seu lado,
E sob a capa de um fingido agrado
Ambição ás empresas se abalança:

Longe fugi da suggestão maligna,
Correi de novo as paginas da Historia,
Hum Graccho ali vereis, hum Catilina:

Na escolha vos trará Benções, e Gloria
Da Patria a salvação; sua ruina
Infamia, maldições, negra Memoria.

31 de Julho de 1822.

A's desordens succedidas na Prov.^a de S. Paulo.

SONETO

Manes dos Goes, dos Lemos, e dos Buenos
Vós, que pelo Brazil com forte braço
Ganhastes os sertões de immenso espaço,
Para o animo vosso inda pequenos.

Sós na rota dos Campos Agarenos
Vedastes aos Leões de Hisperia o passo
Fechando a Liberdade no regaço
Das Montanhas, e Mattos Paulicenos.

Surgi, Manes, surgi da Campa fria.
Vinde exprobrar aos vossos descendentes
Sua vergonha, e torpe bastardia.

Mas suspendei; que intrepidos, e ardentes
Elles já vão da fela Tirania
Despedaçando as perdidas correntes.

2 de Agosto de 1822.

HYMNO CONSTITUCIONAL BRAZILIENSE

1.ª

Já podéis filhos da Pátria
Ver contente a Mãe gentil;
Já raiou a Liberdade
No Horizonte do Brazil.

Brava Gente Brasileira
Longe vá temor servil;
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brazil.

2.ª

Os grilhões que nos forjava
Da perrídia astuto ardil,
Houve Mão mais poderosa,
Zombou dellos o Brazil.

Brava Gente Brazilr.ª &ª.

3.ª

O Real Herdeiro Augusto
Conhecendo o engano vil,
Em despeito dos Tiranos
Quiz ficar no seu Brazil:

Brava Gente Brazilr.ª &ª.

4.ª

Renovão sombras tristes
Da cruel Guerra Civil,
Mas fugirão apressadas
Vendo o Anjo do Brazil.

Brava Gente Brazilr.ª &ª.

5.ª

Mal souu na serra ao longe
Nosso grito varonil;
Nos immensos hombros logo
A cabeça argue o Brazil.

Brava Gente Brazilr.ª &ª.

6.ª

Filhos clama, caros filhos,
He depois de afrontas mil,
Que a vingar a negra injuria
Vem chamar-vos o Brazil.

Brava Gente Brasileira
Longe vá temor servil;
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brazil.

7.ª

Não temais impias phalanges,
Que apresentam face hostil:
Vossos peilos, vossos braços
São muralhas do Brazil.

Brava Gente Brazilr.ª &ª.

8.ª

Mostra Pedro a vossa fronte
Alma intrepida e viril;
Tendes nelle o Digno Chefe
Deste Imperio do Brazil.

Brava Gente Brazilr.ª &ª.

9.ª

Parabens oh Brasileiros,
Já com garbo juvenil
Do Universo entre as Nações
Resplandece a do Brazil.

Brava Gente Brazilr.ª &ª.

10.ª

Parabens; já somos livres;
Já brilhante, e senhoril
Vai juntar-se em nossos lares
A Assembléa do Brazil.

Brava Gente Brazilr.ª &ª.

HYMNO MARCIAL

Valentes Guerreiros,
Que a fama buscais,
E as armas alçais
A novo esplendor.

Mostremos ao Mundo
Bravura, energia,
A Patria confia
No nosso valor.

Oh vós que aos clamores
Da Patria correstes,
E nada temestes
No heroico fervor

Mostremos ao Mundo &.

E vós que seguindo
As novas bandeiras,
Antigas fileiras
Deixastes sem dor,

Mostremos ao Mundo &.

Ouvi de Bellona
O grito, que entoa,
Ao longe já soa
Da guerra o fragor.

Mostremos ao Mundo &.

Sé vivo na fama
De Heroes a Memória,
Salvou-os a Gloria
Do Tempo ao furor.

Mostremos ao Mundo &.

Que horror nos combates!
Que p'rigos no assalto!
Mas falla mais alto
O bellico ardor.

Mostremos ao Mundo &.

Os chefes zelosos
Vos vão excitando;
Marchai a seu mando
Sem susto, ou temor.

Mostremos ao Mundo &.

Fiel Disciplina
Do Marte he divisa
Seguir-se precisa
A voz superior.

Mostremos ao Mundo
Bravura, energia,
A Patria confia
No nosso valor.

A Mão Bemfeitora
De Pedro Immortal,
Quiz ser liberal
Em vosso favor.

Mostremos ao Mundo &.

Os seus Benefícios
Nos peitos guardai
E gratos lhe dai
Mih provas de amor.

Mostremos ao Mundo &.

Em vós, oh Guerreiros
A Patria descansa
Da sua esperança.
Vós sois o penhor.

Mostremos ao Mundo &.

Por vós não receia
Inigos alfanques,
Nem teme as falanges
De injusto oppressor.

Mostremos ao Mundo &.

Da Esposa, e dos filhos
Quem guarda o direito
Não teme o seu peito
Aos tiros expor.

Mostremos ao Mundo &.

Corramos a Gloria,
Que assim nos convida;
Mais vale que a vida
Da Patria o louvor.

Mostremos ao Mundo &.

A' minha saude valetudinaria.

SONETO

Desde os primeiros innocentes annos
Dura Mão da Oppressora Enfermidade
Prazeres me roubou da tenra idade
De precoce velhice expoz-me aos damnos.

No tempo, que engolfada em mar d'enganos
Folga alegre a robusta Mocidade
Eu enfermo, eu motivo de Piedade.
Gemo sob o furor de mil Tiranos.

Com turbado semblante, e macilento
O Monstro da fatal Melancolia
Aggrava de continuo o meu tormento.

O que hei de oppor a tanta Tirania?
De remorsos crueis um peito isento,
E o escudo da sã Philosophia.

5 de Setembro de 1822.

Ao Machado.

EPISTOLA EM ESTANCIAS

1.^a

Em quanto me entregava pensativo
A's saudosas lembranças do passado,
E dando á magoa doce lenitivo
Mandava o pensamento ao meu Machado.

2.^a

Em quanto retragava na Memoria
(Dos antigos successos claro espelho)
A minha, chorada, e longa Historia
Disto, a' que chamão meu bom tempo velho.

3.^a

Oh sonho fosse, ou fantasia errada
Filha da escandecida mente escura;
De largo corpo, e fôrma desmarcada
Aos olhos se apresenta uma figura.

4.ª

Era um velho de aspecto venerando,
Onde um ar de Divino apparecia:
Por sua verde barba resvalando
Um largo jorro d'agua lhe corria.

5.ª

A face conheci do bom Janeiro,
De nossas agoas bemfazejo Nume;
Chamou-lhe Rio o viajor primeiro,
E Rio inda se chama por costume.

6.ª

Humilde, o curvo a Divindade adoro:
Então a voz do peito desprendendo
O maritimo Deus, em tom sonoro,
S' bem me lembra assim me foi dizendo:

7.ª

Não te espantes de ver-me: a mais obriga
Desta minha alma o desprazer interno,
Tendo de mim distante, em plaga inimiga
Um filho caro ao coração Paterno.

8.ª

Tu o conheces bem: o laço estreito
Eu sei que de Amizade ambos vos prende:
Se pois o affecto habita no teu peito,
A's vozes Paternaes um pouco attende.

9.ª

Já saberás o quanto de contin'ça
Sua ausencia lamento: ah quantas vezes
Afflicto, melancolico imagino
Serem annos de tempo os longos mezes!

10.ª

Receio esses encantos, com que inflam'a
Os corações Europa feticheira;
Talvez (ou digo) á Patria, que não ama
Elle prefere já terra estrangeira.

11.ª

Talvez, qual outros filhos, oh vergonha!
 Julgue o Brazil selvagem, ou mesquinho;
 E regiões estranhas anteponha
 Ao mimoso natal, ao Patrio ninho!

12.ª

Talvez... mas pelo que? Acaso inveja
 Polidez, de que lista se ennobrece?
 Ah! quem das galas o ouropel deseja
 Seu ridiculo preço não conhece!

13.ª

O que valem os marmores lusescentes
 Por destra mão d'Artifice talhados!
 Palacios, Obeliscos eminentes
 Pelo Orgulho dos homens fabricados!

14.ª

De encantos virginacs a Natureza
 Nas suas producções é mais sublimo:
 Tem amavel brilhante singeleza
 Que affectado artificio nunca exprime.

15.ª

E a que palz, ou região do Mundo
 Essa Mãe liberal mais dons offerece?
 He n'uma terra joven que jocundo
 Seu semblante aos humanos apparece.

16.ª

Nunca o bazo da peste tragadora
 Meus climas infectou: aqui suspende
 Seu passo a Fúria, que no Egypto mora,
 Onde aos Reinos d'Europa o sceptro estende.

17.ª

Minhas margens ditosas nunca viram
 Do triste Inverno a fela catadura:
 Nem co'a fria geada se despirão
 Meus ridentes Outeiros de verdura.

18.ª

Nos Lusos campos o cultor forçoso.
Encontra da fadiga em troca a fome;
Nos meus ind'entre os braços do repouso
Do monstro apenas se conhece o nome.

19.ª

Se a linda Ceres foi comigo escassa
De loiros trigos; as espigas troca
Com mais facil favor, mais ampla graça
Em raizes da fresca Mandioca.

20.ª

Vence muito ao mel d'Hylla na docura-
O branco suco da flexivel canna;
Pende em caxos do tronco sem cultura
Nutriente, economica banana.

21.ª

Os doces fructos, que produz meu sóto,
Ceder não deve aos que Europa estima:
As Aryores altissimas o côto
Elevão dos Pinheiros muito acima.

22.ª

Gira nas veias da fecunda Terra
Desejado metal fulgente, e loiro;
Com o dedo me aponta o Deus da Guerra
De ferro abundantissimo Thesouro.

23.ª

Assim, oh misero! iludindo as magoas
Os meus recessos arredar pertendo:
Correm no cuncto livremente as agoas
Que eu a sua braveza não defendo.

24.ª

Porem esforços vão! que a pena crua
Mil denegridas cores emprestando,
Outra vez em minh'alma se insinua
Nella o seu fel amargo derramando.

25.ª

Mas talvez a saudade enganadora
Essas imagens finge de tristeza!
Talvez o filho ausente a Patria chora,
A que Amizade o chama, e Natureza!

26.ª

N podia encontrar aquelle ingrato
Onde a amavel Ternura em mais se conte?
Aqui doçura, e prazenteiro trato
Mostrão por toda a parte a lèda fronte.

27.ª

De meiga condição, de genio brando
Dotados são meus filhos venturosos;
Que o doce, ameno clima os vai tornando
Amenos igualmente e carinhosos.

28.ª

Foi nos risinhos natalícios lares
Que elle os annos viveo da meninice:
Mil prazeres gozou nesses lugares,
Prazeres, que inda lembrão na velhice.

29.ª

Se amorosas cadelas do Deos ecco
O detêm com suave senhorio,
Acaso são as Nymphas do Mondego
Mais formosas que as Náyades do Rio?

30.ª

Como olvidar do espirito pudera
Das fagueiras patricias os favores,
Que inda hoje nas festas do Cithera
Em seus hymnos celebram os amores?

31.ª

Ou vergonha terá de haver nascido
No Brazil, que dos ferros dos Tiranos
Soube altivo zombar e destemido
De seu louco furor despreza os damnos?

32.^a

Hoje, que a Liberdade os Monstros ygaue,
Que nos fingirão perfidos Senhores,
A' gente Americana só pertence
Formosa c'roa de immortaes louvores.

33.^a

Eia, escreve-lhe já que a Patria estime,
E della o terno amor conserve illeso:
Sen Paiz esquecer seria um crime,
Horror seria olha-lo com desprezo.

34.^a

Mal hia essas palavras acabando,
A visão pelos ares esvaece;
E com a vista o Nume procurando
Nada mais a meus olhos apparece.

35.^a

A penna então tomei na mão tremente,
E nesta humilde Epistola que envio,
Trasladel, se a Memoria me não mente
As palavras que ouvira ao nosso Rio.

36.^a

Pódes porem julgar ou sonho, ou pcia
Do Deus a apparição, Patrio Amigo;
Mas, tirando os ornatos do Posta,
Deves crer, e de fé, tudo o que digo.

8 de Setembro de 1822.

INDEPENDENCIA, OU MORRER

16 QUADRAS GLOSADAS

Ouvi, oh Povos, o grito,
Que vamos livres erguer:
O Brazil sacode o jugo
Independencia, ou Morrer.

Congresso oppressor jurára
Nossos fôros abater:
Em seu despeito juramos
Independencia, ou Morrer.

Leis, que a Impostura dictava,
Não mais devemos soffrer:
Ferros nunca, nem doirados
Independencia, ou Morrer.

Um' povo que quer ser livre,
Livre p.' força ha-de ser:
Ha' esta Lei das Nações
Independencia, ou Morrer.

Temos Heroe que trabalha
Em nosso jus defender;
Longe fuja o Servilismo,
Independencia, ou Morrer.

Unem-se, força, e direito
Para as cadeias romper,
Mão Real as despedaça;
Independencia, ou Morrer.

Depois de trezentos annos
Livre o Brazil vai viver;
Deve a Pedro a Liberdade
Independencia, ou Morrer.

Da nossa Patria, oh Regenta,
Só tu penhor pôdes ser:
Ou Pedro, ou deixar a vida,
Independencia, ou Morrer.

O Brazil do Mundo inveja,
Não deve em ferros gemer,
He tempo; sejamos livres,
Independencia, ou Morrer.

Abraxado em patrio zelo
Sente-se o sangue ferver;
Resoa em todas as bocas
Independencia, ou Morrer.

Embora esquadões armados
Ferros nos venhão trazer;
He brazão das almas livres
Independencia, ou Morrer.

Os satellites do crime
O que nos podem fazer?
Jurámos no altar da Patria
Independencia, ou Morrer.

Os corações dos Tiranos
Hão-de cobardes tremer,
Vendo escripto em fortes braços
Independencia, ou Morrer.

Nós escravos! Oh vergonha!
Mais vale a vida perder!
Nossa Patria tem por timbre
Independencia, ou Morrer.

Havemos entre as Nações
Nossos direitos manter,
Corra embora o sangue em rios,
Independencia, ou Morrer.

Vem oh Brazil, os teus filhos
Hoje abraçar de prazér:
De ti são dignos seus votos
Independencia, ou Morrer.

16 de Setembro de 1822.

HYMNO PATRIOTICO

1.^a

Ja da querida Patria
Foi decidida a sorte
He do Brazil adivsa
Independencia, ou Morte.

2.^a

Temos por nós a Pedro
Heroe prestante, e forte,
Longe o Recelo fuja,
Independencia, ou Morte.

3.^a

Quer Pedro, oh vís-Tiranos
Que o negro plano aborte:
Queremos nós com elle,
Independencia, ou Morte.

4.^a

Da Tiranno, e Patria esteios,
Oh filhos de Mavorte,
Dentro gravai dos peitos
Independencia, ou Morte.

5.ª

Da guerra entre os horrores
Vosso valor conforto
O grito da Victoria
Independencia, ou Morte.

8.ª

No Prata, no Amazonas
Do Sul resoe ao Norte
O grito, que retumba,
Independencia, ou Morte.

6.ª

De nossos lares fuja
Feroz, hostil cohorte,
Ao ler em nossos braços
Independencia, ou Morte.

9.ª

Os Pais da Patria venhão
Com venerando porte
Dar leis, que tem por base
Independencia, ou Morte.

7.ª

Quem haverá qua os ferros,
Da escravidão supporte!
Ao vê-los quem não clama
Independencia, ou Morte!

10.ª

Recelão destes povos
Entre o geral transporte
O Santo Juramento,
Independencia, ou Morte.

N. B. — A 8.ª Quadra pôde servir de Estribilho a todas.

19 de Setembro de 1822.

HYMNO PATRIOTICO

1.ª

De seus brifosos filhos
Hoje o Brazil precisa:
E dá-lhes por divisa
Independencia, ou Morte.

4.ª

Corramos aos Combates;
A Gloria está segura:
Comnosco Pedro jura
Independencia, ou Morte.

2.ª

Nos ferros dos Tiranos
Triste, infeliz genuia;
Mas clama neste Dia
Independencia, ou Morte.

5.ª

O Heroe nos mostra escripto
No braço seu prestante
Em letra rutilante
Independencia, ou Morte.

3.ª

Roubar os nossos fóros
Quer oppressor Congresso:
A vida perca o preço,
Independencia, ou Morte.

6.ª

Do Principe excellente
Vai ser eterna a gloria:
Dá-lhe por timbre a Historia
Independencia, ou Morte.

7.^a

Por elle as vis cadéas
Quebramos de Lisboa;
Por elle entre nós soa
Independência, ou Morte.

8.^a

Grato o Brazil a Pedro
Incensos mil tributa,
E um só clamor esenta
Independência, ou Morte.

9.^a

Brasília Assembléa
Se vem aqui juntar:
Por baze ás Leis vai dar
Independência, ou Morte.

10.^a

Oh gente Brasileira,
Surgi da escuridão!
Surgi! já sois Nação;
Independência, ou Morte.

11.^a

Rompeo de vossos lábios
Voz, que nos peitos clama:
Repita ao longe a Fama
Independência, ou Morte.

12.^a

Amavel Liberdade
Que os braços nos estende,
Nosso Paiz defende;
Independência, ou Morte.

Vê oh querida Pátria
Quanto ficis te amamos!
No teu altar juramos
Independência, ou Morte.

19 de Setembro de 1822.

Ao Dia, em que se declaram a Independência.

SONETO

Estás livre, oh Brazil! Jazem quebrados
Ferros da escravidão! Ergue a cabeça,
Oh Génio Tutelar! Vem, vem depressa
Ver quanto os teus Destinos são mudados.

Já vês a Pedro, que escutou teus brados,
E que em teu nome á Gloria se arremessa;
Verás da Pátria os Pais, em que começa
Epocha nova, Seculos doirados!

Nossos limites demarcado havia
Immensamente a Mão da Omnipotencia,
E largos dons comnosco repartia.

Para os planos cumprir da Providencia,
Desde seculos trez faltava um Dia.
Ei-lo aponta, e nos traz a — Independencia. —

20 de Setembro de 1822.

No dia da apuração dos Votos para os Deputados do Rio de Janeiro.

SONETO

Mil-os da Pátria os Pais! No seu semblante
O Saber, a Prudencia estão gravados.
Ditoso agoiro! Os seculos doirados
Do Imperio o mais feliz temos diante

O coração nos peitos palpitante
Nos diz que os nossos ferros são quebrados.
Oh Pedro! Oh Pátria! Oh Cidadãos honrados,
Nossa escolha, e de nós porção brilhante!

O Jubilo escutai, que neste Dia
Rompe de nossas bocas; vendo a Sorte
Sairir contente á Nova Monarquia

Seja de vossas Leis a Pátria o Norte!
Este Povo, que a empreza vos confia,
Vos dá por Base — Independencia, ou Morte.

21 de Setembro de 1822.

QUADRAS AO LUIZ ALVES

Luiz, querido Amigo
Porque me não escreves?
Do amor, q' tu me deves
A' paga assim me dás?

Ingrato o que te custa
Tomar na mão a penna,
E Carta mui pequena
Mandares-me rapaz?

Se da memoria tua
Na triste ausencia imiga
De uma Amizade antiga
A idéa se perdeo;

Desse teu genio frio
Sou bom dissemilhante;
De ti a cada instante
Aqui me lembro eu.

Depois que tu te foste
No meu sensivel peito
Saudades mil tem feito
A sua habitação.

Sem ti o breve dia
Um anno me parece:
Sem ti a pena cresce
No afficto coração.

Luiz, Luiz, eu digo,
Onde o Luiz se esconde?
E o Echo só responde
Luiz, Luiz, Luiz.

De uma affeição sincera
Ha prova mais segura?
Amor que tanto dura,
He firme, e de raiz.

Vê lá não te demores
Tres letras só, meu rico,
E satisfeito fico,
Senão... ficamos mal.

Que se me não attendes
Tal satira te faço
Que sejas o palhaco
Da Gente Estudantal.

24 de Setembro de 1822.

A' Acclamação do Imperador.

SONETO

Ceos ! Que escuto ! Que unisonos clamores
Soão pelo Brazil ! Que Mão Potente
Despedaçou a barbara corrente
De orgulhosos antigos oppressores !

Que ! Já somos Nação ! Os resplendores
Da Coroa adornão vencedora frente ?
A Pedro acclama a Brasileira Gente
O primeiro dos seus Imperadores !

Que te falta oh Brazil ! Já tens segura
Tua Gloria: e do Imigo em vituperio
Ila-de ceder a perfida Impostura !

Nações ! Neste Brasilico Hemispherio
Um povo grande, e livre hoje vos jura
Morrer por Pedro, e pelo novo Imperio.

9 de Outubro de 1822.

Ao mesmo assumpto.

SONETO

Quanto da Inveja os Monstros meditavão
Da nossa escravidão o plano horrendo,
Mal sabião que os povos offendendo
O triumpho maior nos preparavão.

Em vez da vil Colonia, que esperavão
A's cadêas os pulsos estendendo;
Nação livre encontrárão, que rompendo
Foi os ferros, que estupidos forjavão.

De nós sua soberba escarnecia:
Eis de Cabral na terra inda nascente
Surge um immenso Imperio nesse dia:

E por dar-lhe mais gloria, á nossa frente
Do Brazil os Destinos rege, e guia
Pedro, Mino da Mão do Omnipotente.

10 de Outubro de 1822.

Ao mesmo assumpto.

SONETO

Com traidoras promessas de igualdade
Mascarando mil perfidos enganos,
Tinhão tentado barbaros tyrannos
Despojar o Brazil da Liberdade.

Mas Pedro, o Nosso Heroe na tenra Idade
Soube prudente desfazer seus planos:
Seu Peito Forte os imminentes damnos
Afastou da horrorosa Tempestade.

Que premio a tantos feitos. Neste Dia,
Em que por nos salvar do captiveiro
A' terra o Céo benefico te envia,

O Povo, oh Pedro, Imperador Primeiro
Entre vivas Te aclama de alegria
Neste nascente Imperio Brasileiro.

11 de Outubro de 1822.

HYMNO NACIONAL BRASILIENSE

1

Parabens, ditosos Filhos
Do Brasilico Hemispherio:
Vossa Patria, Novo Imperio
Ergue a fronte sem temor.
Jura o Povo Brasileiro
Dar contente os bens, a vida
Pela Patria tão querida,
Pelo Grande Imperador.

2

Os Tyrannos intentavão
Lançar ferros aos Brasil,
Mas um Peito Varonil
Lhes rebate o vão furor.
Jura o Povo Brasil.^o &c.

3

Por mil legoas os limites
Este Imperio ao longe estende:
Seus Direitos lhe defende
Pedro o anjo Protector.
Jura o Povo Brasileiro
Dar contente os bens, a vida
Pela Patria tão querida,
Pelo Grande Imperador.

4

Pedro existe á nossa frente;
O triumpho está seguro:
He da Patria o forte Muro
Seu Danado, e Seu valor.
Jura o Povo Brasil.^o &c.

5.

Já Nação, a par das outras
O Brasil assombra o Mundo
Ruge a Inveja, e no profundo
Vai sumir a im'ensa dor.
Jura o Povo Brasil.^{to} &^a.

6

Sabias Léis espera o Povo
Da Brasília Assembléa:
De cem luzes a rodea
Brilhantissimo esplendor.
Jura o Povo Brasil.^{to} &^a.

7

Aos Conselhos seus presida
Zelo ardente, sãa Prudencia
Firmem nossa Independencia
Contra as fúrias do Aggressor.
Jura o Povo Brasil.^{to} &^a.

8

Vinde, oh Povos, neste Dia
Contemplar a Patria cara
Seu destino lho prepara
No Universo o Grão maior.
Jura o Povo Brasil.^{to} &^a.

14 de Outubro de 1822.

HYMNO P.^a O BAT.^{do} DO IMPER.^{dor}

1

Hoje a Patria he q.^{ua} vos chama,
Oh valentes Brazileiros,
E do ferro dos Guerreiros
Vossos braços vem armar.

ESTRIBILHO

Bravos Filhos de Mavorte,
Já no Campo estais da Gloria:
Vamos, vamos á Victoria,
Combater, e triunfar.

2

Do Brazil a Mãe primeira,
Formosíssima Bahia,
Da feroz aleivosia
Quer os vis grillhões quebrar.
Bravos F.^{cos} de Mavorte &^a.

3

Do Janeiro sobre as margens
Sens clamores escutaates:
Desde logo ali jurastes
Os seus muros libertar.
Bravos F.^{cos} de Mavorte &^a.

4

Eis da Guerra o clarim soa,
E a triumphos mil nos chama:
Negra fúria que rebrama,
Não nos pôde intimidar.

ESTRIBILHO

Bravos Filhos de Mavorte,
Já no Campo estais da Gloria:
Vamos, vamos á Victoria,
Combater, e triunfar.

5

Lá nos tece a Patria C'roas,
Nossa Patria o Grão Brazil,
Que sublime, e senhoril
Vai dois Mundos assombrar.
Bravos F.^{cos} de Mavorte &^a.

6

Lusas Quinas enfiadas
Da Soberba em vituperio
Vem do novo Aug.^{to} Imperio
As estrellas fulgurar.
Bravos F.^{cos} de Mavorte &^a.

7

Pedro a nossa Independencia
Sobre baze poz segura:
As promessas da Impostura
Não nos hão-de fascinar.
Bravos F.^{os} de Mavorte &^a.

9

Appareça nestes lares
Sacrosanta Liberdade:
O Egoismo, a vil Maldade
A seus pés hão de expirar.
Bravos F.^{os} de Mavorte &^a.

8

Pedro firma o Throno Egregio
Em valentes, livres Peitos,
Sua Gloria illustres feitos
Deve a todos inspirar.
Bravos F.^{os} de Mavorte &^a.

10

Já nos Coos fuzilão raios,
Chega o dia da Vingança:
O vislumbre da Esperança
Vai nos Monstros acabar.
Bravos F.^{os} de Mavorte &^a.

24 de Janeiro de 1843.

A partida do Batalhão do Imperador.

SONETO

Honra, brio, dever, tudo vos chama
Aos opprimidos lares da Bahia:
Ide, oh Bravos! A Patria em vós confia,
E já vos tece do triumpho a rama:

Santo fogo, que o pecto vos inflamma,
Vai abraçar a enorme Tyrannia:
Já da vingança se avistinha o Dia,
E sobre os Monstros o trovão rebrama.

Genio da Liberdade, tu que inspiras,
E proteges Heroes! ao longe afasta
Do furioso Mar, do vento as iras!

Tu vês com dor os vis grilhões, que arrosta
A Bahia infeliz, e tu suspiras?...
Quebrem-se! He tempo! O teu favor nos basta.

26 de Janeiro de 1843.

Aos Cortezãos.

SONETO

Eu não sei adular, não sei mentir,
Nem desprezos, e affrontas supportar;
Não posso, para os Grandes frequentar,
Humilde nas cocheiras assistir.

Em tudo, onde o meu voto se pedir,
Singelo, e sem rodeto hei de fallar,
Como hei-d'hir certa gente delatar,
Se mil vozes serei d'igual sentir?

Não affecto politico furor,
Nem como quantas petas me quizer
Arrumar cabegudo Grão-Senhor:

Não desejo por honras vans valer,
A vida escura tenho por melhor:
O que vou lá na Corte assim fazer?

23 de Janeiro de 1823.

Ao Cadete João Nepomuceno da Motta, destacado na Fortaleza de Villegaignon.

EPISTOLA

Assim, oh Motta, longe do tumulto
Da populosa Corte: sem soffrerres,
No futil turbilhão de mil vaidades,
Deste o farfante orgulho, inepelas d'outro,
O Servilismo d'um, que tudo approva,
Curvado aos pés dos Idolos do Dia,
Com baixa complacencia: a hilts negra
Do que o nada perdoa, que envenena
Innocentes acções, e seus motivos
Mil vezes nem conhece: assim desfructas
Dos tenros annos a Estação viçosa,
Nos lares, a que deo origem, nome
O Huguenote Francez, que vio primeiro
Com olhos de cobica as fertéis margens
Da linda Nietheroy. A nossa Patria
Nas fachas inda da primeira idade
De infiels artificios não se ornava
Naquelle simples tempo. As ricas vestes
Talhadas por sciencia, os Edifícios
De audaz Architectura: as rectas ruas,
Os vistosos vergéis com pomos d'oiro,

Que em linha collocou sagaz cultura,
Toda aqui se não vião: tudo enfeites,
Que depois nos mandou a velha Europa,
E com elles Pobreza, e Luxo, e Crime.
O Indigena contente a simples vida
Entretinha na cassa; arbustos, folhas
Lhe formavão a Choça, o Clima brando
Do vestido os cuidados lhe poupava.
E sem cansasso, e horridas fadigas
Para faltar os modicos desejos
A Mãe Natura lhe offertava os fructos.

Então Villegaignon deixando as praias
Do ardiloso Francez, as Terras busca
Mostradas a Cabral, e a barra entrando
Da nossa Nietheroy fundou com Muros
Astuta habitação, funesto laço
Contra a doce Indiana Liberdade.
Os singelos Caboclos lhe prestavão
Com seus braços auxilio, elles suppunhão
Que bemfazejos Numes tinham vindo.
Os seus matto honrar. Ceos! se soubessem
A progenie de males, de desditas,
Que trouxera consigo a Gente estranha,
Oh! que diverso proceder terião!
Porque Lei do Destino sempre, sempre
Zombarão da innocencia Astucia, e Força?...

Foi ahí nesses Muros, nessas Praias,
Onde as auras do Zephiro ligeiro
Vais desfructar no caloroso Estio,
Foi ahí que os dois Sãs, filhos de Marte
Ardendo o Coração da Patria em zelo
E no zelo da Fé, com forte audacia
Entre as Ondas, e o Sangue as Lusas Quinas
Plantarão sobre as Gallicas areias:
Doce recordações para quem segue
Alumno de Mayorte os seus dictames!

O Deus da feroz guerra se alimenta
De sangue, e de carnagem: sobre o Carro
Puchado pelos fervidos cavallos
Com a lança na mão, aos seus aponta
Para o da Gloria Magestoso Templo
Marchar queres na rispida carreira,
Com passo firme, e procurando a Fama,
He preciso estudar. Que sobre os livros
Entres pela alta noite, Euler, Bezouthé
Ração tuas delicias: He por elles,
Que dos Vaubans, Condés, e dos Turennes
Virás a conhecer a tempo as sabias
Manobras, e Preceitos. Vai no emtanto
Formando o teu julzo, e todo entregue

A' solução difficil de um problema
 Embora sobre ti trovejem raios
 Não percas a attenção. Se lá chegarem
 Deste Mundo Politico as Noticias
 Nos malditos Jornaes (que justo fôra
 Para acabar tal peste, a seus authores
 Todos metter na Caza dos Orates,
 Digna morada de Cabeças ocas)
 Deste Mundo Politico, que ha muito
 Qual rabudo cometa, sem governo
 Corre de um lado, e outro enchendo a todos
 De panicos terrores, de suspeitas
 Aos sonhos vãos dos Sabios Estadistas,
 Bem como o Grego ás vozes das Sereas,
 Fecha os cautos ouvidos; que te ronhão
 Ninharías gentis aos teus cuidados.
 Deixa as Musas tambem, travessas Moças,
 Que dão por um gostinho com pezares,
 E com feitiços mil prendendo as almas
 Fazem perder o tempo que não torna.
 Só sisudos assumptos de disvelem.
 Dizia, e sabiamente o Mestre Fábjo,
 Geometra severo, que em seus dias
 Um suave prazer jamais tivera
 Excepto em decifrar os seus Problemas.
 Não te embrenhea com tudo de tal sorte
 Do X e B nas reflexões profundas
 Que os amigos te esqueção: antes quando,
 Aerlas Regiões deixando um pouco,
 Ao vil commercio humano alguns momento s
 Quizeres conceder, lembra-te, Amigo,
 Que saudoso de tí anhele eu vêr-te.

Teu am.º,

&".

29 de Janeiro de 1823.

A' Liberdade.

ODE

Vêm, vêm dos Ceos oh Liberdade, oh Deoza!
 Tão sublime, qual hes, te mostra aos homens;
 Que do vulto a severa Magestade
 Os Despotas assuste!
 Da Lei, na dextra, o Código sagrado
 Que aos fóros, e ao dever demarca as ratas,

Temp'rado escudo, onde resvalão golpes

Da ambição sempre armada.

Qual na Estiva estação a terra anheia

O orvalho, em que revive a natureza,

Assim por ti suspirão os teus filhos,

Flagelo de tirania.

Com que horrorosas cores te não pintão

Os perversos Mandões! Dizem que o crime

Ainda após os teus passos, que pertendes

Destruir altar e thronos:

Que armada do livel queres se aliarem

Os bens, as condições, fingindo sonhos

De impostora igualdade, que derribe

Social sublime escala.

Oh que mal te conhecem! Quanto pódo

De abjecta servidão costume antigo,

Que as bocas vis de estúpidos escravos

Teus sacros dons blasfemão.

Quantos se forjão tresdobrados ferros

Contra teus pulsos na officina astuta

De Monarchas soberbos, que o capricho

Partilhão o Universo! (1)

Mas tu zombando do aloucado arrojo

Ris de seus planos, e rasgando a venda,

Que a verdade encobria; patenteas

Ao homem seus direitos.

Por ti o sabem: de um governo as fórmás

Tem só por fito a publica ventura:

O que a mal préza, o em sonhos devanela

Mentlo aos seus deveres.

Republica se chame, Imperio, ou Reino

Se basea em tal maxima, eis levantas

Ahi patentes aras, e recebes

Incensos, sacrificios,

E em quanto co'o potente pé comprimos

O sagaz Despotismo, que se eleva

Dissipa com a luz negros horrores

Da disforme Anarchia

Vêm a nós!... mas já vejo-te nos lares

Da Patria minha: ah! nunca nos deixes

Olha! na nossa America teus templos

Na baze não vacillão.

30 de Janeiro de 1823.

(1) A Santa Alliança nos seus Congressos Liberticidas.

A Estacio de Sá.

SONETO

A vida, que te deo a Patria amada,
Perdeste, oh Bravo Estacio pelejando
Por sua Gloria, audaz desbaratando
Do Francez, e Tamoio a immensa Armada:

Os rijos golpes da cortante espada
Mavorte os invejou, e já culdando
Que vais o lustre ao nome seu roubando
Chamou-te para a Olympica morada:

Mas se a vida perdeste, Fama e Gloria
Na morte honrada intrepido ganhaste,
Vive immortal o nome teu na Historia:

E a noessa Niecheroy, que assim fundaste,
Jamais esquecerá tua Memoria,
Nem o brioso exemplo, que deixaste.

2 de Fevereiro de 1823.

Esboço da traducção do — *Dies irae, dies illa* —.

No dia d'Ira, no dia
Por David prophetisado
Este Universo abrazado
Em cinzas se desfará.

Que tremor fará de verso,
Quando o Juiz Venerando,
Dos Ceos á terra baixando
Decidir tudo virá.

Das Regiões nos sepulchros
Ouvida a Tuba final,
Ante o Throno do immortal
Todos se vão reunir.

A Morte, e a Natureza
Pasmarão da sua affronta
Quando então para dar conta
Vem o homem resurgir.

O Livro ali se aprozenta,
Onde tudo existe escripto,
A Virtude, e o Delicto
Para o Mundo se julgar.

Em o Juiz se assentando
Logo quanto estava occulto
Apparece e nada inulto
No processo ha-de ficar.

Que hei-de oh misero dizer
Ante aquelle egregio Throno?
Quem terei p.' meu Patrono
S'inda o Justo incerto está?

Rei d'immensa Magestade
Que por tua Graça pura
Tem salvado a Creatura
Hoje a salvação me dá.

Pio Jesus não te esqueças
Que quando ao Mundo vieste
P.' meu bem o fizeste;
Não me percas, oh Senhor!

Se cançaste de buscar-me,
Se na Cruz me redimiste,
Os trabalhos, que sentiste,
Ah! não fiquem sem valor.

Justo Juiz das Vinganças,
Antes que esse dia chegue
Tua Clemencia não negue
Aos meus delictos perdão.

Como Reo suspiro, e gemo,
Já da Culpa o rosto cõra,
De pezar est'alma chõra;
Ouve, oh Deus, m.^a oração.

A Maria perdoaste,
Ao Ladrão na Cruz ouviste,
Desde logo permittiste
Esperança ao peito meu.

Minhas preces não são dignas;
Mas, Bom Pai, benignamente
Não deixes que em fogo ardente
Abrazado seja eu.

Põem-me entre as tuas ovelhas
Dos cabritos me separa,
A' tua dextra prepara
Feliz lugar para mim.

Confundidos os malditos,
E á voraz cha'ma enviados:
Entre os bemaventurados
Lá nos Ceos chama por mim.

Curvo imploro e supplicante
(O meu coração trilhado
Como cinza) tem cuidado
Deos Potente do meu fim.

Nesse dia lastimoso,
Em que para o seu juizo
Por tuas leis he preciso
Que resurja o homem Rêo.

A este, vale, e perdoa
Oh Bom Jesus de Piedade,
E por toda a Eternidade
Dá-lhe descanso no Céo .

4 de Fevereiro de 1823.

Ao ataque de Itaparica.

SONETO

Brava Caxeiral sucia Lusitana
Arrotando valor ao Bey supplica
Os deixe ir á pequena Itaparica
Ensinar a Canalha Americana.

Vendo tal brio o General se ufana,
Manda que vão, mas da Cidade fica:
E a corja, que o triunfo prognostica,
Coisa certa, ao prazer se entrega insana

Mas roncou-lhes tamanha troveada
De tiros, com que o Bronze o Mar atroa,
Que abalou toda aquella Caxeirada:

Ah ! que o sabio Madeira não se doa,
São seus filhos Heroes; mas de Cabrada
Não podia esperar-se coisa boa.

5 de Fevr.^o de 1823.

A' Morto.

SONETO

Morte, horror dos humanos, que revosa
Sobre nossas cabeças: de continuo
De presas avida, e rancor ferino,
Tu á belleza, e annos não perdoas.

Nos cerrados sepulchros amontoas
O Pobre, o Rico, o Velho, e o Menino,
E co'a foice daqui, dali sem tino
O negro immenso Barathro povóas.

Fogem todos de olhar-te a horrivel fronte,
Que te julga illudida humanidade
Longe de si p.º te não ter defronte!

Melhor fôra encarar-te a enormidade,
Pensar em nós, lembrar-nos que és a Ponte,
Que do Tempo conduz á Eternidade!

20 de Fevr.º de 1823.

O RUSTICO, E O MACHADO

FABULA DE PHEDRO

Hum pobre camponez a quem faltava
Madeira para o fogo, acaso estava
N'um bosque de arvoredo em certo dia,
O ferro de um Machado, que trazia
Precizava de valor: então que fez
O Camponio velhaco, procurou
Um tronco, que mais docil encontrou,
Com elle em comprimentos se desfez
E lhe supplica ao menos que lhe deixe
Um esgalho arrancar; o bom pateta
Engolio do tratante a lábia, e peia.
"Não somente um esgalho, mas um feixe
"Póde vmeó tirar: Muito obrigado —
Ei-lo de cabo o ferro do Machado.
E já cortando o Rustico sem dor
Pelos Membros do proprio Benefactor.
Acabando dali foi outro: em summa
As arvores derriba de uma em uma.
E fez tão dura guerra
Que o bosque destruiu, e poz por terra.
Dem armas a perversos, e verão
Como sabe pagar a Ingratidão.

20 de Fevr.º de 1823.

A' vista da Imagem do Senhor dos Passos.

SONETO

Com o pezo da Cruz todo curvado
Eu vejo o Homem Deus: de seu semblante
Lhe goteja o suor; sangue abundante
Corre do corpo attrito, e flagelado.

Entre os ultrages do Judeo malvado
Soffrendo mil baldões a cada instante:
Opprimido, sem côr, quasi expirante
Do mesmo Pai parece abandonado.

A' morte o leva o Homem Parricida,
Onde pratique os ultimos extremos
Sua Alma dos Mortaes compadecida:

E acaso a tanto excesso respondemos?
Elle por nosso amor quiz dar a Vida,
E nós por amor delle o que fazemos?

21 de Fevereiro de 1823.

Estancias ao 2.º Anniversario do dia 26 de Fevr.º

1

Foi neste Dia, foi! Nas doze Casas
Duas vezes o Sol tem feito o giro
Depois que o Despotismo derribado
Mostrou lançar o seu final suspiro.

2

Ao som da queda miseranda, e feia
Palmas bateudo as Gentes applaudirão:
Os Vivas, que rompião de seus labios
As Montanhas, e Valles repetirão.

3

Já somos Livres! Barbaras Cadéas
Rompemos de uma vez! Em nossos lares
(Assim chamava o Povo) a Liberdade
Vai finalmente erguer os seus os seus Altares.

4

Sim; o tempo he chegado: os nossos foros
Mandões curvos aos pés da Tirania
Não hão de mais calcar: nós o juramos
Por este sacro, venerando dia.

5

Ferve nos peitos desusado fogo,
 Pulão da boca nunca ouvidas vozes
 Que tremer fazem nos Palacios d'ouro
 As almas vis de Satrapas ferozes.

6

Dois annos decorrerão, e parecem
 Antes seculos dois! Que tão cerrados
 Tem marchado na fila dos successos
 Feitos discordes, casos não cuidados.

7

Dos Negocios politicos a face
 Quantas vezes mudou no espaço breve!
 Que innumerados Actores sobre a scena!
 Rola no pó quem no fastigio esteve.

8

Do Tempo a leve Roda assim ligeira
 Os vãos juizes dos humanos troca
 Que os sacros dons aos Coos então subidos
 Hoje: blasfema andaz a mesma boca.

9

Da Patria os Pais, os Idolos do Povo,
 Salvadores do Estado, hoje perdido
 Momentaneo esplendor, são Monstros, Furias
 Que o carrancudo Inferno tem parido.

10

Assim tocando a meta dos extremos
 A multidão sem termo applaude, insulta:
 Os seus Heroes adora, e apedreja,
 Chora de raiva, de prazer-exulta.

11

Debalde a fronte aos Astros levantando
 Este seculo inchado só dizia
 (Em desprezo dos outros, que passarão)
 Bella Idade da sã Philosophia:

12

Essas mesmas doenças, que enfestavam
Sempre o Mundo Moral atacão hoje
A geração presente, e tirão aos filhos:
Em vão a Humanidade, em vão lhes foge!

13

De Athenas inconstante o fútil Povo,
Nos seus comícios o feroz Romano,
E o polido Francez mudão seus Nomes,
E alterão seus princípios de anno em anno.

14

Direitos! Liberdade! Nomes grandes,
Onde a esphera dos animos se estende,
Nomes, que nesse Dia por mil bocas
O Povo pronuncia, e não entende!

15

Novos Protheos mil variadas fôrmas
Vos tem já dado: o rosto-furtadores
Multiforme Impostura vos empresta
Nas pennas de esfaimados Escriptores.

16

Ora pintão a Deoza com as roupas
Alvas, e soltas, os grilhões quebrando:
Ora de seda, e oiro revestida.
O peito vão de fitas enfeitando.

17

Tudo muda! A cadêa dos successos
Vai prendendo os anneis de ferro, e d'oiro,
Que do tempo a mão rapida colheendo,
Com elles acrescenta o seu Thesoiro.

18

Por uns esquecem outros: Genio astuto,
Que os sabe aproveitar; o seu intento
Móve a grosseira turba, que recebe
O impulso das ideas do momento.

19

E em quanto algum fantastico imagina
Ter só bem proprio, ou bem da Patria em vista,
Outra coisa não he nos seus furorcs
Que a alavanca nas mãos do Machinista.

20

Vai dia 26, em paz descansa.
Tiveste a tua vez, permitto agora
Que outros dias em par de fresca data
Do brilhante lugar te lancem fóra.

26 de Fev.º de 1823.

LAMURIA VELHA

OU

DECLAMAÇÃO EPIGRAMÁTICA

Oh bom tempo, era o meu ! Mudou-se tudo :
Que he feito dessa simples innocencia,
Que então reinava ! Apenas della existe
Um fantasma enganoso, uma apparencia.

Que prazeres, que festas

Chelas de pompa, e tão diff'rentes destas
Que estão agora em uso ! Ah bellos annos !

Quão rapidos correstes !

Vós nunca mais a face nos volvestes.
Assim sentindo da velhice os damnos
Um saudoso passado de venturas
Lamenta o Ancião, que descontente

Do seculo presente

Ralha, e murmura. Coisas taes dizia
O seu terceiro Avô nos tempos d'ouro,
Um que tendo na honra o seu thesouro
Castro em penhor as barbas off'recia.

Assim na Grecia, em Roma

Os velhos se queixavão pela boca
De Terencio, e Menandro: esta doença
Só a existente geração não tóca,
He antiga, inda mais do que se pensa:

De sorte que imagino

(E o meu juizo em sonhos vãos não fundo)
Que desde o Padre Adão nos nossos tempos
De peor a peor tem hido o Mundo.

27 de Fevereiro de 1823.

A João Fernandes Vieira.

SONETO

Nas nossas Plagas, immortal Vieira,
 Hora ganhaste, e Fama esclarecida;
 Bem que te desse nascimento a vida
 "Do saudoso Campo a flor, gentil Madeira:"

Foi á testa da Gente Brasileira
 Que de bellas acções na Heroica lida
 Ornaste Pernambuco, onde vencida
 Cede a phalange barbara, Estrangeira.

Essas Montanhas, que em combates cento
 Virão do Belga os vergonhosos damnos
 Te servirão de Eterno Monumento.

E nós, do teu exemplo ind'boje ufanos,
 Damos por tua Gloria o Juramento:
 Morier pelo Brazil, vencer Tiranos.

3 de Março de 1823.

A' Enfermid.^a de m.^a Mãe (de q' falleceo!!!)

QUÁDRAS

Como permittis, oh Deus!
 Que uma Mãe tão carinhosa,
 Uma espoza virtuosa
 Finc em dor os dias seus?

Da Tirana Enfermidade
 Crucis pena a rodeão:
 Afflicções, que o peito aneão
 Movem pedras á Piedade.

Já cansado o soffrimento,
 Lança dolorosos ais:
 Tudo pungentes signaes
 Do interno, duro tormento.

He dos Humanos destino
 Da dor á morte passar,
 E neste mundo habitar
 Para soffrer de continuo.

Mas, Senhor, não são bastantes
 De uma familia os cuidados,
 Que trazem amargurados
 Da triste vida os instantes.

Profunda Melancolia
 O seu animo entristece,
 E lida agora mais recorre
 Da doença a Tirania.

He sobre os bons, q' tremendo
Vosso furor descarrega,
E o malvado, q' vos nega,
Vê-se em delicias vivendo ?

Deus, soltai do vosso seio,
Digno premio da Virtude,
De alegre rosto a Saude
Doce Bem, que á Terra veio.

Venha o leito bafejar
Onde existe a Mãe querida,
Venha brando atento, e vida
Em seus membros inspirar.

Aos melancolicos lares
Torno com ella o prazer:
Vão-se de pejo esconder
A dor, a magoa, os pezares.

Estas vozes, oh Senhor,
Nascem do peito contrito,
De um filho choroso, afflicto
Fazei cessar o clamor.

Minhas preces recebei
Com semblante affavel, brando,
E aos Ceos as mãos levantando
Santas Graças vos darchi.

6 de Março de 1823.

A morte de minha querida Mãe

SONETO

Aquella, que me deu o ser, e a vida,
A terna Mãe (oh golpe o mais violento !)
Soitando o triste, derradeiro alento
Foi para mim por uma vez perdida;

Correi, correi sem termo de seguida
Lágrimas de meus olhos cento, e cento,
Que não deve abafar-se o sentimento
Em viva dor de origem tal nascida.

Explorou ante mim ! ! E como pude
Suster o aspecto da funesta scena,
Capaz de espedaçar um peito rude ! !

A que males a Sorte me condemna,
Quando, ao ver acabar Amor, Virtude
Me não quiz logo ali matar de pena !

5 de Abril de 1823.

Ao orgulho inútil de Portugal.

SONETO

Em vão Lisboa furibunda intenta
Ver de novo o Brazil no chão prostrado,
A seus pés recebendo ajoelhado
Leis, que dictou Malicia fraudulenta:

Com furia negra, e ambição sedenta
Debalde envia barbaro Soldado,
Que entre chamma e ferro, e a Morte ao lado
No sangue Brazileiro se apascenta.

Impotentes esforços, vãos furoros
Raivas inúteis, de um Congresso injusto,
Que rotos vê seus tramas impostores:

O Brazil gigantesco, audaz, robusto
Ha de zombar dos ferros oppressores,
Quiz ser livre, ha-de sê-lo a todo o custo.

11 de Abril de 1823.

Ao insulto feito ao Retrato do Bispo d'Angola,
Povoa, no Convento dos Franciscanos,

SONETO

No Patrio Rio a Franciscana Gente
Em oco santo, em doce paz vivia:
Já dos mesmos Capitulos fugia
A Discórdia chorando tristemente:

Mas tal ventura o Fado não consente,
E d'entre aquella inerte Fradaria,
A alguns moços de acesa phantasia
As almas enche de furor vehemente.

Ver no salão, do Povoa o Retrato
Lhes move as iras barbaras, e indinas,
Morra; he Chumbado, grilão, morra iugrato!

Pelas Fradesas mãos feito em ruínas
Jaz o Bispo, e com feio desacato
Vão-o enterrar no fundo das Latrinas!

12 de Abril de 1823.

A' civilisação das quatro partes do Mundo.

SONETO

Foi nas margens do Nilo que primeiro
Raiou aos homens a Cível Cultura,
E na Lybica praia a Mãe Natura
Botão depez seu habito grosseiro:

A's terras d'Azia, Fado aventureiro
As Sciencias guiou: ali fulgura
Tiro, a Phenicia, e o Caldeo procura
Mundos de luz no espaço derradeiro.

Depois na Europa vem buscar abrigo,
Deixando as regiões da rôxa Aurora,
A Polidez, que as Artes traz consigo:

A Guerra de seu ninho a laça fóra;
Mas para a receber no Seio amigo
A Quarta Parte Nova surge agora.

16 de Abril de 1823.

Ao Machado.

EPISTOLA em versos desiguaes

Vai, Pensamento meu, as margens busca
Do placido Mondego, onde resoão
Os suspiros de Ignez, de Pedro as magoas,

Lá junto ás suas aguas

Está fundado o Templo magestoso
Consagrado a Minerva: ali se encontra
De Jovens o Concurso numeroso

Que de terras diff'rentes

Vão tributar-lhe culto, e em seus altares

Curvados, reverentes

Volux depôr, e offrendas a milhares.

Tambem do nosso Povo Americano

Cá do Patrio Janeiro não temendo

A brava furia do irritado Oceano

Partem nos lenhos curvos

Adoradores cento, amavel bando

Que saude, alegria

Na fresca Mocidade estão gozando.

Entre elles quiz da Sorte a Tirania

Levar-me da minha alma a melhor parte

N'um Amigo, que eu tinha,

E que foi de Bartholo a subtil Arte
No Liceo aprender, donde dimana
A intrincada Doutrina da Chicana.
Inda ao menos dali, quando me vinha

Alguma letra sua,

Docemente adocava-me a Saudade
E quando eu lhe escrevia, a magoa crua
Nos caracteres, que fiel tragava

Lenitivo encontrava.

Mas hoje o sentimento da Amizade
Já não posso exprimir com pena leve
Sobre o liso papel, que além dos Mares

Ao terno Amigo em breve

Participe meus gostos, e prazeres.
A Guerra atroz, de feia catadura

Os odios semeando

Velo aggravar a minha desventura;

Que o Commercio vedando

Entre Lisboa, e Brazil, nem mais consente
Chegarem aos olhos meus do Amigo ausente

As noticias, as Cartas

Das expressões fagueiras sempre fartas,
Marte cruel, que sangue só respira,
E de corpos truncados te alimentas,
Mereci porventura as tuas iras,

Que contra mim violentas

Embravecem ? Tirano, ah ! não poderas
Teus golpes dirigir somente áquelles
Que vivem de Politicas Chimeras.

Nós miseros, imbelles

Nem ao Brazil os vis grilhões tecemos,

Nem os planos fizemos

Para os ferros quebrar, e assim tão caro
Teu furor pagaremos ! Mas que digo ?...

Da Patria amor preclara

Vive no peito meu, brilha no Amigo,
Que minha alma escolheu: que soffra embora

Meu triste coração ! prosegue, oh Marte

De sangue, de carnagem a faltar-te.

Prosegue: em vão a Humanidade chora,

Em vão prantea a amavel Amizade:

A Patria Liberdade

Sacrificios precisa;

Filhos da Patria temos por divisa

Pelo Brazil Independencia, ou Morte.

Mas onde desta sorte

Me leva a Fantasia, que mistura

Mil confusas idéas ? Do Mondego

As margens minha Musa só procura,

Pensamento que cego

Erras sem tino; para ali governa
 Os vãos lens com viragão galerua.
 Nos Lusos lares entra; não te assustem
 Olhos trados, gesto furibundo
 Da Gente Portuguesa: elles blasfemão
 Contra o bello Paiz do Novo Mundo:
 Ah! que mal o conhecem!
 Os seus filhos, que o jugo sacudirão
 Só louvores merecem.
 Almas Gentis á Liberdade aspirão
 Vaf, entre os Lusos o meu bom Machado
 O Patricio procura
 Pinta-lhe com verdade em tinta escura
 Maxoa acerba de um peito angustiado.
 Dize-lhe que por cá no Patrio Rio
 Inda me lembro delle a toda a hora,
 Dize que mesmo agora,
 Um que triste, e sombrio
 Na penna a mão lancei, somente a idea
 De que com elle fallar conteve um pouco
 A tristeza, que fea
 Dava mil tratos ao juizo louco.
 Tristeza, que arrastando a negra roupa
 Do luto macilento
 Traz em seu rosto as pennas, e o tormento;
 Que a mão no fel ensopa
 Da Magica feroz Melancolla,
 E logo com Tirana aleivosia
 Dentro em meu peito o filtro venenoso
 Embebe todo com furor raivoso.

16 de Abril de 1823.

AO NARIZ DO B. T.

Esse nariz do Mundo maravilha,
 Que Gregos e Romanos
 Faz esquecer, o mesmo aos Castelhanos
 Os narigões humilha.
 Soube tirar de afronta, e de vergonha
 Os Patricios narizes Brasileiros
 Mostrando ali na maxillar esphera
 Do altivo Cimborazo a Ephygie vera.

20 de Abril de 1823.

ADEVINHAÇÃO --- O dinheiro

Bem que seja diminuto
 O tamanho, e corpo meu,
 Tal s'ina o Fado me deo
 Que em mór preço me reputo:
 Sou, de mil fadigas o fructo,
 A larga ponte, por onde
 Tudo o que ha se corresponde
 O Mundo por mim trabalha;
 E ás vezes uma mortalha
 Meus attractivos esconde !

20 de Abril de 1823.

A' morte de D. Ignez de Castro.

SONETO

Sensível a seus ais, a seus gemidos
 A' Linda Ignez Affonso Rei perdoa,
 O pungente espectáculo o magoa
 Da triste Mãe, dos filhos desvalidos:

A voz da Humanidade em seus ouvidos
 Com suave brandura lida resoa,
 Quando o rigor, e a sanha já pregoa
 Turba infame de barbaros Validos.

Duros punhaes no seio delicado
 Cravão sem pena os feros Assassinos:
 E foi, oh fraco Rei, por teu mandado !...

Bella Ignez, contemplando os teus Destinos
 Quem não sente ferver-lhe o peito irado
 Contra os Reis fracos, e os Mandões Indignos ?

23 de Abril de 1823.

Ao Ilustre Deputado nas Cortes Constituintes,
o Sr. José Martiniano de Alencar.

SONETO

Digno Alencar, em Lísia o grito alçaste
E ouvido ali entre rancor, e espanto
Ao Janeiro chegou. Com valor quanto
Do Brazil os Direitos sustentaste !

A terra de Cabral, por quem pugnaste,
Ao ver do filho a gloria erguer-se tanto,
Chorou de puro gosto alegre pranto;
Ceará ! Tu de jubilo saltaste.

Se na plaga Estrangeira, além dos Mares
Assim valeste, o que esperar devemos
Do teu denodo nos Patrios Lares ?

Os louvores fiéis que te rendemos:
Da caterva servil entre os pezares,
Soar pelo Universo inda veremos !

29 de Abril de 1823.

A' Installação da Assembleia Constituinte.

ODE

1

Hoje, oh Musa, sublime o vôo arguendo,
Fogo dos Ceos Divino
Brillar faze em meu hymno;
Que nestes versos elevava pertendo
Té ás estrellas o nitente dia,
Em que a nossa ventura principia.

2

Nas Regiões Italicas outrora
Em carros triunfantes
Os Generaes ovantes,
Entre o concurso vão, que a pompa adora,
Ao Capitolio a invicta Roma alçava,
Quando as Terras, e o Mar avassallava,

3

Dias de gloria, mas de sangue tintos !
 Cadeas vejo, e ferros !
 Por caprichos por erros
 Infelizes mortaes presos, extinctos !
 Regiões devastadas, fumegantes,
 Choros, clamor, gemidos penetrantes.

4

Oh como fascinada a plebe julga
 Que os filhos só de Marte
 A fama coube em parte
 Com as Leis justicieras, que promulga
 O sabio Numa no palz Latino,
 Fez esquecer o nome de Quirino.

5

Com grilhões affligir a Natureza
 Talar Campos, Cidades
 De mortes, de orfandades.
 O Universo enlutar não he grandeza:
 Dar leis prestantes, vindicar direitos
 São de um Ser racional mais dignos feitos.

6

Eia, oh Musa, ás emprezas te abalança
 E em metro o mais subido
 Seja no Mundo ouvido
 Por onde inda o mau Gento as trevas lança
 Que aos dignos Pais da Patria Brasileira
 Vai da gloria hoje abrir-se a grã carrelra.

7

Foi para o bem de todos que entre as gentes
 Governos se erigirão
 Os povos consentirão
 Ao soho em sublimar Varões prudentes
 Para gozar melhor os jus sagrado,
 Que pelo Ser Supremo nos foi dado.

8

Mas ah ! que a longa successão dos annos
 Tacs verdades sepulta
 Na escuridão, e exulta
 O Despotismo escogitando enganos:
 Eis a luz assomou; vacilla, e treme
 Nas mãos do Monstro do dominio o leme.

9

Facunda a Liberdade a voz alçando
 Aos homens apparece,
 Os peitos fortalece,
 E os não roubaveis foros pregoando,
 Faz fluctuar seus aureos estandartes
 Do Mundo ao mesmo tempo em quatro partes.

10

O Brazil, que nas trevas da ignorancia
 Gemera immensos annos,
 Zombando dos Tiranos
 Surge viril da alardeada Infancia,
 E os principios vivificos abraça,
 Onde aos direitos o dever se enlaça.

11

Já da Nação as luzes collectivas
 Unidas refulgindo
 C'os raios, que partindo
 Vão de um só foco, tornão-se mais vivas,
 E o puro influxo ao longe dilatando,
 Estão as sombras densas dissipando.

12

De brancas roupas, de viril belleza
 Cheia de magestade
 Presida a Liberdade
 A's sabias discussões, onde se péza
 O interesse geral, e seu semblante
 Rígido afasta o Satrapa arrogante.

13

Não me engano: a Lisonja de mil cores,
 Que os Palacios passeia,
 Pinta na afflicta idea
 Da torpe queda as vergonhosas dores;
 Já traça iníquos planos de vingança,
 Com que illude seus males a esperança.

14

Simplex, modesto o merito ignorado
 Nestes climas florentes
 Para os cargos ingentes
 Val ser na Choga humilde procurado:
 A Europa cultura foragida
 Nos ricos lares vem buscar guarida.

As Nações, que em desprezo nos olhavam
 Com ufania estulta,
 Quando da terra inculta
 Os diamantes, e o ouro só buscavam,
 Vendo o Brazil subir em gloria tanto
 Confusas pasmão já de pejo, e espanto.

Oh que brilhantes scenas o futuro
 Aos olhos patentea,
 Torna outra vez Astrea...
 Mas onde o golfo atravessando escuro
 Nos teus vãos chegar, oh Musa, intentas?
 Desce! Já mal nas asas te sustentas.

a de Maio de 1823.

A' Installação da Assembleia.

SONETO

Patria! Patria! Brazil, a fronte erguendo
 Larga dos pulsos os grilhões quebrados,
 Os grilhões, que por tí aos pés calcados,
 Fazes hoje abysmar no centro horrendo.

Ocultese na terra o pé lambendo
 O feroz Despotismo, a cujos lados
 Ruge a servil caterva dos malvados
 De raiva os proprios membros remordendo.

Nos fastos do Brazil se aponte o Dia!
 Brilhe na de ouro, nitida escriptura
 Hoje da Lei o Imperio principia.

Sobe, oh Terra ditosa á mór altura,
 Que tens da Gloria tua em garantia
 Os Pais da Patria, Pedro, e a Ventura.

4 de Maio de 1823.

A' LIBERDADE

ESTANCIAS, p.^a mudar nas de Outbr.^o de 1821

1

Em vão continuo por erguer forceja
 A atroz cabeça o Despotismo horrendo
 Na furiosa, barbara peleja
 Pela terra o vil corpo revolvendo,
 Que a Liberdade co'a temivel planta
 Firme lhe calca a horrida garganta.

2

Nympha gentil ! A sua formosura
 De infieis atavios não se arrega,
 O nitido fulgor da face pura
 Logo as almas cativa, e senhorea,
 No porte, e gesto magestade brilha,
 Que a soberba dos Satrapas humilha.

3

As roupas soltas de seus hombros descem
 Mais alvas do que a neve purpurina:
 Dos membros nunca ao movimento empecem
 Nem de seu corpo a graça peregrina:
 Na pulcra mão, terror da grey malvada
 Reluz tremenda a vingadora espada.

4

Vê-a a bilingue, perfida Cohorte,
 E a salvação já busca na fugida,
 Cuidando achar a cada passo a morte,
 Ou dos crimes a pena merecida,
 E inda o pavidio medo não minora
 Dentro da escuridade protectora.

5

Que grandes feitos, assombroso espanto
 Do attonito Universo a Deoza inspira !
 Dos corações magnanimos encanto,
 Ella os accende em formidavel ira,
 Quando infames grilhões lançar-lh'intenta
 Inchado Orgulho, ou Ambição sedenta.

6.

Rios secando, enchendo Valles, Montes
 Já do Peloponesso se avisinha
 A multidão, que encobre os horisontos,
 Xerxes á sua frente, Xerxes vinha,
 A quem lembrar não pôde que se oppunha
 O valor Grego a força tão medonha!

7

Barbaro! Que não sabe quacs perigos
 Arrostra um peito livre, e generoso
 Só trezentos da gloria, e Patria amigos
 Fazem tremor o Persa, presumpçoso
 Caras vendendo as denodadas vidas,
 'Teu nome o attêsta, oh bravo Leonidas!

8

Lá vejo a Grecia abandonando os lares,
 Para fugir da escravidão nefanda,
 Ir tentar a fortuna sobre os mares:
 De Salamina a fama veneranda
 Vive inda hoje com pregão seguro
 Atravessando as sombras do futuro.

9

Mas acaso hirei eu da Argiva Historia
 Revolver a longínqua antiguidade?
 Minha Patria tambem de immensa gloria
 Se cubriu, sustentando a Liberdade:
 O Gallo astuto, o Castelhana o diga,
 Conte-o de Sigismundo a gente inimiga.

10

Olinda do Estrangeiro Intellz preza
 Via as phalanges Batavas ufanas
 Talar seus lindos campos sem defeza;
 As orgulhosas Quinas Lusitanas
 Dos oppressores timidas fugião,
 E cortadas de medo se escondião.

11

Povos! por vós a Liberdade chama!
 Ouvida foi: E co'a influencia sua
 Como na gente, nossa se derrama
 Desprezo vencedor da morte crua!
 Provou ali do inimigo immenso damno
 Todo o valor do Braço Americano.

12

Das Garatapes resson na serra
Do cem combates o fragor profundo:
Inerte Portugal na horrenda Guerra
Os feitos escentou do Novo Mundo,
E em troco da virtude heroica, e rara
Mas apertados ferros lhe prepara.

13

Aos olhos meus que scena variada
De sangrentos triunfos não off'recem
Os fastos do Brazil! A fronte ornada
Inda laureis, e c'roas lhe guarnecem,
E o Paraguay de assombro, e susto cheio.
Do Pulso vencedor recebe o freio.

14

Já na roda veloz volvendo os annos
Ordem nova de seculos começa:
Calcando aos pés os perfidos Tyrannos
Livre o Brazil á gloria se arremessa,
Eis entre feitos mil, mil aegões bellas
Brilhão as novas, nitidas estrellas.

15

Tu és, oh Liberdade!... Os nossos lares
Tu guardaste das hostes oppressoras
Neste Immenso Paiz sacros lugares,
O querido pendão triunfante arvoras:
Na dextra o ferro, aos filhos teus presides
No feio horror das heilicosas lides.

16

Já de Marte feroz depondo a lança
Eu te saúdo em o Nacional Congresso,
Que peza na politica balança
Dos interesses publicos o prego,
Ou que fulmina com a mão segura
Fantasmas da Cobiza, e da Impostura.

17

Sim, oh gloria! oh prazer! tu hoje imperas
Nos Brasileiros generosos peitos
Por ti, eu o sei, ver-se-ha nas nossas aras
A memoria esquecer de antigos feitos,
E dos recentes o esplendor preclaro
A furia submeter do Tempo avaro.

Tremei, sectarios vis do Despotismo !
 Olhai ! O monstro moribundo arqueja,
 E já sob os seus pés o horrendo abysmo
 A boca abrindo turbido negreja;
 Que vai tragar no Barathro profundo
 Do Mal o Genio, que empostava o Mundo.

14 de Maio de 1823.

EPIGRAMMA

P.

Forte teima a dos Poetas
 Em morder na Medicina !
 Não sei a causa qual seja
 De raiva tão cerebrina ?

C.

Só, porq' ambos seguem Artes
 Filhas da Imaginação,
 E tem os de um m.^{mo} offício
 Entre si pouca affeição.

P.

Mas certa diff'rença encontro,
 E na verdade fatal;
 Uma rende mil cruzados,
 A outra não dá real.

26 de Maio de 1823.

PARA O A. JOAQUIM

O dedo do Janellisse
 Não iguala o do Vellozo.

Amigo, então não lhe disse,
 (Eu cá sou moço de brío)
 Que era um assombro em feitiço
 O dedo do Janellisse ?
 Agora estimo q' o visse,

Por não ficar d'vidoso.
 Pasmou ! Pois um mais famoso
 Dedo cá temos no Estudo,
 Este he raro, mas com tudo
 Não iguala o do Vellozo.

26 de Maio de 1823.

Aos Cortezãos.

— Não ha que fiar em conversão de Peccador antigo. —

SONETO

Alcíppo Cortezão, que a longa idade
Nas intrigas da Corte, e seus rodeios
Gastado havia, cogitando os meios
De alcançar uma vã felicidade:

Ao ver cahir as torres da vaidade,
E os artefactos mil de encantos chelos,
Basta, diz, de viver entre receios,
Nada iguala a feliz Mediocridade.

Então deixando a Corte, o Campo habita,
Vai ver cortar a Terra o curvo arado,
Ouve o Pastor, que gosto ao Canto exalta

Viver parece alegre, e sosegado;
Mas a antiga lembrança o peito agita,
El-lo na Corte atraz de um falso agrado.

28 de Maio de 1823.

Ao Despotismo mascarado.

(Havendo apparecido na Assembléa varios Discursos
Anti-Ministeriaes &c.)

SONETO

Sobre a fronte rugosa o Despotismo
Lançando fresca mascara cobria
O medonho semblante, que fazia
Horror ao Mundo, horror ao mesmo abysmo.

Levado pela mão do Fanatismo
Por torcida vereda os passos guia,
Tendo no peito a negra aleitosa,
Na boca o amor do bem, Patriotismo:

Mas o Genio da Luz, que as trevas corre,
O agoite da razão na Mão trazendo
Pronto os humanos miseros soccorre.

E a enganadora mascara rompendo,
Fallando á Gente cega, assim discorre:
O Despotismo ! He elle ! O Monstro horrendo !

30 de Maio de 1823.

A' noticia da Restauração da Bahia, dizendo-se ter sido por compra. (falsa).

SONETO

O inimigo valor contando em pouco
A Talaveira Tropa Lusitana,
Do astuto Labatut zombava ufana
Por fraco a tinha por pedante, e louco.

Cansado de escrever, de fallar rouco
Grita o Macedo, que na Terra Indiana
Os Lusos inda alem da Taprobana
Derão da Gloria, e fama a vida em troco.

Ouvindo ao Pregador, a Casta Brava
No passado proposito persiste:
Jura que quer morrer, mas nunca escrava,

Porem mal com dinheiro se lhe assiste
Já Macedo, e Madeira aos Demos dava
Que ao oiro do Brazil ninguem resiste.

10 de Junho de 1823.

Ao mesmo assumpto.

SONETO

Não mais podia o Céu soffrer que o Crime
Calcasse as Leys da santa Humanidade:
Em vão folgava em risos a Maldade
Que do Justo Castigo não se exime.

Lágrimas, em que a dor oppressa exprime
A Bahia na misera orphandade
Chegão a Deos, e a Mão da Divindade
Das peizadas cadeas a relinhe.

Triunfou a Justiça! O negro bando
Dos cruéis oppressores fraco, imbelte,
Onde occulta a vergonha está buscando.

Qual braço, que o Destino assim compelle
Póde a Furia da Guerra agrilhoando
Taes prodigios fazer? Um Deos! Só elle!

10 de Junho de 1823.

A um Sermão, em que Fr... pregou de Santo
Antonio de Lisboa.

SONETO

He hoje o Dia o Dia festejado,
Em que a Gloria das gentes de Lisboa,
De quem tanto milagre se pregoa
Olhos abriu á luz do Sol dourado.

Nas Lusitanas plagas venerado
Prodigios a prodigios amontoa,
E no hergo natal, na Terra Eoa
Sempre de Portugal preside ao Fado.

(Gritava Fr. Gerundio) e não duvido
Que delle haja por isso algum desgosto
Ou mesmo por chumbado seja tido:

Mas isso, Filhos meus, he mal supposto
(Patriota sou'eu, como he sabido)
Pois elle he tanto ou mais, apostro.

11 de Junho de 1823.

ESBOÇO de um Idillio, — q' não sahio Idillio

As tremulas estrellas prateadas
Brilhavão d'entre azul no veo ridente
Da sombra opaca: as nuvens mensageiras
Da chuvosa procella, ao ver o rosto
Da risonha, modesta Irmã de Phebo
Tinhão fugido já do Campo Ethereo.
Em repouso dormia a Natureza:
Apenas d'entre as arvores copadas
Nas buliçosas folhas sussurrando
Mollemente Favonio respirava
E sobre as tenras asas carregando
Subtils aromas das mimosas flores
Embalsamava docemente os ares.
Noite encantada! que doou fagueira
A favoravel Mãe aos nossos Climas!
A descanso chamando os membros lassos,
Que o rigor da Canicula abrazada
Torrou, enlangueceu durante o Dia!
Somento entregue todo ao seu cuidado
Em a scena calada que rodca
Solitario, n'um tronco recostado,

Sentindo oppresso o coração ancioso,
 E ao Céu lançando humedecidos olhos
 Fictícios males deplorava Umbrano,
 Umbrano, que deixando os ricos tectos
 Da Corteza Polida, onde se alvergão
 A fastio de inánsis catadura,
 Dos Campos no silencio a Paz buscava,
 A Paz, doce illusão que lhe fugia.
 Oh, ditosos Agricultos, exclama,
 A vida alegremente, e sem desvelos
 Sabeis gozar na rustica Choupana
 De barro, e palha humilde!
 Hora entoando as simples Cantigas
 Adegaes o serviço afadigoso,
 Hora da Esposa a par, tendo nos braços
 Caros penhores de um amor sincero
 Seus carinhos gozais...
 Que o fertil solo prodigo premela,
 Vedes brotar do rico seio a Terra
 A planta do Café, o milho, a cana -
 Riquezas vossas, da Nação riquezas;
 Quanta inveja vos tenho! Eu sou na Corte
 Com respeito tratado; por amigos
 Tenho os Grandes do Estado, e bens sem conta
 Quiz a ventura partilhar comigo;
 Mas convosco eu trocára a minha Sorte.
 Na lanta meza á turba numerosa
 Dos meus adúladores apresento
 Vinho exquisito, opiparos guizallos.
 As taças do Champagne em torno girão
 Entre os convivas, mas batendo as azas
 Ao longe voa o Prazer, e os Risos.
 Occulta Mão en ginto, que envenena
 Na pompa dos festins toda a doçura.
 Ora por ver se a nevoa se dissipa,
 Que opprime o coração, todo m'engolfo
 Nas tormentas Politicas: Ah triste!
 Ali só magoa, e afflicções me ancêão!
 Ora fugindo turbido, e cansado
 Do murmurio inquieto ás vãs intrigas
 Sustos, Recelos, inseparaveis soclos
 Dos titulos, das altas Jerarchias,
 (Ou antes captivelro, e duros ferros,
 Com que prende a Fortuna os seus amantes
 No enganoso triumpho ao Carro d'ouiro)
 Este asilo da Paz aqui procuro,
 Entre o cavado mar qual busca o Porto
 Na fela tempestade o Navegante:
 E na densa espessura destes bosques,
 Que um sagrado terror produzem n'alma,

Onde as silvestres Musas inspiradas
 Fazem soar harmonicos accentos;
 Respirando este halito das flores,
 Que tão minúsculas sensações motiva,
 Vendo escoar-se mansamente o Rio
 Por entre os arvoredos enlaçados,
 E com as lentas agoas ir regando
 Essas férteis campinas, onde avultão
 Sombrias sempre as arvores annosas
 Da robusta mangueira, e carregada
 Os pomos d'ouro a Lorangeira off'rece;
 Cuido a meus males vir achar alivio,
 Funesto engano! Os males meus não cedem,
 Exista onde existir sempre me encontro!
 Oh Ceos! oh justos Ceos! E qual ser pôde
 A fonte, d'onde corrê, e se deriva
 A amargura que sinto? Mas acaso
 Eu mesmo a não conheço? O feroz Monstro
 Das Cortes voraz idolo, o Flagelo
 Que as entranhas me rõe? Sim és tu mesma
 Oh Tirana Ambição! ... aqui suspenda
 Umbrano a voz, e o Echo pregoeiro
 Ambição, ambição; responde, ao longe.

12 de Junho de 1823.

Sendo rejeitada a Proposta contra os Euro-
 peus feita por Moniz Tavares n'Assemblêa.

SONETO

Chusma feia de pallidos temores
 Nossos Irmãos da Europa assalteavão,
 E já nuvens nos animos formavão
 Prenhes de raios, tempestade, horrores.

Mas quão do Sol dos puros resplandores
 Fugem do Ceo as trevas, que o toldavão,
 Assim os vãos fantasmas dissipavão
 Dos direitos do Povo os vingadores.

Contra o nosso Paiz o Luso embora
 Barbara Tropa envie carniceira;
 A raiva desprezamos oppressora:

Soube a Nação ser livre, e justiceira,
 E o Mundo aprenda neste exemplo, agora
 A conhecer a gente Brazileira.

28 de Junho de 1823.

A Lord Cockrane.

ODE

Quanto não ousa de Japeto a prole !
 Os diques, que impuzera a mão dos Numes
 Audaz quebranta anciosa não cabendo
 Nos naturaes limites;
 Por entre as vagas arrostando Eolo,
 Em fraco lenho encara a negra Morte.
 Por invia estrada os polos communica
 Cortando as virgens ondas,
 E dos impios excessos não contente
 As sanguinosas scenas de Bellona
 Transporta ao Mar; e o raio de Mavorte
 Faz trevojar nas ondas.
 Do horrendo som Neptuno amedrontado
 Esconde a cabeça verdejante
 Nas fundas grutas, e da firme dextra
 O tridente abandona.
 Tinhão já visto as Nayades formozas
 Geladas de pavor no Campo Equoreo
 Os Punicos Baixéis, do Lacteo as Frotas
 Vir disputar o imperio:
 Da derradeira Hesperia a gente Lusã,
 (Hoje tão outra ?) O Cabo Tormentorio
 Dobrar sem medo, e ás Regiões do Dia
 Levar ou morte, ou feras.
 Quando, filha do Mar, das ondas surge
 Para lhe impor as Leis Britannia exalta
 E progenie sem par dali brotando
 Assombra os dois Oceanos !
 Sobre as salzas campinas ferve irado
 Das carnagens o Deos: tu, Acre, o conta,
 Dize, tu, S. Vicente, que prodigios
 Teu Cabo sternizirão !
 O Heroe de Trafalgar, troando os bronzes
 No desigual conflicto, entre ruinas
 Morre vencendo, e ainda ali parece
 Mandar aos Elementos.
 Eu lá vejo. Um Rival lhe aponta o Fado:
 E os Despotas dos Mares memorando
 A nativa Albion confunde os nomes
 De Nelson, de Cockrane.

Vem Liberdade, Mãe de feitos grandes,
 Que nos peitos magnanimos ajeas
 Flamma invencivel, sóta uma falsa,
 Que os versos meus accenda !
 Do oppressor Hespanhol Chile queria
 Feitos grilhões quebrar: vãa a seus lares
 O denodado Inglez, investe, e rompe
 Os Leões de Castella.

Já dos Incas o Imperio espavorido
 Cede todo ao valor do forte braço
 Entre os combates perde o vasto Oceano
 De Pacifico o nome.

Farto ali de vencer, a Gloria o chama
 A mais amplo Theatro de victorias,
 Onde por novos feitos se escureção
 As antigas proezas.

Que !... as Quinas soberbas inda ousão
 Pizar com menos preço as plagas nossas !
 Caião por terra: a salutar vingança
 Ao Bravo se confie !

Qual raio que da nuvem despidido,
 Com medouho estridor apenas troa
 Tudo tremoe convulso os rostos lividos
 Entre as mãos escondendo.

Tal sobre a genta infesta, que zombava
 Da injuria nossa, horrivel apparece
 De terror subitaneo enchendo os peitos
 O tremendo Almirante.

Já lá nas aguas da gentil Cidade
 Campêa, as hostes luzas insultando
 Dos futuros triunfos agoireira
 A flamula auriverde.

E por confusa cerração rompendo,
 Oh que brilhante no porvir descubro
 O nome seu, de Lísia horror, e espanto,
 Do Brazil timbre e gloria.

As inimigas falanges em fugida
 Duscão da Patria o cognito caminho
 E inda lá lhes parece que sobr'elles
 Vêm de Cockrane as iras.

A's melhoras de S. M. I.

SONETO

Graças Deos Immortal ! O Chefe Augusto
Da Nação Brasileira recupera
As forças, a saúde, que perdera
Em dia infausto d'afflicção, de susto.

Nossos votos ouviu clemente e justo
O Ceo propício. Em breve o povo espera
Ver a seu Pedro, e alegre o considera
Majestoso, gentil, forte, e robusto.

Graças Deos Immortal ! No novo Imperio,
Que Pedro edificou, que tem salvado
Tantas vezes de horrendo vituperio,

Do mais vivo prazer se escuta o brado;
Que a saúde do Heroe deste Hemispherio
De saúde, há vigor do immenso Estado.

19 de Julho de 1823.

A' fugida do General Madeira.

SONETO

Finalmente cahio ! A vã Cohorte,
Que a formosa Bahia, em ferros tinha
Suster não pôde, trepida e mesquinha
Do ardido Brasileiro o braço forte.

Nos velozes Baixéis fugindo á Morte,
Que de suas cabeças se avesinhia;
Por entre as ondas rapida caminha,
E do afflicto Natal demanda o Norte.

Lá vão sua vergonha e magoa lusana
Em a Patria esconder, que assim conheça
'Todo o valor da Gente Americana.

Côre Lisia de pejo, e se entristeça;
Que em brevo a flamula auriverde ufana
Talvez sobre os seus Marcos appareça !

22 de Julho de 1823.

A's melhoras de S. M. I.

SONETO

Longe de nós fugi, sustos, e pranto
De macilenta, e feia catadura,
Fugi, que nestes lares a Ventura
Agora habita com risonho encanto.

Pedro, Heroe do Brazil, terror, e espanto
Da sanha infesta, e perfida impostura,
Sente em seus membros a Saude pura
Já balsemo lançar vigente e santo.

Filhos da Patria! Pedro sem demora
Ila de mostrar-vos o gentil semblante,
De que Bellona, e Venus se namora:

Solte o Prazer os diques abundante;
Que do Heroe a saude Protectora
Novos Triunfos ao Brazil garante.

24 de Julho de 1823.

Para se escrever na sorte do dote tirado por
subscrição a favor de uma das Orfãs da Santa
Caza, em acção de graças pelas melhoras de
S. M. I.

Uma das seguintes:

QUADRAS

A Sorte, que de aspecto rigoroso
Te lançou triste em misera orphandade
Hoje mudada já, te offerece Espozo,
E n'um dote feliz mediocridade.

Neste de Graças venturoso Dia
Trocar tua fortuna o Ceo consente
Nas preces, que por Pedro a Deos cavia
Tua voz á da Patria une contente.

Não mais lastimes o tirano Fado;
Que se os Pais te roubou a Morte crua
Agora de Piedade o Ceo tocado
O pranto enxuga da Orphandade tua.

Alegra-to! Tu foste a Venturosa,
A quem a feliz Sorte coube em parte:
A Patria, que o seu Pedro são já goza,
Quiz das mãos do Infortunio assim salvar-te.

De teus Concidadãos gentil Piedade
Tirando-te das garras da pobreza
Próvida vale a mísera Orphandade,
Remedeia o que fez a natureza.

8 de Agosto de 1823.

MOTTE

As figuras do Museo
Não comem senão alpista.

DECIMA

Por sucia uma vez quiz eu
(Deo-me cá isto na asneira)
Hir ver certa quinta-feira
As figuras do Museo:
Gente ali me appareceu
De bico, esporões, e crista,
De veras pasmei co'a vista
Quando um me diz, não te espantes,
Que esta sucia de galantes
Não comem senão alpista.

28 de Setembro de 1823.

A EL-REI D. JOÃO 6.º

Mais dois exemplos.

SONETO

Em Lisboa o Rei João protesta, e jura
Cumprir fiel a publica vontade,
E por melhor zombar da Liberdade
Seus discursos reveste de candura.

Mil-lo a mascara deixa da Impostura,
A força toma, e vii duplicidade,
Annula os votos seus, calca a verdade,
E leis implias despotico fulgura,

Ali Fernando a Regia firma empenha
Tudo promette a Hisperia avariçada
Pela Cabala perfida, e ferrenha,

Mas tudo esquece, e n'alma depravada
Crimes, vianganças mil traça e dezenha;
Oh palavra dos Reys como és sagrada!

24 de Dezembro de 1823.

MADRIGAL

Tu me perguntas, oh formosa Nise
 Se eu hei-de ser constante,
 E quando expirará no peito amante
 De amor a viva chamma? Ah! Nympha, dize
 Que posso responder? Acaso eu sei
 Em que dia, em que instante morrerei.

14 de Dezembro de 1843.

AO DR. SALDANHA -- Poeta

Harmonico Saldanha, honra o teu Canto
 Na Natallia gloria pregoeiro,
 As Musas, o bom gosto, a nossa idade
 O nome teu, e o Povo Brasileiro.

De um Filho a sua Mãe em resposta a umas
 dedicações.

QUADRAS

Mãe as vossas caras lettras
 Ante os meus olhos chegarão
 Elles, oh Mãe, tão querida,
 Logo em pranto se arrasarão.

Vendo ali de um peito amante,
 De um coração Maternal
 Os sentimentos expostos
 Em linguagem Natural,

Quanto vos devo lembrou-me
 Para aggravar-me a Saudade,
 Educação, Existencia
 Amor, Ternura, Amisade.

Não tenho de pedra riça
Fabricado o peito meu,
A Gratidão, dom Divino
Bemfazejo o Céo me deo.

Se ainda nas mesmas feras
Entre os brutos Animaes
Pelas mãs os filhos mostram
De affeição claros signaes,

Eu que sou um Ente humano
O que não devo sentir ?
De magoa na triste ausencia
Quer-se o coração partir.

Ou no Militar serviço,
Ou triste, ou alegre em fim
Jamais a memoria vossa
Se pôde riscar de mim.

E só me alenta a lembrança
De ainda a ver-vos tornar,
E com lagrimas de gosto
A Materna Mão beijar.

O prazer que então me espera
Suavisa a minha dor,
Momento tão suspirado
Me trará n'um vôo Amor.

O puro Amor filial,
Meiga, suave affeição,
Que levantou o seu Throno
Dentro do meu coração;

He dever, e não virtude,
A Natureza o grayou
Com sagrados caracteres
Em os Entes que formou...

Ah ! sim breve, oh Mãe, que adoro,
Em saude eu vos verei,
E os Irmãos, os bons Parentes
Terno, alegre abragarei.

SONETO

Esses olhos azues, que nesse rosto
Resplandecem, oh Nympha, como estrellas,
A tez de branca neve, as faces bellas,
Em fim do todo Virginal composto:

Tanto arrebatão de suave gosto,
Que as trez Graças, e as nove Irmãs Donzellas
Despem as odoríferas capellas,
E diz-se que a teus pés as têm deposto.

Mas que vale! (ai de mim!) essa belleza
Encerra um coração de penha dura,
Rebelde ás brandas Leys da Natureza:

Oh formosa, oh tirana creatura,
Que assim me vês arder em chama accesa,
E não queres, podendo, dar-me cura!...

29 de Dezembro de 1823.

A' Inglaterra.

SONETO

Inglaterra, onde estás? Não vês que os mares,
Imperio todo teu, audaz franquea
O inconstante Francez, que já na idca
Conta as nadantes quillhas a milhares?

Não vês que lá dos frígidos lugares
O Russo, a quem Bizancio inda recêa,
Desde o Baltico Mar de orgulho cheia
A armada envia de Bhering aos lares?

Tu que fazes então? Como consentes
Que pelo Ebro, e Tejo bonangoso
Vão florecendo os Lizes insolentes?

Ou já, fulmina o raio Bellicoso,
Ou se o teu nome tímida deamentes,
O tridente depõem do Reino undoso.

29 de Dezembro de 1823.

MADRIGAL

Morro, oh Nise, meu Beni, por ti de amores;
 Tu sabes que fiel, de mil extremos
 Exemplo tenho sido aos amadores;
 Pois vê que paga eu quero
 De um coração rendido
 Ao captivo teu; vê quanto espero:
 (Cubiquoso não sou, nem atrevido)
 Bella Nympha, por troca
 Das amorosas ancias, que padego
 Nos labios de coral, na linda boca
 Um doce beijo, um beijo só te peço.

15 de Janr.^o de 1824.

MOTTE DADO.

— *Obstáculos não ha que Amor não vença.* —

SONETO

Fera Ambição não foi que o Ceito Humano
 Pelas ondas do Pêgo sobranceiro
 Levou n'um fragil Pinho a ver primeiro
 E contrastar as iras do Oceano.

A Amor se deve: Amor, que he todo engano,
 A Moço audaz, em sonho lisongeiro
 N'um ilhado terrão dali fronteiro
 Nympha pinton de gesto mais que humano.

Um lenho cáva o Joven; não se espanta
 Dos perigos: na bella imagem pensa,
 E o trabalho seus membros não quebraenta:

Córta o Mar; chega ao porto; a recompensa
 O Nume ali lhe deo de audácia tanta;
 Obstáculos não ha, que Amor não vença!

17 de Janr.^o de 1824.

SONETO improvisado

No turbilhão do Globo, em que habitamos,
A Moda inconsequente, oh Philo, impera,
E curvados aos pés da vil Megera
Todos fiel tributo lhe pagamos.

Muda a capricho as roupas, que trajamos,
Usos troca, linguagem regenera,
E essa da antiguidade vã Chimera
Honra, brio por moda os desterramos.

Perde a Dama no Baile apparatuso
O tempo, e talvez credito, e dinheiro:
Mas se he Muda? se o mesmo faz o Esposo.

Sim, meu Philo, no Mundo feitiçeiro
Quando passa por moda, fica alheio
Ser Ladrão, ser Patife, e Caloteiro.

3 de Fevereiro de 1824.

Aos annos de uma Senhora.

SONETO

Alada tropa de vistosas côres
Companheiros, que as settas empregando
Hides sem dor, sem magoa traspassando
Docels peitos de ternos Amadores:

Arcos, aljavas, duros passadores
Fiquem de parte, e o vôo equilibrando
Senzui-me agora; obedeci ao mando
Do Deus de Amor, obedecei-lhe, Amores.

(Assim Cupido falla) oh! n'um momento,
Vós vereis a mais bella Creatura
Que pôde imaginar o pensamento:

Da linda Pimentel, nossa ventura,
Os annos hoje festejar intento;
Viude a Corte fazer á Formozura.

14 de Maio de 1824.

DECIMAS

Mentua, eu não sei jogar,
 Cantar, e tocar não sei:
 Dois annos aprenderei
 Sem, por fim, saber dançar:
 Que gostos, que lá von dar?
 Se ao menos tal qual belleza,
 Corpo esbelto, perna teza
 Me houvesse dado a ventura,
 Mostrando a gentil figura
 Limpo sahia da empresa:

Mas assim. Que hei de eu fazer?
 Hir-me esconder n'um cantinho,
 Cruzar os braços sózinho,
 E a leste não me metter:
 De quando em quando se houver
 Alguma alma caridosa,
 Receita velha, ou babosa
 Que se queira a mim chegar,
 Então sim; que hei-de brilhar,
 E verão a miinha proza.

4 de Junho de 1824.

Para o Mano Lourenço (nas suas despedidas).

SONETO

Patria, Amigos adeos! adeos, Parentes,
 De quem a cara imagem leve imprêssa:
 Adeos Lares Paternos; que depressa
 Hirci ver ontros sitios, outras gentes.

Na partida entre sensações pungentes,
 De pezar, de ternura est'alma oppressa
 Faz que saudoso o peito desfalleça,
 E o rosto banhem lagrimas ardentes.

Ah! que ao menos em mim vossa lembrança
 Jamais se apagará! Sim; nunca expira
 Amor, que em firme gratidão descansa.

Adeos! Eu choro! O coração suspira!...
 Mas breve torno! Alenta-me a esperanza,
 Senão de magoa o peito se partira.

24 de Junho de 1824.

MADRIGAL

Da mimosa Natureza o rizo brando
 Piedoso me acolheu: soube a ternura,
 Dos amantes ao povo exemplos dando
 Ganhar o affecto daquell'alma pura:

Oh sorte venturosa!

Já uma vez fagueira

Quizeste ver-me. Oh! salve hora ditosa!

Aquella em que Natercia feiticeira

Os olhos amorosos e serenos

Lançou-me eternecida!

Ah! que se ella me engana, dure ao menos

Essa illusão fingida

A duração da vida.

28 de Outubro de 1824.

Que genero de composição he este?

Não sei porque razão gente maldita

Dizem dos bens, que herdaste,

Ganhos com fome misera, infeliza,

Que em um anno, Laurindo, os dissipaste;

Dão-te apódos, que he justo eu não repita.

Espiritos pequenos,

Que sabem só dar preço ao inutil giro!

Que engano! O teu thezouro

Não dispêdeste em vão, pois delle em troca

Pende a fita encarnada

Da cazaca safada.

E ainda gritarão que foste um louco?...

O Credor importuno

Registrando o covil onde te escondes

Pede em vão a quantia

Que te emprestára; intrepido respondes:

Dívidas nunca paga a Fidalguia!

Oh famoso Varão, a tua gloria

Dos tófos para exemplo

Fica Immortal na templo

Da caloteira, prodiga memoria.

5 de Novembro de 1824.

EPISTOLA

Rodrigues, caro Amigo, ha largos tempos,
 (Desde que te conhece o teu Alcino)
 Nunca te ha visto (os olhos não lhe mentem)
 De tão nédio carão, e tão risonho.
 Qual a causa feliz, que assim desprende
 Os labios teus, e o cenho desenruga?
 Acaso te mostrou gentil sorriso,
 Com que as almas enlea docemente,
 A putebra Estrangueirinha, e no teu peito
 Balsamo puro de prazer suave
 Amena derramon? Mas não; que a Bella
 Rucheco da Natura um ferreo, hircano,
 Barbaro coração, que nem com rogos,
 Ternos suspiros, nem rom als se abrande.
 Debalde lhe legou a Formosura,
 Na tez de branca neve, e corpo airoso,
 Na cintura, onde as Graças tem morada,
 Os seus m...s ricos dons: deo-lhe debalde,
 Limões de nivea côr, porem com vida,
 Dois globos, onde Amor se alenta, e cresce,
 Dois globos, onde os avidos Dezejos
 Cravão as mãos, e as cubigosas vistas,
 Seu tirano, rigor perdidos torna
 Para Amor, para ti os seus encantos.
 Vós dezejoso o que gozar não podes.

Qual he pois a razão porque a teus olhos
 Hoje assoma o Prazer? Da negra Fúria,
 Da atroz Melancolia ah! quantas vezes
 O filtro venenoso te colora
 Da tinta verdeneira o triste aspecto!
 Quantas vezes perdido o vivo lume
 Tais olhos hebetados só reflectem
 Amargas sensações da vã Tristeza!
 Mas hoje bem diverso he teu semblante,
 Até nos labios teus apontão, brinção
 As facecias gentis, as graças meigas.
 Grande metamorphose! Quaes não conta
 O Vate Salmoneense em seus Poemas.
 O Rodrigues tornar-se ameno, affavel!
 Aquelle, em cuja feia catadura
 O rigor todo da velhice annosa
 Parece residir! Inda os tres lustros
 Forão ha pouco pela popa fóra,
 E já na sizudeza imita, excede
 O sedigo Nestor, necullo antigo
 De remotos exemplos, e axiomas.

Quando, oh Rodrigues, adoptando amavel,
Da idade Juvenil o proprio estilo,
Qual hoje me appareces, sempre o rosto
Guardarás de Mancebo, sem que affronte
A carranca senil teus certos annos !
Tu não hes Professor, que da tribuna,
Ou ridiculo throno, em que se apoia
Co'a lenta gravidade, e tromba espere
Terroros incutir nos seus pequenos:
Nem gordo Franciscano, que pizando
Com passo concertado, o lenço pucha.
Com que o suor alimpa do caxago,
E a sobranceira enruga, porque mostre
Ser Padre jubllado, ou de Provincia.
Muda pois de sistema. Ah ! vê que as Bellas
Da tenra Juventude amigas sempre
Sómente agrados, rizo em prego estimão.
Em vão aos Templos da famosa Idalla
Rouceiro Amante de Affousinas eras
Pertende com devota Romaria
Ganhar de Venus o favor Divino.
Alem das puras dadivas, que offerta,
O pio adorador, alem do incenso,
Que fuma de continuo ante os Altares,
Quer a Deoza gentil que se lhe ajunto
O sorriso de amor na face amena,
E os ternos olhos de prazer lhe lancem
Vivas centelhas, que appetite accende.
Venus o manda; obedecer-lhe he força.
De mimoso Tafal aprende os gestos,
Pule os brunidos, nítidos gapatos
Instado seja por talhar-te as vestes
Alfaiate fallaz do melhor gosto,
Dome o cabello a miudo eburneo pente,
De gratos cheiros a fragrancia exhale;
Mas mais que tudo veste no semblante
Emprestada alegria, que alimentem
Travessos ditos, expressões lagueiras
Doces Contos de amor, que amor produzem.
Por esta nova estrada encanta os olhos,
Encanta os corações das Nymphas meigas,
Peitigo dos Mortaes, do Mundo enfeito;
E até talvez assim ditozo abrandes
O bronzeo peito da Belleza rara,
Dessa formosa Estrangeirinha ingrata,
Por quem ardendo em puro amor, suspiras.

QUADRAS

1

Eis, adorada Princeza,
 Copla vossa, lindas flores,
 São formosas, porém perdem
 Ante vós a graça, e cores.

4

Deo-nos o pincel a vida,
 Mas hoje na vossa mão
 Temos, Augusta Princeza
 Mais valor, e estimação.

2

Quaes na terra as flores brilham
 Entre os outros vegetaes,
 Tal nas graças, na belleza
 No Universo vós brilhaes.

5

Princeza, olhai-nos benigna,
 Mereça os vossos favores
 Sermos da mesma familia,
 Vós sois flor, nós somos flores.

3

N'outras eras roubarieis
 A Flora os adoradores,
 Foreis a nossa Rainha,
 Deoza serieis das flores.

6

Para ornar a fronte bella
 Da Princeza a mais gentil,
 Para realçar-lhe as graças
 Nós nascemos no Brazil.

10 de Dezembro de 1854.

FABULA

1

Um Urso, com quem a codea
 Ganhava um Piemontez
 Dança não bem aprendida
 Encalava nos dois pés

3

Oroto; lhe replica o Urso,
 Me fazes pouco favor:
 Pois meu ar não he garboso?
 Meu passo não tem primor?

2

Querendo fazer figura
 Disse á Macaca: que tal?
 Era perita a Macaca,
 E respondeu-lhe: mui mal.

4

Estava presente o porco
 E disse: bravo bem 'stá;
 Um dançarino mais habil
 Não se viu, nem se verá.

5

Poz-se o Urso, ouvindo isto
A meditar; e por fim
Com ar simples e modesto
Dizem que fallou assim:

6

Quando me desaprovava
A Mona, eu quiz duvidar,
Mas já que o porco me louva
Muito mal devo dancar.

7

Guarde para seu conselho
Esta sentença um Author
Não approva o sabio: he máo!
Approva o nescio: peor!

18 de Dezembro de 1824.

FABELA

A tratar de um gravissimo negocio
Os Zangões se juntarão certo dia
Cada qual varios meios discorria
Para dissimular o inutil ocio.

E por livrar-se de tão fela nota,
Para os olhos dos outros Animaes,
Toda a mais preguiçoso e mais idiota
Queria bem ou mal fazer...

Mas como trabalhar, era-lhes duro
E o enxame inexperto
Não estava seguro

De rematar a empreza com acerto
Intentarão sahír daquelle apuro
Com acudir a uma colmea velha
E tirar o cadaver d'uma Abelha.
Mui habil no seu tempo, e laboriosa,
Fazer-lhe com a pompa a mais honrosa
Umás grandes exequias funeraes
E sussurrar louvores immortaes
Do eugeniosa que ella era.

Em lavar doce mel, e branda cera.
Com isto se exaltavão tão ufanos
Que uma Abelha lhes disse por despique:
He isso o que fazels? Pois bem, senlido;
Jamais pôde valer vosso zunido
De mel uma só gota, que, eu fabrique.

Quantos passar por sabios hão querido
Só por citar os mortos, que o tem sidó:
E com quanta vaidade e pompa os citão!
Mas só pergunto agora: Se os imitão?

De Iryarte.

18 de Dezembro de 1824.

A. B. 113

10

Aos annos da Snr.^a D. Maria... Ramalho.

SONETO

Hoje mais linda surge a Natureza,
Mais brilhante da luz desponta o raio,
As aves meigas no canoro ensaio
O canto afinão de maior belleza.

Não veste a Noite o manto da Tristeza,
Antes, rival do Sol, não tem desmalo:
Oh Dia de prazer! Ah! vinde, honrai-o,
Nymphas, Amores! Vinde e com presteza.

Trazei grinaldas de mimosas flores,
Da doce Amiga a fronte delicada
Enfeltem c'roas de nitentes cores.

Que he hoje o seu Natal! Hoje foi dada
Aos dignos Pais, ás Graças, aos Amores
C'um sorriso dos Ceos Marilla amada.

1.^o de Fevereiro de 1825.

MADRIGAL

Apostemos Natercia; hoje os teus lábios
Dois beijos roubarci, sem ser bastante
Para tolher-me a audacia
Que se mostre irritado o teu semblante.
Se ganho, oh lindo Bem, um doce abraço
Em pena me darás; porem se eu perco...
— E que has-de então fazer? — No teu regaço,
Por fugir ao castigo,
De envergonhado esconderci meu rosto.
— Bem; como queres atelmar comigo
Para punir-te aposto. —

12 de Março de 1825.

ORAÇÃO

Santo Antonio de Lisboa,
 Cujo nome esclarecida
 He no Mundo tão sabido:
 De vós a gente apregoa
 Nascer muita sorte boa,
 Protegei, Senhor, mais esta
 Que em dia de vossa festa
 Devotos comprar quizêmos;
 Venha o premio, e então diremos
 Quanto o vosso auxilio presta.

Sim, Menina, he grande o dia,
 E o Santo quer-nos valer,
 L'ôde os saquinhos fazer
 P'ra guardar a prafaria:
 Desta vez na Loteria
 Temos de fé lucro forte,
 Como o sei eu não lhe importe,
 Mas fique na intelligencia
 Que á minha grande innocencia
 Dá o Santinho a tal sorte.

13 de Junho de 1825.

QUADRAS

1

Menina, para o seu mal
 Curativo já não ha,
 Se não usa sem demora
 Dos purgantes Le Roi.

4

A que entizila dançando,
 A que séca a tomar chá
 Vão depois achar allivios
 Nos purgantes Le Roi.

2

Vorê padecer de amor,
 Amor he doença má,
 Só pôde encontrar remedio
 Nos purgantes Le Roi.

5

A' noite posta á janella,
 Se a constipação lhe dá
 Uma diz: Venhão Málzinha,
 Os purgantes Le Roi.

3

Olhe que muitas meninas
 Por aqui, por acolá
 Andão agora tomando
 Os purgantes Le Roi.

6

Outra sentindo que os annos
 O semblante enrugão já
 Quer ver se acha a Meninice
 Nos purgantes Le Roi.

7

Epathites, Febres podres,
Fanequitos de Nhánhá,
Tudo cede só á vista
Dos purgantes Le Roi.

8

Você não viu a Candinha,
Como 'stêvo, e como 'stá ?
Pois tomou só tres colheres
Dos purgantes Le Roi.

9

Vamos: não leu a Receita ?
Inda o livro não tem cá ?
Compre-o; q' explica as virtudes
Dos purgantes Le Roi.

10

Qualquer Mega de bom tom,
E que ás Assembléas vá
Deve saber dar seu voto
Nos purgantes Le Roi.

11

Bem sei que os Médicos grão
Que tem feito, e que fará
Grandes males pelo Mundo
O purgante Le Roi.

12

Eu respeito os meus Doutores;
Mas a moda não s' livrá;
Que os mais girios já receitão
Os purgantes Le Roi.

13

Hão-de sahír das Boticas
Quina, tartaro, e manná,
E vender-se em lugar delles
Os purgantes Le Roi.

14

Para curar paixões d'alma
Melhor droga não se dá:
Põem o coração quietinho
Os purgantes Le Roi.

15

A Bella, a quem atormenta
Vivo affecto, e perderá:
Amor não gosta do cheiro
Dos purgantes Le Roi.

16

A que d'inveja se rala
Das sucias, que outra terá
Beber deve em maior dóze
Os purgantes Le Roi.

17

Se alguém olhou, o q' o julga
De amores morrendo já,
Use: talvez lhe aproveitem
Os purgantes Le Roi.

18

Sim, Menina, eu não gracejo,
Tomando o recipe vá,
E inda lh'hei-de ouvir milagres
Dos purgantes Le Roi.

19

São remédio universal,
Isso decidido está,
Curão todas as doenças
Os purgantes Le Roi.

20

Só quem tem falta de cobres
Saude em vão buscará,
Não serão mal de pobreza
Os purgantes Le Roi.

Aos annos da Sur.^a D. Maria Ramalho.

SONETO

Quer do Universo o Deos que entre os humanos
 Não haja dias só de dor, de pena,
 Também dê face nítida, e serena
 Surgem alguns por Divinaes arcanos.

Tal hoje he bello o dia de teus annos,
 Tal hoje aos olhos agradável scena
 Off'rece em jubilo a mansão terrena,
 Puros os Ceos, e de alegria nfanos.

Tudo! tudo he prazer, e no meu peito,
 Onde um sensível coração se abriga,
 Produz o gosto o mais suave offeito.

Risos, Graças, também em mulla ligã
 Applaudem com festejo aos Ceos accellto
 O ditozo natal da cara Amiga.

1.^o de Fevereiro de 1826.

Em um jantar de Família.

DECIMAS

Não he pompa, nem grandeza
 Quem alegria o coração,
 O Avaro onthesoira em vão,
 Lá vai fina-lo a Tristeza:
 Hoje em redor desta meza
 Simples respira o Prazer;
 Vão-se os festins esconder
 Onde brilha a prata, o oiro,
 Temos cá melhor thesoiro,
 Que nem todos pôdem ter.

Filhas, Mães, Sobrinhos, Pais,
 Todos, familia uma só
 Nesta meza em lido nó
 Somos na ternura iguaes.
 Justos Ceos que nos olhais!...
 Ceos, vós de quem se deriva
 Doce affeição, chamma activa;
 Mandai que a familia nossa
 Sempre amiga existir possa,
 E que feliz — Viva — Viva.

2 de Abril de 1826.

Aos annos de uma Senhora Cazada.

SONETO

N'um ameno vergel o Deos Cupido
En vi lèdo voar por entre as flores,
De mil pequenos e gentis amores
Hia o Menino brincalhão seguido:

Rozas, Crayos colheo, e com sentido
Delicado as mistura de outras cores;
E á Corte dos galantes voadores
A grinalda mostrou, que tem tecido.

E diz: he para uma Formosura,
De quem as Graças, e Hymines se ufana:
Annos faz hoje: oh Dia de ventura!

Esta offrenda singela, e não profana
De flores vamos dar á flor mais pura,
E a mão beijar da nossa Soberana.

Agosto de 1826.

SONETO

Dia alegre, e feliz, que a Natureza
Formou sorrindo-se aprazivel, pura,
Dia alegre, e feliz, em que a Ventura
Quiz dar mais uma Nympha á Redondeza.

Hoje nasceo, apuro de Belleza
O Prodigio maior de Formosura,
As Graças enfeitarão-lhe a cintura
Amor nos olhos poz gentil viveza.

Vinde, oh Nymphas: he vosso o dia ameno:
De castas rozas conduzi cestinhos,
Juncal de flores mil este terreno:

Vossa Deoza aqui 'stá: vindo Amorzinhos
Servil-a, adivinhar-lhe o leve aceno,
Tereis em premio, oh dita! os seus carinhos.

19 de Setembro de 1826.

A' morte de S. M. a Imperatriz.

SONETO

Lagrímas, oh Brazil, e luto, e pranto,
Que morreo... Morte, oh morte enfurecida!...
Morreo, ou antes foi ao Ceo subida,
Quem a nós, que' o Mundo honrava tanto.

Modelo de candura, o niveo manto
Da virtude a vestio, durante a vida
Modestia, charidade enternecida
Seu caracter formarão pulchro, e santo.

Carolina expirou!... aquella Augusta...
Sublime dom da Mão do Omnipotente,
Aos votos foi roubada, e dor mais justa!

Corra do pranto, solte-se a torrente,
Que esse golpe funesto a Mãi nos custa,
E que Mãi!... sabe o Céu; a terra o sente.

Dezembro de 1826.

MADRIGAL

Se os olhos do meu Bem fossem estrellas
Cravadas no ceruleo firmamento
De Phebo a linda irmãa, desde o momento
Inutil fôra: suas luzes bellas,
Mas debéis, emprestadas,
Verião-se eclipsadas
Teria sempre o tasso navegante,
Que os Fados lê nos astros sobranceiros,
Para o caminho seu, dois certos guias:
Teria o Ceo brilhante,
Quando o Sol se escondessc, dois luzeiros,
E valerão as Noites mais que os Dias.

10 de Janeiro de 1827.

MADRIGAL

Quanto he risenba em nosso ameno clima
A fresca Madrugada!
Mas quanto perde, se accordou com ella
A minha doce Amada!

Seus olhos, que respirão só brandura,
 E suas meigas vozes
 Nevoa cerrada e escura
 De em redor afugentão ! Quão velozes
 Seus pequenos pézinhos
 Pizão a branda relva, que se inclina !
 Dos arbustos visinhos
 Ao ver passar a Nympha peregrina
 Os invejosos Zephyros murmurão
 Talvez de mui ditozo me censurão.
 Ou, pela singeleza
 Que diz tão bem em Lília encantadora
 Talvez a julgão Flora;
 Talvez a pura, e simples Natureza !

Janeiro de 1827.

CANTIGAS

Quando a minha bella Amada
 Solta um riso encantador,
 Pula, salta no meu peito
 Meu fiel, constante Amor.

Nas aras mais puras
 Ser firme jurei,
 E as mãos entreguei
 Aos laços de Amor.

De outras Nymphas mil feitiços
 Para mim não tem valor,
 Só adora o que he divino
 Meu fiel constante Amor.

Nas aras mais puras &c^a.

Venus ! Graças ! ah ! Nerilía
 Vale mais; fad'he melhor:
 Acidalia não valera
 Meu fiel, constante Amor.

Nas aras mais puras &c^a.

Suas graças me captivão
 Me captiva o seu rigor;
 Tudo nella acha perfeito
 Meu fiel, constante Amor.

Nas aras mais puras &c^a.

Amorinhos de mãos dadas
 Voão, girão em redor,
 Guia a tropa namorada
 Meu fiel, constante Amor.

Nas aras mais puras
 Ser firme jurei,
 E as mãos entreguei
 Aos laços de Amor.

Que modestia, quando falla !
 Quando cõra, que rubor !
 Como enlaça docemente
 Meu fiel, constante Amor.

Nas aras mais puras &c^a.

Abrandar-se pôde a pedra,
 Ter a neve negra cõr,
 Põde, ... pôde... mas não muda
 Meu fiel, constante Amor.

Nas aras mais puras &c^a.

Na belleza de seus olhos
 Tem Nerilía o fiador
 N'um volver se alenta, e nutre
 Meu fiel, constante Amor.

Nas aras mais puras &c^a.

Janeiro de 1827.

SONETO

Se em teus limpos altares sempre off'reço
Tributos de affeição, e de ternura,
De brancas flores a grinalda pura
A Candida Amisado en te mereço;

Hoje que o Ceo com generoso excesso
Quiz dar ao Mundo em dia de ventura
Essa, que estimo, amavel Creatura
Para o Ceo, para mim de tanto preço!

E em quanto depozito a simples c'roa
Sobre a fronte gentil da Amiga cara,
Tu de Jove á morada alegre vòas.

Verás o Fado que feliz formára
A' Nympha o Dia, que entre Vivas soa
Quantos aureos, ignaes, dias prepára.

1.º de Fevereiro de 1827.

DISCURSOS para o Mausolco da Imperatriz nas
Exequias feitas pela Santa Casa.

1

A' voz do Eterno se espedação c'roas,
Torna o mortal o pó, donde sahira,
Vive quem floreceo por aegões boas
De um Deos no seio a que na terra aspira.

2

Deo-Lhe o Supremo Ser virtudes tantas!
E tão cedo a roubaste, oh Morte crua!
Mas se assim Carolina ao Ceo levantas
He seu triumpho a feridade tua.

3

Do sexo exemplo no esplendor do Throno
Terna Mãe, digna Esposa, alta Princeza,
De santa morte succumbindo ao somno
E into deixa o Sceptro, e a Natureza.

4

Definhou como a flor; seus puros dias
Quanto passarão apressados, quanto!
Cobre-Lhe as cinzas veneraveis, pias
Da Paz dos Justos o sereno Manto.

Março de 1827.

A. B. 31

A um Cazamento.

SONETO (pedido)

Doces laços de amor, prizão doirada,
Que em vínculo gentil dois peitos prende,
Festões de flores, que a Ternura estende
Aos meigos braços do Amador, da Amada:

Eu vos saúdo na feliz morada,
Onde agora Hymineo seu facto accende
Sacro Nume, de cujas leis depende
A humana grey ante seus pés prostrada.

Desfolhando uma roza o Deos travesso
Maligno aponta os brinços amorosos
Ao par, que abraza em namorado excesso.

Eis Elmano, eis Maria ambos ditosos
Que de Amorzinhos nill o bando espesso
O thalamo adornou dos dois Esposos.

30 de Outubro de 1827.

Ac mesmo.

SONETO (pedido)

De frescas flores c'rou-se Cupido
Enfeitando festivo as loiras tranças,
Da leda tropa engenha alegres danças,
E com --- Vivas --- o m' soa ferido:

Eis reluz de outro Deos facto incendido,
Que alumia rizonhas esperanças:
Amor, travesso Amor, em vão te cansas,
Teus em facto Hymineo; ficas vencido.

Salvo Nume sem par, que neste Dia
Dedicado aos prazeres, á ternura
Prendeste em brando laço Elmano, Armia, (1)

Da mão tu sóltas risos, e ventura,
E jurando hoje eterna sympathia
Vês a teus pés Amor, e Formosura.

Mesma data.

(1) ...assim prendeste á bella Armia.

Ao mesmo.

SONETO (pedido)

Lá no Templo, onde Amor acolhe o Incenso
De Adoradores mil, na amavel Gnido
Do Consorcio feliz soube Cupido:
(Que já de longe o suspeitava, eu penso).

Dos diversos Cantões do Imperio extenso
Concorre ao Deos Menino o bando ardido,
E no salão do Nume reunido
Foi de Amoris mil o povo immenso.

Diz-lhes o Chefe: a Sorte neste dia
Quiz que ao ditozo Elmano uma Deidade
Se prendesse por doce sympathia.

Ambos eu prézo; he pois minha vontade
Que orncis sua mansão, que seja Armia
De hoje me diante a vossa Divindade.

Mesma data.

QUADRAS

1

Lugubre canto, lagrimas, gemidos
Dá-me, oh sensivel Genio da Amisado,
Porque em meus versos tristes só respire
Sentimento de dor, terna saudade.

2

Aquelle, que na terra a especie humana
Com sua vida honrou, he cinza fria,
O corpo he pó, que á terra se mistura,
Mas ao Ceo a sua alma pertencia.

3

Cedendo á Ley da Morte impiedosa
Finou-se em paz, e os ultimos alentos
Soltou, sem dor um ay: era a Virtude
Que lhe adoçava os horridos momentos.

4

Sim, como em somno se extingua o Justo
Deixando a tenra filha, e Esposa cara,
Ao partir-se de nós, lembranças ternas,
Dantes objectos, que no Mundo amára.

6

Forão meus olhos quasi testemunhas
Desse instante fatal, estreito passo,
Que pondo fecho á limitada estancia
Patentêa da Eternidade o espaço.

6

Sombras da Morte vagueando em torno
Do leito da afflicção, na nuvem densa
Se escoão do futuro; imenso campo
Para a meditação do homem que pensa.

7

Folgue embora o oppressor da humanidade
Dos prazeres no scio, entre o ruído
De assombrozas façanhas, que seu nome
Sempre de negro horror será tingido.

8

Mas do homem, benéfico, e sensível
O nome he panegirico bastante;
Ao recorda-lo, agradecido corre
O pranto pelas faces abundante.

9

Tal foi nesta mansão terrena, escura
O amigo, o Pai, o lamentado Esposo,
O coração só para o bem formado,
O mortal por essencia virtuozo.

10

Ah! já prefere o Sol todo o seu giro
Depois que delle os olhos apartámos
Diante os dias fugitivos correm
Porém não mingoa a dor, com que o chorámos.

11

Dia sagrado aos respeitaveis Manes,
Ao Mundo, que o perdeu, dia de luto
Da amarga pena, que me punge o peito
Eu te consagro o cordial tributo.

Vós, que prezais o nome da Virtude,
Lançai-lhe todos sobre a campã flores:
O tumulto, onde jaz o Varão probo,
Modesto altar, merece adoradores.

7 de Novembro de 1827.

QUADRAS

Hoje, no dia, em que profaz girando
Annos cincoenta e seis o Sol luzente
Desde que veio o caro Pai ao Mundo
A Mão lh'eu beijo terno e reverente.

Respeito e gratidão meus passos guião:
Se a sabia educação nos vale tudo
Quem formou meus primeiros, debéis annos
Com seus exemplos, vigilancia, estudo?

Quem me salvou das perdas citadas
Que a Mocidade fervida se estendem?
Quem ao trabalho acostumou meus braços
Que em ocio feio a crimes mil propendem?

O varão probo, que trilhou constante
Da honra e da virtude a santa estrada,
Que de Pai, de Christão cumpre os deveres,
Merecedor de fama respeitada.

Suas palavras da experiencia filhas.
Calão nos corações suavemente,
Como daquelle que em corruptas eras
O peito soube oppor sempre á torrente.

Deveres filiaes, sacros deveres
(Quasi primeira Lei da Natureza)
Imperão sobre barbaro gentio
Que de Illustrado e culto não se préza.

Mais prendem inda o que a luz sublime
Vio da Religião celeste e pura,
Mais prendem inda quem por vezes tantas
Tem conhecido a Paternal ternura.

Assim, querido Pai, o Ceo que ha justo
Adite os annos da existencia vossa,
Assim eu neste dia venturozo
A mão beijar-vos muitas vezes possa.

Ao Sr. D. João Victoriano Colona, dos Con-
des de Esparta, Vigilante do Brazil, raro, celebre,
exquisito, original &c.º.

SONETO

Bramindo horrisso, e flammidomante
O turbido Centellico espumoso
Quiz de um Varão estolido e afanoso
Protuberar o collo attibradante:

Nas vertentes do naso restilante
He progente imbecillica do affroso
Tronco dos Grãos Colonas espantoso,
Idolatrico, excelsa, estupidante. (1)

Espartano!!! Ah! surgiu da sombra infunda,
Com elle a quadrupina (2) descendencia
Recebe o odor da infera rotunda.

Grande Patheticão! (3) Sua affluencia
Da Aralia excede a inepta, e rubicunda
Prole Cameloal (4) da quinta essencia.

Ao mesmo.

ODE

Oh como a tua geração preclara,
Colona illustre, os seculos percorre
Sempre sublime, sempre refulgente
Qual o Sol matutino!
Rugem do Tempo as implacaveis furtas,
Tenta afogar no pelago dos annos
De avulsos feitos perennal memoria:
Mas ah! que em vão forceja.
Surgem do pó do morto esquecimento
Por magico prestigio; á noite escapão;
Voltando á luz revestem-se da vida
E nsoombrão o Universo.

(1) Estupidante — Que causa estupidez e pasmo em todos os que o admirão, observão, ve-
nerão, e anteparão.

(2) Quadrupina — Nobre por todos os quatro lados lateraes. Fidalgo de linkagem, e illustre
prinsopopea.

(3) Patheticão — Muito pathetico nas suas falas, e discursos. He um termo poetico.

(4) Prole Cameloal — Assim se denomina a familia mais illustre, e prolifica de toda a Arabia
Petrea, Deserta, e Feliz. Foi esta familia, que no tempo da invasão dos Arabes, espalhando-se pela
Europa, deu origem ás Cazas mais nobres e estrellifero-radiantes, que hoje existem, honrando-se
todas da sua Cameloal ascendencia, por Napoles, Austria, Allemanha, França, Portugal, Hespanha,
Inglaterra, e no Jafanapatão.

Que tanto pôde a mente esclarecida,
 Que registrando os conditos arcanos
 De antigos, longos evos, nos devolve
 Fortanlozos misterios.
 Calle-se a Inveja: o sopro pestillente
 Não mais infecte o nome teu, e ultraje
 De teus Maiores, immortal progenie,
 As sombras venerandas.
 Vai, Genio grande: na brilhante estrada
 Que tens seguido, narra os passos volvas
 Olha que a méta he da risonha Gloria
 O magestoso Alcaçar.

AO JUDAS

Eis-me aqui muito galante,
 Co'a minha corda ao pescogo:
 Fui das patacas amigo,
 Mas todo o officio tem osso.

Judas sou, e gente honrada
 Meus bons exemplos seguindo
 Tem ganhado honras, diuheiro!
 E eu na forca estou carpindo!

A' sentida morte do Brigadr.^o — Quer cazar.

QUADRAS

1.^a

As meninas de bom gosto
 Chorasas todas estão:
 Porque he morto o Brigdr.^o
 Rapaz de boa feição.

2.^a

Aquelle queixo engraçado
 Que beijar vinha o nariz,
 Aquella boca rasgada,
 Aquelles olhos gentis:

2.^a

Tudo da Morte foi preza:
 Nem o seu grande valor,
 Nem a subida Patente
 A' Magra causou temor.

4.^a

Inda as Meninas o vêm:
 O'o robissão gasto já,
 Bengala, da mão pendente,
 Fitinha de tafetá.

5.^a

Com os moleques brigando,
Que sem cautela, e respeito,
Apupavão um Fidalgo
Que tinha Com'enda ao peito.

6.^a

Como então, guerreiro, e bravo,
Rija bengala cristando,
Com os golpes o ar feria,
E as pedras, de quando em quando !

7.^a

Max logo, ao ver as Bellezas
Nas suspiradas janellas,
Deixava em paz os moleques,
Terno punha os olhos nellas.

8.^a

"Meninas, se casar querem,
(Dizia o lindo freguez)
'Stou aqui; cazem comigo;
Sou Fidalgo, e Portuguez."

9.^a

"Este povo da Colonia
São mulatos, gente vil;
Nobre, valente, e formoso
Só eu vim para o Brazil."

10.^a

Hoje é sombra ! e a Morte crua,
Sem ter nenhu'a attenção,
Aos galatos e ás meninas
Pregou essa logração.

11.^a

Mais amante, e mais rendido,
Mais dengoço e apaixonado,
O Mundo ainda não vira
Nenhum outro namorado.

12.^a

De dia, em moças cuidava,
Sonhava á noite com ellas:
Fossem magras, fossem gordas,
Córadas, ou amarellas.

13.^a

Sectario dos gostos todos,
Nenhuma achava ruim;
Des'd'a côr do ebano preto,
Té a do lilio, e carmim.

14.^a

Porém, ah ! Já não existe !
E nas ruas da Cidade
Falta um não sei quê, q' excita
Sentimentos de saudade.

15.^a

Zangado de ver que as moças
Não querião mais casar,
Na primeira flor dos annos
Determinou de acabar.

16.^a

Quatorze lustros não tinha,
E já profundas paixões
Lhe havião despido a boca
Dos dentados batalhões.

17.^a

Cortado de vastas rugas
O semblante se enghava:
Assim mesmo, o bello sexo
Dessas rugas se encantava.

18.^a

Mil meninas o prantelão,
Só porque o virão hu' dia:
O objecto dos seus extremos
Que pranto não choraria ?

19.ª

Que dor profunda em seu peito
 Não terá achado o njuho,
 Por haver sido cruel
 C'o seu Brigadeirosinho!

22.ª

Ligar-se com santos laços
 Do apeteção Hymineo,
 Jurára o pobre defunto
 Que era todo, todo seu.

20.ª

Foi talvez por seus rigores
 Que aquelle Moço expirou;
 Ao bafe dos seus desprezos
 Aquella flor se seccou.

23.ª

Não podia um peito amante,
 Triste victima do amor,
 Dar mais provas de ternura,
 Ter em troco mais rigor.

21.ª

Seus olhos lagrimas lancem,
 Como duas fontes d'agua,
 De dôr, de arrependimento,
 De saudades, e de magoa!

24.ª

Chore agora! Mas já tarde,
 Lastime a sua mofina!
 Não ha-de ser Brigadeira:
 Chore, Snr.ª.....!

A huns annos.

SONETO

Lá vejo o Tempo irado, que suspende
 A curva folce, e de um menino alado
 Lindos loiros cabellos, e vendado,
 Me parece que ás supplicas attende:

O ardiloso conheço: Amor pertende
 Que o severo, implacavel Potentado
 Modere as duras leis do duro Estado
 Por aquella, a que o Nume as armas rende.

Amor que não fará? hão-de os teus annos,
 Por gloria de hymineo, de formosura,
 Largos lustros cantar-se entre os humanos.

E o dia de prazer, que hoje fulgura,
 Surgirá afastando escuros damnos
 Risonho sempre, sempre de ventura.

QUADRAS

Neste dia (*) tres nascidos
 Occupão minha lembrança,
 Minha Mãe, que em paz descança
 Um filho, e nora queridos.

Que tristes contas daremos
 Do tempo tão mal gastado,
 Tendo só todo o cuidado
 Nas discussões, q' hoje vemos!

Quem pensa bem, os sentidos
 Nos annos traz occupados
 Vendo sem fructo os passados
 E os porvir talvez perdidos.

Breve, e breve acabaremos,
 Quando menos o cuidarmos;
 Só, se da Gloria gozarmos
 Felices Annos teremos.

De meu Pai em 8 de Abr.º de 1827.

DECIMAS, do mesmo

Dobrada idade, Evaristo,
 Hoje completo da vossa,
 Sem haver, quem negar possa
 Exceder-vos inda nisto.
 Attendei pois que eu persisto
 Em fugir de ajuntamentos,
 Fendo só os pensamentos
 Em trabalhar utilmente,
 Deixando vagar a gente
 Em reformar elementos.

Cada um a si conduza
 Pela Ley, que Deos lhe deo:
 Vêe em si, e no que é seo,
 Té que a morte a pó reduza.
 Essa materia confusa,
 Em que confusos vivemos,
 Quando lembrar-nos devemos,
 De havermos breve morrer,
 Notando para provas ter
 O pouco velhos, que vemos.

(*) 8 de Outubro.

Muito tinha que dizer
De cousa mais importante,
Qual se segue do instante,
Em que o menós é morrer.
Infeliz o que não erer
No premio, mais no castigo,
Olhando a Deos como amigo
Quer do bom, quer do malvado,
Não castigando o peccado,
E dando a todos abrigo!

Foi sempre a ordem do mundo
Mil penas por bem soffrer:
Feliz o que puder ver
Cheio de senso profundo,
Quão util é, e jucundo
Entre tantos turbilhões
Descobrir occasiões
De melhor poder pensar
Nas contas que tem de dar,
Das suas tristes paixões.

Estes versos, aliás prosa,
A quem sincero os guardar
Hão de por certo livrar
D'uma vida desastrosa.

REGULAMENTO DA BIBLIOTHECA NACIONAL

Decreto n. 8.835, de 11 de Julho de 1911

DIREITOS AUTORAES

**Lei n. 496, de 1 de Agosto de 1898, e Instrucções
de 11 de Junho de 1901**

REMESSA DE OBRAS IMPRESSAS

**Decreto legislativo n. 1.825, de 20 de Dezembro de 1907,
e Instrucções de 1 de Junho de 1908**

REGULAMENTO DA BIBLIOTHECA NACIONAL

Decreto n. 8.835, de 11 de Julho de 1911

DECRETO N. 8.835, DE 11 DE JULHO DE 1911

Approva o Regulamento da Bibliotheca Nacional

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, usando da autorização conferida pelo art. 3º, n. 1, da lei n. 2.356, de 31 de dezembro de 1910, resolve approvar, para a Bibliotheca Nacional, o regulamento que a este acompanha, assignado pelo Ministro de Estado da Justiça e Negoc'os Interiores.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1911, 50º da Independência e 23º da Republica.

HERMES R. DA FONSECA.

Rivadavia da Cunha Corrêa.

Regulamento da Bibliotheca Nacional, a que se refere o decreto n. 8.835, de 11 de Julho de 1911

I

ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTHECA

Art. 1.º A Bibliotheca Nacional comprehenderá uma secretaria e quatro secções, a saber: 1ª, de impressos; 2ª, de manuscritos; 3ª, de estampas e cartas geographicas; 4ª, de moedas e medalhas.

Art. 2.º A 1ª secção abrangerá livros, folhetos, impressos avulsos, musicas impressas e publicações periodicas; a 2ª manuscritos e obras de paleographia e diplomatica; a 3ª estampas, chapas gravadas, desenhos, photographias e obras de iconographia, assim como cartas e collecções geographicas, plantas e planos; a 4ª moedas, cédulas, vales, títulos representativos de valor, medalhas, condecorações, distinctivos, jetons, reclamos metallicos, sinetes, sellos e obras de numismatica, sigillographia e philatelia, além de outras obras que forem necessarias á consulta de taes objectos, o que tambem se entenderá com relação ás secções de manuscritos e estampas.

Art. 3.º Caberão a essas quatro secções, cada uma das tres primeiras dirigida por um bibliothecario e a ultima por um sub-bibliothecario, a guarda, a conservação, a catalogação, a exposição e a consulta dos objectos que as constituírem.

Art. 4.º Pertencerão á Secretaria o expediente e a economia do estabelecimento, a collecta das obras devidas por contribuição legal, o registro de obras de sciencia, litteratura ou arte para garantia dos direitos autoracs, o serviço de permutações internacionaes, o de bibliographia e documentação, o deposito, distribuição e venda de publicações, o serviço de informações e o das officinas graphicas e de encadernação.

II

PESSOAL, SEUS DEVERES E ATRIBUIÇÕES

Art. 5.º O quadro do pessoal constará de:

- 1 director geral;
- 3 bibliothecarios, directores de secção;
- 5 sub-bibliothecarios, um dos quaes será o director da 4.ª secção;
- 8 officiaes;
- 14 amanuenses;
- 16 auxiliares;
- 1 porteiro;
- 2 ajudantes do porteiro;
- 1 mechanico-electricista;
- 1 inspector tecnico das officinas graphicas e de encadernação.

Art. 6.º O pessoal sem nomeação constará de:

- 12 guardas;
- 28 serventes;
- 4 ajudantes do mechanico-electricista;
- 4 ascensoristas;
- e do pessoal das officinas graphicas e de encadernação.

Art. 7.º Como secretario servirá um dos sub-bibliothecarios ou officiaes e como thesoureiro um dos officiaes ou amanuenses, cabendo a um e a outro uma gratificação extraordinaria de 1:500\$ annuaes e prestando o ultimo a fiança de 5:000\$000.

Art. 8.º Os directores de secção constituirão um conselho consultivo.

Art. 9.º Ao director geral, como primeira autoridade do estabelecimento, compete:

1.º, superintender todos os trabalhos, observando e fazendo observar as disposições legislativas e regulamentares concernentes á Bibliotheca;

2.º, corresponder-se directamente com quaesquer autoridades sobre assumptos relativos aos serviços sob a sua direcção;

3.º, propôr ao Ministro as providencias que lhe pareçam necessarias e expedir instrucções para os detalhes do serviço;

4.º, determinar as secções e as turnas em que devem servir os empregados, transferir-lhes de uma para outra, distribuir-lhes o trabalho e o periodo de férias, designar-lhe substitutos nos casos de impedimento e escolher o secretario e o thesoureiro;

5.º, prestar informações ao Ministro relativamente á idoneidade e aos serviços dos candidatos ao cargo de auxiliar, bem como a respeito do merecimento dos empregados do quadro capazes de promoção, submettendo ao mesmo tempo á sua consideração o parecer emitido pelo conselho consultivo;

6.º, nomear e exonerar o inspector tecnico, assim como admittir e dispensar o pessoal de que trata o art. 6.º.

7.º, fiscalizar o comparecimento de todo o pessoal, podendo justificar até seis faltas em cada mez, contando que, no mesmo anno, não excedam de 24.

8.º, conceder licença ao inspector tecnico, nas condições estabelecidas em relação á Secretaria de Estado, e até 15 dias por anno aos demais empregados do quadro;

9º, impor a todo o pessoal, com excepção dos bibliothecarios, as seguintes penas disciplinares: a) advertencia verbal; b) advertencia por portaria; c) suspensão até 15 dias com perda total dos vencimentos e prohibição de entrada na Bibliotheca durante o periodo da suspensão;

10º, solicitar do Ministro, depois de imposta a suspensão, a applicação de pena mais severa, conforme a gravidade da falta commettida;

11º, chamar os bibliothecarios ao cumprimento dos seus deveres, quando as circumstancias o exigirem, e levar ao conhecimento do Ministro os actos menos regulares que elles praticarem;

12º, velar pela conservação dos livros e mais objectos, proceder á discriminação dos que devam pertencer a cada uma das secções e promover as acquisições que considerar convenientes;

13º, autorizar a permuta que lhe parecer vantajosa dos duplicados que o forem por absoluta identidade e quando se não tratar de peças raras ou que forem de frequente consulta ou ainda de exemplares que fizerem parte de collecção doada para se conservar reunida;

14º, distribuir por outras bibliothecas publicas os duplicados que estiverem nas condições acima e que, no seu entender, puderem ser dispensadas sem inconveniente;

15º, designar, com approvação do Ministro, os empregados que devam proceder a investigações e estudos em outras bibliothecas, archivos, gabinetes de estampas ou de moedas e medalhas situados no paiz ou no estrangeiro;

16º, prorogar o expediente, quando necessario, e permittir que se retirem antes da hora regulamentar os empregados que apresentarem motivo de força maior, attribuição que poderá delegar aos directores da secção;

17º, estabelecer os livros de escripturação que forem precisos;

18º, autorizar despesas e fixar a remuneração do pessoal das officinas nos limites do orçamento;

19º, convocar o conselho consultivo, que se reunirá sob a sua presidencia e com a presença de tres directores de secção, no mínimo, ouvir o seu parecer sobre quaesquer questões que se relacionem com o serviço da Bibliotheca e a cujo respeito lhe pareça conveniente fazel-o, devendo consultal-o sempre que tenha de resolver sobre os programmas a adoptar no curso de bibliothconomia, a necessidade de aulas extraordinarias e as condições em que se devam realizar os concursos bibliographicos e sempre que tenha de informar ao Ministro sobre os candidatos ao cargo de auxiliar e sobre o merecimento dos empregados do quadro que possam ser promovidos;

20º, resolver sobre os empréstimos, que ficarão ao seu criterio, nos limites traçados neste regulamento e reclamar a restituição das obras emprestadas;

21º, autorizar a cópia dos manuscritos que não forem considerados reservados;

22º, approvar com ou sem alteração os programmas annuaes do curso de bibliothconomia, estabelecer o horario para sua execução, resolver sobre a necessidade de augmentar o numero de aulas e presidir os respectivos exames;

23º, fazer sahír aquellas pessoas que se portarem inconvenientemente, prohibir-lhes a entrada por prazo mais ou menos longo e reclamar contra ellas a acção da autoridade;

24º, antecipar o encerramento da consulta quando circumstancias extraordinarias o reclamarem;

25º, fixar as condições em que se devem realizar os concursos bibliographicos e presidir a respectiva commissão julgadora;

26º, promover a realização de conferencias e permittir o uso da respectiva sala;

27º, dirigir a publicação dos *Anaes da Bibliotheca Nacional* e a do *Boletim Bibliographico*;

28º, apresentar ao Ministro, no começo de cada anno, um relatório circumstanciado do movimento occorrido na Bibliotheca durante o anno antecedente;

29º, designar todos os annos o bibliothecario que o deva substituir nos seus impedimentos;

30º, estabelecer o preço da venda e as condições de distribuição gratuita das publicações da Bibliotheca.

Art. 10.º Aos bibliothecarios e ao sub-bibliothecario, director da 4ª secção, compete:

1º, presidir e fiscalizar os trabalhos das secções de que forem directores, distribuir o serviço e exigir dos empregados o cumprimento dos seus deveres;

2º, prestar ao director geral as informações que este lhes solicitar relativamente ás suas secções e propor-lhe as medidas que lhes parecerem uteis, inclusive as aquisições que deverem ser effectuadas;

3º, velar pela regular escripturação dos registos de entrada, fazendo imprimir o selo da Bibliotheca em todos os impressos, manuscriptos, musicas, estampas, cartas geographicas, plantas e planos, logo que se registrarem, e devolvendo ao secretario, depois do assignado o respectivo recibo, a relação de que os objectos adquiridos tiverem sido acompanhados;

4º, auxiliar os trabalhos bibliographicos, catalogar o fazer catalogar todos os objectos que constituírem as suas secções, apenas seja registrada a aquisição, esforçando-se por ter os catalogos em dia e procurando enriquece-los de notas bibliographicas;

5º, remetter ao secretario a relação das obras nacionaes a reclamar por contribuição legal e solicitar que seja exigida a effectividade desta;

6º, remetter ao secretario as obras cujo emprestimo for autorizado e arbitrar a quantia que deva ser depositada como garantia;

7º, concorrer com o seu esforço para que se torne completa a collecção das obras nacionaes e das referentes ao Brasil;

8º, inventariar e trazer em boa ordem os objectos pertencentes ás collecções a seu cargo, assim como o mobiliario existente em cada uma das secções, e promover a sua boa conservação;

9º, enviar ás officinas da Bibliotheca os livros, manuscriptos, estampas, etc., que tenham de ser encadernados ou beneficiados de outra forma, acompanhados de duas relações, uma lançada no livro a isso destinado, em que o inspector passará o competente recibo, e outra em avulso que ficará pertencendo ás officinas e na qual o remetente, uma vez realizado o trabalho, declarará havel-os recebido;

10º, encarregar-se do ensino das materias que constituem o curso de bibliothecconomia, organizar os respectivos programmas e funcionar como examinadores, não só daquellas materias, como tambem das que são objecto do exame de admissão;

11º, exercer a policia nas secções, comprehendidas as salas de exposição e consulta;

12º, permittir a cópia das miniaturas, estampas, cartas geographicas, moedas e medalhas, e dos impressos que tenham de ser photographados e a cópia parcial de manuscriptos não reservados, tomadas as necessarias precauções;

13º, encerrar o ponto dos empregados que trabalharem sob suas ordens;

14º, tomar parte nas reuniões do conselho consultivo e emittir parecer acerca

das questões que lhe forem propostas, attribuição que não caberá ao sub-bibliothecario que dirigir a 4.^a secção, quando se tratar de parecer a respeito do preenchimento do logar de bibliothecario;

15.^a, funcionar como membros da commissão dos concursos bibliographicos;

16.^a, enviar ao director geral, nos primeiros dias do mez, o mappa da frequencia, o resumo dos trabalhos e a relação das aquisições do mez antecedente;

17.^a, apresentar com a possivel brevidade relatorios semestraes do movimento das secções, nos quaes darão conta do modo por que se desempenhou cada empregado dos trabalhos que lhe foram commettidos.

Art. 11.^o Ao secretario compete:

1.^a, ter a seu cargo a correspondencia e trazer em dia a escripturação dos livros da secretaria e em boa ordem os papeis do archivo, os quaes no fim de cinco annos, do mesmo modo que aquellos livros, serão remettidos á 2.^a secção;

2.^a, fazer proceder á collecção das obras nacionaes (decreto legislativo n. 1.825, de 20 de dezembro de 1907, e instrucções de 1 de junho de 1908), exigir a effctividade da contribuição e passar recibo das que lhe forem enviadas;

3.^a, remetter ás secções os livros e mais objectos adquiridos, fazendo-os acompanhar de relação abreviada, e reclamar recibo;

4.^a, fazer organizar as folhas de pagamento do pessoal e assignar o respectivo processo, assim como o das contas de fornecimentos;

5.^a, exercer as funções de secretario nas reuniões do conselho consultivo, nas da commissão dos concursos bibliographicos e nos exames de admissão e do curso de bibliothconomia;

6.^a, encarregar-se do registro dos direitos de autor e dirigir os demais serviços a que se refere o art. 4.^o.

7.^a, encerrar o ponto dos empregados que lhe estiverem immediatamente subordinados;

8.^a, auxiliar o director geral na organização dos *Annos da Bibliotheca Nacional* e na do *Boletim Bibliographico*;

9.^a, assignar certidões e authenticar cópias;

10.^a, receber os pedidos de emprestimo de obras, promover a sua solução e acompanhar o preenchimento das formalidades exigidas para a entrega e a restituição;

11.^a, promover a execução das ordens que no uso das suas attribuições expedir o director geral;

12.^a, attender, tanto quanto os seus afazeres permittirem, á consulta por meio de correspondencia;

13.^a, exercer, no que fôr applicavel á secretaria, as attribuições e cumprir os deveres que cabem aos directores de secção.

Art. 12.^o Cabe aos sub-bibliothecarios:

1.^a, desempenhar os trabalhos de que forem incumbidos pelos bibliothecarios ou pelo director geral;

2.^a, ter a seu cargo, auxiliados pelos demais empregados, a conveniente distribuição, collocação e conservação dos objectos pertencentes ás secções;

3.^a, fiscalizar a extenção dos trabalhos confiados aos outros empregados, inclusive o serviço de consulta.

4.^a, presidir o serviço da consulta quando designados pelo director geral;

5.^a, substituir os bibliothecarios nos seus impedimentos.

Art. 13.^o Aos officiaes compete dar execução aos trabalhos que lhes forem distribuidos pelos seus superiores, inclusive a presidência das salas de consulta.

Art. 14.º Incumbe aos amanuenses encarregar-se dos trabalhos de escripta ou outros que lhes forem confiados.

Art. 15.º Cabe aos auxiliares executar os pedidos para consulta, enviando a quem presidir o serviço as obras solicitadas, bem como prestar auxilio aos amanuenses e occupar-se com os trabalhos para os quaes forem designados.

Art. 16.º Ao thesoureiro pertence:

1.º, receber e ter sob sua guarda os adiantamentos necessarios para occorrer ás despezas de prompto pagamento;

2.º, effectuar pagamentos devidamente autorizados;

3.º, receber e ter sob sua guarda as quantias recolhidas como deposito por emprestimo de obras ou em favor do patrimonio da Bibliotheca, assim como o producto da venda de publicações existentes em deposito;

4.º, prestar contas no fim de cada trimestre e todas as vezes que lhe fôr determinado, recolhendo ao Thesouro as quantias que não tiverem de ser conservadas como deposito;

5.º, ter a seu cargo todo o serviço de contabilidade;

6.º, ter sob sua guarda os sellos postaes officinaes e as guias de remessa da correspondencia para o estrangeiro;

7.º, substituir o secretario nos seus impedimentos.

Art. 17.º Ao porteiro incumbe:

1.º, velar pelo asseio, segurança e conservação do edificio e pela conservação do mobiliario;

2.º, dirigir o trabalho dos guardas, serventes e mais pessoal a que se refere o art. 6.º, excepto os ajudantes do mechanico-electricista e o pessoal das officinas, e tomar-lhes o ponto;

3.º, não deixar a portaria durante as horas do expediente, sem se fazer substituir por um dos ajudantes e na falta destes por um dos guardas;

4.º, fazer guardar no vestiario os objectos que trouxerem os consultantes e restituil-os á sahida;

5.º, enviar ás salas de consulta os livros ou outros objectos trazidos pelos consultantes, quando requisitados pelos presidentes da consulta;

6.º, não consentir na sahida de livros, pastas ou papéis, á excepção dos que ficarem no vestiario, que não sejam acompanhados de guia expedida pelo director geral, pelo secretario ou pelo presidente da consulta, que os houver requisitado;

7.º, residir no edificio, abri-lo, percorre-lo todos os dias e verificar si, findo o expediente, foram fechadas todas as portas e janellas e nenhuma pessoa ficou occulta;

8.º, effectuar as despezas miudas de que fôr encarregado e prestar contas mensaes;

9.º, executar qualquer serviço interno ou externo que lhe confie o director geral ou o secretario;

Art. 18.º Aos ajudantes do porteiro compete auxilia-lo em todos os seus trabalhos, dirigir o serviço da portaria nas horas em que esteahi se não ache e substituil-o nos seus impedimentos, preferido neste caso o ajudante mais antigo.

Art. 19.º Cumpre ao mechanico-electricista e a seus ajudantes velar pela regularidade da illuminação e pela segurança da installação electrica, trazer em bom estado o respectivo material, effectuando os concertos e modificações que o director geral autorizar, prestar os seus serviços na montagem, funcionamento e reparos dos motores, machinas e apparatus pertencentes ao estabelecimento e fiscalizar a sua conservação.

Art. 20. Ao inspector tecnico cabe tomar a si a direcção do serviço das officinas graphicas e de encadernação, o asseio e a boa ordem que ali devarão observar-se, a conservação das machinas e utensilios, o aproveitamento do material e a fiscalisação do comparecimento do respectivo pessoal, interessando-se pela prompta e perfeita execução dos trabalhos.

Art. 21. Incumbe aos guardas:

1º, estacionar na entrada das salas de consulta, para entregar a cada consultante uma senha, que este, quando se retirar, lhe ha de restituir, visada pelo presidente da consulta;

2º, não consentir que pessoas estranhas á secção saiam com livros ou outros objectos, sem que lhe apresentem uma guia assignada por aquelle presidente;

3º, prestar outros serviços de fiscalização que lhes forem distribuidos;

4º, não se afastar do seu posto si não momentaneamente e fazendo-se substituir por um servente;

5º, auxiliar o porteiro e seus ajudantes.

Art. 22. Cabe aos serventes:

1º, occupar-se com o asseio do edificio, conservação dos moveis, livros e quaesquer objectos existentes na Bibliotheca;

2º, ajudar aos auxiliares na execução dos pedidos para consulta;

3º, fazer entrega aos consultantes dos objectos sollicitados;

4º, encarregar-se de outros serviços internos ou externos que lhes forem distribuidos.

Art. 23. O director geral e empregados do quadro gozam de 20 dias successivos de fériás por anno, sem interrupção dos trabalhos. Ao pessoal sem nomeação são concedidos 10 dias nas mesmas condições.

Art. 24. Ao pessoal de nomeação do Governo serão concedidas pelo Ministro as licenças que excederem de 15 dias e nas condições estabelecidas para o da Secretaria de Estado.

III

PROVIMENTO DOS CARGOS

Art. 25. O director geral, os bibliothecarios e os sub-bibliothecarios serão nomeados por decreto, que designará as secções em que devem servir os bibliothecarios; os officiaes, os amanuenses, os auxiliares, o porteiro, os ajudantes desto e o mechanico-electricista serão nomeados por portaria do Ministro.

Art. 26. O director geral será de livre escolha do Governo, que poderá designar um dos bibliothecarios para servir em commissão.

Art. 27. Os cargos de bibliothecario e sub-bibliothecario serão providos por meio de promoção por merecimento e os de official e amanuense na razão de 2/3 por merecimento e 1/3 por antiguidade no cargo, determinada pelo tempo effectivo de serviço, com exclusão de faltas e licenças.

Art. 28. Os auxiliares serão nomeados mediante concurso de documentos comprobatorios da aptidão e boa conducta dos candidatos, que não poderão ter menos de 18 nem mais de 30 annos de idade, não sendo admittidos aquelles que soffrerem de molestia contagiosa ou tiverem defeito physico que prejudique o exercicio do cargo, devendo ser preferidos os que houverem sido habilitados no curso de Bibliotheconomia.

Art. 29. Os auxiliares nomeados na conformidade do artigo anterior serão considerados interinos e só poderão passar a effectivos depois de um anno de bons serviços.

Art. 30. O prazo da inscripção para o concurso de documentos será de 30 dias contados daquello em que se publicar o edital, pela primeira vez, no *Diario official*, publicação que se deverá fazer durante quatro dias consecutivos.

Art. 31. No caso em que nenhum dos candidatos inscriptos apresente documentos julgados sufficientes deverá abrir-se novo concurso.

Art. 32. Os empregados nomeados independentemente do habilitação no curso de bibliotheconomia não poderão chegar a bibliothecarios sem que se habilitem naquello curso, circunstancia que deverá ser levada em conta nas demais promoções por merecimento.

Art. 33. Nas promoções por merecimento e nas nomeações de auxiliares effectivos deverão ter-se ao mesmo tempo em attenção as habilitações, a assiduidade, o procedimento, a dedicacão ao trabalho e a importancia dos serviços prestados.

IV

CURSO DE BIBLIOTHECONOMIA

Art. 34. O curso de bibliotheconomia constará das seguintes materias que constituirão uma só serie e de cujo ensino serão encarregados os directores de secção:

- a) bibliographia;
- b) paleographia e diplomatica;
- c) iconographia;
- d) numismatica.

Art. 35. O ensino deverá ser theorico e pratico, cada materia abrangendo tudo o objecto de uma secção, inclusive a parte administrativa e a pratica dos diversos serviços.

Art. 36. O candidato á matricula passará por um exame de admissão, que consistirá numa composicão escripta em portuguez e numa prova oral sobre geographia, historia universal, historia litteraria e traducção do francez, do inglez e do latim, sendo dispensados de exame os candidatos que já houverem sido admitidos nas escolas superiores ou classificados em concursos de provas para provimento de cargos da Bibliotheca.

Art. 37. De 15 a 31 de março estará aberta a matricula, devendo requerel-a até o dia 25 os candidatos que tiverem de prestar o exame de admissão.

Art. 38. As aulas serão de uma hora, uma vez por semana para cada materia, podendo ser mais frequentes quando se julgarem necessarias para completar o ensino pratico; serão publicas e realizar-se-ão nos mezes de abril a novembro.

Art. 39. Encerradas as aulas, terão lugar os exames, aos quaes só se poderão apresentar os alumnos matriculados que tiverem comparecido a mais de metade daquellas.

Art. 40. O exame de cada uma das materias constará de prova escripta, pratica, para a qual se darão duas horas, e prova oral, theorico pratica, que não deverá exceder de meia hora.

Art. 41. As provas julgadas aproveitaveis terão o valor de 1 a 5 pontos, considerando-se approvados os alumnos que, sommasdas todas as notas, obtiverem 16 pontos no minimo.

Art. 42. Aos alumnos approvados serão expedidos certificados de capacidade, nos quaes se declarará o numero de pontos de sua approvação, sendo-lhes permitido praticar no serviço da Bibliotheca, sem direito a remuneração.

V

EXPEDIENTE E ORDEM DOS TRABALHOS

Art. 43. O expediente da Bibliotheca, á excepção do serviço da consulta, começará ás 10 horas da manhã e terminará ás 4 horas da tarde, em todos os dias uteis.

Art. 44. Para o pessoal sem nomeação começará nos dias uteis o expediente ás 8 horas da manhã e terminará ás 10 da noite, feita a distribuição de modo que, salvo prorrogação por motivo extraordinario, não caibam á mesma pessoa mais de oito horas de trabalho.

Art. 45. A Bibliotheca abrir-se-á nos domingos exclusivamente para o serviço da consulta e visita publica, revocando-se os empregados conforme os distribuir o director geral.

Art. 46. Durante as horas em que não funcionar a Bibliotheca não poderão os empregados, sem authorização do director geral, penetrar no edificio, á excepção do porteiro e dos guardas ou serventes escolhidos para o serviço de vigilancia.

Art. 47. No vestiario destinado aos empregados, deixará cada um destes, antes de se dirigir para a sua secção, o chapéo, livros, jornaes ou outros objectos de que fôr portador.

Art. 48. Os empregados deverão comparecer quinze minutos antes da hora em que tiver de começar o seu trabalho e a essa hora deverão achar-se no seu posto e não se poderão retirar sem licença sinão quando aquelle terminar, sob pena de ficar sem effeito o seu comparecimento.

Art. 49. O ponto de cada secção, turma ou serviço será encerrado com quinze minutos de tolerancia, sendo remettido immediatamente á directoria geral o respectivo livro. A attribuição de encerrar o ponto caberá, nas occasiões em que não estejam presentes os directores de secção ou seus substitutos, ao empregado que tiver de presidir os trabalhos.

Art. 50. Considerar-se-ão como faltando ao serviço os directores de secção que, tendo assignado o ponto, deixarem de comparecer ás aulas, aos exames ou ás reuniões convocadas pelo director geral, salvo permissão por este concedida.

Art. 51. Serão applicaveis ao pessoal da Bibliotheca as disposições em vigor na Secretaria de Estado relativas a desconto por motivo de faltas, com as restricções do art. 9º, n. 7.

Art. 52. Nos casos de molestia ou outro justo impedimento deverão os empregados communicar immediatamente ao director geral a razão da sua falta de comparecimento.

Art. 53. A substituição só dará direito á gratificação extraordinaria no caso de ausencia por motivo de molestia, licença ou commissão que se prolongar por trinta dias ou mais.

Art. 54. Durante as horas de trabalho deverão os empregados abster-se de qualquer conversação, leitura, escripta ou outra occupação estranha ao serviço.

Art. 55. Só em casos exceptionaes será permitido aos empregados deixar momentaneamente o serviço para receber as pessoas estranhas que os procurarem, as quaes não poderão penetrar nas salas de deposito, de trabalho ou de consulta, mas deverão aguardal-os no salão de recepção.

Art. 56. Os empregados de uma secção não se deverão dirigir a outra, salvo em objecto de serviço, nem entrar nas suas salas de deposito sem authorização do respectivo director ou do director geral e sem que sejam acompanhados por um destes ou por um empregado da secção.

Art. 57. Não será permitido aos empregados fazer collecção de objectos da natureza daquelles que constituírem a sua secção, nem fazer commercio de livros ou de quaesquer objectos que se colleccionarem na Bibliotheca.

Art. 58. A passagem dos empregados deverá fazer-se sempre que fôr possível por fóra das salas de consulta.

Art. 59. Não é lícito aos empregados, sem autorização do director da secção ou do director geral, alterar a ordem das fichas de catalogo postas á disposição do publico, substituil-as, supprimil-as ou fazer-lhes modificações.

Art. 60. O registro de entrada das aquisições deverá ser feito, na 1.^a secção, em livros differentes para cada especie de procedencia, registradas as musicas em separado, e nas demais secções conforme a natureza dos objectos adquiridos, empregando-se, para o registro das publicações periodicas, fichas apropriadas, que servirão ao mesmo tempo para o catalogo.

Art. 61. As publicações periodicas deverão ser conservadas em separado dos demais impressos, sendo designados na 1.^a secção empregados que dellas exclusivamente se occupem, quer quanto ao registro de entrada, catalogação e colleccionamento, quer quanto á consulta publica.

Art. 62. As obras ou collecções em via de publicação deverão igualmente ser conservadas á parte, até que se completem e possam ter logar definitivo.

Art. 63. Na collocação e arranjo dos livros, manuscriptos, estampas, etc., deverá attender-se á segurança, bom acondicionamento, economia de espaço e conveniente aspecto.

Art. 64. A sua conservação, do mesmo modo que a do mobiliario, deverá ser objecto de constantes cuidados por parte de todo o pessoal, de modo a serem promptamente reparadas ou reconstituídas as peças que se deteriorarem e preservadas as demais.

Art. 65. A catalogação deverá ter o maior desenvolvimento, organizando-se catalogos systematicos e alphabeticos, que abranjam todo o acervo e sejam conservados em dia com as aquisições, diversos conforme a natureza dos objectos, assim como topographicos e de duplicados, além dos catalogos especiaes das collecções que digam respeito ao Brasil.

Art. 66. Não poderão ser transferidos da Bibliotheca para outro estabelecimento, salvo havendo exemplares em duplicata que lhe não façam falta, os seus livros, manuscriptos, estampas e mais objectos que nella se colleccionarem.

Art. 67. Nos *Anuaes da Bibliotheca Nacional* deverão de preferença ser publicados os manuscriptos interessantes da Bibliotheca, assim como catalogos e outros trabalhos bibliographicos compostos por empregados ou por estranhos.

Art. 68. O *Boletim Bibliographico* fará menção das aquisições que se effectuarem, principalmente das que entrarem por contribuição legal, e dará em relação a cada uma das ultimas o nome do editor e o preço da venda, sendo mencionadas uma só vez por anno as publicações periodicas.

Art. 69. A Bibliotheca Nacional é encarregada do registro facultativo das obras litterarias, scientificas e artisticas para garantia dos direitos de autor, de conformidade com a lei n. 496, de 1 de agosto de 1898, e as instruções de 11 de junho de 1901.

Art. 70. O deposito de publicações comprehenderá:

1.^o, As publicações officiaes que o Governo enviar para serem expostas á venda ou ficarem á sua disposição;

2.^o, as officiaes ou particulares que a Bibliotheca adquirir para distribuição pelas bibliothecas do palço ou para execução do serviço de permutações internacionais;

3.^o, as da Bibliotheca destinadas igualmente áquella distribuição, á execução desse serviço e a serem vendidas, permutadas ou cedidas gratuitamente.

VI

CONSULTA E VISITA PUBLICA

Art. 71. As salas de consulta serão franqueadas ás pessoas maiores de 12 annos que se apresentarem decentemente trajadas.

Art. 72. O serviço de consulta começará nos dias uteis ás 10 horas da manhã e terminará na secção de impressos ás 10 horas da noite e nas demais secções ás 4 horas da tarde.

Art. 73. Nos domingos a consulta só terá logar na secção de impressos e das 11 horas da manhã ás 3 da tarde.

Art. 74. No vestibulo do edificio o consultante receberá um cartão com o numero correspondente ao logar em que ficarem depositados no vestiario o seu chapéo, livros e quaesquer objectos que conduzir consigo, os quaes lhe serão restituídos na occasião da sahida, mediante entrega do cartão numerado.

Art. 75. Do guarda que estacionar á entrada de cada uma das salas de consulta receberá o consultante uma senha, que entregará ao presidente depois de nella inscrever o numero do logar escolhido, numero que deverá igualmente lançar em cada um dos boletins de que fizer uso. Além de conter a indicação do livro ou outro objecto a ser consultado e o seu numero de ordem no catalogo, deverão os boletins ser assignados legivelmente e trazer a declaração da residencia do consultante.

Art. 76. Ao terminar a sua consulta deverá o consultante repôr nos logares as obras de referencia que tiver retirado das estantes e restituir ao presidente da sala os objectos que lhe tiverem sido entregues mediante boletim, salvo quando se tratar de volumes, cartas geographicas ou estampas de grandes dimensões ou de um grande numero de objectos, caso em que o presidente os fará recolher.

Art. 77. Restituídos ou recolhidos todos os objectos pedidos por um mesmo consultante e conferidos com os boletins, poderá ser-lhe devolvida a senha, que, visada pelo presidente da sala, será entregue ao guarda que estacionar á entrada.

Art. 78. Os livros, manuscritos, estampas, cartas geographicas, modas, etc., serão consultados na secção a que pertencerem, havendo na 1.^a secção uma sala especial para a consulta de publicações periodicas. Por excepção, as obras de texto que forem necessarias para acompanhar a consulta das cartas geographicas poderão, a pedido dos consultantes, ser requisitadas da 1.^a secção.

Art. 79. Deverá ser dividido em turnas o pessoal necessario ao funcionamento das salas de consulta que se conservarem abertas depois de 4 horas da tarde, de maneira que, até o encerramento do expediente, não deixe de estar presente no estabelecimento um sub-bibliothecario, assim como outros empregados que, apesar de incumbidos de serviço diverso, possam preencher a falta dos que trabalham na consulta.

Art. 80. A presidencia da sala de catalogo e das de consulta pertencerá, em 1.^o logar ao empregado de maior categoria e em 2.^o logar ao mais antigo na categoria dentre os que comparecerem e estiverem designados para trabalhar em cada uma dellas.

Art. 81. Cabe ao presidente da sala de catalogo:

1.^o, facilitar aos consultantes o uso do catalogo, ajudando-os a procurar as fichas correspondentes ás obras que desejarem;

2º, prestar-lhes os esclarecimentos ao seu alcance relativamente á escolha das obras a consultar;

3º, fornecer-lhes boletins em que façam os seus pedidos e auxiliá-los, quando necessario, no preenchimento das formalidades exigidas;

4º, manter a ordem na sala a seu cargo, não permitindo que estranhos ou empregados ali se demorem para outro fim que não seja fazer uso do catalogo;

5º, não consentir que os consultantes retirem ou danifiquem as fichas, nem lhes alterem a ordem ou façam quaesquer modificações.

Art. 82. Cabe aos presidentes das salas de consulta:

1º, exercer o exigir dos demais empregados a maior vigilância sobre os objectos confiados aos consultantes, sem, entretanto, a tornar vexatoria para estes;

2º, fiscalisar o serviço de recebimento e restituição das senhas de sahida, não permitindo que se execute nenhum boletim sem se verificar si foi recebida a senha e si o numero do lugar indicado no boletim coincide com o da senha;

3º, fazer expedir os boletins para serem executados sem demora e aguardar que lhe seja enviado o objecto pedido para o fazer entregar immediatamente ao consultante no lugar que este tenha escolhido;

4º, reclamar os boletins executados e tê-los em ordem, juntamente com as senhas, para os conferir com os objectos quando restituídos, afim de lhes verificar a identidade e o estado de conservação e poder lançar o visto nas senhas;

5º, restituir as senhas, do mesmo modo visadas, áquellas pessoas cujos pedidos não tenham podido por qualquer motivo ser satisfeitos;

6º, permitir o uso da tinta de escrever, conforme as circumstancias, empregando as necessarias cautelas;

7º, receber reclamações dos consultantes e providenciar, si estiver a seu alcance, ou transmittilas a quem competir;

8º, devolver aos depositos a que pertençam os objectos consultados para ali serem postos em separado até que sejam conferidos com os boletins e possam voltar ao seu lugar;

9º, facilitar, independentemente de boletim, o uso das obras de referencia depositadas em cada uma das salas de consulta;

10º, permittir, quando não offerecer inconveniente, o uso de livros ou papéis deixados no vestiario, requisiá-los e expedir guia para a sua retirada;

11º, fiscalisar o serviço do guarda que deve permanecer á entrada de cada uma dessas salas;

12º, velar pela manutenção da ordem e do silencio, podendo na ausencia do director geral, do director da secção e do seu substituto immediato, convidar a sahír os consultantes, que, apizarr de advertidos, perturbarem o silencio, tratarem desrespeitosamente os empregados ou de qualquer modo infringir o regulamento ou as ordens em vigor.

Art. 83. Aos presidentes das salas de consulta que forem ao mesmo tempo salas de catalogo cabem tambem as attribuições e deveres que constam do art. 81.

Art. 84. Os presidentes das salas de consulta e de catalogo não se poderão afastar do seu posto sinão momentaneamente e sempre deixando quem os substitua, ainda que tenham terminado as suas horas de trabalho.

Art. 85. Em regra não poderão ser fornecidos ao mesmo tempo a um só consultante mais de tres obras, publicações periodicas, collecções ou pegos avulsas (a cada uma das quizes deverá corresponder um boletim), nem mais de seis volumes, ficando ao criterio do presidente da consulta reduzir ou elevar esse limite, conforme as circumstancias.

Art. 86. As obras raras ou de elevado custo, bem como aquellas que por

qualquer motivo exigirem maior vigilância, só poderão ser fornecidas para estudos serios e a consultantes que occupem os logares mais proximos do presidente da sala.

Art. 87. No caso de serem feitos pela mesma pessoa e a pequenos intervallos numerosos pedidos, o presidente da sala poderá deixar de continuar a attendel-a.

Art. 88. Os impressos e manuscritos considerados reservados não poderão ser dados á consulta sem autorização do Governo.

Art. 89. As cartas particulares e os papeis de familia que virem ter á Bibliotheca serão conservados fóra da consulta enquanto, a juizo do director geral, assim fôr conveniente.

Art. 90. As obras contrarias aos bons costumes só serão dadas á consulta a pessoas maiores de 21 annos e mediante autorização do director da secção ou do director geral.

Art. 91. A collecção de moedas e medalhas, excepção feita da parte em exposição, não poderá ser mostrada a mais de dois consultantes de cada vez e só o poderá ser pelo director da secção ou seu substituto, sob cujas vistas se effectuará a consulta por peça.

Art. 92. A comparação de objectos pertencentes aos consultantes com os da Bibliotheca só poderá ter logar sendo aquelles previamente entregues ao director da secção e com sua autorização.

Art. 93. A excepção das obras de referencia postas á disposição dos consultantes independentemente do pedido por escripto, não lhes será permitido retirar dos respectivos logares os objectos que desejarem consultar, devendo pedir-os por meio de boletim.

Art. 94. É prohibido aos consultantes apoiar-se sobre os livros, manuscritos, estampas, etc., fazer-lhes marcas ou annotações, collocar sobre elles o papel em que escreverem, occultal-os ás vistas dos empregados, tel-os fóra das mesas, perturbar o silencio ou proceder de modo a attrahir a attenção dos demais.

Art. 95. É prohibido a consultantes, visitantes e empregados fumar nas salas de catalogo, de consulta, de trabalho e de deposito.

Art. 96. Pelos damnos que propositalmente causarem ao edificio, ao mobiliario ou aos objectos pertencentes ás collecções da Bibliotheca e pelo extravio destes ultimos, serão criminalmente responsaveis os consultantes e os visitantes.

Art. 97. Os empregados deverão tratar com urbanidade os frequentadores da Bibliotheca, evitando questões e limitando-se a apresentar queixa ao presidente da sala no caso de serem desattendidos.

Art. 98. Quinze minutos antes da hora em que se tiver de encerrar o expediente, não será permittida a entrada de novos consultantes, nem se aceitarão novos boletins.

Art. 99. Deverá estar exposta em cada secção uma parte das suas collecções e renovar-se periodicamente essa exposição, não se retirando para consulta os objectos expostos, salvo permissão do director geral.

Art. 100. As salas de exposição estarão abertas aos visitantes das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, nos dias uteis, e das 11 horas da manhã ás 3 horas da tarde, nos domingos.

Art. 101. As salas de trabalho e as de deposito só poderão ser visitadas com autorização do director geral ou do director da secção, sendo acompanhados os visitantes por empregados de cada secção, ficando dependente das circumstancias o numero dos que serão admittidos ao mesmo tempo e o dos que poderão ser acompanhados de cada vez por um mesmo empregado.

Art. 102. Nas salas de consulta não serão admittidos os visitantes sem se submeter ás formalidades exigidas dos consultantes.

Art. 103. Os empregados incumbidos de acompanhar os visitantes deverão fazê-lo com solicitude, exercendo ao mesmo tempo a necessaria vigilância.

Art. 104. Fica estabelecido um serviço de informações que será installado no vestibulo e do qual se encarregará o empregado que para tal fim fôr designado, cabendo-lhe prestar ao publico informações verbaes que estiverem a seu alcance relativamente á Bibliotheca e a outros serviços publicos, para o que disporá de guias, regulamentos, relatorios e outras publicações que o auxiliem a satisfazer de prompto os pedidos que lhe forem feitos.

VII

CÓPIAS, CERTIDÕES E EMPRÉSTIMOS

Art. 105. A cópia dos manuscriptos ou impressos reservados dependerá de autorização do Ministro. Pelo director geral poderá ser autorizada a cópia dos demais manuscriptos e com permissão do bibliothecario poderão fazer-se extractos ou cópias parciaes.

Art. 106. A cópia dos impressos susceptíveis de consulta só dependerá de permissão do bibliothecario no caso de se empregar a photographia.

Art. 107. Com licença do director geral poderão os empregados encarregar-se de extrahir cópias fóra das horas do seu trabalho.

Art. 108. A permissão para serem copiadas miniaturas, estampas, cartas geographicas, moedas e medalhas será concedida pelo director da secção correspondente, si o processo a ser adoptado não offerer inconveniente.

Art. 109. A cópia por photographia deverá fazer-se, sempre que fôr possível, collocando-se sob vidro o objecto a ser photographado.

Art. 110. Não se farão as cópias a que se referem os arts. 105, 106, 107 e 108 sinão sob as vistas de um empregado da secção.

Art. 111. Não deverá em regra ser permittida a cópia photographica de estampas ou outros objectos que se encontrarem facilmente á venda.

Art. 112. Poderá ser facultado a quem tiver de fazer cópias photographicas o uso do gabinete photographico da Bibliotheca, para ali serem revelados os negativos, trazendo o operador as substancias chimicas de que necessitar.

Art. 113. As pessoas que extrahirem ou fizerem extrahir cópias dependentes de autorização ficam obrigadas, no caso de as dar á publicidade, a fornecer gratuitamente 20 exemplares á Bibliotheca.

Art. 114. Deverão ser tomadas todas as precauções que preservem de accidentes os objectos de que se extrahem cópias.

Art. 115. As certidões do teor de impressos ou manuscriptos pertencentes ás colleções da Bibliotheca, assim como a authenticação de cópias extrahidas de facs impressos ou manuscriptos, pagarão, além do imposto do sello, 50% sobre o valor desse imposto, em proveito do patrimonio da Bibliotheca.

Art. 116. São susceptíveis de empréstimo domiciliár:

1º, os livros impressos, á excepção dos que forem raros ou de difficil aquisição, dos exemplares annotados ou por qualquer motivo preciosos, dos impressos avulsos, das publicações periodicas, das obras em grande numero de volumes ou ornadas de numerosas estampas fóra do texto e dos dictionarios e obras de assidua consulta, de que não possuir a Bibliotheca exemplares sufficientes;

2º, os manuscriptos que existirem em duplicata, exceptuados os que forem originacs, as cópias antigas e as variantes.

Art. 117. As pessoas que pretenderem obter livros ou manuscritos por empréstimo deverão apresentar ao secretario, com antecedencia de 24 horas, o seu pedido formulado em boletim, que conterá as indicações necessarias, inclusive a sua residencia, e será remettido ao director da secção respectiva para dizer si pôde ser attendido e em que condições. Só em casos de justificada urgencia poderão ser satisfeitos os pedidos no mesmo dia em que forem apresentados.

Art. 118. Não se fará o empréstimo sem previa autorização do director geral, que fixará o respectivo prazo, não excedente de 30 dias, mas prorogavel por outros 30, e terá o direito de, em qualquer tempo, reclamar a restituição, o que fará por meio de carta registrada, indicando o prazo dentro do qual deverá ella effectuar-se.

Art. 119. Como condição para se effectuar o empréstimo, será necessario que em poder do thesoureiro fique depositada a quantia que, sempre superior ao valor da obra emprestada, fór arbitrada pelo director da secção, com approvação do director geral, e que não será devolvida sinão no dia immediato ao da restituição da obra, para que pelo bibliothecario possa ser verificado o seu estado de conservação.

Art. 120. A pessoa a quem se fizer o empréstimo assignará dois recibos iguaes, em que se mencionarão os caracteristicos do livro ou manuscrito e o seu estado de conservação e um dos quaes lhe será entregue por occasião da restituição.

Art. 121. A mesma pessoa não poderá ter, por empréstimo, em seu poder, mais de duas obras ao mesmo tempo ou mais de quatro volumes.

Art. 122. Si, uma vez terminado o prazo fixado para o empréstimo ou o da prorrogação, no caso de ter sido concedida, deixar de ser restituída a obra emprestada, não poderá ser devolvida a quantia depositada, salvo si houver sido substituido o exemplar por outro em bom estado de conservação.

Art. 123. Da quantia em deposito será descontada aquella em que fór avaliada pelo director da secção, com approvação do director geral, a deterioração com que se verificar que foi restituída a obra emprestada.

Art. 124. As quantias não devolvidas reverterão em proveito do patrimonio da Bibliotheca.

Art. 125. As pessoas que deixarem de restituir as obras recebidas por empréstimo, quando esgotado o prazo ou a prorrogação, ficarão privadas de obter novos empréstimos, enquanto não fizerem a restituição, que já não terá como consequencia a devolução da quantia depositada.

Art. 126. Aquellas que não restituírem sem demora as obras que pelo director geral tiverem sido reclamadas antes de terminado o prazo ou a prorrogação, só o fazendo na epoca que anteriormente lhes tinha sido fixada, assim como aquellas que restituírem deterioradas as obras que lhes houverem sido emprestadas, ficarão privadas de novos empréstimos por um periodo que o director geral estabelecerá.

Art. 127. Nas mesmas condições em que se fará ao publico, poderá o empréstimo ser feito aos empregados da Bibliotheca, dispensado, porém, o deposito em dinheiro e descontando-se dos vencimentos as quantias que perderiam si houvessem deixado um deposito.

Art. 128. Fora das normas aqui estabelecidas, só ao Governo se poderão fazer empréstimos.

Art. 129. Logo que se retirar do logar para ser emprestado qualquer livro ou manuscrito, será ali collocada uma ficha que o represente enquanto durar o empréstimo, conservando-se na secção o respectivo boletim, até que sejam restituídos os objectos e se tomem as devidas notas.

VIII

CONCURSOS BIBLIOGRAPHICOS

Art. 130. A Bibliotheca abrirá de dois em dois annos um concurso bibliographico e premiará o melhor trabalho indito de bibliographia nacional que lhe fór apresentado, premio que consistirá em ser por ella adquirido o manuscrito e em ser este por sua conta impresso, cabendo ao autor cincuenta exemplares.

Art. 131. O objecto do concurso, o prazo de recebimento dos trabalhos e o preço por que será adquirido o que fór premiado serão estabelecidos pelo director geral, bem como as demais condições do concurso.

Art. 132. A commissão julgadora, composta dos directores de secção e do director geral, este com o voto de desempate, apreciará os trabalhos recebidos e resolverá si a um delles deve ser concedido o premio.

Art. 133. Os directores de secção que concorrerem ao premio ficarão impedidos de fazer parte da commissão e serão substituídos por pessoas estranhas, que o Ministro nomeará, em numero igual ao dos membros não impedidos.

IX

SERVIÇOS DE PERMUTAÇÕES INTERNACIONAES E DE BIBLIOGRAPHIA
E DOCUMENTAÇÃO

Art. 134. A Bibliotheca Nacional é o estabelecimneto brasileiro encarregado de dar execução ao serviço de permutações internacionaes.

Art. 135. Além dos documentos officiaes e das obras publicadas por ordem do Governo, como foi estatuido na Convenção de Bruxellas de 15 de março de 1886, a Bibliotheca enviará a cada um dos paizes que tomaram parte na Convenção ou a ella adheriram, ou ainda a outros paizes que fór conveniente acrescentar, publicações que possam tornar conhecido o Brazil e das quaes adquira exemplares em numero sufficiente, distribuindo-os pelas principaes instituições desses paizes, de conformidade com a natureza de cada um.

Art. 136. Como estação intermediaria, a Bibliotheca estenderá a quaesquer paizes a sua interferencia, incubindo-se gratuitamente de:

1º, encaminhar aos diversos estabelecimentos estrangeiros, encarregados desse serviço, as remessas provenientes de instituições scientificas, litterarias, etc., e destinadas a instituições semelhantes;

2º, enviar directamente ás instituições dos paizes onde não houver estação intermediaria as publicações que lhes forem destinadas;

3º, receber do estrangeiro e fazer entregar no Brazil as que procederem daquelles estabelecimentos ou instituições, dando prévio aviso aos destinatarios e enviando-as pelo correio, quando esse meio de transporte fór autorizado.

Art. 137. O serviço de bibliographia e documentação, em correspondencia com o do Instituto Internacional de Bibliographia de Bruxellas, abrangerá:

1º, a organização, segundo o systema de classificação decimal e por meio de fichas, do repertorio bibliographico brasileiro como contribuição para o repertorio bibliographico universal, de modo a comprehender as obras de autores nacionaes ou estrangeiros impressas ou editadas no paiz, as de autores nacionaes impressas no estrangeiro ou ineditas e as de autores estrangeiros que se occuparem especialmente do Brazil, incluídos os artigos insertos em publicações periódicas e os escriptos de qualquer natureza;

2º, a impressão dessas fichas para serem expostas á venda ou permutadas por fichas de repertórios estrangeiros;

3º, a aquisição de um exemplar de cada uma das fichas que constituem os repertórios estrangeiros já organizados e que se forem organizando;

4º, a cooperação da Bibliotheca na organização do repertório encyclopedico universal;

5º, a organização do catalogo colectivo das bibliothecas brasileiras;

6º, o uso publico dos repertórios e do catalogo colectivo.

X

CONFERENCIAS

Art. 138. Haverá uma sala destinada a conferencias, que poderão realizar-se mediante permissão do director geral, ou que este promoverá, escolhendo neste caso os assumptos sobre que devam versar e convidando as pessoas que dellas se tenham de encarregar.

Art. 139. Será arbitrada uma contribuição pelo uso da sala de conferencias sempre que, não tendo estas um fim patriótico ou beneficente, forem pagas as respectivas entradas.

Art. 140. A sala não poderá ser utilizada para conferencias de character politico ou religioso, nem para quaesquer solemnidades que não forem promovidas pela Bibliotheca ou autorizadas pelo Ministro.

XI

PATRIMONIO

Art. 141. Fica constituido o patrimonio da Bibliotheca com o producto da venda de suas publicações e das fichas do repertório bibliographico, com as quantias a que perderem direito as pessoas que houverem recebido obras por emprestimo, com a importancia de 50% sobre o valor do sello das certidões do teor de impressos ou manuscriptos, com a contribuição pelo uso da sala de conferencias e com os recursos provenientes de quaesquer donativos.

XII

DISPOSIÇÕES GERAES E TRANSITORIAS

Art. 142. Os vencimentos do pessoal da Bibliotheca são os que constam da tabella annexa.

Art. 143. Por occasião de se pôr em execução este regulamento o Governo preencherá os cargos independentemente das formalidades nelle exigidas.

Art. 144. A disposição do art. 32 não tem applicação aos empregados que tiverem sido approvados em concurso de provas effectuado para provimento dos cargos da Bibliotheca.

Art. 145. Sem prejuizo de suas regalias, serão os actuaes continuos aproveitados como guardas.

Art. 146. Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1911. — *Rivadavia da Cunha Corrêa*.

TABELLA DE VENCIMENTOS A QUE SE REFERE O ART. 142 DO REGULAMENTO ANNEXO AO
DECRETO N. 8835, DE 11 DE JULHO DE 1911

Numero	Categorias	Vencimen- tos annuos	Ordenado	Gratifica- ção
1	Director geral.....	12:000\$	8:000\$	4:000\$
3	Bibliothecarios	10:200\$	6:800\$	3:400\$
6	Sub-bibliothecarios	7:200\$	4:800\$	2:400\$
8	Officiaes	6:000\$	4:000\$	2:000\$
14	Amanuenses	4:500\$	3:000\$	1:500\$
16	Auxiliares	3:200\$	2:200\$	1:100\$
1	Mecanico-electricista	4:200\$	2:800\$	1:400\$
1	Porteiro	3:600\$	2:400\$	1:200\$
2	Ajudantes do porteiro.....	2:000\$	2:000\$	1:000\$
1	Inspector tecnico.....	4:200\$	2:800\$	1:400\$
Pessoal sem nomeação:				
4	Ajudantes do mecanico-electricista...	—	—	3:000\$
12	Guardas	—	—	2:400\$
4	Ascensoristas	—	—	2:100\$
28	Serventes	—	—	1:800\$

Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1911. — *Rivadavia da Cunha Corrêa.*

DIREITOS AUTORAES

**Lei n. 496, de 1 de Agosto de 1898, e Instrucções
de 11 de Junho de 1901**

LEI N. 496, DE 1 DE AGOSTO DE 1898

Define e garante os direitos autoraes

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a lei seguinte:

Art. 1.º Os direitos de autor de qualquer obra litteraria, scientifica ou artistica consistem na faculdade, que só elle têm, de reproduzir ou autorizar a reproducção do seu trabalho pela publicação, traducção, representação, execução ou de qualquer outro modo.

A lei garante estes direitos aos nacionaes e aos estrangeiros residentes no Brazil, nos termos do art. 72 da Constituição, si os autores preencherem as condições do art. 13.

Art. 2.º A expressão "obra litteraria, scientifica ou artistica" comprehende: livros, brochuras e em geral escriptos de qualquer natureza; obras dramaticas, musicaes ou dramatico-musicaes, composições de musica com ou sem palavras; obras de pintura, esculptura, architectura, gravura, lithographia, photographia, illustrações de qualquer especie, cartas, planos e esboços; qualquer producção, em summa, do dominio litterario, scientifico ou artistico.

Art. 3.º O prazo da garantia legal para os direitos enumerados no art. 1.º é:
1.º, para a faculdade exclusiva de fazer ou autorizar a reproducção por qualquer fórma, de 50 annos, a partir do dia 1 de janeiro do anno em que se fizer a publicação;

2.º, para a faculdade exclusiva de fazer ou autorizar traducções, representações ou execuções, de 10 annos, a contar, para as traducções, da mesma data acima prescripta; para as representações e execuções, da primeira que se tiver effectuado com autorização do autor.

Art. 4.º Os direitos de autor são moveis, cessiveis e transmissiveis no todo ou em parte e passam aos herdeiros, segundo as regras do direito.

§ 1.º A cessão entre vivos não valerá por mais de trinta annos, findos os quaes o autor recobrá seus direitos, si ainda existir.

§ 2.º Fica sempre salvo ao autor, por occasião de cada nova edição, emendar ou reformar sua obra, ou reaver seus direitos sobre ella, comtanto que restitua ao cessionario o que d'elle houver recebido em pagamento, metade do valor liquido da edição anterior.

§ 3.º Para execução do paragrapho antecedente, o cessionario deverá declarar por escripto ao autor o numero dos exemplares de cada edição com o respectivo preço e cada tiragem será considerada como uma edição.

§ 4.º As declarações do cessionario fazem prova plena contra elle, mas o autor poderá contestal-as sempre que tiver outras a oppôr-lhes.

Art. 5.º A cessão ou herança, quer dos direitos de autor, quer do objecto que materializa a obra de arte, litteratura ou sciencia, não dá o direito de a modificar, seja para vendel-a, seja para exploral-a por qualquer fórma.

Art. 6.º Na ausencia de contracto de edição, legalmente feito, presume-se sempre que o autor está na inteira posse de seus direitos. Aquelle que sem esse contracto, sejam quaes forem as allegações que fizer, publicar qualquer obra deve ao autor uma indemnização nunca inferior a 50 % do valor venal da edição completa.

Art. 7.º Os credores do autor não podem durante a vida dello apprehender os seus direitos; mas tão sómente os rendimentos que dahi lhe possam advir.

Art. 8.º Os proprietários de uma obra posthuma gosam dos direitos do autor pelos prazos marcados no art. 3.º, a contar, porém, para as reproduções e traducções, do dia 1 de janeiro do anno em que tiver fallecido o autor.

Art. 9.º Quando uma obra feita em collaboração não é susceptivel de ser dividida, os collaboradores, desde que não preceda contracto em opposto, gosam de direitos igunes, não podendo qualquer delles, sem o consentimento de todos os outros, fazer ou autorizar a sua reproducção.

Em caso de desaccordo entre os co-proprietários, cabe aos tribunacs decidir, podendo, quando algum delles se opponha á publicação, determinar que elle não participe das despesas, nem dos lucros ou que seu nome não figure na obra.

Cada um dos proprietários póde individual e independentemente fazer valer a sua parte de direitos.

Art. 10. Nas obras theatraes em que collaborarem diversos autores, basta o consentimento de um delles para sua exhibição ou representação, ficando salvo aos mais o direito de, pelos meios judiciais, se indemnizarem da parte que lhes tocar.

Art. 11. O editor de uma obra anonyma ou assignada com pseudonymo tem os onus e direitos do autor. Todos, porém, passarão a este desde que seja conhecido.

Art. 12. O autor de uma traducção gosa a respeito della dos mesmos direitos authoraes, não podendo, porém, impedir que se façam da mesma obra outras traducções, salvo durante o prazo do art. 3.º, n. 2, si for cessionario desse direito.

Art. 13. E' formalidade indispensavel para entrar no gozo dos direitos de autor o registro da Bibliotheca Nacional, dentro do prazo maximo de dous annos, a terminar no dia 31 de dezembro do seguinte áquelle em que deve começar a contagem do prazo de que trata o art. 3.º:

1) para as obras de arte, litteratura ou sciencia, impressas, photographadas, lithographadas ou gravadas, de um exemplar em perfeito estado de conservação;

2) para as obras de pintura, esculptura, architectura, desenhos, esboços ou de outra natureza, um exemplar da respectiva photographia, perfeitamente nitida; tendo as dimensões minimas de 0m,18X0m,24.

Art. 14. O direito de representação de uma obra litteraria é regulado conforme as disposições relativas ás obras musicaes.

Art. 15. Toda execução ou representação publica total ou parcial de uma obra musical não póde ter logar sem consentimento do autor, quer ella seja gratuita, quer tenha um fim de beneficencia ou exploração. Todavia, si ella for publicada e posta á venda, considera-se que o autor consente na sua execução em todo logar onde não se exija retribuição alguma.

Art. 16. O direito de autor para as composições musicaes comprehende a faculdade exclusiva de fazer arranjos e variações sobre motivos da obra original.

Art. 17. A cessão de um objecto de arte não implica a cessão do direito de reproducção em favor de quem o adquire, não podendo, porém, o artista reproduzi-lo sem declaração de que não é o trabalho original.

Art. 18. A reproducção de uma obra de arte por processos industriaes ou sua applicação á industria não lhe fazem perder o caracter artistico: mesmo nestes casos fica submettida ás disposições da presente lei.

Art. 19. Todo attentado doloso ou fraudulento contra os direitos de autor constitue o crime de contrafacção. Os que scientemente vendem, expõem á venda, teem em seus estabelecimentos para serem vendidos ou introduzem no territorio

da Republica com fim commercial objectos contrafeitos, são culpados do mesmo crime.

Art. 20. Nos crimes de contrafacção, os cumplices são punidos com penas iguaes ás dos autores.

Art. 21. Consideram-se igualmente contrafacções:

1) as traducções em lingua portugueza, de obras estrangeiras, quando não autorizadas expressamente pelo autor e feitas por estrangeiros não domiciliados na Republica ou que nella não tenham sido impressas. As traducções autorizadas que estiverem nestas condições devem ter a menção expressa: "Tradução autorizada pelo autor", unicas que podem ser introduzidas, vendidas ou representadas no territorio da Republica;

2) as reproduções, traducções, execuções ou representações, quer tenham sido autorizadas, quer o não tenham sido, por se tratar de obras que não gozam de protecção legal ou já cahidas no dominio publico, em que se fizerem alterações, acrescimos ou supressões sem o formal consentimento do autor.

Art. 22. Não se considera contrafacção:

1) a reprodução de passagens ou pequenas partes de obras já publicadas, nem a inserção, mesmo integral, de pequenos escriptos no corpo de uma obra maior, contanto que esta tenha character scientifico ou que seja uma compilação de escriptos de diversos escriptores, composta para uso da instrucção publica. Em caso algum a reprodução pôde dar-se sem citação da obra de onde é extrahida e do nome do autor;

2) a reprodução em diarios e periodicos de noticias e artigos politicos extrahidos de outros diarios e periodicos e a reprodução de discursos pronunciados em reuniões publicas, qualquer que seja a sua natureza. Na transcripção de artigos, deve haver a menção do jornal de onde são extrahidos e o nome do autor. O autor, porém, quer dos artigos, qualquer que seja a sua natureza, quer dos discursos, é o unico que os pôde imprimir em separado;

3) a reprodução de todos os actos officiaes da União, dos Estados ou das municipalidades;

4) a reprodução, em livros e jornacs, de passagens de uma obra qualquer com um fim critico ou de polemica;

5) a reprodução no corpo de um escripto de obras de artes figurativas, contanto que o escripto seja o principal e as figuras sirvam simplesmente para a explicação do texto, sendo, porém, obrigatoria a citação do nome do autor;

6) a reprodução de obras de arte que se encontram nas ruas e praças;

7) a reprodução de retratos ou bustos de encomenda particular, quando ella é feita pelo proprietario dos objectos encomendados.

Art. 23. O crime de contrafacção será punido com as penas dos artigos respectivos doCodigo Penal, livro II, tit. XII, cap. V, secção 1.^a, e com o confisco dos objectos contrafeitos e de todos os moldes, matrizes e quaesquer utensilios que tenham servido para a contrafacção, além da indemnização de perdas e damnos causados ao autor da obra contrafeita.

No Districto Federal observar-se-ha o seguinte:

§ 1.^o Essa indemnização será demandada no fóro civil, haja ou não procedimento criminal e haja ou não condemnação do contrafactor. No caso de condemnação, o autor fica, porém, dispensado da prova de contrafacção e a acção civil se limitará á liquidação das perdas e damnos.

§ 2.^o A acção civil, seja qual for seu valor, será summaria.

Art. 24. A applicação fraudulenta ou de ma fé sobre uma obra litteraria, scientifica ou artistica, do nome de um autor ou de qualquer signal por elle adoptado

para designar suas obras, será punida com a prisão celllular de seis mezes a um anno e multa de 500\$ a 1:000\$, sendo tambem a obra apprehendida.

Art. 25. No caso de representação ou exhibição não autorizada de obras dramaticas ou musicas, o autor ou concessionario poderá requerer a apprehensão das receitas brutas da representação ou exhibição e o empresario reconhecido culpado será punido com prisão celllular por seis mezes a um anno.

Paragrapho unico. A importancia da indemnização de perdas e damnos não será nesse caso inferior a 50 % das receitas brutas.

Art. 26. Salvo os casos do art. 22, n. I (*), e do art. 24, em que deverá haver procedimento *ex-officio* da autoridade competente e em que qualquer, na falta deesse procedimento, poderá intentar a acção criminal, só ao autor ou ao cessionario dos seus direitos incumbe a queixa e autoria do processo.

Paragrapho unico. Qualquer dos collaboradores de uma obra artistica, litteraria ou scientifica pôde, independente dos mais, usar do seu direito para punição dos culpados.

Art. 27. O autor poderá iniciar o processo requerendo busca e apprehensão dos objectos contrafeitos ou das pranchas, modelos e matrizes que tenham servido para perpetração do delicto, o que será ordenado pelo juiz, mediante justificação judicial.

Feita a apprehensão e si o autor decahir da acção, o réo terá direito de indemnização de perdas e damnos.

Art. 28. Illexam-se as disposições em contrario.

Capital Federal, 1 de agosto de 1898, 10^a da Republica.

PAUDENTE J. DE MORAES BARROS.

Amara Cavalcanti.

O Ministro de Estado da Justiça e Negocios Interiores, em nome do Presidente da Republica, resolve, á vista do disposto nos arts. 6.^o da lei n. 552, de 23 de novembro de 1893, e 18 da de n. 741, de 26 de dezembro de 1900, que, para execução do art. 13 da lei n. 496, de 1 de agosto de 1898, se observem as seguintes instrucções:

Art. 1.^o O autor, traductor, editor, impressor ou cessionario que, na conformidade da lei n. 496, de 1 de agosto de 1898, pretender registrar qualquer obra litteraria, scientifica ou artistica, deverá requere-lo ao director da Bibliotheca Nacional, em petição assignada pelo seu proprio punho, ou por procurador, com declaração expressa da sua naturalidade, profissão e domicilio actual, do titulo da obra a registrar, logar e tempo da publicação, reimpressão, primeira representação ou execução, e, em geral, de todos os caracteristicos que lhe forem essenciaes, de modo a ser possivel distinguilla, em todo tempo, de qualquer outra congenere.

a) para o registro das obras de arte, litteratura ou sciencia, impressas, lithographadas, photographadas ou gravadas, o autor entregará á Bibliotheca um exemplar em perfeito estado de conservação;

b) para o das obras de pintura, esculptura, desenho, esboços, etc., fará o autor entrega de uma photographia da obra, perfeitamente nítida, a qual deverá ter, de accôrdo com o art. 13, 2.^a parte, da citada lei n. 496, as dimensões mínimas de 0m,15×0m,24.

(*) O decreto n. 3836, de 24 de Novembro de 1900, declarou que a referencia é feita ao art. 21, n. 1, e não ao art. 22, n. 1.

§ 1.º A prova da naturalidade do autor, traductor, editor, impressor, cedente e cessionario, a do seu domicilio e a do tempo da publicação, reimpressão e primeira representação ou execução, poderão ser exigidas pelo director da Bibliotheca, quando as julgar necessarias.

A prova da cessão e a do contracto de edição são indispensaveis.

§ 2.º Quando fôr solicitado simultaneamente e pelo mesmo peticionario, o registro de duas ou mais obras, ao pedido relativo a cada uma deverá corresponder ao requerimento.

Art. 2.º Haverá para o registro, na Bibliotheca Nacional, um livro especial, aberto e encerrado pelo director.

Art. 3.º No exemplar entregue pelo autor serão notados o numero da ordem e a data do registro e estampado, por meio de um carimbo, o dístico "Bibliotheca Nacional — Direitos autoraes".

Art. 4.º O mesmo exemplar será conservado na secretaria da Bibliotheca, devidamente acondicionado em movei apropriado de accôrdo com sua natureza e classificação.

Art. 5.º Em um só e mesmo livro lançar-se-ha o registro de todas as obras para esse fim apresentadas, seja qual fôr a sua natureza, devendo para isso ser lavrado, em relação a cada uma, o necessario termo, do qual constarão todos os esclarecimentos, declarações e característicos da obra a registrar.

Art. 6.º O certificado do registro trará impresso no alto do papel, á esquerda, em tinta azul, o dístico referido no art. 3.º destas instrucções, e, á direita, o lugar para a data, devendo conter o numero do livro do registro, de ordem deste, seguindo-se, na integra, a transcrição do termo. O certificado será passado pelo secretario e authenticado pelo director.

Art. 7.º O registro de cada obra está sujeito á taxa de 2\$000, independentemente da que fôr devida, na conformidade do regulamento do imposto do sello, por certificado de obra depositada, caso o autor ou cessionario solicite tal documento. A mencionada taxa será paga em sello de estampilha inutilizada pelo secretario da Bibliotheca, o qual assignará o termo de que trata o art. 5.º.

Art. 8.º Si duas ou mais pessoas requererem ao mesmo tempo o registro de uma mesma obra litteraria, scientifica ou artistica, ou de obras que, pela invenção, assumpto, forma ou titulo, pareçam identicas, a juizo do director da Bibliotheca, ou cuja autoria tenha dado lugar a discussão e controversias, não se fará o registro sem que se haja decidido, por accôrdo das partes ou perante o juizo competente, a quem cabe o direito autoral.

Art. 9.º Do mesmo modo se procederá quando, depois de effectuado o registro de uma obra, fôr elle novamente requerido em nome de outra pessoa. Neste caso, sendo decidido que o direito autoral cabe ao ultimo requerente, lavrar-se-ha novo termo de registro, lançando-se sobre o primeiro a nota — sem effeito — authenticada pelo director.

Art. 10. A lista das obras registradas será publicada mensalmente no *Diario Official*, correndo a despesa á conta do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores.

Art. 11. Ficam alteradas, de accôrdo com estas instrucções, as que forem mandadas observar pela portaria de 6 de dezembro de 1899.

Capital Federal, 11 de junho de 1901. — *Eptacio Pessoa*.

REMESSA DE OBRAS IMPRESSAS

**Decreto legislativo n. 1.825, de 20 de Dezembro de 1907,
e Instrucções de 1 de Junho de 1908**

DECRETO N. 1.825, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1907

Dispõe sobre a remessa de obras impressas á Bibliotheca Nacional

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a resolução seguinte:

Art. 1.º Os administradores de officinas de typographia, lithographia, photographia ou gravura, situadas no Districto Federal e nos Estados, são obrigados a remetter á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro um exemplar de cada obra que executarem.

§ 1.º Estão comprehendidos na disposição legal não só livros, folhetos, revistas e *jornaes*, mas *tambem obras musicaes, mappas, plantas, planos e estampas*.

§ 2.º Applicar-se-á a mesma disposição aos sellos, medalhas e outras especies numismaticas, quando cunhadas por conta do Governo.

§ 3.º Consideram-se como obras differentes as reimpressões, novas edições, ensaios e variantes de qualquer ordem.

§ 4.º Quando nos objectos não estiver declarada a sua significação, o seu preço de venda e o numero de exemplares de que a edição constar, todas essas indicações os deverão acompanhar por occasião de sua remessa.

§ 5.º No Districto Federal a remessa deve effectuar-se no dia em que a obra fór publicada ou entregue a quem a mandou executar, e nos Estados até cinco dias depois da publicação ou entrega, devendo neste prazo ser levados ao correio os exemplares a tal fim destinados.

Art. 2.º No caso de inobservancia das disposições do artigo precedente, incorrerão os administradores das officinas na pena de multa de 50\$ a 100\$, ficando os editores das obras não remettidas obrigados, logo que termine o prazo do art. 1.º, § 5.º, a effectuar a remessa em um segundo prazo, igual ao primeiro, sob pena de apprehensão do exemplar ou exemplares devidos.

Ao procurador seccional do lugar communicará o director da Bibliotheca Nacional a infracção occorrida, afim de tornar-se effectiva perante a Justica Federal a sanção aqui estabelecida.

Art. 3.º São equiparadas ás obras nacionaes, para o effeito da contribuição e o da apprehensão, as provenientes do estrangeiro que trouxerem indicação de editor ou vendedor domiciliado no Brazil.

Art. 4.º Os objectos remettidos á Bibliotheca Nacional, em observancia a esta lei, transitarão pelos correios da Republica com isenção de franquia o gratuidade de registro, devendo o remettente declarar o titulo da obra, os nomes do editor e do autor ou o pseudonymo deste, o lugar e a data da edição.

Parapho unico. O remettente poderá exigir do correio que nos certificados de registro declare, depois de verificar o titulo do impresso, os nomes do editor e do autor ou o pseudonymo deste, o lugar e a data da edição.

Art. 5.º A Bibliotheca Nacional publicará regularmente um boletim bibliographico, que terá por fim principal registrar as aquisições effectuadas em virtude desta lei.

Art. 6.º Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1907, 19.º da Republica.

AFFONSO AUGUSTO MOREIRA PENNA.

Augusto Tavares de Lyra.

O Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, em nome do Presidente da Republica:

Resolve que, para a execução do decreto n. 1.825, de 20 de dezembro de 1907, se observem as seguintes instrucções:

Art. 1.º Dos trabalhos que forem executados nas officinas de que trata o artigo 1.º do decreto n. 1.825, de 20 de dezembro de 1907, devem os respectivos administradores remetter á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro um exemplar completo e em perfeito estado de conservação.

Art. 2.º Entre as officinas estão incluídas as que empregarem quaesquer processos photo-mechanicos, bem como aquellas em que se imprimirem trabalhos de gravura sobre madeira, metal ou outra substancia.

Art. 3.º Os annuncios e bilhetes postaes illustrados e as vistas e retratos que se destinem a ser expostos á venda ou distribuidos em publico estão comprehendidos no numero dos objectos de que é devido um exemplar.

Art. 4.º Consideram-se variantes para os effeitos do decreto a que se referem estas instrucções as differenças de formato, papel ou côr de tinta, e quanto ás medalhas as differenças de metal, colorido e espessura.

Art. 5.º Relativamente ás obras provenientes do estrangeiro que trouxerem indicação de editores ou vendedores domiciliados no Brazil, consideram-se estes equiparados aos administradores de officinas.

Art. 6.º O boletim bibliographico, que a Bibliotheca Nacional publicará regularmente, fará menção de todas as obras que houverem sido recebidas por contribuição legal e dará em relação a cada uma o nome do editor e o preço da venda, sendo mencionadas uma só vez por anno as publicações periodicas.

Art. 7.º A Bibliotheca Nacional fornecerá á Directoria Geral dos Correios as cadernetas annuas que forem necessarias, destinadas a facilitar a remessa, sob registro, das publicações periodicas.

Rio de Janeiro, 1 de junho de 1908. — *Augusto Tavares de Lyra.*

A BIBLIOTHECA NACIONAL EM 1910

RELATORIO

QUE AO

SR. DR. RIVADAVIA DA GUNHA CORRÊA

MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES

apresentou em 15 de Abril de 1911

O DIRECTOR

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva

Sr. Ministro



CUMPRINDO o dever que me impõe o Regulamento, tenho a honra de submeter á vossa consideração o relatório do que de mais importante occorreu na Bibliotheca Nacional no decurso do anno de 1910.

Pessoal

Conservou-se em commissão no Ministerio das Relações Exteriores o chefe da secção de Manuscriptos.

Foram exonerados os amanhonenses Bacharel Miguel Daltro Santos e Alfredo Borges Monteiro, por Portarias de 19 de Abril e 30 de Novembro. A exoneração do ultimo foi considerada sem effeito por Portaria de 20 de Dezembro. Ausente desde que começaram os trabalhos do anno, foi elle convidado por edital, conforme recomtaendou esse Ministerio em Aviso n. 941 de 19 de Abril, e apresentou-se a 25 do mesmo mez.

Para preenchimento da vaga do primeiro foi aberto concurso, cujas provas se realisaram de 27 a 29 de Julho. Inscriptos quinze candidatos, somente nove fizeram todas as provas, sendo considerados approvados quatro assim classificados: Miguel Mello em 1º lugar, Manoel Cassius Berlinck em 2º, Augusto Martins Barreto em 3º e Ignacio de Viveiros Raposo em 4º.

Compuzeram a comissão examinadora, nomeados por esse Ministerio, o chefe de secção Dr. Aurelio Lopes de Sousa, o official João Gomes do Rego e o professor João Capistrano de Abreu, que, a exemplo do que fizera a comissão do concurso effectuado em 1906, adoptou como criterio para approvação dos candidatos o minimo de 81 pontos ou a media de tres pontos (nota soffrivel para boa) por prova e por examinador.

Como fosse annullado esse concurso pelo Aviso n. 2.190 de 26 de Setembro, abriu-se nova inscripção com o praso de trinta dias, vindo o concurso a realisar-se a 10, 11 e 12 de Novembro.

Inscreveram-se oito candidatos, um dos quaes perden o direito de se apresentar ao concurso por não ter exhibido no praso que lhe foi concedido os documentos que as Instrucções de 2 de Dezembro de 1896 exigem. Os sete que concorreram foram approvados e classificados na ordem seguinte: Miguel Mello e Manoel Cassius Berlink em 1º lugar, Augusto Martins Barreto em 2º, Arbaldo Cabral Botelho Benjamin em 3º, Domingos Peixoto Ferreira de Sousa em 4º, Ignacio de Viveiros Raposo em 5º e Sylvio Leal Costa em 6º.

A comissão examinadora que foi nomeada, composta do professor José Verissimo Dias de Mattos, do Dr. Luiz Maria de Mattos Junior, bibliothecario da Escola Polytechnica, e do professor Alexandre Maximiliano Kitzinger, funcionario do Archivo Publico Nacional, resolveu adoptar como base o minimo de 54 pontos correspondente á somma de notas soffríveis.

Assim procedeu a comissão, como aliás já havia acontecido no concurso realisado em 1902, por haver o citado Aviso n. 2.190 considerado como exagerado o criterio adoptado no concurso de Julho. Não se reproduziu no de Novembro a circumstancia de deixarem de ser classificados candidatos que nas provas technicas houvessem obtido notas superiores ás dos classificados, porquanto nenhum foi excluido. De outro modo seria difficil achar uma solução dentro dos moldes que as Instrucções estabelecem.

Por Portaria de 29 de Novembro foi nomeado amanuense Miguel Mello, candidato collocado em 1º lugar em ambos os concursos e até então auxiliar interino da Bibliotheca.

Foram nomeados auxiliares interinos Luiz Gonzaga de Siqueira Cavalcanti e José Francisco Baptista, por Portaria de 27 de Abril e 5 de Dezembro, o primeiro dos quaes só se conservou em exercício até 30 de Novembro.

Continuou no gozo de licença concedida pelo poder legislativo o amanuense Alípio Napoleão Serpa Filho. Voltou ao exercício a 12 de Dezembro e continuou José Antonio de Figueiredo que estava licenciado.

Por Aviso n. 2.716 de 8 de Dezembro foi auctorisado, conforme propuz, a dividir o pessoal em turmas, de modo a dar-lhes férias sem interromper o funcionamento da Bibliotheca. Foi assim que no periodo de 15 de Dezembro de 1910 a 15 de Fevereiro de 1911 se revezaram duas turmas, cada uma tendo gozado um mez de férias.

Em serviço no jury estiveram um dos 1.^{os} officiaes, um dos 2.^{os} e dous dos auxiliares.

Direitos Auctoraes

Lavraram-se 62 termos de registro de obras para garantia de direitos auctoraes e receberam os numeros de ordem 1.024 a 1.075.

Foram assim registradas 27 obras a requerimento dos respectivos auctores e 25 a requerimento dos editores ou cessionarios.

Obtiveram registro para cinco obras os auctores e editores portuguezes, não residentes no Brasil, que o requereram.

Dos registros effectuados 36 correspondem a obras didacticas, scientificas e litterarias, 11 a composições musicas e cinco a trabalhos de arte.

Serviço de Permutações

Para occorrer ás necessidades do serviço internacional de permutações foram adquiridas 80 publicações, cujos exemplares sommados se elevaram a 11.942, sendo por compra seis publicações (550 volumes), por doação e recebidas de estabelecimentos officinaes 70 (11.222 volumes) e por troca quatro (170 volumes), excluidas as publicações com destino indicado pelos estabelecimentos de procedencia. Forneceram publicações os Ministerios da Justiça, Fazenda, Marinha e Relações Exteriores, a Superintendencia de Navegação, a Imprensa Nacional e esta Bibliotheca.

D'entre as doações se destacam a de 100 exemplares de cada um dos tomos em que se divide o Relatorio geral dos trabalhos do 3.^o Congresso Scientifico Latino-Americano que se reuniu nesta Cidade em 1905, remetidos pela Secretaria do mesmo Congresso, a de grande quantidade de diversos numeros da revista *Kosmos* enviados pelo respectivo editor, Sr. Jorge Schmidt, e a que fez o Sr. Francisco Rodrigues de Paiva de 26 publicações cujos exemplares sommados montam a 215.

Entre as compras estão:

- Compendio de corographia do Brasil pelo Dr. Feliciano Pinheiro Bittencourt. 2^a ed. Rio. 1910.
- Os mamíferos do Brasil, por Emílio Augusto Goeldi. Rio. 1893.
- As aves do Brasil, por Emílio Augusto Goeldi. Rio. 1894-1900. 2 v.

Ficou elevado a 240 o numero dos estabelecimentos que recebem publicações brasileiras, por terem sido acrescentados os seguintes:

- Bibliothèque de l'Université Egyptienne. Le Caire.
- Archivo Histórico Nacional. Montevideo.
- Biblioteca del Instituto Nacional Mejia. Quito.
- Académie Royale d'Agriculture de Suède. Stockholm.
- Biblioteca de la Facultad de Derecho. Montevideo.
- Royal Society. London.

Effectuaram-se duas remessas para o estrangeiro, que constaram de 53 publicações em 5.916 volumes, acondicionados em 26 caixas e 1.075 pacotes á parte, dos quaes 1.063 foram enviados pelo correio e 12 entregues ao Consulado do Perú com publicações destinadas a esse paiz.

Das 26 caixas foram remetidas:

- 3 á *Smithsonian Institution*. Washington.
- 2 á *Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Publicos*. Lisboa.
- 1 á *Oficina de Canje Internacional de Publicaciones*. Montevideo.
- 1 á *Comisión Protectora de Bibliotecas Populares*. Buenos Ayres.
- 2 ao Consulado Geral do Brasil em Liverpool.
- 2 a *Karl W. Hiersemann*. Leipzig.
- 2 ao *Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts*. Paris.
- 1 ao *Service Belge des Échanges Internationaux*. Bruxellas.
- 1 á *Bibliothèque Fédérale*. Berna.
- 1 á *K. K. Statistische Central Commission*. Vienna.
- 2 á *Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele*. Roma.
- 1 á *Commission Russe des Échanges Internationaux*. S. Petersburgo.
- 1 ao *Bureau Scientifique Central Néerlandais*. Leyde.
- 1 ao *Department of Foreign Affairs*. Tokio.
- 1 á *Bibliothèque Générale Ottomane*. Constantinople.
- 1 á *Kongliga Svenska Vetenskaps Akademien*. Stockholm.
- 1 ao Consulado Geral do Brasil em Lisboa com destino á *Oficina para el Canje de Publicaciones* em Madrid.
- 1 á *Biblioteca Nacional*. Santiago do Chile.
- 1 á *Oficina General de Informaciones y Canje*. Assumpção.

Entre as publicações enviadas ao seu destino figuram as que se continham em 728 pacotes recebidos do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, 180 da Sociedade Scientifica de S. Paulo e 28 do Instituto do Ceará, todos os quaes haviam dado entrada em 1909.

Entraram em 1910 e foram expedidos 374 pacotes do Observatorio Astronomico, 100 do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 33 da

Bibliotheca e Archivo Publico do Pará e 202 da Sociedade Scientifica de S. Paulo.

Receberam-se do estrangeiro 41 caixas e 23 pacotes com publicações a entregar nesta Capital e nos Estados, sendo 31 caixas recebidas da *Smithsonian Institution*, 4 caixas e 15 pacotes do *Service Belge*, 1 caixa do *Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts*, 1 da Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos, 1 da *Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele*, 1 da *Biblioteca Nacional* de Buenos Ayres, 1 da *Bibliothèque Fédérale*, 1 de Karl W. Hiersemann e 8 pacotes da *Sociedad Científica Antonio Alzate*, do Mexico.

Excluidas as publicações destinadas a esta Bibliotheca, os pacotes menores que se continham nesses volumes eram em numero de 1.482.

A 118 bibliothecas brasileiras foram remetidas 89 publicações em 500 volumes contidos em tres caixões e 120 pacotes.

Acrecentaram-se á respectiva relação as seguintes:

- Bibliotheca do Ministerio da Agricultura. Rio de Janeiro.
- " da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro.
- " da Escola Publica de Belem. Cachoeira, Bahia.
- " do Instituto Geographico e Archeologico Alagoano. Maceió.
- " da Academia Cearense. Fortaleza.
- " do Instituto do Ceará. Fortaleza.

1.ª Secção

Adquiriram-se para a secção de Impressos 7.704 obras em 9.554 volumes, 161 cartas geographicas e 45 musicas. Assim se distinguem por procedencias as acquisições effectuadas:

Compra.	1134	obras em 1414	volumes				
Doação.	3751	" "	4947	"			
Contrib. legal.	1301	" "	1350	"	45 musicas	4 c. geogr.	
Permuta Infarna-							
nacional.	1463	" "	1787	"		157	" "
Permuta nacional.	55	" "	56	"			
	7704	" "	9554	"	45	"	161 " "

Para effectuar as acquisições por permuta cedeu a Bibliotheca publicações suas ou existentes em deposito, tendo recebido da bibliotheca da Camara dos Deputados 15 collecções de revistas estrangeiras em permuta por tres grupos de estantes de madeira do antigo edificio, conforme aucto-
rização contida no Aviso n. 494 de 7 de Março.

As publicações periodicas recebidas durante o anno foram em numero de 1.497, sendo 1.021 nacionaes e 476 estrangeiras e tendo d'estas entrado 102 por compra, 108 por doação 245 por permuta internacional e d'aquellas 12 por doação e 1.009 por contribuição legal.

Algumas das acquisições por compra:

- Bulletin de la Société Générale des Prisons. Paris. 1877-1909. 10 v.
- 864 Manuaes "Hoepii". 873 v.
- James F. Allen. Digest of limited states patents of air, caloric, gas and oil engines. 1788-1905. Washington. 1906. 5 v.
- Francisco Luiz. Processo criminal de primeira instancia. Rio, 1838. 2 v.
- Les grands écrivains de toutes les littératures. Paris. s. d. 46 v.
- Concepcion Arenal. Obras completas. Madrid. 1894-1902. 22 v.
- C. Carleton Lee. The history of North America. Philadelphia. S. d. 20 v.
- J. J. Ribeiro. Chronologia paulista. S. Paulo. 1899. 1904. 3 v.
- Stieler. Grande atlante geográfico. 9ª ed. Milano. 1909.
- F. H. v. Wieser. Die Karten von America in Islarlo General de Alonso de Santa Cruz. Insbruck. 1908.

Quanto ás doações, merece especial menção a de 2.405 obras em 3.448 volumes, valiosissima collecção com que o Sr. Conselheiro José Antonio de Azevedo Castro, delegado do Thesouro Brasileiro em Londres, se dignou de contribuir para enriquecer a Bibliotheca Nacional, que apenas despendeu a quantia necessaria ao encaixotamento e transporte dos livros de Londres para esta cidade.

E' da maior importancia esse conjunto de obras escolhidas entre as melhores da moderna litteratura, principalmente francezas e inglezas, escolha que revela o bom gosto e a competencia do bibliophilo que era o benemerito doador.

A' preciosa collecção deu o Conselheiro Azevedo Castro o nome do Visconde de Taunay, como uma justa homenagem ao caracter e á intelligencia desse primoroso escriptor.

Do Sr. Augusto Dias Carneiro recebeu a Bibliotheca diversas obras por doação, entre as quaes:

- Ceremonial monastico reformado da Congregação de S. Bento de Portugal. Lisboa. 1820.
- Ceremonial da Congregação dos Monges Negros da Ordem do Patriarcha S. Bento de Portugal. Coimbra. 1847.
- Ceremonial dos Religiosos Carmelitas Descalços de Portugal. Lisboa. 1738.
- Ceremonial dos Religiosos Carmelitas Descalços, segundo o rito romano. Lisboa. 1799.

Entre as que entraram por contribuição legal estão as seguintes obras:

Da Imprensa Nacional:

— J. P. Calogeras. *La politique monétaire du Brésil*. Rio. 1910.

Da Typ. do *Jornal do Commercio*:

— Ruy Barbosa. *O direito do Amazonas ao Acre Septentrional*. Rio. 1910. 2 v.

Da Livraria Francisco Alves:

— Ramiz Galvão. *Vocabulário etymologico, orthographico e prosodico*. Rio. 1909.

Da Typ. de C. Wiegandt, de Belem:

— Dr. J. Huber. *Mattas e madeiras amazonicas*. Pará. 1910.

Da "Imprensa Official" da Parahyba:

— João de Lyra Tavares. *A Parahyba*. Parahyba. 1909. 2 v.

Da Typ. do *Jornal do Recife*:

— F. A. Pereira da Costa. *Chronologia historica do Estado do Piahy*. Pernambuco. 1909.

Da Typ. das Escolas Professionaes Salesianas, de S. Paulo:

— Eurico de Góes. *Os symbolos nacionaes. Estudo sobre a bandeira e armas do Brasil*. S. Paulo. 1908.

— Theodoro Sampaio. *As inscrições lapidares da igreja de N. S. da Victoria da Cidade da Bahia*. S. Paulo. 1910.

Da Typ. de L. P. Barcellos de Porto Alegre:

— Augusto Porto Alegre. *A fundação de Porto Alegre*. 2ª ed. Porto Alegre. 1909.

Por permuta internacional entraram entre outras as seguintes:

Da Sociedade de Geographia de Lisboa grande numero de obras sobre Portugal e suas colonias, publicadas por occasião ou a proposito do centenario da India, assim como:

— Ayres de Sá, Frei Gonçalo Velho. Lisboa. 1899-1900. 2. v.

— Leite de Vasconcellos. *Religiões da Lusitania*. 1º vol. Lisboa. 1897.

Da "Biblioteca Nacional" do Santiago do Chile:

- José Clemente Fabres. Obras completas. Santiago de Chile. 1908-09. 5 v.
- Crescente Errázuriz. Historia de Chile. Tom. I—II. Santiago. 1908. 2 v.
- J. V. Lastarria. Obras. Santiago. 1906-09. 8 v.

Da "Oficina de Canje Internacional de Publicaciones" de Montevideo:

- Carlos Outeiro y Viana. La diplomacia del Brasil en el Río de la Plata. Montevideo. 1903.

Da "Biblioteca Publica" de La Paz:

- Bolivia-Brasil. Exposición de la Sociedad Geográfica de La Paz. La Paz. 1903.
- Abel Alarcón. Litigio paraguayo-boliviano. La Paz. 1905.
- Adolfo Ballivián. El laudo argentino. La Paz. 1909. 2 v.

Da "Royal Society" de Londres:

- National antarctic expedition. 1901-04. London. 1909.

A transferencia dos livros das antigas para as novas estantes trouxe como consequência a necessidade de rever a sua numeração e de alterar a indicação do lugar nas fichas do catalogo.

A tabella de correspondência, que se foi organisando ao passo que chegavam ao seu novo lugar os livros transferidos, tem servido para facilitar a procura destes, quando pedidos pelo seu numero antigo.

Fazia-se porem necessario ir procedendo pouco a pouco a um trabalho de revisão e numeração definitiva, trabalho em que se tem occupado os funcionarios da secção, quando os seus serviços não são reclamados pela consulta publica ou pelo registro das aquisições.

Da collecção Visconde de Taunay foram catalogadas 293 obras em 551 volumes, tendo-se extrahido 1.028 fichas.

Das cartas geographicas foram catalogadas 383, tendo-se extrahido 1.086 fichas.

Fizeram-se á Officina de Encadernação 66 remessas que comprehenderam 2.553 volumes a encadernar ou restaurar e 62 cartas geographicas a entelar. Pela officina foram restituídos á secção depois de

beneficiados 2.632 volumes, número em que estão incluídos os que haviam ficado do anno antecedente.

Ainda em 1910 não poudo o serviço da consulta publica voltar á normalidade. Si bem que, concluída a mudança, não fosse negada permissão ás pessoas que a solicitaram para fazer consultas, nem por isso se pôde considerar aberta ao publico a Bibliotheca sinão depois de inaugurado o edificio. Mesmo depois da inauguração não foi possível, á falta de pessoal sufficiente, fazer funcionar as salas de consulta senão até ás 4 horas da tarde, providencia que fui forçado a adoptar e o Aviso n. 2.475 de 8 de Novembro veio auctorisar.

Até a inauguração, o movimento da consulta que se poudo apurar, nas condições especiaes em que esta se fazia, limitou-se a 592 leitores para 579 obras em 973 volumes e para 250 avulsos.

A partir de 31 de Outubro, quando foram abertas ao publico as salas de consulta, por se ter inaugurado o edificio a 29 e ser domingo o dia seguinte, o movimento até o fim do anno foi o que se segue:

3374 leitores; 3434 obras em 4672 volumes; 1431 avulsos

Foram emprestadas durante o anno e estão incluídas nos numeros acima 10 obras em 16 volumes, das quaes deixaram de ser restituídas tres em igual numero de volumes.

Foram restituídas quatro obras em sete volumes que haviam sahido anteriormente a 1910.

Deixaram de ser fornecidas aos leitores 256 obras pedidas, das quaes 101 por as não possuir a Bibliotheca e as restantes por outros motivos, como estarem a encardernar-se, já se acharem sendo consultadas, não serem encontradas no momento por erro de indicação, má distribuição das fichas, etc.

Pôde resumir-se no seguinte quadro todo o movimento da consulta effectuada em 1910, feita a discriminação das materias e das linguas:

CLASSES	NA BIBLIOTHECA			EM DOMICILIO	
	OBRAS	VOLS.	AVULSOS	OBRAS	VOLS.
Annuaire e revistas	220	293	551		
Artes e Industrias.	51	68	8		
Bellas Artes.	11	15	7		
Bibliographia	17	27	3		
Cartas geographicas.	28	21	9		
Chorographia do Brasil	50	56	2	1	1
Direito, Legislação e Jurisprudencia	464	877	31	4	8
Economia Politica	71	98	2		
Encyclopedia e Polygraphia	122	176			
Geographia	62	85	3		
Historia	161	276			
Historia do Brasil	143	195		3	5
Instrução e Educação.	17	21	7		
Jornaes	443	796	1047		
Litteratura	677	762			
Litteratura Brasileira	253	306	3		
Philologia e Linguistica	124	127		1	1
Philosophia	148	203	1	1	1
Politica e Administração	46	102			
Religião	25	38	1		
Sciencias mathematicas	237	272			
Sciencias medicas	337	434	1		
Sciencias naturaes	276	361	6		
	4003	5629	1681	10	16
LINGUAS					
Alleml	23	53	8		
Franceza	912	1116	394	5	9
Grega	9	26	37		
Hespanhola	66	79	61	2	2
Ingleza	83	112	38		
Italiana	54	69	9		
Latina	34	56			
Portugueza	2820	4116	1111	3	5
Tupy-guarany	2	2			
	4003	5629	1681	10	16

2.ª Secção

Entraram para a Secção de Manuscriptos 12.498 documentos, sendo cinco por compra, 22 por doação e 12.471 por transferencia da Secretaria ou da 1.ª secção.

Entre as aquisições por compra está a dos verbetes que completam o 2.º volume do Inventario dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar, de Lisboa.

Estão igualmente nesse numero:

- “Ao Ilmo. e Exmo. Sr. Conde dos Arcos, do Conselho de S. A. R... Ode Offerecida e recitada no Dia dos seus Faustissimos Annos por Francisco Bento Maria Targini, Ministro de Fazenda no Rio de Janeiro. 1807”. Original.
- A Concelção. Poema de Thomaz Antonio Gonzaga. Fragmentos dos cantos 1.º, 3.º e 4.º. 22 ff. Inn. Original.

Dentre as doações mencionarei a que fez o Barão de Studart de 20 cartas que lhe escrevera o Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, de 1891 a 1906, e a do Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay que offereceu a “Relação dos livros doados pelo Imperador á Bibliotheca Nacional para a Collecção Imperatriz Leopoldina (aliás D. Thereza Christina Maria), recolhidos da Sala do Despacho.”

Para a bibliotheca especial da secção foram adquiridas 41 obras em 46 volumes, sendo:

Por compra	2 obras em	3 volumes
” doação	5 ”	6 ”
” permuta internacional	4 ”	4 ”
” transferencia de secção	30 ”	33 ”
	41 ”	46 ”

Nas aquisições por doação estão incluídas duas obras em dois volumes que pertencem á collecção offertada pelo Conselheiro Azevedo Castro.

Extrahiram-se 137 bilhetes de registro correspondentes aos documentos adquiridos, assim como 3.647 fichas para o catalogo de documentos e cartas geographicas destinado a ser posto á disposição do publico.

Foram enviados á Officina de Encadernação 40 codices a reenca-
dernar, sete cartas geographicas em 10 folhas a entolar e 18 volumes de
obras impressas a encadernar, sendo restituidos já promptificados tres
desses volumes e todos os codices.

O serviço da consulta só se fez regularmente a partir de 31 de Outu-
bro. Até o fim do anno foram 48 os leitores, tendo-se-lhes fornecido para
consulta 5.408 documentos. Os visitantes foram em numero de 119.

Os documentos consultados assim se distribuem:

Brasil em geral.	4570
Autographos.	1012
Pará	170
Ethnographia brasileira	29
Rios do Brasil.	11
Legislação	6
Ordens religiosas	3
Linguística	1
Zoologia	1
Associações scientificas	1
	5804

São escriptos em portuguez 5.792 d'esses documentos, dous em portu-
guez e mané, quatro em portuguez e inglez e seis em latin.

Das quatro auctorisações concedidas para a extracção de copias deixou
uma de ser utilizada. Em virtude de taes auctorisações foram copiados
24 documentos.

Não se fizeram empréstimos, nem houve restituções.

3.ª Secção

ESTAMPAS

Adquiriram-se 4.295 peças iconographicas, sendo 641 avulsas e
3.654 que constituem 63 collecções. Entraram por compra 1.341, por
doação 2.013, por contribuição legal 254, por permuta internacional 148,
por permuta nacional 97 e por transferencia de secção 442. Das peças obti-
das 507 são nacionaes ou referentes a assumptos nacionaes.

Conforme o processo artistico, as aquisições podem ser assim distri-
buidas:

Xylogravuras	92
Gravuras a buril	568
" " agua forte	304
" " agua-tinta	24
" " pontilhado	42
" " ponta secca	4
Lithographias	1336
Photogravuras	870
Phototypias	818
Photographias	232
Aquarellas	4
Desenhos a lapis	2
	4295

Entre as gravuras a buril está um exemplar da Ceia do Senhor, do gravador Raphael Morghen, segundo Leonardo Da Vinci, peça que á Bibliotheca foi deixada em testamento por D. Luiza de Queiroz Coutinho Mattoso Perdigão.

O numero das peças que constituem o acervo do gabinete das estampas ficou elevado a 121.046.

As "illustrações" ou publicações com estampas, muitas vezes em grupo na mesma folha, passaram a ser contadas á parte na estatística das aquisições.

Pertencem a essa categoria nove obras em 22 volumes, das quaes entraram por compra duas em oito volumes, por doação nove em 11 volumes, por permuta duas em dois volumes e por transferencia de secção uma em um volume.

A bibliotheca especial do gabinete iconographico foi augmentada de 37 obras em 61 volumes, a saber:

Por compra	16 obras em	25 volumes
" doação	16 " "	17 "
" permuta nacional	1 " "	1 "
" internacional	3 " "	3 "
" transferencia de secção	1 " "	16 "
	37 " "	61 "

Do mesmo modo que na 1ª secção, as aquisições por permuta para o gabinete das estampas foram effectuadas mediante cessão de publicações da Bibliotheca ou outras em depósito.

Pertencem á collecção Visconde de Tannay doada pelo Conselheiro Azevedo Castro, alem de tres estampas avulsas, 54 obras em 57 volumes já incluídas no computo das aquisições, sendo:

Collecções de estampas.	33 obras em 33 volumes
Ilustrações.	9 " " 11 "
Obras de consulta	11 " " 13 "
	54 " " 57 "

Foram encadernados para o gabinete das estampas 99 volumes, inclusive 18 que haviam sido remetidos no anno antecedente, e foram preparadas cinco pastas para acondicionar collecções de gravuras.

Procedendo-se á distribuição das estampas avulsas pelos moveis que a isso se destinaram, verificou-se ser insufficiente o numero destes. Faz-se necessario mandar vir mais nove moveis, cada um com 12 gavetas, sendo um do typo maior e oito do menor. São igualmente necessarias mais duas estantes duplas para a bibliotheca de iconographia.

Exposições temporarias foram organisadas para cada secção. Para a do gabinete de estampas escolheu o chefe da secção setenta gravuras (por não comportarem os mostradores maior numero) de artistas que floresceram no seculo XIX e d'ellas organisou um breve catalogo composto de 124 fichas.

Começou-se a revisão das palavras de ordem no catalogo alphabetico de assumptos e fez-se a adaptação das fichas existentes reforçando-as e pondo-lhes illós ou collocando-as dentro de pastas de papel espesso, de modo a, abandonadas as caixas em que se guardavam, poderem ser collocadas verticalmente nas gavetas do movel a tal fim destinado.

Houve 123 consultantes, aos quaes se forneceram 1.196 peças.

NUMISMATICA

O gabinete de moedas e medallas adquiriu 151 peças que assim se discriminam.

Medalhas commemorativas	126
Medalhas de campanha.	2
Condecorações	2
Distinctivo	1
Moedas	2
Cedulas	17
Apolice	1
	151

Conforme a materia de que são feitas, as peças adquiridas distinguem-se do seguinte modo:

Ouro.	1
Ouro e esmalte.	2
Prata.	37
Prata dourada.	3
Cobre.	55
Cobre dourado.	3
Cobre prateado.	2
Bronze.	19
Bronze dourado.	1
Bronze prateado.	2
Estanho.	2
Chumbo.	1
Alumínio.	1
Metal branco.	1
Metal branco dourado.	2
Metal branco prateado.	1
Papel.	18

151

São brasileiras 100 d'essas peças.

Entraram 56 por compra, 19 por doação, 72 por permuta e quatro por transferencia de secção.

Para obter as 72 peças que deram entrada por permuta foi necessario ceder 40 medalhas existentes em duplicata, devidamente indicadas no livro de registro das aquisições.

O acervo do gabinete ficou elevado a 27.958 peças.

Entre as medalhas mais importantes que se obtiveram em 1910 estão as seguintes:

Por compra:

- Medalha commemorativa do casamento do Principe D. João de Portugal, depois D. João VI, com a Infanta da Hespanha D. Carlota e do casamento do Infante D. Gabriel com a Infanta D. Marianna Victoria. Ouro.
- A mesma. Prata.
- A mesma. Bronze.
- Outra medalha commemorativa do casamento do Principe D. João com a Infanta D. Carlota. (Monogramma). Bronze dourado. Rara.
- Medalha hollandeza em honra das victorias do almirante Pieter Heyn. Prata. Rarissima.
- Collecção de dez grandes medalhas de homenagem aos Chefes de Estado do Brasil desde D. Pedro I até o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca. Bronze.

Por doação:

- Medalha de homenagem "Ao Barão do Rio Branco o Povo Brasileiro. 20 Abril de 1910". Bronze.

Para a bibliotheca especial de numismatica foram adquiridas 11 obras em 13 volumes, sendo por compra quatro em cinco volumes, por doação cinco em seis volumes e por permuta internacional duas em igual numero de volumes.

Devo salientar entre as obras obtidas por doação o "Catalogo das medalhas brasileiras e das referentes ao Brazil da colleção numismatica pertencente á Viscondessa de Cavalcanti". 2ª ed. augmentada e illustrada. Pariz. 1910. Texto e atlas. 2 v. A' Bibliotheca Nacional destinou a auctora, Exma. Sra. Viscondessa de Cavalcanti, o exemplar n. 80 do seu excellente catalogo, cuja tiragem foi limitada a 100 exemplares, dos quaes apenas 40 foram expostos á venda.

Receberam-se encadernados 22 volumes remettidos á Officina em 1909.

Procedeu-se á arrumação das moedas e medalhas nos moveis apropriados, separando-se para a primeira exposição temporaria a colleção das medalhas brasileiras, das quaes se tiraram 855 bilhetes summarios.

Foram 81 os consultantes, 378 as peças examinadas e sete em 12 volumes as obras dadas á consulta.

Officinas e Publicações

Estão em via de impressão os volumes XXX e XXXI dos Annaes da Bibliotheca. As Officinas Graphicas occuparam-se além disto com o preparo das cadernetas a fornecer ao Correio para regularidade dos recebimentos dos jornaes e revistas, pautação typographica de fichas communs, impressão de fichas de grande formato para registro e catalogo de publicações periodicas, rotulos e enveloppes para a correspondencia com os diversos estabelecimentos estrangeiros com os quaes está a Bibliotheca em relações de permuta, senhas e boletins de consulta differentes para cada uma das salas publicas, assim como outros trabalhos necessarios ao expediente.

Com osapparelhos que já serviam no antigo edificio, installou-se o gabinete photographico, destinando-se-lhe uma parte do mesmo salão das Officinas.

A Officina de Encadernação promptificou e restituiu ás secções 2.796 volumes encadernados, dos quaes 254 foram restaurados, preparou cinco pastas para colleções de estampas e 6.640 cartonagens de cadernetas, reforçou as fichas de catalogo da 3ª secção e collocou-lhes ilhós, assim como nas fichas empregadas na 1ª secção, forneceu os enveloppes

e os livros de escripturação necessários ao serviço da secretaria e das secções, encarregou-se de outros trabalhos, alguns dos quaes lhe eram estranhos, mas que podiam ser desempenhados pelos operarios, para os quaes foi preciso appellar na situação em que se achou a Bibliotheca durante o anno de 1910, sem maior pessoal e sem recursos correspondentes ás novas necessidades que se fizeram sentir depois da transferencia para o novo edificio.

Foi assim que tive de recorrer ao pessoal das Officinas para, entre outros serviços, forrar com linoleum todas as mesas destinadas ás salas de consulta e ás de trabalho de cada uma das secções.

Adquirin-se mais uma tesoura de cortar papelão (comprimento do corte: 1^m,18), com mesa de ferro, do fabricante Karl Krause.

Prepararam-se novas mesas para o trabalho dos encadernadores, todas do mesmo tamanho, com o tampo forrado de chapa de aço. Para as machinas menores tambem se fizeram mesas cobertas de aço. Renovou-se a ferramenta fornecida ao pessoal.

Tendo fallecido o inspector Decio Augusto Rodrigues da Silva, que desde o principio de 1906 se achava á testa das Officinas, foi, a 21 de Maio, admittido Candido Abreu para desempenhar as mesmas funcções.

A importancia das publicações da Bibliotheca vendidas durante o anno findo foi de 64\$000 que se recolheu ao Thesouro.

Precedendo auctorisação desse Ministerio, foram entregues cinco exemplares do *Sertum Palmarum Brasiliensium* do Prof. Barbosa Rodrigues.

Mediante requisição do Chefe do Serviço de Publicações da Bibliotheca do Ministerio da Agricultura, Commercio e Industria, foram-lhe entregues a 12 de Setembro todos os fasciculos da *Flora Brasiliensis*, de C. F. de Martius, que se achavam em deposito á disposição daquelle Ministerio. Não restavam senão os fasciculos 117, 118 e 120 a 130, em desigual numero de exemplares, que sommados chegaram a 362.

Congressos e Associações

A Bibliotheca Nacional adheriu aos seguintes congressos que se reuniram em 1910, para fazer jús ao recebimento de todos os seus trabalhos:

- 17º Congresso Internacional dos Americanistas, que teve lugar em Buenos Ayres de 17 a 24 de Maio.
- Congresso Internacional de Numismática e Arte da Medalha Contemporanea, que se reuniu em Bruxellas de 26 a 29 de Junho,

Só a 17 de Março foram entregues as chaves do antigo edificio ao representante do Engenheiro desse Ministerio. O leilão que se fez dos objectos alli deixados teve logar depois dessa data.

Mobiliario

Concluiu-se em 1910 a montagem do mobiliario recebido dos Estados Unidos, todo de aço esmaltado, com excepção das cadeiras, que têm base de ferro e a parte superior de madeira com assento de palhinha e o encosto forrado de couro.

O mobiliario americano foi fornecido pela *Art Metal Construction Company*, de Jamestown, N. Y. e pela *Van Dorn Iron Works Company*, de Cleveland, Ohio. Da primeira dessas fabricas vieram as seguintes peças, contractadas por \$59409.38:

- 6 armarios de 70 gavetas para fichas de catalogo.
- 4 ditos de 16 gavetas.
- 20 ditos de quatro gavetas.
- 20 ditos de duas gavetas.
- 2 ditos de 120 gavetas.
- 1 balcão octogonal ornamentado, com tampo de vidro.
- 2 carros com prateleiras para conducção de livros dentro do edificio.
- 200 carteiras com tampo inclinado e prateleira de recolher.
- 300 cadeiras de braços com base de ferro.
- 8 mesas com dous planos inclinados, separados por uma guarda, para a sala de leitura de jornaes.
- 28 mesas communs para leitura.
- 12 mostradores verticaes, de duas faces.
- 16 mostradores com dous planos inclinados.
- 12 armarios com 15 gavetas para estampas e cartas geographicas.
- 2 ditos maiores.
- 2 ditos de formato medio, tendo cada um oito gavetas.
- 8 estantes duplas com prateleiras moveis, type Standard.
- 4 ditas com prateleiras de rolos.
- 10 armarios para moedas e medalhas com 30 gavetas, cortinas de aço e dispositivo especial para conservar as peças nos seus logares.
- 39 guarda-roupas em grupos de tres.
- 6 ditos avulsos.
- 32 estantes duplas com prateleiras moveis.
- 12 ditas simples com 35 compartimentos.
- 2 ditas duplas com fendas verticaes para periodicos.
- 2 ditas simples com 100 compartimentos.
- 3 ditas simples com prateleiras moveis.
- 1 dita com 60 gavetas e cortina de aço.
- 1 dita com 12 prateleiras de rolos.
- 3 carteiras ornamentadas, com tampo de correr.
- 4 ditas com estante annexa.

- 30 ditas abertas, das quaes seis com estante annexa.
- 2 ditas para machina de escrever.
- 4 estantes giratorias.
- 1 estufa pequena.

Foi necessario fazer algumas alterações em diversas peças, principalmente nas quatro estantes duplas com prateleiras de rolos, tirando-lhes o fundo de separação e unindo as prateleiras, que, como estavam, não podiam prestar serviços, e nas gavetas dos armarios para moedas, supprimindo-lhes as divisões fixas em desacordo com o plano que não foi bem comprehendido.

Por conveniencia do serviço foram desannexadas e completadas oito das estantes que acompanhavam as carteiras ou mesas de trabalho e ficaram servindo para obras de referencia nas salas de consulta.

A segunda fabrica forneceu o seguinte pelo preço de \$20900.00:

- 6 balcões ornamentados.
- 3 armarios com 15 gavetas para fichas de grande formato.
- 3 mesas ornamentadas.
- 8 estantes fechadas.
- 4 ditas abertas.
- 36 ditas duplas com cortinas, para guardar manuscriptos, dispostas em duas ordens, com soalho de vidro, galeria e duas escadas, sendo 24 com 72 gavetas, oito com prateleiras moveis e quatro com prateleiras de rolos.

No mobiliario a que me tenho referido não estão incluídas as numerosas estantes installadas nos seis armazens de livros, que á primeira das fabricas acima haviam sido encomendadas pelo constructor e sob as suas vistas foram montadas.

Para o salão de conferencias foram fabricadas nesta cidade, mediante encomenda, 16 grupos de cinco cadeiras, de madeira com assento de palhinha, braço em fórmula de mesa para notas e lugar para os chapéos. Outras cadeiras iguaes são ainda necessarias.

Para guarnecer esse mesmo salão, o de recepção e o da Directoria fizeram-se mais seis cadeiras sem braços, 12 com braços, uma com espaldar alto, todas de madeira e couro, tres sofás nas mesmas condições e um consolo largo com tampão de marmore, peças que acompanham quanto possivel o estylo das mesas de metal existentes nesses salões.

Faz-se necessario ainda mencionar 13 cadeiras giratorias para uso do pessoal, feitas de madeira com assento de palhinha, assim como 10 grupos de 20 cabides para o vestuario do publico, feitos de ferro, segundo um

modelo especial que satisfaz inteiramente as condições exigidas, com espaço para guardar em lugares numerados os objectos que possam deixar 200 consultantes ao mesmo tempo.

Novo Edifício

Auctorizado por esse Ministerio em Aviso n. 4.660 de 25 de Novembro de 1909 a effectuar as obras indispensaveis por conta do saldo que estava destinado ao mobiliario, decorações e tapeçarias, foi-me dado realisar entre outras as seguintes:

- Portas de segurança para 47 vãos do 1º andar, que sem essa medida me não parecia bastante garantido.
- Gradil de ferro com guarda-mão de latão para os dous lados do vestibulo e para limitar a entrada do salão principal de leitura, tendo para isso aproveitado o material que havia sobrado do gradil dos armazens de livros.
- Passelo da frente do edificio dentro do terreno elevado, tendo-se empregado em parte ladrilhos que haviam ficado da construção.
- Rebaixamento dos dous terrenos do fundo do edificio e construção de uma galeria para aguas pluviaes, com dous ralos junto á entrada de serviço, providencias em consequencia das quaes não mais foi o porão invadido pela água, como mais de uma vez havia acontecido.
- Pintura e embetumação dos caixilhos de ferro das quatro claraboias.
- Quatro meias portas para as entradas dos gabinetes sanitarios que dão para a galeria.
- Dous grandes paraventos para as entradas das salas principaes do 1º andar.
- Placas de vidro para designação das salas e de ferro esmaltado para as estantes.
- Caixilhos de tela metallica para guarnecer quatro grupos de estantes destinados aos livros raros.
- Stores para diversas janellas.
- Decorações para o salão principal de leitura e galeria respectiva. Fizeram-se quatro paineis no salão e dous na galeria, onde ficaram faltando outros dous encomendados ao reputado artista Henrique Bernadelli que os não poudo fazer a tempo. Os que formam a serie do salão representam a *Imaginação*, a *Observação*, a *Reflexão* e a *Memoria*, e são de Modesto Brocos os dous primeiros e de Rodolpho Amoedo os dous ultimos. Os que ficaram na galeria são do pincel de Elyseu Visconti e representam a *Solidariedade Humana* e o *Progresso*. Essas decorações são pintadas sobre tela que foi collada á parede. Escolhi os assumptos que me pareceram adequados e a artistas d'entre os mais competentes confiei a sua interpretação.
- Instalação da machina de compressão de ar e da de limpeza pelo vazio.
- Douração do gradil da escadaria principal.

Em virtude de auctorisacção especial haviam sido adquiridos 18apparelhos telephonicos Eriesson e um centro de 30 linhas para a rede interna da Bibliotheca, assim como haviam sido collocados os tubos e fios d'essa rede.

Por conta do orçamento ordinario do estabelecimento correram algumas desposas extraordinarias que já não cabiam no saldo então a extinguir-se do credito de 2.400:000\$000, como o relogio electrico distribuidor da hora, todas as arandelas para gaz e os quadros para as campainhas electricas das diversas secções. Foi assim que se adquiriram em 1909 e 1910 os seis retratos a oleo da galeria dos Presidentes da Republica e Ministros da Justica, que mandaram construir o edificio, facilitaram a continuação das obras e o inauguraram.

Os retratos do Presidente Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves e do Ministro Dr. José Joaquim Seabra, que resolveram construir o palacio da Bibliotheca e lançaram a pedra fundamental, são de João Baptista da Costa e Rodolpho Amoedo; os do Presidente Dr. Affonso Penna e do Ministro Dr. Augusto Tavares de Lyra, que não hesitaram em promover a concessão do credito necessario, não só para que a construcção não soffresse interrupção, mas tambem para que se pudesse adquirir o mobiliario de primeira ordem de que a Bibliotheca está dotada, são de Modesto Brocos e Eugenio Latour; os do Presidente Dr. Nilo Peçanha e do Ministro Dr. Esmeraldino Bandeira, que solicitaram e forneceram os meios de levar a cabo a construcção e presidiram á inauguração do edificio, são de Rodolpho Chambellan e Daniel Bérard.

Relativamente á installação electrica, procurei attender tanto quanto possivel ás reclamações do electricista da Bibliotheca, Alexandre Sodré.

Fazia-se necessario ventilar o compartimento que fica sob a escadaria externa e onde foram collocados os dous transformadores de 200 kw., um dos quaes a Tramway, Light and Power Co. entendeu retirar a 16 de Dezembro. Aproveitando a occasião em que se faziam pequenas obras para evitar que as agnas pluvias continuassem a penetrar nos compartimentos proximos, que ficam igualmente sob a escadaria, fiz collocar de cada lado um tubo para a passagem do ar. Essa providencia não fará talvez desaparecer a necessidade de um apparelho exhaustor que extraia os gazes que ali se accumulam.

Para o quadro geral de distribuição foi necessario adquirir sete medidores de volts e ampêres. Começaram a ser substituidos alguns dos fusiveis empregados na installação, que eram de amperagem superior á de qualquer dos circuitos que deviam proteger.

Os tubos em especial collocados dentro das paredes, no tecto e no subsolo deixaram-se penetrar pela humidade, d'alí resultando a inutilisação dos fios que elles resguardavam e que fiz substituir em grande parte.

A grande extensão de cada um dos trechos desses tubos, sem uma só caixa intermediaria, difficultou a substituição, tendo-se aproveitado a occasião para installar algumas dessas caixas.

Não havendo no saldo então existente do credito extraordinario quantia disponivel, nem cabendo a despesa nas forças do orçamento ordinario, solicitei desse Ministerio em officio n. 164 de 10 de Junho que fosse o respectivo Engenheiro autorizado a proceder á installação do apparelho transportador de livros (*book-carrier*) e á collocação dos tubos pneumaticos e dos de limpeza pelo vacuo, montadas como já se achavam as machinas de vacuo e de compressão de ar. Foi attendida essa solicitação, sendo pelo Engenheiro d'esse Ministerio, Dr. Gaspar Nunes Ribeiro, contractada a montagem com Ahrens & C.^a e a abertura das paredes e soalhos e retoques de pintura com Affonso Aiello. Apparelho desconhecido dos mecanicos que o montaram, o *book-carrier* tem exigido constantes correccções e substituições de peças, de maneira a poder funcionar regularmente. No edificio da Bibliotheca esse apparelho é indispensavel, dada a posição do salão principal de leitura em relação aos armazens de livros. Sem o *book-carrier*, a galeria destinada ao publico seria ao mesmo tempo uma passagem de serviço.

Ainda não tive occasião de dizer a respeito da distribuição das salas do novo edificio e installação dos differentes serviços.

As paredes divisorias, feitas de madeira e envidraçadas, foram dispostas em grande parte de conformidade com o plano que para sua collocação o constructor me permitiu lhe apresentasse em 1908.

Feitas as divisões, foram sendo distribuidos os moveis conforme o destino de cada sala. Os seis armazens de livros collocados nos dous andares mais altos, 3.^o e 4.^o, da ala esquerda foram assim occupados: 1.^o, collecções de periodicos nacionaes; 2.^o, collecções de periodicos estrangeiros; 3.^o a 6.^o, obras, ficando no 4.^o as obras raras e as grandes collecções doadas á Bibliotheca. Os salões que nos mesmos andares ficam na ala direita não receberam estantes, que terão de ser adquiridas quando o espaço da ala esquerda estiver esgotado.

Os seis armazens com 2.567 estantes, das quaes uma quarta parte ainda está desoccupada, poderão comportar 400.000 volumes approximadamente. Servidos pelo *book-carrier*, pelos tubos pneumaticos, por um elevador para uso do pessoal, por um pequeno elevador para livros, que

vai ter á sala de catalogo e havia sido collocado pelo constructor, e pelo telephone, estão os armazens de livros em facil communicacão com os salões de leitura, a sala de catalogo e a officina de encadernação.

A galeria que no 3º andar deita para o salão principal de leitura foi destinada ás exposições provisórias da secção de impressos e franqueada aos visitantes, que d'ahi podem observar o salão sem perturbar a consulta.

Na ala esquerda do 2º andar, em correspondencia com os armazens de livros ficaram o salão de leitura de jornaes e revistas, com 52 logares, a sala de deposito dos numeros mais recentes d'essas publicações, a sala de catalogo, a sala reservada de leitura, com 12 logares, a sala destinada ao repertorio bibliographico e as salas de trabalho da secção de impressos.

O salão principal de leitura occupa no 2º andar a parte posterior do edificio. As doze pilastras que supportam a galeria e o tecto vieram reduzir a capacidade do salão e difficultar a fiscalisação. Não me foi possível collocar mais de 136 carteiras para leitores, dispostas de maneira que todas pudessem ser vistas de dentro do balcão octogonal, que fica ao centro.

Na ala direita do 2º andar está a secção de manuscriptos, com salão de leitura, onde ha 30 logares, pequena exposição á entrada, salas de trabalho e armazem de manuscriptos com 72 estantes (36 duplas) em dois andares, aos quaes se poderá accrescentar um terceiro, estando ainda reservado para estantes iguaes o corredor central que é desnecessario e propositalmente foi deixado com sufficiente largura.

Passando ao 1º andar, encontra-se no vestibulo á esquerda a portaria e á direita um posto de informações e entrega de publicações recebidas do estrangeiro pelo serviço de permutações.

As estampas estão na ala esquerda, do mesmo modo que as cartas geographicas avulsas ou em collecções. Por conveniencia do serviço da consulta que exige mesas amplas para as cartas, como para as estampas, é commum o salão, onde são 30 os logares destinados aos consultantes. As cartas geographicas têm porem a sua sala de deposito á parte, bem como a de exposição com mostradores verticaes. Ha ainda as salas de deposito das estampas, a de exposição, com mostradores tambem verticaes, e a sala de trabalho. Está nessa mesma ala, nas immediações da portaria, o vestiario do publico.

Na outra ala ficaram o salão de conferencias, a sala destinada ao curso de bibliothconomia e o gabinete de moedas e medalhas com sala de exposição, consulta e deposito e sala de trabalho. Ficou ali tambem, logo á entrada, o vestiario do pessoal.



Acta da inauguração do edificio da Bibliotheca Nacional
Primeira pagina

Ao fundo, sob o salão principal de leitura, estão a directoria, a secretaria e o salão de recepção.

Ficaram no porão, á esquerda as officinas graphicas e de encadernação, á direita o deposito de publicações e o serviço de permutações internacionaes e ao fundo a arrecadação de material, as machinas de vacuo e de compressão de ar, uma pequena officina de serralheiro para reparos constantemente necessarios, as residencias do porteiro e de alguns serventes e a entrada do serviço.

Inauguração

Designado o dia 29 de Outubro para ser inaugurado o edificio da Bibliotheca Nacional, realisou-se nesse dia ás 3 horas da tarde a cerimonia da inauguração.

Presentes no salão de conferencias S. Ex. o Sr. Dr. Nilo Poçanha, Presidente da Republica, acompanhado do seu secretario e do chefe da sua casa militar, o Sr. Ministro da Justiça, Dr. Esmeraldino Bandeira, outras auctoridades, membros do Congresso Nacional e do corpo diplomatico e demais convidados que constituíam numerosa e brilhante assistencia, procedeu o secretario interino, Dr. Constancio Alves, á leitura da acta da inauguração. Coube-me então pronunciar as seguintes palavras:

“Coroamento da gigantesca empreza que a 15 de Agosto de 1905 começou a ser executada, a festa de hoje é a confirmação do meu prognostico então expresso. A pedra inicial lançada naquella data, que ficou memoravel, transformou-se prodigiosamente em magnifico palacio, a que não foi alterado o primitivo destino.

Esboçava-se então a victoria de uma causa nobre e altruistica. Era o prologo de uma obra colossal, a cujo epilogo estamos assistindo neste momento.

O triumpho é agora completo.

E’ finalmente uma fulgurante realidade a instalação da Bibliotheca Nacional num edificio para ella construido, isolado, vasto, incombustivel, apropriado.

Triumpharam todos aquelles que se bateram pela generosa idéa.

Era capital o problema do edificio. Teve de atravessar largo periodo até conquistar o apoio daquelles que poderiam concorrer para lhe facilitar a melhor solução, a mais consentanea com as necessidades que deveriam ser consultadas. Ideal acariciado pelos bibliothecarios que me precederam, não foi á falta de esforços que o não conseguiram ver realisado. Destacaram-se nessa campanha o sabio beneditino Frei Camillo de Monserrate, espirito clarividente que comprehendeu nitidamente a situação do estabelecimento confiado á sua superior competencia, e, si não obteve que se desse satisfação a todas as necessidades deste, de nenhuma dellas se esquecer, ao

solicitar constantemente do Governo as providencias que se lhe afiguraram adequadas; o erudito Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, reputado bibliographo, o maior dos bibliothecarios que têm passado por este estabelecimento e seu reorganisador, e finalmente, o meu egregio antecessor immediato, o Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, poeta, historiador e bibliographo, que deixou as mais evidentes provas do seu muito amor á Bibliotheca.

A collaboração efficaz da imprensa não lhes faltou. Seja-me permittido, como uma homenagem á memoria de Arthur Azevedo, concentrar no seu nome a acção da imprensa, no nome de quem sempre pugnou pela realisação desse ideal com o enthusiasmo proprio dos propagandistas convictos.

O magno problema esteve sem solução durante um seculo. Resolveram-no brillantemente os Exmos. Srs. Drs. Francisco de Paula Rodrigues Alves e José Joaquim Seabra, quando Presidente da Republica o primeiro o Ministro da Justiça o segundo. Estes dous nomes pertencem á historia da Bibliotheca Nacional, como seus benemeritos. Não podem igualmente ser esquecidos os nomes dos Exmos. Srs. Drs. Affonso Augusto Moreira Penna e Augusto Tavares de Lyra, sem cujo apoio valioso não teria seguimento a construcção. Aos Exmos. Srs. Drs. Nilo Peçanha e Esmeraldino Olympio de Torres Bandeira devemos a terminação das obras.

Singella homenagem, que presta a administração da Bibliotheca aos Presidentes da Republica e Ministros da Justiça que contribuíram para que se construísse este edificio, é a galeria dos seus retratos, que em seguida se vai inaugurar.

D'entre os membros do Congresso Nacional, cujo auxilio se fazia indispensavel, deve ser lembrado neste momento o nome do Dr. Francisco Cornelio da Fonseca Lima, deputado que foi por Pernambuco e membro da Comissão de Finanças.

O nome do Sr. General Francisco Marcellino de Sousa Aguiar, ficará tambem ligado ao edificio, como o do architecto, que lhe traçou as linhas fortes e elegantes e dirigiu a construcção no seu começo, tendo-a acompanhado até o fim com os seus conselhos.

Coube ao mais obscuro dentre aquelles sobre cujos hombros têm pesado as responsabilidades da direcção deste estabelecimento a ventura de ver lançar a primeira pedra do seu grandioso edificio e assistir a esta festa inaugural.

Accusando, em 1900, o honroso posto para o qual se dignou de me convidar o Exmo. Sr. Dr. Epitacio da Silva Pessoa, então Ministro da Justiça, impuz-me o dever de concorrer até o limite das minhas energias para o engrandecimento da Bibliotheca. Seria faltar a esse programma deixar de promover a solução do capital problema.

Não penso, porém, que tal collaboração fosse decisiva, desvaliosa como era pela sua precedencia. E' que tinha ganho terreno a idéa que encontrei lançada. O momento era propicio. Remodelava-se a cidade. A necessidade, tornada cada vez mais urgente, despertou o acto do Governo. Aliste-me apenas entre aquelles que mais modestamente cooperaram na defesa da justa causa da Bibliotheca e rendo homenagem ao Governo, que, num patriotico impulso, resolveu levantar este monumento.

Inaugurando o edificio que, para seu definitivo abrigo, acaba de conquistar, commemora a Bibliotheca Nacional o 1º centenario de sua fundação.

O anno de 1810 é considerado como o da fundação. A' chegada dos livros,

como facto recente, fazem referencia os decretos de 27 de Junho e 29 de Outubro daquelle anno, que dispuzeram sobre a sua installação.

Completam-se exctamente cem annos que foi assignado o segundo desses decretos, que mandou accomodar a Real Bibliotheca em dependencias da Igreja da Ordem Terceira do Carmo e providenciou relativamente á sua manutenção. E' de crer que o primeiro decreto, revogado pelo segundo, não pudesse ter produzido os seus effeitos no curto intervallo que o separa deste.

Celebra assim a Bibliotheca Nacional o seu 1.^o centenario e não poderia fazel-o de melhor modo, confortavelmente installada, dotada de mobiliario e dispositivos apropriados, de modo a poder ser considerada sob o ponto de vista material, como um dos mais adiantados estabelecimentos do seu genero.

Conseguida esta grande victoria, resta á Bibliotheca o problema da constituição do pessoal que lhe ha de servir com carinho, interesse e enthusiasmo e sem o qual de nada valerão a solidez e a magnificencia desta construcção.

O primeiro problema não exigia mais do que persistencia, tenacidade, saber querer e saber esperar. O segundo depende de tantas circumstancias que, por maiores cautelas e garantias de que se tenha de revestir o provimento dos cargos, se me afigura de difficilissima solução.

Maiores esforços são agora exigidos, maiores dedicções se fazem necessarias.

A constituição do pessoal que a Bibliotheca reclama como condição indispensavel de vida e sem o qual não será verdadeiramente util, precisa ser esculpada de quacsquer influencias estranhas ao seu elevado fim, á razão de sua existencia, ao papel que lhe é reservado como repositório do saber humano e como centro de cultura e de progresso.

Que esse segundo problema tenha solução na altura da que acaba de merecer o primeiro.

E' necessario que a Bibliotheca seja sempre digna do monumental edificio que se inaugura.

Resta-me agradecer ao Sr. Presidente da Republica a distincta honra de seu comparecimento que revela o interesse que S. Ex. dispensa á Bibliotheca Nacional. Ao Sr. Ministro da Justiça agradeço igualmente a sua honrosa presença, assim como ás outras altas auctoridades, ás Exmas. senhoras e illustres cavalheiros que quizeram concorrer para o brillantismo desta solennidade."

Usou da palavra em seguida o Sr. Ministro da Justiça, que, depois de se congratular com a administração da Bibliotheca pelo auspicioso acontecimento, pediu ao Sr. Presidente da Republica que declarasse inaugurado o edificio, o que S. Ex. se dignou de fazer.

A acta, cuja parte ornamental foi gravada á agua-forte por Modesto Brocos e representa a Administração que desceira uma cortina e faz apparecer o novo edificio, foi assignada pelas pessoas presentes e recolhida á secção de manuscritos. Aos Srs. Presidente da Republica e Ministro da Justiça foram offerecidas as pennas de ouro e cannetas do mesmo metal com que assignaram a acta.

Em seguida essas altas auctoridades percorreram todo o edificio, a começar pelo salão de recepção, onde foi retirada a cortina que cobria os seis retratos a oleo dos Presidentes da Republica e Ministros da Justiça, que concorreram para a construcção, fazendo demorada visita a cada uma das secções, que foram igualmente visitadas pelos demais convidados. O edificio esteve até ás 9 horas da noite franqueado ao publico, tendo sido avultado o numero de visitantes.

Na solennidade da inauguração foram representados o Museu Paulista pelo seu Director Dr. H. von Ihering, a Sociedade Scientifica de S. Paulo pelo Dr. Ennes de Sousa, o Prefeito de Bello Horizonte pelo Coronel Philippe Mello e o Internato Bernardo de Vasconcellos pelo seu Vice-Director Dr. Elpidio Trindade.

Das seguintes pessoas recebeu esta Directoria cartas e telegrammas congratulatorios ou de excusa:

Encarregado de Negocios da Allemanha.

Conde de Affonso Celso.

D. Amelia de Freitas Bevilaqua.

Dr. Clovis Bevilaqua.

Dr. Mario de Alencar, Bibliothecario da Camara dos Deputados.

Bellarmino Carneiro.

Antonio Salles.

Dr. Ennes de Sousa.

Jeronymo de Azevedo, Director da Bibliotheca Publica de S. Paulo.

Dr. Alfredo de Toledo.

Dr. João P. Cardoso, Chefe da Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo.

Dr. Joaquim Candido da Costa Senna, Director da Escola de Minas de Ouro Preto.

Dr. José Pacheco Dantas.

Dr. José Arthur Boiteux.

João de Deus Filho, Bibliothecario da Bibliotheca Municipal de Petropolis.

Manoel Victor Mendonça, Bibliothecario da Bibliotheca Municipal de Bello Horizonte.

Bibliothecario da Camara dos Deputados de S. Paulo.

Director da Repartição de Estatística e Archivo de S. Paulo.



Medalha comemorativa da inauguração do novo edificio da Bibliotheca Nacional

Commemorativas da construção e da inauguração, foram collocadas no vestibulo duas placas de bronze com os seguintes dizeres:

LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL A 15 DE AGOSTO DE 1905 / SENDO PRESIDENTE DA REPUBLICA / O EXMO. SNR. DR. FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES / E MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES / O DR. JOSE JOAQUIM SEABRA. / PROJECTO DO C.^{te} FRANCISCO M. DE SOUSA AGUIAR. / CONSTRUÇÃO INICIADA POR ESTE E TERMINADA EM / OUTUBRO DE 1909 PELO C.^{te} N. A. MONIZ FREIRE / AUXILIADO PELO 1.^o T.^{te} ALBERTO DE FARIA.

INAUGURAÇÃO A 28 DE OUTUBRO DE 1910 / SENDO PRESIDENTE DA REPUBLICA / O EXMO. SNR. DR. NILO PEÇANHA / E MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES / O DR. ESMERALDINO OLYMPIO DE TORRES BANDEIRA. / EDIFICIO CONSTRUIDO E INAUGURADO / NA ADMINISTRAÇÃO DO / DR. MANOEL CICERO PEREGRINO DA SILVA / DIRECTOR DA BIBLIOTHECA.

Reorganisação

Agora, mais do que nunca, se impõe a reorganisação da Bibliotheca com augmento do seu pessoal. Auctorizado como se acha o Governo, estou certo de que não mais retardará uma medida que virá completar a obra encetada com a construção do monumental edificio.

Tenho assim prestado as informações concernentes aos factos mais importantes que occorreram em 1910 relativamente á Bibliotheca Nacional.

Saude e fraternidade

Ao Sr. Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa, Ministro da Justiça e Negocios Interiores.

O DIRECTOR,

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.